



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

ANDRÉA CARLA AGNES E SILVA PINTO

**VIDA E OBRA DE RUY DE AYRES BELLO (1904-1980),
CONECTADAS À DEFESA DA FÉ CATÓLICA EM PERNAMBUCO, PE.**

UBERLÂNDIA
2024



ANDRÉA CARLA AGNES E SILVA PINTO

**VIDA E OBRA DE RUY DE AYRES BELLO (1904-1980),
CONECTADAS À DEFESA DA FÉ CATÓLICA EM PERNAMBUCO, PE.**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (Doutorado Acadêmico) da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Educação.

Linha de Pesquisa: História e Historiografia da Educação.

Orientador: Prof. Dr. José Carlos Souza Araújo

**UBERLÂNDIA
2024**

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

P659 2024	<p>Pinto, Andrea Carla Agnes e Silva, 1975- VIDA E OBRA DE RUY DE AYRES BELLO (1904-1980), CONECTADAS À DEFESA DA FÉ CATÓLICA EM PERNAMBUCO, PE. [recurso eletrônico] / Andrea Carla Agnes e Silva Pinto. - 2024.</p> <p>Orientador: JOSE CARLOS SOUZA ARAUJO. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Uberlândia, Pós-graduação em Educação. Modo de acesso: Internet. Disponível em: http://doi.org/10.14393/ufu.te.2024.299 Inclui bibliografia. Inclui ilustrações.</p> <p>1. Educação. I. ARAUJO, JOSE CARLOS SOUZA, 1968-, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Pós- graduação em Educação. III. Título.</p> <p>CDU: 37</p>
--------------	--

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:

Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Educação				
Defesa de:	Tese de Doutorado Acadêmico, 08/2024/396, PPGED				
Data:	Vinte e sete de fevereiro de dois mil e vinte e quatro	Hora de início:	14:00	Hora de encerramento:	18:00
Matrícula do Discente:	12013EDU006				
Nome do Discente:	ANDREA CARLA AGNES E SILVA PINTO				
Título do Trabalho:	"VIDA E OBRA DE RUY DE AYRES BELLO (1904-1980), CONECTADAS À DEFESA DA FÉ CATÓLICA EM PERNAMBUCO, PE"				
Área de concentração:	Educação				
Linha de pesquisa:	História e Historiografia da Educação				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	"A Pedagogia no Brasil através dos Manuais de Formação de Professores das Escolas Normais (1872-1932)"				

Reuniu-se, através da sala virtual Google Meet (<https://meet.google.com/cmd-xcbt-hmc>), a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Educação, assim composta: Professores Doutores: Elizabeth Figueiredo de Sá - UFTM; Maria Cristina Gomes Machado - UEM; Betânia de Oliveira Laterza Ribeiro - UFU; Décio Gatti Júnior - UFU e José Carlos Souza Araujo - UFU, orientador(a) do(a) candidato(a).

Iniciando os trabalhos o(a) presidente da mesa, Dr(a). José Carlos Souza Araujo, apresentou a Comissão Examinadora e o candidato(a), agradeceu a presença do público, e concedeu ao Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(às) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

Aprovado(a).

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **José Carlos Souza Araujo, Usuário Externo**, em 05/03/2024, às 16:27, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.



Documento assinado eletronicamente por **Maria Cristina Gomes Machado, Usuário Externo**, em 05/03/2024, às 16:48, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.



Documento assinado eletronicamente por **Elizabeth Figueiredo de Sá, Usuário Externo**, em 05/03/2024, às 16:56, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.



Documento assinado eletronicamente por **Betania de Oliveira Laterza Ribeiro, Professor(a) do Magistério Superior**, em 03/04/2024, às 11:11, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.



Documento assinado eletronicamente por **Decio Gatti Junior, Professor(a) do Magistério Superior**, em 04/04/2024, às 11:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5215695** e o código CRC **185B5A01**.

*Para meus pais, Armando e Célia, minha inspiração de vida.
Para Luísa, minha filha, especial em todos os sentidos dessa palavra.
Para Leda Rejane Accioly Sellaro, in memoriam,
minha orientadora no Mestrado!*

Senhor Acadêmico Ruy de Ayres Bello

Alegra-me sobremodo, e nem me é menos honroso, ser recebido nesta Casa, Templo da Palavra, por um Mestre do vosso porte. De há muito a vossa obra de educador, rico de saber e de experiência, clérigo fiel que jamais traiu à sua vocação. Sei que galgastes os mais altos postos deste "*Cursus honorum*" do magistério, do primário ao superior, pelos irrecusáveis merecimentos de vossa inteligência afeita ao estudo e à pesquisa. O vosso saber de estudo e de experiência feito não se difunde apenas no recinto de vossas aulas, não se limita aos alunos ocasionais que vos ouvem, atentos e empolgados com a segurança do Mestre. Ultrapassa as fronteiras limitadas das salas de aulas e se fixa, e se difunde, e se multiplica nos livros que tendes escrito sobre a vossa disciplina especializada, em que sois autoridade de real merecimento: Pedagogia e História e Filosofia da Educação.

Admiro-vos e, por que não dizê-lo? Invejo-vos pela vossa ortodoxia, sem vislumbres de intransigência, de anacronismo. Louvo, admiro e invejo a vossa fidelidade à Igreja. O que tendes escrito é o testemunho vivo de vossa fé na Igreja eterna, tão açoitada pelos ventos do mal, mas, por outro lado, tão confiante e tão certa da vitória, conforme a palavra do Mestre: "Eu venci o mundo. As portas do inferno não haverão de prevalecer".

Cativou-me a vossa amizade à minha terra, Camocim de São Félix, que vos prendeu em férias que já vão longe, pelo clima de seus ares sadios de montanha e pelo clima de cordialidade e simplicidade de seus habitantes, meus irmãos, de cujos lábios incultos ouvistes muitas vezes: "mataram-lo, viram-lo, chuta-la, peguei-la e tantas outras relíquias arcaicas que vos chamaram a atenção e vos aguçaram a natural curiosidade filológica".

É que eles são fiéis, Senhor Acadêmico, à amizade que lá plantastes e à antiga língua que o Mobral não substituiu pelos novos figurinos fonéticos, morfológicos ou sintáticos. Mas admiro-vos, e vos admirarei ainda mais, pelo que possais dizer de mim que chego a esta Casa, com o óbolo da viúva, ou um minguado, tão desprovido ando de méritos e de obras para merecer os louros acadêmicos e o diploma da imortalidade.

Por outro lado, porém, recordo que, como eu, sois lido em Quintiliano, sobre cujas "*Institutiones Oratoriae*", verdadeiro tratado de Pedagogia, sobre sê-lo de Retórica, temos tido oportunidade de falar. É de Quintiliano a frase lapidar sobre o orador: "*Vir bonus et peritus dicendi*". Bom, vós o sois, pela vida e pela obra. Testar-se-á, agora, a vossa perícia no que possais dizer, do vosso afilhado, nas acrobacias que ireis fazer para descobrir agulha em palheiro, ou separar o joio do trigo".

Discurso na Academia Pernambucana de Letras por Sr. José Lourenço Cadeira 18. 1975

AGRADECIMENTOS

A Deus. Nada foi tão complexo, do que a caminhada desta Tese. Reproduzo as palavras do apóstolo Paulo nas escrituras sagradas, “[...] Porque, quando sou fraco, então, é que sou forte” (2 Coríntios 12:10) “tudo posso naquele que me fortalece” (Filipenses 4:13).

À minha família, meus pais, irmãos, minhas cunhadas, sobrinhos, tios, tias, primos e primas, a grande torcida que tenho!

Ao meu esposo Isaias Pereira Pinto e minha sogra Maria de Fátima Marques Pereira, representando toda a família de Uberaba, que trilhou o processo junto comigo.

Aos meus irmãos, destaco cada um: Adriana, Anderson, Alexandre e Armando, de mãos dadas, em todo tempo, e sendo minha fonte de apoio e ternura.

Ao meu orientador, Prof. Dr. José Carlos Souza Araújo, que sem vislumbrar os fins dos resultados, entre a expectativa e a realidade, ele estendeu suas mãos nesta longa jornada. Um orientador indelével, pelas aulas de orientação, pelo dinamismo nas leituras, pela humanização. Por ele sempre tive imenso respeito e admiração pelo seu percurso de educador e intelectual.

Aos membros da Banca de Qualificação da Tese de Doutorado, Prof. Dr. Décio Gatti Junior e Prof^a. Dr^a. Betânia de Oliveira Laterza Ribeiro, pelas contribuições de aprimoramento deste estudo.

Ao meu atual coordenador do PPGED/UFU, Prof. Dr. Marcelo Soares Pereira da Silva, sempre direcionando seus cuidados para os alunos e com uma palavra de incentivo.

À Secretaria do PPGED/UFU, na pessoa dos queridos servidores, James e Ali, pelo pronto atendimento, pela ternura, pela torcida e pela acolhida.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGED/UFU -, pelas colaborações em cada disciplina cursada e outras parcerias nos corredores da UFU, que vão além da sala de aula.

Aos colegas de turma, destaco as amigas Gisele Oliveira, Sirlene Souza e Suzele Alves, amigadas e conversas sempre presentes.

Às parcerias de estrada entre Uberaba e Uberlândia, muito obrigada meninas e meninos.

Às minhas amigas e aos amigos de Uberaba, que fizeram o papel de mães e pais, que adotaram minha filha. Em especial, ao casal Carlos Fabiano e Ana Priscila. Ser mãe e aluna é algo singular.

Aos meus amigos de infância, que tornaram algumas horas de cansaço em alegria.

Ao Ilmo. Sr. Silvio Tavares de Amorim, que no período da Pandemia, em 2021, na minha ida a Pernambuco, para fins de coleta de fontes. Ele, que era o Superintendente de Preservação do Patrimônio Histórico da Assembleia Legislativa de Pernambuco, permitiu minha entrada para consultas e registros nas fontes que precisava. Além de colocar outros atores, como o jornalista e escritor Eduardo Ferreira, que tive diálogo por chamada telefônica, e comentou sobre o seu livro e auxiliou, diretamente nesta pesquisa.

Aos profissionais dos Arquivos de Pesquisa de Pernambuco e ao pessoal do IEB da USP, pela ajuda com as fontes.

Ao Prof. Evson Malaquias da UFPE, pelo envio de fontes para esta pesquisa.

Aos professores e alunos pesquisadores do Núcleo de Estudos e Pesquisas da História da Educação em Pernambuco – NEPHPE, vinculado a UFPE, em especial a Prof^a.Dr^a. Adlene Arantes pelos diálogos.

As amigas da UFPE, Roseline Ardiles, Roseane Nascimento, Sandra Batista, pelos diálogos.

Aos amigos que contribuíram financeiramente para os custos de impressão deste texto.

Aos meus médicos urologistas, Dr. Alisson Juqueira, Dr. Marcelo Blanco, Dr. Antonio Filassi, responsáveis pelas cirurgias e tratamento dos meus rins nesta trajetória. A Dra. Camila Fedato, neurologista que fez o meu diagnóstico da síndrome do pensamento acelerado e altas habilidades. E ao Dr. Glaucio Humberto, pediatra da Luisa.

Aos Rev. Saulo Monteiro da Silva e a Igreja Presbiteriana de Uberaba pelo apoio.

Ao Rev. Saulo José da Silva, que conheci já no final da trajetória e compartilhei este momento com orações e palavras de incentivo.

A Andrew e Daniel, meus sobrinhos, como também Arthur e Iranildo. que realizaram a digitação de algumas fontes.

Ao Sr. Pedro, da Tano Cópias, pela colaboração nas reproduções dos materiais.

Ao CNPq e a CAPES, responsável pela gestão de apoio as pesquisas científicas, tecnológica e de inovação através da Bolsa de Doutorado.

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a construção desta pesquisa, meus sinceros agradecimentos!

Muito obrigada!

RESUMO

A presente tese, vinculada à linha de pesquisa "História e Historiografia da Educação" do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), investiga as contribuições de Ruy de Ayres Bello para a educação, especialmente no contexto do ideário católico. Explora-se a defesa de uma educação finalista, espiritual e sobrenatural em suas obras voltadas para a formação de professores primários. A análise a partir da trajetória da sua vida, formação moral e profissional influenciaram suas ideias pedagógicas e sua adesão ao catolicismo. Deste modo o problema de pesquisa partiu do seguinte questionamento, Ruy de Ayres Bello fez a defesa de uma educação finalista, espiritual e sobrenatural em suas obras voltadas para formação de professores primários? Ruy de Ayres Bello nasceu em 1904 e faleceu em 1997. Foi um educador pernambucano que participou, diretamente, dos espaços educacionais e políticos. Ele sempre esteve ligado ao trinômio: fé católica, intelectuais e educação. A pesquisa, utilizou fontes variadas, quais sejam, legislações, jornais, memórias, encíclicas e obras didáticas, para compreender suas convicções e a identidade militante católico ao longo do tempo. A partir das contribuições de autores como Prost (2008), Goldmann (1967), Saviani (2011), Certeau (1982), Ginzburg (1987), Chartier (2012), Choppin (2004), Magalhães (2021) dentre outros, desenvolveu-se os procedimentos teóricos-metodológicos que embasaram a análise crítica das fontes obtidas através de pesquisa bibliográfica e documental. O marco temporal dividido em dois períodos, de 1904-1990, abrangendo seu nascimento e morte, e o intervalo de 1940-1980, marcado por suas principais publicações. A pesquisa destaca a versatilidade temática de seus escritos e sua visão de mundo cristã. Ruy Bello é situado como um intelectual católico, escritor de manuais, cujas obras circularam nacionalmente e foram amplamente utilizadas em cursos de formação de professores primários. Embora ele não possuísse formação escolar formal, sua habilidade interpessoal permitiu parcerias de publicação, inclusive com autores estrangeiros. Suas obras, que refletem uma visão cristã tradicional, foram valorizadas por preservarem os valores da sociedade cristã em meio a mudanças sociais e educacionais, particularmente após o movimento escolanovista. A base de sua escrita reflete o discurso tomista, no vínculo entre a fé e a razão humana e atribui a Deus a essência da verdadeira pedagogia. A educação é concebida como um ato humano essencial, consciente e voluntário, alinhado aos princípios católicos e ao pensamento tomista. Em suma, a pesquisa examina o legado de Ruy de Ayres Bello como um educador católico conservador, cujas contribuições influenciaram profundamente a formação de professores e a educação no Brasil, mantendo viva a visão de mundo cristã em meio a mudanças educacionais e sociais. Ruy de Ayres Bello em todas as instâncias que se filiou manteve defesa de suas convicções e a identidade militante católica.

Palavras-chave: Ruy de Ayres Bello; manuais escolares; Igreja Católica; Educação cristã.

ABSTRACT

This thesis, linked to the “History and Historiography of Education” research line of the Postgraduate Program in Education at the Federal University of Uberlândia (UFU), investigates Ruy de Ayres Bello's contributions to education, especially in the context of Catholic ideology. It explores the defense of a finalist, spiritual and supernatural education in his works aimed at training primary teachers. The analysis based on the trajectory of his life, moral and professional formation influenced his pedagogical ideas and his adherence to Catholicism. Thus, the research problem was based on the following question: Did Ruy de Ayres Bello defend a finalist, spiritual and supernatural education in his works aimed at training primary teachers? Ruy de Ayres Bello was born in 1904 and died in 1997. He was an educator from Pernambuco who participated directly in educational and political spaces. He was always linked to the trinomial: Catholic faith, intellectuals and education. The research used a variety of sources, including legislation, newspapers, memoirs, encyclicals and didactic works, to understand his convictions and militant Catholic identity over time. Based on the contributions of authors such as Prost (2008), Goldmann (1967), Saviani (2011), Certeau (1982), Ginzburg (1987), Chartier (2012), Choppin (2004), Magalhães (2021), among others, the theoretical-methodological procedures that underpinned the critical analysis of the sources obtained through bibliographical and documentary research were developed. The time frame was divided into two periods, 1904-1990, covering his birth and death, and 1940-1980, marked by his main publications. The research highlights the thematic versatility of his writings and his Christian worldview. Ruy Bello is seen as a Catholic intellectual, a writer of manuals, whose works circulated nationally and were widely used in primary teacher training courses. Although he had no formal schooling, his interpersonal skills enabled him to form publishing partnerships, including with foreign authors. His works, which reflect a traditional Christian vision, were valued for preserving the values of Christian society in the midst of social and educational changes, particularly after the Scholastic movement. The basis of his writing reflects the Thomist discourse, in the link between faith and human reason, and he attributes the essence of true pedagogy to God. Education is conceived as an essential, conscious and voluntary human act, in line with Catholic principles and Thomist thought. In short, the research examines Ruy de Ayres Bello's legacy as a conservative Catholic educator whose contributions profoundly influenced teacher training and education in Brazil, keeping the Christian worldview alive in the midst of educational and social changes. Ruy de Ayres Bello defended his convictions and his militant Catholic identity in all the organizations he joined.

Keywords: Ruy de Ayres Bello; school textbooks; Catholic Church; Christian education.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- ABE – Associação Brasileira de Educação
- ABI – Associação Brasileira de Imprensa
- AC – Ação Católica
- ACB – Ação Católica Brasileira
- AIP - Associação de Imprensa de Pernambuco
- AJC – Associação de Jornalistas Católicos
- AL – América Latina
- ALN – Ação Libertadora Nacional
- ANC – Aliança Nacional Libertadora
- AP – A Província
- APEJE – Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano
- BN – Biblioteca Nacional
- BPE – Boletim Pastoral Eclesiástico
- CEE – Conselho Estadual Educação
- CEPE – Companhia Editora de Pernambuco
- CEPEHIB – Centro de Pesquisa Estudos História da Igreja Brasil
- CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
- CMMA – Congregação Mariana da Mocidade Acadêmica
- CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil
- DEC – Departamento de Cultura
- DCES – Diretório Central dos Estudantes
- DP – Diário de Pernambuco
- DIP – Diretoria da Instrução Pública
- FGV – Fundação Getúlio Vargas
- FIAM – Fundação de Desenvolvimento Municipal do Interior de Pernambuco
- IEP – Instituto de Educação de Pernambuco
- IHGB – Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
- IJNPS – Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisa Social
- JEC – Juventude Estudantil Católica
- JOC – Juventude Operária Católica
- JR – Jornal do Recife
- JUC – Juventude Universitária Católica

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
LEC – Liga Eleitoral Católica
MDB – Movimento Democrático Brasileiro
MEC – Ministério da Educação e Cultura
OAB – Ordem dos Advogados do Brasil
PPGHIS – Programa de Pós-Graduação em História
TSE – Tribunal Superior Eleitoral
UCB – Usina Central de Barreiros
UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais
UFPE – Universidade Federal de Pernambuco
UFRPE – Universidade Federal Rural de Pernambuco
UFRJ- Universidade Federal do Rio de Janeiro
UNCDP – União Nacional Católica por Deus e pela Pátria
UNICAP – Universidade Católica de Pernambuco
UPE – Universidade de Pernambuco
URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas
USP – Universidade de São Paulo

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Engenho Queimadas Foto da Capa do livro “Memórias de um professor”	38
Figura 2	Engenho Queimadas	40
Figura 3	Júlio Celso de Albuquerque Bello e Alice de Albuquerque Coimbra.....	41
Figura 4	Júlio Celso, em foto de 1936	42
Figura 5	Detalhes do Engenho Queimadas.....	43
Figura 6	Mapa atual do Estado de Pernambuco com destaque entre Barreiros e Recife.....	44
Figura 7	Locomotiva da Usina Central de Barreiros (UCB) e Estação Barreiros....	45
Figura 8	Barreiros	45
Figura 9	Maria Cândida de Albuquerque Bello.....	46
Figura 10	Francisca de Albuquerque Bello	47
Figura 11	Avó Materna e tios	47
Figura 12	João Batista Accioly	48
Figura 13	Ayres de Albuquerque Bello, pai de Ruy Bello.....	49
Figura 14	Foto de José Maria Bello	51
Figura 15	Estácio de Albuquerque Coimbra, primo de Ruy Bello	52
Figura 16	Ponte Estácio Coimbra	53
Figura 17	Grupo Escolar Estácio Coimbra	53
Figura 18	Ruy de Ayres Bello com 24 anos	63
Figura 19	Anúncio das comemorações do 50º da AIP	71
Figura 20	Anúncio da Rádio Planalto	72
Figura 21	Propaganda das eleições de 1934.....	76
Figura 22	Ruy Bello em 1935.....	76
Figura 23	Anúncio da proclamação dos candidatos eleitos em 1934.....	77
Figura 24	Anúncio do almoço aos parlamentares oferecido pelo Governador Lima Cavalcanti.....	78
Figura 25	Parte da comitiva em visita as Obras Complementares do Porto	79
Figura 26	O governador Lima Cavalcanti e sua comitiva em observação aos trabalhos das dragas	79
Figura 27	Anúncio da moção ao ex-deputado Ruy de Ayres Bello	80

Figura 28	Anúncio da Peça Inês de Castro, em 1972	82
Figura 29	Padre Arnaldo celebrando missa do octogenário de Ruy Bello	87
Figura 30	Capa do Diário Oficial do Estado de Pernambuco, 2001	88
Figura 31	Patronato Agrícola João Coimbra em Tamandaré	90
Figura 32	Escola Paroquial de Barreiros	92
Figura 33	Notícia da inauguração do Patronato	95
Figura 34	Detalhes do Patronato João Coimbra.....	96
Figura 35	Alunos do Patronato João Coimbra na saudação matinal	96
Figura 36	14º Batalhão da Infantaria Motorizada – antigo Patronato Barão de Lucena.....	102
Figura 37	Alunos no Patronato Agrícola Barão de Lucena.....	102
Figura 38	Vista área do Ginásio Pernambuco	105
Figura 39	Propaganda de matrícula do Instituto Nossa Senhora do Carmo.....	107
Figura 40	Escola Normal de Pernambuco em 1930	114
Figura 41	Nota sobre a Conferência de Educação	115
Figura 42	Histórico escolar do segundo ciclo do Ensino Normal na década de 1950	117
Figura 43	Convite de formatura do ano de 1960	118
Figura 44	Manchete do Jornal sobre a inauguração do IEP	120
Figura 45	Prédio do IEP	120
Figura 46	Fachada do IEP	121
Figura 47	Propaganda de Matrícula do IEP	123
Figura 48	Portaria de aposentadoria do Prof. Ruy de Ayres Bello	125
Figura 49	Em destaque, Ruy Bello ao lado do Dr Arnaldo. Abaixo Plateia do evento	126
Figura 50	Ruy Bello e neto Paulo no IEP.....	128
Figura 51	Título da notícia sobre evento com a participação de Ruy Bello.....	135
Figura 52	Gilberto Freyre no Seminário de Tropicologia	136
Figura 53	O casal Paulo Vieira que comandava a Organização do Auxílio Fraternal – (OAF) e Ruy Bello com a esposa Erlinda	144
Figura 54	Anúncio das missas de 7º dia – Erlinda Helena da Rocha Bello	145
Figura 55	Anúncio das missas de 7º dia – Erlinda Helena da Rocha Bello	145
Figura 56	Prédio da Escola Normal Pinto Júnior.....	147
Figura 57	Anúncio da Escola Normal Pinto Júnior em 1975.....	148

Figura 58	Capa do Diário Oficial em 25/01/1979	159
Figura 59	Anúncio da venda de apostilas do Prof. Ruy Bello	168
Figura 60	Nota sobre Cooperativa Editora de Cultura Intellectual	177
Figura 61	Envelope da Correspondência entre Caio Prado e Academia de Ciências da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas de Moscou	182
Figura 62	Carta da Correspondência entre Caio Prado e Academia de Ciências da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas de Moscou	183
Figura 63	Folha de candidatura a APL em 1962	192
Figura 64	Nota da Academia pela posse do Professor Ruy Bello	193
Figura 65	Lista da produção literária de Ruy Bello em 1980	194
Figura 66	Acadêmicos da APL em 1970	195
Figura 67	Reunião APL com a participação de Ruy Bello (sd)	195
Figura 68	Colaboração das ciências auxiliares da Pedagogia.....	217
Figura 69	Título da notícia sobre a reunião no palácio do governo de PE em 1940	236
Figura 70	Logo do Círculo Católico de Pernambuco	240
Figura 71	Nota sobre o Estatuto do Círculo Catholico de Pernambuco	247
Figura 72	Notícia sobre a posse da nova diretoria do Círculo Cathólico de Pernambuco	248
Figura 73	Noticia da Cruzada de Educadoras Catholicas de Pernambuco em 1932	250
Figura 74	Frente da Basílica do Carmo	253
Figura 75	Procissão dos Passos em 1936	253
Figura 76	Simbolo do III Congresso Eucaristo Nacional em 1939, no Recife	254
Figura 77	Registros do III Congresso Eucarístico Nacional em 1939	255
Figura 78	Trecho da Capa do Diário da Manhã, 1937	265
Figura 79	Sede da Congregação Mariana em reunião no ano de 1940	271
Figura 80	Rapazes na CMMA	273

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Saudações ao Octogenário de Ruy Bello	85
Quadro 2 - Índice do livro Subsídios para a História da Educação em Pernambuco.	159
Quadro 3 - Periódicos pernambucanos com participação de Ruy Bello	164
Quadro 4 - Obras de autoria de Ruy Bello	170
Quadro 5 - Obras de Autoria de Ruy Bello com outros autores	171
Quadro 6 - Obras de autoria de Ruy Bello (sem datas)	171
Quadro 7 - Capas dos livros didáticos de Ruy de Ayres Bello e sua memória	172
Quadro 8 - Número de reedições dos livros didáticos de Ruy Bello	174
Quadro 9 - Humanismo	214
Quadro 10 - Ciências auxiliares à Pedagogia por Ruy Bello	216
Quadro 11 - Reflexiologia	230
Quadro 12 - Educabilidade do homem na obra Introdução à Pedagogia	231
Quadro 13 - Educabilidade do homem na obra Filosofia Pedagógica	231
Quadro 14 - A educabilidade em São Tomás de Aquino por Ruy Bello	232
Quadro 15 - Artigos da Constituição Federal do Brasil sobre o Ensino Religioso	259

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Instituições católicas 1551-1930	75
Gráfico 2 - Ocorrências dos livros nos trinta e dois (32) acervos consultados.....	191

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	21
Capítulo I RUY DE AYRES BELLO: formação social, moral e atuações	38
1.1 Tempos de formação: menino de engenho	39
1.2 Tempos de formação: menino da cidade	54
1.3 Tempos de formação: período de aluno e o autodidatismo	57
1.4 Tempos de formação: mancebo municipal e iniciando a labuta	62
1.5 Tempos de formação: o apóstolo católico	67
1.6 Tempos de formação: a imprensa.....	69
1.7 Tempos de formação: o político	73
1.8 Tempos de formação: outros espaços sociais e instituições diversas	81
1.9 Tempos de reconhecimento: os oitenta anos de Ruy de Ayres Bello (1984)	84
Capítulo II O MENINO DE ENGENHO SE TORNA PROFESSOR	91
2.1 Vocação para ensinar: as primeiras experiências	91
2.2 O ensino em dois Patronatos agrícolas de Pernambuco	93
2.3 Iniciando no ensino secundário e normal	103
2.4 A atuação na Escola Normal de Pernambuco que se tornou o Instituto de Educação de Pernambuco (IEP).....	113
2.5 Iniciando no ensino superior	129
2.6 Outros cargos ligados à educação	137
2.7 A Escola Normal Pinto Júnior, um carinho de Ruy Bello por esta instituição	146
Capítulo III RUY DE AYRES BELLO: o escritor e seus livros	153
3.1 Livro Didático: produto da cultura	155
3.2 A escrita da História da Educação Local: pioneirismo na obra de Ruy de Ayres Bello	158
3.3 Artigos de jornais: inserção no campo jornalístico	164
3.4 Tempos de Escrita de livros didáticos com destino aos cursos da Escola Normal e aos Institutos de Educação	167
3.4.1 Produção de livros de Ruy de Ayres Bello	169
3.5 Registros em periódicos das publicações e a filiação as editoras	175
3.6 A circulação nacional das obras de Ruy Bello	190
3.7 A entrada de Ruy de Ayres Bello na Academia Pernambucana de	192

Letras.....	
3.8	Concepções pedagógicas nos livros para a formação docente..... 197
Capítulo IV	A EDUCABILIDADE DO HOMEM ATRAVÉS DOS POSTULADOS DE RUY DE AYRES BELLO: POR UMA EDUCAÇÃO FINALISTA, ESPIRITUAL E SOBRENATURAL..... 206
4.1	A Pedagogia Humanista Cristã 213
4.2	Conceitos principais quanto à educação em Ruy Bello 215
4.3	A educabilidade do homem em Ruy Bello 229
4.4	A finalidade da educação em Ruy Bello: fins temporal e extratemporal. 233
4.4.1	O ato educativo 238
Capítulo V	RUY DE AYRES BELLO “NA SEARA DO SENHOR” 240
5.1	Embates em defesa da fé católica 241
5.1.1	Reação da Igreja Católica após a Proclamação da República do Brasil 241
5.1.2	Durante a Restauração Católica no Brasil 244
5.1.3	Por intermédio da política 258
5.2	Combate na luta contra o comunismo 264
5.2.1	Ruy Bello na Congregação Mariana da Mocidade Acadêmica (CMMA) de Pernambuco 269
	CONSIDERAÇÕES FINAIS 275
	REFERENCIAS 285
	ANEXOS..... 312
Anexo 1	Evidências da inserção de Ruy de Ayres Bello no campo científico 312
Anexo 2	Ficha de catalogação das obras 325
Anexo 3	Entrevista extraída do livro “Ruy de Ayres Bello: do Engenho a Academia” 328
Anexo 4	Apresentação do acadêmico Ruy de Ayres Bello – cadeira 34 Academia Pernambucana de Letras 335
Apêndice A	Cronologia de Ruy de Ayres Bello 339
Apêndice B	Títulos de artigos em jornais sob autoria de Ruy de Ayres Bello 341
Apêndice C	Rede de sociabilidade de Ruy de Ayres Bello (síntese)..... 342

INTRODUÇÃO

Em história tudo começa com o gesto de separar, de reunir, de transformar em “documentos” certos objetos distribuídos de outra maneira. Esta nova distribuição cultural é o primeiro trabalho. Na realidade, ela consiste em produzir tais documentos, pelo simples fato de recopiar, transcrever ou fotografar estes objetos mudando ao mesmo tempo o seu lugar e o seu estatuto. (Certeau, 2002, p. 81)

A pesquisa envolve dimensões da história da educação brasileira tais como: intelectuais e projetos educacionais; políticas e instituições educativas; formação e profissão docente; imprensa e impressos educacionais.

Isto porque a pesquisa teve como objeto de investigação a trajetória e as contribuições de Ruy Bello para a educação, especialmente no contexto do ideário católico¹. A questão problema visou responder por que Ruy Bello faz a defesa de uma educação finalista, espiritual e sobrenatural² em suas obras voltadas para formação de professores primários?

Assim, explora-se a defesa de uma educação finalista, espiritual e sobrenatural em suas obras voltadas para a formação de professores primários, analisando como sua vida, formação moral e atuação profissional influenciaram suas ideias pedagógicas na defesa da fé católica.

No Curso de Pedagogia, da Universidade Federal de Pernambuco, estudei com algumas obras de Ruy Bello³. Ainda na organização do acervo do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre a

¹ A teologia pode ser, e frequentemente é, definida como a “ciência da fé”, se entendermos por fé uma reflexão metodológica de acordo com as diretrizes adequadas ao objeto de estudo de qualquer disciplina. A tarefa da teologia é a exploração disciplinada do que está contido na revelação divina. Isso inclui o exame detalhado de seu objeto especial de estudo, o qual inclui as Escrituras e a Tradição, assim como a experiência cristã. O compromisso total requerido é compatível com a reflexão crítica. Assim, a teologia do final do século XX reivindica ser científica em sua metodologia e ter sobrevivido (a par de outras ciências humanas) à crítica positivista de que nada mais é senão uma combinação de alegações morais e avaliatórias que expressam apenas opiniões e preferências. Seria difícil imaginar uma instituição acadêmica contemporânea que excluísse o discurso teológico, como a Royal Society, no século XVII, excluiu a teologia e a política sob o argumento de não serem axiologicamente neutras. (Dicionário do Pensamento Social, 1996, p.762).

² Utilizamos este termo ‘sobrenatural’ pois ele aparece nos livros de Ruy Bello que analisamos. Não entraremos nesta pesquisa na discussão entre ciência e religião que cerca este termo. Porém, deixaremos as considerações feitas por Alcimar Koslowski (2018): “Podemos resumir a argumentação em favor do naturalismo em ciência e na história como sustentado neste texto com as seguintes teses: 1) os cientistas estão comprometidos com o naturalismo, a saber, a rejeição provisória do sobrenatural para explicar o mundo e tudo o que há está incluído no mundo natural (também se inclui o cultural); 2) o naturalismo possui dois aspectos: os requisitos de procedimento (epistemológicos) e os compromissos metafísicos; 3) os requisitos de procedimento são parcialmente incontroversos (acesso epistêmico público e são ontologicamente neutros); 4) os compromissos metafísicos são baseados em três fontes: a) a história do êxito científico, b) o cumprimento dos requisitos de procedimento e c) o senso comum; 5) os requisitos de procedimento e os compromissos metafísicos dos cientistas estão justificados. Deste modo, 6) a ausência do sobrenatural na ciência está justificada epistemicamente de um modo a posteriori. Não analisaremos, por hora, quaisquer conclusões acima. Como já nos posicionamos e repetimos: usaremos o termo ‘sobrenatural’ por ser mencionado por Ruy Bello. Cf.: Alcimar Koslowski, Adilson. O porquê da ausência do sobrenatural na ciência contemporânea: nem apriorismo, nem ateísmo, nem cientismo. *Philosophos - Revista de Filosofia, Goiânia, v. 23, n. 1, p. 15–41, 2018.*

³ Disciplinas de História da Educação I e II; Estrutura e Funcionamento do Ensino e Teorias da Educação.

História da Educação de Pernambuco⁴ (NEPHEPE) encontrei obras dele. E na minha dissertação de Mestrado⁵ utilizei algumas obras de suas obras.

Em Anais de Congressos da área, em especial, os eventos realizados pela Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE), não me recordei de um trabalho que tivesse se dedicado à trajetória de vida desse educador pernambucano. Eis como resultado meu interesse por essa pesquisa tendo Ruy de Ayres Bello como sujeito desta pesquisa.

Diante do exposto, este texto tem como objetivo geral investigar a vida e obra de Ruy de Ayres Bello como um educador católico conservador, cujas contribuições influenciaram a formação de professores no Brasil, mantendo viva a visão de mundo cristã em meio a mudanças educacionais e sociais.

De modo específico esta investigação buscou também compreender como se deu a inserção de um intelectual em um campo científico. E os motivos que fundamentaram no período de produção de seus manuais, sua circulação e reedições.

O recorte temporal para este estudo histórico adotou duas classificações: a primeira a partir de um olhar geral de 1904-1990, se justifica em razão de se tratar do período entre o nascimento até a década de morte do sujeito; e a segunda se refere aos anos de 1940-1980, temporalidade que considera o momento da escrita de suas obras para uso nas Escolas Normais e Institutos de Educação. Este recorte é considerado como uma historiografia de longa duração.

O deslocamento do campo político para uma história mais ligada aos temas econômicos e sociais de, em geral, maior duração, foi fundamental para a vitória do tempo longo. Segundo Braudel, a superação do tempo curto foi o bem mais precioso da historiografia dos últimos cem anos (o artigo foi escrito em 1958). Seja pelas novas temáticas ou pelas interações entre a disciplina histórica e as ciências sociais, notadamente a antropologia, Braudel considerava em 1958 que, de fato, a longa duração tornara-se um indiscutível instrumento dos historiadores, sobrepondo-se, até mesmo, às outras temporalidades históricas (Cracco, 2009, p. 77).

O autor continua tecendo suas conclusões sobre a longa duração, ao afirmar que:

Em realidade, a roda da história nunca parou de girar, e o tempo continuou presente nos estudos históricos. Mas os objetos de estudo foram ampliados drasticamente com a possibilidade aberta pela longa e longuíssima duração. Diante da contingência de estudar elementos cada vez mais longamente presentes nas sociedades, de durações que se estendem por períodos cada vez maiores, quais são as novas janelas abertas ao estudo histórico? O que é mais presente em todos os tempos e sociedades, mais imortal que a própria morte? (Cracco, 2009, p. 109).

⁴ Criado desde 1992 é integrado ao Centro de Educação (CE) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) através dos seus docentes e dos pesquisadores, possui um acervo com cerca de duas mil obras, datadas de 1860 em diante. Atualmente está sob a Coordenação da professora Maria Thereza Didier de Moraes. O NEPHEPE é cadastrado no Diretório de Grupos de Pesquisas do CNPq e integra o HISTEDBR/PE.

⁵ Defesa realizada em 26.09.2005 no Centro de Educação da UFPE.

Assim, ao fazer uma história de ‘longa duração’, concebeu-se que “(...) o tempo histórico viaja, exprime sinteticamente a ideia de dialética das durações” (Cracco, 2009, p.10). Delimitamos os pontos mais importantes a serem considerados na análise crítica dentro desse contexto de acontecimentos nesta longa duração.

Na linha em que esta pesquisa pertence “História e Historiografia da Educação”, nosso objeto se entrecruza, também, com o estudo das disciplinas escolares, destacando quanto os manuais foram importantes para repassar um ideário e conteúdo que firmasse a concepção de ensino defendida pelo intelectual católico Ruy Bello.

Conforme Clarice Nunes (1996) seu estudo trouxe indagações nas suas análises quanto nesse sentido que buscamos investigar, para concluir o fim de uma teoria educacional presente nos suportes didáticos para os cursos de formação de professores. Assim ela descreve:

Sem condições de apresentar um ponto de vista mais acabado sobre uma possível teoria da historiografia, permitimo-nos apenas ensaiar uma hipótese sobre a historiografia da educação produzida no Brasil para os cursos de formação docente. Ela é expressão do registro da permanência dos valores de uma civilização cristã. Apesar das concepções teóricas, da formação e dos pertencimentos institucionais de seus autores, a história da educação difundida entre os professores primários e secundários tem uma função e um efeito doutrinário que se prolonga e se atualiza, revelando o peso da influência religiosa apesar de todo o movimento de secularização da sociedade e do Estado a partir da implantação do regime republicano. (Nunes, 1996, p. 70)

Tem-se, hipoteticamente que Ruy Bello buscou defender uma educação cristã em seus manuais escolares. Este material compreendido enquanto materiais pedagógicos para formação de professores que seriam multiplicadores desse modelo educacional no exercício do magistério primário. Seus textos foram imbuídos dos pressupostos católicos que ele confessava⁶.

Nesse entendimento, a pesquisa traz a defesa de toda educação deve ser com fins de influenciar a formação do educando, seja pela autoridade do professor, seja pelo *exemplo correto, dirigido no sentido da perfeição humana* oferecendo uma educação integral

A concepção de história privilegiada foi a introduzida por Certeau (1982, p.66), que afirma: “entendo por história uma prática, seu resultado e sua relação. Ou seja, aprender que a pesquisa historiográfica se refere à combinação de um lugar social, de práticas científicas e de uma escrita”. Mas é, simultaneamente, “o conhecimento, com maior ou menor grau de certeza,

⁶ Confessionalismo (v.), isto é, daquela que é considerada a tendência do poder eclesiástico a fazer sair a religião do seu âmbito para invadir e dominar o âmbito da sociedade civil e do Estado; posição polêmica, que se estende também a grupos, partidos, Governos e indivíduos que apoiam esta tendência (Bobbio, 1998, 32)

com maior ou menor grau de rigor analítico, do que sucedeu ou está sucedendo na sociedade humana” (Castanho, 2010, p. 4).

Sobre as fontes “*nada é fonte de pesquisa até que o pesquisador formule suas questões*”. Essa frase deriva da conclusão de que “*em geral, não existe material algum até que nossas perguntas o tenham revelado*”, de Hobsbawm (1998, p. 220). Porém o historiador deve estar atento ao que menciona Prost (2008):

O primado da questão sobre o documento acarreta duas consequências: em primeiro lugar a impossibilidade de leitura definitiva de determinado documento. O historiador nunca consegue exaurir completamente seus documentos; pode sempre questioná-los, de novo, com outras questões ou levá-los a se exprimir com outros métodos. [...] Em segundo lugar, a solidariedade indissociável entre a questão, o documento e o procedimento adotado para abordá-lo explica que a renovação do questionário implica a renovação dos métodos e/ou do repertório documental. [...] À medida que formula novas questões o historiador constitui novos aspectos da realidade presentemente acessível em fontes e vestígios, ou seja, em documentos (Prost, 2008, p. 77-78).

Do entendimento das afirmações acima fica o cuidado na seleção das fontes para uma pesquisa, em especial com o tema intelectuais. Eis a atenção:

Pode-se afirmar que o objeto material, isto é, as fontes utilizadas, nesse caso, as obras de intelectuais que contribuíram na construção da educação brasileira, tem sido objeto de análise dos pesquisadores que têm dificuldades em localizar ou mesmo estudar o conjunto da produção de um autor devido ao volume, quantidade ou mesmo complexidade da obra eleita como objeto a ser pesquisado, prejudicando a análise completa do autor. Essa dificuldade exige do pesquisador o estabelecimento de recortes e delimitações. Alerta-se que, se tal recorte não for preciso, corre-se o risco de esfacelar o pensamento de um autor, tomando o que foi afirmado em uma parte pelo conjunto, nesse caso, a categoria da totalidade é fundamental (Machado e Dorigão, 2016, p.183).

A pesquisa, utilizou fontes variadas como legislações, jornais, memórias, encíclicas, fotografias, mapas, portaria, atas e obras didáticas. A análise crítica das fontes foi feita com rigor científico conferindo a neutralidade e o distanciamento necessário para o estudo do objeto de pesquisa.

A seleção e coleta das fontes ocorreu desde as idas ao Arquivo Público de Pernambuco, Assembleia Legislativa de Pernambuco, a Academia Pernambucana de Letras, a Biblioteca Estadual de Pernambuco, locais que foram feitas coletas de fontes presenciais. Foram feitas coleta de fontes pela consulta *online*, especialmente na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, no acervo Digital da Companhia Editora de Pernambuco e outros sites consultados⁷.

⁷ Optamos nesta pesquisa por utilizar a escrita da época nas fontes analisadas. O momento desta pesquisa já marca um saudosismo das fontes impressas com suas texturas, cheiros e manejos. A fonte digital aproxima do pesquisador muitos documentos, mas também ressignifica a pesquisa historiográfica na atualidade.

No campo da História e da História da Educação, o pesquisador tem através das hemerotecas, um rico veículo central ou periférico de extração de informações para uma pesquisa científica. Em especial, tem-se ao longo da história do nosso país a imprensa fortemente veiculada à educação. Desde a divulgação de propagandas de matrículas, leis e regulamentos para a educação, notícias de programações das instituições, etc.⁸...

Nesta perspectiva, entendemos que a imprensa, ligada à educação, constitui-se em um 'corpus documental' de inúmeras dimensões, pois se consolida como testemunho de métodos e concepções pedagógicas de um determinado período. Como também da própria ideologia moral, política e social, possibilitando aos historiadores da educação análises mais ricas a respeito dos discursos educacionais, revelando-nos, ainda, em que medida eles eram recebidos e debatidos na esfera pública, ou seja, qual era a sua ressonância no contexto social (Araújo *et al.*, 2002, p. 14).

A legislação oficial também foi uma fonte de pesquisa utilizada. Quando se faz a opção por usar documentos oficiais, muitas vezes não se pensa em entender além das fontes, o lugar de guarda dessas fontes. Faria Filho (1996) em um dos seus escritos apresenta três articulações para o trabalho com a legislação escolar como fonte para a História da Educação. A primeira delas o autor afirma que se refere à origem legal, ou com base na lei, de boa parte da documentação que é utilizada. A segunda articulação apresentada refere-se à discussão sobre o arquivo e suas relações com a Lei. Pelo qual, toma-se emprestado, para fazer a relação entre o Arquivo e os jornais. A terceira trata da relação entre prática de/do arquivo e a prática da pesquisa.

[...] Daí minha pergunta: qual o comando dado a partir do arquivo? Sem dúvida esta pergunta reveste-se de especial interesse para nós, pesquisadores, porquanto sabemos que, ainda hoje, ou sobretudo hoje, a guarda, a organização, a remoção ou acesso aos modernos (ou mesmo, aos não modernos!) arquivos, tudo é, geralmente, comandado por lei, a partir das modernas (e mesmo das não tão modernas!) estruturas do Estado. Nesse sentido, boa parte de nossos arquivos guardam (ou não) e "são mandados guardar" informações a partir da lógica e do interesse da administração estatal.

[...] Todos que lidamos com documentos nos/dos arquivos públicos brasileiros sabemos o quanto as práticas de arquivo interferem positiva ou negativamente nas pesquisas. Não apenas a forma como eles estão organizados (ou, na maioria das vezes, desorganizados), mas também a ausência de guias de fontes, organização de códigos, os quais são identificados muitas vezes pela sua origem e não pelos seus conteúdos, não facilitam muito o trabalho (Faria Filho, 1996, p. 95-96).

⁸ Pernambuco acolheu em alguns momentos históricos, um celeiro de publicações de jornais, como exemplo, no início da Primeira República (1889-1910) encontramos catalogados no acervo do Arquivo Público Estadual de Pernambuco um total de 495 títulos de jornais produzidos neste Estado. Publicações que circularam diariamente, semanalmente, bimestralmente, que pertenciam a proprietários particulares, clubes, associações em geral, entidades seculares, educacionais, eclesiais e políticas.

Diante do estudo dessas relações, entre o arquivo e o jornal, e da ‘prática de/do arquivo’ e a prática da pesquisa, o pesquisador pode conduzir sua investigação sabendo que poderá enfrentar situações de dificuldade e impedimentos de acesso às fontes que exigirão um novo re-planejar no desenvolvimento do trabalho do pesquisador. É o que exemplifica Faria Filho (1998):

Uma das experiências vivenciadas por mim mesmo e por uma aluna bolsista de iniciação científica que comigo trabalha. Uma das facetas do nosso projeto é estudar a importância e o papel do jornal na conformação do campo pedagógico em Minas Gerais no século XIX. Iniciamos o trabalho no final de 1996 e, já em 97, depois de uma leitura preliminar de alguns deles, optamos por uma análise mais detalhada d’O Universal. Após despender um bom tempo com o trabalho, planejar a pesquisa, familiarizar-se com o jornal, após inicia-la, ficamos sabendo, por um aviso na entrada da sala de consulta do Arquivo Público Mineiro, que todos os jornais e periódicos não poderiam mais ser consultados: estariam sendo preparados para a mudança para a hemeroteca recém-criada pelo Estado. De novo, sem nenhuma previsão de quando ficariam disponíveis novamente (Faria Filho, 1998, p. 97).

Uma questão que se quer destacar é estar voltado para a História de um intelectual e seus pensamentos, e que pode incluir nesta pesquisa nas críticas⁹ de ser uma pesquisa com viés positivista¹⁰, centrada em ‘grandes personagens’. Quem seriam os intelectuais? “Sábio, erudito, literato, filósofo, rei, imperador, padre, diplomata, cientista, historiador, jurista, sociólogo, professor, jornalista, qual dessas acepções define o intelectual?” (Magalhães, Barreto, 2016, p. 63).

A categoria ‘intelectuais’ é marcante nas pesquisas da história da educação. As pesquisas sobre este termo, de modo geral estão associados a alguns domínios como, memória da educação, pensamento social e educação, impressos e projetos educacionais.

Alves (2023)¹¹ ela analisa a historiografia das pesquisas sobre esta categoria dos

⁹ “Uma contribuição inegável dos estudos mais recentes advém da abordagem dinâmica da construção e circulação de ideias, projetos e políticas de educação, vistos no entrelace das redes intelectuais que ultrapassam as fronteiras nacionais. Questões complexas envolvem esse tipo de investigação, que intenciona romper a associação direta entre ideias e indivíduo, interpondo um conjunto de problemas relacionados com os itinerários pessoais e coletivos, a ambiência cultural, os constructos intelectuais da época, as possibilidades de acesso aos textos cruzadas com escolhas políticas, pessoais e grupais, além de tramas que constroem oportunidades de fala, lugares públicos, publicação e/ou resgates, redescobertas, leituras, interpretações e reinterpretções na produção cultural de redes intelectuais e momentos posteriores. Muitos passados e muitos futuros encontram-se na história intelectual da educação” (Leite; Alves, 2011, p. 10).

¹⁰ Reflexão apresentada no prefácio do livro “Intelectuais e História da Educação no Brasil: poder, cultura e políticas. Além de tecer comentários sobre a problemática das pesquisas com esse tema, elas descrevem o percurso desse eixo nos Congressos realizados pela Sociedade Brasileira de História da Educação - SBHE (Leite; Alves, 2011).

¹¹ Importante destacar o conjunto de autores citados por Alves (2023) como atuais referências da pesquisa sobre intelectuais: coletâneas dedicadas ao tema intelectuais: Freitas E Kuhlmann Jr. (2022); Leite E Alves (2011); Vieira, Strang E Osinski (2015); Vieira, Osinski E Bencostta (2015); Vieira, Osinski E Oliveira (2019); Vieira, Bontempi Junior E Osinski (2019); Vieira, Osinski E Gondra (2019).

intelectuais:

A temática relativa a intelectuais emergiu nessa historiografia, inicialmente, em trabalhos isolados ou imbricada nas pesquisas das vertentes já organizadas. Em verdade, podemos afirmar que nenhuma linha de pesquisa pode ser pensada sem relação com outras tantas, já que as temáticas se entrecruzam, se imbricam, solicitam dados associados a diferentes ângulos de abordagens. Dessa forma, agentes intelectuais demonstraram-se como presença indispensável, quando se tratava de perspectivar diferentes processos educativos sob o prisma da história. Como tratar dos manuais, sem colocar em foco os seus autores? Ou da arquitetura, sem referir os formuladores de projetos? Correntes de pensamento pedagógico foram enunciadas, defendidas ou combatidas, difundidas por pessoas intelectualizadas, empenhadas e capazes de propor experiências e caminhos de ação, mesmo que partindo de pressupostos e portando valores muito distintos entre si. A imprensa pedagógica, assim como a imprensa em geral, tornou-se veículo para expressão de debates, de projetos de escolarização de diversos níveis e tipos. Mesmo nas experiências não institucionalizadas, a ação de propositores e executores, homens e mulheres, foi necessária para que se tornassem fato, trazido à narrativa histórica pelo trabalho de historiadores e historiadoras (Alves, 2023, p. 3).

Skinner¹² (2000) elabora seus estudos dando ênfase diretamente a intencionalidade do autor no ato de escrever seu texto, a interpretação do texto e do contexto. Para ele, quando um intelectual escreve seu texto, é feito por vocábulos conhecidos, com objetivos certos e publico bem definidos.

A linguagem não é mero artefato ou algo que revela um real alheio a ela. Pelo contrário, Skinner vê a escrita dos pensadores canonizados como veículos de ação: ela também é um ato político. Seu objetivo era não só ver os pensadores e o que eles disseram sob determinado assunto, por mais que a tentação fosse essa, devido à complexidade de alguns, mas a matriz ampla que possibilitou determinada formação de seu pensamento. Cada momento histórico ao mesmo tempo em que possibilita certas formas de compreensão e expressão, limita os vocábulos disponíveis e os modos como os elementos podem ser expressos. Formas de entendimento são transmitidas e, muitas vezes, não contestadas e verificadas. Entretanto, se, por um lado, conceitos são herdados, outros surgem numa sociedade em constante transformação como é a contemporânea (Vogt, 2011, p. 89).

Assim, pensamos que foram os textos escritos por Ruy Bello, atrelados aos contextos e com predefinição de leitores e vocábulos para exprimir suas ideias cristãs.

O caminho de investigação do objeto foi pelos itinerários de formação do sujeito, das redes de sociabilidade que ele nutriu para ter se tornado um educador intelectual ou um intelectual educador (não dá para precisar qual a ordem da priori):

¹² [...] Quentin Skinner se destaca como uma referência no estudo da história intelectual. Tornou-se praticamente impossível escrever história do pensamento político, especialmente no que se refere ao continente europeu, sem conhecer seus trabalhos, seja para adotá-los ou contestá-los. Seus artigos e livros vão de pressupostos teórico-metodológicos até o estudo mais sistemático de pensadores clássicos, como Hobbes e Maquiavel, lugar onde procura unir teoria e prática (Vogt, 2011, p.87).

É o Método o primeiro requisito do Estudo, para, por meio dele se poder adquirir um conhecimento profundo e sólido das Ciências. Quem desconhece o Método não pode ter ordem no Estudo. E quem estuda sem ordem, adianta-se pouco na Estrada das Ciências, tropeça a cada passo e perde um tempo infinito (Compêndio Histórico da Universidade de Coimbra, 1972, p. 245).

Assim, analisamos a categoria ‘intelectuais’, através de Ruy de Ayres Bello, visto num perfil de um educador ‘maior’, educador ‘menor’, intelectual ‘ilustre, ou um ‘desconhecido’.

O problema não é ético, mas histórico, mesmo que - e isso complica ainda mais a tarefa do pesquisador - frequentemente tenha sido colocado em termos éticos pelo próprio intelectual. Nem complacente, nem membro, a contrario, de qualquer pelotão de fuzilamento da história, o historiador dos intelectuais não tem como tarefa nem construir um Panteão, nem cavar uma fossa comum. (Sirinelli, 2003, p. 261)

Está consciência para o pesquisador, que não pode ser complacente nem fazer parte de qualquer grupo que busque julgar ou condenar um intelectual. Seu papel também não é se debruçar sobre a história de um intelectual, para construir um Panteão¹³ glorificante para alguns ou cavar uma fossa comum para outros. Enquanto pesquisador, ele busca compreender e contextualizar as contribuições e ações dos intelectuais ao longo da história, reconhecendo suas complexidades e contradições sem julgamentos simplistas.

Tomamos o conceito de intelectual, como elege Sirinelli (2003): “podem desembocar em duas acepções do intelectual, uma ampla e sociocultural, englobando os criadores e os “mediadores” culturais¹⁴, a outra mais estreita, baseada na noção de engajamento” (p.242).

Buscamos compreender as redes de sociabilidade que trilhou Ruy de Ayres Bello¹⁵. Conforme Sirinelli (2003) o meio intelectual constitui, ao menos para seu núcleo central, um ‘pequeno mundo estreito’, onde os laços se atam, por exemplo, em torno da redação de uma revista ou do conselho editorial de uma editora.

¹³ Relacionado à adoração e culto às divindades.

¹⁴ Cultura: o fato isolado mais notável a respeito da história da humanidade é a extraordinária diversidade de formas sociais produzidas por seres do mesmo, ou praticamente do mesmo, tipo genético. Em outras palavras, enquanto a maioria das espécies tem uma forma de organização social embutida nos genes, o animal humano parece ser programado, em vez disso, para dar atenção à cultura. A diversidade é possível porque os seres humanos aprendem a partir de meios culturais. Viver em acordo com a natureza é uma idéia atraente, mas no caso humano isso na verdade significa viver com cultura (Dicionário do Pensamento Social, 1996, 163).

¹⁵ A relevância de cada personagem, dada pelo historiador, situa-o hierarquicamente na história. “A complexidade em delinear as redes de sociabilidade é em função da quantidade de entrelaçamentos que ela perpassa, diferente de um circuito que descreve o exercício de uma prática e que muitas vezes não fornecem uma proximidade entre seus pares, as redes, estruturam-se e fragmentam de tal forma que é preciso uma análise esmiuçada do seu entorno para perceber suas linhas” (Fernandes, 2019, p.8).

O termo ‘redes’ é utilizado para definir as estruturas de pertencimento do intelectual. Percebe-las exige do pesquisador um trabalho detalhado de suas relações¹⁶. Assim com este texto Ruy Bello é situado em um espaço, um lugar, um tempo, que foi construído e ressignificado por esta pesquisa historiográfica¹⁷.

Utilizou-se trechos de acontecimentos biográficos¹⁸, do sujeito em estudo, com o objetivo de trazer as trilhas que compõem o seu trajeto de vida e obra.

Um trabalho historiográfico da História Intelectual começa pelas biografias. Instrumento que a partir dos anos 1980 retorna dentro da produção intelectual. A volta do individual em contraposição ao ‘determinismo econômico e social (o final dos grandes sistemas totalizantes), a estrutura, o coletivo e o inconsciente. Essa revalorização do indivíduo, dos atores e da ação tem por fundamento epistemológico e metodológico um novo paradigma intelectual: o pragmático e o interpretativo. É uma leitura da ampliação das fontes advindas da Nova História:

A historiografia francesa (1980-90) amplia ao lado das biografias históricas que colocam em cena o destino de figuras políticas, de heróis nacionais, mas também de personagens desconhecidos pela História oficial, a história intelectual reabilita esse gênero de maneira uma maneira um pouco distinta. Trata-se de buscar nas trajetórias individuais, imbricadas à própria história intelectual, os sentidos de uma vida (Lopes, 2003, p. 21).

A categoria de pessoas especialmente voltadas às atividades do intelecto, seu emprego é muito recente, remontando a fins do século XIX. Refere-se, pois, às condições culturais de nosso tempo e só por analogia se aplica aos primeiros séculos da época moderna, para designar aqueles que na Europa seiscentista e setecentista se chamavam de “homens de letras”.

Centra-se, a partir de agora, na *Micro-história e Método Incidiário*” de Ginzburg (1987) em seu livro *O queijo e os vermes – o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. Nessa obra o personagem principal Menocchio, pode ser considerado um herói ou mártir da palavra.

Nos manuscritos do acervo da Cúria de Udine, a sentença inquisitória do réu, Ginzburg (1987) busca entender o significado daquela sentença; o que aquelas declarações significavam para ele mesmo (autor) e o acusado Domenico Scandella, dito Menocchio. Descobertas, quais as

¹⁶ O *Apêndice C* foi elaborado no final da pesquisa com um quadro síntese de indivíduos e instituições que foram mencionadas nas fontes citadas neste texto. O quadro é descritivo. Não destacamos o grau de proximidade entre seus pares, apenas mencionamos o status social. Visto que, perpassa numa rede de sociabilidade, uma quantidade subjetiva de entrelaçamentos, o que implica uma pesquisa específica em torno desta problematização.

¹⁷ Sim, “lugares de sociabilidade que podem ser marcados por práticas culturais de oralidade e ou escrita envolvendo ideias, projetos, opiniões, interesses e sentimentos” (Gomes, 2005, p.12-13)

¹⁸ Termo utilizado para designar os fragmentos de acontecimentos. Sentido do termo a partir da leitura de “A ilusão biográfica” (Bourdieu 2006 In: Ferreira; Amado, 2006).

leituras e discussão de Menocchio; seus temores, esperanças, raiva, ironias, desespero; o autor o sintetiza – “**é um homem como nós e também diferente de nós**” (Ginzburg, 1987, p. 11- grifos nossos).

O importante não é o que Menocchio leu ou recebeu como leitura; é como leu, e o que ele fez de suas experiências de leitura e escrita. Menocchio criou um mundo de idéias cosmológicas, um sonho de um “novo mundo”, sem preceitos utópicos. Essas afirmações serve de base para compor o método incidiário de Ginzburg. Foram também estes questionamentos sobre as leituras das mais diversas, feitas por Ruy Bello, que entende-se a constituição de sua visão cristã para a educação.

Como uma das respostas à crise da História Social surge a micro-história¹⁹. A descrição micro-história serve para registrar uma série de acontecimentos ou fatos significativos que, de outra forma, seriam imperceptíveis e que, no entanto, podem ser interpretados por sua inserção num contexto mais amplo, ou seja, na trama do discurso social (Levi *apud* Burke, 1992).

Ao escolher um indivíduo, Ruy Bello, este estudo não é visto como contraditório à do social; “*deve tornar possível uma abordagem diferente, ao acompanhar um fio de um destino particular – de um homem, de um grupo de homens – e, com ele, a multiplicidade dos espaços e dos tempos, a meada das relações nas quais ele se inscreve*”, afirma Revel (1998, p. 21). É o que se propõe e reafirma-se: o estudo de um caso particular (micro), do pensamento pedagógico Belliano, em uma relação com o geral, contribui-se para o estudo nacional (macro) da História da Educação.

Lucien Goldmann (1967) é introduzido nas análises a ‘teoria dialética’ neste texto, para na trajetória de vida e obra de Ruy Bello, compreendermos a sua existência e a classe social a que ele pertencia²⁰. Uma dialética determinante do “todo” e “as partes”. Nesta dialética entre as partes e o todo, há um equilíbrio no papel do sujeito do conhecimento e no papel do objeto na pesquisa. Isto compreendido que:

O pensamento é apenas um aspecto parcial de uma realidade menos abstrata: o homem vivo e inteiro. E este, por sua vez, é apenas um elemento do conjunto que é o grupo social. Uma ideia, uma obra só recebe sua verdadeira significação quando é integrada ao conjunto de uma vida e de um comportamento. Além disso, acontece frequentemente que o comportamento que permite compreender a obra não é o do autor, mas o de um grupo social (ao qual o autor pode não pertencer) e sobretudo, quando se trata de obras importantes, o comportamento de uma classe social. (Goldmann, 1967, p. 7).

¹⁹ Surge a partir da década de 1970. Um movimento iniciado para os historiadores italianos, associados a uma determinada linha editorial.

²⁰ O antagonismo que se apresenta nesta dialética é entre o grupo de católicos versus os liberais, que historicamente enfrentam embates.

Destarte, segundo Goldmann, são as estruturas que movem um grupo ou uma determinada classe social²¹. Uma obra (filosófica ou literária), por exemplo, pode revelar as estruturas de uma classe, ou seja, ela vai retratar este estruturalismo, o que Goldmann chama de ‘visão de mundo’. Pelo Dicionário do Pensamento Social do Século XX (1996), temos a definição deste termo ‘visão de mundo’:

Visão de mundo ou Weltanschauung. Em alemão, a palavra refere-se literalmente a uma “visão” (Anschauung) intuitiva do “mundo” (Welt), por conseguinte, a “visões do mundo” ou aos valores ou princípios culturais subjacentes que definem a filosofia da vida ou a concepção do universo de uma sociedade ou grupo. Popularmente, o conceito tem sido usado para fazer referência a qualquer sistema geral de crença (cristão, liberal, pagão etc.). Embora as visões do mundo assim identificadas sejam, de modo sumamente característico, não-rationais em sua origem e ligadas às experiências comuns de um grupo, o termo também tem sido empregado em referência a perspectivas científicas generalizadas (por exemplo, darwinianas ou marxistas) (Dicionário do Pensamento Social, 1996, p. 80).

A ‘visão de mundo’²² para Goldmann, não é decadente, mas alcança um auge. “É possível definir as visões de mundo como “expressões individuais e sociais ao mesmo tempo, sendo seu conteúdo determinado pelo máximo de consciência possível do grupo, em geral da classe social” (Goldmann, 1980, p. 107, grifos do autor).

O sujeito representativo de uma classe ou que fala pela classe social a que pertence é alguém que tem a consciência homogênea de sua classe social.

²¹ Embora seja difícil, se não impossível, encontrar uma definição de Classe social que conte com o consenso dos estudiosos ligados a diversas tradições políticas e intelectuais, todos estão de acordo em pensar que as classes sociais são uma consequência das desigualdades existentes na sociedade. Isto já permite uma rigorosa delimitação dos fenômenos que entram nos limites da aplicação do conceito de Classe, uma vez que: 1) torna possível excluir tudo o que entra na categoria das desigualdades naturais; 2) faz referência apenas às desigualdades que não são casuais e se revelam de modo sistemático e estruturado. Isso não impede, porém, que haja desigualdades naturais que adquirem relevância na sociedade e se convertem, por isso, em desigualdades sociais. As diferenças entre sexos, entre jovens e velhos, entre indivíduos de raças diversas tornam-se diferenças sociais, quando uma sociedade escolhe tais diferenças como critérios para a atribuição dos vários papéis sociais; tornam-se desigualdades sociais, quando os papéis são distribuídos por diversos níveis da escala social. Há aqui desigualdade social no pleno significado do termo, porquanto se podem conceber, e até frequentemente encontrar, na história, tipos de sociedade para os quais as diferenças de sexo, de raça e de geração não são, ou não são do mesmo modo, critérios de destinação dos indivíduos aos papéis sociais (Bobbio, 1998, 169-170).

²² A partir de Goldmann (1967) descrevemos quatro tipos de visão de mundo: Visão de mundo cristã (máximo de consciência possível) Fontes: desde o primeiro século na literatura presente no Novo Testamento e na Tradição (teologia dos primeiros séculos); Visão de mundo liberal (máximo de consciência possível); Fontes: nos séculos XVII e XVIII na literatura filosófico-política (racionalismo e empirismo- Iluminismo- liberalismo - estado moderno); Visão de mundo positivista (máximo de consciência possível): Fonte: Auguste Comte (1798-1857) na primeira metade do século XIX; Visão de mundo marxista (máximo de consciência possível); Fontes: elaborada entre os anos de 1840 e 1890 por Marx 1818-1883 e Engels 1820-1895 (Araújo, 2021). Neste estudo retomaremos a visão de mundo cristã em vários momentos.

Em suma, para identificar uma Classe social, não basta isolar as características comuns aos membros dessa Classe; é necessário ainda observar se, além destas características, os indivíduos revelam um sentimento de comunidade e solidariedade, compartilham um destino comum e uma comum concepção da sociedade, se se reconhecem como iguais e consideram os que não pertencem à Classe como diversos (Bobbio, 1998, p. 174).

Busca-se no âmbito desta pesquisa, através dos dados empíricos esta questão subjetiva de quem fala. Como afirma Goldmann (1967) para compreender sua totalidade, eu preciso compreender as suas partes. Assim:

Na concepção goldmanniana, o pensamento dialético deve buscar a essência, excedendo os fatos empíricos abstratos e superficiais. Para tanto, é preciso integrar esses fatos à totalidade. Após o estudo imanente da estrutura de determinada obra cultural, que é um todo coerente, é necessário avançar no estudo da próxima parte, que também é um todo: a visão de mundo que dá estruturação à obra (Ferreira, 2019, p. 636).

As análises seguem o movimento das partes empíricas e históricas da obra e vida de Ruy Bello compõe a totalidade específica do perfil de Ruy Bello vinculado a visão de mundo hegemônica cristã²³. É preciso entender que a visão de mundo cristã faz parte da cultura brasileira até a atualidade²⁴.

Ao termo Cultura, delimitamos:

“No século XX a cultura passa a ser tratada como um sistema ou sistemas de significação, mediante os quais, uma dada ordem social é comunicada, vivida, reproduzida, transformada e estudada. Cultura torna-se então um vocábulo polissêmico e, mais que isso, em transformação, em um contínuo processo de ampliação e desdobramento de significados. Configura-se como palavra que a priori remete à nossa relação com o mundo, à civilização, ao conjunto de padrões de comportamento, crenças, conhecimentos, costumes etc”. (Campomori, 2008, p. 75, In: Porto, 2011, p. 96).

Os procedimentos metodológicos para a execução desta pesquisa estão voltados para a pesquisa bibliográfica e documental. Cada vez mais os estudos históricos têm se utilizado das áreas de fronteiras como por exemplo no caso da linguística, nos casos em que se tomam como

²³ O Brasil é um ator essencial no cenário cristão mundial: é o segundo país com mais cristãos (185 milhões), atrás dos EUA (253 milhões), mas com o maior número de católicos (127 milhões) e de pentecostais (25 milhões). (Coutinho, 2022, p. 249). Estes dados estatísticos são do ano de 2020. Sobre o tema cf. FERNANDES, Sílvia. (2022), *Christianity in Brazil: An Introduction from a Global Perspective*. Londres: Bloomsbury, 243pp.

²⁴ E verdade, porém, que a "laicização do Estado e da sociedade política aparece larga e constantemente retardada em relação à laicização da cultura" (Galasso). De fato surgiram e se afirmaram, entre os séculos XIX e XX, tendências e forças político-sociais de inspiração cristã e católica, que tentaram conciliar os valores religiosos com os do liberalismo, da democracia e do socialismo. O peso exercido por estas tendências e forças, a persistente influência da ética religiosa e cristã nos países católicos e protestantes, as preocupações conservadoras das classes dirigentes de alguns Estados europeus, que as levaram a reaproximar-se da Igreja e da religião, provocaram uma limitação ou uma atenuação do caráter laico destes Estados, em alguns dos quais, como, por exemplo, na Itália liberal, geralmente o Ateísmo foi, no plano institucional e jurídico, mais tolerado do que efetivamente reconhecido (Dicionário do Pensamento Social, 1996, p. 69).

*documentos monumentos*²⁵ biografias e autobiografias, livros, memórias, etc. Segundo Malatian (2009):

Ao ter acesso a esses fragmentos, o historiador espia a fresta a vida privada palpitante, dispersa em migalhas de conversas a serem decodificadas em sua dimensão histórica, nas condições socioeconômicas e na cultura de uma época, na qual público e privado se entrelaçam, constituindo a singularidade do indivíduo numa dimensão coletiva. Processo identitário que se define e redefine constantemente e elimina qualquer suposição de coerência e continuidade de atitudes, sentimentos ou opiniões (Malatian, 2009, p. 200).

As discussões que se acentua nos estudos de Lopes (2003) pretende valorizar duas versões: a discursiva (a obra em si, desincorporada de contextos) e a contextual (as configurações, os campos, as genealogias, as práticas, etc.). Ruy de Ayres Bello percorreu o campo²⁶ científico através de seu legado, temos a indagação a respeito de forças que podem ter legitimado ou não as ideias pedagógicas desse intelectual no campo científico da História da Educação²⁷. Sobre o que diz respeito as suas obras, eis um trecho escrito por Aluizio Furtado de Mendonça, no artigo intitulado “O oportuno mérito de uma homenagem” que enviou para o *Jornal do Commercio* no dia 21 de julho de 1984, em comemoração aos 80 anos de Ruy Bello:

Como escritor, o seu trabalho humanístico não encontrou obstáculos, pois a sua vocação logo se definiu pelos grandes temas de interesse geral, campo mais fértil de investigações e achados para o seu espírito sempre inquieto e arguto, permanentemente convocado para bem servir às causas comuns. Daí por que o seu apostolado da educação, numa vida quase toda voltada para o ensino de gerações, não se arrefecesse na porfia de outros caminhos, inclusive os estudos históricos, que tanto o têm dignificado e enaltecido, como homem de letras. O analista seguro e lúcido de nossos problemas educacionais pontificou admiravelmente em obras definitivas como *Notícia Histórica da Educação no Brasil*, *Princípios e Normas da Administração escolar* – esse último já na 6ª edição – e *Filosofia da Educação*, na 8ª edição e muitos outros. (Ferreira, 2001, p. 170).

Na classificação (Faria Filho; Vidal, 2003), uma divisão do percurso histórico em três pertencimentos expõe a História da Educação da seguinte forma: (1) pela tradição histórica do IHGB; (2) às escolas de formação para o magistério; (3) à produção acadêmica entre os anos

25 Termo de Jacques Le Goff. Cf. LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: História e Memória. Campinas, SP: Editora Unicamp, 1994.

26 O campo é um universo intermediário entre o texto e o contexto quando se busca compreender uma produção cultural (história, literatura, ciências, etc) em um estudo de pesquisa. “Esse universo é um mundo social como os outros, mas que obedece a leis sociais mais ou menos específicas” (Bourdieu, 2004, p. 20). No nosso caso, estaremos lidando diretamente com um campo científico. “Todo campo, o campo científico por exemplo, é um campo de forças e um campo de lutas para conservar ou transformar esse campo de forças” (*Ibid*, p. 22-23).

27 No caso brasileiro temos um grupo de historiadores que tem se preocupado com a história da História da Educação. Miguel, M.E.B; Vidal, Diana Gonçalves e Araujo, J. C. S; (2011). Gatti Jr. (2007); Aranha (2006), Lopes, E. M. S. T.; Galvão, A. M. O (2001), dentre outros.

1940 e 1970. Não faremos a escrita desses percursos históricos por ser um tema com uma vasta literatura que merece um texto a parte para enfatizar esta temática.

Os mesmos autores supracitados, ao descreverem o segundo pertencimento da História da Educação identificam ser este momento voltado para às escolas de formação para o magistério. Um grupo de educadores brasileiros produziram “manuais escolares” para serem utilizados nas Escolas Normais e Institutos de Educação, na década de 30 a 80 do Século XX.

Nesse grupo de intelectuais²⁸, Ruy de Ayres Bello se insere, pois publicou entre *manuais escolares*, destinados ao ensino profissional de formação de professores primários nas Escolas Normais e Institutos de Educação.

Lima e Gatti Jr (2016) analisaram manuais escolares de História da Educação, escritos e publicados por autores católicos²⁹, no período de 1936 a 1945. Um dos objetos dos autores foi demonstrar o engajamento perante as diretrizes e às concepções educacionais católicas nos textos destes manuais.

No tópico três (Ibidem) intitulado “*A obra de Ruy de Ayres Bello: ensino e política a serviço da fé católica*”, *destaca-se*:

Sua declarada vinculação com o catolicismo influenciará toda a sua vida, com desdobramentos não apenas em suas opções pessoais e profissionais, mas também na difusão ideológica e doutrinária da Igreja Católica presente em sua produção intelectual como, por exemplo: elaboração de manuais escolares voltados destacadamente para a formação dos docentes a atuarem no nível primário, enfaticamente. Ruy de Ayres Bello, além da atuação como político e professor, também redigiu obras especificamente voltadas à educação, visando a contribuição para o desenvolvimento do ensino, como intelectual e escritor de manuais escolares. Neste sentido, em linhas gerais, a atuação de Ruy de Ayres Bello é amplamente dedicada às atividades públicas, sendo diversas de suas obras pedagógicas manuseadas como recursos didáticos em cursos especificamente voltados para a formação de professores, influenciando diretamente a formação conteudista, metodológica e moral, fundamentada em marcos, doutrinas e pressupostos católicos. (Lima e Gatti Jr, 2016, p.15-16).

O vínculo com o catolicismo teve o impacto significativo em todas as áreas da vida de Ruy Bello, incluindo suas escolhas pessoais, profissionais e suas contribuições intelectuais. No exemplo dado, a ênfase na escrita de manuais para serem utilizados na formação dos docentes primários, com uma abordagem pedagógica baseada nos princípios e valores católicos.

²⁸ Dentre Eles: Afrânio Peixoto e Theobaldo Miranda Santos, escritores brasileiros de manuais pedagógicos.

²⁹ Cf.: Gatti Jr, Décio.; Lima, Geraldo Gonçalves de . As ideias católicas na produção editorial e na formação de professores no Brasil no Século XX. *Educativa* (Goiânia. Online), v. 19, n.2, p. 604-626, 2016.

Livros que refletem o compromisso do autor com a difusão ideológica e doutrinária da fé católica no campo da educação. Uma influencia diretamente na formação dos educadores em aspectos relacionados ao conteúdo, à metodologia e à ética, os quais são embasados em princípios, doutrinas e premissas católicas³⁰.

Os chamados ‘intelectuais’ exerceram e ainda exercem grande influência perante a sociedade. Segundo Bontempi Jr. (2007):

Ao longo do século XIX e ainda nas primeiras décadas do XX, o espaço público brasileiro era ocupado por homens que davam a si um estatuto de superioridade e responsabilidade social e que, sobretudo, eram assim reconhecidos e legitimados pelos grupos a que pertenciam. Uma volição dirigente os impulsionava à ação política e os legitimava a atuar como (re) organizadores da vida societária. Assim, tornou-se “um elemento comum entre os diversos grupos intelectuais a noção de que eles têm tanto uma responsabilidade política especial como o dever de exprimi-la” (Bontempi Jr., 2007, p. 81).

A pesquisa bibliográfica teve como corpus três obras da autoria de Ruy Bello, a saber: 1- Introdução à Pedagogia (1941- 1ª edição); 2- Filosofia Pedagógica (1953- 2ª edição) e 3- Memórias de um Professor (1982), sua autobiografia. Utilizou-se uma ficha de esboço (vide Anexo 02) para cada livro³¹.

O fazer histórico é uma operação que vai se materializando em uma escrita singular. Cada pesquisa tem a possibilidade de contribuir com uma história a partir de suas inquietações, das perguntas, da problemática, do recorte temporal e local e da seleção das fontes e, sobretudo o lugar de onde fala o pesquisador.

O problema de investigação desta pesquisa, partiu das seguintes constatações iniciais:

- A presença de Ruy de Ayres Bello no campo científico da educação, sendo legitimado como um intelectual católico representante para a historiografia educacional através da sua vida e obra em defesa da fé católica.

³⁰ Cf. CATANI, Denice Barbara. GATTI Jr, Décio. Manuais Disciplinares, Discursos Pedagógicos e Formação de Professores (Séculos XIX E XX) . Dossiê. Revista História da Educação (Online), 2019, v. 23: e93207 DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/2236-3459/93207>.

³¹ A história da leitura e do livro revela que inicialmente era algo restrito, pois uma grande parcela da sociedade em todo o mundo não sabia ler. Houve também na história momentos de censura e fiscalização do material impresso. A possibilidade da impressão, por exemplo, de livros, em larga escala, foi temida, ora pelos governantes, ora pela Igreja, que não queria desenvolver o espírito crítico do povo. “Uma vez escrito e saído das prensas, o livro seja ele qual for, está suscetível a uma multiplicidade de usos. Ele é feito para ser lido, claro, mas as modalidades do ler são, elas próprias, múltiplas, diferentes segundo as épocas, os lugares, os ambientes” (Chartier, 2003, p. 173). Criamos um apêndice com 21 títulos de artigos da autoria de Ruy de Ayres Bello que pretendemos analisa-los para outras pesquisas. Para uma discussão sobre práticas de leitura, consultar, entre outros, Abreu (2000) e Chartier (1998).

- A existência de uma lacuna de um estudo sobre a vida e obra do educador pernambucano Ruy de Ayres Bello.
- Pela sua inserção ao grupo de escritores católicos de manuais escolares para serem utilizados nos cursos de formação do professor primário nas escolas normais e institutos de educação.
- O expressivo alcance de reedições dos manuais de Ruy Bello no período de meados do Século XX, isto porque refletiam a predominância da visão cristã católica, servindo para a afirmação da educação finalista, espiritual e sobrenatural na formação dos educandos.

Fez-se uma busca através de sites de pesquisas³² para encontrar 58 evidências da inserção de Ruy Bello no campo científico. Uma revisão bibliográfica que fizemos para compor o mapeamento descritivo da produção acadêmica e científica que citava o nome de Ruy Bello.

Os dados coletados e analisados revelaram que, em alguns textos, as obras escritas por Ruy Bello são utilizadas como fonte principal das pesquisas ou aparecem citações de suas obras como obras consultadas na pesquisa. Segue em anexo (vide Anexo 01) a tabela das aparições quando se fez a busca, por meio do nome do autor Ruy de Ayres Bello³³.

Entendemos que não se esgotará às indagações em torno do objeto desta pesquisa. Há novas possibilidades de investigações para às fontes que analisamos sobre a vida e obra do intelectual Ruy de Ayres Bello.

A presente Tese, então, encontra-se dividida em cinco (5) capítulos:

O primeiro intitulado “*Ruy de Ayres Bello: formação social, moral e sua atuação*”, destina-se a apresentar os itinerários do sujeito desta pesquisa, Ruy de Ayres Bello. Alicerçados nas redes de sociabilidades cuidadosamente impenetrada por Ruy Bello. Traça o perfil de seus familiares e seu prestígio social, político, econômico, religioso e educacional, que permearam a história de vida de Ruy de Ayres Bello, desde o nascimento (1904) até o seu falecimento (1997).

O segundo intitulado “*O menino de engenho se torna professor*” aborda como Ruy Bello se torna professor e quais os espaços que este intelectual atuou na prática educativa escolar.

O terceiro cujo título é “*Ruy de Ayres Bello: o escritor e suas obras*”, através da trajetória de sua inserção na escrita de livros didáticos; o enfoque é para o estudo da produção dos livros didáticos destinados à formação de professores sob autoria de Ruy de Ayres Bello.

³² Portal de Periódicos da CAPES, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, Google Acadêmico, SciELO. No terceiro capítulo que trata dos manuais retornaremos a mencionar esta informação com outras análises.

³³ Em alguns trabalhos a nomeação do primeiro nome do autor é grafada como “Rui”, buscamos também dessa forma em nossa busca.

O quarto “*A educabilidade do homem através dos postulados de Ruy de Ayres Bello: por uma Educação Finalista, Espiritual e Sobrenatural*” compreende o modo como Ruy Bello interpretou em suas obras a finalidade do ato educativo na visão cristã católica.

O quinto e último capítulo, “*Ruy de Ayres Bello na Seara do Senhor*”, o intuito da escrita é apresentar os embates e combates vivenciados por Ruy Bello em defesa da fé católica.

CAPÍTULO I

RUY DE AYRES BELLO: formação social, moral e atuações

Figura 01: Engenho Queimadas. **Foto** da Capa do livro “Memórias de um Professor”³⁴



Fonte: Bello (1982).

³⁴ Ruy Bello descreve que a Casa grande do Engenho Tentugal (Barreiros) na qual viveram quatro gerações dos Albuquerque Bello.

CAPÍTULO I - RUY DE AYRES BELLO: formação social, moral e atuações

Em geral, nós, brasileiros, não nos preocupamos muito com essas questões de linhagem, estirpe, genealogia e coisas assim. Mesmo na classe média e razoavelmente letrada é muito comum que, talvez, a maioria ignore o nome de seus bisavós e até de seus avós. (Bello,1982, p. 33)

Este capítulo destina-se a registrar uma explanação de sua trajetória existencial o da classe social à qual pertencia, descrevendo as questões sociais que permearam a história de vida de Ruy de Ayres Bello, do nascimento (1904) até seu falecimento (1997).

Este contexto amplo de fatos, trata-se de um panorama-síntese de produções sociais que moldaram a estrutura e o modo de vida do sujeito, influenciando seus sentimentos e pensamentos, no que tange às ordens ética e moral, religiosa, nacionalista, intelectual e política.

Ruy Bello foi um homem ativo, labutou até a sua morte. “Na saudação ao amigo na Academia Pernambucana de Letras, o mestre Ruy João Marques destacara que ele "atingiu a idade da velhice, sem envelhecer” (Ferreira, 2001, p. 37).

1.1 Tempos de formação: menino de engenho

A minha terra, os meus pagos, eu a considero e sinto como tal toda aquela porção de terra que se estende da margem do Uma à margem do Persinunga, da praia até a mata, terra das minhas cidades de Barreiros e São José da Coroa Grande e daqueles campos por onde se espalhou outrora a minha gente, nos engenhos que foram de meus avós e seus herdeiros imediatos: Tentugal, Queimadas, Junco, Manguinho, tudo isso partes do mesmo chão e do mesmo céu. (Bello, 1982, p. 17)

Ruy de Albuquerque Bello nasceu em 05 de julho de 1904 em uma das casas do Engenho Queimadas, do município de Barreiros. Este Engenho pertencia ao seu tio materno Júlio Celso de Albuquerque Bello, que ficou responsável pela propriedade após o falecimento do pai.

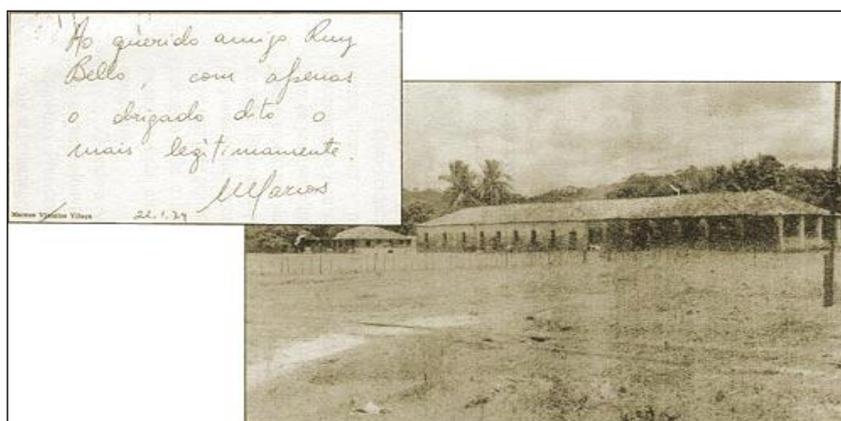
Um engenho dependendo da sua extensão de terras, aglomerava uma pequena povoação ao seu redor. Desse modo,

Tal conjunto arquitetônico reflete, em sua complexidade, uma série de aspectos da sociedade rural que o gerou: a estratificação social, as relações de produção, a tecnologia, o papel da religião, constituindo um microcosmo de seu tempo. Neste sentido, a arquitetura dos engenhos corresponde ao monumento histórico na sua duplicidade fundamental: a criação que, embora não planejada como suporte à memória, termina por se tornar, a posteriori,

pelos olhos do historiador e do esteta, objeto de saber histórico; e obra de arte ligada a uma sensibilidade presente (Choay, 2001, p.25-26).

Abaixo o retrato do Engenho Queimadas onde Ruy Bello nasceu:

Figura 2 - Engenho Queimadas³⁵.



Fonte: Site da ALEPE

Ao sopé do outeiro onde ficava a humilde casa dos seus pais corria um riacho onde os animais do pasto vinham matar a sede. E não só animais, mas servia o riacho para moradores da redondeza, em geral, que supriam de água para as suas necessidades caseiras e da lavoura.

O Nordeste teve um marco como centro de colonização e urbanização, e a empresa açucareira foi motivadora pela sua alta atividade socioeconômica no século XIX³⁶.

Nas últimas décadas do século XIX, apareceram as usinas, em substituição aos engenhos. Isto devido aos processos industriais que levaram os engenhos a entrarem em decadência.

Os engenhos no caso de Pernambuco, no início do século XX, tinha como principal função a produção de açúcar e de aguardente (cachaça), contribuindo para a economia da região. A infância de Ruy Bello foi neste cenário econômico:

Conciliar a pobreza vivida na infância com as glórias e o fausto dos ancestrais e dos parentes mais velhos requer humildade e tolerância, as quais não podem prevalecer nas atitudes do ser humano sob pena de leva-lo à acomodação, à fatalidade. Ultrapassar os obstáculos da vida requer, portanto, persistência, firmeza de caráter e determinação. Atributos reconhecidos pelo próprio pai, ao defini-lo como uma criança prodígio. Só assim se explica a

³⁵ Sobre esta foto, Ruy Bello escreveu: "O Engenho Queimadas, em cujas terras eu nasci. No primeiro plano, vê-se a fábrica com a casa de purgar e, atrás, a casa-grande, construída por meu avô, José Francisco Bello, nos meados do século passado. Nessa casa viveu toda a sua vida o meu tio Júlio Bello" O bilhete de Marcos Vinícius Vilaça, segundo Maria Helena Bello, refere-se à fotografia (Acervo: ALEPE - sítio oficial).

³⁶ Muito deve o Brasil agrário aos rios menores, porém mais regulares: onde eles docemente se prestaram a moer as canas, a alagar as várzeas, a enverdecer os canaviais, a transportar o açúcar, a madeira e mais tarde o café, a servir os interesses e às necessidades de populações fixas, humanas e animais, instaladas às suas margens; aí a grande lavoura floresceu, a agricultura latifundiária prosperou, a pecuária alastrou-se (Freyre, 2003, p. 98-99).

trajetória de Ruy de Ayres Bello que, nascido em 5 de julho de 1904, no Engenho Queimadas, município de Barreiros, na Mata Sul do Estado, até os oito anos não sabia o que era miséria, pois, sendo de família de senhores de engenho e políticos, se não viveu no luxo, pelo menos nunca soubera o que era passar necessidade. A família tirava o sustento da renda de um pequeno coqueiral em Alagoas³⁷, dos proventos do pai, como advogado, e da remuneração pela função de redator do jornal *A Província* (Ferreira, 2001, p. 13-14).

A maioria das casas de senhores de engenho foram demolidas, para dar lugar às plantações de cana-de-açúcar ou evitar invasões quando desocupadas. Isto ocorreu também no Engenho Queimadas. Onde havia a casa grande do senhor Júlio Bello (tio materno de Ruy Bello), considerada uma das mais belas casas de engenho do Estado de Pernambuco, tendo sido demolida.

Ruy descreve como um arruado com pouco mais de 10 casas, uma igreja e algumas construções - é o que restou de um dos mais famosos engenhos da região. Sobre Júlio Celso de Albuquerque Bello que tomava conta do Engenho Queimadas. Ele iniciou o ensino secundário e, depois no RJ, foi para Escola de Engenharia, mas regressou a Pernambuco e, logo depois, pelo falecimento do pai, José Francisco Bello, ocupou-se de cuidar das terras da família tornando-se senhor do Engenho Queimadas.

Abaixo, retratos de Júlio Celso de Albuquerque Bello e Alice de Albuquerque Coimbra, sua esposa:

Figura 3: Júlio Celso de Albuquerque Bello e Alice de Albuquerque Coimbra



Fonte: FUNDAJ

³⁷ O Estado de Alagoas fica em média 190km de Barreiros-PE onde localizava o Engenho Queimadas.

Figura 4 - Júlio Bello, em foto de 1936.



Fonte: Ferreira (2001, p. 176).

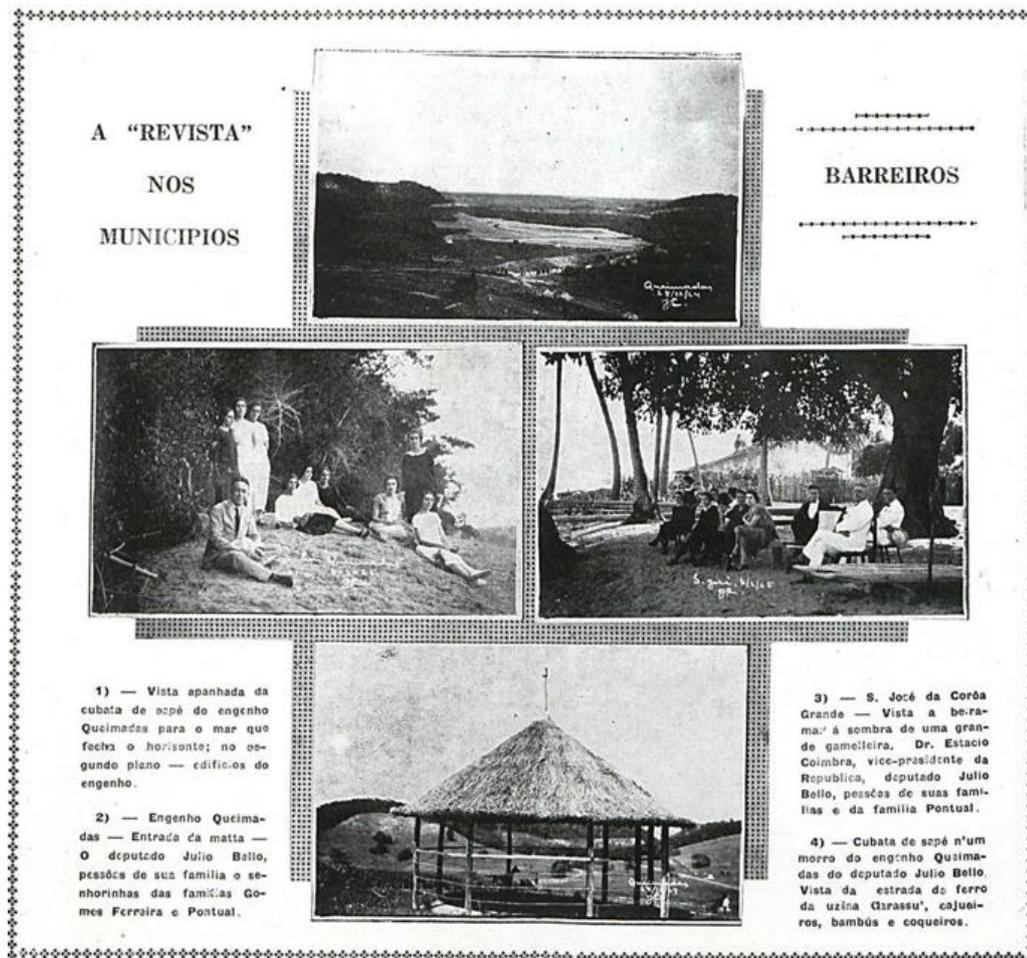
No Engenho Queimadas, Júlio Bello viveu toda sua vida, vindo a falecer em Recife, em 1952. Um homem que se ligava à história da sua genealogia, como Ruy Bello assim o considerava:

Meu tio Júlio Bello amava muito as coisas do passado e isso o levava a se interessar algumas vezes pela história da nossa família. [...] ele colhe informações de que um dos nossos antepassados fora nada menos do que o grande brasileiro Luiz Alves de Lima e Silva, Duque de Caxias³⁸ [...] (Bello, 1982, p. 33).

Existiam no sítio algumas pequenas moradas de gente simples, de certo modo agregada à ‘casa grande’ ou dela dependente. Abaixo, figura 5 detalhes do Engenho queimadas com o Sr. Júlio Bello em um momento de descanso pelas terras do Engenho com familiares e amigos.

³⁸ Sobre o assunto conferir a tese, Caxias e a formação do império brasileiro: um estudo sobre trajetória, configuração e ação política, de autoria de Souza, Adriana Barreto de. Tese (Doutorado em História Social). Universidade Federal do Rio de Janeiro, PPGHIS/UFRJ, 2004.

Figura 5: Detalhes do Engenho Queimadas



Fonte: Revista de Pernambuco. 1925, sn³⁹.

Júlio Bello tinha sua paixão pelas terras que herdou e viveu toda sua vida, chegou a escrever “Memórias de um senhor de engenho. Ele mantinha prestígio social por essa posse do Engenho. Como vemos noticiado no Diário de Pernambuco na sessão social a nota: “Chegou, ante-ontem, pelo cayru⁴⁰”, de regresso de sua viagem ao Rio, o sr. Julio Bello, senhor de engenho de Barreiros, conhecido escriptor e colaborador dos Diarios associados” (Diário de Pernambuco, 05.09.1940, p. 06).

Foi Júlio Bello na vida política deputado estadual, senador e governador interino do Estado de Pernambuco. Abaixo um trecho de uma saudação enquanto era Governador do Estado de Pernambuco: “O Sr. Júlio Bello governador do Estado recebeu do presidente do

³⁹ Legendas da imagem: (1) vista apanhada da cubata do sapé do engenho Queimadas para o mar que fecha o horizonte; no segundo plano – edifícios do engenho. (2) Engenho Queimadas – Entrada da mata – o deputado Júlio Bello, pessoas da sua família e senhorinhas da família Gomes Ferreira e Pontual. (3) S. José da Corôa Grande – Vista à beira-mar à sombra de uma grande gameleira. Dr. Estácio Coimbra, vice-presidente da República, deputado Julio Bello, pessoas de suas famílias e da família Pontual. (4) Cubata de sapê n'um morro do engenho Queimadas do deputado Júlio Bello. Vista da estrada de ferro da usina Carassu, cajueiros, bambús e coqueiros.

⁴⁰ Navio pertencente a Cia. de Navegação Loyd Brasileiro.

Estado da Parahyba o seguinte telegrama: “sou muito grato v. exc. pelas delicadezas prestadas a minha família na passagem ahi”. Abraços – João Pessoa (Jornal Do Recife, 21.03.1939, p. 2).

Do Riacho dos Bois a família mudou-se para São José da Coroa Grande⁴¹ por pouco menos de dois anos, quando em 1908 mudaram para Barreiros. Cf. a Figura 6 a respeito da localização entre Barreiros (ao sul) e Recife, a capital de Pernambuco.

Figura 6 - Mapa atual do Estado de Pernambuco com destaque entre Barreiros e Recife.



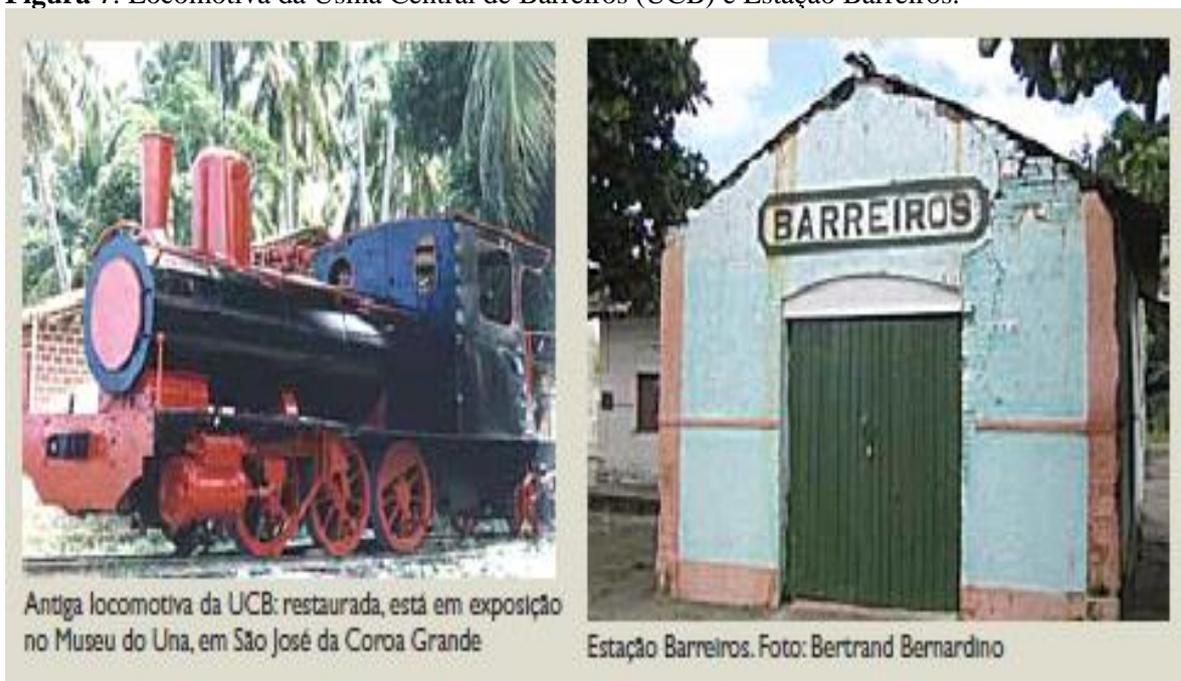
Fonte: <https://www.ibge.gov.br/geociencias>

Em 1908, quando ali chegara a família de Bello, foi instalado o trem de ferro. A atual Prefeitura do município localizada na Rua Ayres Belo, nome do pai de Ruy Bello.

Sendo Barreiros uma cidade do interior, é notório mencionar que as pequenas cidades ou comunidades do interior permaneciam estranhas aos habitantes da capital e de algumas cidades maiores que “aspiravam, pelo menos ao cosmopolitismo, com seus jornaizinhos de 4 páginas, seus clubs de horticultura e suas pompas patrióticas, nos feriados nacionais. “Dentro do Estado, as diversas regiões – litoral, agreste e sertão – viviam hábitos culturais distintos” (Galvão, s/d., p. 20). A Figura 7 a respeito do trem de ferro e a estação Barreiros e a figura 8 uma vista panorâmica de Barreiros:

⁴¹ São José da Coroa Grande é um município brasileiro do estado de Pernambuco, situa-se a 13 km de Barreiros.

Figura 7: Locomotiva da Usina Central de Barreiros (UCB) e Estação Barreiros.



Fonte: Jornal Gazeta Nossa. Caderno Especial pelos 154 anos de Barreiros, 19/07/2014.

Figura 8 – Barreiros



Fonte: Revista de Pernambuco, abril de 1925, s.p.

A vida de Ruy Bello em Barreiros foi da infância com seus quatros anos até a fase adulta. Fato que rendeu muitas memórias. Foi o município de Barreiros pelas mãos de Ruy de Ayres Bello. memorizado quando escreve o livro “Barreiros, história de uma cidade” pela Editora Universitária do Recife em 1967 e depois com a obra “Breve história do município de

Barreiros em 1984, editado pela Prefeitura Municipal de Barreiros especialmente para ser adotado nas escolas do Município⁴².

Ayres de Albuquerque Bello e Aurora Nunes Acioly⁴³ eram os pais de Ruy Bello. Seus avós paternos José Francisco Bello e Maria Cândida de Albuquerque Bello, tiveram 10 filhos.

Abaixo a figura 09 da vó paterna de Ruy Bello:

Figura 09: Maria Candida de Albuquerque Bello. Avó paterna de Ruy Bello.



Fonte: FUNDAJ

⁴² Ruy de Ayres Bello, aparece citado como o parlamentar que iria conduzir essa preocupação de levar a história do município para o currículo das escolas municipais em Lagoa dos Gatos. *CARTAS À REDAÇÃO*: [...] acrescenta-se ainda, em preparo com serviços bem adiantados, e confecção de uma: Monografia do Município de Lagoa dos Gatos para o uso das suas Escolas - compêndio planejado em Reunião Ordinária do C.E.H. Municipal, ficando incumbido da redação do documento a ser encaminhado ao Poder competente Estadual, o prof. Ruy de Ayres Bello, já autor da Monografia do Município de Barreiros, a primeira das monografias escolares de Pernambuco (Diário de Pernambuco. 29.10.1979, pág. A-6). Em 1981 é publicado o livro “História de Lagoa dos Gatos” pelo Centro de Estudos de História Municipal por João Pereira Callado. Lagoa dos Gatos é um município brasileiro do estado de Pernambuco. Ver: <https://lagoadosgatos.pe.gov.br/>. Curioso que quando adquirir o meu exemplar veio dentro do livro duas cartas ofício. Em uma, o indivíduo solicitava a prefeitura de Barreiros a doação de um exemplar do livro e na outra ele acusa o recebimento e agradece o envio. O prefeito no ano de 1984 quando o livro foi editado era o Ilmo. Sr. Inaldo Ferreira dos Santos.

⁴³ A mãe fora criada com uma tia que enviuvou. Fez o curso primário, aprendeu artes domésticas e a tocar um pouco de piano. Casou-se com 16 anos. Foi acometida de bexigas e doença da mente. Ruy Bello comenta que sempre foram unidos, nunca houve desavença além das brigas infantis de uma família numerosa.

Figura 10– Francisca de Albuquerque Bello. Tia paterna⁴⁴.



Fonte: FUNDAJ

Figura 11 - Avô materno de Ruy Bello, chamava João Batista Accioly: “No seu uniforme de gala de Coronel da Guarda Nacional”



Fonte: Bello (1982, sp)

⁴⁴ Ela era a irmã mais velha do pai de Ruy Bello e mãe de Estácio Coimbra.

Figura 12: Avó materna de Bello Antonia Felisberta, com seus tios João Batista Accioly e Ambrosina Nunes Accioly



Fonte: Bello, 1982, sp.

Foram ao todo, igual seus pais, dez os filhos de Ayres Bello, sendo que dois morreram crianças vitimados pelas bexigas⁴⁵ e quatro morreram adultos. Sobre a morte de uma das irmãs de Ruy Bello saiu a nota no Jornal Diário de Pernambuco.

Faleceu, ante-ontem, nesta cidade, a sr. Maria Antonieta Belo Correia. A artista era casada com o sr. José Aureliano Correia e deixa quatro filhos: as srtas. Terezinha e Aurora Marta e os menores Vinícios e Zelia. Era filha do sr. Ayres Belo, já falecido e da sra. Aurora Belo. São seus irmãos, os srs. Ayres Belo, Waldemar Belo e a sras. Maria Dena Belo Lopes, esposa do sr. Pacifino Lopes, Maria do Carmo Guaraná, esposa de Edesio Guaraná e Maria da Conceição Belo, esposa do sr. Wladimir Belo. (Diário de Pernambuco. 05.04.1946, p.11).

Ruy Bello integra uma família de políticos.

O bisavô (materno) era o coronel João Batista Accioly, senhor de vários engenhos, foi deputado provincial em várias legislaturas. O avô (materno), outro João Batista Accioly, também Coronel da Guarda Nacional.

⁴⁵ Cf. Freitas, Octavio. Os nossos médicos e a nossa medicina. Recife, 1904, p.13. In: A epidemia da varíola no Recife, 1904.

Seu pai, Ayres Bello⁴⁶, entrou na política muito moço. Foi deputado à Constituinte do Estado de 1891, e logo depois ascendia à Câmara Federal onde pouco permaneceu, uma vez que sobreveio a dissolução do Congresso pelo presidente da República Marechal Deodoro da Fonseca. Tinha Ayres Bello uma das mãos aleijadas, por isso não escrevia os seus discursos⁴⁷.

Sobre seu perfil, seu sobrinho o descreveu: “Era uma bela estampa de homem, alto, claro, cabelos em ondas, excelente timbre de voz, espontânea e quente oratória, abundância de tropos retóricos, segundo o estilo da época” (Bello, 1982, p. 39).

Abaixo a figura 13 trazendo o rosto de Ayres Bello:

Figura 13: Ayres de Albuquerque Bello, pai de Ruy Bello com seus 24 anos de idade, quando era deputado à Câmara Federal em 1891



Fonte: Bello (1982, sp)

⁴⁶Ayres de Albuquerque Belo formou-se pela Faculdade de Direito do Recife. Iniciou sua vida política depois da proclamação da República (15/11/1889), sendo eleito deputado estadual em Pernambuco. Durante sua atividade parlamentar, fez forte oposição à facção política liderada por Francisco de Assis Rosa e Silva. Depois da renúncia do deputado federal pernambucano José Joaquim de Almeida Pernambuco, que havia sido eleito senador, assumiu uma cadeira na Câmara dos Deputados no dia 21 de agosto de 1893. Seu mandato findou em dezembro. Depois desse período, dedicou-se à atividade agrícola no município de Barreiros (PE). Diante da reconfiguração política que ocorreu em Pernambuco em 1911, com a chegada ao poder de Dantas Barreto, pretendia voltar a concorrer às eleições legislativas, mas não chegou a fazê-lo. Foi redator do jornal *A Província* e colaborou com os periódicos *Seis de março* e *Tribuna acadêmica*, todos de Pernambuco. Faleceu em 28 de novembro de 1912 (Verbete do *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro* do CPDOC/FGV. Disponível em <http://www.cpdoc.fgv.br>).norde

⁴⁷ Em Barreiros (PE) há uma rua que leva o nome “Ayres Bello” pai de Ruy Bello.

Ayres Bello exercia a função de advogado, aparecendo seu nome mencionado na lista de profissionais de Barreiros.

Profissões

Advogados:

Dr. Ayres de Albuquerque Bello

Dr. Estacio de Albuquerque Coimbra

Dr. Luiz do Rego Cavalcanti

Dr. Paulo Guedes Nogueira

(Almanak Laemmert: Administrativo, Mercantil e Industrial (RJ), 1911, p. 3600 (grifos nosso).

Ruy Bello relata que conheceu pouco o pai, pois ele veio a falecer quando ele tinha oito anos. Faleceu Ayres Bello no dia 28 de Novembro de 1912, com 45 anos⁴⁸. Em Barreiros, houve consternação pelo ocorrido e aos arredores por onde se “irradiava a fama de suas benemerências” (Bello, 1982, p. 39).

O tio (materno), o terceiro João Batista Accioly, senhor de engenho e político. Formou-se em engenharia civil, pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro. Elegeu-se em 1913, deputado federal e depois foi Governador de Alagoas.

O primo (paterno) José Maria Bello, fez o curso primário e secundário. Exerceu importantes funções públicas na diplomacia e na política.

Foi senador e governador de Pernambuco⁴⁹. Escreveu livros de críticas literária, de história e de ficção. Recebeu o prêmio Machado de Assis como o romance “Exilados” premiado em 1959 pela Academia Brasileira de Letras. Escreveu também o livro, sua autobiografia, com o título “Memórias”⁵⁰. Conferir abaixo a foto de perfil de José Maria Bello

⁴⁸ Seu pai de algum modo foi vítima de um preconceito de cor. Quando seu pai passou mal já a tardinha em Recife, seu irmão fora procurar um médico e encontrou o Dr. Vicente que era preto, após examinar o doente diagnosticou o mal como pneumonia grave e prometeu retornar no dia seguinte. Um amigo também médico ao saber do ocorrido correu lá e mandou substituir toda medicação pois afirmou não se tratar de pneumonia, mas uma gripe forte e em tom de censura disse ao irmão de Ruy Bello: Meu filho, pois numa terra com tanto médico branco, você traz um negro para tratar [...] No dia seguinte morreu Ayres Bello e no atestado de óbito constou pneumonia (Bello, 1982, p.45).

⁴⁹ José Maria de Albuquerque Belo nasceu em Barreiros (PE) em 1885. Iniciou os estudos em sua cidade natal e prosseguiu-os em Recife, cidade para onde se transferiu depois que sua família, de tradição usineira, vendeu suas terras e seu engenho para o primo Estácio Coimbra, deputado federal, governador de Pernambuco e vice presidente da República durante o governo de Artur Bernardes (1922-1926). Verbetes do *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro* do CPDOC/FGV. Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br>

⁵⁰ SANTOS, Evson. (2003) em seu texto ‘O compadrismo e o clientelismo nas escolas em Recife do início do Século XX até ao seu meado faz a seguinte citação: Todos os autores dos livros de memórias foram personagens do poder instituído. Assumiram cargos públicos (administrativos ou políticos - R. A. Bello, S. Rabello, Z. M. C. Cavalcanti, W. Oliveira, D. Chacon), participaram do movimento regionalista (G. Freyre, O. Montenegro), eram donos de propriedades rurais (R. A. Bello). As suas publicações de memórias e reflexões de um determinado tempo histórico sobre a educação e sua instituição datam, quase todas, da década de 70 e 80, período do governo militar - com exceção dos textos de G. Freyre e O. Montenegro (particularmente este último, editado em 1943 e reeditado em 1979). (p. 3).

Figura 14: Foto de José Maria Bello



Fonte: A Província, 08.04.1930, p.6.

Dentre os políticos da família, menciona Ruy Bello (1984) ser o seu primo Estácio Coimbra⁵¹, certamente o mais ilustre e benemérito filho de Barreiros. Ocupou diversos cargos políticos no estado de Pernambuco e teve atuação também pelo Brasil.

Foi Estácio Coimbra, eleito prefeito do município de Barreiros em 1894, Deputado Estadual em 1895, e Deputado Federal em 1899. Foi vice-presidente da República do Brasil, durante o mandato de Campos Sales entre 1898 e 1902⁵².

Estácio Coimbra retornou à política como deputado federal nos anos de 1915, 1918 e 1921, sendo eleito vice-presidente da República na chapa de Artur Bernardes, exercendo o mandato entre 1922/26 acumulando o cargo com a função de presidente do Senado Federal.

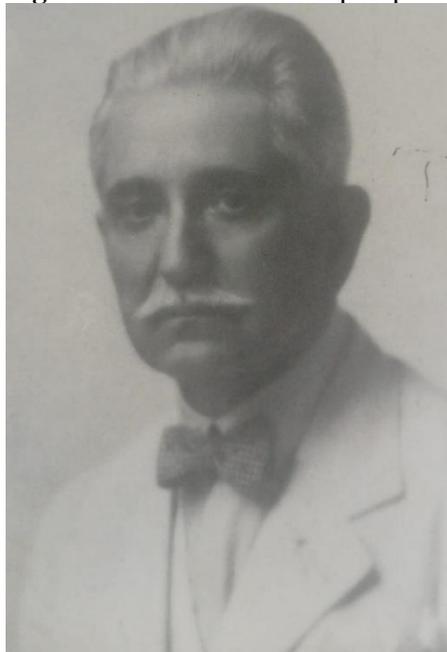
Retornou ao governo de Pernambuco onde permaneceu de 1926 a 1930 sendo destituído com o irromper da Revolução de 1930, cujo êxito o faz deixar o país às pressas.

⁵¹ Estácio de Albuquerque Coimbra nasceu no engenho Tentugal, no município de Barreiros (PE), em 22 de outubro de 1872, filho primogênito de João Coimbra e de Francisca de Albuquerque Belo Coimbra. [...] O INÍCIO DA VIDA POLÍTICA - Em julho de 1894, Estácio Coimbra colaborou na organização do Partido Republicano de Barreiros [...] Estácio Coimbra faleceu em Recife, para onde fora transferido ao adoecer, no dia 9 de novembro de 1937. (Verbete do *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro* do CPDOC/FGV. <http://www.cpdoc.fgv.br>).

⁵² Sobre sua família e a forte ligação com alguns deles, foi traduzido nos textos que escreveu em formas de artigos ou livros, tais como: *Meu Tio Julio Bello* (Recife: edição do autor, 1974). Seus familiares também foram memorialistas: Seu tio escreveu “*Memórias de um Senhor de Engenho*” (Publicação pela Editora José Olympio em 1948). Seu primo, José Maria Bello, publicou o livro “*Memórias*” também pela Editora José Olympio 1958. Ruy Bello também escreveu *Lembranças da infância e juventude*. Recife: APL, 1989. E sua autobiografia, *Memórias de um Professor*, escrita em 1982.

Embarcou na praia de Tamandaré com destino ao exílio na Europa em companhia de Gilberto Freyre, então seu secretário particular⁵³. A figura 15 com o retrato de Estácio Coimbra:

Figura 15: Estácio de Albuquerque Coimbra, primo de Ruy Bello



Fonte: Bello, 1982, sp

Foi ele fundador do Partido Republicano de Barreiros. Esta filiação partidária de Estácio Coimbra trouxe certa desarmonia com o pai de Ruy Bello. Uma das evidências é relatada em sua autobiografia:

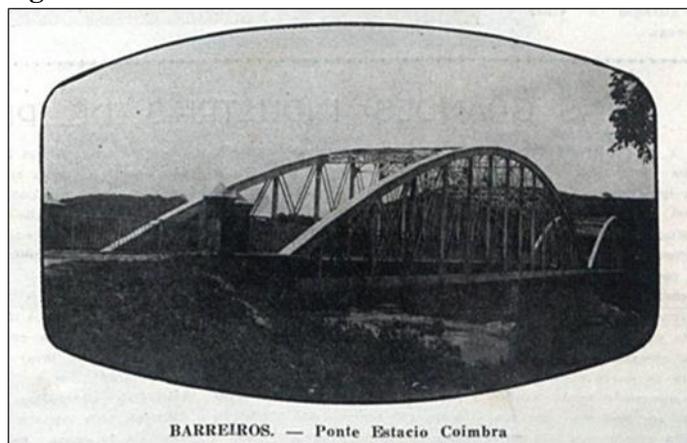
[...] Lembro-me de que lhe foi oferecido um emprego público, uma Coletoria Federal numa cidade próxima de Recife. Itamaracá, se não estou enganado. Lembro-me bem disso porque o fato deu ocasião a grandes expansões de alegria aos de nossa casa, sempre amargurada pela pobreza, pobreza ultimamente agravada com o estado de saúde de meu pai que não lhe permitia mais os grandes esforços que lhe reclamavam seus trabalhos de advogado e jornalista. Mas meu pai recusou o emprego. Recusou esse como outrora, em igual situação, recusara outro que lhe foi oferecido por Estácio, então no Governo do Estado. Por intermédio do tio Júlio, mandou Estácio um recado a meu pai dizendo-lhe que ele podia escolher em Pernambuco qualquer cargo público que lhe conviesse que a sua nomeação seria feita imediatamente. Meu pai, porventura já decepcionado com o rumo que vinha tomando a campanha política de que participava, não deixava, entretanto de se sentir ainda comprometido com os seus companheiros de luta. Por isso julgou o oferecimento de Estácio impertinente e até mesmo menos airoso e, sem qualquer hesitação, com a impetuosidade com que reagia contra qualquer palavra ou ato que lhe ferisse os brios, assim se manifestou ao seu

⁵³ Sobre o assunto: Cf. *Dicionário histórico-biográfico brasileiro 1930-1983*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1984. p. 829-832. e. VAINSENER, Semira Adler. *Estácio Coimbra*. Pesquisa Escolar Online. Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: 05/05/2013.

irmão Júlio: “Diga a Estácio que pendure o emprego dele no pescoço”.
(Bello, 1982, p. 45-46).

Uma das pontes no município Barreiros/PE leva o nome de Estácio Coimbra.

Figura 16 - Ponte Estácio Coimbra



Fonte: Revista de Pernambuco, abril de 1925, n.p.

O nome do pai de Estácio Coimbra, pós-morte, foi para o Colégio Agrícola João Coimbra Estácio foi também homenageado dando nome ao “Grupo Escolar Estácio Coimbra – posteriormente Ginásio Municipal dos Barreiros – que hoje funciona como Colégio Municipal José Canuto, fundado em 04 de abril de 1949, na segunda administração do dinâmico Prefeito José Canuto Santiago Ramos (1947-1951).

Figura 17: Grupo Escolar Estácio Coimbra



Fonte: Revista de Pernambuco, 1925, n.p.

Uma série de conferências foram organizadas pelo Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais em Recife para as comemorações do Centenário de Estácio Coimbra. Ruy de Ayres Bello figura entre os convidados conforme saiu publicado a notícia no jornal da cidade⁵⁴.

Conferências assinalarão o centenário de Estácio

[...] o programa em comemoração ao centenário de nascimento do ex-governador pernambucano Estácio Coimbra. As comemorações serão iniciadas no dia 23 de outubro, com conferências do escritor Gilberto Freyre, presidente do conselho diretor do IJNPS, e do advogado Antiógenes Chaves. A conferência do escritor Gilberto Freyre, - “Estácio Coimbra, homem Representativo” - será pronunciada no Instituto Joaquim Nabuco de pesquisas Sociais. O sr. Antiógenes Chaves falará sobre “Estácio Coimbra. Tipo de Aristocracia Democrática”, na Assembleia Legislativa de Pernambuco. Também no dia 23, no Salão de Exposições do IJNPS, será inaugurada uma amostra de objetos que pertenceram a Estácio Coimbra. Vários objetos pertencem ao Arquivo Público do Estado dirigido pelo poeta Mauro Mota. As comemorações prosseguirão com conferência do escritor **Ruy de Ayres Bello**, que enfocará “**Estácio Coimbra, o Senhor do Engenho, o Político e o Homem**”, na Academia Pernambucana de Letras. No Instituto de Educação de Pernambuco, o professor Waldemar Valente, diretor do Departamento de Antropologia do IJNPS, pronunciará palestra sobre “Estácio Coimbra - A reforma Carneiro Leão e a Cadeira de Sociologia na Escola Normal”. O encerramento das comemorações está previsto para o dia 27 de outubro, com conferência pelo escritor Renato Carneiro Campos, diretor do Departamento de Sociologia do IJNPS, que abordará o tema “Estácio Coimbra - Um tipo de Político Conservador”. (Diário de Pernambuco – primeiro caderno. 27 de Setembro de 1972, p.5-grifos nossos).⁵⁵

O que começa a prevalecer nas arquiteturas da cidade de Barreiros no início do século XX era o que se via em todo país. Naquele tempo “a embriaguez do novo: botar abaixo sobrados coloniais para no lugar erguerem-se edifícios de estilo moderno” (Rezende, 1996, p. 55).

A cidade de Barreiros foi um local importante na trajetória de vida de Ruy Bello. Nas relações pessoais nos tempos de sua formação da infância a juventude.

1.2 Tempos de formação: menino da cidade

Barreiros

O prof. Jaime de Oliveira, diretor da Escola Politécnica de Pernambuco, visitando recentemente Barreiros, disse que teve agradável reencontro com velhos amigos barreirenses dos bons tempos das calças curtas, citando Luiz Mendonça, Ruy de

⁵⁴ Das contradições políticas vividas entre o tio e o sobrinho, não prevaleceu entre os primos que proferiu algumas palestras em homenagem a Estácio Coimbra.

⁵⁵ Dessa programação o Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais lançou o livro Estácio Coimbra - Homem representativo do seu meio e do seu tempo, reunindo as conferências que foram proferidas no evento (Diário de Pernambuco, 11.09.1973- classificados).

Ayres Bello, ex-prefeitos Jaime Vasconcelos, Clóvis Tenório, Edmundo Celso e outros conterrâneos. (Diário de Pernambuco, Sexta-Feira, 9 de Abril de 1971, p. 9 - grifos nossos)

Como menino, Ruy Bello aproveitou o que pôde dos festejos que chegavam em Barreiros. O cinema só chegou na cidade em 1920, antes disso Ruy Bello considera que os divertimentos eram as funções populares, hoje chamada de folclóricas, que se promoviam frequentemente na cidade. Fandango, Barca, Marujadas ou Nau Catarineta⁵⁶ eram atrações que Ruy Bello participava para divertir.

O crescimento de Ruy Bello até a fase adulta como mencionamos anteriormente, aconteceu em Barreiros. Esse período foi marcado por questões significativas no campo político e social em todo país que concorreram para a mudança do regime monárquico para o republicano, a ideia que predomina é a do “progresso”⁵⁷ da “modernidade”⁵⁸.

No centro da praça, graças **ao bom senso das autoridades municipais, que souberam resistir às “exigências do progresso”**, permanece ainda algumas das diversas castanholeiras centenárias que, com suas largas frondes embelezam o ambiente e amenizam o calor nas horas de sol alto, além de filtrar os excessos de luminosidades que há ali [...] Nossa casa em São José era situada bem à beira-mar, quase entrando de mar a dentro, pois ficava no extremo de um pontal. De um lado e de outro alongavam-se as enseadas, de modo que nas marés altas, o mar quase nos cercava, as ondas se embatendo de encontro á varanda da frente, o que me causava uma sensação de deslumbramento e, ao mesmo tempo, de medo (Bello, 1982, p. 19 - grifos nossos).

A associação de moderno ser algo novo, simbolizar um avanço, um progresso é uma invenção histórica. A ideia de progresso foi construída no século das luzes. “Vitória das luzes

⁵⁶ O Fandango é outro folguedo que Waldemar dá bastante importância nos dois livros “Espetáculo popular, baseado em motivos marítimos, é também chamado de Marujada, Chegança de Marujos, Marujos, Barca, Nau Catarineta” (pág. 28), alguns desses autos reproduzem a luta de mouros e cristãos. Apresentam-se no ciclo natalino (Cf. Bezerra, 2008, p.07) O impacto dessas diversões talvez tenham influenciado o autor na colaboração da obra ‘Antologia Pernambucana do Folclore’. Organizado por Waldemar Valente e Mario Souto Maior. A primeira edição da obra é do ano de 2001 pela Editora Massangana.

⁵⁷ “Progresso, progredir e o neológico “progressismo” os termos com conotações comuns na linguagem coloquial, talvez de todos os países do mundo. De John Dewey a Anísio Teixeira e Lourenço Filho, formaram-se correntes de pensamento que abriam amplas perspectivas alvissareiras em torno da educação progressiva que deu origem ao movimento da “escola nova”, escola ativa, moderna enfim. “Progresso” passou a ter um sentido de adiantamento, desenvolvimento, aperfeiçoamento, evolução, superação do conservadorismo anacrônico, rígido, autoritário, repressivo e, no caso da escola, punitivo e liberticida”. (Schneider, 1986, p.3).

⁵⁸ “A Modernidade é uma consciência cultural que se propõe como um projeto ou seja, algo que se lança para adiante. Revela ideais, crenças e aspirações, os quais, em suma, afirmam que cabe ao homem conhecer suas capacidades como sujeito da história. Seria a Modernidade um ideal que situa no sujeito humano o projeto que ele faz de si mesmo, situa no sujeito humano o destino de sua história, cabendo tão somente ao homem e à sociedade buscar traçar o seu destino, mas nele interferindo e avaliando-o. Nesse sentido, a historicidade humana é posta como o lugar do homem, cabendo-lhe descobrir na história o sentido de sua humanidade” (ARAÚJO, 2006, p.1-2).

e da razão sobre as trevas e a ignorância, alicerce das sociedades modernas, garantia de paz, de liberdade, da ordem e do progresso social; de regeneração da nação” (Souza, 1998, p.26).

Substituir um governo e construir uma nação, esta era a tarefa que os republicanos⁵⁹ tinham de enfrentar. E a República se instala no país. Em Recife a notícia da Proclamação da República chegou às três horas da tarde do mesmo dia em que foi proclamada pela manhã.

A capa do Jornal Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro do dia posterior a República estampava o perfil do Dr. Benjamin Constant e Marechal Deodoro da Fonseca (Cf. Jornal Gazeta de Notícias. Rio de Janeiro, 16/11/1889).

Expoentes da Proclamação. O que podemos verificar é o desprendimento desses cidadãos, na sua demonstração de adesão a República⁶⁰. Segundo Monarcha, era este o momento de progresso, de avanço, de esperança, o tempo de melhorias de oportunidades e de igualdade de condições de vida e de cidadania.

Dentre as inúmeras idealizações e concretizações que visam a estabilizar e perpetuar o regime recém-instalado, ressaltam-se aquelas relativas a instrução pública, que nesse momento assume características de uma quase religião cívica, cuja finalidade é dotar a sociedade de coesão, mediante a educação dos novos – povo e criança – recém-chegados à vida republicana (Monarcha, 1999, p. 101-102).

Um regime democrático, que marcara o início da democracia – termo que na época era entendido como republica. Sobre esta expectativa popular e democrática escreve Ruy Bello:

A fonte da virtude é uma só: a República, o único regime que conferindo igualdade política permitia a qualquer homem, mesmo os de origens obscura e humilde, chegar a presidência da República ou à propriedade de uma fábrica sem nenhuma necessidade de explicar as diferenças concretas entre os homens. (Bello, 1982, p.21).

Seguiram os primeiros momentos da República, que compreendem o final do século XIX e início do século XX, houve um contexto marcado pela busca por modernização em diferentes aspectos da sociedade. No aspecto político, a instauração do regime republicano foi em si uma tentativa de modernização política, rompendo com o sistema monárquico e

⁵⁹ Os republicanos tinham de enfrentar esses desafios. Mais ainda, em boa parte a opção pela república e o modelo de república escolhido tinham a ver com a solução que desejava para tais problemas (cf. Carvalho, 1998, p. 23).

⁶⁰ A partir de 1896 a República firma-se em Pernambuco, com o governo de Correia de Araújo, o comando do Conselheiro Francisco de Assis Rosa e Silva, - a muito falada ‘oligarquia’ marreta, - nas sucessivas administrações de Gonçalves Ferreira, Sigismundo Gonçalves, Herculano Bandeira – até 1911, quando desabou o vendaval da ‘salvação’ hermista, cujo desfecho, no Estado, seria a eleição do General Emídio Dantas Barreto (Cf. PORTO, 1986).

buscando estabelecer princípios democráticos, como a separação dos poderes e a garantia de direitos individuais.

1.3 Tempos de formação: período de aluno e o autodidatismo

Ruy Bello reconhece que foi o pai o primeiro a ensinar as lições da vida. Sua primeira escola em que esteve foi a do seu pai. “Sim, ele foi meu primeiro professor, não só como é ou deve ser qualquer pai, mas num sentido mais estrito, o de professor que não apenas educa, mas instrui, ensina (Bello, 1982, p. 85).

Nessas trocas entre o pai e Ruy Bello, prevalecia o desejo de sair da acomodação, ultrapassar os obstáculos da vida, portanto, persistência, firmeza de caráter e determinação. Atributos reconhecidos pelo próprio pai, ao defini-lo como uma “criança-prodígio”.

Essas lembranças do passado permeiam as ações de Ruy de Ayres Bello, sempre preocupado com a educação, um comportamento herdado do pai, que via no último dos seus filhos varões um *menino prodígio*. O garoto Ruy sempre estava ao lado do pai, aprendendo História, Geografia, Literatura e decorando poesia. Como o menino tinha boa memória, não só decorava poesias, como retinha, com facilidade, informações sobre Ciências. Com isso, o pai ganhava um importante auxiliar, pois como tinha um defeito na mão direita, não podia escrever. (Ferreira, 2001, p. 8)

Ruy escreve o que ele aprendia com o pai: coisas de Ciências, de Geografia, História, Lições de Coisas⁶¹, rudimentos de leitura e escrita. O lugar de estudo era o alpendre de sua casa. O material didático era o terraço de cimento que servia de quadro-negro e o giz, que eram pedaços de tijolos. O livro de leitura era o jornal “A Província” que chegava em sua casa diariamente.

Mas, com a morte do pai, Ayres de Albuquerque Bello, o então menino Ruy de Albuquerque Bello viu que a vida tinha suas armadilhas e não se restringia ao engenho onde nascera... E, para enfrentá-las, com mãe e irmãos, teve que mudar, em 1915, para uma casa de porta e janela na Rua Dom Luís, em Barreiros. E aí começa a epopéia de **Ruy de Ayres Bello**, que mudou o nome para homenagear o pai que lhe ensinara as primeiras letras e lhe introduziu no mundo da literatura. (Ferreira, 2003, p. 8 – grifos nossos)

Antes de completar 8 anos Ruy Bello foi para a escola junto com seu irmão. Coursou apenas a escola primária, mas de uma forma bastante mal, muito irregular. Era uma escola particular do Professor Guaraná. Lembra ele que a classe que estudava era muito

⁶¹ Descrevemos duas explicações para este método de ensino segundo Valdamarin (2000): “as lições de coisas são concebidas como atividades que contemplam diálogos e uso didático de objetos, sendo mais adequadas a áreas específicas de conhecimento e como recurso para despertar o interesse dos alunos” e “as lições de coisas são um método geral de ensino ao qual todos os conteúdos devem ser submetidos” (Valdamarin, 2000, p.79).

‘promíscua⁶²’, do ponto de vista social. Havia meninos da classe média, filhos de negociantes, de empregados públicos e até de senhores de engenhos, como havia filhos de artesãos, de trabalhadores braçais, de domésticos etc.

A propósito quero fazer um reparo: nunca pude entender bem como, sendo meu pai um homem absolutamente isento de qualquer preconceito de classe, consentisse (não creio que a tenha solicitado) na providência adotada pelo professor Guaraná de nos colocar a mim e a meu irmão em lugar separado da classe, em duas cadeiras especialmente destinadas “aos filhos do dr. Ayres⁶³”. Cadeiras, aliás, muito impróprias, simples cadeiras austríacas, de junco, onde nos sentávamos com as pernas balançando. (Bello, 1982, p. 87)

Após a morte do pai, Ruy Bello e seu irmão Antímio, saíram da escola do professor Guaraná e foram para a escola do primo Arthur. Ruy Bello rememora a figura desse professor na sua autobiografia: “Homem dos seus quarenta anos, boníssimo de coração, muito inteligente, com razoável ilustração literária. Arthur era, sobretudo, poeta, vivendo toda a sua vida no mundo da poesia. E a sua ‘escola’, até certo ponto, ele a transformava em parte desse mundo” (Bello, 1982, p.90).

Tinha doze (12) anos em 1916 quando voltou Ruy Bello a frequentar a escola do professor Guaraná por apenas um ano. No ano seguinte fora para a escola da Professora Amália Leitão. “Era professora particular, sendo sua classe limitada a duas ou três dezenas de alunos. Profundamente religiosa. Falava fluentemente o francês e razoavelmente o inglês. D. Amália incluía o ensino dessas línguas em suas aulas” (Bello, 1984, p. 63).

A professora D. Amália, além de muito inteligente e aberta a todas as questões culturais, era profundamente religiosa:

[...] vivia um catolicismo esclarecido, coerente, atuante, e isto é que servia de inspiração fundamental à sua ação educativa. Possuía também alto senso de civismo, o que a levava a se interessar ativamente pela política, mantendo sempre, porém, a maior independência de opinião e de atitudes a respeito de outra qualquer cogitação que não fosse o mais autêntico patriotismo (Bello, 1984, p. 63).

Fui submetido pela professora a uma prova de capacidade para se determinar em que classe deveria ser eu matriculado e o resultado dessa prova não foi satisfatório. Diante da situação, Ruy Bello conversa com a professora para cursar o 2º e o 3º graus em um ano, a professora no ato alegou impedimento legal para tal ação.

⁶² Sentido de misturado; agregado confusamente; sem ordem nem distinção. Fonte: <https://www.dicio.com.br/>

⁶³ Há um confronto de informações no texto autor em sua autobiografia. Ruy Bello ao mesmo tempo que demonstra prestígio em algumas situações, em outras ele enfoca a condição de pobreza da família. Uma mistura de capital simbólico e econômico.

Porém, o intuito de Ruy Bello foi recuperar o tempo perdido com a falta de dedicação aos estudos; e assim em julho a professora matricula-o no 3º grau. “Mesmo assim, não cessou a minha decepção, pois a classe do 3º grau era constituída de alunos mais ou menos da minha idade e havia entre eles, para meu maior desapontamento, **algumas meninas** foi o final dos estudos primários, encerrava-se a minha vida escolar”⁶⁴(Bello, 1982, p.90 – grifos nossos).

Destacamos acima a questão da presença das meninas na mesma sala, que não era bem aceita pelo Ruy Bello, pois eram ideias dos liberais republicanos, contrarias ao padrão conservador que ele defendia.

As escolas francesas já vivenciam o modelo de ensino mútuo no Século XIX: “(...)horário para a escola mútua: 8:45, entrada do instrutorr, 8:56, entrada das crianças e oração; 9:00 entrada nos bancos; 9:04, primeira lousa, 9:08, fim do ditado, 9:12, segunda lousa, etc”. (Foucault, 1976, p. 154, apud Enguita, 1989, p. 117).

Segundo Almeida (2014) após a República, as propostas das classes mistas vindas dos setores progressistas no cenário educacional brasileiro significavam um ideal de igualdade sexual pela via escolar e uma medida de economia do Estado quanto à educação popular (p. 115). A escola mútua havia mostrado ser capaz de ensinar o mesmo em menos tempo ou muito mais no mesmo tempo, e com uma maior economia de professores. Este modelo de ensino foi implatado nas escolas republicanas.

No ensino regular, Ruy Bello chega a estudar, como mencionamos acima, até o 3ºano primário. O ensino secundário ele tentou prestar exame no Ginásio Pernambuco.

Apesar de ter estudado porfiadamente para este fim, Ruy Bello desistiu do intuito ao ser contrário à maneira como o examinador descrevia a matéria de História. Como por exemplo, o conteúdo de História Sagrada, considerada uma pura mitologia: “jamais poderia repetir o que estava naquele ensino do professor, sobretudo porque se assim procedesse

⁶⁴ Destacamos que a Escola Normal de Pernambuco em 1875 passa a admitir mulheres. “A frequência é comum e simultânea aos alunos mestres quer de um quer de outro sexo, sendo os assentos dispostos nas aulas em duas seções, uma ao lado da outra, para cada sexo, ficando em frente a do professor. Os pais das alunas ou pessoas que as conduzem podem assistir as aulas, independente de licença e com estes quaisquer pessoas morigeradas e decentemente vestidas” [...] Digno de nota é o interesse desde logo manifestado pelas mulheres no sentido de beneficiar-se da prerrogativa que lhes era aberta pela lei, pois já no ano que se seguiu à concessão do governo (1876) matricularam-se na escola normal quarenta e oito mulheres, enquanto o número de homens subia para 56, não sendo fora de propósito admitir-se, que mesmo com as medidas segregatórias postas em prática, a presença do elemento feminino despertasse maior interesse pela escola entre os varões (Bello, 1978, p. 123-124).

estaria renegando a minha fé católica, estaria sendo perjuro ou inconsciente” (Bello, 1982, p. 97).

Não voltou mais à ideia de fazer o curso secundário. Além desse episódio, Ruy Bello esclarece as finalidades e o destino da continuação dos estudos o que nem um pouco lhe atraíam:

O curso secundário servia apenas de acesso ao curso superior e neste eu nunca pensei. Não que menosprezasse a carreira acadêmica, sim, ao contrário, por tê-la na mais alta conta. Mas, entendia que o ensino desse grau, de natureza essencialmente profissional, como acontecia entre nós, só teria sentido e êxito se consultasse a vocação de cada um. Ora eu não tinha vocação para médico, nem para engenheiro, nem para agrônomo, nem mesmo para bacharel, que acabava sendo a vocação de todo jovem brasileiro que não tem vocação alguma. (Bello, 1982, p. 97)

Em outros relatos, Ruy Bello afirma que tinha uma motivação para buscar seguir nos estudos regulares:

Admito que seja inteiramente desinteressante e até fastidiosa esta minha digressão pelo domínio estritamente pessoal de minha formação mental. Mas se insisto nisto é como se estivesse uma prestação de contas, como se, movido por um sentimento de culpa, eu quisesse me justificar, não por me promover, que isso nunca fiz, mas por permitir que as circunstâncias me promovessem a posições, no mundo da cultura e do saber, que não estavam naturalmente nas metas do humilde itinerário de minha carreira escolar. O meu intento era superar, de algum modo, o meu analfabetismo oficial. Vindo para o Recife, cuidei de desenvolver minhas habilidades linguísticas, condição indispensável para quem, no Brasil, ainda tão limitado, no campo da bibliografia, aspire alguma ascensão no domínio do saber. (Bello, 1982, p. 94-95)

Ele demonstra preocupação de ter o registro escolar e desenvolver ainda mais suas habilidades linguísticas, como um já assíduo leitor e promissor escritor que sempre demonstrou tanto interesse pela escrita.

Dedicava-se à leitura toda parte do seu tempo ocioso fora do trabalho. “Alguns livros eu comprava, mas poucos, que eu não tinha recursos para mais. Naquele tempo havia um escritor italiano muito em voga entre nós, Paulo Mantegazza⁶⁵. Ruy Bello leu e adquiriu diversos livros desse autor: ‘A alma das coisas’, ‘O livro das melancolias’, ‘No mundo das coisas belas’ e outros.

⁶⁵ Foi um neurologista, fisiologista e antropólogo italiano, notável por ter isolado cocaína da coca, que utilizou em experimentos, investigando seus efeitos anestésicos em humanos. Também é conhecido como escritor de ficção.

Dentre as aulas que teve na escola da Dona Amália, ele adquiriu razoável domínio do francês. O domínio da língua inglesa e da língua alemã ele adquiriu com cursos ministrados na União de Moços Católicos de São José⁶⁶ e com professores particulares

Pensou em aprender Grego, alegando ser preciso para entender aspectos da História da Educação, por meio de muitos vocábulos diversamente traduzidos pelos autores que estudava, tais como, paideia, efebo, pentlaton, . “Adquiri o “Precis de Grammaire Grecquet” de Magret e Flutre, mas não passei do alfabeto o que só me serviu para exposições de pedantismo em minhas aulas de História da Educação eu escrevia aquelas e outras expressões em caracteres gregos, no quadro negro” (Bello, 1982, p. 96).

Estudou também Filosofia através de livros. Ruy Bello relata que realizou com afinco o estudo nessas obras e a aquisição e leitura de outras referências no seu estudo sobre Filosofia. Já no Recife leu o tratado de Filosofia de Gaston Sortaim, S. J. Adquiriu por intermédio do Padre Fernandes que importava livros da França: *Éléments de Philosophie*, de Jacques Maritain (um discípulo de Santo Tomaz de Aquino, considerado por muitos como o maior dos neo-tomistas dos nossos tempos).

Ainda em Barreiros um feliz acaso permitiu a minha iniciação no estudo da Filosofia. É que descobri na biblioteca do Padre Júlio dois (2) livros de autoria de José Soriano de Sousa, ilustre professor de Filosofia no Ginásio Pernambucano, onde regia a cadeira dessa matéria [...]. Os seus livros por mim encontrados foram o “Compêndio de Filosofia ordenado segundo os princípios e métodos de Santo Tomaz de Aquino” e os “Princípios sociais e políticos de Santo Agostinho” (Bello, 1982, p. 99-100).

O autodidatismo⁶⁷. foi rememorado em um dos discursos de cerimônia pelos oitenta anos de vida de Ruy Bello. Foram nas palavras de Ruy João Marques, representante da Academia Pernambucana de Letras:

Meus senhores! O autodidata é um herói. É alguém que merece todos os aplausos, o das as louvações. Terá sido, porém, um verdadeiro autodidata o nosso Ruy? Sim e não. Ele teve quem lhe ensinasse. Foram seus professores o próprio pai – o Dr. Ayres -, tendo como ‘quadro negro’ o chão do terraço da casa e como ‘livro’ de leitura, as páginas de ‘A Província’, o grande jornal da época, a sua querida dona Amália tão cheia do chamado ‘dom de mestre’, Antonio Gerson Eustáquio Guaraná – sempre sisudo, mas sempre dedicado -, o Pe Júlio – o bom Pe. Júlio -, o Pe Fernandes, a própria Congregação Mariana, Andrade, Barreto Campelo, Delgado e outros, alguns ensinando sem saber que assim estavam, todos professores que tinham mesmo alguma coisa a dizer. A pertinácia, a vontade de aprender, uma

⁶⁶ Esta instituição será apresentada no capítulo 5.

⁶⁷ Silva (2012) expõe que “O autodidatismo tanto pode ser uma estratégia de sobrevivência quanto uma atitude de resistência à dominação. Em ambos os sentidos expressam a contraposição entre ensino formal e ensino informal” (p.168). Sobre o tema ver Gusdorf (1995) e Valverde (1983).

formidável curiosidade intelectual, foram decisivos. Ajudaram-no a crescer. [...] Ruy também não tem diplomas. Daqueles diplomas que possuem os ‘Phdeuses’, os doutorados, os mestrados. Que importa não ter diplomas? Tem cultura, tem ilustração, é homem mais do que bem educado, e isso basta. Tem aquilo que, nem sempre, as universidades podem oferecer. [...] Ruy de Ayres Bello frequentou as universidades da vida... Foi aluno de primeira fila. E tirou nota dez. (Mendonça, 1984, p.21-22)

Esta citação registra o autodidatismo, destacando que mesmo aqueles que recebem orientação e educação de outros podem ser considerados autodidatas, dependendo de sua determinação e vontade de aprender.

A falta de diplomas acadêmicos que não adquiriu, não diminuiu o valor do conhecimento e da cultura que Ruy Bello ao longo da vida. Sua educação foi moldada por uma combinação de experiências e pessoas que o influenciaram.

Ruy Bello tinha um método próprio de estudo⁶⁸, que ele identifica ser muito pessoal. “[...]consistia em reler atentamente o que desejava aprender, escrevendo em cadernos as minhas sinopses. Esse método tinha uma dupla vantagem: facilitava, realmente a aprendizagem e me permitia ir organizando minha biblioteca pessoal, muito pessoal mesmo, por ser constituída quase sem livros [...]” (Bello, 1982, p. 100).

Este aspecto do autodidatismo é reconhecido no perfil de Ruy Bello pelas pessoas que conviveram com ele.

A sua busca pessoal de adquirir conhecimentos e habilidades de forma independente e com os recursos disponíveis foram sempre presentes e revelaram suas curiosidades por diversos campos do saber, sua resiliência e persistência em aprender.

1.4 Tempos de formação: mancebo municipal e iniciando a labuta

Ruy Bello dedica em sua autobiografia (1982) um tópico com o título: “Minha vida de ‘Mancebo Municipal’⁶⁹. Ele vai descrevendo como apreendeu e viveu seu tempo de juventude. Atribui que quem primeiro empregou o termo “Mancebo Municipal” foi Mauro Mota⁷⁰, com participação de Gilberto Freyre. A figura 18 mostra Ruy Bello com 24 anos.

⁶⁸ A consulta ao seu acervo pessoal nos traria marcas deste perfil. Vale ressaltar que buscamos contato com os familiares mas não tivemos êxito neste momento da pesquisa.

⁶⁹ O texto encontra-se nas páginas 107 – 126.

⁷⁰ Foi um poeta, jornalista, cronista e professor brasileiro. Nasceu no Engenho Buraré, Pernambuco, em 16 de agosto de 1911. Em 1970, foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras. Recebeu diversos prêmios

Figura 18: Ruy de Ayres Bello com 24 anos



Fonte: Ferreira, 2001, p. 174.

Segundo Kossoy (2021) a fotografia é uma expressão visual, é profundamente influenciada pelo contexto histórico e social em que é produzida.

A criação de realidades e ficções é inerente às representações fotográficas e ocorre tanto nas diferentes etapas de sua produção (processo de construção da representação) como na sua recepção (processo de construção da interpretação) e, naturalmente, nos seus múltiplos usos e aplicações. Interessa-nos observar mais de perto os mecanismos da produção das imagens, daí enfatizarmos a onipresença do processo de construção, isto é, o momento mesmo da gênese da representação fotográfica (Kossoy, 2021, p.17).

Aponta nesta imagem de Ruy Bello na juventude, uma postura elegante, em um ambiente também refinado amparado em um piano. O jovem nestas primeiras décadas do Século XX buscava um estilo de vida urbano e cosmopolita, influenciado pelas tendências culturais e sociais da época. Além do traje como símbolo de um pertencimento social de prestígio, isso incluía também frequentar clubes sociais, cinemas, teatros, cafés e outros locais de sociabilidade urbana. A ideia de uma “Cultura Juvenil”:

A cultura juvenil exige, então, da sociedade o valor do presente como única condição de mudança; exige que aquilo que vale se afirme no aqui e no agora; reivindica o direito à provisoriedade, à reversibilidade das escolhas, à

literários, incluindo o Prêmio Olavo Bilac, o Prêmio Jabuti e o Prêmio Pen Clube do Brasil. Mauro Mota faleceu no Recife em 22 de novembro de 1984.

pluralidade e ao policentrismo das biografias individuais e orientações coletivas [...] as mobilizações juvenis funcionam como reveladoras, elas fazem desabrochar as questões profundas, os problemas e as tensões que permeiam toda a sociedade. No tempo e no espaço que o conflito delimita, os jovens não falam mais só por si mesmos: ser jovem não é mais somente um destino, mais se transforma em escolha para mudar e para dirigir a existência. (Melucci, 2001, p. 105)

O mancebo municipal era tido como um tipo de ser humano real muito encontrado nas cidades do interior nas primeiras décadas do século XX, não tinha compromisso de trabalho ou obrigação de luta pela vida. Quase sempre era filho de família. Quando tinha emprego não era dos mais eficientes, pois suas preocupações eram outras: literatura em prosa e verso e até charadismo.

A personalidade do ‘Mancebo Municipal’ começava a formar-se na adolescência até que as contingências sociais o levassem a sentir e a viver a vida de um modo diferente. Vestia-se sempre no rigor da moda, uniforme decente: colarinho e gravata além do chapéu, passando por doido quem andasse pela rua sem chapéu.

O mancebo municipal namorava muito. Era louco por dança. Gostava também de festas de Igreja, principalmente novenas e procissões. “Pois foi essa vida que eu vivi em Barreiros [...] eu não apresentava todas as características do mancebo municipal perfeitamente típico. Mas sem nenhuma dúvida eu me enquadrava nessa categoria humana” (Bello, 1982, p. 110).

Com a morte prematura do seu pai, tinha que prover por si mesmo o sustento de suas necessidades de vida. Quanto à alimentação, comia na casa da irmã mais velha com quem morava. Recebia presentes de amigos de família abastada que lhe cediam roupas usadas em bom estado.

Esse relato também ressalta a resiliência e a capacidade de adaptação de Ruy Bello diante das adversidades, buscando soluções para suprir suas necessidades básicas e continuando sua jornada de vida apesar das dificuldades financeiras.

Em 1917, teve Ruy Bello seu primeiro emprego com 13 anos de ajudante ou assistente de dentista do cunhado Edésio Guaraná, que era filho do seu ex-professor Guaraná. Usava os vencimentos com esforço para comprar calçados e roupas.

Contava com seus dezessete (17) anos em 1922, quando no dia 18 de Junho Ruy Bello prestigiava a chegada em Barreiros do automóvel dirigido pelo seu primo Estácio Coimbra:

MINISTRO DR. ESTACIO COIMBRA.
SUA EXCIA. E CONDIGNAMENTE RECEBIDO EM BARREIROS
Em automóvel da Great Western foi hotem para Barreiros, onde terá breve demora, o eminente pernambucano sr. Dr. Estacio Coimbra, ministro da Agricultura. Sua excia. Foi ali festivamente recebido, segundo nos informa o

seguinte telegrama: BARREIROS, 17 – Dr. Estacio festivamente recebido Barreiros. Pessoas mais gradas, agricultura, comercio, grande massa popular aclamaram-no chegada automóvel gare, bem assim Presidente Republica, chefes coligados. Interpretou sentimentos todos inteligente Ruy Ayres Bello, respondendo dr. Estácio que foi acompanhado entre vivas e gyrando-las até linha férrea uzina. – A Comissão (A Província, I, nº 139, 18.06.1922, PE/Brasil Capa).

Em 1922, foi escrivão na cidade de Barreiros. Credita o convite para o cargo o fato da amizade com o Delegado de Polícia, Tenente Bernardino Maia, unidos pela literatura que ambos apreciavam. Um suplício para ele esse emprego porque tinha medo de alma de defunto e do próprio defunto: “[...]mas nesse emprego demorei pouco pois tinha de andar às voltas com coisas de crimes, crimes de morte, inclusive, e isso me horrizava, porque sempre tive muito medo de alma do outro mundo” (Bello, 1982, p. 111).

Em seguida, exerceu a advocacia, ganhando duas causas e perdendo duas. As duas que venceu, não recebeu os honorários. Metaforicamente, alega ter desempenhado a função de advogado dos presos pobres. Mas o fato desse trabalho não lhe render vencimentos, o fez desistir. O tempo que sobrava dedicava-o às conferências, à fundação de jornais e aos grêmios literários.

Foi convocado em 1925, como consta na nota do Jornal do Recife, para o cargo de adjunto do promotor, mas prevaleceu o trabalho no Patronato João Coimbra⁷¹, na época em que foi solicitado para exercer este cargo.

[...] Nomeando Ruy de Ayres Bello, para exercer o cargo de adjunto do promotor publico da comarca de Barreiros, vago por haver o que o exercia mudado a sua residência para fora do município. O nomeado Ruy Bello é funcionário federal do Patronato Agrícola ‘João Coimbra’ em Tamandaré, município de Rio Formoso, onde reside e o antecessor foi exonerado por ter mudado de residência para fora do município de Barreiros. Parece que o exmo. Sr. Governador Loreto, ignora que o nomeado está nas mesmas condições do demitido, indo mais com agravante de ser empregado federal. (Jornal do Recife, 16.05.1925, p.3)

Foi convidado para exercer outros cargos administrativos. Desempenhou a função de chefe de gabinete do Secretário do Interior e Justiça, Arnóbio Tenório Wanderley. Outros cargos lhe foram oferecidos, mas muito deles recusados, visto que era ele contrário aos cargos burocráticos. Também das suas labutas menciona que o cargo de professor da escola paroquial não lhe rendia dinheiro algum.

Ruy Bello rememora que empregava o tempo de ócio do trabalho em leituras e apesar de seu conservadorismo revela na sua autobiografia que lia livros de pornografia, que já havia

⁷¹ Sobre esta ocupação no Patronato João Coimbra, vamos trazer o relato no próximo capítulo sobre as atividades educacionais que Ruy Bello exerceu.

naquele tempo, não com abundância de hoje (1982), mas em nada clandestinamente de mão em mão, mãos de rapazes e até de crianças de doze (12) anos ou menos. “Não havia censura oficial, do governo, mas havia a vigilância dos pais e dos mestres que era impiedosa quando flagrava os leitores daqueles folhetos que tinha menos de texto do que de ilustração e por isso eram manuseadas até mesmo por meninos ainda analfabetos” (Bello, 1982, p. 112).

Não podemos deixar passar a análise crítica da presença de analfabetos no Brasil. Ainda era alta neste período de 1920. Segundo Ferreira e Carvalho (2014)⁷² os dados da evolução do número de analfabetos no Brasil nos anos de 1872, 1890 e 1920 apontam:

1872 - número de analfabetos – 7.290.293 (82,3%)

1890 – número de analfabetos – 10.091.566 (82,6%)

1920 – número de analfabetos – 18.549.085 (71,2%)

(Ferreira e Carvalho, 2014, p.35)

Para resolver o problema do analfabetismo as iniciativas políticas republicanas lidaram diretamente de promover uma mudança na mentalidade da sociedade, colocando na educação a crença da reconstrução social, pela democratização da escola primária e a organização da formação de seus professores primários⁷³.

Vencer o analfabetismo era prioridade do país, tal como demonstra Mário Pinto Serva em 1927 na I Conferência Nacional de Educação (I CNE) realizada em Curitiba, ao apresentar o quadro de analfabetos do país a partir do levantamento estatístico por Estado, em 1920. Apresentando o Distrito Federal como o de menor número de analfabetos (38,7%), os Estados do Norte e do Nordeste com a maior percentagem, variando entre 70 e 88% de analfabetos, (SERVA, I CNE, Tese nº 103, 1927, p.643), verifica-se, a partir dos estudos de Serva que os Estados em pauta neste estudo não apresentavam muito melhor situação do que os demais: São Paulo com 70,2; Minas Gerais com 79,3 e Rio Grande do Sul com 61,2% de analfabetos (Pereira, 2020, 277).

Voltando a Ruy de Ayres Bello, neste tempo da sua juventude, teve entre 1928 e 1929 seu encontro pessoal com Gilberto Freyre⁷⁴ que era amigo do seu tio Júlio Bello com quem

⁷² Uma interpretação possível — para não dizer óbvia — desses dados é que iniciativas pré-republicanas no setor educacional não foram suficientes para reduzir o analfabetismo nem criar condições convergentes para a redução da taxa pelos republicanos (Ferreira e Carvalho, p.36).

⁷³ Sob o tema Cf. ARAUJO, José C. S. et al. Escola primária na Primeira República (1889–1930): subsídios para uma história comparada. Araraquara: Junqueira & Marin, 2012.

⁷⁴ Sociólogo, antropólogo e escritor, Gilberto de Mello Freyre nasceu no Recife, Pernambuco, no dia 15 de março de 1900, na antiga Estrada dos Aflitos (atual Avenida Rosa e Silva), filho do professor e juiz de direito Alfredo Freyre e de Francisca de Mello Freyre. Estudou o primário e o secundário no Colégio Americano Gilreath, no Recife (1908-1917), onde participou ativamente da sua sociedade literária, sendo redator-chefe do jornal *O Lábaro*, editado por aquela instituição de ensino. Considerado um pioneiro da Sociologia no Brasil, foi um dos idealizadores do I Congresso Brasileiro de Regionalismo, do qual resultou a publicação *Manifesto regionalista de 1926*, contrário à Semana de Arte Moderna de 1922 e valorizando o regionalismo nordestino em confronto

Gilberto Freyre se correspondia por cartas, quando esteve no exterior. O tio lia várias destas cartas para Ruy Bello. Das conversas que teve com Gilberto Freyre, Ruy Bello não recorda os assuntos entre ele um mancebo municipal com seus 24 anos e o já então sociólogo.

1.5 Tempos de formação: o apóstolo católico⁷⁵

Sendo eu já quase um rapaz, indo pelos treze (13) anos, embora me considerasse católico, apóstolico romano, era o meu catolicismo como o da maioria dos brasileiros, um catolicismo de festa de Igreja, de procissões e novenas (Bello, 1982, p. 129).

Ruy Bello era filho de pais católicos. O pai enquanto jovem foi descrente, mas converteu-se ao catolicismo quando a mãe morreu. Ia as missas e tinha um livro de orações. Ruy Bello lembra que sua mãe rezava muito. O pai frequentava a missa aos domingos e usava um livro de orações.

Recebeu instrução religiosa também da sua tia avó, tia Iaiá, lá no Sítio Costa Barros, como bem ele descreve uma cena dessas instruções: “Ao cair da noite, ela reunia os meninos da casa no quarto dos santos, nos punha a todos, uns oito ou dez, de pé, diante do oratório, de braços cruzados, formando um semi-circulo e, de chinelo na mão, nos ia ensinando em coro o Padre-Nosso, a Ave-Maria e o Bendito⁷⁶. (Bello, 1982, p.129).

Afirma que de sua professora, D. Amália Leitão, “ouvi da mestra, naquela ocasião (13 anos/1917), palavras novas, estranhas, sementes da conversão que desde aquele momento começou a se operar em mim” (Bello, 1982, p. 130). Fez a 1ª comunhão no fim do ano (1917) na Igreja Matriz de Barreiros.

Essa breve introdução da inserção de Ruy Bello no ambiente religioso católico, pouco se configura ao que mais tarde ele vai se tornar, sendo reconhecido na sociedade pernambucana como um típico católico fervoroso. Atualmente também incorporado ao grupo representativo de intelectuais católicos com expressão no campo educacional.

com as manifestações da "cultura européia". De 1927 a 1930, foi chefe de gabinete do então governador de Pernambuco, Estácio Coimbra. Em 1933, publicou seu livro mais conhecido *Casa-grande & Senzala* (cf. <http://basilio.fundaj.gov.br/>).

⁷⁵ No capítulo 5 vamos retomar com mais profundidade sobre este tema da identidade militante católica de Ruy Bello. Neste tópico servirá para demonstrar como ele teve seu primeiros contatos com o catolicismo.

⁷⁶ BELLO, Ruy de Ayres. Memórias de um professor. Recife: Academia Pernambucana de Letras, 1982, p. 129.

Em sua autobiografia, Ruy de Ayres Bello esboça no capítulo V sua trajetória de fé católica. São doze (12) tópicos⁷⁷ que demonstram um homem fervoroso aos princípios da sua fé e devoção a Igreja durante toda sua vida.

Promoveu o ensino do catecismo a todos os alunos no Patronato João Coimbra (Tamandaré) não integrado ao horário escolar por força do dispositivo legal da Constituição de 1891 que proibia o ensino da religião nas escolas mantidas pelo poder público. Foi transferido para o Patronato Barão de Lucena continuando a missão de catequista.

Participou do Círculo Católico dos jovens, que congregou praticamente, toda a juventude masculina de Barreiros. “Foi nessa escola que fiz a minha iniciação para a forma de atividade que, bem ou mal exercitada, tem sido uma constante em toda a minha vida: o apostolado da fé católica” (Bello, 1982, p. 133).

Escreveu para “jornaizinhos manuscritos”, “jornais de verdade”. Ruy Bello credita aos seus impulsos apostólicos a necessidade de se posicionar em meio a polêmicas e controvérsias em defesa das ‘verdades’ católicas. “[...]Cheguei a desafiar gente muito mais importante que escrevia em jornais do Recife, e até do Rio” (Bello, 1982, p. 133).

O conservadorismo na prática dos rituais de celebração litúrgica da Igreja Católica, era algo que defendia com rigor:

Era assim Ruy de Ayres Bello. Só assistia missa rezada e cantada em Latim e preferia que o padre estivesse de costas para os fiéis. Retirou-se de uma celebração litúrgica, numa festa do Colégio Pica Pau Amarelo, onde os filhos de uma das sobrinhas estudavam, porque o celebrante estava de frente para as pessoas e todas as orações e cânticos eram em Português. Até artigo em jornal chegou a escrever contra o colégio, gerando um mal-estar na família (Ferreira, 2001, p. 157).

Era Ruy Bello um homem muito fino, mas legalista. Tinha ele apego aos costumes tradicionais da Igreja Católica, mantendo conservado os hábitos litúrgicos em que os fiéis não podiam pegar a hóstia com as mãos.

Sempre residiu próximo a uma igreja. Foi assim quando resolveu adquirir um terreno no Espinheiro para construir uma casa. Ao visitar o terreno, em companhia de sua primeira mulher, Erlinda Helena da Rocha Bello, ele, num primeiro momento, desistiu do negócio, ao não ver igreja por perto. No

⁷⁷ Divisão do capítulo V – Na Seara do Senhor: 1 – Minha conversão; 2 – O bom pastor padre Júlio Siqueira, meu mestre e meu amigo; 3 – O “Círculo Católico dos Jovens” onde me iniciei no “bom combate”; 4 – Catequista em Tamandaré e em Socorro; 5 – Escolas de minha formação espiritual. A União de Moços Católicos e a Congregação Mariana. O mosteiro de São Bento; 6 – O Jesuíta Padre Antônio Fernandes, um intrépido condutor de almas; 7 – “Um tempo que não foi perdido”; 8 – Das grandes e salutare influências vindas de fora. O admirável Leon Bloy e seus afilhados, os Maritain e os Maurras; 9 – Penitenciando-me de um injusto conceito sobre Charles Maurras; 10 – Dom Miguel Valverde, um homem só de Deus e só da Igreja; 11 – Na direção do Semanário Católico “A Tribuna”; 12 – As grandes figuras de autênticos pastores de almas que eu conheci de perto.

entanto, ao sair em direção ao campo do Náutico, passou por uma gameleira, onde um grupo de pessoas lançava a pedra fundamental de uma matriz, a futura Igreja do Espinheiro. Foi o motivo que faltava para comprar o terreno. (Ferreira, 2001, p. 51-52)

A conversão de Ruy Bello ao catolicismo, configurou sua vida e obra ininterruptamente fieis aos pressupostos católicos até a sua morte, expondo o devir teológico. Sendo ele um intelectual católico que manteve um importante engajamento para que a Igreja fosse vivificada nos espaços sociais, culturais e educacionais.

1.6 Tempos de formação: a imprensa

A imprensa tem se configurado historicamente como locus de atuação dos intelectuais, abrindo um espaço social emergente para esses personagens. Ruy Bello exerceu cargos de diretor e redator de periódicos⁷⁸.

Como por exemplo dirigiu o semanário “A Tribuna”. Em 1933, o Arcebispo Dom Miguel convocou Ruy Bello para a direção do órgão oficioso da arquidiocese “A Tribuna” que foi criado em 1906, sob os auspícios do Bispo de Olinda-Recife Dom Luiz de Brito. Além do convite, quis o Arcebispo que o jornal passasse a circular duas vezes por semana e não apenas uma, como vinha acontecendo.

A minha passagem pela direção de “A Tribuna” me proporcionou uma experiência das mais salutares para a minha fé católica. Quero referir-me à peregrinação que, para maior divulgação do jornal, tive de empreender pelas paróquias do interior do Estado. Mais de 40 paróquias eu visitei, o que me deu a grata oportunidade de contemplar o trabalho apostólico dos nossos vigários do interior [...]. (Bello, 1981, p. 175).

A experiência de dirigir o jornal "A Tribuna" teve um impacto profundamente positivo na fé católica do autor. Ele menciona uma peregrinação que empreendeu para promover o jornal, visitando mais de 40 paróquias no interior do Estado.

Teve a oportunidade de testemunhar de perto o trabalho apostólico realizado pelos vigários nas comunidades do interior. Essa experiência provavelmente trouxe uma maior compreensão e apreciação pelo papel da fé e da comunidade religiosa na vida das pessoas, além de fortalecer sua própria ligação com a sua fé católica.

⁷⁸ No terceiro capítulo trataremos mais aprofundado a parte da pesquisa sobre a atuação de escritor de Ruy Bello.

Essa vivência não só contribuiu para a divulgação do jornal, mas também enriqueceu a perspectiva do autor sobre questões espirituais e sociais, ao testemunhar o comprometimento e dedicação dos vigários no serviço às suas comunidades.

Em uma nota enviada a Revista Maria, Ruy Bello comenta sobre a criação do Jornal “A Tribuna” que tinha ficado um tempo sem publicação, mas ele ressalta que com o esforço dos católicos pernambucanos, que trabalham por transformar “A Tribuna” um jornal à altura do progresso e cultura da época. Eis sua mensagem:

“É-me grato ter de comunicar-vos que acabo de assumir a direção da “A Tribuna”, semanário catholico que se edita nesta cidade, há mais de vinte seis anos, mantido pela Associação da Boa Imprensa de Pernambuco. Estamos Actualmente, procedendo a uma reforma em nossas offcinas, afim de pudermos representar o nosso jornal em principio de janeiro, com uma feição material grandemente melhorada, e publicando-se bi-semanalmente, afim de melhor atender às necessidades actuaes da propaganda da causa catholica. Em sua nova phase de existência “A Tribuna” será redigida por um corpo selecto de colaboradores, entre os quaes figuram nomes, como os de Tristão de Athayde, Andrade Bezerra, Barreto Campelo, Luis Delgado, J. V. Coelho, Manuel Lubambo, Pe. Tenorio de Canavieiras, Willy Lewin, Nylo Pereira, Arnobio T. Wanderley, e muitos outros que horam igualmente a cultura catholica do Brasil. Orgam doutrinario e impecavelmente orthodoxo, “A Tribuna” será o expoente e a orientadora do pensamento catholico em nosso meio. Si não nos faltar, como esperamos, o apoio dos catholicos de Pernambuco aos nossos esforços, nós contamos poder em breve resolver definitivamente esse grande problema do jornalismo catholico, em nossa terra, transformando “A Tribuna” em um diário que satisfaça às nossas aspirações e às nossas necessidades. Deus vos guarde. Ruy Bello” (Revista Maria, jan/fev 1933, p.27).

Uma mensagem que expressa sua satisfação em assumir a direção do semanário católico "A Tribuna", com uma tradição histórica de mais de vinte e seis anos de existência mantido pela Associação da Boa Imprensa de Pernambuco. Ele anuncia planos para reformar as instalações do jornal, visando aprimorar sua qualidade material e aumentar sua frequência de publicação para bi-semanal, para melhor atender às demandas atuais da propaganda da causa católica. Ele ressalta o compromisso do jornal em ser um órgão doutrinário e ortodoxo, representando e orientando o pensamento católico na região.

Além disso, Ruy Bello expressa sua confiança de que, com o apoio dos católicos de Pernambuco, o jornal poderá eventualmente se tornar um diário, atendendo plenamente às aspirações e necessidades da comunidade católica local. Sua mensagem encerra com uma invocação a Deus, sugerindo a importância da fé na missão do jornal.

Ruy Bello também fez parte da Associação de Jornalistas Católicos de Pernambuco (AJC-PE), fazendo parte da sua primeira diretoria que tinha a missão de conquistar novos

associados. Compunha a primeira diretoria da AJC-PE: “Muito temos que esperar da nobre associação cuja directoria está assim constituída: Presidente: Conego Xavier Pedroza. Secretario: **Deputado Ruy Bello**. Thesoureiro: Dr. Vieira Coelho”. (Revista Maria, jan/fev, 1937, p. 14- grifos nossos).

A Associação de Imprensa de Pernambuco (AIP) foi fundada em 12 de setembro de 1931. Neste período de 1931, o Recife tinha apenas seis jornais diários que se mantinham em circulação, um número muito inferior haja vista que, de 1829 a 1900 circulavam 66 jornais diários. Com esforço eles adquiriam um prédio para a sua sede própria. Abaixo na capa do jornal alusivo aos seus 50 anos:

Figura 19: Anuncio das comemorações do 50º da AIP



Fonte: Diário de Pernambuco, 12.09.1981. capa

Na ocasião dessas comemorações do 50ºda AIP no ano de 1981, foram feitas novas resoluções sobre sócios-fundadores os que assinaram o ‘livro de presenças’ até o dia 14 seguinte. Dos cento e onze reconhecidos como sócio-fundadores da AIP, apenas dezessete são remanescentes. Eis a lista divulgada no jornal:

Abdégano de Araújo, Aderbal Jurema, Albino Gonçalves Fernandes, Alfredo Vieira, Altamiro Cunha, Antonio Bezerra Baltar, Antonio Marrocos, Bartolomeu Camara de Macedo, Berguedof Elliot, Carlos Leite Maia, Esmaragido Marroquim, Euclides Ramos, João Rufino de Melo e Silva, Manoel Morais de Oliveira, Mauro Mota, **Ruy de Ayres Bello** e Sanelva Vasconcelos (Diário de Pernambuco, 12.09.1981. capa- grifos nossos).

Em outubro de 1967, nas comemorações do IV Centenário do nascimento de São Francisco de Sales, considerado o patrono dos escritores e dos jornalistas, foi organizado diversas palestras que se estenderam a partir da quarta-feira até o domingo no Colégio Salesiano em Recife. Abaixo a lista das palestras, dentre elas uma proferida pelo professor Ruy Bello:

OS PROFESSORES José Rafael de Menezes (O Poder da Imprensa na Formação Social do Povo), **Ruy Ayres Bello** (O Poder da Imprensa na Formação Moral da Comunidade Social) e Luiz Delgado (O Poder da Imprensa na Formação Política da Sociedade) e o Padre Gino Moratelli (São Francisco de Sales; o Santo, o Doutor da Igreja, o Patrono da Imprensa e da Congregação Salesiana). (Diário de Pernambuco, 13.10.1967, p. 6. - grifos nossos).

As palestras abordaram sobre o impacto da imprensa na sociedade. Ruy Bello em sua palestra abordou a influência da imprensa na formação moral da comunidade social. Essa diversidade de perspectivas reflete a complexidade do papel da imprensa na sociedade, abordando seus diferentes impactos e influências em diversos aspectos da vida comunitária, desde o social e moral até o político e religioso.

No ano de 1973, Ruy Bello era um dos Acionistas da Rádio Planalto S/A. A sede social por um período estava instalada na Av. Padre Rocha, s/n, na cidade de Carpina. (Cf.. Diário Oficial de Pernambuco, 22.10.1973). A figura 20 abaixo com uma propaganda da Rádio Planalto no ano de 1959:

Figura 20: Anuncio da Rádio Planalto



Fonte: Revista Maria, 1959, p. 27

No ano de 1960, a Rádio Planalto funcionava diariamente no horário das dezessete e trinta horas e aos domingos às dezoito horas e cinco minutos. As programações eram preparadas para o público infantil e com mensagens doutrinárias da fé católica, como menciona uma propaganda na Revista Maria: “Momentos da criançada “Bom programa de histórias e músicas infantis”. Também dos Programas Católicos Semanais das rádios

pernambucanas, a Rádio Planalto exibia aos sábados às 20:30hs o programa - "Preparando o dia do Senhor". (Revista Maria, 1960, p.19 e 25).

Eram divulgadas propagandas para atrair novos ouvintes.

Certamente, o interesse de Ruy Bello como acionista da Rádio Planalto é decorrente da proposta pelo qual ela foi criada. Como vemos na notícia do jornal “Jaboatão Jornal” de 1957. A rádio teria a missão de ser a voz dos católicos no ar:

"Rádio Planalto" O Missionário do Ar

Acabamos de receber um boletim pelo qual tivemos a notícia de que está em organização uma sociedade radiofônica, de orientação católica, denominada "Rádio Planalto". “Rádio Planalto” – o Missionário do Ar, como já está sendo chamado – será instalado na cidade de Carpina, com um potente transmissor de 1.000 watts, na faixa de 1.580 kilociclos, podendo ser ouvido com perfeição em muitas cidades deste Estado, da Paraíba, e talvez de outros Estados limitrofes. Para se levar a efeito, no entanto, uma organização desse porte, é preciso muito capital e, nesse caso, tem-se que apelar para as pessoas de boa vontade e que sabem amparar as grandes iniciativas. Cada Ação custará a quantia de mil cruzeiros que será integralizada em 10 prestações mensais de 100 cruzeiros cada uma, com um acréscimo de mais 10% em cada ação, de emolumentos. Sobretudo para a família católica, é que os seus organizadores estão acenando, num apelo veemente para que se não deixe perder essa oportunidade de conseguir uma emissora que possa, de fato, apresentar programas que podem ser ouvidos familiarmente, em todas as ocasiões, e em qualquer tempo, além de boa música, sem também, a intoxicação dos anúncios constantes. Queremos crer que muito em breve será feita uma campanha nesse sentido, aqui, quando então saberemos quem será responsável pelos negócios da Rádio Planalto nessa cidade. (Jaboatão Jornal, 28.07.1957, p. 5)

Ruy Bello é participante do grupo que deu o apoio financeiro para a aquisição desta rádio planalto que serviu de apoio aos católicos no período de seu funcionamento.

A imprensa católica, por meio de jornais, revistas e outros meios de comunicação, foi fundamental para disseminar a doutrina e os valores da Igreja Católica entre os fiéis. Ela proporcionava um espaço para reflexão, ensino e orientação espiritual, alcançando um amplo público em todo o país.

1.7 Tempos de formação: o político

A entrada de Ruy de Ayres Bello na política vem através de um convite do Partido Social Cristão para ser candidato a Deputado por este partido. Essa iniciativa veio pela Liga Eleitoral Católica (LEC).

Criada, a partir da Ação Católica, a Liga Eleitoral Católica (LEC), que tinha como objetivo barrar qualquer movimento político de cunho comunista, no

executivo ou legislativo. Essa organização indicava os candidatos a serem votados nas eleições. Vários leigos e religiosos se apossaram do parlamento estadual e federal a partir da propaganda política nas rádios, jornais, revistas, eventos e, principalmente, nas paróquias Brasil a fora. (Mendes, 2020, p. 7-8)

Esse trecho destaca um aspecto significativo da história política do Brasil, especialmente durante determinados períodos marcados por intensa influência religiosa na esfera política. A Liga Eleitoral Católica (LEC) surgiu como uma resposta da Igreja Católica ao avanço do comunismo, buscando influenciar as eleições e promover candidatos alinhados aos seus valores e interesses. A utilização de meios de comunicação e a mobilização em paróquias demonstram a extensão e o alcance dessa estratégia.

A relação entre a Igreja Católica e a política, tem de um processo histórico que se entrelaça a história do país na sua legitimidade para dar sentidos distintos as categorias: sociedade, indivíduo, igreja e estado⁷⁹.

Essa relação torna-se hoje mais complicada, devido ao deslocamento da experiência religiosa para o indivíduo, sem a mediação das instituições, dentro da lógica da valorização da subjetividade. As religiões que tiveram a capacidade de reger a vida social, hoje são apenas uma das possíveis fontes de sentido para o mundo e a pessoa. A modernidade obriga, pois, as Igrejas a renunciarem a qualquer pretensão de impor à sociedade seus princípios e normas. (Azevedo, 2004, p. 110)

Assim, a Liga Eleitoral Católica (LEC) que foi criada para colaborar com a Igreja Católica em defesa dos seus interesses.

Dom Leme reuniu os católicos politicamente em uma organização suprapartidária: A Liga Eleitoral Católica (LEC). A LEC conseguiu congregiar setores médios e intelectuais da sociedade. Organizou o eleitorado católico e o instruiu a votar apenas em candidatos aprovados pela Liga. Alceu Amoroso Lima, cuja posição política em 1933 correspondia às tendências tradicionais da Igreja, no sentido da direita, foi chamado por dom Leme para estudar as novas posições dessa instituição diante das questões sociais, postas incisivamente na encíclica *Quadragesimo Anno*. Amoroso Lima produziu um trabalho intitulado *Reivindicações Católicas*, o qual serviu como base para o manifesto de anúncio da criação da LEC (Silva, 2008, 553).

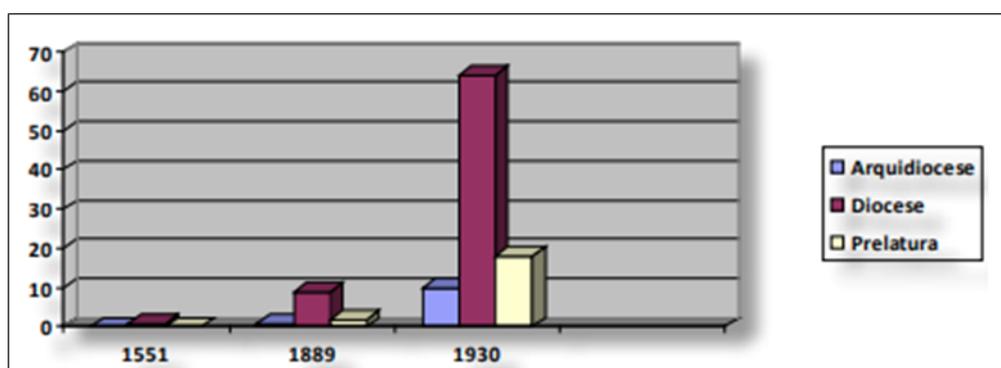
⁷⁹ Em um nível, essas afirmações sistemáticas são “teorias” no sentido estrito de “visão geral” da natureza da sociedade, isto é, equiparando “teoria social” secular e “teoria política”, mas incluindo uma perspectiva transcendente. Em outro nível, a teoria social cristã pode ser encarada como uma práxis, no sentido aristotélico de um estudo da sociedade como um fim, a saber, o de facilitar o florescimento de uma vida boa e justa na pólis. A perspectiva específica a que nos referimos pode ser chamada de “personalismo”, palavra usada para indicar que “o fundamento, a causa e o propósito de todas as instituições sociais são os seres humanos individualmente tomados, isto é, pessoas, que são sociais por natureza e elevadas a uma ordem de coisas que ultrapassa e sujeita a natureza” (papa João XXIII, *Mater et magistra*, n.219) In: *Dicionário do Pensamento Social*, 1996, p.161.

A LEC articulava os comícios pelo interior do estado de Pernambuco e Ruy Belo, candidato⁸⁰, passa a cumprir uma intensa agenda como candidato, sempre discursando em defesa da LEC⁸¹ e levando a sociedade a ter consciência do dever do voto.

PELA POLÍTICA. Liga Eleitoral Catholica. Recebemos: Comício em Paulista. No ultimo domingo, uma comissão da Liga visitou a Villa de Paulista, realizando ali animado comício a que ocorreu verdadeira multidão. Falou por essa ocasião o Revmo, Vigario Conego João Carneiro e o sr. **Ruy Bello** que se demorou na tribuna cerca de uma hora, discorrendo sobre a finalidade da LEC e o dever do voto. A assistência foi numerosa e cheia de vibrante entusiasmo. (Jornal do Recife, 12.03.1933, p.9 – grifos nossos).

A tentativa de influenciar as eleições que aconteceriam em 1934 foi mais uma das atividades da Igreja Católica, oferecendo apoio ao Governo. Apoio que foi bem aceito pela liderança política. A crise política e econômica dos anos 30 possibilitou uma retomada da Igreja nos espaços políticos que queria estabelecer um processo de reconstrução nacional. Os números apresentados no estudo de Aquino (2012) demonstraram um crescente aumento na expansão do número de arquidioceses, dioceses e prelaturas no Brasil entre 1551 e 1930⁸²:

Gráfico 1 - Instituições católicas 1551-1930



Fonte: Aquino (2012, p. 160).

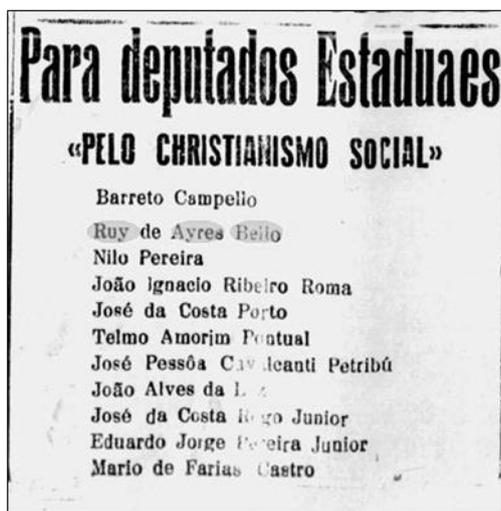
⁸⁰ Somente assim ele entraria na política. Foi eleito em circunstâncias que eu não pude apurar. Ele era de Barreiros, teria lá uma boa votação. Aqui no Recife, havia a recomendação da Liga Eleitoral Católica, que deu preferência, na época, a ele; a amizade com Barreto Campello, uma figura muito ilustre, de família numerosa, e que arregimentou votos para Ruy Bello, e, logicamente Andrade Bezerra, o grande líder, que foi presidente na Assembléia e quem de fato redigiu o texto da Constituição de Pernambuco de 1934. (Ferreira, 2001, p. 15)

⁸¹ A LEC congregava intelectuais e segmentos da classe média, a LEC teve uma participação expressiva nas eleições de 1933 para a Assembléia Nacional Constituinte. Sua atuação consistiu em supervisionar, selecionar e recomendar ao eleitorado católico os candidatos aprovados pela Igreja, mantendo uma postura apartidária. Argumentava-se não haver necessidade de um partido católico, quando as mais variadas agremiações partidárias aceitavam os postulados da Igreja. A Igreja pede para que os eleitores católicos apoiem seus candidatos. Essa era uma das missões da LEC que intensificou suas ações desde o ano de 1932 por meio de D. Leme. A direção nacional da LEC era confiada a Tristão de Atayde (Alceu Amoroso Lima).

⁸² Sobre o tema da expansão do catolicismo no Brasil, cf. Alves (2012).

Diversas propagandas eram publicadas nos jornas da cidade com o nome de Ruy Bello como candidato a Deputado Estadual, como a que trazemos abaixo:

Figura 21 - Propaganda das eleições 1934



Fonte: Jornal O Pequeno, 1934, capa.

Ruy Bello foi eleito a deputado da 1ª Legislatura (1935-1939) na legenda Pelo Cristianismo Social com 4. 537 votos (cf. Diário da manhã, 21 de dezembro de 1934, p.5). A figura 22 com o perfil de Ruy Bello em janeiro de 1935, na época que ocupou a cadeira na Assembleia Legislativa de Pernambuco.

Figura 22: Ruy de Ayres Bello em 1935



Fonte: Ferreira, 2001, p.173.

A proclamação dos candidatos eleitos na constituinte estadual do ano de 1934 saiu em diversos jornais como no Diário da Manhã, trazendo a vitória de Ruy Ayres Bello pelo Christianismo Social:

Figura 23 - Anuncio da proclamação dos candidatos eleitos em 1934



Fonte: Diário da manhã, 23,12,1934, p. 3

Exerceu seu mandato onde participava com assiduidade das sessões na Câmara, envolvendo-se nos debates ou meramente como ele afirma pelo “diletantismo exibicionista” que o cargo lhe permitia. Ruy Bello integrava a 3ª comissão (Fazenda, orçamento e contas do Estado) dentre as Comissões Permanentes na Assembleia Legislativa de Pernambuco.

Um dos seus debates mais árduos foi a respeito do preâmbulo da Constituição. O fato de constar o nome de “Deus” suscitou vários debates com justificativas da modernidade, anti-religiosos, etc. No final venceu uma redação da comissão constitucional permanecendo o nome de Deus, mas em outro sentido⁸³. Para aprovação desse documento Ruy participou ativamente. Foi promulgada a Constituição de Pernambuco, e Ruy Bello fez parte do grupo de constituintes de 1935.

⁸³ Na primeira versão configurava: “Em nome de Deus onipotente, o povo de Pernambuco por seus Representantes, reunidos em Assembleia Constituinte, decreta e promulga a seguinte Constituição pela qual o Estado Federado de Pernambuco se organiza como parte integrante da República dos Estados Unidos do Brasil”. A versão aprovada “Nós, os representantes do povo pernambucano, reunidos em Assembleia Constituinte, confiantes em Deus, decretamos e promulgamos a seguinte Constituição”.

Em 04 de agosto de 1936, no Palácio do Governo foi realizado um almoço oferecido pelo sr. Governador do Estado, Lima Cavalcanti, aos srs. membros da Assembleia Legislativa. Dentre os parlamentares presentes Ruy Bello compareceu. Abaixo foto do evento.

Figura 24 - Anuncio do almoço aos parlamentares oferecido pelo governador Lima Cavalcanti⁸⁴



Fonte: Diário da Manhã, 05.08.1936, p. capa

Em dezembro de 1934, o Governador Lima Cavalcanti, com uma comitiva de parlamentares, fizeram uma visita ao local em que estavam sendo realizadas as novas obras do Porto, no Cais de Santa Rita no Recife. O convite aos parlamentares foi feito em nome da empresa Cobrazil, responsável pelas obras. Era o diretor na época o dr. Leite Garcia. Estava sendo projetada a construção de armazéns especiais para depósito do açúcar, com instalação mecânica para movimentação de carga. Entre os congressistas que compuseram a comitiva, conseguimos anotar os seguintes: deputados padre Felix Barreto, presidente da Assembleia Legislativa, Renato Carneiro da Cunha, Livino Pinheiro, Persivo Cunha, Hildebrando Menezes, Arsenio Lyra, Possidonio Bem, José Vieira, Ruy Bello, Alfredo de Medeiros, Antonio Raposo, Lins Petit, Pedro Allain, Cardoso Ayres, Luis Coelho, Cassiano Pereira, Paulo Alves, Mario Lyra e Antonio da Fonte. Abaixo registro desse fato.

⁸⁴ A imagem original não é legendada apontando os integrantes da foto. Pelas nossas análises o Ruy Bello é o segundo sentado da direita para a esquerda.

Figura 25 - Parte da comitiva em visita as Obras Complementares do Porto



Fonte: Diário da manhã, 23,12,1934, p. 3.

Figura 26 - O governador Lima Cavalcanti e sua comitiva em observação aos trabalhos das dragas

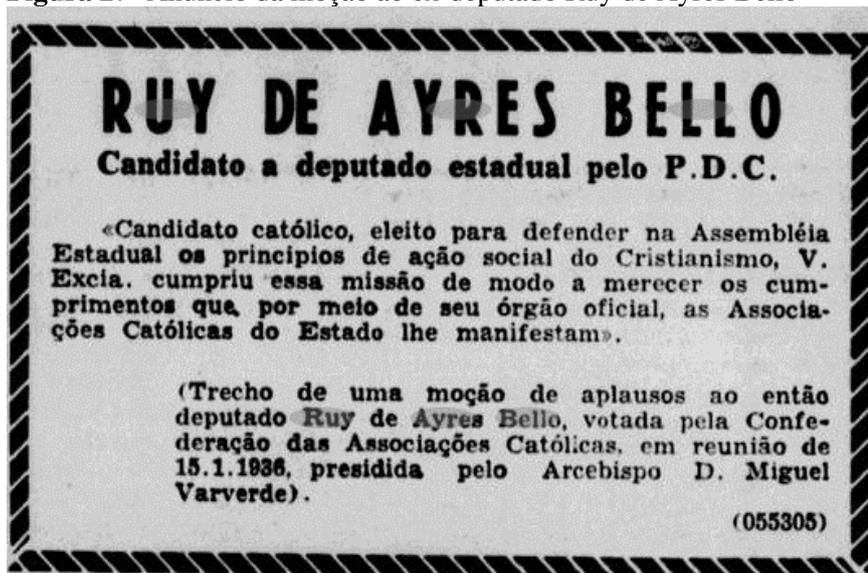


Fonte: Diário da manhã, 23,12,1934, p. 3

Dentre as representações que saíram da capital de Pernambuco para acompanhar a promulgação da “Constituição Parahybana” no dia 12 de maio de 1935, o nome de Ruy Bello aparece entre os convidados. “Convidado pela Assembleia da Parahyba faz-se-á representar a Assembléa do Estado por uma delegação composta dos srs. Arthur de Moura, Pedro Allain, padre Gonzaga de Lyra, Ruy Bello e Luiz Coelho” (Diário de Pernambuco, 12.05.1935, p. 5).

Em 1958, Ruy Bello recebe uma moção pela sua atuação na política. Um trecho da moção foi publicado no jornal:

Figura 27- Anuncio da moção ao ex-deputado Ruy de Ayres Bello



Fonte: DIARIO DE PERNAMBUCO,19.08.1958, p.5

Na trajetória política, Ruy Bello quase chegou a ser também eleito para Governador, por questões de brigas partidárias com alguns colegas da Câmara, mas não aceitou a proposta e ele conclui o fato:

Eis como não fui governador do Estado. Mas chamo a atenção para o seguinte: se, naquelas circunstâncias excepcionais, eu tivesse sido guindado a tão elevada posição, nem para Pernambuco nem para mim o acontecimento teria maior consequência, pois o meu governo, ou desgoverno, não teria sequer a duração de um (1) mês, desde que, pouco tempo depois, chegaria a 10 de Novembro com o Estado Novo⁸⁵, que me apearia do cargo, antes mesmo que, praticamente, eu pudesse começar a exercê-lo (Bello, 1982, p. 221).

Encontramos o nome de Ruy Bello entre os candidatos no ano de 1958 pelo Partido Democrata Cristão:

PARTIDO DEMOCRATA CRISTÃO – Antonio Luiz da Silva Filho,58; Agripino de Almeida,8; Correia de Oliveira Andrade, 31; Democrito de Siqueira Araujo, 15; Delmar Batista, 64; Edson Ludgeres, 2; Eurico Santos, 10; José Joaquim Uchoa, 3; Maria Elisa Viegas, 43; Moacir Torres Barbosa, 9; Ruy Ayres Belo, 18; Severino Francisco da Silva, 19; Ruy Guerra Barreto, 18. Total: 298 (Diário de Pernambuco, 25.10.1958, p. 14)

Ruy Bello não saiu vitorioso neste pleito, sendo eleito pelo Partido Democrata Cristão o candidato Antonio Luiz da Silva Filho com 2.603 votos.

⁸⁵ Sobre o tema do Estado Novo. Cf: OLIVEIRA, Lúcia L; VELLOSO, Mônica Pimenta; GOMES, Ângela de Castro. Estado Novo: Ideologia e Poder. Rio de Janeiro: Zahar, 1982

Dentre o grupo de intelectuais católicos , especialmente em meio aos debates e conflitos ideológicos que caracterizaram as primeiras décadas da República⁸⁶, se insere o nome de Ruy Bello.

A atuação destes intelectuais refletia uma diversidade de perspectivas e abordagens em relação à relação entre a religião católica e a esfera política no Brasil desse período. Embora a República tenha sido marcada pela separação entre Estado e Igreja, e pela influência de ideias laicas e positivistas, a Igreja Católica e seus adeptos ainda exerciam uma influência considerável na sociedade brasileira, incluindo na esfera política⁸⁷.

1.8 Tempos de formação: outros espaços sociais e instituições diversas

O Instituto Brasileiro de Geographia e Estatistica celebrou as festas em comemoração ao seu 4º aniversário no dia 20 de maio de 1940, às 20 horas, no Theatro Santa Isabel, sob a presidência do prefeito Novaes Filho. Entre os membros a serem empossados nessa solenidade consta a presença de Ruy Bello:

[...] Serão empossados os membros da Comissão Censitaria Municipal do Recife, composta dos srs. A. de Novaes Filho, Joseph Turton, Antonio Pereira, Diniz Peryllo, Renato Medeiros, Samuel Soares, Oscar Carneiro, padre José Tavora, Annibal Fernandes, Daniel Rodrigues, Antonio Pinto Lapa, des. Genaro Freire, mons. Ambrosino Leite, **Ruy Bello**, Manoel Leão e Milton de Pontes. Sr. Augusto Dias secretario da Delegacia Sectarial do Recife, iniciará a série de palestras escolares no Collegio Salesiano. A noite no Centro Educativo Operario do Pombal, falarão os srs. José Agrelli e Cziás Burgos, na presença dos dirigentes centristas e de várias autoridades do Recenseamento em Pernambuco. (Diário de Pernambuco, 20.05.1940, p. 6 – grifos nossos)

No ano de 1958 Ruy Bello participou de uma Colônia de Férias mantida pelo Serviço Social do Comércio (SESC) em Garanhuns. Fato que lhe rendeu um artigo enviado para o Jornal Diário de Pernambuco com o título “Uma Instituição modelar”. Ele tece comentários sobre o ambiente com elogios pelas instalações e pelo atendimento.

Estamos tão efeitos a falar mal de tudo o que é nosso, vivemos tão decepcionados de tôdas as nossas instituições, que não seria justo nem sensato perder as poucas oportuniades que nos aparecem de exaltar e aplaudir aqueles que, no campo da vida pública ou social, se apresentam como realmente meritórios. Está neste caso esta admirável Colônia de Férias. Situada no mais aprazível e belo recanto da cidade, nas imediações de um parque delicioso, dispõe a Colônia de instalações, que, sem chegar a

⁸⁶ Dentre os nomes de intelectuais católicos na política estão Jackson de Figueiredo e Alceu Amoroso Lima.

⁸⁷ O quinto e último capítulo desta pesquisa trará uma parte sobre os embates e combates de Ruy Bello através da política em defesa da fé católica.

ser luxuosas, o que estaria em desacôrdo com sua finalidade, são, entretanto, perfeitamente adequadas, aos humanismos objetivos dessa instituição. [...] (Diário de Pernambuco, 25.12.1958, p.4)

Ruy Bello sempre envolvido nos espaços sociais, tinha sua vida também nos espaços de lazer, apreciava as artes em suas mais diversas formas. Frequentou uma apresentação no Teatro de Amadores de Pernambuco da peça “Inês de Castro”. Saiu sua critica ao espetáculo junto com outros nomes da sociedade recifense. Segue abaixo o cartaz propaganda da peça:

Figura 28: Anuncio da Peça Inês de Castro em 1972



Fonte: Diário de Pernambuco, 04 de outubro de 1972, segundo caderno , pag. 5

Ruy Bello marcava presença também em eventos promovidos por famílias da alta sociedade de Pernambuco. A exemplo participou da festa dos Vilaças quando foram centro de um dia de festas em Limoeiro⁸⁸. Foi neste dia entregues títulos de cidadania para três membros da família Villaça. Nesta ocasião dentre o que foi considerado figuras de expressividade na política, na economia e na cultura da sociedade Pernambucana, das cidades de Limoeiro e Recife estiveram presentes. O nome de Ruy Bello é apresentado neste grupo. Ele foi responsável pelo discurso nesta cerimônia.

⁸⁸ Limoeiro é um município brasileiro situado no estado de Pernambuco. Localizado na Mesorregião do Agreste Pernambucano e na Microrregião do Médio Capibaribe, possui uma área de 277,54 km². Fonte: <https://www.limoeiro.pe.gov.br/>

A família Vilaça recebeu, domingo, uma verdadeira consagração em Limoeiro. Não somente pela entrega da cidadania aos seus três membros, mas também pela presença altamente expressiva dos seus amigos, de Limoeiro e do Recife. Entre eles, expressivas figuras dos nossos mundos sociais, políticos, econômicos e culturais. A festa teve lugar no salão principal do Colombo, que acabou sendo pequeno para comportar a verdadeira multidão presente. A sessão foi presidida pelo prefeito Artur Correia de Oliveira, tendo os diplomas sido entregues pelo general Walter de Meneses Paes (O de Antônio), pelo general Carlos Alberto Cabral Ribeiro (O de Edvalda) e pelo senador Paulo Guerra (o de Marcos Vinícios⁸⁹). O **acadêmico Ruy Bello** fez um bonito discurso, tendo em nome dos agraciados, falado Marcos Vinícios Vilaça, num discurso primoroso, o que não surpreende por partir de uma das mais jovens e firmes culturas do Estado. Durante mais de meia hora, Antônio, Edvalda e Marcos Vinícios receberam cumprimentos, no salão nobre do Colombo. (Diário de Pernambuco, 08.01.1974, segundo caderno, p. 5- grifos nossos)

Um momento de reconhecimento e celebração. É interessante observar como esses eventos públicos não apenas reconhecem os indivíduos homenageados, mas também refletem as relações sociais e políticas da época.

O nome de Ruy Bello rendeu uma publicação no Jornal Diário da Manhã, numa questão inusitada, mas que incomodou “seu amigo”. Não consta a identificação na nota do jornal, mas aparece citado “COLABORAÇÃO DE E.T.C.J.” numa nota com o título “QUEIXAS DE RUI”.

Meu companheiro e amigo Rui de Aires Belo veio no seu carro, trazendo a mim e o Delgado da Academia para Olinda queixando-se dos cães que comportavam mal defronte do Instituto de Educação, de que é diretor. Ouço o que diz. Faço ligeiras sugestões ao mestre assaltado nos seus justos pudores. Quase lhe proponho queixa na policia e imediata prisão dos tais cães por ofensas à moral pública. Limito-me entretanto, a pedir ao Rui que não queira mal aos nossos bons amiguinhos e apenas mande enxotá-los quando eles aparecem lá pelo 13 de Maio. O 13 de Maio acrescento é um recanto tentador para esses ‘acontecimentos’ e o que eu tenho visto pro lá é muita gente. Esta sim, merecedora de policia. O 13 de Maio meu caro professor Rui de Aires Belo, não é um mau caminho: é uma praça perigosa. Talvez que os mais inocentes sejam mesmo os cachorros que enfureceram o mestre tão querido e acatado (Diário da Manhã, 07.06.1971,p.6)⁹⁰.

⁸⁹ Marcos Vinícios Rodrigues Vilaça, nascido em Nazaré da Mata no dia 30 de junho de 1939 é professor, advogado, jornalista, ensaísta e poeta brasileiro. Membro da Academia Brasileira de Letras, da Academia Pernambucana de Letras, da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasiliense de Letras e ex-ministro e presidente do Tribunal de Contas da União. Cf. Borges, J. (1988). Louvação a Dr. Marcos Vilaça na sede da LBA em Pernambuco (cordel). Bezerros (PE): Ed. do Autor.

⁹⁰ Pelo perfil de Ruy Bello uma réplica a esta notícia poderia ter sido feita, mas não a localizamos nos jornais pesquisados para saber a continuidade do caso ou ele pode ter ignorado a questão face as ironias contidas no texto, levando o caso na ‘esportiva’ como falamos coloquialmente. Ainda mais vindo o relato de um amigo, que certamente tinha algum grau de amizade para ter desfrutado até da carona de Ruy Bello.

O fato acima revela um lado do comportamento de Ruy Bello que em alguns momentos o adjetivavam de intransigente em seus princípios e condutas.

1.9 Tempos de reconhecimento: Os oitenta anos de Ruy de Ayres Bello (1984)

Na abertura do livro “Os oitenta anos de Ruy de Ayres Bello” (Mendonça, 1984) o Presidente da Academia de Letras e Artes do Nordeste Brasileiro, no ano de 1984, Aluísio Furtado de Mendonça, elucida que a obra reúne uma série de depoimentos proferidos pelos mais legítimos representantes da cultura pernambucana. A sessão solene foi aberta pelo presidente acadêmico Waldemir Miranda:

Abrindo esta solenidade em que se homenageia um dos nossos mais autênticos valores, quero dizer que não viemos todos apenas louvar o octogenário lúcido, válido, ardoroso participante da vida acadêmica, vimos também aplaudir nele a obstinada dedicação ao ministério da cátedra, especialmente no ensino normal, onde encontra sua realização o menino teleológico que ele sempre foi (Mendonça, 1984, p.11).

Proferiram discursos os representantes da Academia Pernambucana de Letras; da Escola Normal Pinto Júnior; e o próprio Ruy Bello. Segue trechos de suas falas seguindo esta ordem de apresentação:

REPRESENTANTE DA ACADEMIA – Ruy João Marques

Oitenta anos! Que idade bonita, nobre, gloriosa até, esta que o nosso – tão nosso e tão admirado – Ruy de Ayres Bello vem celebrar conosco, na sua Academia Pernambucana de Letras. Chega aos oitenta na melhor das formas, de corpo e de espírito. Lúcido, inteligente, perspicaz, como sempre (Mendonça, 1984, p.14)

REPRESENTANTE DA ESCOLA NORMAL PINTO JÚNIOR – José Lourenço de Lima

Na festa significativa dos oitenta anos de seu Professor e Diretor, Ruy de Ayres Bello. Com a Academia Pernambucana de Letras, da qual é um membro ilustre o Mestre Ruy Bello, a Pinto Júnior promove a homenagem duplamente cara: ao octogenário ilustre e às instituições promotoras. [...] Estrela de primeira ou segunda grandeza, a Pinto Júnior não se pode astronomicamente precisar. Nem lhe interessa. Interessa-lhe apenas, e o faz agora, deixar-se guiar por essa estrela e seguir-lhe os rastros de luz. “de muitos anos”, mestre Ruy de Ayres Bello (Mendonça, 1984, p.28 e 32).

AGRADECIMENTO FEITO PELO RUY DE AYRES BELLO

O MOMENTO que com tão excessiva solenidade se está agora assinalando, o da passagem do octogésimo aniversário do meu nascimento, está sendo para mim, antes de tudo, motivo de constrangimento, de perplexidade. Reúne-se a Academia em sessão solene, a ela se associa uma quase multidão em que avultam personalidades das mais expressivas do nosso mundo social, para um ato público de louvação e exaltação dos meus 80 anos de vida, uma pobre vida, sem lustre e sem grandeza. [...]Tenho, assim de reprimir qualquer impulso de vanglória diante do que se passa aqui para ser fiel ao

que ensinava São Paulo aos seu discípulo Timóteo: ‘Ao Rei dos séculos imortal e invisível, só a Deus seja dada honra e glória pelos séculos sem fim’. “Não choremos, amigo a mocidade. Envelheçamos rindo. Envelheçamos como as árvores fortes envelhecem. Na glória da alegria e da bondade. Agasalhando os pássaros nos ramos. Dando sombra e conforto aos que padecem. Que Deus nisso me ajude (Mendonça, 1984,p. 34, 39 e 43)

As palavras de Ruy Bello refletem a sua humildade e cumprimento do dever de servir de um cristão. Diante daquela celebração de seu octogésimo aniversário, ele expressa desconforto pelas inúmeras homenagens, reconhecendo sua vida como simples e sem grandeza aos olhos do mundo. Chega a citar uma passagem bíblica para enfatizar a importância de atribuir honra e glória apenas a Deus, ao invés de se vangloriar por suas próprias realizações.

Ao mesmo tempo, ele encoraja a encarar o envelhecimento com serenidade e alegria, comparando-o ao amadurecimento das árvores, que oferecem abrigo e conforto aos outros. A referência à ajuda divina no final demonstra uma fé profunda e a busca por serenidade frente às complexidades da vida.

Outras saudações foram feitas por amigos publicadas em jornais da época. Criamos uma tabela com a lista dos títulos dos artigos, meio de publicação, data e escolhemos uma citação elucidativa das homenagens a Ruy Bello:

Quadro 1 - Saudações ao Octogenário de Ruy Bello

Título da Publicação	Autoria e Data	Citação em Destaque
‘O OITENTÃO RUY DE AYRES BELLO’	Artigo do Acadêmico e jornalista Leduar de Asis Rocha, no Jornal do Comércio de 2 de julho de 1984.	“Já disse várias vezes, que Ruy de Ayres Bello é um admirável educador e a maior parte destas oito décadas tem-nas dedicado ao magistério, transmitindo a inúmeras gerações de estudantes as luzes de toda a vasta cultura humanística que conseguiu amearhar como a mais opulenta das fortunas. Acima de tudo é um homem digno, correto e sério, comunicativo e cordial, sadio de corpo e ágil de inteligência mando a vida no que ela tem de proveitosa, porque foi para o culto desse amor que Deus se inspirou naquela radiosa manhã da criação”. (Mendonça, 1984,p. 49).
RUY	Suelto por Potyguar Mattos no Diário de Pernambuco de 5 de Julho de 1984.	MESTRE de múltiplas gerações, pedagogo, autor de uma rica bibliografia especializada em problemas educacionais, biógrafo de sua ‘pequena pátria’, a encantadora Barreiros, administrador, político, havendo exercido brilhante mandato parlamentar, RUY DE AYRES BELLO prestou ao nosso Estado, servindo a sua mocidade – com seriedade, dedicação e competência – os chamados serviços que não tem como ser pagos. A não ser pelo respeito e admiração que o seu nome sugere, recordado por milhares dos

		seus discípulos que nele tiveram, além da sabedoria do mestre, o exemplo do homem vertical e bom (Mendonça, 1984, p.52-53).
RUY BELLO	Notas Avulsas – Acadêmico e jornalista Nilo Pereira no Jornal do Comércio de 5 de julho de 1984.	E todos nós estaremos ao seu lado nessa festa de inteligência e do coração. Chegar a essa idade é um privilégio. Dizia-se antigamente que os queridos dos deuses morriam na flor da idade. Era o caso dos poetas românticos, sempre tuberculosos. Ruy não foi querido dos deuses, mas de Deus. Por isso tem vivido longamente. E produzido uma obra literária e pedagógica que o fica no nosso espírito. Pela qual sempre será lembrado e admirado (Mendonça, 1984, p. 56)
‘AO MEU TIO RUY’	Discurso de Luiz Henrique de Barros Bello, numa recepção de família em casa do homenageado, a 7 de julho de 1984.	O TIO RUY é uma lição de vida para todos nós, um exemplo de força de vontade, para desenvolver por meios próprios a inteligência que o bom Deus lhe deu. Toda uma vida dedicada ao magistério onde o ato de educar foi e é acima de tudo, um ato de amor. Amor que nele vem se renovando, e criando novas forças, desde o tempo em que ainda menino, ensinava em Barreiros, passando pela saudosa Escola Normal, e continuando hoje na Pinto Junior, numa constante transmissão de conhecimentos, mas principalmente, de lições de vida, e de sentimento. Por tudo isto, Ruy de Ayres Bello, é que nós, seus parentes, amigos, ex-alunas, e todos aqueles que privam de sua amizade nos sentimos felizes em poder dizer: rendemos muitas e muitas graças a Deus por conservá-lo entre nós (Mendonça, 1984, p. 66 e 67).
RUY & RUY	Artigo do Acadêmico e jornalista José Lourenço de Lima, no Jornal do Comércio, de 12 de julho de 1984.	Foi o que se pode chamar uma noite memorável para o ‘octogenariante’ e para quantos lá estivemos: parentes, alunos, colegas e amigos. A chuva pesada, que inundava a Cidade, não impediu que ali comparecesse um grande número de pessoas. É que a amizade vence tudo, inclusive o mau tempo. O acontecimento se impunha: aplaudir e agradecer os oitenta anos, ainda robustos e fecundos, 64 dos quais devotados, sem cansaço, ao magistério, do Mestre que veio dos Barreiros para servir a Pernambuco e ao Brasil (Mendonça p.60 e 61).
‘SIM AO BOM SENSO’	Artigo do escritor e jornalista Gilvandro Coelho, no Diário de Pernambuco de 13 de Julho de 1984	Inspirados nos oitenta anos da vida fecunda de um professor autêntico, Ruy de Ayres Bello, solenemente comemorados na quinta-feira, dia 5 deste mês de julho, pela Academia Pernambucana de Letras – a que também pertence o homenageado – julgamos necessário e oportuno refletir, mais uma vez, sobre a educação. Particularmente, sobre dois de seus aspectos fundamentais: o papel insubstituível do mestre em qualquer sociedade humana e a sua valiosíssima contribuição para o processo de desenvolvimento nacional (Mendonça, 1984, p. 70).
‘O OPORTUNO MÉRITO DE	Artigo do escritor e jornalista Aluizio	Poucos homens podem chegar aos oitenta anos com a certeza do dever cumprido como o Professor Ruy de

UMA HOMENAGEM ⁹¹	Furtado de Mendonça no Jornal do Commercio de 20 de Julho de 1984. p.46	Ayres Bello. Muito mais felizes são aqueles que, como ele, alcançam a idade provecta com a sua juventude espiritual, com o permanente e lúcido brilho de sua inteligência privilegiada, com o magnífico desempenho de sua conduta social e humana, publicamente reconhecidos e festejados (Mendonça, 1984, p. 76).
------------------------------------	---	--

Abaixo figura 29 do Padre Arnaldo, da matriz do Espinheiro, celebrando a missa de 80 anos de Ruy Bello.

Figura 29: Padre Arnaldo celebrando missa do octogenário de Ruy Bello



Fonte: Ferreira. 2001, p. 181.

O Conselho Estadual de Educação fez também uma cerimônia em homenagem aos 80 anos de Ruy Bello. No Diário Oficial do Estado teve a divulgação de como seria a programação:

Conselho de Educação vai homenagear Rui Ayres Bello. Na próxima quarta-feira (dia 26). O Conselho Estadual de Educação prestará, na sua sede, à Avenida Rui Barbosa, 1.559, nas Graças, homenagem especial ao professor Rui de Ayres Bello, educador pernambucano dos mais conhecidos e respeitados, que completará oitenta anos. A informação é do presidente do Conselho Estadual de Educação e chefe de Gabinete da Secretaria da Educação, professor Lucilo Ávila Pessoa, que afirmou ser a homenagem um preito de justiça e de reconhecimento pelo professor Rui de Ayres Bello à educação em Pernambuco, tendo ensinado a várias gerações. INTEGRANTES. Integram o Conselho Estadual de Educação os professores

⁹¹ O autor organiza seu texto com os seguintes subtópicos a respeito de Ruy Bello: Como Mestre-escola; Como Administrador; Como Político; Como escritor; Memórias de um Professor; Como cidadão comum; Academia Pernambucana de Letras.

Lucilo Avila Pessoa (presidente), Gerusa de Mendonça Barros (vice-presidente), Aluizio de Andrade Pereira, Antônio Carolino Braule Gonçalves da Silva, Creuza Maria Gomes de Aragão. Mais: os professores Efraim Pinto Benjamim, Fernando Antônio Vieira Gonçalves da Silva, Fernando Monteiro de Matos, Humberto Costa Vasconcelos, Itamar Abreu Vasconcelos, Lucilda Jordão Batista de Oliveira, Marilene de Carvalho Ferraz, Nelson Nogueira Saldanha e Rawilsean Dutra de Almeida Lira. A secretária do Conselho Estadual de Educação é a professora Lourdes Vasconcelos, que será a responsável pelo cerimonial a ser seguido na homenagem em que o órgão colegiado prestará ao professor Rui de Ayres Bello (Diário Oficial Do Estado de Pernambuco, 20.12.1984, capa).

Em 13 de setembro de 1997, veio a falecer Ruy de Ayres Bello.

A Assembleia Legislativa de Pernambuco lançou em 2001 uma coleção com o título “Perfil Parlamentar do Século XX”, por iniciativa do Presidente da ALEPE, Deputado Romário Dias (PFL). Um dos parlamentares que engloba o grupo de deputados homenageados foi Ruy de Ayres Bello (Diário Oficial, 08.11.2001)⁹².

Foram editadas 22 obras com o objetivo de resgatar a trajetória dos políticos que contribuíram para o desenvolvimento de Pernambuco. “O Parlamento é o espaço democrático onde os cidadãos são representados pelos deputados. Esta coleção é uma homenagem aqueles que tornaram ainda mais importante o Poder Legislativo” (Diário do Estado de Pernambuco, 08.11.2001, CAPA). A figura 30 com a capa do Diário Oficial de Pernambuco, que estampa a notícia da cerimônia do lançamento dos livros.

Figura 30 - Capa do Diário Oficial do Estado de Pernambuco, 2001



Fonte: Diário Oficial, 2001, capa

⁹² Em 2013 é lançado uma edição revisada desta coleção.

As obras foram lançadas durante todo o ano e no último ciclo foram apresentadas os livros da coleção Perfil Parlamentar do Século XX, com as biografias de Andrade Lima Filho, Ruy de Ayres Bello, Paulo Guerra, Gilberto Osório e David Capistrano.

Termo este capítulo que sintetizou as nove décadas de acontecimentos biográficos de Ruy de Ayres Bello, desde seu nascimento até sua morte (1904 – 1997), o que se configura como uma tarefa desafiadora em um momento de declínio das narrativas predominantes na escrita da história da educação.

A trajetória de um intelectual também pode revelar suas influências intelectuais, bem como suas redes de relacionamento com outros pensadores, educadores e líderes políticos. Isso ajuda a compreender as conexões e interações que moldaram suas perspectivas e abordagens educacionais.

Em suma, a trajetória de um intelectual é fundamental para a pesquisa em história da educação, pois fornece insights valiosos sobre o contexto histórico, o desenvolvimento de ideias educacionais, as contribuições para o campo da educação e as influências que moldaram o pensamento e a prática educacional ao longo do tempo.

Ruy de Ayres Bello é um sujeito ativo e participante de sua própria história. Nosso olhar se concentra em vincular o sujeito aos espaços e redes de sociabilidade que ele percorre, assim como aos campos em que se estabelece.

No próximo capítulo, abordaremos sua trajetória nos espaços escolares onde trabalhou, os quais o moldaram como um educador muito respeitado e admirado por sua dedicação ao ensino e pela gestão das instituições nos cargos que ocupou.

CAPÍTULO II - O MENINO DE ENGENHO SE TORNA PROFESSOR

Figura 31: Patronato Agrícola João Coimbra em Tamandaré⁹³



Fonte: Revista de Pernambuco, 1925, sn.

⁹³ Ruy Bello trabalhou a partir de 1924.

CAPÍTULO II - O MENINO DE ENGENHO SE TORNA PROFESSOR

A base empírica deste capítulo é a vida e obra de Ruy Bello com o objetivo de trazer, neste capítulo as informações em ordem cronológica da pesquisa histórico-educacional sobre a sua vocação para o ensino. Tal atuação foi reconhecida pelo próprio autor, como evidenciado no trecho a seguir:

"A minha vocação era mesmo para o magistério, à qual procurei servir da melhor maneira, com um nunca descuidado senso de responsabilidade. Para isso, eu deveria preparar-me da melhor forma. Não apenas com o estudo dos melhores métodos, dos melhores processos de ensinar essas matérias. Quero dizer, com o aspecto pedagógico do problema" (Bello, 1982, p. 97).

Ruy Bello ocupou posições importantes na esfera educacional, as quais serão apresentadas verificando as análises quanto aos desafios enfrentados ao longo de sua trajetória como educador e intelectual da educação. Através do estudo desta trajetória, são questionados aspectos fundamentais da construção de sua identidade intelectual e contribui diretamente para o entendimento acerca do projeto de educação do país.

2.1 Vocação para ensinar: as primeiras experiências

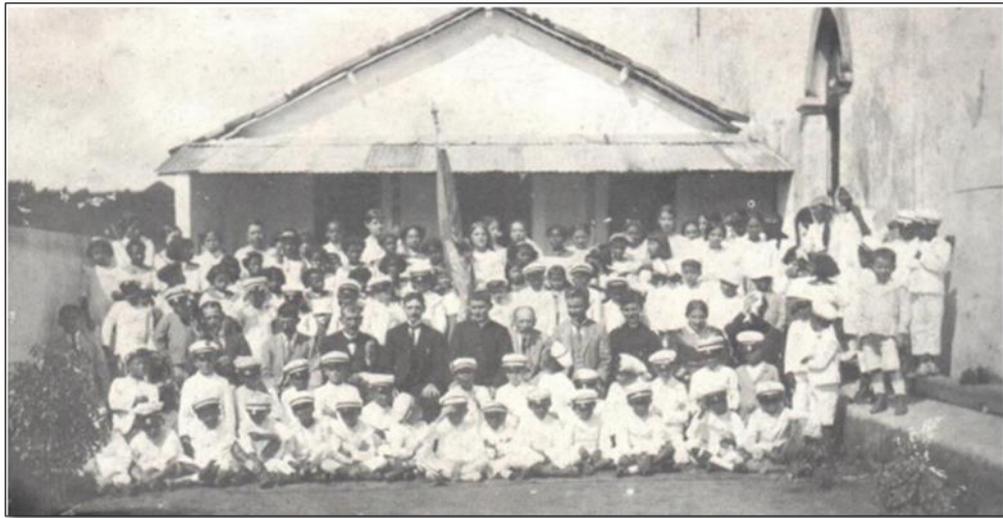
Era ainda ‘meninote’ com seus 16 anos no ano de 1920 quando começou a lecionar na Escola Paroquial de Barreiros a convite do Padre Júlio Siqueira. Atuou nela por três anos: “ensinei ou tentei ensinar numa classe primária elementar (Bello, 1982, p. 224).

Durante esta experiência era Ruy Bello, ao mesmo tempo, professor e aluno: professor da escola paroquial e aluno de latim do padre Júlio. Localizamos o nome do padre que o Ruy Bello menciona como professor de aulas particulares. Segue a nota:

Fiscal do ensino: Euclides Celso Silva. Professores estadoaes: Antonio Gerson Eustachio Guaraná.D. Celestina Amalia Alves de Souza.D. Maria das Mercês Ribeiro Leite. Professores Municipaes: D. Antonia Liberato de Macedo França. D. Bemvinda Aurelia da Silva. João Mauricio Wanderleu. Manoel Correa de Mello. Professores particulares: D. Amalia Leitão e **Julio de Siqueira, padre**. (Almanak Laemmert: Administrativo, Mercantil e Industrial (RJ), 1915,p. 3634- grifos nossos).

Abaixo a foto 32 da Escola Paroquial de São Miguel, em Barreiros:

Figura 32: Escola Paroquial de Barreiros. Fonte Bello, 1982, sp



Fonte: Bello (1982, s.p.).

Esta foto foi publicada no final de sua autobiografia, com a seguinte legenda:

A escola Paroquial de São Miguel, em Barreiros, num dia de festa, na qual, aos 16 anos, me iniciei no magistério. Ao centro está o vigário Padre Júlio de Siqueira e ao seu lado direito o dr. Gabriel Quintas promotor da Comarca e o prefeito Cel. João Marinho. Ao lado esquerdo estão o Cel. Antônio Cavalcanti e o comerciante Paulo Antônio da Rocha, meu sogro. Sobre a calçada, sem chapéu o menino que aparece, filho do promotor é o hoje famoso historiador Amaro Quintas. (Bello, 1982, sp).

Do ensaio de lecionar na Escola Paroquial foi para o Patronato João Coimbra:

A minha carreira de professor se fez por estágios sucessivos e ascendentes, sendo que os dois primeiros estágios podem ser considerados como simples ensaios ou experiências preparatórias. Refiro-me ao magistério ou quase magistério na escola paroquial de Barreiros e no Patronato Agrícola João Coimbra, em Tamandaré, nos primeiros tempos (Bello, 1982, p. 224).

Estas experiências marcaram o início de sua formação como educador, possivelmente proporcionando oportunidades para aprender e experimentar diferentes situações pedagógicas, para aprender a lidar com desafios comuns no ambiente escolar e desenvolver habilidades de ensino.

Estes dois primeiros estágios mencionados por Ruy Bello, foram períodos de aprendizado e desenvolvimento profissional. Dá-se daí a frente sua entrada oficialmente como professor em instituições oficiais de ensino.

2.2 O ensino em dois Patronatos agrícolas de Pernambuco

O Patronato Agrícola foi criado no antigo Lazareto de Tamandaré e nomeado Patronato Agrícola Dr. João Coimbra⁹⁴.

Saiu de Barreiros para Tamandaré com um enxoval de roupa de cama e de vestir arrumado pela sua irmã. Estava na companhia de um amigo funcionário do Patronato ambos montados a cavalo sob o dia invernos de junho de 1924.

Ao chegar admirou-se com as instalações físicas suntuosas dando a impressão de um conto de fadas. Neste mesmo ano, teve a nomeação de censor de alunos da escola. “Aqueles tempos não eram os de hoje”⁹⁵

Foi a esse mundo em destroço que eu cheguei naquela tarde chuvosa de junho de 1924. Para acréscimo de minha decepção, era esse um mundo quase deserto. Habitavam-no tão somente, o diretor do Patronato e responsável pelas obras de sua instalação, meu primo Carlo Bello e mais alguns funcionários: um almoxarife, um agrônomo, um farmacêutico (Sic) dois eletricitistas e o antigo porteiro Araújo. Nessa primeira noite fui hóspede de meu primo Carlos, na residência do diretor, já parcialmente restaurada e onde havia um mínimo de iluminação: uma lâmpada a álcool e uns candeeiros de querosene. Fora daí, só se via luz na casa do porteiro, a mesma lâmpada a álcool e os mesmos candeeiros de querosene. (Bello, 1982, p.226).

Segundo Santos (2015) com a criação dos Patronatos Agrícolas pelo país, eles deveriam ser uma rede a serviço da assistência, regeneração do ensino e da educação profissional. “Se destinavam a dar iniciação no ensino de agricultura aos menos das zonas rurais” (Bello, 1978, p. 133).

A educação profissional vinha sendo alicerçada nas diretrizes da república instaurada desde 1891. Assim, a escola vai se tornando o local de preparação para o trabalho. O projeto educacional republicano tinha como intenções,

(...) por exemplo, o sonho da República espargindo as luzes da instrução para todo o povo brasileiro e democratizando a sociedade, ou o sonho de, pela instrução, formar o cidadão cívica e moralmente, de maneira a colaborar

⁹⁴ A criação dos Patronatos no Brasil surge com o decreto nº 12.893, de 28 de fevereiro de 1918 na gestão do Wenceslau Braz P. Gomes: Decreta: “Art. 1º Fica autorizado o Ministro de Estado dos Negocios da Agricultura, Industria e Commercio a crear nos postos zootechnicos, fazendas-modelo de criação, nucleos coloniaes e outros estabelecimentos do Ministerio **patronatos agrícolas** destinados a ministrar, além da instrucção primaria e civica, noções praticas de agricultura, zootechnia e veterinaria a menores desvalidos. Art. 2º Nos patronatos creados em virtude do presente decreto serão aproveitados os serviços dos funcionarios addidos e do pessoal technico e administrativo actualmente existente naquelles estabelecimentos, de accordo com as instrucções que forem expedidas pelo Ministro de Estado dos Negocios da Agricultura, Industria e Commercio”. Sobre o tema dos Patronatos ver dentre outros, Nery (2009) e Santos (2015).

⁹⁵ Afirma que “[...] nos dias de hoje um primo de primeiro grau de um vice-presidente da República, com a sua interferência, não lograria ser apenas um humilde censor de alunos numa escola situada num lugarejo perdido do interior. Seria, pelo menos, diretor da escola” (Bello, 1982, p. 224).

para que o Brasil se transforme em uma Nação à altura das mais progressivas civilizações do Século (Nagle, 1976, p. 100).

A democratização do acesso à educação e a formação do cidadão são ideais do projeto educacional republicano no Brasil. Uma visão de que a educação deve ser acessível a todos, independentemente de classe social ou origem, baseado na educação como pilar fundamental desse processo.

Ruy Bello, tomou posse no dia anterior e ficou na hospedaria no Patronato que contava com dezoito dormitórios. Coisa que para ele que tinha medo de isolamento foi uma dura experiência. Como ainda não tinha alunos, nada tinha para fazer. A alimentação ele tinha que arranjar cozendo se próprio alimento. Dedicava o tempo para leituras de romances e livros de poesias durante o dia com a luz do sol.

Os funcionários estavam no patronato antes mesmo de sua inauguração nos cuidados da sua instalação e reformas. Estes funcionários, receberam do diretor interino do Patronato João Coimbra, um reservado almoço na véspera da sua inauguração, sendo noticiado o fato em uma nota no jornal:

A's 12 horas daquele dia, antes da inauguração oficial do estabelecimento o dr. Carlos Bello, seu diretor interino, oferecem um almoço intimo numa das salas do palacete da Administração tomando parte do mesmo: dr. Carlos Bello Filho, dr. Arsenio Costa, dr. Edesio Guaraná, Austro-Costa, Odorico Maciel, dr. Quintino Maranhão, farmacêutico Carlos Leão, Horacio Alves, Coronel Luiz Dantas, dr. Ruy Bello, tenente Leonidas B. Oliveira, Elias de Aguiar Bello e Jose Gonçalves da Silva Britto. Houve diversos brindes, decorrendo o ágape por entre largas expansões de cordialidade. (Diario de Pernambuco, 08.11.1924, p.2).

As obras para o novo patronato agrícola de Tamandaré, duraram mais de um ano, sendo publicado sua portaria de criação no ano de 1923.

CREAÇÃO DE UM PATRONATO AGRICOLA.

Rio, 20. – No despacho de amanhã será creado na pasta da agricultura o patronato Agrícola no antigo Lazareto “Tamandaré”, tomando o nome de “dr. João Coimbra”. (A PROVINCIA, 21.07.1923, p.3).

O Patronato Dr. João Coimbra⁹⁶ foi então inaugurado no dia 05 de novembro de 1924 sendo noticia em uma das páginas do jornal Diário de Pernambuco:

⁹⁶ Não encontrei nenhum trabalho científico sobre esta instituição, o que é uma motivação para retornar as pesquisas e perguntas sobre a história da educação dos menores desvalidos, da cultura escolar agrícola e os personagens que circularam nesse patronato.

Patronato Agrícola João Coimbra. Effectuar-se-à hoje, em Tamandaré a inauguração oficial do patronato agrícola que o Governo federal ali fundou ultimamente e a que deu o nome do venerado dr. João Coimbra, em memoria dos relevantes serviços prestados por esse ilustre pernambucano, á causa da Lavoura da nossa terra. O solo que se revestirá de solenidade terá logar às 14horas, prestigiado pela presença do exmo. Sr. Dr. Estácio Coimbra, vice-presidente da República, outras altas autoridades, chefes das repartições federaes, subordinadas ao ministério da agricultura e representantes da imprensa. Por iniciativa do dr. Carlos Bello Filho, sub-diretor do Posto Zootechnico do Pinheiro, Estado do Rio, e em comissão exercendo a directoria do novo patronato, será aposto no salão n obre o retrato do dr. João Coimbra. [...] (Diario de Pernambuco, 23.11.1924, p.3).

A inauguração oficial do Patronato Agrícola João Coimbra em Tamandaré significou um empreendimento estabelecido pelo Governo federal. O patronato recebe o nome do respeitado Dr. João Coimbra, em homenagem aos seus notáveis serviços à causa da agricultura em Pernambuco.

O Patronato tinha o papel significativo para o desenvolvimento agrícola da região e o ensino para às crianças daquela região. Abaixo a foto 33 com a notícia da inauguração do Patronato e a figura 34 com as instalações:

Figura 33 - Notícia da inauguração do Patronato



Fonte: Diario de Pernambuco, 23.11.1924,p.3

Figura 34: Detalhes do Patronato João Coimbra



Fonte: Diário de Pernambuco, 23.11.1924,p.3

Na notícia tem a descrição da imagem sinalizado no alto o edifício da administração central do Patronato e embaixo aspecto geral das suas instalações principais.

Os alunos foram chegando aos poucos e Ruy Bello assumiu a função de monitorar cerca de dezenas de alunos. Conforme regulamento de matrícula dos patronatos agrícolas era aceito para admissão de menores dos 10 a 16 anos de idade.

Figura 35 - Alunos do Patronato João Coimbra na saudação matinal



Fonte: Revista de Pernambuco, novembro de 1925, sn.

Ruy Bello recorda-se que eram todos meninos ‘dóceis e humildes’, a quase totalidade filhos de pequenos agricultores das proximidades. A idade deles era entre dez (10) e doze (12) anos, os maiores já alfabetizados ou semialfabetizados.

Contando com mais de uma centena de alunos. Professores ainda não havia. Ruy justifica que o lugar não era atrativo pelo difícil acesso e ficava ‘quase no fim do mundo’. Só se podia andar a cavalo ou de carros de bois.

Ruy Bello na função de censor de participou da comissão que organizou as comemorações de encerramento do ano escolar. A descrição das atividades revelam um pouco da cultura escolar⁹⁷ do Patronato João Coimbra em um dia festivo:

NO PATRONATO AGRICOLA “JOÃO COIMBRA” – Por iniciativa de sua directoria, será festivamente comemorada a passagem do dia de Anno Bom no Patronato Agrícola “João Coimbra”. A comissão, composta dos srs. Carlos Leão, farmacêutico, **Ruy de Ayres Bello** e Elias de Aguiar inspectores de alunos, nomeada pela directoria para tal fim, organizou o seguinte programma:

1ª parte – 5 horas, alvorada; 5 ½, hasteamento da bandeira nacional no edifício da administração, com o hymno respectivo cantado pelos alunos. 2ª parte – 12 horas, salva de 21 tiros; 13 horas, lunch dos alunos ao ar livre. 3ª parte – 15 horas, jogos infantis, assim discriminados: abertura; canção calisthenica; 1º pareo – corrida rasa num percurso de 200 metros, dedicada ao dr. Dulphe Pinheiro Machado, diretor do Serviço de Povoamento; 2º - corrida em sacos, dedicada ao dr. Estacio Coimbra, vice-presidente da Republica; 3º - corrida com ovos em colheres, dedicado ao dr. Carlos Bello, diretor do Patronato; 4º - lucta de travesseiros, dedicada ao dr. Sebastião Lins; 5º- quebra-panella, dedicado aos funcionários do Patronato; 6º - corrida de biscoitos, dedicada aos comerciantes locais; 7º concurso de saltos, dedicado às famílias. 4ª parte – 17 horas, ligeira parada dos pequenos escoteiros do Patronato; 18 horas, arreamento da bandeira, depois da continência devida dos escoteiros. (Diário de Pernambuco, 05.01.1925, grifos nossos)

Como ainda não haviam chegado professores nomeados pelo Governo, Ruy Bello propôs ao diretor que ele fosse dando aulas aqueles meninos para não ficarem ociosos o que dificultava muito a disciplina. Seu pedido foi aceito e ele iniciou a lecionar os alunos do Patronato.

Ocupou então o cargo de professor, sendo reconhecido pela sociedade: “O distinto jovem **Ruy Ayres Bello**, professor do Patronato Agrícola “João Coimbra”, em Tamandaré, vê

⁹⁷ Sobre a Cultura escolar adotamos a definição como: um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos, normas e práticas coordenadas e finalidades religiosas, sociopolíticas que podem variar segundo épocas. Cf. JULIA (2001).

passar seu aniversário natalício, hoje”. (Diário de Pernambuco, 05.07.1925, Parte Diário Social – grifos nossos)⁹⁸.

Assim Ruy Bello exerce sua função de mestre, agora com uma classe de mais de cinquenta alunos. A escola era de nível um pouco acima do primário e havia apenas um professor para cada turma que podia ser composta de alunos de vários níveis, já alfabetizado.

A irregularidade do cargo foi sanada com a proposta do Diretor de nomeá-lo professor por portaria do Ministro da Agricultura Miguel Calmon Du Piu e Almeida. Fato que Ruy Bello acredita ter ocorrido pela sua dedicação à função que estava exercendo de modo razoavelmente satisfatório. Sobre esse assunto Ruy Bello menciona na sua autobiografia:

No Patronato fui professor ‘ad hoc’, durante dois (2) anos, até ser nomeado professor efetivo em 1926. Esse foi o meu batismo como professor oficial. (Bello, 1982, p.224).

Agora eu já não era mais um simples aspirante ou ensaiante, a título precário, do magistério, mas me tornava professor de verdade, nomeado pelo governo, e ainda mais pelo governo federal (Bello, 1982, p. 228).

Na sua trajetória de vida Ruy Bello pode ser considerado um homem que não ficava estagnado. Onde tinha oportunidade ele progredia. Certamente seja por iniciativa, como vimos acima ele se ofereceu a lecionar os alunos do Patronato e logo após foi efetivado para o cargo. Como também pela sua atuação. No Patronato foi ele quem proferiu no término do ano letivo de 1925 a palestra na cerimônia de formatura no Patronato.

PATRONATO AGRICOLA “JOÃO COIMBRA”

No dia 20 de dezembro p. passado, realizou-se nesse estabelecimento de ensino, situado em Tamandaré, o encerramento do ano lectivo. Às 5 horas houve alvorada pela banda de cornetas e tambores do internato e às 6 horas o hasteamento do pavilhão nacional na fachada do edifício central, sendo o acto assistido por todos os educandos, devidamente uniformizados e funcionários do Patronato. Às 13 horas, num dos salões de aulas, teve lugar a distribuição de prêmios aos menores aplicados e de bom comportamento, realizando antes uma palestra sobre “Instrução” o jovem **Ruy Ayres Bello**, professor interino do estabelecimento. (Diário de Pernambuco, 05.01.1926, p.4 – grifos nossos).

Diferente do início das atividades, o Patronato foi sendo um lugar de amigos, graça a convivência com os colegas de magistério e outros companheiros de trabalho, muitos deles convivendo com suas famílias no Patronato.

⁹⁸ Encontramos outra menção no jornal do seu aniversário. “O Jovem Ruy de Ayres Bello, professor do Patronato Agrícola ‘João Coimbra’ em Tamandaré, vê passar seu aniversário natalício amanhã”. (Diário de Pernambuco, 04.07.1926, p.4)

Ouvir a banda de música que em pouco tempo de atividade executava pequenas peças, dobrados, valsas, e até excertos de música erudita, eram atrações de bem estar para Ruy Bello. Desde sua meninice em Barreiros gostava de assistir ensaios de banda.

Nesse tempo de jovem como professor do Patronato Ruy Bello mantinha seu noivado com a moça Erlinda Rocha. Por ocasião do seu aniversário foi noticiado no jornal e mencionava essa relação: “Diario Social. Anniversarios - a senhorita Erlinda Rocha, filha do sr. Paulo da Rocha, comerciante em Barreiros, e noiva do sr. Ruy de Ayres Bello, professor do “Patronato Agrícola João Coimbra”, de Tamandaré” (Diário de Pernambuco, 12.10.1926, p. 2).

Fatos da vida privada de Ruy Bello enquanto lecionava no Patronato João Coimbra também encontramos em nota no jornal. Como por exemplo quando precisou cuidar mais atenciosamente da sua saúde.

ENFERMOS. Na casa de saúde do sr. Dr. Arthur de Sá, onde se encontra enfermo, vem de submeter-se a melindrosa operação, com resultados satisfatórios, o sr. Ruy de Aires Bello, professor do patronato agrícola “João Coimbra”, em Barreiros. Procedeu á intervenção aquelle operador (Diario de Pernambuco, 05.02.1927, p.2).

Fica evidenciado a notoriedade que Ruy Bello ganha em suas atividades no Patronato “João Coimbra”, pois sua vida pública e privada estavam sempre em alguma página do jornal, em especial na Seção da vida Social.

Ruy Bello vai tendo na sociedade de Barreiros e adjacências um grau de importância para ser lembrado na imprensa. Podemos compreender que a imprensa constituiu-se historicamente como locus de atuação deste intelectual, estando fortemente imbricada à própria emergência social desse personagem.

No ano de 1927, o primo Estácio Coimbra era o governador do Estado de Pernambuco e fez a Ruy Bello um convite para assumir o cargo de 3º escriturário da Diretoria de Estatística. Promessa feita há várias anos antes pelo primo que visava levar Ruy Bello para a capital, Recife, onde ele teria oportunidade de continuar os estudos e melhores perspectivas de vida e de trabalho, como relatou Ferreira (2001):

Em janeiro de 1927, portanto dois anos e meio depois de ir para o Patronato, Estácio Coimbra, há mais de um ano no Governo de Pernambuco, consultava Ruy para saber se ele aceitaria ser nomeado para o lugar de 3º escriturário da Diretoria de Estatística. Em resposta ao primo, ressaltava que era, por natureza, homem avesso aos cargos burocráticos, preferindo ser professor. (Ferreira, 2001, p. 42).

Ruy Bello se considerava um homem antiburocrático e não aceitou a função, mas, a

‘Providência’ (palavras de Ruy Bello relatando a situação em sua autobiografia) veio ao seu socorro e apareceu um professor do Patronato Agrícola Barão de Lucena⁹⁹, que propunha a troca de cargos que aconteceu no mês de junho do mesmo ano, em 1927.

Assim, Ruy Bello deixa o Patronato Agrícola João Coimbra¹⁰⁰ em Tamandaré e é transferido para o idêntico cargo de professor no Patronato Agrícola ‘Barão de Lucena’.

De seu zelo e fiel cumprimento dos seus deveres sua saída foi sentida por todos do Patronato João Coimbra. No momento que os alunos faziam refeição, o professor Joaquim Diniz fez um discurso de despedida para Ruy Bello, pronunciando as seguintes palavras:

“Querido mestre. Só uma certeza pode mitigar a nossa saudade, a pungente saudade que aflora em nossos corações, neste momento com a vossa ausência: a certeza de que não nos deixareis de todo. Alguma coisa de vós aqui fica, palpitando, vibrando, animando-nos, enfim, a seguir o vosso exemplo. São os ensinamentos que nos ministrastes com proficiência e bondade; são os vossos conselhos de mestre dedicado e amigo sincero de todos nós – ensinamentos e conselhos que guardaremos com carinho nos mais íntimos recessos de nossa alma. Não é, portanto, um adeus eterno que vos dirijo em nome de meus companheiros e colegas, nem a vossa pessoa ficará entre nós envolta nas novas do esquecimento. Não! Não seremos esquecidos, nem ingratos! Mestre! Sede feliz! Lembrai-vos que, matizando a vossa trajetória os nossos votos e as nossas preces vos acompanharão sempre, para que possigais triunfo em triunfo – semeando as flores da vossa bondade, disseminando as luzes de vosso saber na gloriosa jornada que ides encetar, com a frente já aureolada de louros. Mestre adeus, ou antes até á volta”. (Diário de Pernambuco. 10.08.1927,p.4).

O dr. Lauro Montenegro, diretor no ano de 1927 do Patronado João Coimbra, também pronunciou um discurso ao professor Ruy Bello nos seguintes termos:

“Sr. Prof. Ruy Bello, com a vossa transferência para o Patronato Agrícola ‘Barão de Lucena’ ofereceu-se-me o ensejo de exaltar e agradecer os serviços que com inteligência, prestastes a este estabelecimento e exprimir como vosso humilde companheiro de trabalho as saudades que vae me deixar o vosso convívio, sempre muito agradável ao espirito e ao senso de socialidade”. (Diário de Pernambuco. 10.08.1927,p.4).

⁹⁹ Ficava em Socorro, Jaboatão dos Guararapes/PE. O Patronato Barão de Lucena foi extinto pelo governo no ano de 1933. Ruy Bello foi mandado por transferência de volta para o Patronato João Coimbra, mas não aceitou o retorno, pedindo demissão do emprego federal. Sua alegação foi porque já estava definitivamente radicado no Recife.

¹⁰⁰ O Patronato agrícola João Coimbra foi transferido em 1940 para a cidade de Barreiros, onde, passou a ser Colégio Agrícola João Coimbra¹⁰⁰. Ruy Bello em sua autobiografia (1982) menciona sobre ele que “(...)funciona com regularidade produzindo apreciáveis resultados” (Bello, 1976, p. 133).

A saída do Patronato João Coimbra foi sentida por Ruy Bello. Resolveria o seu problema de não atender o chamado do primo para o trabalho burocrático que ele não aceitara, mas traria um sentimento de ‘exílio’ como ele rememora.

Repito-me: apesar das vantagens que todos viam nessa minha transferência, praticamente para o Recife, a capital, o Eldorado com que sonha todo jovem do interior, eu não a desejava. Em Tamandaré eu me sentia perfeitamente adaptado e, além disso, ali, eu não me sentia ausente de Barreiros, apenas a 12 quilômetros de distância. Mas Recife era para mim o exílio. Foi mesmo com o sentimento de um exilado que eu deixei a minha terra barreirense, com tudo o que ela representava para a minha sensibilidade – a sua natureza física, suas paisagens, seus ares, sua gente e, no meio dessa gente, uma noiva muito amada. Ao despedir-me do “João Coimbra” recebi dos alunos e dos companheiros de trabalho, inclusive do diretor do Patronato uma homenagem que me foi muito grata. Houve uma reunião de todos, com um discurso de um dos alunos e outro do maestro Epaminondas Ribeiro. Respondi como pude, certamente muito mal, porque era realmente muito viva a emoção que me dominava. O grande chorão que sempre tenho sido, e não me pejo de confessa-lo, dificilmente se conteve quando os meus cinquenta (50) alunos vieram um por um, abraçar-me pessoalmente. (Bello, 1982, p. 230-231).

Um relato que evidencia a importância de Ruy Bello com a comunidade local, representada pela homenagem dos alunos e colegas de trabalho do Patronato Agrícola. Os gestos de afeto, como os abraços dos alunos.

O Patronato Agrícola “Barão de Lucena”¹⁰¹, em Jaboatão, Pernambuco, foi criado pelo decreto nº. 14.275, de 28 de julho de 1920. Foi uma iniciativa importante para promover o desenvolvimento agrícola no país, especialmente na região Nordeste.

Teve seu funcionamento com aproveitamento dos terrenos e instalações da antiga escola no bairro de Socorro na cidade de Jaboatão. Os terrenos onde se instalou o patronato foram doados a União pelo Governo do Estado, com intuito de amparar e instruir praticamente grande número de menores abandonados.

A figura 36, é do 14 Batalhão da Infantaria Motorizada, que funciona nas instalações que fora o Patronato Barão de Lucena, preservada ainda sua arquitetura.

¹⁰¹ Atualmente funciona o 14 Batalhão da Infantaria Motorizada. No começo do século passado, nas terras pertencentes onde hoje se localiza o 14º Batalhão de Infantaria Motorizado, existia uma Escola de Agronomia, que havia sucedido à antiga Escola Média de Agricultura, e funcionou até 1920. Entre 1920 e 1921, começou a funcionar, onde hoje fica o Pavilhão de Comando da Unidade, o Patronato Agrícola Barão de Lucena, espécie de abrigo de menores, órfãos e abandonados. Este Patronato era dirigido pelo Médico Diniz Passos e funcionou por cerca de 10 anos Cf. <https://14bimtz.eb.mil.br/>.

Figura 36: 14º Batalhão da infantaria Motorizada – antigo Patronato Barão de Lucena



Fonte: <https://14bimtz.eb.mil.br/>

Abaixo um grupo de 116 alunos na sua 1ª comunhão e renovação das promessas do batismo.

Figura 37: Alunos no Patronato Agrícola Barão de Lucena.



Fonte: Relatórios do Ministério da Agricultura (RJ), 1927, p. 337.

Ruy Bello, relata que havia certa dificuldade de deslocamento da sua casa para o Patronato: “Para cumprir minha função de professor, em Socorro, eu viajava diariamente de trem, uma viagem de quarenta [40] a cinquenta [50] minutos, que o trem não tinha horário certo. Eu ia depois do meio-dia e voltava ao cair da tarde” (Bello, 1982, p. 232).

Teve boa convivência com os profissionais do Patronato Barão de Lucena iniciando novas amizades e amigos de estudo. Foi o caso do amigo Antonio Macedo, homem de estudo.

Na época de sua chegada o Patronato Barão de Lucena tinha como Diretor José da

Fonseca Galvão. Os Professores primários eram: Hermenegilda da Cruz Carvalho, Antonio de Macedo e Ruy de Ayres Bello. Além dos professores foram nomeados Medico, Auxiliar agrônomo, escriturário, ecônomo-almoxarife, farmacêutico, mestres de oficina, instrutor de alunos, porteiro-continuo.

Passou a nutrir com o Professor Antonio de Macedo uma amizade e uma rotina de estudo com o colega, que Ruy Bello o adjetivou de “um homem de estudo”, destacando esta lembrança:

Esse interesse pelo estudo, comum a nós dois, era o principal motivo de nossa aproximação, embora fosse, também, algumas vezes, causa de divergências, mas divergências que jamais afetaram a cordialidade de nossas relações. É que eu, coerente com as minhas convicções em matéria de filosofia e religião, orientava nesse sentido a minha formação intelectual, São Tomaz de Aquino e os seus modernos seguidores, Soriano de Souza, Maritain, Garrigou Lagrange, Etienne Gilson, Gaston Sortais e outros eram os meus melhores mestres, enquanto Macedo seguia o estudo de sua especialidade, a Geografia e Ciências afins, a orientação naturalista ou materialista de Lamarck, Dawin, Huxly e especialmente Elisé Reclus, o seu mestre preferido¹⁰². Se não chegava a ser, propriamente, um ateu confesso, era Macedo, pelo menos, um agnóstico. Isso no tempo de sua mocidade. Depois não sei a partir de quando, mas sei que na idade madura, Macedo se tornou um cristão autêntico, um católico de comunhão frequente e terço diário. (Bello, 1982, p. 232 e 233).

A coexistência pacífica de diferentes perspectivas intelectuais e religiosas dentro de uma amizade, mostrando que essas diferenças não foram obstáculos para um relacionamento cordial e respeitoso.

2.3 Iniciando no ensino secundário e normal

Com a extinção do patronato agrícola Barão de Lucena em 1933, o Governo Federal resolve nomear os funcionários para o Patronato Agrícola João Coimbra, em Pernambuco.

¹⁰² Estes autores estudados por Macedo tratavam dentro do campo científico a cerca da importância de suas contribuições para o entendimento da evolução e da relação entre os seres vivos e o meio ambiente. Ou seja, temas de estudos quanto a abordagem naturalista, a teoria da herança, a teoria da seleção natural, ideias evolucionistas de Darwin, a teoria da evolução e uma visão materialista da sociedade e da natureza. Temas divergentes do pensamento cristão, tendo em vista que na relação entre os organismos e seu ambiente, há de se recorrer a causas sobrenaturais ou divinas pelas explicações metafísicas ou religiosas. Retornaremos ao tema no capítulo IV.

Ruy Bello estava na lista dessas nomeações com o exercício de professor (Correio Paulistano, 29.12.1935, p.18).

Morando no Recife com a irmã Antonieta, casada pela segunda vez, Ruy ia todo dia de trem para Socorro, só retornando ao anoitecer. Como havia algumas horas de folga, tentou ensinar numa escola particular. No entanto, por falta de diploma só conseguiu ser professor de Religião no Ginásio do Recife, convidado, em 1930, pelo padre Félix Barreto. Ensinou no Patronato Barão de Lucena, na Vila Militar de Socorro, até 1933, quando o Governo extinguiu a unidade de ensino e o transferiu para onde ele começara, o João Coimbra (Ferreira, 2001, p.42).

Ruy Belo não aceitou a transferência pelo motivo que avaliou está radicado já no Recife. Fato que relata:

Tive que pedir demissão do emprego federal, embora com isso sofresse uma sensível redução nos meus minguados vencimentos. Em compensação, passava a ter todo o meu tempo disponível, e havendo conseguido registrar-me no Ministério da Educação¹⁰³, pude assumir novos encargos de aulas em colégios particulares. Comecei pelo Colégio da Sagrada Família em Casa Forte, ensinando Latim e Português (Bello, 1982, p. 233).

Sua justificativa de recusar a transferência para o Recife, optando por permanecer na cidade é que já se encontrava estabelecido na região, implicou em mudanças significativas em sua vida profissional e pessoal.

Ruy Bello buscou alternativas para sustentar-se na cidade. Ao conseguir registra-se como professor no Ministério da Educação¹⁰⁴ passa a assumir novos encargos de aulas em colégios particulares e estreando no ensino secundário.

Como foi mencionado acima, destacamos que o Ministério da Educação e da Saúde Pública foi criado em 14 de Novembro de 1930, tendo como Ministro Francisco Campos¹⁰⁵.

O primeiro ministro da Educação, Francisco Campos, veio de Minas Gerais. Sua nomeação foi uma compensação do governo federal a Minas pela participação na Revolução de 1930, mas resultou também da pressão de setores conservadores da Igreja Católica, liderados por Alceu Amoroso Lima. Francisco Campos já acumulava uma experiência de reformador da educação em Minas Gerais na década de 1920. A reforma que fez no ensino primário e normal do estado foi pioneira no país. Seguiu os postulados da

¹⁰³ Um dos primeiros atos do governo provisório de Getúlio Vargas (1930-1934). Além dessa iniciativa, ocorreram outras neste período demarcado pelos historiadores como 2ª República

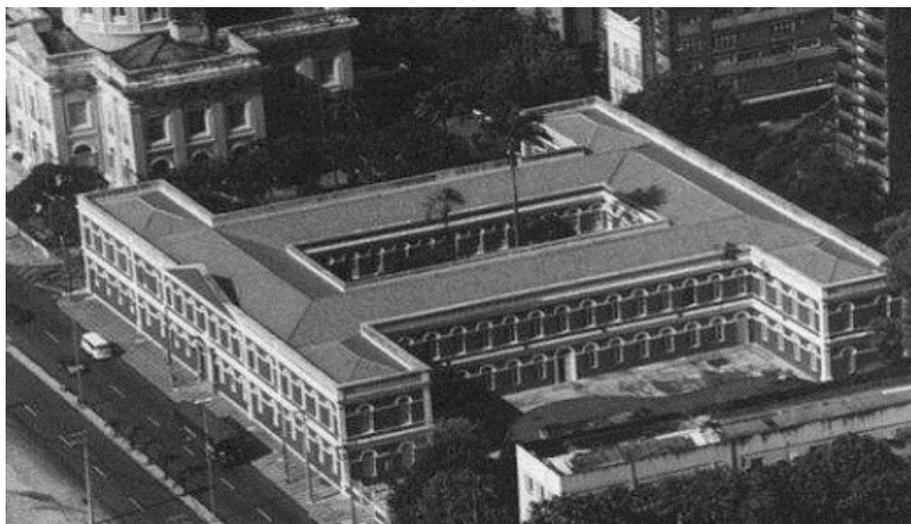
¹⁰⁴ Não localizamos em nossa pesquisa fontes que detalhasse este fato.

¹⁰⁵ Deve-se considerar que, no final da década de 1920, como Secretário dos Negócios do Interior do Estado de Minas Gerais, Francisco Campos liderou uma reforma do ensino primário e normal a partir dos princípios e dos métodos da Escola Nova (MORAES, 2000, p.193-216). Como primeiro ministro da Educação e Saúde Pública, ele introduziu esse espírito renovador na reforma do ensino secundário brasileiro de 1931 (In: DALLABRIDA, 2009, p. 189). Sobre o tema das reformas educacionais, ver entre outros, 'Reformas Educacionais: As manifestações da Escola Nova no Brasil (1920 a 1946)' (MIGUEL et al, 2011).

"Escola Nova", que haviam chegado ao Brasil pelas mãos de educadores como Anísio Teixeira e Fernando de Azevedo após a Primeira Guerra Mundial (CPDOC, Dossie Era Vargas Anos 30)¹⁰⁶

Um dos destaques de sua atuação como professor, foi a chegada ao Ginásio do Recife¹⁰⁷. O Ginásio do Recife era uma das escolas de ensino secundário de grande prestígio, neste sentido, Ruy Bello considerou essa experiência uma ‘honrosa promoção’. Sua arquitetura também era dentro dos padrões da época, como mostra a figura 38 da vista aérea do Ginásio Pernambucano.

Figura 38: Vista aérea do Ginásio Pernambucano.



Fonte: Diário de Pernambuco, 21.03.2001.

No Ginásio ensinou a disciplina de Religião, pois era uma matéria que não se exigia registro dos professores. A ocupação do cargo foi feita a convite do diretor do Ginásio, Padre Félix Barreto. Certamente fruto de sua militância católica mantinha estrita relação com o diretor.

¹⁰⁶Cf. <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos30-7/IntelectuaisEstado/MinisterioEducacao>

¹⁰⁷ Fundado em 1825 com o nome de Liceu Provincial de Pernambuco. Passou a se chamar Ginásio Pernambucano em 1855. Mudou-se da Rua Gervásio Pires para a Rua da Aurora em 1866. O prédio na Rua da Aurora foi projetado pelo engenheiro José Mamede Alves. Em 1859, recebeu visita do imperador Dom Pedro 2. Mudou de nome para Instituto Benjamim Constant em 1893. Voltou a ser chamado de Ginásio Pernambucano em 189. O nome foi alterado para Colégio Pernambucano em 1942. Só voltou a ser denominado Ginásio Pernambucano em dezembro de 1974. Até o início da década de 1950, só aceitava alunos do sexo masculino. As primeiras turmas femininas só foram criadas em 1955. Turmas mistas, formadas por alunos de ambos os sexos, só surgiram em 1970. Estudaram no Ginásio Pernambucano: Amaro Quintas, historiador e advogado. Ariano Suassuna, escritor. Celso Furtado, economista. Clarice Lispector, escritora. Claudionor Germano, cantor. Epitácio Pessoa, presidente do Brasil entre 1919 e 1922. Valdemar de Oliveira, médico e teatrólogo. Cf.: BARROSO FILHO, Geraldo. Formando individualidades condutoras: o Ginásio Pernambucano dos anos 50. São Paulo, 1998, 259 p. Tese de Doutorado em História da Educação. Universidade de São Paulo.

Os corpos docentes do Ginásio Pernambucano e da Escola Normal, entre outras escolas, também incluíram muitos religiosos. O Revdmo, Sr. Padre Felix Barreto foi diretor do Ginásio do Recife desde 1920. O Ginásio fora fundado em 1912 pelo Revdmo. Sr. Cônego Henrique Xavier, em 1919 era ele professor de chorographia da segunda cadeira da Escola Normal de Pernambuco (Cf. BPE, Coleção Pernambucana, Estatuto do Ginásio do Recife , In: Silva, 2005, p. 78).

Ruy Bello, iniciou no Colégio da Sagrada Família em Casa Forte, ensinando Latim e Português. A escola tinha uma disciplina severa e durante as aulas uma religiosa assistia à aula inteira, acompanhando o professor na entrada e na saída.

Apesar de um tanto receoso por me estar estreando como professor de curso secundário, não encontrei maior dificuldade em me adaptar à nova situação. O Latim, em que me iniciei com o padre Júlio, eu sempre cultivei com esforçada persistência e, embora não fossem muito mais do que elementares os meus conhecimentos da matéria, estavam acima do programa oficial do curso e muito acima da capacidade de assimilação da classe, uma classe do 4ºano ginásial, composta de apenas umas quinze [15] alunas. A mesma coisa posso dizer do Português, pois para atender aos meus pendoros, ou melhor, às minhas veleidades literárias, estudei sempre com muito empenho e muita diligência o nosso idioma (Bello, 1982, p. 234).

Ruy Bello passa pelas primeiras experiências como professor de curso secundário, demonstrando um misto de apreensão e confiança em suas habilidades. Apesar de estar estreando nessa função, ele relata que conseguiu se adaptar à nova situação com relativa facilidade.

Quanto a sua erudição seus conhecimentos de Latim, pelo seu relato excediam o programa oficial do curso e eram superiores à capacidade de assimilação da classe em que lecionava, composta por poucas alunas do 4º ano ginásial.

Ao mencionar sobre seu capricho também com o estudo da língua portuguesa, era motivado por seu interesse na literatura, o que o tornou um escritor polímata.

Ruy Bello depois desta experiência de ensino, passou a ministrar matérias pedagógicas em diversas outras escolas: Escola Normal Pinto Júnior, o Colégio Nóbrega, o Colégio Eucarístico, o Colégio de São José e o Instituto Nossa Senhora do Carmo.

Relata nesta trajetória de professor, ter se alistado para a legião de professores que corria de um emprego a outro. Mas, como tinha outras fontes de renda, mesmo modestas, não passava sua lida de seis (6) horas diárias, enquanto muitos professores chegavam a uma jornada de 12 horas diárias.

Essas escolas acima listadas ofereciam o ensino normal. Ruy Bello terá até o final de sua vida atuação nesta modalidade de ensino, seja como professor ou diretor de escolas normais. Abaixo a figura 39, com a propaganda do Instituto Nossa Senhora do Carmo que oferecia um curso normal.

Figura 39 - Propaganda de matrícula do Instituto Nossa Senhora do Carmo

Instituto Nossa Senhora do Carmo
Equiparado ao Colegio Pedro II e á Escola Normal Oficial do Estado

Diretora: **Maria do Carmo Carneiro Lins e Melo**
Secretaria: **Maria José C. Lins e Melo**

EDIFÍCIO PRINCIPAL DO INSTITUTO DE NOSSA SENHORA DO CARMO

JARDIM DA INFANCIA

CORPO DOCENTE: CURSO GINASIAL E NORMAL

Padre Dr. Carlos Leoncio, Drs.: Candido Duarte, Sisenando Silveira, Otavio Doria, Heitor de Andrade de Lima, Teodulo Miranda, Oton Paraiso, Dacio Rabelo, Gilberto Ozorio de Andrade, **Rui Belo**, Eduardo Monteiro de Mattos, Valdemar de Oliveira, Nilo Pereira, Alberto Moreira, Wandick Freitas, Armando Temporal, Luiz Delgado, Milton Cabral de Melo, Antonio Mario Mafra, Fernando Mota, Maestro Ernani Braga, Baltasar da Camera, Mario Nunes, Professoras: Maria Teresa Lins e Melo, Laura Lopes Braga, Marieta de Lima Tavares e Zulmira de Paula Almeida.

ANDAR SUPERIOR: GABINETE DE FISICA E QUIMICA
PAVIMENTO TERREO: SALA DE MUSICA E DESENHO

O Jardim da Infancia e Curso Primario estão a cargo de competentes professoras diplomadas

Recebe alunas internas, semi-externas e externas

A 9 de janeiro iniciará um curso gratuito, para exames de admissão em segunda epoca

RUA VISCONDE DE GOIANA N. 370 -- RECIFE -- PERNAMBUCO

Fonte: Diário da manhã, 06.01.1937, p. 10

Entre o grupo de professores do ano de 1937 do Instituto Nossa Senhora do Carmo, Ruy Bello é citado no meio do corpo docente. Eis a lista:

CORPO DOCENTE: CURSO GINASIAL E NORMAL

Padre Dr. Carlos Leoncio, Drs.: Candido Duarte, Sisenando Silveira, Otavio Doria, Heitor de Andrade de Lima, Teodulo Miranda, Oton Paraiso, Dacio Rabelo, Gilberto Ozorio de Andrade, **Rui Belo**, Eduardo Monteiro de Mattos, Valdemar de Oliveira, Nilo Pereira, Alberto Moreira, Wandick Freitas, Armando Temporal, Luiz Delgado, Milton Cabral de Melo, Antonio Mario Mafra, Fernando Mota, Maestro Ernani Braga, Baltasar da Camera, Mario Nunes, Professoras: Maria Teresa Lins e Melo, Laura Lopes Braga, Marieta de Lima Tavares e Zulmira de Paula Almeida (Fonte: Diário da manhã, 06.01.1937, p. 10- grifos nossos).

Faz-se necessário relatar sucintamente os rumos da organização do ensino após a nova Constituição Federal de 1934. A educação passa a ser vista como um direito de todos. Dessa forma, a inclusão da educação como um direito na Constituição de 1934 foi um marco

importante na história do Brasil, estabelecendo as bases para o desenvolvimento de um sistema educacional mais democrático, inclusivo e igualitário¹⁰⁸.

No dia 10 de abril de 1935 sai a notícia sobre a formação da Assembleia Estadual Constituinte de Pernambuco, sendo feita a eleição do Governador e senadores federais.

Surge o Estado Novo. Esse foi o nome do regime político brasileiro fundado por Getúlio Vargas em 10 de novembro de 1937. O “Estado Novo” descrito por Fausto (2008) como distinto do período oligárquico anterior em pelo menos três elementos:

a atuação econômica, voltada gradativamente para os objetivos de promover a industrialização; 2. A atuação social, tendente a dar algum tipo de proteção aos trabalhadores urbanos, incorporando-os, a seguir, a uma aliança de classes promovida pelo poder estatal; 3. O papel central atribuído às Forças Armadas – em especial o Exército – como suporte da criação de uma indústria de base e sobretudo como fator de garantia da ordem interna (Fausto, 2009, p.327).

O governo sob a presidência de Getulio Vargas, as diretrizes foram apresentadas na Constituição de 1937, outorgada no mesmo dia em que ocorreu o Golpe do Estado Novo:

O período compreendido entre 1930 a 1945, sob o governo de Getúlio Vargas adotou uma série de medidas econômicas que representaram, de modo expresso, uma nova fase nas relações entre o Estado e o sistema político econômico. Decretada por Getúlio Vargas após o golpe de novembro de 1937, a Constituição de 1937 estruturou-se de forma que a definição de responsabilidades educacionais se encontrava nas disposições relativas à família nos termos do art. 125: a educação integral da prole é o primeiro dever e o direito natural dos pais. O Estado não será estranho a esse dever, colaborando, de maneira principal ou subsidiária, para facilitar a sua execução ou suprir as deficiências e lacunas da educação particular (Brasil, 2005 In: Oliveira e Santelli, 2020, p. 6)

No plenário da Câmara dos Deputados de Pernambuco, após diversas considerações, foi decidido enviar ao presidente Getulio Vargas, uma moção concebida nos seguintes termos:

‘A Assembléa Legislativa de Pernambuco, tendo em vista a agitação de natureza política e social que se prenuncia no paiz, com possibilidade de perturbação da ordem publica e conseqüente perigo para as instituições vigentes, assegura ao sr. Getulio Vargas, presidente da Republica, o mais decidido apoio e a maior confiança no seu patriotismo á frene dos destinos da Nação Brasileira”. Submettido a votação, é o requerimento do sr. Arthur de Moura aprovado. Os srs. Matheus Vaz, Banderia de Oliveira e **Ruy Bello** dizem que o seu apoio ao requerimento não importa em solidariedade política ao sr. Getulio Vargas’ (Jornal do Recife, 12.08.1937, p.04).

¹⁰⁸ Cf: FAVERO, Osmar. “A Educação nas Constituintes Brasileiras 1823-1988” (Campinas, SP. Editora Autores Associados, 2001).

A educação no Estado Novo, segundo indica Saviani (2011), é tratada como questão nacional e são regulamentados os diversos níveis e modalidades de ensino pelo governo central¹⁰⁹.

Ainda segundo Saviani, ele apresenta destaque ao Decreto n. 19.941, de 30 de abril de 1931, que restabeleceu o ensino religioso nas escolas públicas. Medida assinada por um escolanovista e o autor questiona como se deu o fato? E ele mesmo compreende:

[...] á época do decreto relativo ao ensino religioso, não se externara, ainda, o conflito entre os católicos e os escolanovistas. Eles participavam, lado a lado, na Associação Brasileira de Educação (ABE). O conflito emergiu no apagar das luzes de 1931, na IV Conferência Nacional de Educação, vindo a consumir-se a ruptura com a publicação do ‘Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova’, no início de 1932 (Saviani, 2011, p. 197).

Renovação educacional, finalidades da educação, diretrizes, reformas, o estado, a igreja, a laicidade, a gratuidade, a obrigatoriedade, a coeducação, a descentralização, a autonomia, democracia, o social, o rural, o popular, são temáticas que surgem nos debates por todo país neste período.

A carreira profissional de professor de Ruy Bello que seguia, “sem maiores dificuldades” (Bello, 1982, p. 235). Chegaria a ser diferente, com a questão da cátedra da Escola Normal Oficial.

É que em meio a este clima de mudança de governo. Ruy Bello, consegue em 1938 com o apoio do secretário e do interventor uma nomeação para professor da Escola Normal. Ele relata em suas memórias como isso se deu, dizendo que ocupava o cargo de chefe de gabinete do Secretário do Interior e Justiça, quando chegou certa vez a sua mesa um requerimento em que Pinto de Abreu, professor catedrático de Pedagogia da Escola Normal Oficial solicitava sua aposentadoria.

O ensino sempre foi a minha vocação, como já disse e repeti, e o estudo das ciências pedagógicas eu sempre considerei, como era natural, parte integrante de minha missão de professor. “A sucessão de Pinto de Abreu na cadeira de Pedagogia da Escola Normal representaria, assim, para mim, uma auspiciosa conquista (Bello, 1982, p. 236).

O próprio Ruy Bello não aceitou ser nomeado efetivo. A portaria saiu no dia dezesseis de agosto de 1938 para exercer interinamente o cargo de professor catedrático de Pedagogia da Escola Normal. Mesmo tendo o corpo de professores da escola como seus amigos, ficou surpreso pela hostilidade que foi recebido pela maioria. Chegaram a enviar ao interventor

¹⁰⁹ Sobre as reformas educacionais neste período consultar o livro ‘Reformas Educacionais- As manifestações da Escola Nova no Brasil (1920-1946) (Miguel; Vidal; Araújo, 2011).

Agamenon Magalhães um memorial solicitado a revogação da nomeação de Ruy Bello para sua maior decepção:

Candidatando-me a professor da Escola Normal admitia que estivesse pleiteando nada de indevido, de despropositado ou de aventureiro. Se eram modestos os meus títulos, penso que, para o caso, não eram insignificantes. Afinal, eu contava catorze [14] anos de magistério, inclusive cinco [5] no ensino secundário. Vinha ensinando Pedagogia há quatro [4] anos em escolas normais particulares, equiparadas à oficial. Além disso, eu acabava de exercer com certo mérito, como se testemunhava, um mandato de deputado, dirigia o jornal oficioso da Arquidiocese, 'A Tribuna', sucedendo neste posto homens ilustres, como mons. Augusto Álvaro, que depois seria arcebispo primaz do Brasil e cardeal da Igreja, os cônegos José do Carmo Barata e Xavier Pedrosa, Andrade Bezerra e outros. Repito: não pensei que estivesse tentando nenhuma usurpação por candidatar-me a professor da Escola Normal (Bello, 1982, p. 237).

Esse episódio na vida de Ruy Bello foi resolvido quando dois dias depois ele foi chamado ao gabinete do Interventor. Em sua mente já pensava que seria demitido. Ouviu do Interventor a seguinte pergunta: 'O senhor não acha que o Cônego Henrique não tem condições para dirigir a Escola Normal?'. Ruy Bello respondeu que pelo pouco tempo que estava na instituição não se sentia habilitado de emitir qualquer parecer. Encerrando a conversa o interventor afirma que escolheu um novo candidato para o cargo e o mesmo era Ruy Bello. O prof. Ruy Bello quis objetar a indicação. Eis o trecho do diálogo com o interventor:

- Mas Sr. Interventor, o senhor sabe que os professores da Escola Normal não querem receber-me nem sequer como um deles. Como me receberiam como seu diretor? São capazes de me engulir vivo.

- Talvez engulisse como simples professor, mas como diretor pode estar certo que não engulirão. Foi a resposta do Interventor, que deu o assunto por encerrado (Bello, 1982, p. 238).

Publicada a nomeação de diretor da Escola tomou posse em sessão solene da Congregação dos Professores, com a presença da maioria deles. Ruy Bello aproveita a ocasião para dizer que não havia ressentimentos e que contava com a colaboração de todos para aquela missão. Nas suas memórias alega ter ocorrido tal fato não uma hostilidade pessoal, mas um zelo do corpo docente em manter o brio e o prestígio da ilustrada corporação de ensino¹¹⁰, que sempre teve ilustres mestres.

¹¹⁰Outros nomes são mencionados de ilustres professores da Escola Normal: Sizenando Silveira e Aurino Maciel, Luiz Freyre, Sizenando Carneiro Leão, Sílvio Rabelo, Dácio Rabelo, Estevão Pinto, Valdamar de Oliveira, Gilberto Fraga Rocha, Armando Gama, Meira Lins, Maria Luisa Maranhão, Geraldo de Andrade, Fernando Simões Barbosa, Eulália Fonseca, Ivan Fonseca, Ivan Loureiro, Ivan Alecrim, Oscar Coutinho, Naíde Rabelo, Arlindo Lima, Milton Cabral, Padre Silvino Guedes, Maria do Carmo Barbosa, Ana de Sá Pereira, Fernando Mota, Mauro Mota, Amaro Quintas, Lourival Vilanova, José Costa Porto, José Lourenço de Lima, Armando Souto Maior, Gilberto Osório de Andrade, Valdemar Valente, José Cavalcanti Sá Barreto, André Carneiro Leão,

Corporação realmente ilustrada, pois, desde as suas origens, tivera a Escola Normal o seu corpo docente integrado por figuras das mais representativas do magistério e da cultura, não só de Pernambuco, como de outras áreas do território nacional. Havia pouco, tinham honrado as cátedras dessa Escola mestres do porte de Jerônimo Gueiros, Júlio Pires Ferreira, Ulisses Pernambucano, Eustórgio Wanderlei, Paulino de Andrade, França Pereira, Pinto de Abreu, Aníbal Bruno, maestro Euclides Fonseca, Lucilo Varejão, Edwiges Sá Pereira, esta nascida em Barreiros, circunstância que o meu orgulho nativista me leva a assinalar, por se tratar de uma poetisa de fama internacional, pois teve versos publicados no Almanaque Luso-Brasileiro, de Lisboa e numa revista sueca em tradução de Pithion de Vilar, que comparou a poesia de minha ilustre conterrânea a de Campo amor. E entre esses e outros grandes mestres que ilustraram o corpo docente (sic), o certamente, maior de todos eles, Gilberto Freyre, sob cuja inspiração se criou ali, no governo de Estácio Coimbra, a primeira cátedra de Sociologia Educacional a funcionar em escola normal do Brasil inteiro, sendo ele, Gilberto, o seu primeiro ocupante, infelizmente, por muito pouco (sic) tempo, porque um [1] ano depois, por ato da Revolução de 30, seria o jovem cientista pernambucano exilado para Europa, juntamente com seu amigo Estácio Coimbra (Bello, 1982, p.239).

O prof. Ruy Bello apesar da hostilidade que lhe apresentaram decorrente de sua chegada a Escola Normal de Pernambuco, registra elogios aquela instituição, quanto ao alto nível profissional dos professores. E ao final, certamente com mérito e esmero a que se dedicou a Escola Normal de Pernambuco, ele escreve: “[...]em três (3) períodos que somaram mais de quinze (15) anos, estive sob a minha direção” (Bello, 1982, p. 240).

Essa questão da legalidade para ocupar o cargo, sem o favorecimento político, inquietava o prof. Ruy Bello, ainda mais pois o país estava atravessando um regime político de exceção, necessariamente transitório. Cedo ou mais tarde, o país teria de voltar á legalidade. Outros governos viriam e a primeira preocupação deles seria provavelmente anular ou desfazer os atos dos seus antecessores. “Entretanto, eu não me conformava com a minha condição de professor interino, instável, portanto, sem qualquer garantia de permanência no cargo” (Bello, 1982, p, 241).

Com essa preocupação Ruy Bello solicita que se programe um Concurso de uma cátedra. Foram feitos todos os procedimentos legais para que o concurso transcorresse. Eis o fato descrito abaixo de como ocorreu:

Ruy, que passou a direção da escola ao professor Sizenando Silveira, *decano do Corpo Docente*, estava tranqüilo, pois não via ninguém que pudesse concorrer com ele, dado o fato de existir, no Recife, poucos estudiosos da Pedagogia. Mas, de repente, aparece o sociólogo e economista Arnóbio Graça, que *tinha a seu favor intelectuais e estudantes filiados ao Integralismo de Plínio Salgado*. A Congregação da Escola Normal indicou

Vicente Fittipaldi, Nelson Saldanha, Maria do Carmo Mousinho, Geraldo Lapensa, e outros grandes mestres. Muitos desses professores ocuparam uma cadeira na Academia Pernambucana de Letras, muitos foram políticos e muitos deles estão homenageados em nome de escolas e de ruas pelas cidades do estado de Pernambuco.

para a comissão examinadora os professores Sílvio Rabelo e Geraldo de Andrade, enquanto o Governo apresentara os mestres Andrade Bezerra, Joaquim Amazonas e Eládio Ramos. No entanto, os professores eleitos pela Congregação criaram um impasse, não aceitando a indicação, pois o regulamento da Escola Normal previa que os membros de uma comissão julgadora deveriam ser os da mesma disciplina ou de matéria afim. Mas não havia entre os professores quem preenchesse esses requisitos. E aí, Agamenon Magalhães interveio, reformando o estatuto da Escola Normal, punindo por três meses o professor que se recusasse, sem motivo justo, a fazer parte de uma comissão examinadora. Ao narrar esses fatos, fica uma lição. **Ruy de Ayres Bello**, se estivesse escamoteando a verdade, não seria tão sincero em suas narrativas. Em dezembro de 1939, houve o concurso, com a comissão demorando mais de cinco horas para avaliar os resultados. No final, **Ruy de Ayres Bello** teve nota 8,5, com Arnóbio Graça, sendo convidado por Andrade Bezerra para ensinar na Faculdade de Direito do Recife (Ferreira, 2001, p.44).

Esta situação relatada neste trecho, reforça as relações de poder que sempre coexistem entre: a intelectualidade, a religiosidade e a política¹¹¹.

Houve uma reunião solene da congregação da Escola Normal para a reintegração da direção da escola e a posse de professor catedrático. O professor Sizenando Silveira fez o discurso naquela solenidade o qual Ruy Bello afirma fazer questão de transcreve-lo na integra nas páginas da sua autobiografia. Decisão que ele diz que não visava nenhuma vanglória pelos conceitos em si emitidos em sua honra, entretanto atesta o referido discurso a mudança de atitude e juízo dos professores da Escola Normal para com ele¹¹².

Foi reunida a congregação dos Professores da Escola Normal, em sessão magna, a fim de na forma do art. 135 do regulamento vigente dar posse ao novo catedrático de Pedagogia, professor Ruy de Ayres Bello.

Na presidência desta assembleia, recebemos desse professor a afirmação de bem servir no cargo que acaba de conquistar em seguida às provas exuberantes de sua competência e de estar apto, portanto, no exercício das funções que vinha desempenhando interinamente, cabe-me a satisfação de, em nome da Congregação, ora reunida, saudar o novo catedrático da Escola Normal de Pernambuco. Sr. Prof. Ruy Bello: Desvaneço-me em apresentar-vos as boas-vindas. Mais de um ano de convivência nesta casa de educação bastaram para que nós, os professores desta Escola, vos pudéssemos apreciar devidamente. Conquistastes a nossa estima e a nossa admiração. Designado para dirigir este estabelecimento, tendes sido, como um antigo colega, atencioso e amigo dos que aqui exercitam a sua atividade. Como professor

¹¹¹ Sobre o tema Cf.: GOMES, Ângela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos. Intelectuais Mediadores: Práticas culturais e ação política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.489 p

¹¹² Ruy Bello trás detalhes das instalações físicas da Escola Normal desde sua instalação no ano de 1864 até a construção do prédio próprio quando a escola normal passa a categoria de Instituto de Educação de Pernambuco (IEP) no ano de 1962. Em suma considerou sempre inadequada as instalações. A Escola funcionou num dos torrões do edifício da alfândega, depois num casarão na Rua da Praia, em seguida nas dependências do Ginásio Pernambucana até ser construída uma sede própria no ano de 1920. Desde 1962 passou este prédio a ser a Câmara de Vereadores do Recife.

contratado de Pedagogia, revelastes o pendor para o magistério e a necessária cultura, ultimamente comprovada de público, nas provas do concurso a que vos submetestes. Estais, portanto, à altura de cátedra a que ides ascender: soubestes conquista-la, ela é bem vossa. Continuareis a trabalhar na observação da natureza, sob os preceitos da sã pedagogia, cultivando a inteligência das alunas-mestras pelos ensinamentos indispensáveis à prática e rigidez dos preceitos educacionais. Orientado ainda pela bússola do coração – a fé, as vossas discípulas de amanhã terão, como as de ontem, no mestre de Pedagogia, o modelo do professor cristão. Ide, pois, pregai-lhes a lição evangelizadora do Bem, que deve exercitar as educadoras do futuro. E agora, voltei à torre de comando onde me deixastes nesta via tormentosa do fim do período letivo. Fiz quanto pude, na direção do leme, para evitar os escolhos da jornada. Não faltaram ventos contrários, como bem sabeis, até que volvésseis ao vosso posto. Mas o velho professor não poupou sacrifícios a fim de manter o prestígio da nossa Escola Normal: diz-lhe a consciência que empenhou todo o seu modesto esforço no cumprimento desse dever. E agora, jovem timoneiro, conduzi o nosso barco, levando-o sobre um mar calmo, velas abertas ao vento que sopra de monção ao porto seguro de nossa finalidade. Retomai o leme... (Bello, 1982, p. 145)

Este discurso dirigido ao Professor Ruy Bello por sua nomeação como catedrático da Escola Normal de Pernambuco, expressa um outro momento, agora de satisfação e reconhecimento da Congregação pela competência e dedicação de Ruy Bello, destacando sua trajetória na instituição e sua atuação como educador.

Ruy Bello que conquistou estima e admiração entre seus colegas e alunos durante seu tempo na Escola Normal. Sua competência e atenção aos colegas são enfatizadas, assim como sua capacidade demonstrada no concurso para a cátedra, deixando pra trás o episódio hostil que viveu inicialmente.

Fica também evidenciado no seu relato quanto a sua influência pedagógica através dos princípios da pedagogia e da fé cristã naquela instituição como um líder educacional.

2.4 A atuação na Escola Normal de Pernambuco que se tornou o Instituto de Educação de Pernambuco (IEP)

Nos fins de 1939 ao princípio de 1946, estive o professor **Ruy Bello** na direção da Escola Normal, nome que trazia então este estabelecimento. Durante algum tempo fui seu companheiro de trabalho no Conselho Técnico Consultivo e tive então melhor oportunidade de acompanhar de perto a sua gestão, que se caracterizou por uma ação lúcida e vigilante, no sentido da elevação do conceito deste educandário. Do acervo de suas realizações quero aqui destacar a reforma do ensino normal, o enriquecimento do patrimônio da biblioteca, com a aquisição de muitas e valiosas obras científicas, literárias e didáticas e a renovação do mobiliário deste salão nobre. Seus

livros de História e Filosofia da Educação, disciplina que rege com proficiência e brilho neste Instituto, bem como os de Administração Escolar, obra recentemente publicada, tiveram dentro e fora do Estado a mais ampla aceitação. (Diário de Pernambuco, 13.05.1953, p. 12).¹¹³

Em Pernambuco, a Escola Normal de Pernambuco foi criada pela Lei Provincial nº. 598, de 13 de maio de 1864, e inaugurada em 25 de julho do mesmo ano¹¹⁴. Parahym (1978) fez a seguinte declaração sobre o fato: “Inaugura-se a Escola Normal¹¹⁵, estabelecimento oficial para formação de professores do curso primário em Pernambuco. É o primeiro a ter essa finalidade específica” (Parahym, 1978, p. 88).

Abaixo a figura 40 da sede própria da Escola Normal de Pernambuco construída em 1930¹¹⁶:

Figura 40: Escola Normal de Pernambuco, 1930.



Fonte: www.camaramunicipal.com.br

Outras mudanças ocorreram quanto a instalação da escola:

No ano de 1893, passou a escola normal a fazer parte do Instituto Benjamin Constant, em que se transformara o Liceu Provincial, vindo, à rua da Aurora.

¹¹³ Trecho do artigo “O retrato dos Diretores” escrito por Dacio Rabelo atual diretor do Instituto de Educação de Pernambuco em maio de 1956, destacou o nome de ex-diretores daquela instituição.

¹¹⁴ A Escola Normal de Pernambuco que foi instalada no bairro do Recife, em um torreão do Edifício da Alfândega, sob a direção do Cônego Rochael de Medeiros.

¹¹⁵ Foram consultados os estudos de Araújo (2000) Bello (1978), Galvão (1992), Sellaro (2000), Vasconcelos (2001) que apresentam informações importantes sobre a Escola Normal de Pernambuco.

¹¹⁶ Em 1962, começaram as obras para a transferência da Câmara para o novo prédio, onde até então funcionava a Escola Normal do Recife, situada na Rua Princesa Isabel, ao lado do Parque Treze de Maio, na Boa Vista. É lá onde a Câmara funciona até hoje. Neste ano a Escola Normal foi transferida para um novo prédio tornando o Instituto de Educação de Pernambuco, que será mencionado posteriormente.

Em 1930, instalou-se em sua sede própria, especialmente construída para seu funcionamento, à Praça Adolfo Cirne, de onde vira a mudar-se em 1962 para as novas instalações onde se encontra. Durante a sua existência mudou a escola normal de nome várias vezes: Escola Normal Oficial, a partir do começo do século, Ginásio Normal Oficial, desde 1944, e mais tarde em 1953, Instituto de Educação de Pernambuco (Bello, 1978, p. 125).

Ruy Bello exerceu seu primeiro mandato de diretor em 1938, na Escola Normal de Pernambuco. Na sua gestão à frente da escola teve a oportunidade de sugerir reformas para a organização do ensino na escola.

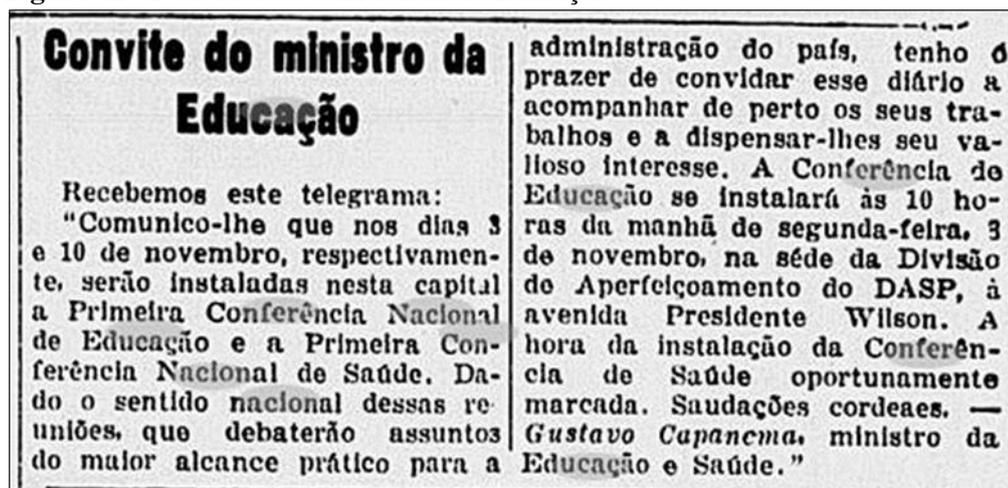
Atuando como Diretor da Escola Normal de Pernambuco, é delegado para Ruy de Ayres Bello a missão de participar da Conferência Nacional de Educação que seria realizada no Rio de Janeiro:

- Professor Rui de Aires Bello- Para o Rio, seguiu ontem a bordo do Cayrú, o professor Rui de Aires Belo, que vai tomar parte no Congresso Nacional de Educação, a realizar-se no próximo mês. O professor Rui Belo, que é diretor da Escola Normal do Estado e nosso confrade da Tribuna se fez acompanhar de sua esposa, d. Erlinda da Rocha Belo. (A Tribuna, 25.10.1941, p. 4)¹¹⁷

A Conferência foi realizada no dia 03 de novembro de 1941 no Rio de Janeiro que é a capital do Brasil naquela época.

Teve uma grande cobertura por parte da imprensa do país este evento. Abaixo a figura 41 do convite remetido ao jornal Correio da Manhã pelo Ministro da Educação Gustavo Capanema¹¹⁸:

Figura 41 - Nota sobre a Conferência de Educação



Fonte: Jornal Correio da Manhã, 02.11.1941, p.23

¹¹⁷ Houve notícia dessa escolha também nos jornais 'Correio da manhã' no dia 30 de outubro de 1940 e 'Jornal da Manhã' no dia 3 de Setembro de 1941.

¹¹⁸ Não localizamos outras fontes sobre este tema, que trouxessem informações da participação de Ruy Bello na Conferência, além do que mencionamos sobre o seu deslocamento para participação no evento.

Na sua gestão no Instituto de Educação de Pernambuco, Ruy Bello foi também responsável no ano de 1948, por presidir a cerimônia de entrega dos certificados aos alunos do curso de Especialização que acontecia no Instituto de Educação de Pernambuco. As solenidades tiveram a missa em Ação de Graças na basílica de nossa senhora do Carmo, celebrada pelo Conego Henrique Xavier e a entrega dos certificados no salão nobre no instituto. Foram convidadas as autoridades, o professorado e o público em geral (Diário de Pernambuco, 29.01.1948, p.6. Seção Vida Escolar).

Em sua carreira docente participou de banca de concursos, como por exemplo, a convocação abaixo no ano de 1953:

Ruy Bello foi nomeado como presidente e professor para constituir a comissão examinadora do Concurso para Cadeira de Metodologia do Instituto de Educação de Pernambuco (IEP) junto com os professores Arnaldo Porto Poggi de Figueiredo, Amaro Soares Quintas, Aderbal de Araújo Jurema e Maria Antonieta Mac Dowell. Tendo como candidatos inscritos professores Arnaldo Carneiro Leão, Padre Públio Pinto Calado e Amerina Diniz Barreto. Amazonas Mac Dowell. (Diário Oficial de Pernambuco, 25.09.1953 p. 4512)

Ruy Bello, continuava exercendo no ano de 1956 sua profissão de professor e diretor, como legitima a portaria publicada abaixo:

PORT. Nº46 – Resolve designar os professores catedráticos, interinos e assistentes abaixo discriminados, para terem exercício no curso noturno do Instituto de Educação de Pernambuco, durante o corrente do ano, de acordo com o Art. 49 §1º, da Lei nº 2622, de 30.11.1956. Dentre o grupo de professores nomeados, sai a nomeação para a disciplina Filosofia e História da Educação ao prof. Ruy de Ayres Bello (Diário Oficial de Pernambuco, 10.07.1956, p. 4356).

O 92.º aniversário do Instituto de Educação de Pernambuco foi comemorado com uma programação festiva, pelo qual houve a fala do atual diretor Prof. Dacio Rabelo e pelo Prof. Ruy Bello, em nome do corpo docente e nesta celebração foi incluído na galeria dos ex-diretores o quadro de Ruy Bello.

Depois será feita na galeria do salão nobre, a aposição dos retratos dos ex-diretores do estabelecimento, professores Estevão Pinto, **Rui Belo**, monsenhor João Olimpio e Silvio Rabelo. A's 14 horas, terá início no parque interno do Instituto uma tarde desportiva constante do seguinte programa: - jogo da maçã; jogo do carretel; Corrida de sacos; Corrida de três pernas; Jogo de azes; Comer o bolo; Competição de atletismo; Jogo de voleibol; Instituto de Educação x Colégio das Damas e Distribuição de prêmios e medalhas aos vencedores. (Diário de Pernambuco, 13.05.1956, p.12- grifos nossos)

Ruy Bello sempre esteve presente nos eventos ligados à educação. Na formatura da Turma do Ginásio Municipal de Barreiros, seu nome é listado entre os presentes:

[...] Entre os presentes anotamos: o paróco padre José Tavares, prof. Antonino Macedo, dr. Aécio Vilar, dr. Luiz Correia, jornalista Ricardo Valença, Tenente Cicero Laurindo de Sá, dr. Francisco Wanderley de Moraes, dr. Ruy de Ayres Bello, Luiz Mendonça, dr. José Alves Massa e dr. Helvio de Queiroz e famílias. Encerrando as festividades houve um animado baile, no dancing da Sociedade Recreativa Cultural Caiadores. (Diário de Pernambuco, 17.12.1957, p.06)

Realizou-se no Instituto de Educação de Pernambuco, no ano de 1959 um estágio para inspetores junto as escolas normais do 1º e 2º ciclos, com participação de Ruy Bello nessa atividade:

Prosseguirão hoje, no Instituto de Educação de Pernambuco, os trabalhadores do 1.º Estagio para Inspetores junto às Escolas Normais do 1.º e 1.º ciclos, com o seguinte programa: As 9 horas - Reunião de estudos sobre o tema: A inspeção escolar, apresentado pelo professor **Ruy de Ayres Bello**, Diretor do Instituto de Educação de Pernambuco: às 10 horas - A legislação vigente e sua interpretação: a) Titulo I - cap. V - dos estabelecimentos equiparados (art. 12); b) Titulo III - cap. I - dos trabalhos escolares (artigos 28 e 29) e cap. IV - da admissão dos cursos (artigos 42 e 43) (Diário de Pernambuco, 28.10.1959, p.6- grifos nossos).

Abaixo a figura 42 de um histórico escolar datado no ano de 1951, com a assinatura de Ruy Bello como diretor do IEP:

Figura 42: Histórico escolar do segundo ciclo do Ensino Normal na década de 1950.

Instituto de Educação de Pernambuco														2º CICLO			
	Português	Latim	Grego	Francês	Inglês	Espanhol	Matemática	Física	Química	H. Nat.	H. Geog.	H. Brasil	H. Geral	H. Brasil	Filosofia	Desenho	M. Dócil
1.ª Série	520	544	x	649	554	661	523	x	x	x	816	x	557	x	x	x	590
NOME DO ESTABELECIMENTO														ANO		NOME DO INSPECTOR	
2.ª Série	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
NOME DO ESTABELECIMENTO														ANO		NOME DO INSPECTOR	
3.ª Série	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
NOME DO ESTABELECIMENTO														ANO		NOME DO INSPECTOR	
DIRETOR																SECRETARIO	

Fonte: Simões e Figueroa, 2018, p. 216.

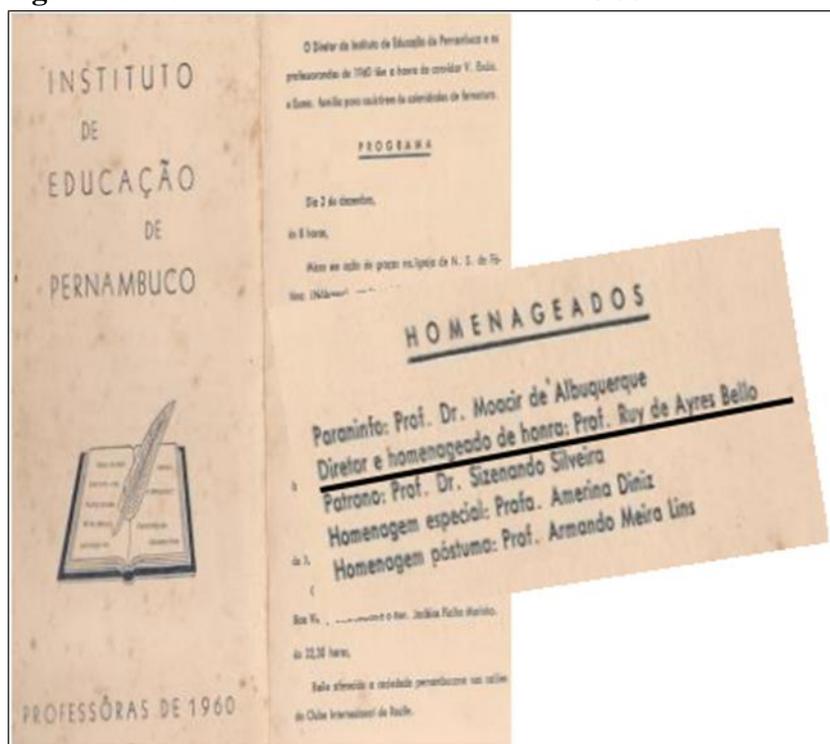
Em 1958, indicado pela Congregação foi reinvestido ao cargo para um mandato de dois anos, mandato que se renovou por outras duas vezes. Abaixo uma notícia sobre uma dessas renovações. Ruy Bello tinha o desejo inicial de renunciar a candidatura a qual foi eleito para diretor do IEP, mas ele ficou no cargo, não apenas neste mandato, mas alguns outros. No jornal saiu a menção sobre essa eleição:

ELEIÇÃO PARA NOVOS DIRETORES DO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO

Reuni-se no dia 3 do corrente a Congregação do Instituto de Educação de Pernambuco, para de acordo com o Regimento Interno, proceder à eleição dos nomes que deveriam constituir as listas triplices para a escolha, pelo governo do novo diretor e vice-diretor do estabelecimento. Verificada a votação apurou-se o seguinte resultado: para diretor, prof. Ruy de Ayres Bello, com 19 votos, prof. Pensivo com 13 votos e prof. Estevão Pinto, com 12 votos, prof. José Lourenço de Lima com 8 votos e prof. Paulo de Barros Vieira com 7 votos. Proclamados os resultados, o prof. Ruy de Ayres Bello, arguindo a prova de confiança dos colegas, declarou sentir-se absolutamente impossibilitado, por muitas circunstâncias de continuar por mais dois anos na direção do Instituto, pelo que perdia à Congregação que, aceitando suas escusas, procedesse a nova eleição. Por unanimidade, resolveu a Congregação não aceitar a renúncia do prof. Ruy de Ayres Bello, que, entretanto declarou seu propósito de apresentar essa renúncia perante o governo. (Diário de Pernambuco, 07/12/1960, p. 3)

Ruy Bello permaneceu no cargo de diretor¹¹⁹, chegando no final do ano a receber da turma o chamado para o grupo de homenageados na formatura da turma de 1960. Na figura 43, o convite de formatura com o nome de Ruy Bello:

Figura 43 - Convite de formatura do ano de 1960



Fonte: Figueroa, 2018, p. 217

¹¹⁹ Ruy Bello ficou na direção do IEP até a sua aposentadoria no ano de 1970.

Importante mencionarmos sobre a promulgação¹²⁰ da primeira Lei de Diretrizes e Bases da educação (LDB). Ocorreu em 20 de dezembro de 1961, a Lei 4.024, mas entrou em vigor em 1962¹²¹. Um dos termos que se sobressai nesta Lei é a 'autonomia' outorgada aos Estados e Municípios. Segundo Saviani (2011):

Na avaliação de Anísio Teixeira, embora a LDB tenha deixado muito a desejar em relação às necessidades do Brasil na conjuntura de sua aprovação, ele considerou uma vitória a orientação liberal, de caráter descentralizador que prevaleceu no texto da lei. Assim, a aspiração dos renovadores, que desde a década de 1920 vinham defendendo a autonomia dos estados e a diversificação e descentralização do ensino, foi consagrada na LDB. (Saviani, 2011, p. 307).

A consagração desse princípio na LDB representa um avanço na direção desejada por esses pensadores, refletindo um marco na legislação educacional do país e indicando uma abertura para novos modelos e abordagens na educação brasileira como para as assistências de financiamentos aos estados e municípios e criação de novos fundos orçamentários para os estados¹²².

Neste ano de 1961, Ruy Bello é nomeado para as disciplinas de Filosofia e História da Educação, conforme a portaria nº 46: “Resolve designar os professores catedráticos, interinos e assistentes abaixo discriminados, para terem exercício no curso noturno do Instituto de Educação de Pernambuco, durante o corrente ano, de acordo com o Art. 49 1º da Lei nº 2622, de 30.11.1956: [...] Filosofia e História da Educação – Ruy de Ayres Bello. (Diário Oficial de Pernambuco, 11.01.1961 , p.201)

O Departamento de Obras e Fiscalização dos Serviços Públicos, publica o edital de concorrência para o anti-projeto do conjunto de edifícios do Instituto de Educação a ser Construído no Parque 13 de Maio, nesta cidade.

Como membros da comissão foram nomeados os arquitetos Florismundo M. Lins Sobrinho e Edilson Rodrigues de Lima, representantes do Instituto de Arquitetos. Dep. Pernambuco, Arquiteto Fernando de Queiroz Menezes. Representante da Prefeitura. Engenheiros José Rildo Marques de Almeida Murílio Carneiro Leão Paraíso e Humberto Baltar de Medeiros, Representantes do Departamento de Obras e Fiscalização dos Serviços Públicos. Professores Dácio de Lyra Rabello e **Ruy de Ayres Bello**, representantes do Instituto de Educação (Portaria 3568. Publicada no Diário Oficial, 14/07/1962 – grifos nossos).

¹²⁰ Antes da promulgação ocuparam-se 13 anos de debate antes desta promulgação.

¹²¹ A Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996 é a segunda LDB brasileira, em vigor até a presente data (2024).

¹²² Foi este procedimento que inspirou a criação, em 1996, do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério (FUNDEF), orientação que foi mantida com a substituição do FUNDEF pelo Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (FUNDEB) em dezembro de 2006. (Saviani, 2011, p. 306-307). Voltaremos no capítulo V a mencionar esta Lei quanto o artigo 97 que trata sobre o Ensino Religioso.

Foram convocados para ser membros da comissão profissionais de diversas áreas, que colaboraram na tomada de decisões com suas especializações e seus interesses representados, para condução dos trabalhos.

O trabalho iniciado por esta comissão foi executado e finalizado, chegando a inauguração do Instituto de Educação de Pernambuco no mesmo ano de 1962. Abaixo a figura 44 com a legenda de uma reportagem sobre a inauguração:

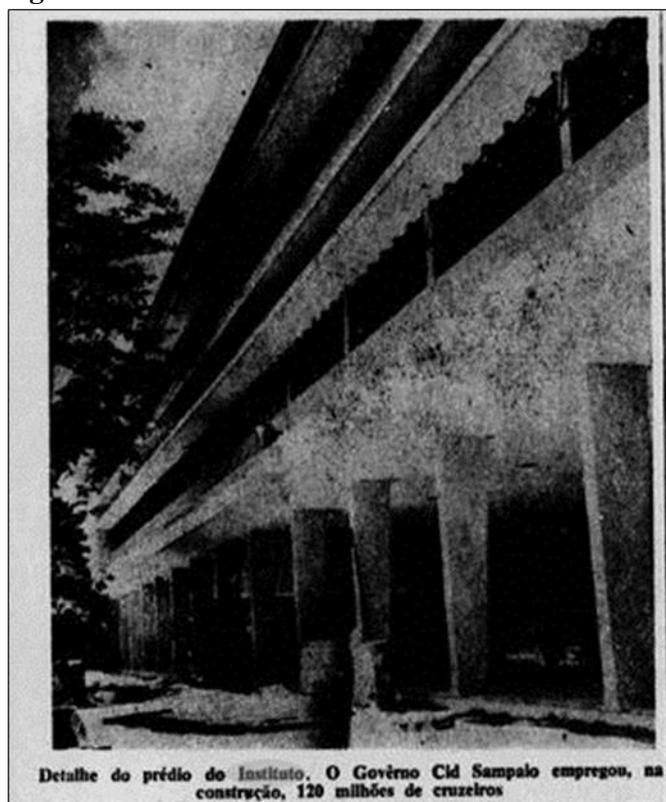
Figura 44 - Manchete do Jornal sobre a inauguração do IEP

**NÓVO PRÉDIO DO IEP: BELEZA
DESEFILOU DE AZUL E BRANCO!**

Fonte: Jornal Última Hora, 05.10.1962, p. 3.

O governador Cid Sampaio foi quem cortou a faixa simbólica da inauguração. E posteriormente, o arcebispo metropolitano de Olinda e Recife, Dom Carlos Coelho, deu a bênção do edifício. A figura 45 mostra o prédio do IEP que foi inaugurado em 1962:

Figura 45 - Prédio do IEP



Fonte: Diário de Pernambuco, 05.10.1962, p. 1

Na ocasião, falaram, além do Governador, o Secretário de Educação e Cultura e o diretor do IEP, prof. Ruy de Ayres Bello. Nesta inauguração do novo conjunto de edifícios, teve a presença de duas mil garotas, vestidas de azul e branco, foi a grande nota da tarde, prestigiado por autoridades federais e estaduais ali presentes.

Ruy Bello, como diretor do Instituto de Educação de Pernambuco (IEP) congratula-se pela instalações condignas que foram construídas naquela instituição.

O Secretário de Cultura Professor Lourival Villanova, ofereceu em nome do governador uma recepção à imprensa a fim de mostrar aos que fazem jornal, rádio e televisão, as novas instalações do IEP. O evento foi noticiado também no jornal Diário de Pernambuco:

Estavam presentes o diretor do IEP , professor Rui de Aires Bello e de numerosos catedráticos daquela escola, além do desembargador Rodolfo Aureliano e centenas de alunas do estabelecimento, os convidados percorreram as modernas instalações do conjunto de edifícios que serão inauguradas hoje, pelo governador Cid Sampaio. Falaram, na ocasião, o secretário Lourival Villanova e o professor Rui Belo. (Diário de Pernambuco, 05.10.1965, primeiro caderno, p. 5)

Essa construção inaugurada em 1962 permanece até os dias atuais. Abaixo figura 45 da fachada do prédio do IEP nos anos 2000.

Figura 46- Fachada do IEP



Fonte: Simões e Figueroa¹²³, 2018, p.220

¹²³ As imagens do IEP foram cedidas pelos autores para uso nesta pesquisa.

No ano de 1963, Ruy Bello participa ministrando a Conferência “Posição da Família no Mundo Moderno”, pelo IEP do Curso de Orientação para o Casamento ministrado para as Normalistas (Diário Oficial do Estado de Pernambuco, 1963, p. 229).

No ano de 1965 sai uma nomeação para Ruy Bello atuar como membro do Conselho Técnico Administrativo do Instituto de Educação:

N.5790 – O presidente da Assembleia Legislativa, no exercício do cargo de Governador do Estado, no uso de suas atribuições, tendo em vista a proposta do Secretário de Educação e cultura e, de acordo como artigo 209 do Decreto 434. De 12.11.28, do Regimento Interno do Instituto de Educação de Pernambuco, resolve nomear pelo prazo de 2 (dois) anos os Professores Catedráticos: Ruy de Ayres Bello e Sylvio de Lyra Rabello e pelo prazo de 1 (hum) ano, Mário Persivo Rios Cunha e Waldemar de Figueiredo Valente para constituírem o Conselho Técnico administrativo do mesmo educandário (Diário Oficial de Pernambuco, 30 out, 1965 p.7685)

Ruy Bello participou no ano de 1966 do Congresso Nacional do Ensino Normal, saindo de Recife com destino à Guanabara. (Diário de Pernambuco , 09.07.1966, p. 6).

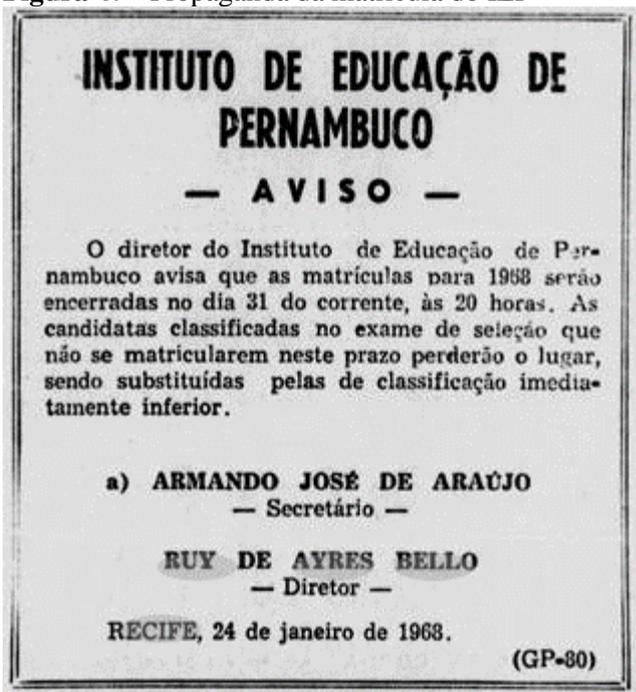
Em junho de 1967 no I Encontro Estadual de Diretores do Ensino Médio, o governador Nilo Pereira fez a abertura do evento na cidade de Garanhuns em Pernambuco, contando com uma plateia de 600 professoras de 25 municípios daquela região. Entre as atividades de encerramento deste evento teve a presença de Ruy Bello entre os palestrantes:

Encontro Prossegue- O I Encontro Estadual de Diretores do Ensino Médio prosseguirá até o próximo sábado, quando será encerrado com aprovação final das recomendações sugeridas. Amanhã às 8hs, está prevista reunião quando serão debatidos problemas específicos do Ensino Normal, havendo exposição do tema pelo professor **Ruy Ayres Bello**. Às 9:30hs, debates sobre o ensino Secundário, pelo professor José Brasileiro Vilanova e, às 11 horas, problemas do Ensino Técnico, pelo prof. Itamar de Abreu Vasconcelos. (Diario de Pernambuco, 08/06/1967, p.4- grifos nossos)

No 96º aniversário do Instituto de Educação de Pernambuco foi celebrado às comemorações organizadas por Ruy Bello que dirigia o estabelecimento na época. “Na ocasião participaram o Sr. Sizenando Silveira e a Sra. Cid Sampaio como padrinhos para a benção da bandeira do Instituto e o Professor José Brasileiro Tenorio Vilanova como orador”. (Diario de Pernambuco, 05.12.1967 p. 4).

O jornal servia como meio de comunicação do Instituto de Educação e a comunidade. Abaixo a figura 47 com uma propaganda sobre a matricula no período da gestão do IEP pelo prof. Ruy Bello:

Figura 47 - Propaganda da matrícula do IEP



Fonte: Diário de Pernambuco, 24.01.1968, p. 3.

No ano de 1969, Ruy Bello foi homenageado na formatura das 1892 alunas mestras do Instituto de Educação de Pernambuco, saindo nota no Diário Oficial da presença do Secretário da Educação e Cultura do estado de Pernambuco que estaria presente:

Hoje, as 18 horas, o Instituto de Educação de Pernambuco estará formando **1.892 professoras**, em solenidade a ser presidida pelo Secretário Roberto Magalhaes Melo no pátio daquela unidade de ensino. A nova turma da mais tradicional escola de formação de professores primários do Nordeste tem como paraninfo o Professor **Ruy Ayres Bello**, sendo oradoras as professorandas Margarida Costa Franca e Maria Grécia Ferreira da Silva. Entrada pelo anexo Joao Barbalho. (Diário Oficial, 11.12.1969, p.1024-grifos nossos)

Interessante a organização para as programações numa turma tão numerosa de formandos. Eles organizaram quatro bailes de formatura em dias diferentes: “dia 12 (amanha) Clube Português do Recife (turno da manhã): dia 14, Sport Club do Recife (turno da noite); dia 24. Sport Club do Recife (turno da tarde) e dia 27. Clube Náutico Capibaribe (anexo João Barbalho)” (Diario Oficial de Pernambuco, 11.12.1969, p.1024)

Ruy Bello era o diretor daquela instituição e foi homenageado nesta festa. Um momento que representa não apenas o encerramento de um ciclo de estudos para as 1.892 professoras¹²⁴, mas também o reconhecimento do Instituto de Educação de Pernambuco

¹²⁴ Sobre o tema da feminização do magistério, cf.: FERREIRA, Andréa Tereza Brito. A Mulher E O Magistério: Razões Da Supremacia Feminina (A Profissão Docente Em Uma Perspectiva Histórica). Tóp. Educ .. Recife. v./6. n° 1-3. p..JJ-61. 1998.

como uma das mais tradicionais escolas de formação de professores primários da região, destacando sua longa história e contribuição para o desenvolvimento educacional local e a educação primária na região nordestina.

A antiga Escola Normal de Pernambuco, fundada há mais de um século, e o mais tradicional estabelecimento de formação do professorado primário da região do Norte-Nordeste do Brasil. Nas suas salas foram dadas pelo então Professor Gilberto Freyre as primeiras aulas de sociologia. Foi ainda nesta Cadeira que se realizaram os primeiros ensaios de pesquisa sociológica no Brasil. (Diário Oficial de Pernambuco, 11.12.1969, p.1024)

Os atos formais e solenes eram momentos importantes nas instituições de ensino. Amaral e Louzada (2016) ressaltam a relevância dos rituais de formatura:

Tanto nas instituições públicas quanto nas privadas as questões referentes às formaturas dos Cursos de Formação de Professores Primários eram muito valorizadas e destacadas como uma solenidade de reconhecimento ao esforço e ao empenho das normalistas durante a época dos seus estudos e se revelam nas memórias, através das narrativas e da história das instituições formadoras de professores. Na visão das jovens professoras após formadas assumiram uma missão de relevância para a sociedade da época (Amaral e Louzada, 2016, p. 150).

A profissionalização das professoras nos anos 1960 no Brasil foi um período marcado por importantes avanços e transformações no campo da educação e da valorização do magistério feminino. Segundo Ferreira (1998):

Na década de 60, as professoras amargam o declínio do prestígio profissional em decorrência de uma queda nos padrões salariais das camadas médias. Esta situação leva a que se instale, na categoria, o processo de "proletarização". Em consequência dos problemas trazidos pelo desenvolvimento urbano-industrial para as classes médias, as professoras serão pressionadas por suas famílias. Isso levou-as a lutar pela profissionalização e reconhecimento de seu trabalho (Ferreira, 1998, p. 52).

Durante essa década, várias iniciativas foram implementadas para promover a profissionalização e o reconhecimento das professoras como trabalhadoras qualificadas e importantes agentes de transformação social.

Durante os oito anos do 'Estado Novo', termo com o qual Vargas intitulou a sua ditadura, foram criadas várias entidades e órgãos tanto na esfera da sociedade civil, quanto no âmbito da sociedade política

em função de lutas específicas vinculadas às universidades, à área da educação, ou mesmo ao movimento estudantil (Bittar e Bittar, p.150).

Oficialmente no ano de 1970, Ruy Bello é aposentado como Professor Catedrático de Ensino Médio. A figura 48 com a portaria:

Figura 48: Portaria de aposentadoria do Prof. Ruy de Ayres Bello.

PORT. N. 1600 — O Secretário de Administração usando das atribuições delegadas pelo Decreto n. 1422, de 27.06.67, e atendendo a requerimento do interessado,

RESOLVE:

aposentar Ruy de Ayres Bello, Professor Catedrático do Ensino Médio, nível "6", matrícula n. 22.484, lotado na Secretaria de Educação e Cultura, com exercício no Instituto de Educação de Pernambuco, com fundamento nos artigos 96, inciso III, alínea "a" e 97, inciso I, alínea "a", da Lei n. 6123, de 20 de julho de 1968, com a incorporação aos proventos da gratificação do curso noturno, consoante preceitua o artigo 62, parágrafo 1.º, da Lei n. 6037, de 10—11—67, bem como do valor correspondente às aulas excedentes, na conformidade do exposto no artigo 24, parágrafo único, da Lei n. 6024, de 25.10.67, e de acôrdo com os termos do parecer da Assessoria Jurídica do Departamento de Administração de Pessoal, desta Secretaria.

Fonte: Diário Oficial de Pernambuco, 29.07.1970, p. 4762.

O Tribunal de Contas do Estado por meio de portaria, publica a legalidade da aposentaria do Professor Ruy de Ayres Bello (Diário Oficial do Estado de Pernambuco, 20.11.1970, p 6780).

Tudo indica que ele aposenta, mas continua em exercício, pois em 1971 ele é mencionado ainda a frente da gestão do Instituto de Educação de Pernambuco.

Foi realizado no ano de 1971 no Instituto, uma atividade pelas alunas através da cadeira de Educação Moral e Cívica para homenagear a empresa Moinho Recife, visto pelas alunas como a empresa que teve reais serviços prestados à Pátria no estímulo a divulgação e ao culto das datas marcantes do calendário cívico nacional.

A reunião foi presidida pelo dr. Ruy Ayres Bello, diretor do IEP, com a presença ainda do professor Adelgício Cavalcanti, da cadeira Moral e Cívica, promotora da homenagem e prof. Gilberto Guaraná e Nino Ferraz das cadeiras de Ciências e o dr. Arnaldo Amorim de Lemos do setor de Assuntos Legais e Relações Industriais e Públicas do Moinho Recife representando essa empresa e o industrial Elenir Jancvitz, então ausente do

Recife. Foram ressaltados, em discursos pelo diretor Ruy Bello e prof. Adelgico Cavalcanti o gesto das jovens professorandas que, após o agradecimento do representante do Moinho, concluíram a festividade com uma exibição do coral de canções patrióticas. (Diário de Pernambuco, primeiro caderno, 23/09/1971, p. 2)

Durante a reunião, houve destaque para o gesto das jovens professorandas, que receberam homenagens e realizaram uma exibição do coral de canções patrióticas. Essa ênfase na valorização das professoras e na promoção de sentimentos de patriotismo reflete o contexto político da época, caracterizado pela ditadura militar, que enfatizava valores como ordem, moral e civismo.

A escola na qual era obrigatória a Educação Moral e Cívica, disciplina de caráter doutrinário, que além de justificar a existência dos governos militares, veiculava ideias preconceituosas sobre a formação histórica brasileira, e na qual o ensino da Língua Portuguesa, da História, da Geografia e das Artes ficou desvalorizado (Bittar e Bittar, 2012, p. 162).

A figura 49 com os registros do evento. A esquerda Ruy Bello, diretor do Instituto e a direita o dr. Arnaldo Amorim de Lemos, representando o Moinho Recife empresa homenageada pelas alunas do IEP.

Figura 49: Em destaque, Ruy Bello ao lado do Dr. Arnaldo. Abaixo, Plateia do evento.



Fonte: Diário de Pernambuco, *primeiro caderno*, 23/09/1971, p.2.

A secretaria de Educação e Cultura por meio da portaria 2.115-A. resolveu notificar os diretores de alguns estabelecimentos de ensino do estado de Pernambuco.

Resolve: Elogiar os Diretores abaixo relacionados, pela iniciativa, esforço, criatividade, entusiasmo, operosidade e espírito de brasilidade demonstrados nos preparativos e na execução do aludido desfile. Ficam os Diretores autorizados a estender este elogio a professores, funcionários e alunos que dele se façam merecedores (Diário Oficial de Pernambuco, 20.10.de 1972, p. 4669).

Ruy de Ayres Bello é citado como Diretor do Instituto de Educação de Pernambuco. A justifica pelos aplausos tendo em vista o grande êxito alcançado pelos educandários no Desfile Histórico Escolar do dia 2 de Setembro do ano corrente e considerando que aquela promoção de espírito patriótico, e de profundo sentido educativo que marcou a época nas comemorações do Sesquicentenário da Independência do nosso país.

No ano de 1972, o último de sua administração, uma das turmas tituladas pela escola foi constituída de aproximadamente mil e quatrocentas [1.400] professorandas, realizando-se solenidade de colação de grau no Ginásio de Esportes Geraldo Magalhães, não havendo outro local com espaço suficiente para aquele ato. Esses dados se tornaram históricos diante da realidade de decadência que viveu o ensino normal por todo o país.

Registro aqui esses números, eu que sou, por natureza, pouco amante das estatísticas, para tornar possível uma comparação, do ponto de vista quantitativo, entre o ensino normal no Recife, naquela época e hoje, quando a matrícula no curso normal do Instituto de Educação, ou melhor, na Escola Sílvio Rabelo, a que o Instituto foi reduzido, não excede de duas ou três centenas de alunas, ao mesmo tempo em que se encerraram suas atividades docentes nesse setor cerca de uma dezena de antigas escolas normais do Recife (Bello, 1982, p.248).

Houve uma tentativa de reduzir os direitos dos antigos catedráticos dos Estabelecimentos Oficiais de Ensino Médio e na Emenda nº 156 o nome de Ruy Bello é mencionado no grupo das figuras de expressão na intelectualidade pernambucana:

Emenda nº 156. Acrescente-se, onde couber, nas Disposições Transitórias: Art.,.... Dentro de cento e oitenta dias, proceder-se-á a revisão dos direitos dos antigos Catedráticos dos Estabelecimentos Oficiais do Ensino Médio (Cursos Secundários e Normal) do Estado inativos e a atualização dos proventos a eles devidos a fim de ajustá-los a nível do cargo para o exercício do qual se submeteram a concurso de Títulos e Provas. JUSTIFICATIVA: - Cabe à nova Carta Magna o duplo papel de corrigir o tratamento indevido a que estão sendo submetidos os antigos professores catedráticos do Estado, e ao mesmo tempo dar provimento à recomendação contida na nova Constituição brasileira de proceder-se à revisão dos direitos dos servidores públicos inativos com a atualização dos proventos a eles devidos (Art. 20 das Disposições Transitórias), mormente quando esses direitos foram adquiridos

por meio de Concurso Público de Títulos e Provas, realizado por instituição oficial e em que se ofereciam a concurso, cargos com retribuição salarial idêntica, na época a dos juizes da Capital e a dos coronéis da Polícia Militar. Vale salientar que a categoria de Catedráticos inclui algumas das mais expressivas figuras da cultura pernambucana, entre os quais: José Lourenço de Lima, Amaro Soares Quintas, Lucilo Varejão Filho, **Ruy de Ayres Bello**, Eliezer Xavier, Waldemar Valente, e outras. Infelizmente, já desaparecidas, que merecem de forma irrefutável o restabelecimento de seus direitos. Ainda mais, por tratar-se de classe pouco numerosa, a medida ora proposta não implicará em grande ônus para os cofres públicos. Sala de Reunião, em 09 de março de 1989. a) Deputado Joel de Hollanda. A Comissão de Sistematização. (Diario do Poder Constituinte, 17.03.1989. p. 6 (grifos nossos))

A emenda destaca que muitos desses professores adquiriram seus direitos por meio de Concurso Público de Títulos e Provas, realizado por instituição oficial. Além disso, ressalta que a categoria de Catedráticos inclui algumas das mais expressivas figuras da cultura pernambucana, mencionando entre alguns nomes o Prof. Ruy Bello. Justificativa para endossar o merecimento e o restabelecimento de seus direitos de forma irrefutável.

É enfatizado que, por se tratar de uma classe pouco numerosa, a medida proposta não implicará em um grande ônus para os cofres públicos. Essa emenda busca, portanto, corrigir uma injustiça e reconhecer o valor e a contribuição desses antigos professores para a educação e a cultura do estado de Pernambuco.

Abaixo foto 50 de Ruy Bello, no Instituto de Educação, recebendo a visita do neto Paulo.

Figura 50 – Ruy Bello e neto Paulo no IEP (s/d)



Fonte: Ferreira, 2001, p. 180

Este destaque no final deste tópico da imagem do Prof. Ruy Bello no Instituto de Educação de Pernambuco, instituição que recebeu profícua dedicação de sua atuação como professor e diretor por longos anos. A presença do neto na imagem, reflete seu apego a família que era um dos pilares de sua vida¹²⁵. “Suas palavras, ações e seus gestos comprovaram a preocupação com a união familiar” (Ferreira, 2001, p. 163).

Nas dedicatórias dos seus livros Ruy Bello cita homenagem para seu pai, sua mãe, sua esposa e a Maria Helena Bello Cabral de Melo, sua única filha.

Essa dimensão pessoal e afetiva enriquece ainda mais nossa compreensão do legado deixado por esse educador e líder comunitário, mostrando que sua influência se estendia para além das salas de aula e das instituições educacionais, alcançando também os domínios mais íntimos e preciosos de sua vida.

2.5 Iniciando no ensino superior

“Meus senhores! O autodidata é um herói. É alguém que merece todos os aplausos, todas as louvações. **Ruy** também não tem diplomas. Daqueles diplomas que possuem os Phdeuses, os doutorados, os mestrados. Que importa não ter diplomas? Tem cultura, tem ilustração, é homem mais do que bem educado, e isso basta. Tem aquilo que, nem sempre, as universidades podem oferecer. É este homem, que não conheceu universidades como aluno mas, que as conheceu – e muito bem – **como professor** (de algumas é até Emérito e Honoris Causa) (Ferreira, 2001, p. 142 – trecho do discurso do médico e amigo Ruy João Marques – grifos nossos).

As experiências, o conhecimento adquirido ao longo da vida e sua contribuição intelectual para a sociedade em instituição de ensino superior, serão descritos neste tópico.

Ruy Bello participou no dia 14 de maio de 1932 da solenidade de posse da diretoria da Faculdade de Philologia e Estudos Commerciaes. O novo estabelecimento de ensino concederia ao governo seis matrículas gratuitas anuais, três no curso comercial e três no curso de imprensa, pondo outrossim á disposição de cada um dos jornais uma matrícula anual também gratuita, no curso de imprensa.

Sobre esta instituição temos o credito de que: “A Faculdade de Philologia e Estudos Comerciais foi tida como mais uma instituição que vem enriquecer a instrução superior do Estado, e, como efetivação de uma ideia original e oportuna, tem despertado muito interesse nos meios estudantinos” (A Provincia – nº 59 – 14.05.1932 , p.3).

¹²⁵ Não localizamos fontes sobre sua única filha Maria Helena Bello Cabral de Melo. Certamente a oportunidade de contato com seu acervo pessoal preencheria esta lacuna.

Ruy Bello participa da banca examinadora para o concurso de admissão da Faculdade de *Philosogia e estudos commerciaes*: “**Ruy de Ayres Bello** integra a comissão para a cadeira de Aritmética com os professores Pinto de Abreu, presidente Castillo Castello Branco” (Jornal do Recife, 14.07.1932, p. 2 – grifos nossos).

Outra instituição que Ruy Bello participa em 1932 foi a Universidade Popular do Recife, sediada no Grupo Escolar Mauricio de Nassau. Ele era um dos professores desta instituição.

A Universidade Popular do Recife divulga no Jornal a lista do corpo docente dos diversos Centros de Estudos que formam a Instituição¹²⁶. Ruy Bello integrava o Centro de Estudos nº 3, sediado no Grupo Escolar Amaury de Medeiros:

CENTRO DE ESTUDOS Nº 3 (Grupo Escolar Amaury de Medeiros)
Portuguez – **prof. Ruy Ayres Bello**; Francez – dr. Charles H. Koury e Augusto Mello de Mendonça; Inglez – dr. Durval Lucena e dr. Henrique Saraiva; Allemão – padre Fernando Moll; Arithmetica – dr. João Hypolito; Algebra – prof. Alberto Miranda; Geometria – prof. Manoel de Hollanda; Historia – dr. Christiano Cordeiro; Sociologia – padre José Borba; Economia Politica – Direito Usual – dr. Aureliano João Dias; Physica – dr. Haroldo Seve; Historia Natural – dr. Lucillo da Costa Pinto; Geographia – prof. M. Auxiliadora Miranda; Economia Domestica – prof. Salvina Leitão; Artes Domesticas – prof. Berenice Caldas; Stenographia – Manoel Pimentel; Dactylographia – prof. Guilherme de Azevedo e prof. Ruy Wanderley; Musica – prof. Arcyna Caldas; Pintua – Prof. Mario Amorim, Contabilidade Commercial , prof. Manoel Pimentel e Marcilio Dias Beltrão. (Diário da Manhã, 10.07.32, p.4- grifos nossos)

Desta atividade de ensino na Universidade Popular do Recife, foi Ruy de Ayres Bello com notoriedade indicado para orador em nome do Centro de Estudos nº 3:

Tendo sido inaugurado em julho o Centro nº 3 de Afogados, obteve antes mesmo da abertura da matricula, a elevada somma de 373 alumnos, elevada logo após para 476. Convidados uns e apresentados outros, expontaneamente, formou-se o corpo slecto de 26 professores que muitos têm concorrido para que o Centro nº3 obtenha os mais promissores resultados no curto espaço de 3 mezes de funcionamento. As aulas de Portuguez, Economia Domestica e Artes Domesticas têm sido concorridíssimas. Nos trabalho de encerramento do Centro nº3, de Afogados, será Solenne, tendo sido eleito na última reunião de professores, orador do acto o **professor Ruy Ayres Bello**, cuja brilhante actuação no Centro tem sido das mais profícuas. (Diário da Manhã, 25.10.32 p. 2- grifos nossos).

O rápido sucesso do Centro nº 3 de Afogados é notado pelo aumento de matriculas. Tinha um corpo seletto de 26 professores que contribuíram significativamente para os resultados promissores alcançados em apenas três meses de funcionamento. Como exemplo

¹²⁶ Há menção de outros Grupos que integravam a Universidade Popular do Recife: Grupo 2 (Grupo Escolar Manoel Borba); Grupo 4 (Grupo Escolar Maciel Pinheiro); Grupo 5 (Grupo Escolar Sigismundo Gonçalves); Grupo 6 (Lyceo de Artes e Officios) (Diaria da Manhã, 10.7.32, p.4).

Ruy Bello, que na ocasião foi o orador do evento, convite feito pela sua destacada atuação e contribuição para o sucesso da instituição.

Quando as Irmãs Dorotéias no ano de 1940, fundaram o Instituto superior de Pedagogia, Ciências e Letras Paula Frassinetti. remeteram um convite a Ruy Bello para ali lecionar as matérias que ensinava na outra Faculdade¹²⁷.

Por iniciativa dos padres jesuítas foi fundada no Recife em 18 de abril de 1943 a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Recife (“Manuel da Nobrega”)¹²⁸. Entre os primeiros cursos incluiu-se o de Pedagogia constando no currículo diversas matérias estritamente pedagógicas.

O professor para lecionar tais disciplinas deveria ter sido titulado por uma escola de nível superior que em seu currículo incluísse a matéria a ser ensinada.

A realidade de formação superior neste período não ofertava o estudo das matérias pedagógicas constantes no currículo desta nova instituição. Com este impasse prevaleceu outra determinação da lei orgânica da Faculdade que considerava também habilitado para o cargo de professor quem demonstrasse notório saber na matéria que pretendesse ensinar.

Foi assim que Ruy Bello foi convidado para pleitear o cargo “A lei não falava de notável saber, o que, evidentemente, não era o meu caso, mas de **notório** saber, o que não era a mesma coisa” (Bello, 1982, p.255 – grifos do autor). Além desse comentário Ruy Bello esboça um pouco do seu currículo como explicação para ter conseguido o cargo:

¹²⁷ Em 1940, pelas mãos da madre italiana Henrichetta Cesari, nascia o instituto superior de Pedagogia, Ciências e Letras Paula Frassinetti. No ano de 1941 passou a se chamar Faculdade de Filosofia do Recife, que fundamentou os seus princípios com base na missão e na intuição pedagógica de Paula Frassinetti – fundadora da Congregação das Irmãs de Santa Dorotéia. Atualmente denominada Faculdade Frassinetti do Recife – FAFIRE, segue com a tradição de promover uma formação humana e cristã de qualidade. Cf.: <https://fafire.br/institucional/>

¹²⁸ A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Manoel da Nóbrega, teve sua formalização como universidade se deu em 27 de setembro de 1951, a partir da agregação de unidades preexistentes. (Cf. <https://portal.unicap.br/nossa-historia>). Destacamos no Decreto N° 19.851, de 11.04.1931, o Art. 5° “A constituição de uma universidade brasileira deverá atender às seguintes exigências: I - congregar em unidade universitária pelo menos três dos seguintes institutos do ensino superior: Faculdade de Direito, Faculdade de Medicina, Escola de Engenharia e Faculdade de Educação Ciências e Letras”; (<https://www2.camara.leg.br/>). A universidade representou uma continuidade cronológica e orgânica do que havia sido a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Manoel da Nóbrega, que, por sua vez, dava continuidade ao que fora a Congregação Mariana e ao que havia sido a Associação Desportiva Acadêmica (ADA), instituição vinculada ao Colégio Nóbrega e liderada pelo supracitado Pe. Antonio Fernandes, SJ. Cronologicamente, a universidade aproveitou o prestígio social por elas conquistado bem como o professorado da Faculdade. Já o cunho de continuidade orgânica pode ser percebido nos aspectos que caracterizavam o processo de romanização, que a Igreja no Brasil vivenciava quando a UNICAP vivia seus primeiros anos: as atividades anticomunistas; a vivência de uma espiritualidade centrada nos sacramentos; o culto de novas devoções com manifestações de verdadeiras *paradas de fé*, como as que aconteciam na Capela de Nossa Senhora de Fátima, do Colégio Nóbrega; a predominância de uma linha de pensamento tomista (Cabral, 2013).

Ora, havia mais de dez [10] anos que eu ensinava diversas matérias de natureza estritamente pedagógica em escolas normais do Recife, inclusive, mediante concurso, no Instituto de Educação de Pernambuco. Além disso, eu havia publicado quatro [4] livros versando matérias dessa natureza. Com esse currículo e essa bagagem literária, fui considerado pelos organizadores da Faculdade de Filosofia “Manuel da Nóbrega” pessoa de notório saber em Pedagogia, nos termos da lei. Atendidas às demais exigências legais sobre o assunto, foi o meu nome incluído na lista dos candidatos a professores catedráticos fundadores da aludida Faculdade remetida às competentes autoridades federais do ensino, as quais sem nada objetar, autorizaram a minha designação para professor catedrático de História e Filosofia da Educação. E como não houvesse no Recife, em número suficiente, professores habilitados, segundo a lei, para o ensino das matérias de natureza pedagógicas em faculdade de Filosofia, tive de assumir, também a responsabilidade de lecionar, na ‘Manuel da Nóbrega’, além das disciplinas da minha cadeira, Administração Escolar e Educação Comparada (Bello, 1982, p.255).

Essa questão da Cadeira foi lembrada no estudo de Mestrado de Figuerôa (2012) intitulado “O Instituto de Educação de Pernambuco em sua primeira década (1946-1955)” onde aparece o nome de Ruy Bello compondo o grupo de catedráticos. Uma das entrevistada relata lembrar que a seleção era muito grande para admissão no IEP. Os professores daqui todos eram Catedráticos. Eis trecho com alguns nomes de catedráticos do IEP:

Nós tivemos aqui: Mauro Mota, Moacir Albuquerque, Darcio Rabello, que era professor de geografia, **Dr. Ruy Belo**, Milton Mello, que era professor de Francês, André Carneiro Leão pai e filho, também havia professora mulher que era Dona Heloísa que ensinava francês, mas eram poucas as professoras, a maioria eram homens (Figuerôa,2012, p. 89- grifos nossos).

Rothen (2008) ao investigar o documento da Reforma Universitária de 1931 , contribuir para o estudo sobre às catedras:

Outra ruptura evitada foi em relação à figura do professor catedrático – instituída em 1808 por dom João VI. A opção da manutenção dessa figura, segundo Fávero (2000, p. 48-49), dificultou a criação de uma carreira docente e manteve o autoritarismo do professor catedrático. A única mudança realizada no sistema de cátedra foi que, nas palavras de Campos (2000, p. 130), “a reforma altera de modo profundo e radical, o sistema de recrutamento do corpo docente”. Ou seja, manteve-se a figura do catedrático e o seu poder, mudando-se apenas a forma de contratá-lo. Sendo a mudança mais relevante o fato de o professor ser investido da “cátedra por título vitalício” (p. 131) somente após um período de dez anos de exercício do cargo e da realização de novas provas (Rothe, 2008, p.146).

Criadas então estas primeiras faculdades de filosofia, que mencionamos acima, Ruy Bello fazia parte do corpo docente de ambas estas escolas superiores, como catedrático-fundador.

Mas o professor Ruy Bello almejava ainda outra vaga: “Faltava, apenas, para completar definitivamente o meu já tão estirado currículo de magistério um derradeiro acesso: o acesso ao ensino superior oficial” (Bello, 1982, p. 255).

A lei estadual que criou a Faculdade de Filosofia de Pernambuco, de 1948, estabelecia que teriam preferência para o lecionar os professores do Instituto de Educação, que como catedrático ensinassem ali matérias do currículo da Faculdade Oficial.

O diretor do Instituto encaminhou ao governo uma lista com a relação de professores a serem nomeados, incluindo o nome de Ruy Bello. Dessa relação todos foram nomeados mesmo ele. Porém o professor que foi colocado em seu lugar não assumiu o cargo e a cadeira ficou vaga.

Houve a federalização dessa Faculdade que juntamente com outras Faculdades tornaram-se a Universidade de Pernambuco¹²⁹ (inicialmente Universidade do Recife).

Ruy Bello registra o percurso para ingressar como docente, pois o reitor não tinha indicado seu nome para uma vaga. O mesmo lamenta-se:

O ensino nada perdeu mas eu perdi muito. Eu vivia exclusivamente do magistério e para o magistério e, já no fim da carreira, a minha situação de finanças não era nada segura, pois as faculdades particulares muito parcamente remuneravam o trabalho dos seus professores. Decidi-me, por isso, a disputar o lugar que a lei me assegurou, pleiteando minha nomeação para qualquer das outras cadeiras de natureza pedagógica constante do curso da, já então, Faculdade Federal de Filosofia de Pernambuco. Mas dessa vez, eu me decidi a enfrentar brasileiroamente o problema, quero dizer, decidi-me a apelar para o consagrado e insubstituível instituto do pistolão (Bello, 1982, 256).

Fez Ruy Bello o que estava no seu intento. Procurou ajuda com o cunhado que o fez chegar ao atual Reitor, Joaquim Amazonas. Sem maior rodeios foi interpelado para ele a Cadeira de Estatística Educacional.

Aceitando-a, seu nome foi indicado para o cargo ao Ministério da Educação. Lá também entrou Ruy Bello com suas apelações solicitando ao amigo Monsenhor Helder Câmara, membro do Conselho Federal de Educação. “A minha nomeação foi feita e dessa vez

¹²⁹ No ano de 1946, foi fundada a Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, durante o governo do presidente Eurico Gaspar Dutra, através do Decreto Lei nº 9.388, de 20 de junho de 1946. A UFPE integrou as Faculdades de Direito e de Medicina, e as escolas de Engenharia, de Odontologia, de Farmácia e de Belas Artes. Com a criação da UFPE, houve a necessidade de implantação de uma Faculdade de Filosofia. Foi então instituída, em 1948, pelo governador Barbosa Lima Sobrinho, a Faculdade de Filosofia de Pernambuco – Fafipe, que começou a funcionar em 1950, tendo sido federalizada e passado a integrar a UFPE, funcionando no bairro da Soledade e ofertando os cursos de História, Geografia, Letras, Pedagogia, Filosofia, Psicologia e Ciências Sociais. Fonte: <https://www.ufpe.br/documents/39002/0/CFCH+-+Principal/11122ee8-c75b-48da-8767-af5d2180936f?t=1480530415045>

a minha já longa e acidentada carreira de magistério atingiu o seu termo” (Bello, 1982, p.257). Este cargo foi renovado por duas vezes.

Foi então Ruy Bello nomeado professor da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco, no ano de 1952.

Neste cargo, Ruy de Ayres Bello participa do movimento da Primeira Greve dos Docentes da UFPE:

Os docentes catedráticos da Faculdade de Filosofia do Recife divulgam sua declaração de greve assinada em 28 e publicada em 29 de novembro de 1951.368 Assinam a nota, por unanimidade, Amaro Quintas, D. Anselmo Fuch, Césio Regueira Costa, Gilberto Osório de Andrade, Hilton Sette, Hoel Sette, José Cavalcanti Sá Barreto, José Lourenço, Frei Martinho Limper, Milton Cabral de Melo, Newton Sucupira, Oton Paraíso, **Rui de Ayres Belo**, Tereza Leal, Zumira Almeida e Aderbal Jurema. (Santos et all, 2013, p.213-grifos nosso)¹³⁰ Diário de Pernambuco, 12 de outubro de 1952, p.6

A Faculdade de Filosofia de Pernambuco possuía um periódico com o nome “Revista de Educação” – Órgão semestral da Secretaria do Interior (1940/46), lançado no 2º semestre de 1940, no formato 22x15, com 158 páginas, em papel especial e capa em cartolina superior. Tendo como diretor o professor Ruy de Ayres Bello.

No trabalho de Santos (2013) menciona ter analisado um dos exemplares e cita a lista dos autores:

Contribuíram nesse exemplar Arnóbio Tenório Wanderley (secretário do Interior), professores Olívio Montenegro (prof. da Universidade) e Ruy Belo (futuro prof. Universidade¹³¹); Wily Lewin, Padre Helder Câmara, professor Valdomiro Fetterman, Félix Conrado, Benjamim de Moraes Cavalcanti e René Ribeiro, concentrando-se nas páginas finais à parte de legislação.(Santos, 2013, p.89).

Ruy Belo foi indicado para o Conselho Nacional de Educação na lista tríplice apresentada ao presidente da República.

O Prof. Ruy de Ayres Belo, catedrático da Faculdade de Filosofia do Recife e do Instituto de Educação de Pernambuco. A respeito recebeu o seguinte telegrama: Ao ilustrado professor Ruy de Ayres Bello Jurandyr Lodi direto do Ensino Superior, atenciosamente cumprimenta e felicita por sua eleição ,

¹³⁰ Em 15 de agosto de 1951, os estudantes da Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil promovem uma paralisação de 48 horas “em sinal de protesto contra o projeto em via de aprovação pelo Senado Federal, depois de aprovado pela Câmara, mediante o qual se permite o exercício do magistério a quaisquer portadores de diplomas de curso superior. Em 22 de agosto de 1951, três meses antes da greve, o D.A. da Faculdade de Filosofia de Pernambuco “declara-se inteiramente solidário com os colegas das Faculdades de Filosofia do Rio de Janeiro” e “torna público o início de uma greve de advertência de 48 horas, a partir desta data, protesto de uma classe ofendida por um projeto que é um atentado ao ensino do Brasil (SANTOS et all, 2013, p.212).

¹³¹ O autor faz menção a posterior função de Ruy Belo como Professor da Universidade do Recife, atual UFPE. A Faculdade de Filosofia do Recife, foi “agregada” (1946) à Universidade do Recife para que a mesma pudesse ser reconhecida como universidade. Sob este tema das faculdades isoladas a universidade, ver dentre outros o trabalho de Oliveira (2023).

pelo Conselho Nacional de Educação, para figurar na lista tríplice de seus futuros componentes. (Diário de Pernambuco. 12.10.1952, p.6).

Recebeu em 1958, do Conselho Universitário da Universidade Católica de Pernambuco o título de doutor “honoris causa” junto com todos os professores catedráticos fundadores da Instituição.

A Secretaria de Educação da Paraíba organizou um Curso de Conferências a serem ministradas por Ruy Ayres Bello. A figura 51 mostra a legenda do evento publicado no jornal da cidade:

Figura 51 - Título da notícia sobre evento com a participação de Ruy Bello



Fonte: O Norte da Paraíba, 16.04.1955, p.2.

Na reportagem há informações da importância deste evento com fins de dar a maior amplitude ao plano de organização do ensino na Paraíba em todos os níveis, instituiu a Secretaria de Educação, a Campanha do Ensino Secundário da Paraíba (CESP), cujos objetivos primordiais consistem em auxiliar, financeira e tecnicamente, os estabelecimentos de ensino secundário na Paraíba.

A realização **deste evento era parte integrante do plano de realizar Cursos de aperfeiçoamento de professores**, para os quais teria a participação da Secretaria de Educação com a efetiva colaboração da inspetoria de ensino. Sobre a participação do Prof. Ruy Bello destacamos um trecho da notícia:

[...] No próximo sábado, chegará a esta capital para participar das atividades da CESP o escritor Ruy Ayres Bello, da Universidade do Recife. Trata-se de experimentado e erudito pedagogo, de mérito nacional, cujas obras, entre elas a “Filosofia Pedagógica” tem obtido grande representação em todos os meios escolares do país (O Norte da Paraíba, 16.04.1955, p.2).

Em 1965, quando apresentada uma conferência no Simpósio sobre Problemática Universitária, na Universidade Federal de Pernambuco, o prof. Gilberto Freyre sugeriu que

fosse introduzido um Seminário sobre tropicologia, tecendo considerações sobre seus objetivos e sistemática para o seu funcionamento.

Obteve, de imediato a concordância de eminentes mestres universitários, participantes do Simpósio e, em sua maioria, membros do Conselho Universitário dessa Universidade, vindo a ser instituído com o apoio do Reitor, Murilo de Barros Guimarães, no início do ano de 1966, em convênio com o, então. Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais (Miranda, 1983, p. 47).

Ruy Bello era um destes professores que fazia naquela época parte do Conselho Universitário da Universidade Federal de Pernambuco¹³². Abaixo a figura 52 com um registro de uma das palestras realizada no Seminário de Tropicologia com a presença do prof. Gilberto Freyre¹³³.

Figura 52 - Gilberto Freyre no Seminário de Tropicologia



Fonte: UFPE

No ano de 1969, período em que Ruy Bello já era professor da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), encontramos registros de duas de suas participações nos Seminários de Tropicologia. Eis as citações que foram noticiadas em um dos jornais da cidade:

¹³² Temos em mãos pastas com atas digitalizadas do conselho universitário da UFPE, que serão fontes para uma próxima pesquisa pós-doctor que pretendemos desenvolver. Agradecendo ao Prof. Dr. Evson Malaquias da UFPE, pelo compartilhamento deste acervo de documentos que foi parte de uma de suas pesquisas.

¹³³ Essa iniciativa permanece até os dias atuais. Em outubro de 2019, havia sido registrado o 421º Seminário de Tropicologia com o debate contraste entre Iracema e Macunaíma.

O Seminário de Tropicologia da Universidade Federal de Pernambuco, realiza, hoje, sua segunda reunião deste ano, às quinze horas, no Salão Nobre da Reitoria. A conferência, que vem despertando interesse dos maiores será sobre Sexo e Trópico e será feita pelo antropólogo Waldemar Valente, do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, tendo como comentadores o psicólogo Dias da Silva e o educador **Ruy Belo**. (Diário de Pernambuco, 29.04.1969, p.3 – grifos nossos)

ACONTECIMENTOS. Série de conferências literárias está programada pelo Departamento de Cultura que é dirigido pelo professor Orlando Parahum. Na linha, temos Nilo Pereira, Fernando Pio dos Santos, Kleber Mendonça, Célio Meira e **Ruy Ayres Bello**. (Diário de Pernambuco, 21.09.1969, p.18- grifos nossos).

O Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisa Social (IJNPS) comemorou no ano de 1972 o centenário do nascimento de Estácio Coimbra¹³⁴ organizando a chamada ‘Semana Estácio Coimbra’.

Toda a programação da Semana foi elaborada pelo IJNPS e teve conferências do sociólogo antropólogo Gilberto Freyre, dos professores Waldemar Valente, diretor do Departamento de Antropologia do IJNPS e Ruy de Ayres Bello, e do escritor Renato Carneiro Campos, diretor do Departamento de Sociologia do Instituto Joaquim Nabuco.

Entre as solenidades de encerramento o Professor Ruy Ayres Bello pronunciou na Academia Pernambucana de Letras às 20 horas do dia 25 a conferência. “Estácio Coimbra. O senhor de Engenho, o Político e o Homem”¹³⁵.

Uma breve síntese do percurso de Ruy Bello no ensino superior privado e sua chegada no ensino superior oficial, tão almejado como finalização de sua carreira docente.

Devido a importância destas instituições superiores em que Ruy Bello atuou, novos olhares e problematizações podem ser direcionados através de pesquisas científicas na linha da historiografia educacional brasileira, em especial do ensino superior.

2.6 Outros cargos ligados à educação

Foi Ruy Bello no ano de 1940, designado pelo interventor federal para lecionar no Segundo Curso de Férias do Magistério das 1º 2º e 3º entradas. “**Ruy de Ayres Bello** para a cadeira de pedagogia; Eulalia Fonseca; Didática; Maria do Carmo, Pinto Ribeiro; Milbournes

¹³⁴ Novamente referendamos que Estácio de Albuquerque Coimbra, era primo de Ruy Bello. Nasceu em Barreiros, 22 de outubro de 1872 e faleceu no Rio de Janeiro, 9 de novembro de 1937. Foi advogado e político brasileiro.

¹³⁵ Outras conferências que nesta solenidade: Gilberto Freyre pronunciou a conferência: Estácio Coimbra, representativo. E o Professor Waldemar Valente, no Instituto de Educação de Pernambuco pronunciou a Conferência Estácio Coimbra: a Reforma Carneiro Leão e a Cadeira de Sociologia na Escola Normal. Renato Campos encerrou a Semana Estácio Coimbra no IJNPS com a conferência Estácio Coimbra um político do tipo conservador. Diário da Manhã, 18.10.1972. p. 2.

Moura, Ruth Francisca da Costa e Maria de Jesus Caneiro Leão, actividades Rurales; professora Maria de Lourdes Dutra, Didática de catecismo” (Diário de Pernambuco, 12.12.1940, p.02).

No ano de 1941, Ruy Bello atuou entre o pessoal docente do Curso de Diretora do Grupo Escolar da capital, para reger a cadeira de “Philosophia da educação”. (Diário de Pernambuco, 01.04.1941, p.3).

Como preparativos para a ‘Conferencia Nacional de Economia e Administração’. Foi organizada uma reunião no Palácio do Governo, sob a Presidencia do interventor Agamenon Magalhães. Foi uma reunião dos magistrados, médicos, professores e bacharéis do Estado, para distribuição das theses sobre justiça, ensino, educação e saúde publica, as quaes serão apresentadas na Conferencia Nacional de Economia e Administração. Estiveram presentes a reunião mais de 80 pessoas.

O interventor, iniciando os trabalhos, refere-se á recente reunião dos interventores, realizada no Rio de Janeiro, acrescentando que, durante a mesma o presidente da Republica apresentou o largo inquérito feito através da vida administrativa do paiz, chegando-se á conclusão de que, á margem do referido inquérito, se devia ouvir technicos que tivessem noção (sic) dos problemas brasileiros. Diz que não existe um plano definitivo para a solução dos problemas. E cita o problema das secas e o da baixada fluminense, cuja solução foi encontrada depois que os techinos se formaram, organizando o plano que venceu o problema. Diz ainda, que deseja a colaboração daqueles que tenham entusiasmo, que queiram trabalhar com vontade, com desprendimento. E que todas as theses devem ser desenvolvidas dentro de um sentido nacional, visando a unidade do Brasil. Em seguida é apresentada a matéria geral para as theses de justiça e direito, as quaes tratarão de: Estructuração legal do regimen” – A Constituição, corporativismo e Codigos”. O professor **Ruy de Ayres Bello** foi nomeado para discursar sobre o Ensino Primario com as Theses: Orientação finalista e espiritualista no ensino primário¹³⁶. (Diário da Manhã, 05.01.1940, p.6- grifos nossos)

De sua dedicação ao ensino foi convidado ao Cargo de Conselheiro Estadual de Educação. O Conselho Estadual de Educação de Pernambuco foi criado pela Lei Estadual nº

¹³⁶ Traremos no capítulo IV de detalhamentos sobre o pensamento de Ruy Bello sobre a “Educação Finalista”. No estudo da educação foram nomeados outros nomes da intelectualidade pernambucana para dissertar diversas theses: Sobre o Ensino Superior serão distribuídas por intermédio das Congregações das escolas superiores em reuniões oportunamente convocadas. As theses sobre ensino artístico serão distribuídas pelo professor Vicente do Rego Monteiro. As theses sobre ensino secundário serão distribuídas pelo diretor do Gymnasio Pernambuco, em reunião que será realizada nesse estabelecimento. Educação physica – dr. Britto Bastos; Organização do Professorado – professor Marianno Aguiar; Pesquisas Pedagogicas – professor Sylvio Rabello; Estatística de Educação – dr. Paulo Pimentel. Pré orientação profissional nas escolas primarias – professor Waldomiro Fetterman; Fins do ensino Primario, disciplinas essenciaes, simplificação dos programas – professora Eulalia Fonseca; Educação Religiosa, moral e cívica – padre Zacarias Tavares; Theatro escolar, organização, peças – professor Vicente Fittipaldi; Escotismo escolar – Guilherme Azevedo e Dom Conrado Boeckling O.S.B. Henriqueta Amazonas, Helena Pugó, Antonio Balthar, Jose Vicente Barbosa, Nair Andrade.

4.591, de 1º de março de 1963, nos termos do artigo 10 da Lei Federal nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961, e reformulado pela Lei Estadual nº 11.913 de 27 de dezembro de 2000.

O Conselho Estadual de Educação é um órgão normativo, deliberativo e consultivo do Sistema de Ensino do Estado de Pernambuco, sendo assegurado seu caráter público, sua constituição paritária e democrática e sua autonomia em relação ao Estado e às entidades mantenedoras das instituições privadas de ensino.

Ruy Bello exerceu dois mandatos nos períodos de 1965-1966 e 1966-1972 o cargo de Conselheiro de Educação de Pernambuco. Abaixo cópia da Ata de publicação de sua posse:

Posse de Conselheiros - Na vaga deixada pelos Cons. Rodolfo Aureliano e José Antônio Gonçalves de Melo, tomaram posse no dia onze de março último, em sessão plenária do C.E.E. os Conselheiros recém-nomeados, Professores Ruy de Ayres Bello e José Florêncio Rodrigues. A saudação de posse foi feita pelo Conselheiro Carlos Frederico do Rêgo Maciel que recordou a atuação dos dois antecessores e destacou a nomeação do Prof. Ruy Bello como homenagem ao I.E.P. além de ato de indiscutida justiça, e a do Prof. José Florêncio como símbolo de reverência aos esforços dos fiéis crentes à causa da educação, parabenizando o C.E.E. por tão felizes e honrosas aquisições. Nas palavras de agradecimento o Prof. José Florêncio mostrou-se comovido por constituir sua presença no C.E.E., uma homenagem aos Batistas, acentuando que “embora não tenha idéias brilhantes a apresentar, estará sempre pronto a apoiar as idéias brilhantes dos seus companheiros”. O prof. Ruy disse que apesar de nada haver pleiteado, estava satisfeito por integrar o C.E.E., esclarecendo ainda que esta era sua aspiração mesmo antes de ser fundado, no tempo em que dera a sua colaboração ao Secretário Vilanova na estrutura desse órgão, frisando que, apesar das divergências doutrinárias do Governo passado, pouco ou nada lhe fora alterado na sua substância, e concluiu: “a este chamamento acuso dos maiores alegrias e esperanças, não pelas hipotéticas vantagens, mas porque neste cargo se enseja a melhor oportunidade de continuar trabalhando pela educação em Pernambuco. (Arquivos - Órgão Trimestral do Conselho Estadual de Educação de PE.- Publicação da Secretaria Geral, sd)

Os atos do governo quanto a nomeação é citado em uma nota no jornal:

NOMEADOS pelo governador, como membros do Conselho Estadual de Educação, os professores Ruy de Ayres Bello e José Florência Rodrigues, a fim de completar o período dos mandatos dos professores Rodolfo Aureliano da Silva e Antônio Gonçalves de Melo, em virtude do falecimento do primeiro e renúncia do último. (Diário de Pernambuco, 10.03.1965, p.3)

Na atuação de Conselheiro de Educação, dentre muitas decisões, Ruy Bello e Cândida Maciel aparece como os membros Conselheiros de Educação do Estado de Pernambuco que procederam votos contrários ao reconhecimento pelo Estado de Pernambuco dos diplomas de professores titulados por escolas normais oficiais ou oficializadas de outras Unidades da Federação.

A União Internacional pela Liberdade de Ensino era um organismo mundial com sede em Paris. Esta entidade organizou no Rio de Janeiro o seu VI Congresso Internacional pela Liberdade de Ensino, entre os dias 16 e 23 de julho de 1961. Detalhes do evento foi publicado “[...] o evento que contará com educadores de delegações europeias, africanas e latino-americanas, composta por membros do poder legislativo de vários países, além dos mais conceituados nomes do magistério e das ciências pedagógicas de todo o mundo contemporâneo” (Diário de Pernambuco, 08.07.1961, p.7)

Ruy Bello era o representante de Pernambuco que integrava o Comitê Executivo deste Congresso que tinha um apoio do governo federal. Como vemos:

O comitê Executivo do Congresso, que é representado em Pernambuco pelo **Professor Ruy de Ayres Bello**, vem recebendo todo o apoio das autoridades brasileiras, a começar pelo Exmo. Sr. Presidente Jânio Quadros que, inclusive pôs a disposição do Congresso um avião da FAB, para deslocamento dos congressistas europeus e africanos. Também o Governador Carlos Lacerda tem demonstrado o maior interesse pelo êxito do Congresso, o mesmo acontecendo com um numeroso grupo de parlamentares que deram sua adesão ao grande certame. Participarão ainda do Congresso o dr. Henrique Lemle, Grã Rabino dos israelistas no Brasil, e o professor Jurema Tavares pela Associação Nacional das Escolas Evangélicas. O tema geral do Congresso é: Investimentos no ensino, fatores do desenvolvimento econômico nacional (Diário de Pernambuco, 08.07.1961, p.7- grifos nossos)

Este apoio e engajamento por parte das autoridades brasileiras, em especial o chefe da nação e outros representantes de diferentes segmentos da sociedade, ressaltam a relevância e o impacto esperado desse evento no cenário educacional e econômico nacional.

Importante mencionar que em 1964, três anos após a realização do VI Congresso Internacional pela Liberdade de Ensino” no Rio de Janeiro, vai ocorrer em São Paulo “A Marcha da Família com Deus pela Liberdade”.

Em 19 de março de 1964, cerca de 500 mil pessoas se reuniram na Praça da República, em São Paulo atendendo ao chamado de diversas associações civis para comparecerem à Marcha da Família com Deus pela liberdade. Uma ampla frente de grupos de direita e conservadores conclamavam a sociedade a defenderem a família, a Pátria, a democracia, a Constituição e a religião, que consideravam sob ameaça pelo governo trabalhista de João Goulart (Cordeiro, 2021, p.3)¹³⁷.

¹³⁷ Carlos Lacerda, governador da Guanabara nesta época, foi um dos representantes políticos que havia apoiado o Congresso em 1961. Deu apoio também neste evento de 1964. Então, por sua vez, chegou a afirmar que a Marcha representava o “início do processo de ressurreição da democracia no Brasil”. “Diante do sucesso do comício, Carlos Lacerda, Governador da Guanabara pela União Democrática Nacional (UDN), um dos principais opositores do governo Goulart e postulante à candidato à presidente nas eleições de 1965 não tardou a se manifestar. Em pronunciamento divulgado pela imprensa, fez um apelo aos demais candidatos à presidência da República para que chegassem a um “entendimento imediato para a defesa das instituições, do Congresso, da

Em 1964, teremos a questão militar no Brasil¹³⁸. Sobre este tema segundo Saviani (2011):

O golpe militar desencadeado em 31 de março consumou-se logo em 1º de abril. Diante da alternativa: ajustar a ideologia política ao modelo econômico ou vice-versa, a Revolução de 1964 resolveu o conflito impondo a primeira opção (PEREIRA, 1970). E a ideologia do nacionalismo desenvolvimentista foi substituída pela doutrina da interdependência. (Saviani, 2011, p. 364).

A chegada dos militares ao poder, representou uma mudança significativa na orientação ideológica do governo, substituindo o nacionalismo desenvolvimentista pela doutrina da interdependência. Essa nova abordagem econômica enfatizava a integração do Brasil na economia global, em contraposição à ênfase anterior na industrialização nacional e na proteção dos interesses internos.

Essa transição ideológica teve implicações profundas para o desenvolvimento político e econômico do Brasil, influenciando políticas governamentais, relações internacionais e a estrutura socioeconômica do país. Essa mudança também gerou debates e controvérsias sobre os impactos sociais e econômicos dessa nova orientação política.

A 1ª Turma de concluintes do Colegio Normal São José, teve como paraninfo o bispo D. Acácio Rodrigues Alves e patrocinado pelo prof. Ruy de Ayres Bello. (Diário de Pernambuco, 18.12.1966, p.4)

Outro motivo de grande empenho na gestão de Ruy Bello foi o Serviço de Orientação Educacional (SOE). No jornal foi publicado uma nota de uma ação que ele realizou para uma aluna:

Informaram-nos que o psicólogo prof. Rui Aires Bello diretor do Instituto de educação de Pernambuco, no dia 21 do corrente, tomando conhecimento de que uma das suas alunas – no período da manhã- estava sentindo-se mal, prontificou-se, de imediato, e com muita delicadeza, em conduzi-la à sua residência, não obstante suas atividades educacionais, naquela manhã. Ao prof. Rui Aires, portanto, nossa mais desinteressada congratulação, sobretudo pelo exemplo de humanismo e de coerência pedagógica. (Diário da Manhã, 26.10.1970, p. 9)

Constituição e, acima de tudo, da segurança nacional, diretamente visada” (Cordeiro, 2021, p.8). Em 1964 teremos o golpe militar no Brasil. Cf.: Carvalho, José Murilo. Forças Armadas e Política no Brasil. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

¹³⁸ Não localizamos nenhuma fonte sobre a participação política de Ruy Bello neste período da ditadura. Apenas as que citamos de sua atuação no cenário educacional na década de 1960.

Uma atitude que serve como exemplo de humanismo feita por Ruy Ayres Bello, como diretor do Instituto de Educação de Pernambuco, realçando o aspecto humano em sua prática pedagógica.

Outro relato, o próprio Ruy Bello traz escrito em seu livro. Ele lembra um triste fato de uma aluna, menina de onze [11] anos que ateou fogo, deixando uma carta para ele pedindo que realizasse seu velório e mencionando que morreria com a lembrança dele e de outros funcionários da escola e da turma:

Durante todo o tempo em que fui responsável pela direção do I.E.P. fiz o que pude para que os seus objetivos fossem alcançados da melhor maneira possível e, ousou admitir que, pelo menos em parte, alguns êxitos se alcançaram. Digo isso sem falsa modéstia porque, faço questão de declarar que se o Instituto de Educação de Pernambuco, estando eu na sua direção, conseguiu equiparar-se às melhores escolas de sua categoria do Brasil – do Rio, de São Paulo, de Belo Horizonte e de Curitiba – isso não foi por meu mérito pessoal, mas graças à inestimável colaboração de quantos secundaram generosamente o meu esforço. [...] Procurando capacitar-me para a função de dirigir razoavelmente o I.E.P. tratei, logo que pude, de visitar as mais afamadas escolas dessa categoria existentes no país, que eram os já citados Institutos de Educação do Rio de Janeiro, o velho Caetano de Campos de São Paulo, o de Belo Horizonte e o mais conceituado de todos, que era o de Curitiba. Observando meticulosamente a organização e os processos administrativos em vigor nessas escolas, pude recolher daquelas visitas uma experiência das mais proveitosas para o meu modo de conduzir-me na difícil tarefa de dirigir o nosso I.E.P. (Bello, 1982, p.252-253.)

Demonstrando sua intensa vitalidade para labutar, Ruy Bello aos 69 anos, recebe um contrato de trabalho autorizado pelo Exmo Governador do Estado de Pernambuco para o exercício no ano de 1973 como Professor Secundário. Ele exerceria um total de 35 aulas mensais no período de 01.03.73 a 31.12.73 na Escola Sylvio Rabelo. (Diário Oficial, 26/10/1976, p. 4903).

Ruy Bello é lembrado nas comemorações pelo Sesquicentenário do Diário de Pernambuco a ser comemorado no ano de 1974, como figura importante da intelectualidade pernambucana:

Diário de Pernambuco, sinônimo de liberdade, bravura e independência, completa no dia 07 de novembro de 1975, cento e cinquenta (150) anos de relevantes, inestimáveis e patrióticos serviços a este Estado e ao Brasil. O Sesquicentenário desse velho noticioso, enche de júbilo e regozijo o povo de Pernambuco, acostumado a lê em suas páginas os vibrantes artigos e crônicas de ilustres combatentes do jornalismo e colaboradores como Comendador Manoel Figueiredo de Farias, Antônio José de Miranda Falcão. Conselheiro Francisco de Rosa e Silva, Carlos Lyra Filho, Assis Chateaubriand, Aníbal Fernandes, Costa Porto, Andrade de Lima, Paulo

Malta, Paulo Fernando Craveiro, Edmundo Moraes, Mauro Mota, Lúcio Costa, Gilberto Freyre, Pinto Ferreira, Zacarias Maciel, **Ruy Ayres Bello**, Calinício Silveira, Gamaliel da Costa Gomes, Arthur Carvalho, Renato Carneiro Campos, Waldemar Maia Leite, Marco Aurélio de Alcântara, Gláucio Veiga, Pessoa de Moraes, César Raimundo Corrêa, Severino Barbosa, José Rafael de Menezes, Nilo Pereira e tantos outros expoentes da intelectualidade Nordestina. (Diário Oficial de Pernambuco, 02.11.1974, p. 857- grifos nossos)

Em 1976, houve a vinda de vários dirigentes da alta direção da “Campanha Nacional de Escolas da Comunidade” (CNEC), com o objetivo de cumprir em Pernambuco um vasto programa de atividades. Nestas atividades Ruy Bello aparece como integrante deste movimento nacional, representando o seu estado¹³⁹.

Campanha tem novos mestres no Conselho. O conselho da campanha nacional de escolas de comunidade¹⁴⁰, em Pernambuco, está formado por nomes de destacados educadores. Estes prometem integrar o apoio logístico a diretoria estadual responsável pela política da CNEC, Entidade fundada há 30 anos por Felipe Tiago Gomes, atual superintendente nacional. Na primeira reunião do conselho estadual, realizada na escola técnica federal, estiveram presentes os conselheiros Aloísio de Melo Xavier, José Luiz Delgado, Potyguar Matos, **Ruy Ayres Bello** e Waldemar de Oliveira, além de membros da direção e dos setores técnicos da CNEC. atualmente, essa entidade mantém mais de 20 mil professores para 372 mil alunos em todo o país. (Diário de Pernambuco, 25.09.1976, pág. A-5- grifos nossos).

É formando este novo conselho da Campanha Nacional de Escolas da Comunidade (CNEC) em Pernambuco é um marco importante para a educação na região e Ruy Bello figura entre os membros deste conselho.

Os membros eram reconhecidos como educadores destacados na sociedade pernambucana, o que se esperava uma integração eficiente do apoio logístico à diretoria estadual responsável pela política da CNEC. As reuniões eram um espaço para à colaboração e ao compartilhamento de conhecimento entre os membros e os setores técnicos da entidade.

Sobre a presença de ‘Erlinda Helena da Rocha Bello’ na vida de Ruy Bello, sua primeira esposa, sempre fora mencionada em seus livros. Como na dedicatória do seu

¹³⁹ Não identificamos momentos anteriores a este que Ruy Bello já estava participando da rede CNEC, visto que em seu histórico consta que “A Campanha Nacional de Escolas da Comunidade (CNEC) surgiu em 1943, em Recife (PE), para atender crianças e jovens que não possuíam ofertas de estudos pelo poder público ou não tinham condições financeiras para ingressar em colégios privados”. (FERRER, 2010, p.12)).

¹⁴⁰ A 29 de julho de 1943, num período de profundas mudanças econômicas, sociais e políticas na sociedade brasileira, foi criada a Campanha do Ginasiano Pobre – CGP, na cidade de Recife, Pernambuco, a qual originou a atual Campanha Nacional de Escolas da Comunidade – CNEC (SILVA, 2001, p.97). Cf também sobre o tema MACEDO (2018).

primeiro livro “Introdução á Pedagogia” de 1941: “A memoria de meu pai, a minha mãe e a minha mulher”. (Bello, 1941, dedicatória).

Em 1979, Erlinda Bello, veio a falecer, há o registro feito por Ruy Bello [...] um namoro que iria perdurar por muitos e muitos anos, cinquenta e seis (56 anos), em que fomos namorados, noivos e esposos, até que Deus a levou de volta para casa” (Bello, 1982, p. 126).

Um registro feito por Ruy Bello do seu momento de luto e reflexão sobre a vida ao lado de Erlinda Bello. A menção a um longo relacionamento de 56 anos, uma profunda ligação e comprometimento entre o casal, em todas as fases de relacionamento.

O uso da expressão "até que Deus a levou de volta para casa" é comum em contextos religiosos para descrever a morte como uma passagem para a vida eterna. Essas palavras transmitem um senso de resignação e aceitação diante da perda, ao mesmo tempo em que ressaltam a fé e a esperança na continuidade do amor além da vida terrena.

Foram 48 anos de vida conjugal com Erlinda que como mencionamos em outra parte, ele afirmava que “muito a amava”. (Bello, 1982, p. 223). Abaixo a figura 53 de Ruy Bello com Erlinda e um casal de amigos:

Figura 53 - O casal Paulo Vieira que comandava a Organização do Auxilio Fraternal – (OAF) e Ruy Bello com a esposa Erlinda



Fonte: Bello, 1982, sp

Erlinda faleceu no dia 12 de setembro de 1979 por complicações de um trágico acidente¹⁴¹.

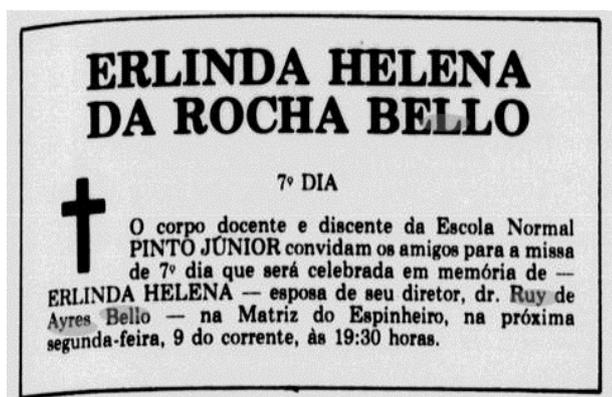
Trazemos abaixo as figuras 54 e 55 com os anúncios da Missa de 7º dia foram publicados no jornal. Dentre as menções está uma do próprio Ruy Bello, e a outra do pessoal da Escola Normal Pinto Júnior que ele dirigia e de amigos.

Figura 54 – Anúncio das Missas de 7º dia – Erlinda Helena da Rocha Bello



Fonte: Diário de Pernambuco, 18.09.1979, sessão Avisos e editais.

Figura 55 – Anúncio de Missa de 7º dia – Erlinda Helena da Rocha Bello



Fonte: Diário de Pernambuco, 18.09.1979, sessão Avisos e editais.

Há um aspecto importante da vida pessoal de Ruy Bello sua longa e duradoura vida conjugal com Erlinda, totalizando 48 anos. O fato de terem compartilhado tantos anos juntos sugere um relacionamento sólido e significativo.

Além disso, uma profundidade do sentimento envolvido nessa relação de amor e afeto, enfatizando a importância emocional desse relacionamento para ele¹⁴².

¹⁴¹ Um funcionário de um supermercado da cidade empurrou um carrinho de compras que bateu nas suas costas. Ela caiu, ficou paraplégica e três meses depois morreu. (Ferreira, 2001, p. 151).

¹⁴² Ruy Belo teve outro casamento com sua cunhada, Maria José, com quem conviveu 7 anos ficando viúvo novamente. Pensou em contrair uma terceira união, mas foi aconselhado e desistiu do ato. “Eu tive uns incidentes de velhice muito simpáticos com ele. Um deles ao me perguntar, aos 86 anos, se podia casar de novo. Ele casou com duas irmãs. Uma terceira ele queria casar. Eu disse professor é a sua consciência. Ele queria saber

2.7 A Escola Normal Pinto Júnior, um carinho de Ruy Bello por esta instituição

Quando, há **dez anos**, assumistes a **direção da Pinto Júnior**, a debater-se com uma crise que quase a levava à extinção, eram 200 as suas alunas; hoje, apesar de todos os percalços, são mais de 600. É que, exímio navegante, não temestes, nem temeis, procelas e vindes conduzindo o barco a porto seguro, do que dão irrecusável testemunho as 260 esperançosas professoras que a Pinto Júnior diplomou o ano passado, para servirem a Pernambuco e ao Brasil. Mestres, alunas e servidores da Pinto Júnior têm razão de proclamar, por isso, festejando-o, o vosso dia natalício, lembrando a frase litúrgica: este é o dia que o Senhor nos fez; exultemos e nele nos alegremos. E a congregação definitiva de vossa vida de mestre, que não traiu a vocação, está consubstanciada nas palavras do profeta Daniel que tão bem se vos ajustam: qui erudiunt pauperes fulgebunt quase stellae in perpetuas aeternitates – os que intruem os pobres brilharão como estrelas em perpetuas eternidades. Estrela de primeira grandeza a Pinto Júnior não se pode astronomicamente precisar. Nem lhe interessa. Interessa-lhe, apenas, e o faz agora, deixar-se guiar por essa estrela e segui-lhe os rastros de luz, Ad muitos anos, mestre **Ruy de Ayres Bello** (Ferreira, 2001, p. 148 – trecho do Discurso do imortal e mestre José Lourenço de Lima – grifos nossos).

Abrimos o tópico com este reconhecimento da contribuição de Ruy Bello para a Escola Normal Pinto Junior marcando gerações.

Por iniciativa privada¹⁴³ no ano de 1872 a Sociedade Propagadora da Instrução Pública cria uma escola normal. Segundo Gati (2010) a sociedade tinha este compromisso de auxiliar o poder público, a fim de promover e difundir por toda a parte a instrução, sobretudo a elementar.

Oficialmente datada sua criação em 11 de agosto de 1872. No estatuto delimitava o destino dessa instituição:

Diffundir e auxiliar, por todos os meios legais, o ensino primário, secundário e superior da Província (hoje Estado) de Pernambuco. - Estender a acção social ao ensino secundário e superior, depois de attendidas as principaes necessidades do ensino primário e quando o permitirem os seus recursos. [...] Para desempenho do fim a que se propõe, a sociedade emprega os seguintes meios: 1º - Escolas primarias; 2º - Aulas e estabelecimentos de ensino secundário e superior; 3º - Publicações úteis; 4º - Conferências e preleções públicas; 5º - Pequenas bibliothecas, museus e gabinetes de sciencias physicas (Estatutos, 1874, P. 1; Pinto Júnior, 1892, P. 5).

se era pecado, pois tinha uma noção muito séria do pecado. Mas era prova da virilidade dele. Era um homem de uma força imensa, de uma coragem, de uma bravura, de um físico, corado e pronto para bravuras como essa do estatuto. No entanto, o padre Ailton Guedes, que era assistente dele e muito amigo, mandou ele acabar com isso. Já era sinal de caduquice. (Ferreira, 2001, p. 152).

¹⁴³ Sobre o tema público e o privado. Cf.: O público e o privado na história da educação brasileira: concepções e práticas educativas. José Claudinei Lombardi; Mara Regina Martins Jacomeli; Tânia Mara da Silva (Orgs.). Campinas: Autores Associados; HISTEDBR; Unisal, 2005

Esta escola recebeu o nome oficial de Escola Normal para Senhoras , sendo mudado em 1893 para Escola Normal Pinto Júnior em homenagem ao seu fundador. Sobre ter sido uma escola normal que admitia a entrada de mulheres, Segundo Ruy Bello (1978):

À Sociedade Propagadora da Instrução Pública cabe, assim, a glória de ter sido a pioneira na instituição do ensino normal para as mulheres, isso não só em referência a Pernambuco, como a todo o Brasil. Poucos anos depois, como já vimos em 1875, a Escola Normal Oficial passaria a admitir, também, mulheres no seu corpo discente, mas nisso a Pinto Júnior se havia antecipado. (Bello, 1978, p. 125).

Abaixo a figura 56 do prédio na Rua do Riachuelo adquirido para ser a Escola Normal Pinto Júnior no ano de 1913¹⁴⁴:

Figura 56 - Prédio da Escola Normal Pinto Junior



Fonte: Figueroa, 2022, p.280.

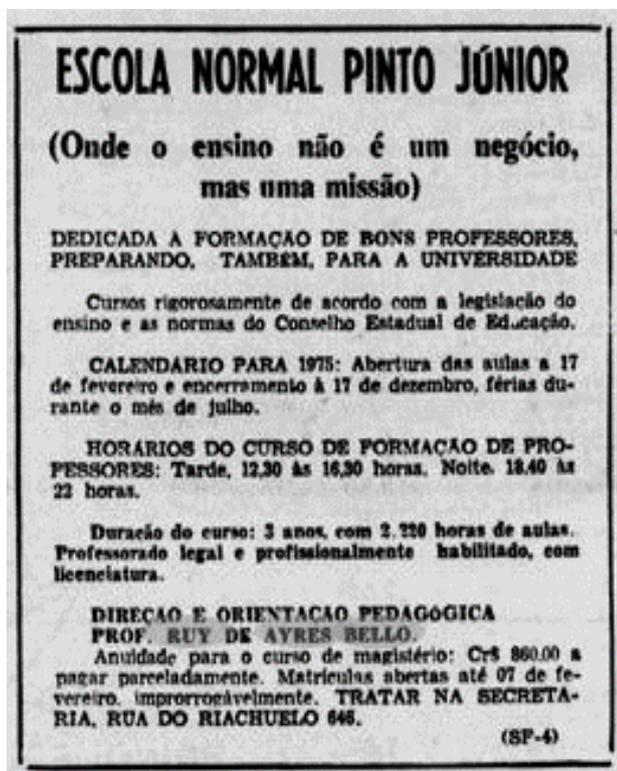
Após sua aposentaria, Ruy Bello com seus 66 anos, passou a se dedicar à Escola Normal Pinto Junior. Na avaliação do seu amigo José Rafael de Menezes, ele aposentou-se por obrigação, mas ficou ensinando mais uns cinco anos na Pinto Júnior.

A paixão pela Pinto Júnior, o desejo que ela sobrevivesse¹⁴⁵ foi um assunto muito citado nos discursos pelos 80 anos de Ruy Bello.

¹⁴⁴ Esta instituição ocupou diversos prédios até ter sua sede própria. Inclusive iniciando suas atividades nas instalações da Escola Normal Oficial de Pernambuco no turno noturno. Pois durante o dia as aulas eram ministradas para os homens. Cf. Gati, Hajnalka Halász. A educação da mulher no Recife no final do século XIX: ensino normal e anúncios de progresso. Tese. 2010. Programa de Pós-graduação em Educação: UFPE.

A instituição utilizada a imprensa para divulgar as propagandas da matrícula. Como a figura 57 com um anúncio de matrícula no ano de 1975:

Figura 57 – Anúncio da Escola Normal Pinto Júnior em 1975



Fonte: Diário de Pernambuco, 02.02.1975, p.10. 1º caderno)

O artigo da jornalista Fernanda d’Oliveira com o título “Nos 120 anos da escola normal, o drama da professora primária” exhibe vários trechos de sua entrevista com o Prof. Ruy Bello, sobre a situação do ensino normal. O prof. Ruy Bello foi lembrado pela sua passagem por mais de uma década na direção da Escola Normal de Pernambuco e da Escola Normal Pinto Júnior:

[...] No ano de 1874 surgiu uma outra escola normal, no Recife, ainda hoje formando professoras – escola Normal Pinto Júnior. Há dez anos ela vem sendo dirigida pelo professor, escritor e historiador da Educação **Ruy de Ayres Bello**, com diversos trabalhos e livros publicados, sendo o último Memórias de um Professor¹⁴⁵. Ao completarmos 120 anos da criação da primeira escola normal de Pernambuco, **Ruy Bello** nos dá um balanço da profissão do magistério para o curso primário, que permite muita gratificação interior, mas sem qualquer recompensa a nível financeiro. Situação ruim. A situação do curso normal, do magistério em todo o Brasil é a mesma situação

¹⁴⁵ Em 2022, a antiga Escola Normal Pinto Júnior, no Recife, apresentava má preservação do imóvel. Situação que lamentamos pelo apagamento histórico desta importante instituição de ensino.

¹⁴⁶O livro “Memórias de um professor” do prof. Ruy Bello, foi publicado em 1982 pela Academia Pernambucana de Letras.

de todo o ensino. Muito ruim. A afirmativa é do professor **Ruy Bello**: “O ensino atravessa uma crise. Está mal. O problema é a qualidade. A reforma de 1971 foi infeliz. Passaríamos muito tempo analisando detalhadamente esta reforma; mas digo que a escola não tem condições de cumprir seus objetivos, enquanto vigorar uma lei que está aí (Diário de Pernambuco, 10.05.1984, p.A1- grifos nossos).

Em um artigo com o título “Desencanto escolar” relatava que uma adolescente, matriculada numa escola do Sul do país, havia dirigido uma carta destinada ao Ministro da Educação, sobre seu desencanto escolar. “A minha escola é um desencanto, porque ninguém gosta de ensinar e nada fazemos de proveito”. Diz o autor do artigo ser uma crítica mais pura, dos catorze anos, destinada à autoridade mais competente da educação. Faz elogios ao Ministro Ludwig, e encerra agradecendo por ele ser um bom Ministro... No artigo o nome de Ruy Bello é mencionado:

No próximo 11 de agosto, a Escola Normal Pinto Júnior, completará 110 anos. Por teimosias do **Prof. Ruy de Ayres Bello**, ali persiste um estilo pedagógico que já não mais se encontra em nenhum outro estabelecimento de ensino. Os cursos profissionalizantes desmantelaram os currículos de tradição didática, e as tensões pré-vestibulares complicaram o resto. (Diário de Pernambuco, 01.08.1982, p. A-10- grifos nossos).

Nas palavras de saudação da Escola Normal Pinto Júnior representado pelo Acadêmico e Professor José Lourenço de Lima na solenidade em comemoração aos oitenta (80) anos de Ruy Bello, há outros indícios de seu trabalho nesta escola:

Quando, **há dez anos**, assumistes a direção da Pinto Júnior a debater-se com uma crise que quase a levava à extinção, eram duzentas as suas alunas; hoje, apesar de todos os percalços, são mais de seiscentas. É que exímio navegante, não temestes, nem temeis, procelas e vindes conduzindo o barco a porto seguro, do que dão irrecusável testemunho as duzentas e sessentas esperançosas professoras que a Pinto Júnior diplomou o ano passado, para servirem a Pernambuco e ao Brasil (Alves, 1987, p.31-32 – grifos nossos).

Outra menção a Escola Pinto Júnior foi feita pelo próprio Ruy Bello no discurso de agradecimento na cerimônia de comemoração pelos seus oitenta anos: Eu não poderia receber um presente de aniversário que mais me tocasse o coração do que esse que me manda a minha querida Escola Normal “Pinto Junior” (Bello, 1984, p. 40). Abaixo a foto da Escola Normal Pinto Júnior:

Essa instituição para o biênio dos anos de 1978/1980 reelege em assembleia Geral Ordinária, para a sua diretoria o Professor Ruy de Ayres Bello.

Sociedade Propagadora da Instrução Pública. A nova diretoria é composta de **Ruy de Ayres Bello** (presidente); Silvia Lúcia de Lage (substituta); Helenice

Cardeal da Rocha (1ª secretária); Lígia Render (substituta); Doris Marien e Sá de Souza (2ª secretária); Severina Alda Lucas da Silva (substituta); Agenor Alves Machado (tesoureiro); Ana Elizabeth Paurá, Jardelina da Costa (substituta); Amaro Soares Quintas (orador); José Lourenço de Lima (substituto). A comissão fiscal para o biênio será formada pelos professores Armando Temporal, Terezinha de Jesus Botelho e Elísio Silveira Bastos. O conselho técnico, eleito na mesma ocasião, ficou constituída pelos professores Itamar Vasconcelos, Sílvia Lúcia de Laje e Elenice cardeal da Rocha. Tanto os membros da diretoria como os do conselho técnico já foram empossados. (Diário de Pernambuco, 12.04.1978, p.E-8- grifos nossos)

Ruy Bello convive cercado de mulheres ao seu lado na direção da Sociedade Propagadora da Instrução Pública. A Sociedade que mantém a Escola Normal Pinto Júnior, a mais antiga do Estado. Por ironia da educação, em que quando criança não defendeu a co-educação, mas em 1978, escreve Ruy Bello elogios a Sociedade Propagadora da Instrução Pública por receber mulheres no ensino normal.

A Sociedade Propagadora de Instrução Pública cabe, assim a glória de ter sido a pioneira na instituição do ensino normal para as mulheres, isso não só em referência a Pernambuco¹⁴⁷, como a todo o Brasil. [...]Apenas a inovação introduzida na Escola Normal, era, do ponto de vista dos costumes da época, mais arrojada, pois abrindo suas portas ao elemento feminino, não criou para este classe especial, mas adotou o sistema de co-educação ou co-instrução dos sexos, e veio principalmente daí o escândalo suscitado no meio social do tempo e lugar, nada afeitos a costumes como aquele, em que homens e mulheres frequentavam a mesma escola, convivendo sob o mesmo teto sem ser irmãos ou nem mesmo conhecidos (Bello, 1978, p. 125-126).

Como já mencionamos no primeiro capítulo, rememoramos os 80 anos de Ruy Ayres Bello também aqui neste final de capítulo, pois várias entidades culturais se organizaram para as comemorações desta data. Em nota o jornal Diário de Pernambuco trás detalhes dessas comemorações assinalando que o Prof. Ruy Bello estava no cargo de Diretor da Escola Normal Pinto Júnior:

A reunião de hoje na Academia Pernambuca de Letras será aberta com um discurso do acadêmico Ruy João Marques que saudará o homenageado em nome da Casa de Carneiro Vilela. Em seguida, ocupará a tribuna acadêmica o professor José Lourenço de Lima que discursará em nome da Escola Normal Pinto Júnior da qual o professor Ruy Ayres Bello é diretor. O professor **Ruy Ayres Bello** tem uma intensa vida intelectual. Foi professor da antiga Escola Normal do Recife, do Instituto de Educação de Pernambuco, do Ginásio Pernambucano e da Universidade Católica de Pernambuco. Colabora em várias publicações especializadas e em revistas e jornais do país, entre os quais o DIÁRIO DE PERNAMBUCO. A sua obra sobre problemas pedagógicos é fonte obrigatória de referências em estudos

¹⁴⁷ A Escola Normal Oficial de Pernambuco foi criada pela Lei Provincial nº 598, de 13 de maio de 1864, e inaugurada em 25 de julho do mesmo ano, mas só admitiu a presença de mulheres em 1875. Três anos após a Escola Normal Pinto Júnior já ter admitido mulheres no curso normal. (Cf. PARAHYM, 1978).

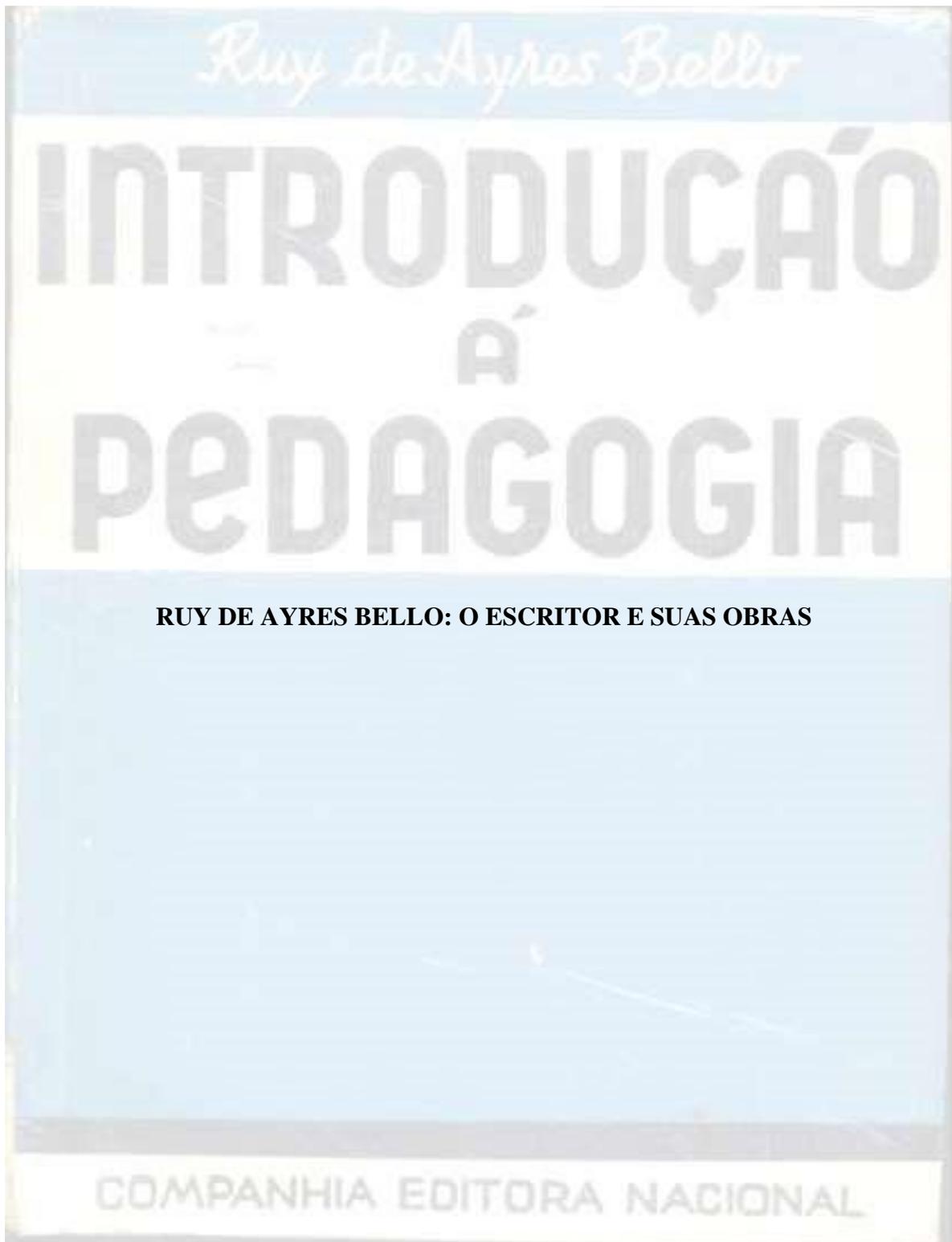
de problemas educacionais. (Diário de Pernambuco, 05.07.1984, p. A-8-grifos nossos)

As experiências de docência de Ruy Bello abrangem como vimos neste capítulo diversas instituições educacionais. Isso evidencia sua influência e importância no campo da educação, sendo reverenciado não apenas como um administrador escolar, mas também como um intelectual cujo trabalho é valorizado e respeitado na comunidade acadêmica e educacional.

Destaca-se também sua contribuição para a produção acadêmica, com colaborações em diversas publicações especializadas, revistas e jornais do país.

Ruy Bello deixou um legado significativo através de seus trabalhos em suportes materiais, como livros e artigos. Qual foi o legado produzido pelo prof. Ruy Bello e a quem ele se destina? Que visão do mundo social direciona a escrita de seus livros? Como se deu a circulação destes livros? Na busca de respostas para estes questionamentos foi que desenvolvemos a pesquisa e a escrita do próximo capítulo.

CAPÍTULO III



RUY DE AYRES BELLO: O ESCRITOR E SUAS OBRAS

CAPÍTULO III - RUY DE AYRES BELLO: O ESCRITOR E SEUS LIVROS

Há uma meia dúzia de características que emergem na primeira leitura das ‘Memórias de um Professor’ configuradas em livro editado pela Academia Pernambucana de Letras tendo por autor Ruy de Ayres Bello. São ela: Proporção, Simplicidade, Convicção, Seletividade, Correlação, Generosidade. Importa situar assim ‘didaticamente’ a obra, tendo em vista os títulos de Autor, um educador, com uma dezena de livros, a maioria nacionalmente reeditados, na área específica da bibliografia pedagógica. Da História à Filosofia, com ensaios de Psicologia e de Administração aplicadas. (Menezes, 1984¹⁴⁸).

Este capítulo apresentará o autor e suas obras, através da trajetória para se constituir um escritor de ‘livros’¹⁴⁹ destinados à formação de professores primários nos cursos oferecidos nas Escolas Normais e Institutos de Educação¹⁵⁰.

Qual foi o legado produzido pelo prof. Ruy Bello e a quem ele se destina? Que visão do mundo social direciona a escrita de seus livros? Como se deu a circulação destes livros? Estes questionamentos mobilizaram a pesquisa para organizar a escrita deste capítulo.

Segundo a posição de Chartier (2012), na pesquisa bibliográfica o livro é assim assumido:

[...] se o livro é o centro de um conjunto de práticas, a palavra viva, a construção coletiva de uma identidade, de um projeto escolar, me parece que o papel do livro é absolutamente fundamental, porque até agora o livro, desde a Antiguidade Grega até o presente, foi, se não o único veículo, o veículo essencial da transmissão dos conhecimentos, saberes, prazeres, que cada indivíduo pode ter com o passado, com o presente, ou com a sociedade em que ele vive. Costuma-se organizar, a partir do livro, ao redor do livro, uma série de práticas culturais que me parecem importantes (Chartier, 2012, Entrevista).

¹⁴⁸ Este texto está publicado na 4ª aba do livro “Breve História do Município de Barreiros” de Ruy Bello.

¹⁴⁹ Vamos adotar essa nomeação ‘livro’ pois ela é a que foi citada por Ruy Bello na apresentação de suas obras. Porém vamos associar nesta pesquisa a nomeação livro a palavra didático.

¹⁵⁰ Os professores-leitores do ensino básico se esquecem igualmente de que seus professores da universidade, da escola normal, dos cursos de pedagogia, do magistério e das licenciaturas plenas ou curtas foram formados por outros que liam muitos dos títulos da Coleção atualidades pedagógicas, ou que ao menos “fingiam” ter lido seus autores, os quais citam como referência da “boa qualidade” do ensino escolar ou universitário do passado, na velha fórmula saudosista que tanto desagrada os historiadores profissionais quando um neófito faz comparações indevidas entre as épocas. A tarefa de fazer a história dos livros e de uma coleção voltada à formação de professores não é fácil, pois é preciso enfrentar esses esquecimentos com a precisão de um bibliófilo, com o planejamento de um editor e com o faro de um historiador a fim de que se encontre “carne humana”, na “metáfora ogra” de Marc Bloch, em amontoados de papel cartão, relatórios de impressão, propagandas, catálogos, memórias e correspondências entre autores, editores e tradutores, usados como fontes primárias, e em um circuito bibliográfico entre intelectuais e seus impressos, usados como fontes secundárias (Godoy, 2022, p.2).

Tornar o livro como um objeto de pesquisa merece "[...] cuidadosa interpretação pela sua complexidade que, entre outros problemas, variam conforme o período, com diferentes sujeitos atuando em sua elaboração, confecção e pelo contexto de sua utilização" (Bittencourt, 2003, p. 34-35).

O termo "livro didático" começou a ser utilizado de forma mais comum no contexto educacional a partir do século XIX, principalmente com o desenvolvimento e a expansão dos sistemas educacionais formais e a popularização do ensino em larga escala¹⁵¹.

É importante ressaltar que a ideia de materiais de ensino padronizados, destinados a auxiliar o processo de aprendizagem, existe desde períodos anteriores na história da educação, embora não fossem necessariamente chamados de "livros didáticos" na época.

O conceito de livro didático, como o conhecemos hoje, foi gradualmente consolidado ao longo dos séculos, conforme as práticas pedagógicas evoluíram e as necessidades educacionais se tornaram mais complexas. Segundo Bello (1978):

Tem especial interesse para qualquer estudo de história da educação o problema dos livros adotados nas escolas em diferentes épocas e lugares. Hoje já não é mais assim, mas houve tempo em que o professor comodamente se deixava substituir pelos livros que adotavam em suas classes, tornando-se um simples marcador de lições ou tarefas "a merely taskmakers", como diz Reeder¹⁵² (Bello, 1978, p. 148)

Autores como Choppin (2004) que se dedicam ao estudo dos livros didáticos ressaltam ter sido este objeto de estudo negligenciado tanto pelos historiadores quanto pelos bibliográficos, e só de uns trinta anos para cá é que tem suscitado interesse entre os pesquisadores¹⁵³. Aos livros didáticos podemos levantar as questões sobre qual sua

¹⁵¹ Em relação à conceitualização, parece que o problema não é a ausência de um conceito sobre o que é um manual escolar, mas a variedade de nomenclaturas – livros escolares, manuais escolares, livros didáticos, manuais didáticos, compêndios escolares, livros de texto, textbooks, libro de texto etc. (Choppin, 2004, 2009; Magalhães, 2006; Escolano, 2009a; 2012; Munakata, 2012a, 2012b; Viñao, 2012; Teive, 2015), que se vinculam às particularidades dos contextos nacionais, aos níveis educativos, aos sistemas de ensino, as disciplinas escolares etc. Portanto, parece-nos ser fundamental a contextualização desses elementos para delimitar um conceito que dê conta de circunscrever a potencialidade e a complexidade do manual como objeto capaz de evidenciar as práticas sociais e culturais de determinada sociedade (Cigales e Oliveira, 2020, p.3).

¹⁵² Ward G. Reeder nasceu nos Estados Unidos. Ele é conhecido por suas contribuições na área de educação e administração escolar.

¹⁵³ Em 1993, quando Circe Bittencourt (1993) defendeu a sua tese sobre livro didático, os trabalhos acadêmicos brasileiros sobre o tema, publicados nos anos 1970 e 1980, não passavam de quase 50 títulos. Destes, uma parcela significativa destinava-se a condenar a ideologia (burguesa) subjacente aos livros utilizados na escola (Munakata, 1998). Daquela época em diante, porém, o número das pesquisas sobre essa modalidade de material escolar não tem parado de crescer: 22 títulos entre 1993 e 1995; 29 em 1996; 26 em 1997; 63 em 1998; 79 em 1999; e 46 em 2000. O expressivo número referente a 1999 pode ser tributado à realização, naquele ano, na Universidade do Minho (Portugal), do I Encontro Internacional sobre Manuais Escolares: Manuais Escolares – Estatuto, Funções, História, com a participação de vários pesquisadores brasileiros (Castro et al., 1999). Como esse, começaram a se organizar eventos específicos sobre o tema, caso do Simpósio Internacional "Livro Didático: Educação e História", realizado na Universidade de São Paulo, em 2007; sessões especiais sobre o tema passaram a ser abrigadas nos eventos das grandes áreas. Centros, núcleos e projetos de pesquisa sobre o

destinação? Quem são os autores? Quem são os editores? Como é feita a difusão? Quais os conteúdos explícitos abordados? Quem tem acesso? Quem são os leitores? Como leem? Porque leem?

Em síntese, perceber que com o processo de institucionalização do ensino, em especial, na formação do professor primário, em instituições como as Escolas Normais e Institutos de Educação como as obras de Ruy Bello circularam e foram aceitas.

3.1 Livro Didático: produto da cultura

A escola do século XIX aos nossos dias lançou mão de muitos instrumentos da cultura que se tornaram indispensáveis para o funcionamento de uma instituição de ensino: canetas, colchete de metal, cadernetas, espanadores, esponjas, giz, lápis, penas, envelopes, sabonetes, tinteiros, papel almaço, bíblia, código penal, livros literários, tv, dvd, computadores, dentre outros objetos que não foram pensados originariamente para o espaço escolar.

Parafraseando Marx: a técnica e os produtos tecnológicos são uma vitória do homem sobre a força da natureza (Marx, 1982, p. 506). E a tecnologia educacional é uma vitória do homem sobre os processos mecânicos de ensino e sobre os processos centralmente verbais presentes em outros momentos da história da escola, fundados, por exemplo, na recitação, na memorização, na narração, na leitura etc. Assim, as técnicas de ensino e as tecnologias educativas se constituem em instrumentos de intervenção para construir o futuro da humanidade. A técnica e a tecnologia são mediações a intervir sobre os sujeitos humanos – alunos -, através de sujeitos humanos – os professores – que visam a construção do próprio ser humano¹⁵⁴. (Araújo, 2006, p. 13)

Cultura e tecnologia estão intimamente ligadas em suas funções simbólicas e concretas e em suas finalidades de uso. O que se produz está relacionado com a cultura e com o social. “(...) o livro didático e a educação formal não estão deslocados do contexto político e cultural e das relações de dominação, sendo, muitas vezes, instrumentos utilizados na legitimação de sistemas de poder, além de representativos de universos culturais específicos” (Fonseca, 1999, p. 24).

tema também foram se constituindo nos programas de pós-graduação das diferentes áreas (educação, letras, história, matemática etc.). O resultado disso é a surpreendente cifra de cerca de 800 trabalhos sobre o livro didático produzidos de 2001 a 2011 (Munakata, 2012, 181).

¹⁵⁴ Araújo, José Carlos Souza. Do quadro-negro à lousa virtual: técnica, tecnologia e tecnicismo. In: Veiga, Ilma Passos Alencastro (Org.) Técnicas de Ensino: novos tempos, novas configurações. Campinas, SP: Papirus, 2006. Coleção Magistério: Formação e Trabalho pedagógico, p.13.

Dentro ou fora do ambiente escolar, o livro manifesta-se pelas relações socioculturais e econômicas. O “livro didático” não é, no entanto, o único instrumento impresso utilizado no interior do universo escolar como instrumentos de ensino-aprendizagem.

Alguns autores preocupam-se em datar um marco da produção do livro didático¹⁵⁵. Por exemplo o que discursa Magda Soares:

“Os Elementos de Geometria”, de Euclides, escrito em 300 a.C., circulou desde então e por mais de vinte séculos como manual escolar; outros exemplos são os livros religiosos, abecedários, gramáticas, livros de leitura que povoaram as escolas por meio dos séculos. Ao longo da história, o ensino sempre se vinculou indissociavelmente a um livro ‘escolar’, fosse ele livro “utilizado” para ensinar e aprender, fosse livro propositadamente ‘feito’ para ensinar e aprender. Professores e alunos, avaliadores e críticos que, hoje, manipulam tão tranquilamente os livros didáticos nem sempre se dão conta de que eles são o resultado de uma longa história, na verdade, da longa história da escola e do ensino¹⁵⁶ (Soares, 2011, Entrevista).

É relevante a importância histórica dos livros didáticos na educação, desde obras antigas como "Os Elementos de Geometria" de Euclides até os manuais contemporâneos. Esses livros não são apenas ferramentas de ensino, mas também registros da evolução do próprio sistema educacional ao longo dos séculos. Muitas vezes, professores e alunos não percebem o peso histórico que esses materiais carregam e como eles refletem a longa trajetória da educação formal.

Os livros são também resultados das tecnologias, do tratamento do papel celulose para a escrita e a imprensa. Autores que se debruçam sobre a temática do livro na escola ressaltam que os textos e impressos destinados à instrução são, com efeito, em maior ou menor grau, desde o século XIX, objetos de controle do Estado¹⁵⁷ e, desde a Idade Moderna, instrumentos, por excelência, de proselitismo religioso.

Eles, de fato, reproduzem e condicionam um modo de organização da cultura escolar, concepções pedagógicas, maneiras de escolarizar saberes¹⁵⁸. Eles são, portanto, realmente,

¹⁵⁵ Sobre o tema do livro ver entre outros Darnton 1990; Bittencourt, 1993.

¹⁵⁶ Entrevista com Magda Soares, doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG): <http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/artigos/livro-didatico-contra-ou-a-favor.php>. Acesso em: 02/02/2022.

¹⁵⁷ O primeiro jornal publicado por esta imprensa, instalada no Rio de Janeiro – A Gazeta do Rio de Janeiro. A imprensa nasce sob a tutela do Estado, que detêm o monopólio da impressão no município da Corte. Desde o início a imprensa teve suas publicações fiscalizadas pelo governo. Contra a religião, o governo e os bons costumes, nada podia ser impresso, e para isso foi criada uma comissão de censura. Em 1821, com a abolição da censura extingue-se também o monopólio da Imprensa Nacional, passando a ser iniciativa privada (Cf. Catani; Bastos, 2002). Sobre a relação entre Educação e Igreja consultar entre outros Silva (2005) “O espírito de (in)tolerância na república laica: um olhar na formação da(o)s aluna(o)s-mestres da Escola Normal de Pernambuco (1890-1915). Dissertação de Mestrado em Educação, UFPE.

¹⁵⁸ Por exemplo, a pesquisa de Mestrado “A institucionalização da sociologia no Brasil: os primeiros livros e cursos”, da Universidade Campinas concluiu que a composição do conjunto de livros didáticos de sociologia esteve relacionada ao processo de institucionalização das ciências sociais no Brasil, fenômeno que resultou na introdução da cadeira de sociologia nos cursos secundários e nas escolas normais de Pernambuco (1928), Rio de

objetos por meio dos quais se pode buscar construir a história dos modos de conceber, pelo Estado, a formação ideológica da criança, bem como dos processos pelos quais a escola constrói sua cultura, seus saberes, suas práticas¹⁵⁹.

O que nos interessa é entender o livro didático no período próximo a década dos 40 do Século XX quando se delimita o período de publicação das obras de Ruy Bello. É a partir dos anos 30 que o livro didático ganha uma nova concepção gráfica:

[...] O livro didático, antes feio, inestético, contrário a todas as normas pedagógicas, adquiriu feição moderna, passou a emparelhar-se, graficamente falando, aos melhores do mundo. Coleções sérias de exaustivos estudos, ou de audaciosas interpretações, abriram novas perspectivas aos nossos estudiosos. O escritor brasileiro encontrou editor que se aventurava a tiragens de 20 a 30 mil exemplares. [...] Os métodos comerciais eram os mais modernos – e a experiência com a venda de livros a prestações foram iniciadas (Cavalheiro, 1957 *apud* Dutra, 2004, p. 3)¹⁶⁰.

Várias pesquisas nas mais diversas áreas do conhecimento tem utilizado o livro didático como objeto de estudo¹⁶¹. Um dos exemplos é o trabalho de Correia (2020) que analisou as três primeiras obras de Malba Tahan, publicadas em 1967 : *A arte de ser um perfeito mau professor*, *O mundo precisa de ti, professor* e *O professor e a vida moderna*.

Correia (2020) realizou no último capítulo de sua pesquisa, a análise das bibliografias que fundamentaram a escrita destes três livros¹⁶². A lista de autores aponta dois livros de Ruy Bello mencionados como um dos autores que Malba Tahan.

Um grande avanço que vem corroborar com o trabalho do historiador da educação interessado nas pesquisas sobre as edições escolares são os bancos de dados disponíveis para consultar como por exemplo: os projetos EMMANUELLE (França), o MANES (Espanha) e o LIVRES (Brasil) vinculado ao Centro de Memória da Educação da Faculdade de Educação da USP o GEPEDHE - Grupo de Estudos e Pesquisas sobre a Disciplina História da Educação.

Janeiro (1928) e São Paulo (1933) e na criação dos cursos de ciências sociais da Escola Livre de Sociologia e Política (1933), na Universidade de São Paulo (1933) e na Universidade do Distrito Federal (1935).

¹⁵⁹ cf. Galvão, Ana Maria de Oliveira; Batista, Antonio Augusto Gomes (2003).

¹⁶⁰ Sobre os livros [...] Dos 1192000 exemplares produzidos naquele ano, 467 mil eram títulos educacionais, 429 500 de livros para crianças – dos quais perto de noventa mil de obras de Lobato – e 107 de literatura popular ligeira (Hallewell, 2005, p. 354-355).

¹⁶¹ Na introdução desta pesquisa há o resultado da revisão bibliográfica que fizemos para compor o mapeamento descritivo da produção acadêmica e científica sobre o nosso tema de investigação. Assim foi possível ter o estado da arte de trabalhos científicos que utilizaram os livros de Ruy Bello.

¹⁶² Correa (2020) faz a análise das três primeiras obras publicadas em 1967, *A arte de ser um perfeito mau professor*, *O mundo precisa de ti, professor* e *O professor e a vida moderna*.

3.2 A escrita da História da Educação Local¹⁶³: pioneirismo na obra de Ruy de Ayres Bello

Neste tópico abordaremos sobre a importância do trabalho de Ruy de Ayres Bello como um pioneiro na documentação e análise da história da educação em nível local.

Ruy Bello ao escrever especificamente sobre a educação em uma determinada região, contribuiu significativamente para a compreensão das dinâmicas educacionais e das influências socioeconômicas, culturais e políticas que moldaram o sistema educacional .

Ao mesmo tempo, as regiões não existem isoladamente, mas estão intrinsecamente ligadas a uma organização social mais ampla. Elas se articulam com essa estrutura social maior, seja através de relações econômicas, políticas, culturais ou outras formas de interação. Segundo Amado (1990) “a categoria espacial que expressa uma especificidade, uma singularidade, dentro de uma totalidade: assim, a região configura um espaço particular dentro de uma determinada organização social mais ampla, com a qual se articula” (Amado, 1990, p.13).

Dessa forma, compreender a região como um espaço particular dentro de uma totalidade nos permite analisar as complexas interações entre os aspectos locais e globais da sociedade. Isso é essencial para uma compreensão mais profunda dos processos sociais, econômicos e culturais que ocorrem em diferentes escalas geográficas.

A abordagem histórica da Educação em Pernambuco foi escrita na obra de Ruy de Ayres Bello, “Subsídios para História da Educação em Pernambuco”, publicada em 1978.

Este livro foi publicado pela Companhia Editora de Pernambuco – CEPE, durante o quarto trimestre de 1978. Ele integra a Coleção Pernambucana que no período de 1975 a 1978 publicaram XX lançamentos. A Coleção Pernambucana que celebra a rica história e cultura de Pernambuco.

No início do ano de 1979, o Departamento de Cultura (DEC) através da Companhia Editora de Pernambuco – CEPE, contribuiu para as editorações do Departamento de Cultura do Estado. Essa iniciativa contou, por exemplo, com cinco grandes lançamentos naquele ano.

¹⁶³ “Nesse horizonte, o presente texto discorre acerca do debate teórico-metodológico na produção historiográfica, no campo da história da educação, em nível local/regional sem perder de vista a sua relação com o global, tendo em vista a necessidade posta há muito tempo pela historiografia, de que as realidades resultantes da ação do homem, sobre o espaço e o tempo, devam ser analisadas, também, a partir singularidades manifestadas em seu micro espaço” (Ferreira, 2022, p.3).

Dentre eles, destacou-se o livro de Ruy Bello, “Subsídios para a História da Educação de Pernambuco”. A figura 58 com a notícia dos lançamentos.

Figura 58 - Capa do Diário Oficial em 25/01/1979



Fonte: Diário Oficial, Ano LVI, N° 18, Recife, Sexta-feira, 26 de janeiro de 1979

Entre os cinco (5) lançamentos divulgados na capa do Diário Oficial, do dia 25 de Janeiro de 1979, surge o livro “Subsídios para a História da Educação de Pernambuco”, de Ruy Bello. Este livro é o volume XVIII da Coleção Pernambucana, tem 183 páginas, com a seguinte divisão:

Quadro 02 : Índice do livro Subsídios para a História da Educação em Pernambuco

Os Primórdios da Educação no Brasil
Capítulo I – A Educação em Pernambuco antes do Domínio Holandês
Capítulo II – Consequências do Domínio Holandês na Educação de Pernambuco
Capítulo III – Entre o Domínio Holandês e a Perseguição Pombalina
Capítulo IV – As Origens de três grandes Instituições de Ensino de Pernambuco
Capítulo V – Organização do Ensino Provincial
Capítulo VI – O Ensino Profissional
Capítulo VII – Nossa vida Escolar

Fonte: elaborado pela autora.

Este sumário descreve de forma abrangente e sequencial a história da educação em Pernambuco, desde seus primórdios até períodos mais contemporâneos¹⁶⁴.

Uma obra que sintetiza a história da educação local¹⁶⁵, o que não ocorria ainda registros sistematizados deste tema. Levanta discussão sobre a intencionalidade para direcionar a história da educação local nos Cursos de Graduação e Licenciaturas diversas.

A obra supracitada é um marco pioneiro de se registrar a história da educação local, temática que aparece apenas nos anos oitenta com os programas de pós-graduação em educação em forma de dissertações e teses.

Vários educadores, escritores de manuais de História da Educação ocuparam cargos públicos e eram militantes políticos e/ou religiosos. É o caso de Ruy de Ayres Bello.

É preciso consolidar o ensino e a pesquisa em História da Educação visando duas ações: uma abordagem em sala de aula pautada nos trabalhos de pesquisa e estudo que ocorre nos programas de pós-graduação e nos grupos de pesquisa vinculados às Universidades por todo o país e, ainda, influenciando na eleição dos conteúdos dessa disciplina. Segundo Carvalho e et al (2011) quanto a configuração inicial da História da Educação:

A História da Educação no Brasil, tomada inicialmente como uma disciplina vinculada aos cursos de formação de professores das escolas normais, em especial, a partir do final da década de 1920, mas, também, nos cursos universitários, sobretudo, a partir da década de 1930, agregou a esse viés inicial, ainda que mediante alguns poucos antecedentes que podem ser vistos desde o final do Séc. XIX, uma dimensão significativa no âmbito da pesquisa educacional, o que ocorreu, particularmente, a partir da década de 1940, com aprofundamento desde a década de 1950 e que, nas décadas seguintes, alcançaria sua consolidação, com demonstrações que podem ser observadas, por exemplo, na criação do Grupo de Trabalho em História da Educação da Associação Brasileira de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (GT-HE/ANPEd), em 1985; na emergência e consolidação de importantes grupos de pesquisa no país afetos à pesquisa histórico-educacional desde 1986 até os dias atuais; pela criação, em 1999, da Sociedade Brasileira de História da Educação (Carvalho et al, 2011, p. 46-47).

Segundo os autores a História da Educação no Brasil é marcada por um desenvolvimento gradual e significativo ao longo do tempo. Inicialmente, foi vinculada principalmente aos cursos de formação de professores, especialmente nas escolas normais, a

¹⁶⁴ Uma rica fonte para as pesquisas sobre a história da educação de Pernambuco.

¹⁶⁵ Em Pernambuco no ano de 1992 houve através do projeto "Abrindo espaço para Pernambuco" de autoria da Prof^a.Dr^a Lêda Sellaro a inclusão da parte histórica da Educação em Pernambuco na disciplina Estrutura e Funcionamento do Ensino ministrada para os cursos de Pedagogia e Licenciaturas da Universidade Federal de Pernambuco.

partir do final da década de 1920. No entanto, sua importância também foi reconhecida nos cursos universitários, especialmente a partir da década de 1930.

A História da Educação foi por muito tempo escrita em torno de um ideário e seu discurso pedagógico. Ocupava-se da organização dos sistemas de ensino e, tinha aproximação com a Filosofia da Educação, e centrava sua narrativa no estudo das leis, regulamentos, e obras de grandes pensadores que assumiam, muitas vezes, a dimensão de pensador educacional e de função do Estado.

Sobre esta problemática dos objetos, olhares e fontes para a pesquisa historiográfica, na opinião de Ruy Bello:

É realmente incontestável que a história das leis do ensino pode não corresponder exatamente à história do ensino. Infelizmente, porém não tem o historiador da educação muitos outros caminhos a seguir senão esse, cumprindo-lhe, apenas, socorrer-se de outras fontes de informações, sobretudo da tradição oral, para melhor conhecimento dos fatos que empreenda investigar. O presente capítulo do nosso trabalho tem o objetivo de, na medida do possível, considerar a educação em nosso Estado com teria sido efetivamente praticada, e não só através da legislação que pretendia moldá-la. (Bello, 1978, p. 137).

Este comentário de Ruy Bello, é um reconhecimento que as leis educacionais podem não refletir completamente a realidade do ensino em determinado contexto. É uma observação válida, pois as leis muitas vezes representam aspirações, ideais e intenções dos legisladores, mas nem sempre são efetivamente implementadas ou refletem a experiência vivida nas salas de aula e nas comunidades.

O historiador da educação, diante dessa limitação, precisa buscar o cruzamento com outras fontes de informação para compreender de forma mais completa e precisa a história da educação. Isso pode incluir a análise de documentos não legislativos, como relatórios escolares, diários de professores, registros de instituições educacionais, além de recorrer à tradição oral e às memórias daqueles que viveram e participaram do sistema educacional em diferentes momentos históricos.

A renovação historiográfica¹⁶⁶ chegou também na história da educação como um processo crucial que permitiu uma ampliação significativa dos horizontes de pesquisa e

¹⁶⁶ Num período da historiografia quando a máxima seguida era “a história faz-se com textos”, aquela posição não teve maior impacto. No entanto, imbuídos deste caráter generalizador dos testemunhos, Marc Bloch e Lucien Febvre, os fundadores dos *Annales*, conclamaram em 1929 os historiadores a saírem dos seus gabinetes e farejarem, tal como o ogro da lenda, “a carne humana” em qualquer lugar onde pudesse ser encontrada por quaisquer meios. Para os historiadores que ouviram o apelo de Bloch e Febvre, o texto ganha contornos mais amplos, incluindo toda a produção material e espiritual humana: [...] De lá para cá, tanto a noção de documento quanto a de texto continuaram a ampliar-se. Agora, todos os vestígios do passado são

análise. Entre as diversas contribuições desse movimento, destaca-se a atenção renovada dada à história da educação local¹⁶⁷.

Ao estudar a história da educação em nível local, os historiadores podem identificar as especificidades culturais, socioeconômicas e políticas que influenciaram as políticas educacionais, as práticas pedagógicas e os percursos de aprendizagem. Além disso, ao destacar a história da educação local, os pesquisadores dão voz a grupos e comunidades que eram marginalizados ou ignorados nas narrativas históricas mais amplas.

Ao direcionar a pesquisa para esse âmbito específico, os historiadores estão buscando um conhecimento histórico, especialmente aqueles relacionados aos lugares e aos sujeitos envolvidos no processo educacional.

Em “Subsídios para a História da Educação em Pernambuco” sua abordagem pioneira permitiu não apenas uma compreensão mais profunda da história da educação local, mas também abriu caminho para estudos subsequentes que se basearam em suas pesquisas e metodologias.

Ao destacar a importância do contexto local na formação do sistema educacional, Ayres Bello trouxe à tona aspectos muitas vezes negligenciados ou subestimados em estudos mais amplos de história da educação.

Assim, a obra de Ruy de Ayres Bello representa não apenas um marco na historiografia educacional, mas também uma valorização da diversidade e complexidade das experiências educacionais em diferentes comunidades e regiões.

Outra ação de Ruy Bello sobre a história local, aconteceu quando o *Centro de estudos de História Municipal*¹⁶⁸ que dava apoio aos historiadores do interior, em 1980, decide ao invés de contratar pesquisadores para levantar, dentro da Fiam, a história dos municípios, a entidade preferiu montar uma pequena estrutura de apoio administrativo e editorial – o reconhecimento público de que esses historiadores, que existiam por conta própria, por ‘geração natural’ formam um conjunto de pesquisadores que singulariza Pernambuco no contexto nacional.

considerados matéria para o historiador. Desta forma, novos textos, tais como a pintura, o cinema, a fotografia etc, foram incluídos no elenco de fontes dignas de fazer parte da história e passíveis de leitura por parte do historiador (MAUAD; CARDOSO, 1997, p. 568-569)

¹⁶⁷ Cf: LOBATO, Vivian Silva. COSTA, Renato Pinheiro e ROSÁRIO, Maria José Aviz. A linha de História da Educação nos Programas de Pós-Graduação stricto sensu. Educar em Revista, Curitiba, v. 39, e87494, 2023.

¹⁶⁸ Fundado em 1976. É uma unidade interna da Fundação de Desenvolvimento Municipal do Interior de Pernambuco (FIAM), que reúne, semanalmente, os seus integrantes.

Há muito tempo continuou o diretor da Fiam, um Alfredo Leite, Adalberto Paiva, José de Almeida Maciel, Ulisses Lins, Álvaro Ferraz, Israel Felipe, Antônio Vilaça, Nelson Barbalho, Luiz Wilson, José Aragão, Ruy Bello e tantos outros consagaram-se, por iniciativa espontânea, sem nenhum estímulo oficial, à memória interiorana. Então, a Fiam partiu para numa programação sistemática, conscientemente implantada pelo Governo do Estado, apoiar, de forma orgânica, esses pesquisadores (Diário Oficial, 15.08.1981, p.20).

Ruy Bello fez parte deste grupo de historiadores para a escrita da história dos municípios. O centro de Estudos de História Municipal desejava que a história municipal viesse a ser cadeira complementar nos currículos. Nesse sentido, incentivou um projeto desenvolvido pela Fiam diz respeito a uma outra série de caráter didático ou escolar: pequenas monografias, para uso nas escolas municipais, sobre a história local:

O Centro de Estudos de História Municipal tem procurado interessar os historiadores, seus associados, nesse projeto, para que se dediquem a escrever, de forma resumida e adaptada à mentalidade juvenil, a história de seus respectivos municípios. Um primeiro volume que se acha em poder da Fiam é o da História de Barreiros, de autoria do professor Ruy Bello (Diário Oficial de Pernambuco, 15.08.1981, p. 20).

O livro “Breve História do Município de Barreiros” foi editado em 1984 pela Prefeitura Municipal de Barreiros especialmente para ser adotado nas escolas do Município. Com 1320 páginas divididos em oito (VIII) capítulos¹⁶⁹. Ruy Bello comenta sobre a gênese deste livro:

Aconteceu que participando, alguns anos atrás, de um simpósio promovido pelo Centro de Estudos de História Municipal, quando se discutiam os meios de se incentivar o estudo da história local nas comunidades correspondentes, avantei a opinião de que a esse resultado só se poderia chegar quando a história dos municípios fosse estudada nas suas respectivas escolas. [...] Por tudo isso se vê que com o estudo da História local se tem oportunidade, não só de aprender a História, como até de se refazer a História, por se contar com elementos dos mais alto valor, como fontes históricas ignoradas e a tradição popular. (Bello, 1984, p. 7 e 14).

O estudo da história local torna-se importante não apenas como uma disciplina acadêmica, mas também como uma ferramenta para promover o envolvimento cívico, o senso de identidade cultural e a preservação do patrimônio histórico de uma comunidade.

Ao fazê-lo, eles conseguem revelar as particularidades e características únicas de cada região e localidade, enriquecendo assim a compreensão da história da educação em níveis mais microscópicos. Isso não apenas amplia o escopo da história educacional, mas também

¹⁶⁹ O capítulo IVa com o título “A instrução Pública”.

contribui para uma visão mais completa e contextualizada do desenvolvimento educacional em diferentes contextos geográficos e culturais.

3.3 Artigos de jornais: inserção no campo jornalístico

Ruy de Ayres Bello escreveu para “jornalinhos manuscritos”, “jornais de verdade” “os meus impulsos apostólicos passaram a descarregar-se em polêmicas e controvérsias que me senti no dever de sustentar”. “Cheguei a desafiar gente muito mais importante que escrevia em jornais do Recife, e até do Rio (Bello, 1982, p. 133).

Utilizava dois pseudônimos Luiz Heleno e Raby¹⁷⁰. Eis, um quadro com alguns títulos de periódicos de Pernambuco nos quais ele teve participação, seja como diretor ou colaborador do jornal com publicação de inúmeros artigos. Há no *Apêndice B*, uma lista mais ampla, com títulos de artigos também sob a autoria de Ruy de Ayres Bello¹⁷¹.

Quadro 3: Periódicos pernambucanos com participação de Ruy Bello¹⁷²

NOME DO PERÍODICO	ANO/PUBLICAÇÃO/ DESCRIÇÃO	DESTAQUE
A TERRA – Órgão Noticioso e Imparcial	Manuscrito. 1921. Utilizando uma folha de papel pautado de quatro páginas, estas divididas em três colunas. Publicação aos domingos.	Ruy de Ayres Bello foi o diretor
Barreiros-Jornal	Fundado em 1928. Circulou até 1930. Apresentou-se com três páginas de anúncio	Ruy Bello era colaborador, rebatendo a propaganda teosófica empreendida por artigos de Romualdo Costa
A Tribuna	Órgão oficioso da arquidiocese “A Tribuna” que foi criado em 1906.	Dirigiu o semanário “A Tribuna” em 1933 a convite do Arcebispo Dom Miguel
A Terra – Pelo município e pelo povo	Bem feito semanário, entrou em circulação em 1939 a 1941	Ruy Bello era colaborador.
Revista de Educação	Órgão semestral da Secretaria do Interior (1940/46), lançado no 2º semestre de 1940, no formato 22x15, com 158 páginas, em papel especial e capa em cartolina superior	Ruy Bello era Diretor

¹⁷⁰ Nascimento, Luiz do. *Pseudônimos de jornalistas pernambucanos*. Recife: UFPE, Ed. Universitária, 1983.

¹⁷¹ Este material servirá de fontes para novas pesquisas.

¹⁷² Não consta nesta tabela os jornais em que Ruy Bello enviava notas e artigos para publicação. Em anexo um apêndice com alguns títulos de artigos sob sua autoria.

A Imprensa	Órgão Noticioso, Literário e Independente - 1949	Ruy Bello era colaborador.
-------------------	--	----------------------------

Fonte: Elaborado pela autora.

Destacaram-se dois de seus artigos publicados na Revista Verdade e Vida¹⁷³ - “Juízo sobre a pedagogia de Rousseau” de 1948, e “O Problema da verificação do rendimento escolar posição do problema” de 1949. Outra menção foi sua direção pelo jornal “A Tribuna”. Como já mencionado no primeiro capítulo, o jornal era dedicado a lutar contra os inimigos da religião e contra os "inimigos" da boa imprensa, isto é, os indiferentes.

A minha passagem pela direção de “A Tribuna” me proporcionou uma experiência das mais salutares para a minha fé católica. Quero referir-me à peregrinação que, para maior divulgação do jornal, tive de empreender pelas paróquias do interior do Estado. Mais de 40 paróquias eu visitei, o que me deu a grata oportunidade de contemplar o trabalho apostólico dos nossos vigários do interior(...) (Bello, 1982, p. 175).

Muitos artigos, Ruy Bello, enviava com temas sempre em torno do tema da educação ou da religião. Um leitor que não se identificou, enviou a edição do jornal Diário de Pernambuco sua satisfação com o que era publicado de autoria de Ruy Bello e o quanto significava para ele e para a sociedade na sua apreciação os textos que lia através do jornal:

Recife, 7 de janeiro de 1974.

Sr. Editor:

Creio não ser fora de propósito congratular-me com V. Sa., e com a direção do DIARIO DE PERNAMBUCO, na qualidade de leitor assíduo desse conceituado órgão de informação, pelo louvável acolhimento que têm dado aos excelentes e oportunos artigos de sentido religioso, assinados por intelectuais da estirpe de Pe. Romeu Peréa, Pe. Mousinho, Prof. Luis Delgado, *Dr. Ruy de Ayres Bello* e Dr. Nilo Pereira. Nesta época em que tanto carecemos de quem nos fale das coisas do espirito, assim como de Deus e do mistério da salvação, mesmo porque muitos dos que foram ordenados para tal missão estão muito mais preocupados com o temporal do que com o espiritual, a solicitude e a sábia orientação cristã do DIARIO DE PERNAMBUCO estão prestando um inestimável serviço aos que crêem, aos que têm esperança de um mundo melhor e aos que têm na religião um indiscutível fator de edificação da sociedade. Aos que fazem o DIARIO DE PERNAMBUCO, portanto, mais uma vez os meus parabéns (Diário de Pernambuco - Recife, Sexta-feira, 11 de Janeiro de 1974, Cartas à Redação, p. 4, grifos nosso).

Deste modo, destaca-se a figura de Ruy Bello, dentre outros nomes de intelectuais importantes do cenário religioso pernambucano na década de 1970, que apoiados na imprensa conseguiam chamar a atenção dos leitores pelo seu engajamento na causa que defendia e se

¹⁷³ Periódico produzido pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Manoel da Nóbrega do Recife.

sentiam por eles representados. Diversas categorias ficavam expostas para reflexão nesta citação feita pelo leitor ao jornal, dentre eles, o periodismo. Visto que:

Ao longo da história da historiografia, o periodismo noticioso foi tratado entre duas posições extremas: como portador de informações objetivas sobre a realidade, os casos em que o historiador assume o discurso de objetividade e isenção que o jornalista moderno utiliza para vender seu produto; como veículo de ideologia, que em certos modelos teóricos assume o significado de ‘mentira’, forjada e difundida por grupos em posições dominantes para manipular a opinião de outrem. (Bontempo, 2019, p.17)

Como já mencionado acima, o periodismo foi retratado na nota do leitor, que assiduamente acompanhava às publicações, em especial de Ruy Bello.

Neste caso, pode-se compreender quanto a uma periodicidade de publicações no jornal que era intencional e necessária, para cumprir os objetivos dos intelectuais de informar ao leitor suas ideologias e reforçar suas crenças. Observados assim, a defesa do ideário católico e conservador, frente a oposição das correntes modernas civilizatórias.

Importante destacar o estudo de Sá e Silva (2015), como um exemplo de que havia também o uso da imprensa contrário aos intelectuais católicos. No caso deste estudo as autoras verificaram que:

A imprensa foi utilizada pelos professores paulistas como espaço de sociabilidade e lugar de intervenção e inscrição da produção escrita. Os professores Kuhlmann e Mello utilizaram com frequência os espaços dos jornais O Imparcial, A Reacção e A Notícia, participando ativamente das discussões sociais de seu tempo e, como republicanos assumidos, defendiam o ensino leigo, a pátria, o progresso, a disciplina, acirrando assim os debates em todos os setores da sociedade. (Sá e Silva, 2015, p. 20).

Essa atuação na imprensa não apenas fortaleceu suas próprias vozes, mas também influenciou o pensamento público e moldou o ambiente político e social da época. Essa dinâmica ilustra o papel fundamental que a imprensa desempenha na formação de opinião e na disseminação de ideias em uma sociedade em cada contexto histórico.

Como destaca Chartier: “a partir deste terreno de trabalho em que se enredam o texto, o ‘livro’ (jornal-estamos adaptando para o nosso recurso em tela) e a leitura, podem-se formular várias proposições que articulam de maneira nova os recortes sociais e as práticas culturais” (Chartier, 1991, p.182).

A imprensa foi um meio de veicular os confrontos, as oposições e às resistências entre os intelectuais católicos ou leigos¹⁷⁴.

¹⁷⁴ Sobre o tema ver Rothen e Araujo (2006).

3.4 Tempos de Escrita de livros didáticos com destino aos cursos da Escola Normal e aos Institutos de Educação

Ao passo que o ensino público vai ganhando unidade, a profissionalização dos professores se vincula ao espaço formal de ensino, ou seja, a Escola Normal.

[...] concomitantemente à progressiva posse pelos estados nacionais, da responsabilidade pela educação da criança, assim como à paulatina criação de seus sistemas públicos de ensino – estiveram sempre fundados na crença iluminista do **poder do impresso** e em sua capacidade de educar o povo em prol de um projeto político e de construção ou reforço de uma identidade nacional (Galvão e Batista, 2003, p. 165-166).

O ensino formal em uma instituição produz sua cultura escolar, que vai desde a história do fazer escolar, práticas e condutas, até os conteúdos, inseridos num contexto histórico que realiza os fins do ensino.

A contribuição de Ruy de Ayres Bello através das suas obras literárias enriquece nosso olhar pela versatilidade de temas que ele abordou em seus estudos. Entre os memorialistas pernambucanos ele é sempre lembrado pelas obras que escreveu. Dois exemplos são Ruy João Marques com seu livro “*Os oitenta anos de Ruy de Ayres Bello*” publicado em 1984, e Ferreira (2001) que escreveu “*Ruy de Ayres Bello: do engenho a academia*”.

Em vários prefácios dos seus livros, Ruy de Ayres Bello sinaliza os objetivos, a quem se destinavam suas obras e os motivos que o levaram a escrita dos mesmos, como se vê com mais aprofundamento neste capítulo;

Este livro é constituído pela matéria de um Curso de pedagogia dado por mim na Escola Normal de Pernambuco em 1940. Não encontrando em nossa atual literatura pedagógica **nenhum livro** que correspondesse ao programa da minha cadeira, fui forçado a fazer resumos das minhas aulas, fornecendo-os depois às alunas, para melhor fixação dos assuntos estudados. (Bello, 1941, p. 7).

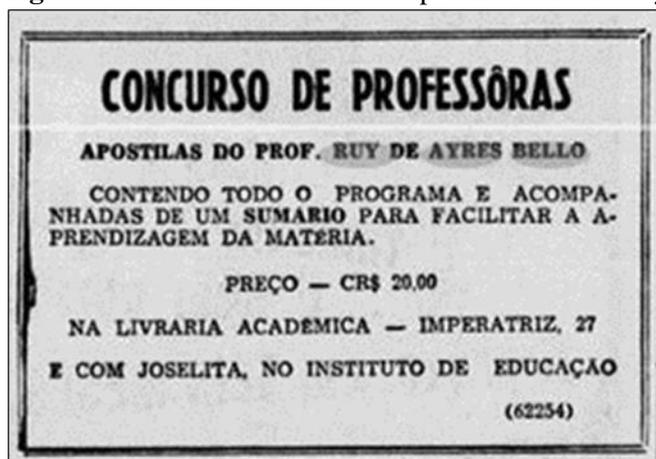
As obras eram voltadas para o uso nas Escolas Normais e Instituto de Educação. E a justificativa nas primeiras décadas do século XX recaía, ainda, sobre a escassez dos livros de matéria pedagógica em língua vernácula:

No período compreendido entre 1939 e 2010, os manuais pedagógicos e os manuais disciplinares, tais como os de Psicologia da Educação, Biologia Educacional, Sociologia da Educação, História da Educação etc. foram instrumentos potentes na formação de professores das escolas normais, depois, desde 1971, dos professores da Habilitação Específica em Magistério, nos cursos de Pedagogia. A necessidade destes manuais, oportunizou uma série de lançamentos por diversas editoras de traduções para a língua portuguesa de manuais disciplinares vinculados à

formação de professores, o que atingiu fortemente a área de História da Educação e de História da Pedagogia, pois parecia importante para fortalecer uma área de conhecimento no âmbito universitário (Curso de Pedagogia) e escolar (Escola Normal) que ela tivesse uma longa história, desde o mundo antigo, com evolução que alcançasse a atualidade (Gatti JR, 2014, p. 479).

A utilização dos textos de Ruy Bello é marcada ainda para preparação de candidatos a concurso docente. Como mostra a figura 59 com uma propaganda publicada no jornal, que divulga o material em forma de apostilas para um concurso de professoras na década de 1970:

Figura 59 - Anúncio da venda de apostilas do Prof. Ruy Bello



Fonte: Diário de Pernambuco. 30.08.1970. 2ºcaderno p. 6

Aspectos como este, sobre a ausência de livros apropriados para a formação de professores, leva a crer que, ao recordar nas obras a história da produção dos livros escolares para formação de professores, se insere também esta pesquisa no domínio da cultura escrita.

No Programa de Pedagogia do Curso Normal Regional (5ª série), na cadeira de Pedagogia das escolas de formação do magistério primário de Pernambuco, documento elaborado por Ruy de Ayres Bello, que atuava na época de 1950, como diretor do Instituto de Educação de Pernambuco. A bibliografia indicada para o Curso era composta por diversas obras, entre elas três livros de sua autoria:

Bibliografia:

- *Introdução à Pedagogia. Filosofia Pedagógica. Princípios e Normas de Administração Escolar* – Ruy de Ayres Bello.
- *Filosofia da Educação. A escola primária. Noções de administração Escolar* – Teobaldo de Miranda Santos.
- *La ciência de la educacion Organizacion escolar* – Hernandez Ruiz e Tirado Benedi.
- *Pedagogia científica* – A. M. Aguayo.
- *Rumos da educação* – Jacques Maritain.
- *Educacion y plenitude Humana* – Juan Mantovani

- La experimentacion em Pedagogiu – Raymond Buyse.
 - Traité de pedagogie genrale. René Hubert.
- (Diário Oficial 18.7.1956, p. 3530-3531, grifos nosso).

Destacamos nesta lista uma predominância de fontes fundamentadas na pedagogia cristã. Estas obras compõe a organização do curso normal no ano de 1950, fundamentam uma pedagogia que aborda a relação entre a educação e sua contribuição para o desenvolvimento integral do educando. Isso sugere que as ideias e princípios educacionais derivados do contexto cristão foram influentes na formulação do currículo do curso normal em 1950.

As publicações dos livros revelaram um esforço do autor em contribuir para a existência de livros didáticos para as Escolas Normais e os Institutos de Educação.

Percebe-se, nos estudos sobre livros didáticos, que a comercialização do livro didático foi impulsionada no Brasil a partir dos anos de 1930. Isso se deve também à expansão do ensino no país. Com mais escolas, mais classes, mais materiais para o uso escolar.

Em consequência surgiram os novos leitores para as obras didáticas. Um público estudantil e docente que foi produtor de sentidos para o texto, que produziu formas de ler, que criou funcionalidades para o impresso e meios para se apropriar dele.

3.4.1 A Produção dos livros de Ruy de Ayres Bello

Ruy de Ayres Bello insere-se, como já mencionamos, no grupo de intelectuais católicos escritores de livros para a educação. Segundo Trevisan (2011) por ser pertencente aos autores brasileiros que produziram Manuais de Pedagogia da década de 1940-1949:

Os manuais circulam, uns mais e outros menos, em todos os momentos, mesmo que não seja como objeto físico, eles circulam como referências em outros manuais ou em suas várias reedições. Para a formação da bibliografia de estudos e de ensino de Pedagogia, desse momento, destaquei os manuais que foram produzidos pelos autores mais conhecidos no meio educacional e/ou pelos autores com maior número de manuais produzidos sobre o tema e/ou os mais localizados em acervos brasileiros (Trevisan, 2011, p. 204).

Há a percepção dos manuais como uma presença constante e significativa na esfera educacional, mesmo que não estejam sempre presentes fisicamente. Eles continuam a circular, seja como referências em outros materiais didáticos ou através de suas reedições ao longo do tempo.

Quando um livro é adotado, essa seleção é crucial para estabelecer as bases do conhecimento pedagógico e garantir uma visão abrangente e representativa das teorias e práticas educacionais que ele vai reproduzir.

Organizamos abaixo a descrição do legado de Ruy Bello na classificação entre *Livros didáticos* (todos aqueles destinados à formação de professores - Ensino Normal e Instituto de Educação); *Romances*; *Artigos*; *Discursos* e *Memórias*. Também publicou livros com outros autores e alguns autores escreveram livros em sua homenagem.

Quadro 04 - Obras de autoria de Ruy Bello

Ordem	Título	Ano da publicação da 1ª Edição	Editora	Classificação
01	Finalidade em Educação	1939	-----	Tese de Concurso
02	Introdução à pedagogia	1941	Nacional	Livro Didático
03	Grupo e Profissão	1943	Separata dos Anais da 2ªSemana de Ação Social do Brasil	Texto
04	Notícia Histórica da Educação no Brasil	1943	Imprensa Oficial	Livro
05	Esboço de história da educação	1945	Nacional	Livro Didático
06	Filosofia pedagógica	1946	Globo	Livro Didático
07	A condição sócio-econômica do trabalhador nordestino da zona do litoral	1946	Separata dos Anais da 3ª Semana de Ação Social no Brasil	Artigo
08	Juizo sôbre a pedagogia de Rousseau.	1948	Verdade e Vida	Artigo
09	O problema da verificação do aproveitamento escolar	1949	Separata da revista "Verdade e Vida"	Artigo
10	Princípios e normas de administração escolar	1956	Ed. Brasil	Livro Didático
11	Pequena História da Educação	1957	Ed. Do Brasil	Livro Didático
12	Introdução à psicologia educacional	1963	Ed. Do Brasil.	Livro Didático
13	Filosofia da educação: para os estudantes dos cursos de filosofia	1967	Ed. Do Brasil	Livro Didático
14	Barreiros história de uma cidade	1967	UFPE	Memória
15	Os poetas e o Rio	1973	Edição do autor	Livro
16	Estácio Coimbra. O Senhor de engenho, o político e o homem	1973	Instituto Joaquim Nabuco	Memória
17	Toda a terra	1976	Lisboa: Moraes.	Livro
18	Subsídios para a história da educação em Pernambuco	1978	CEPE: Companhia Editora de Pernambuco	Livro Didático
19	Brinquedo- o mundo encantado da criança	1981	Comunicarte	Livro Didático
20	Memórias de um professor	1982	Academia Pernambucana de Letras	Memória
21	Breve história do	1984	Prefeitura	Memória

	município de Barreiros		Municipal de Barreiros.	
22	Maria Rita	1986	Academia Pernambucana de Letras	Romance
23	História de um Monumento	1986	-----	Memória/Folheto
24	Lembranças da infância e juventude	1989	Academia Pernambucana de Letras	Memória

Fonte: Elaborada pela autora deste estudo.

Quadro 5 - Obras de Autoria de Ruy Bello com outros autores

Ordem	Autores	Título	Publicação da 1ª Edição	Editadora	Classificação
01	Ruy de Ayres Bello, Antônio D'Avila, J. B. Damasco Penna	GRANDES educadores	1949	Editadora Globo S/A	Livro técnico
02	QUINTAS, Amaro; BELO, Ruy Ayres	Cadeira nº. 34	1966	Imprensa Oficial de Pernambuco	Discurso
03	LIMA, Jose Lourenço de e BELLO, Ruy de Ayres	Cadeira nº. 18	1975	Academia Pernambucana de Letras.	Discurso
04	MATOS, Potiguar; BELLO, Ruy de Ayres	Discurso de posse na Academia Pernambucana de Letras	1991	Fundação de Cultura Cidade do Recife	Discurso

Fonte: Elaborada pela autora deste estudo.

Quadro 6 - Obras de autoria de Ruy Bello (sem datas)

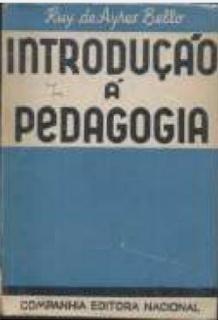
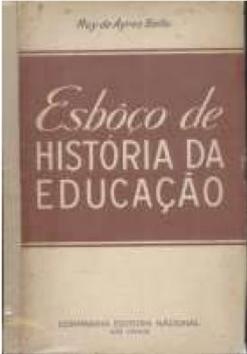
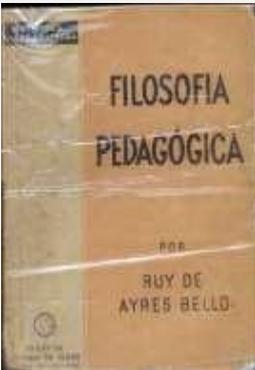
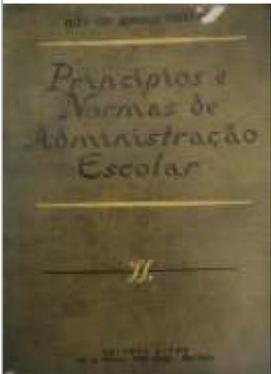
Ordem	Título	Editadora	Classificação
01	O Acadêmico Andrade Bezerra	Separata da Revista da Academia Pernambucana de Letras	Texto
02	Um tempo que não foi perdido	Separata da Revista da Academia Pernambucana de Letras	Texto
03	Vida de um professor	Revista da Academia Pernambucana de Letras	Texto

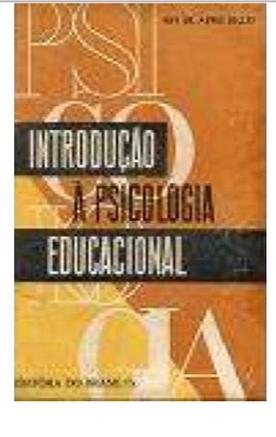
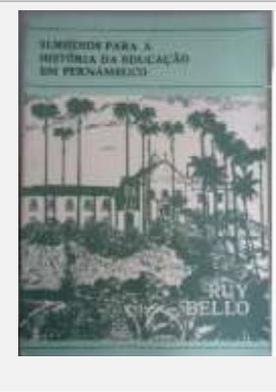
Fonte: Elaborada pela autora deste estudo.

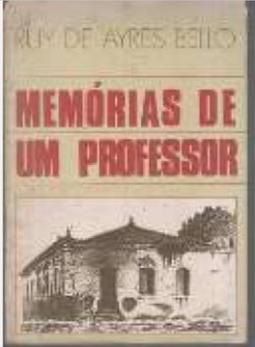
Apresentamos as capas dos oito (8) livros didáticos do autor. Os livros¹⁷⁵ são apresentados em sua 1ª edição, com exceção do livro Introdução à Psicologia Educacional, em 2ª edição, incluímos a capa da sua autobiografia.

¹⁷⁵ Todas as obras apresentadas são do acervo pessoal da autora.

Quadro 7 – Capas dos livros didáticos de Ruy de Ayres Bello e sua memória

Figura	Título da Obra	Ano de Publicação/ Edição	Editores/Cidade	Nº Páginas Obra
	Introdução à Pedagogia	1941 – 1ª edição	Companhia Editora Nacional – São Paulo/SP	241
	Esboço de História da Educação	1945 – 1ª edição	Companhia Editora Nacional – São Paulo/SP	253
	Filosofia Pedagógica	1946 – 1ª edição	Livraria do Globo – Porto Alegre/RS	224
	Princípios e Normas de Administração Escolar	1956 – 1ª edição	Livraria do Globo – Porto Alegre/RS	283

	<p>Pequena História da Educação</p>	<p>1957 – 1ª edição</p>	<p>Editora do Brasil – São Paulo/SP</p>	<p>222</p>
	<p>Introdução à Psicologia Educacional</p>	<p>1963 – 1ª edição</p>	<p>Editora do Brasil – São Paulo/SP</p>	<p>371</p>
	<p>Subsídios para a História da Educação em Pernambuco</p>	<p>1978 – 1ª edição</p>	<p>Governo do Estado de Pernambuco- Recife/PE</p>	<p>183</p>
	<p>Brinquedo – o Mundo Encantado da Criança</p>	<p>1981 – 1ª edição</p>	<p>Academia Pernambucana de Letras, - Comunicarte</p>	<p>178</p>

	Memórias de um Professor	1982 – 1ª edição	Companhia Editora de Pernambuco	257
---	--------------------------	------------------	---------------------------------	-----

Fonte: Elaborada pela autora deste estudo.

Quadro 8 – Número de reedições dos livros didáticos de Ruy Bello

Ordem	Título do Livro	Número da Reedição	Ano de Publicação	Ano da 1ª edição
01	Introdução à Psicologia Educacional	6ª	1968	2ª edição de 1964 ¹⁷⁶³⁴⁸
02	Princípios e Normas da Administração Escolar	6ª	1970	1956
03	Filosofia da Educação ¹⁷⁷	10ª	1972	1946
04	Pequena História da Educação	12ª	1978	1957

Fonte: Elaborada pela autora deste estudo.

Um homem letrado e com um nível de relacionamento que possibilitou a Ruy Bello a parceria de publicação com outros autores, alguns estrangeiros.

Outro aspecto importante a ser mencionado é o “capital cultural” que ele herdou, e sua inserção na cultura escrita ao absorver leituras estrangeiras.

Na sua obra “Pequena História da Educação” publicada em 1969, Ruy Bello insere um complemento bibliográfico dos diferentes assuntos com oitenta e sete (87) títulos de livros em língua estrangeira. Suas obras eram lidas e consumidas¹⁷⁸:

Ruy Bello pode orgulhar-se de constituir um caso à parte. Chega à idade propecta, louvado, festejado, querido. Uma exceção. Sem dúvida, uma honrosa exceção. Explica-se este milagre de comportamento através da maneira incessante e densamente produtiva como chegou ele a esta idade: a escrever livros, livros realmente lidos, que atingiram às 6as, às 8as, 10as edições, como aquela esplêndida “Filosofia da Educação” ou aquela “Pequena (pequena só no nome) História da Educação”, ou obras de evocação como “Barreiros, História de uma cidade” capazes de comover e de encantar homens de sensibilidade de um Câmara Cascudo ou ainda trabalhos de

¹⁷⁶ O livro chega a 4ª edição no mesmo ano (1964).

¹⁷⁷ Primeira Edição intitulava-se “Filosofia Pedagógica”.

ressurreição de figuras ilustres, mas esquecidas – Estácio, Julio Bello -, biografias onde a pesquisa e o coração andam juntos fazendo a delícia do mais exigente leitor (Ferreira, 2001, p. 15-16).

Ruy Bello é uma figura singular, destacando-se à sua produtividade ao longo dos anos. Sua dedicação incessantemente à escrita de livros, obras que não apenas foram publicadas, mas que também alcançaram múltiplas edições, demonstrando sua relevância contínua e seu impacto duradouro.

O destaque para seus livros "Filosofia da Educação" e "Pequena História da Educação" desse sucesso editorial. Além disso, suas obras demonstram sua habilidade em narrar histórias de forma envolvente.

Outra constatação de seus livros, é a escrita clara e bem fundamentada. Em vários livros há bibliografia do capítulo e bibliografia no final do livro.

Os livros escritos para serem usados nos cursos de formação de professores são de caráter prático e utilitário, com tópico que favorecem o estudo. Tais como: elucidário, resumo por capítulos, sinopse e temas para exercício, em cada capítulo.

Ruy Bello é um exemplo de quem escreveu por mais de quatro décadas, aproveitando sua longevidade, talento e dedicação à arte da escrita e à preservação da história, deixando um legado duradouro que continua a ter gerações de leitores.

3.5 Registros em periódicos das publicações e a filiação as editoras

Uma questão relevante, nesta parte do estudo, é entender as políticas editoriais por onde foram produzidos os livros de Ruy Bello. Interessante seria chegar a pesquisar como se deram os critérios de seleção dos textos para serem aceitos¹⁷⁹.

As duas primeiras obras de Ruy Bello foram publicadas pela Companhia Editora Nacional (São Paulo). **Introdução à Pedagogia**, em 1941 e **Esbôço de História da educação**, em 1945.

¹⁷⁹ O que apresentamos é com base nas publicações que pesquisamos nos periódicos da época e na autobiografia do autor. Uma maior riqueza de dados sobre as publicações seria extraída dos contratos editoriais acordados entre o autor e as editoras. Fizemos várias tentativas de contatos com as editoras para utilizarmos essas fontes, mas não obtivemos sucesso, também não tivemos retorno dos familiares para consulta ao acervo particular de Ruy Bello.

A Companhia Editora Nacional¹⁸⁰ fazia parte das editoras que contribuíram para a modernização das indústrias de livro no Brasil. O estudo de Dutra (2004) analisa o projeto editorial da Coleção Brasileira¹⁸¹ de uma pauta política e intelectual de re-fundação da nação, a qual será responsável pela fisionomia política do país na década de trinta.

Esta editora vai ser responsável pela introdução de novas práticas, inovações e estratégias no campo da edição brasileira [...] através da difusão de um modelo de política editorial e de uma certa pedagogia nacionalista; bem como seu papel na construção de um paradigma da identidade nacional. Ainda sobre a Companhia Editora Nacional:

[...] vai ser herdeira de um projeto, de inspiração iluminista, acalentado por setores da intelectualidade republicana brasileira dos anos 10 e 20 [do século XX], dos quais Lobato foi integrante, e que convencidos de que o país além de pouco alfabetizado era “alérgico aos livros”, contavam em civilizar a nação, através do poder pedagógico e transformador do livro (Dutra, 2015, p. 6).

Fernando de Azevedo ao criar, em 1931, a Biblioteca Pedagógica, a planejou em 05 subséries: **Literatura Infantil; Livros Didáticos; Atualidades Pedagógicas; Iniciação Científica** e a **Brasiliana**. “A Série Biblioteca Pedagógica atravessa um período da história do livro e das edições no Brasil de grandes transformações em termos de estruturação e desenvolvimento dessa indústria” (Toledo, 2001, p. 11).

Neste período de 30/40 do século XX, a Companhia distribuía aos possíveis escritores e leitores uma carta de apresentação do material:

(...) segundo o plano e a responsabilidade técnica de Fernando de Azevedo. [...] distribuía em cinco séries fundamentais, a qual submetemos à sua apreciação. Animada dos propósitos de contribuir para a renovação e o desenvolvimento de obras de literatura infantil, aplicação didática, orientação profissional de professores, iniciação científica e sobre problemas e assuntos nacionais, dispôs-se a tomar a iniciativa desse **programa de cultura**, de tão vastas proporções e tão grande alcance, na certeza de que **não faltarão, para apoiá-la, a simpatia e o estímulo de todos os educadores** (Dutra, 2004, p. 9).

Assim, Ruy de Ayres Bello inicia suas publicações na Companhia Editora Nacional, em uma época em que ela era considerada uma das mais importantes editoras de livros didáticos do país. Será que foram publicações independentes, algum trabalho encomendado? Como se deu a relação de contrato entre o Pernambuco e a Editora com sede em São Paulo? Outro questionamento é saber porque os livros de Ruy Bello não se inseriam nas coleções da

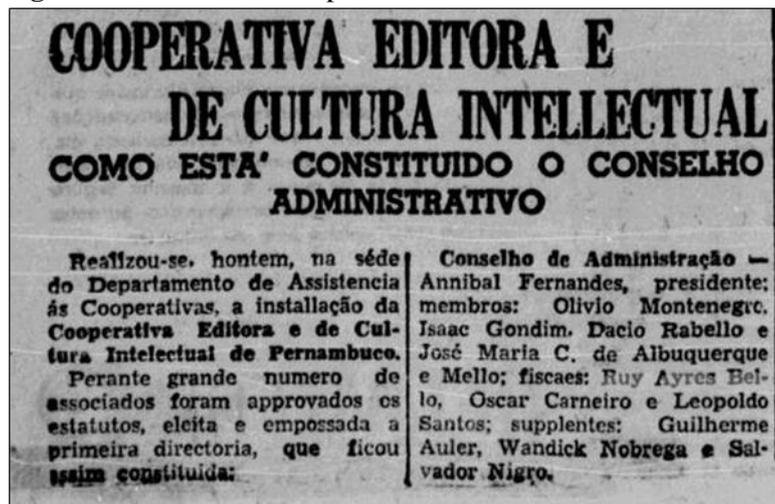
¹⁸⁰ José Bento Monteiro Lobato e Octales Marcondes Ferreira e, fundaram a Companhia Editora Nacional em 25 de setembro de 1925. Lobato foi proprietário da famosa Revista do Brasil e da Monteiro Lobato & Cia.

¹⁸¹ Dirigida por Fernando de Azevedo.

Editora e quais foram as coleções? Como por exemplo, ele não publicou em qualquer das cinco séries da Biblioteca Pedagógica?¹⁸²

Quando iniciava sua carreira de escritor dos seus livros, Ruy Bello esteve ligado à “Cooperativa Editora e de Cultura Intellectual”. A figura 60 menciona sua participação nesta instituição.

Figura 60: Nota sobre Cooperativa Editora de Cultura Intellectual



Fonte: Diário de Pernambuco, 21.08.1940, p. 6.

O primeiro livro escrito por Ruy Bello, *Introdução á Pedagogia* (1941) segundo o próprio autor foi elaborado para suprir a ausência de livros sobre a pedagogia que correspondesse ao programa da cadeira que ministrava na Escola Normal de Pernambuco. O autor detalha no prefácio do livro as circunstâncias motivadoras para a escrita do livro:

Não encontrando em nossa atual literatura pedagógica nenhum livro que correspondesse ao programa da minha cadeira, fui forçado a fazer resumos das minhas aulas, fornecendo-os, depois, às alunas, para melhor fixação dos assuntos estudados. [...] Projetei, por isso, o presente livro, que sem ter um feitiço propriamente didático, atende às exigências do programa da cadeira e me permite abolir o antigo e defeituoso sistema que, premido pelas circunstâncias, tive de adotar no ano passado. (Bello, 1941, p. 7 – nota prévia).

O lançamento deste primeiro livro de Ruy Bello, *Introdução á Pedagogia*, é noticiado em jornal pernambucano:

Introdução á Pedagogia – Ruy de Ayres Bello – comp. Editora Nacional – S. Paulo – O sr. Ruy Bello, professor cathedratico de Pedagogia e diretor da Escola Normal do Estado, publicou recentemente um livro, que foi bem acolhido pela critica: *Introdução á Pedagogia*”. O livro é constituído pela matéria de um curso de pedagogia dado pelo autor da Escola Normal, em 1940. Na primeira parte, estuda os problemas geraes: conceito da pedagogia,

¹⁸² Estes questionamentos não serão respondidos pois esta problematização origina uma outra pesquisa sobre a produção das obras e a consulta nos arquivos das editoras ou o acervo pessoal do autor.

suas relações, definição da educação, seu fim essencial, factores e agentes. Na segunda parte, trata dos aspectos da educação essencial: educação physica, educação da sensibilidade, intelectual, moral, disciplina escolar e coeducação dos sexos. Na terceira parte, aprecia os aspectos da educação accidental ou particular: a educação social, nacional ou cívica, preorientação profissional e educação rural. O autor não encontrando na actual literatura pedagógica nenhum livro que correspondesse ao programma de sua cadeira, foi forçado a fazer resumos das aulas, fornecendo-os depois ás alumnas para melhor fixação dos assumptos estudados. (Diário de Pernambuco, 04.06.1941, p. 4).

A nota publicada no jornal reforça os elogios da crítica especializada sobre o livro "*Introdução à Pedagogia*" (1941) de Ruy de Ayres Bello. Destaca-se na critica o esforço do autor para disponibilizar o livro como suporte de estudo , para aprofundamento das aulas que ministrava. Evidencia não apenas a dedicação de Ruy Bello ao ensino, mas também sua capacidade de escrita, adaptando seus ‘rascunhos das aulas’, em conteúdo para seu livro.

O livro representa uma fonte para pesquisadores interessados nos fundamentos teóricos e práticos da pedagogia cristã e da educação cristã, oferecendo uma visão abrangente e bem estruturada dos principais conceitos e temas do campo teórico pedagógico.

Outras críticas literárias sobre este primeiro livro de Ruy Bello¹⁸³:

Introdução à Pedagogia de Ruy de Ayres Bello. Eis algumas opiniões da critica sobre este livro:

“Neste livro simples, lúcido, claro, o autor que é professor de Pedagogia da Escola Normal de Pernambuco analisa e critica com segurança, penetração e serenidade, os erros e as unilateralidades da pedagogia moderna.” “**A Ordem, órgão do Centro D. Vital**, Rio de Janeiro”.

“Esse livro isentará as futuras professoras de influências incompatíveis com o clima cultural brasileiro” “**Folha da Manhã**, Recife.”

“A orientação doutrinária do sr. Ruy Bello e a sua segurança na explanação da Pedagogia Cristã e o seu grande conhecimento das modernas correntes pedagógicas fazem da “Introdução à Pedagogia” um livro raro, que deve ser recebido com satisfação por todos aqueles que, com o seu autor, combatem o

¹⁸³ Estas críticas estão citadas na aba da quarta capa do livro “Esboço de História da Educação” (Bello, 1945).

naturalismo pedagógico e propugnam por uma Pedagogia Personalista¹⁸⁴”
Tadeu Rocha, *Jornal do Comércio*, Recife”

“Esse livro merece a melhor aceitação do poder público e o encômio sincero da crítica nacional e estrangeira” **Alvaro Magalhães**, Professor da Universidade de Porto Alegre”.

Esta série de críticas decorrem de instituições e pessoas filiadas também na defesa da visão de mundo cristã. Refletem sua relevância e impacto no campo educacional naquele período da década de 1940 quando o livro foi publicado¹⁸⁵.

Percebe-se nesta seleção de comentários sobre o livro de Ruy Bello alguns temas fundamentais para a defesa de sua convicção de fé e identidade de um militante católico, tais como: a pedagogia moderna, o combate ao naturalismo pedagógico, a propugnação por uma Pedagogia Personalista e a segurança com que expõe nas páginas do seu livro a explanação da Pedagogia Cristã¹⁸⁶.

O segundo livro “Esboço de História da Educação” de 1945, também pela Companhia Editora Nacional, não contém a descrição de como foi elaborado. Mas há uma nota da própria companhia apresentando a obra:

Neste livro o autor, que é professor de pedagogia da Escola Normal de Pernambuco, expõe e analisa, numa síntese tão resumida quanto possível, as ideias e doutrinas pedagógicas, como as instituições escolares, da antiguidade aos tempos modernos. A exposição é clara, precisa e apoiada em boas fontes. A análise, feita sempre de **pontos de vista católicos**, se desenvolve com segurança e lucidez. No estudo das instituições pedagógicas, o ilustre professor da Escola Normal de Recife prestou a devida atenção a todos os sistemas, que apresenta nas suas grandes linhas e nos seus detalhes mais importantes. Todo um capítulo é consagrado à educação nas sociedades primitivas e vários outros, às instituições dos povos antigos, antes de abordar a exposição dos sistemas escolares modernos. Nessa obra, que é a um tempo uma análise das doutrinas pedagógicas e das

¹⁸⁴ O conceito do Personalismo tem antecedentes históricos de um passado distante, embora o conhecimento da palavra seja recente. Contudo estritamente, o Personalismo não é um conceito que pode ser atribuído a qualquer pensador particular. Como toda ideia complexa foi construída com o apoio dos mais variados aspectos. E nesse sentido, os nomes de Agostinho, Pascal, Descartes, Luther, Occam, Hegel, Leibniz, Kant, Kierkegaard, Malebranche, Goethe, Rousseau, são marcos importantes no desenvolvimento do personalismo (Santos, 2017, p.3). Sobre o tema cf: Severino, Antônio Joaquim. Humanismo, Personalismo e os desafios sociais da educação contemporânea. *Revista de Educação Pública*, v. 18, n. 36, p. 155-163, 2009

¹⁸⁵ Em oposição a visão católica, os liberais pretendiam modernizar o sistema educativo e a sociedade brasileira. Além da laicidade, da gratuidade, da obrigatoriedade e da coeducação A relação entre católicos e liberais tem sido complexa ao longo da história, marcada por períodos de cooperação, conflito e coexistência. Cf.: VIDAL, Diana Gonçalves. 80 anos do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova: questões para debate. *Educ. Pesqui.*, São Paulo, v. 39, n. 3, p. 577-588, jul./set. 2013.

¹⁸⁶ No próximo capítulo detalharemos sobre estes temas.

instituições escolares, o autor procura mostrar em que medida aquelas influíram sobre estas, examinando e criticando dos pontos de vista que lhe oferece a **pedagogia cristã**. São os princípios dessa pedagogia que orientam o autor na crítica dos sistemas e constituem o núcleo de um pensamento pedagógico, sempre presente no julgamento das doutrinas e das instituições (Nota da aba da primeira capa, 1945 - grifos nossos).

O livro realiza de forma geral uma análise abrangente das ideias e doutrinas pedagógicas ao longo da história, desde a antiguidade até os tempos modernos. Sua exposição é caracterizada pela clareza, precisão e respaldo em fontes bibliográficas, o que contribui para uma compreensão acessível e fundamentada do tema.

O autor fundamenta sua escrita na perspectiva católica de visão de mundo e de educação. Com isso Ruy Bello procura mostrar como os princípios da pedagogia cristã orientam sua análise crítica dos sistemas educacionais, constituindo o cerne de um pensamento pedagógico que permeia todo o seu julgamento das doutrinas e instituições.

O livro, que alcançou uma edição esgotada de vendas, destaca-se não apenas pela transmissão de conteúdos com enfoque nos valores cristãos, mas também por proporcionar uma análise abrangente e perspicaz desses mesmos valores, numa sociedade ainda com a predominância do cristianismo. Esse aspecto reforça a tese desta pesquisa na investigação sobre a defesa da fé católica contidos nas obras de Ruy de Ayres Bello.

É especialmente significativo esta constatação da visão cristã em seus livros, respaldados dentro de uma sociedade ainda marcada pela predominância do cristianismo. Onde compreender profundamente esses valores pode ter uma relevância para quem se vincula nesta pedagogia cristã abrangendo diversos aspectos da vida individual e coletiva.

Os próximos livros que publicou “Filosofia Pedagógica”, em 1946 e “Princípios e Normas de Administração Escolar”, em 1956, foram pela Editora e Livraria Globo¹⁸⁷.

A Livraria do Globo inicia sua trajetória em 1883, em Porto Alegre, quando Laudelino Pinheiro de Barcellos e Saturnino Pinheiro. Importante casa editorial do Rio Grande do Sul, que segundo os historiadores influenciou decisivamente na educação, na literatura, na mídia impressa e na cultura do País¹⁸⁸.

¹⁸⁷ Cf.: BATISTA, Karina Ribeiro. A Trajetória da Editora Globo e sua Inserção no Campo Literário Brasileiro nas Décadas de 1930 E 1940. Tese pelo programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2008.

¹⁸⁸ O DELFOS é responsável por um rico acervo da Livraria do Globo. O DELFOS Espaço de Documentação e Memória Cultural da PUCRS abriga 39 acervos constituídos por documentos variados.

Apesar do intervalo de uma década de um livro para outro, o autor ocupou-se de fazer complementações e modificações no livro *Filosofia Pedagógica* que chegou a ter 10 reedições até o ano de 1970¹⁸⁹.

FILOSOFIA PEDAGÓGICA. Lança a Editora Brasil a 3ª edição de Filosofia Pedagógica do prof. Rui de Ayres Belo. Destinado às cadeiras do Curso Pedagógico dos Institutos de Educação, o livro, embora sem fugir à sua didática, ultrapassa a limitação, apresentando um interesse mais amplo. E isso, devido à experiência e aos conhecimentos do autor, sem dúvida verdadeiro mestre na sua especialidade e uma das mais lúcidas figuras do magistério brasileiro (Diário de Pernambuco, 05.01.1958, p. 14).

Saiu uma crítica literária em uma revista, em Porto Alegre, sobre o livro Filosofia Pedagógica de Ruy Bello:

Filosofia Pedagógica. Em duzentas páginas de texto, de que só temos a lamentar o empastelamento tipográfico que aparece após a página 30 e que como a unidade de algumas páginas, Ruy de Ayres Bello expõe o tema com clareza, ordem, aguçando com simplicidade os aspectos e totalizando os problemas com propriedade os capítulos com um sumário e arrematando com expressiva sinopse da análise e indicando em detalhe e por conjunto a bibliografia empregada, a revelar a largueza de investigação do pedagogo, além de propor um elucidário de 24 páginas para ajudar os que não têm dicionário ou formação no assunto. Ruy de Ayres Bello vem sem desvantagem, formar ao lado de Theobaldo de Miranda Santos e de Antonio Alves de Siqueira, especialistas na Filosofia da Educação. Por Aldo Obino¹⁹⁰ (Revista Letras, Livros, Arte e Radio, 1946, p. 10).

Esta crítica sobre o livro "Filosofia Pedagógica" de Ruy de Ayres Bello, realça a simplicidade e propriedade que dominava dos aspectos filosóficos da educação. Explicita ainda a organização do seu livro que inclui no livro uma apresentação ordenada dos problemas, o uso de sumários para cada capítulo e uma sinopse expressiva da análise realizada, o que evidencia a sua largueza de investigação no campo pedagógico. Há também um apontamento da falha tipográfica na impressão do livro.

Ruy Bello é citado no texto ao lado de outros especialistas renomados na Filosofia da Educação, como Theobaldo de Miranda Santos e Antonio Alves de Siqueira, o que reforça a sua relevância e contribuição para o campo educacional.

O Filosofia Pedagógica de Ruy Bello, foi incluído em uma solicitação da Academia de Ciências da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, de Moscou para São Paulo, aos

189

¹⁹⁰ Aldo Obino, nasceu em 25.10.1913. Formado em Direito na década de 1930, dedicou-se ao jornalismo e ao magistério. Lecionou Psicologia e Filosofia, a disciplina que mais apreciava, por 30 anos no Colégio Universitário, atual colégio Júlio de Castilhos, importante instituição pública de ensino de Porto Alegre.

cuidados de Caio Prado. A figura 61, do envelope da correspondência entre Caio Prado e a Academia de Ciências da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas de Moscou.

Figura 61- Envelope da Correspondência entre Caio Prado¹⁹¹ e Academia de Ciências da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas de Moscou

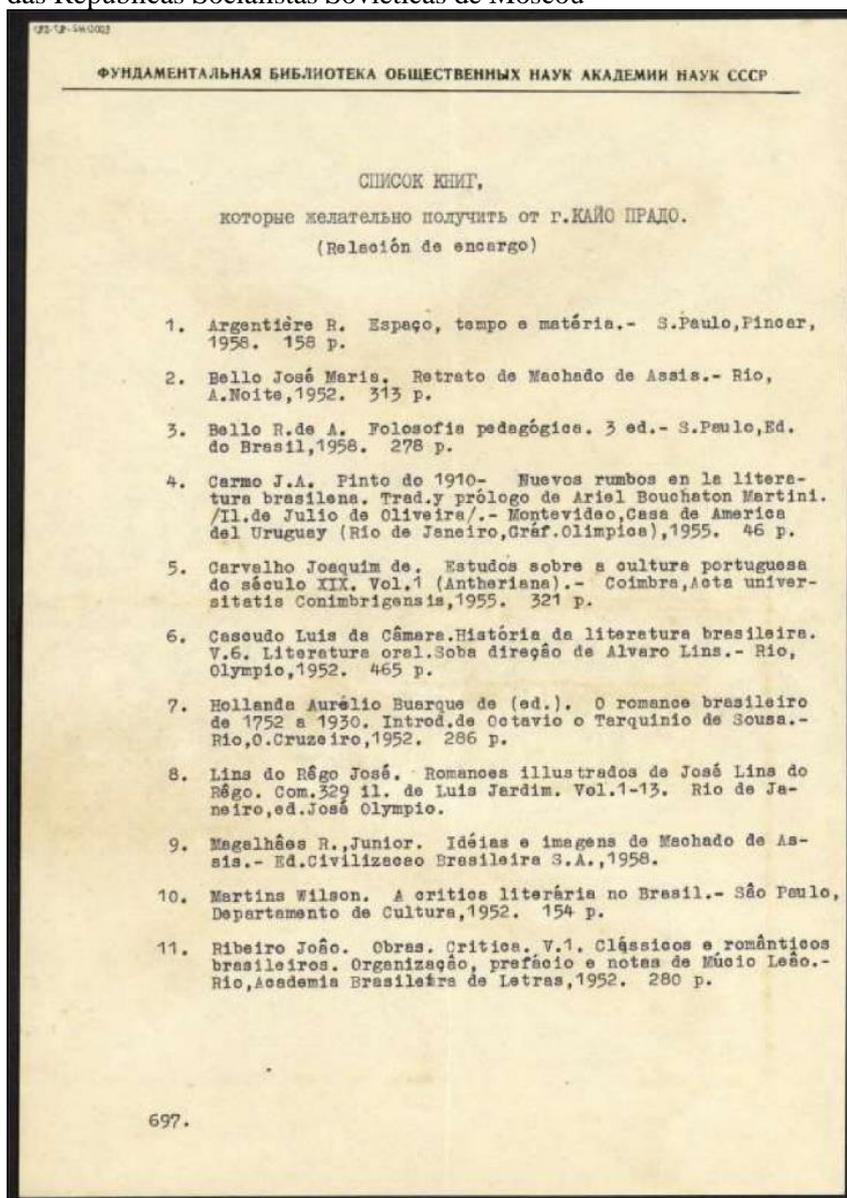


Fonte: Documento do Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros USP

A Figura 62 tem-se a Carta da Correspondência entre Caio Prado e a Academia em Moscou. A carta datada em 24 de março de 1959, com uma lista de livros que a Academia desejava obter. O livro de Ruy Bello “Filosofia Pedagógica é o terceiro citado nesta lista.

¹⁹¹ Caio da Silva Prado Júnior, ou Caíto (apelido de infância), nasceu no dia 11 de fevereiro de 1907, no bairro de Higienópolis, em São Paulo. De tradicional família paulista, ex-aluno da faculdade de Direito de São Paulo (1924-1928) e jovem advogado na época da Revolução de 1930, ele chocou seus círculos familiares e de amizade ao aderir ao Partido Comunista do Brasil (PCB) um ano depois da queda da República Velha. Militante incansável, ele foi preso e perseguido várias vezes. Sua vocação para os estudos brasileiros, contudo, o inseriu no rol daqueles pensadores que eram tolerados devido à sua aguçada inteligência, apesar da opção política. Sobre o tema cf. Novais (1986).

Figura 62 - Carta da Correspondência entre Caio Prado e Academia de Ciências da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas de Moscou



Fonte: Documento do Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros USP

A publicação de outro livro de Ruy Ayres Bello “**Princípios e Normas da Administração Escolar**”, no ano de 1956, é noticiada também no jornal ¹⁹²:

ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR. A Globo acaba de editar um livro de importância e necessidade **Princípios e Normas da Administração Escolar**, do prof. Ruy Ayres Bello. A humildade natural do autor levou a ver no seu trabalho apenas um “esforço de interpretação, de adaptação, de sistematização, que talvez não seja inteiramente desprezível ou negligenciável”. Na verdade, é muito mais do que isso, muito do que se podia esperar de um mestre de corpo e alma dedicados exclusivamente aos assuntos de sua cátedra, e rigorosamente atualizado neles, inclusive através das valiosas contribuições que já lhes deu em obras anteriores, de repercussão e interesse nacionais. Esta de agora parece iniciar ao país a

¹⁹² Apesar de extensa deixamos o registro do texto na íntegra por julgarmos importante todo o assunto exposto.

metodologia de uma disciplina relativamente nova entre nós. Pois somente de quinze anos para cá, com a instalação das Faculdades de Filosofia, começou a participar efetivamente dos nossos currículos escolares. Dai a ausência de fontes locais sobre ela, ausência agora compensada e muito bem, com um ensaio de quase trezentas páginas, onde a disciplina e a lucidez da exposição e da análise assinalam as qualidades fundamentais. Toda a sua experiência no magistério onde tem vivido desde a adolescência e na direção de escolas, aliada ao senso de observação e pesquisas, o prof. Ruy de Ayres Bello coloca a serviço do seu novo livro para dar aos leitores uma convicção: a de que, embora parecendo matéria acessória, a Administração Escolar, nas suas verdadeiras diretrizes, é fundamental. É o centro de todas as outras matérias, quanto a didática e ao rendimento. Sem tê-la bem aplicada, a Escola permanece mutilada na sua função específica e as classes frustadas no aprendizado. O prof. Ruy de Ayres Bello aprecia-a em todos os aspectos, dentro de vinte e cinco capítulos ilustrados com fotografias e bibliografia estrangeira. Sobre uma disciplina básica, deu-nos um livro básico para alunos, professores e administradores escolares. (Diário de Pernambuco, 08.06.1956, p. 4)

O livro "Princípios e Normas da Administração Escolar", de Ruy Ayres Bello, lançado pela Editora Globo, é apontado pela crítica como uma obra de significativa importância e necessidade no cenário educacional daquele período.

O livro reflete a vivência de Ruy Bello reunindo seus conhecimentos e reflexões oriundos de um educador profundamente imerso no universo da administração escolar. Isto como apresentamos no capítulo anterior toda sua trajetória na gestão de escolas. O autor consegue apresentar uma análise profunda e lúcida, evidenciando a centralidade da administração escolar no contexto educacional.

Um livro bem detalhado com vinte e cinco capítulos ricamente ilustrados e embasados em uma bibliografia estrangeira, o autor aborda a administração escolar em várias dimensões, demonstrando como ela é fundamental para o bom funcionamento da instituição e para o sucesso do processo educativo.

O ineditismo da obra didática para o estudo da administração escolar é um dos pontos importantes, pois Ruy Bello colabora com a seleção de temas para o estudo desta matéria que chega a ser pioneira como obra didática para os cursos de formação de professores primários¹⁹³. Este livro também foi uma das obras utilizadas pelo professor Lauro Esmanhoto, docente livre da Universidade do Paraná, que expõe seus argumentos sobre “Administração Escolar Princípios e Normas”, parafraseando Ruy de Ayres.

¹⁹³ Não localizamos trabalho científico de pesquisa historiográfica sobre os manuais de Administração Escolar. Uma abertura para desenvolvermos novas pesquisas sobre este tema e com esta fonte.

A obra de Ruy de Ayres Bello aparecendo, agora em edição revista e aumentada, sob a denominação mais simples de ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR, é digna da boa acolhida que, por certo, vem recebendo. Está em dia com as publicações congêneres de autores estrangeiros, principalmente os americanos, franceses e espanhóis. Embora tenha o autor frisado na apresentação do livro, que não teve a intenção de escrever uma obra com o caráter de texto escolar, cabe a nós grato declarar que a nossa experiência pessoal tem constatado a grande utilidade da referida obra como fonte de informação e de indicação dos problemas para debate e discussão e, igualmente, como texto básico para os principiantes desse campo de estudo, nos cursos superiores de Pedagogia. Eis, pois, uma contribuição positiva para a solução dos problemas modernos da escola. De acordo com o professor AYRES BELLO, é indispensável colocar, hoje, o estudo da administração do sistema escolar. E em todos os dezesseis capítulos do seu valioso trabalho, percebe-se o acerto e a oportunidade dessa linha de orientação. LAURO ESMANHOTO, docente livre da Universidade do Paraná (Jornal Correio do Paraná, 29.09.1963, p. 7).

No testemunho acima do docente Lauro Esmanhoto, da Universidade do Paraná, reforça a importância do livro “Princípios e Normas da Administração Escolar” de Ruy Bello, como recurso essencial para a compreensão e enfrentamento dos desafios da administração escolar na atualidade.

Ruy Bello que não teve publicação nas coleções lançadas pela Companhia Editora Nacional¹⁹⁴, onde tinha publicado seus dois primeiros livros. Porém ele passou a integrar a coleção “Biblioteca Educação e Vida” da Livraria do Globo, com o seu terceiro livro Filosofia Pedagógica, em 1946.

O livro “Pequena História da Educação” foi publicado em 1957 e o livro “Introdução à Psicologia Educacional” em 1963. Estes livros integraram a Coleção Didática do Brasil (vol. 22).

A Editora do Brasil surge em 1943, fruto da união de seis professores da Companhia Editora Nacional, que decidem fundar a Editora do Brasil, voltada para o mercado de livros didáticos “Uma organização a serviço dos educadores”.¹⁹⁵

Os dois livros de Ruy Bello, publicados pela Editora do Brasil, foram bastante reeditados. O livro “Pequena História da Educação” chegou a 12ª edição em 1978 e “Introdução à Psicologia Educacional” chegou a 6ª edição em 1968.

¹⁹⁴ Sobre as coleções cf.: TOLEDO, Maria Rita de Almeida. Coleção Atualidades Pedagógicas: do projeto político ao projeto editorial (1931-1981). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2020

¹⁹⁵ Os editores, em 1971, inauguraram o seu parque gráfico em Guarulhos apresentado como um dos maiores da América Latina. Braghini, K.M.Z. (2010). A “**Vanguarda brasileira**”: A juventude no discurso da Revista da Editora do Brasil S/A (1961-1980). Tese (Doutorado em Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC. São Paulo, 2010.

Os diretores da Editora do Brasil mantiveram a defesa do comunismo, por isso em 1960, acontecia “O vínculo da Editora do Brasil com os militares e com esse posicionamento católico conservador foi reforçado em julho de 1967, com a entrada do professor Alfredo Gomes nos quadros de funcionários da Editora do Brasil”¹⁹⁶. A 3ª edição do livro de Ruy Bello *Filosofia Pedagógica* já foi pela Editora do Brasil.

FILOSOFIA PEDAGÓGICA

Lança a Editora Brasil a 3ª. edição de *Filosofia Pedagógica* do prof. Rui de Ayres Belo. Destinado às cadeiras de Curso Pedagógico dos Institutos de Educação, o livro, embora sem fugir à sua didática, ultrapassa a limitação, apresentando um interesse mais amplo. E isso devido à experiência e aos conhecimentos do autor, sem dúvida verdadeiro mestre na sua especialidade e uma das mais lúcidas figuras do magistério brasileiro (Diário de Pernambuco, 05.01.1958, p. 14).

As últimas publicações de Ruy Bello foram concentradas na Companhia Editorial de Pernambuco (CEPE) e outras publicações feita pelo Governo de Pernambuco e pela Academia Pernambuco de Letras. Ruy Bello publicou “Subsídios para a História da Educação de Pernambuco”, de 1978; “Brinquedo: o mundo encantado da criança”, de 1981; e sua autobiografia “Memórias de um Professor” de 1982.

Em 1982, Ruy Bello publica sua autobiografia pela Companhia Editorial de Pernambuco (CEPE). Pela publicação sai, no Diário Oficial de 25 de novembro de 1983, uma cópia do requerimento do Deputado Ribeiro Godoy:

Requeremos à Mesa, ouvido o Plenário, seja formulado voto de aplausos ao Professor *Ruy de Ayres Bello* pela publicação do seu livro “Memórias de um Professor”, recentemente editado pela Companhia Editora de Pernambuco. Da decisão da Casa, dê-se ciência ao Professor Ruy de Ayres Bello, devendo a correspondência ser remetida à Academia Pernambucana de Letras. JUSTIFICATIVA: - Professor emérito, pedagogo, historiador da educação, escritor de fôlego e memorialista consagrado, o mestre Ruy de Ayres Bello, do seu retiro de São José da Coroa Grande – sua Pátria menor – vem de oferecer à intelectualidade pernambucana o livro “Memórias de um Professor”. Estas suas memórias, na feliz expressão do igualmente notável professor Nilo Pereira, ‘não resultam, certamente, da intenção pura e simples de escrevê-las. São a continuidade da cátedra que o Professor sempre exerceu em toda a sua vida’. Na verdade embora autor de dezenas de trabalhos, entre os quais poderiam ser citados “Esboço de História da Educação”, “A Condição Sócio-Econômica do Trabalhador Nordestino da Zona do Litoral”, “Filosofia da Educação”, “Princípios e Normas da Administração Escolar”, “Introdução à Psicologia”, “Estácio Coimbra: O Senhor de Engenho, o Político e o Homem”, Ruy de Ayres Bello foi, sobretudo um professor, um educador de gerações, em quem estavam presentes um saber plural e uma infatigável vocação de mestre. De 1934 a 1937, pequeno período em que dividiu o seu apostolado no magistério pernambucano com a atividade política, o ilustre filho de Barreiros e

¹⁹⁶ Interessante que logo foi a Editora do Brasil também responsável pela publicação dos primeiros livros Didáticos de moral e civismo.

descendente de ilustre família de políticos pernambucanos, foi Deputado Estadual, honrando, com sua inteligência, descortino e seriedade de propósitos, a Casa de Joaquim Nabuco, na mesma linha de conduta do seu tio Júlio Bello e do seu cunhado Estácio Coimbra. Com a publicação de suas Memórias, o professor Ruy Bello presta inigualável serviço à cultura pernambucana. Sala das Reuniões, em 22 de novembro de 1983. (a) Ribeiro Godoy. À publicação (Requerimento N° 776, de 22 de novembro de 1983, p. 2-3, grifos nosso).

Este texto do discurso do Deputado Estadual Abelardo Ribeiro Godoy, apresenta uma proposta de reconhecimento e homenagem ao Professor Ruy de Ayres Bello pela publicação de seu livro "Memórias de um Professor". Através da formulação de um voto de aplausos à Mesa, após ouvido o Plenário, sugere-se que seja enviada uma correspondência ao Professor Ruy de Ayres Bello, com ciência à Academia Pernambucana de Letras.

Para aprovação do texto, teve a justificativa da trajetória e contribuições significativas do Professor Ruy de Ayres Bello para a intelectualidade pernambucana. Reconhecido como professor emérito, pedagogo, historiador da educação, e escritor renomado, suas memórias são apresentadas como uma continuidade natural de sua cátedra ao longo da vida.

Além disso, o texto ressalta também o breve período em que o Professor Ruy de Ayres Bello atuou como Deputado Estadual, destacando sua contribuição para a política pernambucana. Sua postura de inteligência, visão e seriedade é comparada à de membros de sua família que também se destacaram na política estadual¹⁹⁷.

Seus escritos, em especial este último livro de suas memórias é apresentada como um serviço inestimável à cultura pernambucana, enfatizando a importância de seu legado para o enriquecimento do conhecimento e da história da região. Por tudo isto, foi proposto uma homenagem formal em reconhecimento de seus méritos.

Sobre o conjunto de livros publicados por Ruy Bello, há uma menção feita no requerimento 3018 do Poder Legislativo de Pernambuco:

(...) Publicou mais de vinte obras sobre temas diversos, merecendo destaque: introdução à Pedagogia; Finalidade da Educação; Rousseau, o home é o pedagogo; Filosofia da Educação; Introdução à Psicologia Educacional; Princípios e Normas da Administração Escolar; Estácio Coimbra, o Senhor de engenho, o político e o homem; Os Poetas e o Rio; Barreiros, história de uma cidade; Memórias de um Professor; Maria Rita; Brinquedos de

¹⁹⁷ Vindo de uma família notável e filho de um advogado e político, que teve a sua época, Ruy estava marcado para ser um continuador da tradição e da ancestralidade, que são marcas predominante na sua vida. (Bello, 1982 – Nilo Pereira , trecho do Prefácio do livro)..

Criança¹⁹⁸ (Requerimento Nº 3018, do Poder Legislativo, publicado em 25 de setembro de 1997).

A extensa lista de obras publicadas pelo Professor Ruy de Ayres Bello reflete sua vasta contribuição para diferentes campos do conhecimento, com um foco particular na educação, história e cultura. Sua dedicação à pesquisa e à produção acadêmica é evidente através dos mais de vinte títulos que abordam uma variedade de temas importantes.

Ruy Bello explorou a análise de figuras históricas e culturais importantes, como em "Rousseau, o Homem e o Pedagogo" e "Estácio Coimbra, o Senhor de Engenho, o Político e o Homem". Essas obras revelam uma habilidade em contextualizar personagens históricos e explorar suas contribuições para a sociedade. Ruy Bello também teve interesse em temas locais e regionais, para preservar a história e a identidade de sua região.

Um profundo compromisso com o conhecimento, a educação e o enriquecimento cultural, deixando um legado duradouro para as gerações presentes e futuras.

Quanto à sua produção intelectual, Ruy Bello não ficou livre de plágios. Em 1953, um artigo aparece no Jornal "O Pequeno" de Pernambuco, sem autoria, em defesa do problema de plágios que atingia o Ruy Bello:

CINEMA E PLAGIO. Pode causar sensação de estranheza ver-se um escritor provinciano plagiado por um seu colega <federal> ou <federalizado>. Mas, nesta hora de coisas extraordinárias, tudo, até isto, pode acontecer. E, de fato, aconteceu. Aconteceu com o professor Ruy de Ayres Belo, autor de um artigo sobre o admirável filme italiano. <Amanhã será tarde demais>. Na Tribuna de 31 de maio do ano passado, o professor Belo, sob o título de <A pedagogia cinematográfica> divulgou uma interessante análise sobre o tema da educação sexual que aquela película ventila. E, com surpresa sua, viu a mesma reproduzida em <Atualidades Pedagógica>, com diferente título e assinada pelo sr. Lávio Silvio Pereira, professor do Colégio São Luiz, em São Paulo. Transcreveu o sr. Pereira, ao pé da letra, o que divulgava o professor pernambucano, apenas, alterando o local das exibições do filme e acrescentando um apêndice surripiado a uma das encíclicas de Pio XI. Caso, evidentemente, de má fé literária, insolente e rebarbativo. Que, entretanto, merece este registro, pois, pode vir a colocar, amanhã, em posição pouco lisonjeira, o professor Bello: ante o colega <federalizado> iria passar ele como o plagiário... E, mais ainda, por outros motivos não menos ponderáveis. Como, por exemplo, o de testemunhar o quanto andam precárias as atividades intelectuais em nosso país, ao ponto de já faltar aos que as exercem aquele pudor que, em outros tempos, punha muito respeito nas aspas e nas citações. Alias, não é a primeira vez que o professor Bello é vítima desta forma aguda de parasitismo intelectual. Já o seu Teobaldo de Miranda Santos¹⁹⁹, produtor em série de livros didáticos,

¹⁹⁸ O texto foi feito alusivo a morte de Ruy de Ayres Bello ocorrida no dia 13 de setembro do mesmo ano.

¹⁹⁹ As ideias de Theobaldo de Miranda são também presente no pensamento de Ruy Bello. Theobaldo Miranda Santos nasceu em 22 de junho de 1904, na cidade de Campos, no estado do Rio de Janeiro. É considerado um

andou a tosar-lhe as obras e as incorporar aos seus compêndios, trechos e mais trechos do nosso escritor. Se a moda pega, e o ânimo não lhe falta terá o professor Bello muita coisa a reclamar de direitos autorais. (Jornal Pequeno. 19.8.1953, p. 3)

Uma colocação sobre o plágio como uma prática condenável, que não apenas prejudica os direitos autorais do autor original, mas também mina a integridade intelectual e o respeito mútuo entre os colegas no campo acadêmico. A nota ressalta a importância do respeito aos direitos autorais e à ética na produção acadêmica e intelectual.

Ruy Bello como já mencionamos escreveu livros com outros autores. Ele participou da escrita da série “Grandes Educadores” pela Editora Globo, que teve repercussão em periódicos do país.

Grandes educadores. Iniciou-se a série “Grandes Educadores”, cujas sucessivas publicações virão constituir uma “História de Educação”, novo empreendimento da Editora Globo, de Porto Alegre. Cada biografia que compõe este e os demais volumes é subscrita por um nome do magistério brasileiro; assim, o conjunto da obra refletirá o pensamento dos meios pedagógicos de todo o Brasil e a conseqüente diversidade de estilo e tratamento, sem prejuízo do plano essencial, empresta amena variedade ao texto e aumenta o interesse da leitura. Neste primeiro volume aparecem as biografias de Platão, Rousseau, Dom Bosco e Claparède – Grandes educadores cujas aspirações foram tão diversas quanto às épocas e que viveram, mas cuja contribuição para a obra comum de ensino os imortalizou na história da Educação e da autoria respectivamente de Cruz Costa, Ruy de Ayres Bello, Antônio d’Avilla e J. B. Damasceno Penna. A história da vida desses homens ilustres destina-se especialmente aos alunos das Faculdades de Filosofia, das Escolas de Formação de Professores Primários, aos interessados nas questões de educação e aos estudiosos em geral (Correio da Manhã, 12 de Fevereiro de 1950. 4ª secção).

O livro “Grandes Autores” remete seu destino para um público específico de educadores e alunos em formação docente:

Um livro com o desejo de compor a bibliografia indicada na formação dos educadores. Cada biografia em “Grandes Educadores” é subscrita por um nome diferente, (Platão – Crus Costa; Rousseau – Ruy de Ayres Bello; Dom Bosco – Antônio d’Ávila; Claparède – J. Damasco Penna) e que exprimem o pensamento dos meios pedagógicos de todo o Brasil. A diversidade de autores se impede ao livro apresentar rigorosa uniformidade, dá entretanto

intelectual e educador católico que defende a educação como um processo que deve visar à formação integral da criança. “Sua trajetória releva seu engajamento político filosófico nas causas da educação onde por quase quatro décadas (re)produziu manuais escolares destinados à formação de professores. Identifica-se em sua obra uma cultura baseada nos princípios católicos, porém sem refutar o ideal pedagógico advindo dos movimentos educacionais contrários a sua concepção de educação. Fazendo assim uma abordagem católica de ideais renovadores unindo religião e ciência”. Destacamos o seu livro “Noções de história da educação” publicado em 1945, pela Companhia Editora Nacional. Cf.: Calixto, Jaqueline de Andrade, 1971- Análise dos pressupostos teóricos presentes no manual de filosofia da educação: os grandes problemas da pedagogia moderna (1942) de Theobaldo Miranda Santos / Jaqueline de Andrade Calixto. – 2016.

maior interesse à leitura, pela diversidade no tratamento dos vários assuntos. (...) O livro se destina especialmente aos alunos das Faculdades de Filosofia das Escolas Normais e aos estudiosos das questões de educação (Ciência para Todos, 29 de Janeiro de 1950, p. 5).

Com o título “Livros Novos”, houve também notícia do lançamento pela Editora Globo do livro “Grandes Educadores” (Cruz Costa, Ruy de Ayres Belo, Antônio d’Avila e J.B. Damasceno Penna no Jornal Correio de Uberlândia. Eis a nota:

Este volume inicia a série “Grandes Educadores, cujas sucessivas publicações virão constituir uma “História da Educação”, um novo e interessantíssimo empreendimento da Editora Globo de Porto Alegre. Neste primeiro volume aparecem as biografias de Platão, Rousseau, Dom Bosco e Claparede – grandes educadores cujas aspirações foram tão diversas quanto às épocas em que viveram, mas cuja contribuição para a obra comum do ensino os imortalizou na História da Educação (Correio de Uberlândia, 02.03.1950, p. 3).

Esta série "Grandes Educadores" da Editora Globo, de Porto Alegre, foi destinada especialmente a alunos de faculdades de filosofia, escolas de formação de professores primários e interessados em questões educacionais, oferecia uma visão abrangente sobre a vida e o trabalho de Platão, Rousseau, Dom Bosco e Claparède, grandes nomes da educação. Esses educadores, com suas diferentes visões e abordagens, enriqueceram o campo da educação e deixaram um legado significativo que continua a influenciar a forma como pensamos sobre ensino e aprendizagem até hoje.

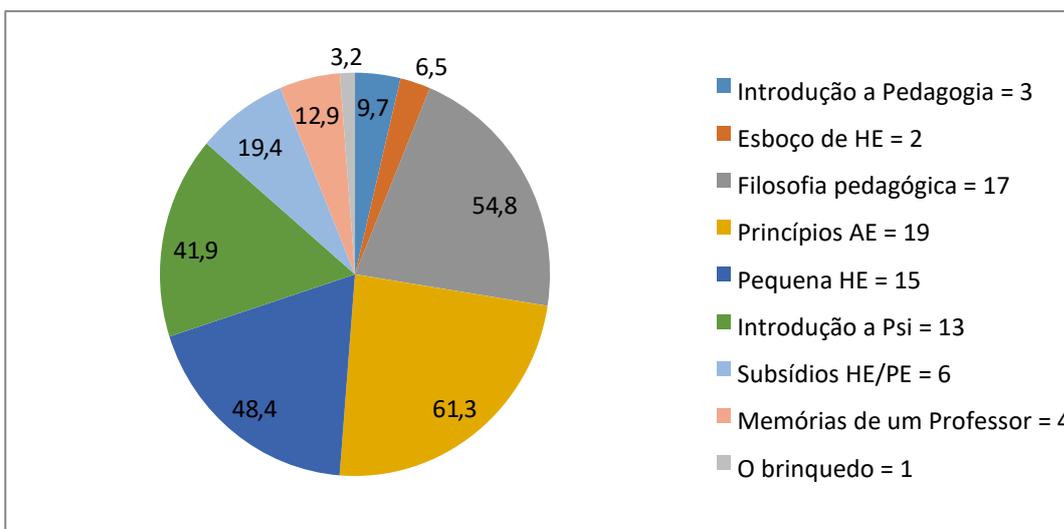
Este primeiro volume da série foi escrita por quatro grandes nomes ligados a educação, ao rádio e a filosofia: *Cruz Costa, Ruy Bello, Antônio d’Ávila e J. Damasco Penna*. Cada um desses escritos trazendo uma perspectiva única e uma profunda compreensão sobre os educadores que retrataram.

3.6 A circulação nacional das obras de Ruy Bello

Através de consulta *online* nos acervos das bibliotecas de pelo menos uma universidade federal em cada um dos 26 estados do Brasil²⁰⁰ e do Distrito Federal. No caso de Pernambuco, consultou-se ainda a UFRPE e a UPE. Em MG, consultou o acervo da UFMG e da UFU, a instituição de vínculo acadêmico e docente. Incluiu-se, ainda, a Universidade Católica de Pernambuco, por ser uma instituição onde Ruy Bello teve grande participação, e a UNICAMP e USP pela representatividade no meio acadêmico.

²⁰⁰ Dos 26 estados, 14 deles possuem mais de uma universidade federal. Na amostragem selecionamos apenas uma de cada estado. Com exceção de Pernambuco e Minas Gerais, conforme já nos referimos.

Gráfico 2 – Ocorrências dos livros nos trinta e dois (32) acervos consultados



Fonte: Elaborado pela autora

A presença dos livros didáticos de Ruy Bello ocorreu em 100% das regiões brasileiras, o que nos leva a ponderar que houve uma circulação nacional de suas obras. Dos trinta e dois endereços eletrônicos das universidades, consultados, o site para consulta *online* da Universidade de Rondônia apresentou indisponibilidade de acesso.

Dos 31 endereços eletrônicos que apresentaram dados, em 5 deles não há registro da existência de qualquer livro de Ruy Bello em seu acervo, sendo três deles da Região Norte, um da Região Nordeste e um da Região Sudeste. Entre os demais 26 acervos consultados, houve maior ocorrência nas regiões Nordeste, Centro Oeste e Sudeste com uma média de 5 títulos entre os acervos.

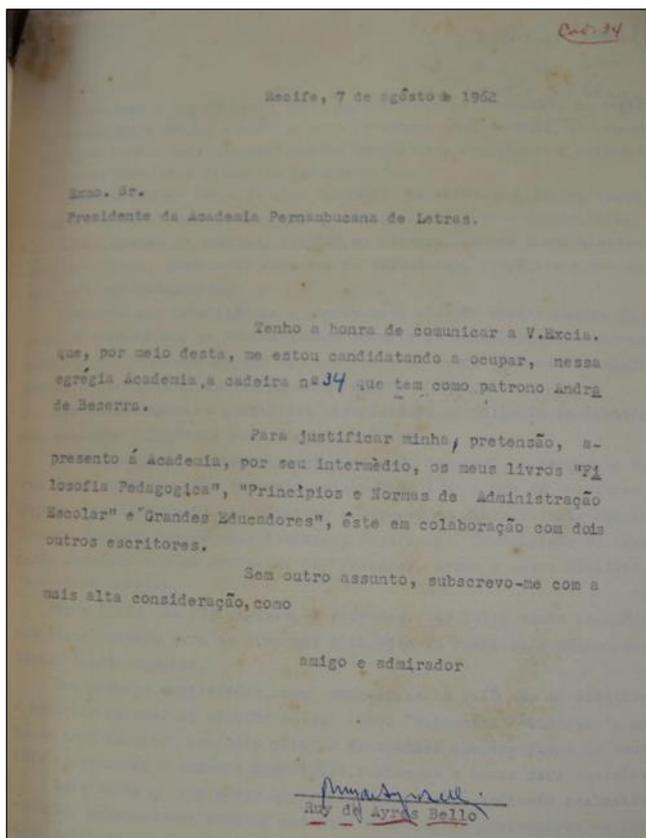
Em Pernambuco, o acervo da Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP - possui todos os nove (9) livros de Ruy Bello que recortou para esta pesquisa, o que se justifica pela forte atuação do autor no movimento católico sendo um dos jovens intelectuais integrante da Congregação Mariana da Mocidade Acadêmica, cujo acervo está sob a guarda da UNICAP.

O livro *Princípios e Normas da Administração Escolar* é o que mais se faz presente nos acervos, com um total de 19 ocorrências (61,3%) seguido por *Pequena História da Educação* com 17 sugestões (54,8%) e *Filosofia pedagógica* com 15 (48,4%) e *Introdução à psicologia educacional*, ambos com 13 (41,9%).

3.7 A entrada de Ruy de Ayres Bello na Academia Pernambucana de Letras

No ano de 1962, Ruy Bello candidata-se a Academia Pernambucana de Letras. A Academia Pernambucana de Letras foi fundada em 26 de janeiro de 1901, por Joaquim Maria Carneiro Vilela e um grupo de literatos radicados no Recife. A figura 63 com o pedido que Ruy Bello envia para concorrer a uma cadeira na Academia Pernambucana de Letras.

Figura 63: Folha de candidatura a APL em 1962



Fonte: Pasta da Cadeira 34. Acervo da Academia Pernambucana de Letras.
Desta forma, transcreveu-se o teor do pedido pela Folha de Candidatura (1962):

Recife, 7 de agosto de 1962
Exmo. Sr.
Presidente da Academia Pernambucana de Letras
Tenho a honra de comunicar a V. Excia. que, por meio desta, eu estou candidatando a ocupar, nessa egrégia Academia, a cadeira nº 34 que tem como patrono Andrade Bezerra.
Para justificar minha pretensão, apresento à Academia, por seu intermédio, os meus livros "Filosofia Pedagógica", "Princípios e Normas de Administração Escolar" e "Grandes educadores", este em colaboração com dois outros escritores.
Sem outro assunto, subscrevo-me com a mais alta consideração, como
Amigo e admirador
Ruy de Ayres Bello

A aprovação saiu em 1964, dois anos depois de oficializar seu pedido de entrada na

Academia²⁰¹. No texto apresentado o julgamento reforça a valorização do trabalho de Ruy Bello com suas obras e sua presença na educação:

O professor Ruy de Ayres Bello apresenta-se ao julgamento da academia de Letras para ocupar a cadeira cujo patrono é Andrade Bezerra, em seus livros intitulados: Grandes Educadores, Princípios e Normas da Administração Escolar e Filosofia Pedagógica. Atraves destes livros de alto conteúdo filosófico e didático vemos retratados o professor na sua mais ampla acepção, objetiva e construtiva. Julgamos que o Sr. Ruy de Ayres Bello honrará a Academia Pernambucana de Letras com a sua presença de Professor realçada pela nobreza do caráter com que sabe dignificar a profissão escolhida pelas tendências naturais de um espírito amadurecido nas lides escolares (Academia Pernambucana de Letras, s.d.).

A Academia enviou ao jornal Diário de Pernambuco uma nota sobre a posse do Professor Ruy de Ayres Bello, na cadeira 34, com detalhes da cerimônia e, também, se congratulando pelos retornos no jornal, de um espaço dedicado à divulgação literária. Eis a nota como destaca a Figura 64:

Figura 64 - Nota da Academia pela posse do Professor Ruy Bello

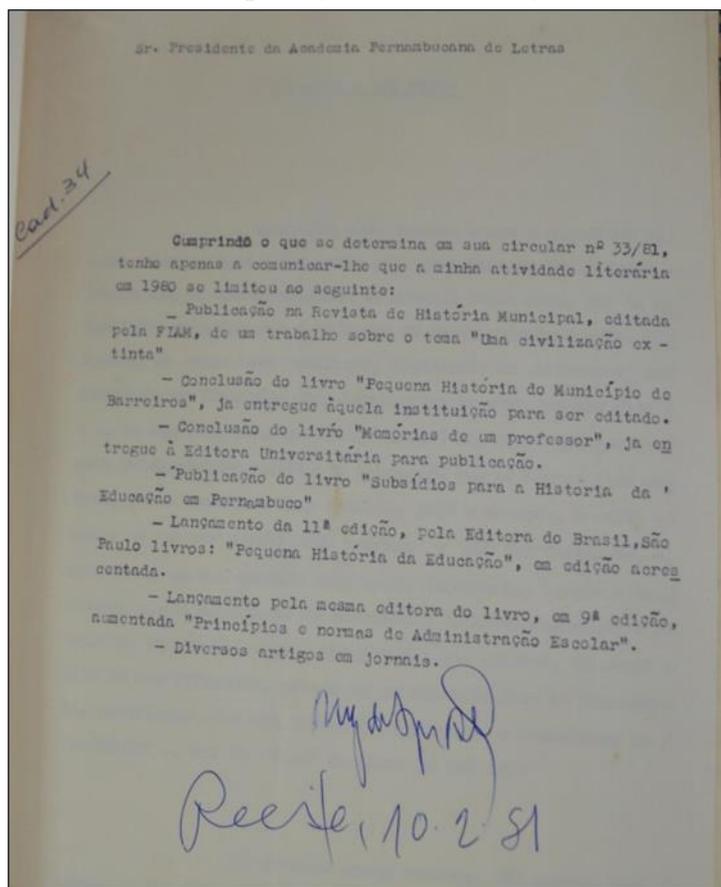


Fonte: Diário de Pernambuco. (04/09/1964, p. 6).

Anualmente, na rotina dentro da Academia Pernambucana de Letras, o acadêmico Ruy Bello enviava, por ofício as atividades literárias que realizava. A figura 65 com uma das comunicações do ano de 1980.

²⁰¹ Gostaríamos de destacar o perfil de Dulce Chacon, relatora do documento de aprovação do Acadêmico Ruy de Ayres Bello. Maria Dulce Chacon de Albuquerque, mais conhecida por Dulce Chacon; nasceu no Recife-Pernambuco a 8 de janeiro de 1906. Educadora e escritora pertenceu a Academia Pernambucana de Letras. Paralelamente as suas atividades de educadora escrevia livros, quase todos voltados para sua área de interesse profissional e social. São de sua autoria: Testes escolares (1937 Crianças do Recife e seus problemas (1965); A criança e o jogo (1959); Receitas mágicas (1973); Medo de criança (1979); Coragem de professora (1983). Faleceu em 1982.

Figura 65: Lista da produção literária de Ruy Bello em 1980



Fonte: Pasta da Cadeira 34. Acervo da Academia Pernambucana de Letras

Neste sentido, a seguir, tem-se a transcrição da Lista da produção literária de Ruy Bello em 1980, como mostra a Figura 63:

Sr. Presidente da Academia Pernambucana de Letras
Cumprindo o que se determina em sua circular nº33/81, tenho apenas a comunicar-lhe que a minha atividade literária em 1980 se limitou ao seguinte:

- Publicação na Revista de História Municipal, editada pela FIAM, de um trabalho sobre o tema "Uma civilização extinta"
- Conclusão do livro "Pequena História do Município de Barreiros", já entregue aquela instituição para ser editado.
- Conclusão do livro "Memórias de um professor", já entregue à Editora Universitária para publicação.
- Publicação do livro "Subsídios para a História da Educação em Pernambuco"
- Lançamento da 11ª edição, pela Editora do Brasil, São Paulo livros: "Pequena História da Educação", em edição acrescentada.
- Lançamento pela mesma editora do livro, em 9ª edição, aumentada "Princípios e normas de Administração Escolar".
- Diversos artigos em jornais.

Ruy de Ayres Bello
Recife, 10.2.81

Abaixo, uma foto oficial da APL, na década de 70. Ruy Bello é o terceiro da esquerda para a direita, na última fila, conforme a Figura 64.

Figura 66 - Acadêmicos da APL em 1970



Fonte: Ferreira, 2001, p. 182

Outro registro fotográfico de Ruy Bello, na Academia Pernambucana de Letras é destacado pela Figura 65, com a foto de uma reunião da Academia Pernambucana de Letras, na época em que funcionava no Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano. Ruy Bello é o primeiro (da E para a D).

A Figura 67 com Amaro Quintas discursando, tendo ao lado, os acadêmicos José da Costa Porto (recuado), Nilo Pereira e Waldemar Valente.

Figura 67: Reunião APL com a participação de Ruy Bello (s.d.)



Fonte: Ferreira (2001, p. 179).

Pela passagem dos 80 anos do Professor Ruy Bello, a Academia Pernambucana de Letras preparou uma sessão solene para homenageá-lo. No jornal Diário de Pernambuco foi divulgado uma nota com a programação:

HOMENAGEM A RUY BELLO

Pelas 20 horas de hoje, a Academia Pernambucana de Letras estará homenageando com uma sessão solene o acadêmico Ruy de Ayres Bello, por motivo do transcurso nesta data, de seu octogésimo aniversário natalício.

Será a sessão presidida pelo Acadêmico Waldemir Miranda. Falará em nome da Academia o Acadêmico Ruy João Marques. O Acadêmico José Lourenço de Lima falará, representando a Escola Normal Pinto Júnior, da qual o homenageado é diretor.

Será oferecido ao aniversariante em nome da “Pinto Júnior” um quadro em aquarela de autoria do Pintor Elezzer Xavier, reproduzindo uma paisagem e a casa grande do sítio onde o Acadêmico Ruy de Ayres Bello viveu a sua infância (Diário de Pernambuco, 05.07.1984, p. A-8).

A Academia Pernambucana de Letras demonstra seu reconhecimento e apreço pela vida de Ruy Bello na celebração pelos seu 80º aniversário. Foi esta sessão solene uma oportunidade para a comunidade acadêmica e cultural expressar sua gratidão e admiração pelo acadêmico Ruy de Ayres Bello, destacando sua importância e contribuição para a cultura e a educação em Pernambuco.

Ruy Bello também ocupou uma vaga na Academia Pernambucana de Artes e Letras Cristãs. Inaugurada no ano de 1976, foi idealizada pelo escritor e médico Dr. Ferreira dos Santos, na época era o Presidente da Sociedade de Escritores Médicos, cuja sede provisória funcionava na Matriz da Conceição dos Militares, gentilmente cedida pela Massa Regedora da Irmandade mantenedora do templo sagrado da rua nova desta Capital.

A nova instituição artístico-cultural foi pensada para congregar em seu recesso personalidades das artes e das letras de todas as religiões. Eis uma publicação com alguns nomes de seus membros:

Entre os elementos que serão convidados a integrar a mencionada academia, Poderíamos citar Leduar de Assis Rocha, Major Luís Vital Duarte, Dr. Jamesson Ferreira Lima, Orlando Cavalcanti, Nivaldo Machado; Fabio Correia; Nilo Pereira; Orlando Parahym; Nicolino Limong; Kleber Vasconcelos; José Lourenço de Lima; Nelson Ferreira; Maestro Mario Cândia; o Patriarca de Olinda Gaston Manguinho; **Ruy de Ayres Bello**; Poeta Ludovico de Atayde; Frei Romeu Peréa; entre outros. Mais um passo dado para o cultivo da Artes e das Letras em Pernambuco entre homens de todas as tendências religiosas e sempre em combate o materialismo e outros “ismos” que tentem intrometerem-se entre nós (Diário da Manhã, 13.01.1976, Seção: colcha de retalhos, grifos nosso).

Outras instituições que Ruy Bello se filiou foi em 1964 quando foi eleito sócio correspondente do Centre de Pedagogie Comparée, da Universidade de Ottawa, no Canadá. No material em anexo que entregou para concorrer a vaga na Academia Pernambucana de Letras, consta uma ficha com o título “Traços biográficos” que detalha sua participação nesta instituição do Canadá: Seu nome consta da publicação desse centro com o título “La Pedagogie aux pays latins”. (Pasta da Cadeira 34. Acervo da Academia Pernambucana de Letras)

A entrada de um intelectual em instituições como mencionamos acima, a Academia Pernambucana de Letras, é importante, pois implica o reconhecimento de suas realizações e seu impacto no cenário cultural de Pernambuco.

A participação em instituições também internacionais, confere ao intelectual uma plataforma respeitável para promover suas ideias através de seus escritos, ajudando a ampliar ainda mais sua influência e alcance no meio literário.

3.8 Concepções pedagógicas nos livros para a formação docente²⁰²

A Pedagogia tem as suas especificidades como uma ciência da educação. O domínio da Pedagogia então é a educação. Dentro desta ciência pedagógica há uma amplitude de problemas²⁰³, tais como: a questão da finalidade, meios, objeto, agentes da educação. Cabe a Pedagogia, afirma Ruy Bello: “Sim, esses problemas são estudados do ponto de vista da educação, eles são problemas da pedagogia.” (Bello, 1941, p.23).

A integração e coordenação dos conteúdos pedagógicos dentro do currículo escolar era uma forma de evitar a redundância de temas abordados em diferentes disciplinas e, mais importante ainda, estabelecer uma unidade de perspectiva e propósito no tratamento das questões educacionais.

Os livros didáticos, surgem como ferramentas essenciais no campo da educação, para fornecer orientação e suporte aos professores em sua prática profissional. Sua função básica

²⁰² Sobre o tema ver dentre outros: Kulesza, Wojciech Andrzej. História da pedagogia no Brasil: a contribuição das pesquisas centradas em manuais de ensino. Rev. bras. Estud. pedagog. (online), Brasília, v. 95, n. 240, p. 328-345, maio./ago. 2014.

²⁰³ (...) Isto, não só para evitar que os mesmos problemas sejam discutidos ou estudados redundantemente em várias cadeiras como principalmente para estabelecer no tratamento de todas as questões pedagógicas uma indispensável unidade de ponto de vista uma substancial harmonia de propósitos sem o que a Pedagogia teria de perder, necessariamente, o sentido formativo que lhe é peculiar (Diário Oficial, 18.7.1956, p. 3530- Trecho extraídos do texto escrito para definição da cadeira de Pedagogia das escolas de formação do magistério primário de Pernambuco Cadeira de Pedagogia do Curso Normal).

visa sintetizar os conhecimentos fundamentais da área da Pedagogia de forma clara e acessível para os educadores. Segundo afirma Catani (2010):

[...] são livros escolares que versam sobre questões de ensino e são escritos para formar professores e/ou para auxiliá-los no aperfeiçoamento do seu trabalho. Os manuais pedagógicos são atualmente chamados de livros didáticos e partilham, com todos os livros desse tipo, o fato de concentrar em si noções essenciais da matéria específica que representam e de apresentar linguagem e organização adequadas a um entendimento fácil para os estudantes. No que diz respeito aos manuais pedagógicos, ao resumirem os saberes e referências importantes na área da Pedagogia, podem ser identificados como súmulas, compêndios, lições ou introduções. A palavra “manual” remete ao propósito de “levar às mãos dos leitores”, de forma clara e acessível, os saberes que fundamentam a prática docente. Uma breve incursão pelos significados do termo “manual” permite articulá-lo ao sentido de “pequeno livro” ou “livro que contém noções essenciais acerca de uma ciência, de uma técnica, etc.” (Catani; Silva, 2010, s.p.).

Portanto, independentemente da terminologia utilizada, a palavra "manual" sugere a ideia de fornecer conhecimento de forma prática e direta, "levando às mãos dos leitores" os saberes fundamentais que embasam a prática educacional.

Segundo Saviani (2008), para o ensino tanto da cadeira de Pedagogia quanto de História da Educação, em Escolas Normais e Institutos de Educação, a partir de meados dos anos 30, os intelectuais produziram manuais. Dentre eles Ruy Bello foi inserido neste grupo de intelectuais que produziram livros²⁰⁴

A presença da história da educação nos currículos formativos trouxe a necessidade da elaboração de compêndios que viessem a subsidiar os trabalhos dos professores. O primeiro desses manuais foi o livro *Noções de história da educação*, de Afrânio Peixoto (1923), seguido das *matrizes* de Francisca Peeters e Maria Augusta de Cooman, *Pequena História da Educação* (1936), de Bento de Andrade Filho, *História da educação* (1941), Theobaldo Miranda Santos (1945), também tendo por título *Noções de história da educação*, **Ruy de Ayres Bello, *Esboço de história da educação* (1945)**, de Raul Briquet (1946), *História da educação: evolução do pensamento educacional*, Aquiles Archêro Júnior, *História da Educação*, 1957, José Antônio Tobias, *História da educação brasileira* (s/d.) e Tito Lívio Ferreira, *História da educação luso-brasileira* (1966). (Saviani, 2008, p. 238, grifos nosso)

Estes manuais refletiam a concepção de mundo e de pedagogia que seus escritores defendia. Segundo Gatti Jr. e Oliveira (2018),

[...] aos combates ideológicos travados na primeira metade do século XX no Brasil, com aprofundamento na forma tomada pela ação de setores católicos, no que se refere à divulgação de ideias junto à população e, principalmente,

²⁰⁴ Sobre o tema ver dentre outros: Carvalho, M. M. C. (1994). Usos do impresso nas estratégias católicas de conformação do campo doutrinário da pedagogia (1931-1935). *Cadernos Anped* n.7, p. 41-60.

junto às futuras professoras, que frequentavam o grande número de Escolas Normais vinculadas à Igreja Católica em todo o país [...] (Gatti Jr.; Oliveira, 2018, p. 2-3).

Houve uma intensa disputa de ideias e valores entre diferentes grupos e correntes políticas e sociais. Nesse contexto, os setores católicos desempenharam um papel significativo, especialmente na divulgação de suas ideias junto à população e, em particular, na formação das futuras professoras que frequentavam os cursos normais por todo o país. Muitas das instituições que ofereciam o curso normal estavam vinculadas à Igreja Católica em todo o país²⁰⁵.

Deste modo, nas primeiras décadas do século XX, a educação feminina nessas escolas ou internatos religiosos visava preservar a moral e a instrução da mulher para o lar, “procurando guardá-la dos desvios que pudessem denegrir a imagem da mulher perfeita (instruída para o lar, e para o esposo)” (MANOEL, 1996, p. 86). Essa postura favorecia a hegemonia da Igreja, em razão do insignificante número de escolas normais públicas no país. No entanto, essas instituições não fugiram do padrão já então colocado sobre a mulher, visto que a educação feminina era uma formação para o lar, estabelecendo uma relação mecânica entre diploma e casamento. Essa era a proposta das filhas da elite quando ingressavam em tais instituições privadas (Silva e Inácio Filho, 2004, p.6).

Essa abordagem reforçava a hegemonia da Igreja na educação, especialmente devido à escassez de escolas normais públicas na época. No entanto, mesmo nessas instituições religiosas, a educação feminina seguia um padrão que limitava o papel da mulher ao ambiente doméstico. O foco estava na preparação para o casamento, e o diploma educacional era muitas vezes associado diretamente à ideia de encontrar um marido.

A Igreja Católica reconhecia a importância estratégica dessas instituições escolares para promover suas ideias e influenciar a educação e a cultura de maneira mais ampla. Assim, as futuras professoras que frequentavam essas Escolas Normais eram expostas a uma educação permeada pelos valores e princípios da Igreja Católica.

Isso incluía não apenas aspectos religiosos, mas também uma visão de mundo que estava alinhada com seus próprios interesses e convicções ideológicas. Enfatizava a moralidade, a tradição e a autoridade religiosa como fundamentos para uma sociedade justa e harmoniosa.

²⁰⁵ Cf.: Silva, Andrea Carla Agnes e Silva. O espírito de (in)tolerância na república laica; um olhar na formação da(o)s aluna(o)s-mestres da Escola Normal de Pernambuco (1890-1915). 2005. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.

Na pesquisa de Araujo (2018) “Manuais Pedagógicos em Comparação: Cours Pratique de Pédagogie, de Daligault (1851), e Compêndio de Pedagogia, de B. J. M. Cordeiro (1874)” o autor apresenta como são conceituadas as concepções de Educação, nestas obras.

Advoga-se que ambos os manuais estejam assentados em relações culturais, políticas, religiosas, educacionais e escolares, norteadas pela religião católica. São singulares em relação à totalidade social, ou seja: de um lado, constituem-se como frações da formação docente no Brasil, que tinha em vista a ampliação da escolarização primária, bem como a sua qualificação, àquela altura ainda através das propaladas escolas isoladas; de outro, em termos de totalidade social, estão radicados em concepções fundadas na Antropologia, na Ética, na Metafísica de caráter teológico, na Política, no Civismo, na Teologia, na Pedagogia, porém demarcadas pela visão de mundo cristã (Araujo, 2018, p. 114).

Ambos os manuais pedagógicos em questão são fundamentados em uma variedade de relações culturais, políticas, religiosas, educacionais e escolares, todas elas influenciadas pela visão da religião católica. Eles se destacam como elementos distintos dentro do contexto mais amplo da sociedade, tanto como parte da formação dos professores no Brasil, com o objetivo de expandir e aprimorar a educação primária, quanto como produtos culturais que refletem uma visão de mundo cristã.

Por um lado, esses manuais representam uma parte importante da formação dos professores no Brasil, especialmente em um momento em que a ênfase estava na expansão da escolarização primária, muitas vezes por meio de escolas isoladas. Eles buscavam qualificar os professores para lidar com os desafios da educação na época, fornecendo orientações e conhecimentos relevantes para sua prática pedagógica.

Por outro lado, esses manuais também refletem uma visão de mundo enraizada em concepções cristãs. Isso significa que os manuais enfatizam valores, princípios e objetivos educacionais que estão alinhados com a moral e a doutrina católicas, buscando moldar não apenas a prática educacional, mas também a visão de mundo dos professores e alunos.

Portanto, esses manuais pedagógicos são peças importantes tanto no contexto da formação de professores quanto na transmissão de uma visão de mundo cristã dentro do sistema educacional brasileiro. Eles refletem as complexas interações entre educação, religião e sociedade na época em que foram produzidos.

Os autores Araujo, Ribeiro e Souza (2011) na pesquisa: “Haveria uma historiografia educacional brasileira expressa pelos manuais didáticos publicados entre 1914 e 1972?” Os autores buscaram entender como a história da educação brasileira foi estabelecida em

diferentes manuais de história da educação entre 1914 e 1972. Dentre os manuais temos “Pequena História da Educação” de Ruy de Ayres Bello compondo em conjunto com outros manuais, o corpus de análise desta pesquisa. Quanto às orientações historiográficas que os manuais apontaram, buscou-se confirmar:

[...] as orientações historiografias de concepção medievalista – influenciada pela perspectiva eclesiológica fundada na concepção de cristandade, ou assentada na orientação tridentina (Araujo, 1986) – hegemônica na orientação eclesiástica católica até os anos de 1960. Envolve, ainda, em termos historiográficos, as orientações inspiradas no Iluminismo e em sua ideia de progresso que perpassa pela educação, a ser distinta das concepções de progresso e educação sob a inspiração romântica e positivista (Araujo, Ribeiro e Souza, 2011, p. 101-102).

Essas diferentes orientações historiográficas refletem as disputas ideológicas e filosóficas que permeiam a história da educação e da sociedade em geral. Elas oferecem diferentes interpretações dos eventos passados e influenciam a forma como entendemos e ensinamos a história hoje.

Um contexto de embate entre católicos e liberais, frente ao processo de democratização com a Proclamação da República, trazendo ideias laicizantes de ‘ordem e progresso’ para todos os setores sociais e civis e, também para a educação escolar. Isto significava a perda progressiva de valores religiosos (cristãos) da vida humana, em todos os seus aspectos.

Assim, conforme os católicos, a escola leiga preconizada pelos escolanovistas em lugar de educar deseducava: estimulava o individualismo e neutralizava as normas morais, incitando atitudes negadoras da convivência social e do espírito coletivo. Somente a escola católica seria capaz de reformar espiritualmente as pessoas como condição e base indispensável à reforma da sociedade (Saviani, 2011, p. 258).

Essa visão reflete a perspectiva dos católicos durante um período em que havia um intenso debate sobre o papel da educação na formação moral e social dos indivíduos. Neste cenário social das primeiras décadas da república, teve intelectuais em defesa das ideias católicas e outros das liberais.

A República no Brasil trouxe mudanças significativas no papel e na influência da Igreja Católica na sociedade. Algumas das perdas de espaço da Igreja Católica durante esse período.

No início dos anos de 1930, a principal bandeira de luta dos católicos na frente educacional foi o combate à laicização do ensino. Conforme o entendimento do Padre Leonel Franca, religião e pedagogia caracterizam-se

por uma relação indissolúvel: “Se a educação não pode deixar de ser religiosa, a escola leiga que, por princípio, ignora a religião, é essencialmente incapaz de educar. Tal é o veredicto irrecusável de toda a pedagogia” (Franca, 1931, p.25). [...] (Saviani, 2011, p.257).

Apesar das perdas de espaço, a Igreja Católica continua a desempenhar um papel importante na vida religiosa e cultural do Brasil, mantendo uma presença significativa em várias esferas da sociedade, especialmente em áreas como educação, assistência social e política. E reagia militantemente por sua presença na sociedade e nos espaços públicos, em especial o educacional.

É nesse contexto que foi possível compreender que as formas de reação católica em território brasileiro envolveram desde a ação junto aos poderosos até a montagem de uma importante e relevante estrutura de comunicação e de formação ideológica, o que incluía periódicos, centros de formação, instituições e manuais escolares (Gatti Jr.; Oliveira, 2018, p. 20-21).

Este contexto histórico revela a amplitude das formas de reação católica no Brasil. Uma delas foi a montagem de uma estrutura de comunicação e formação ideológica. Ação fundamental para disseminar os princípios e valores da fé católica e para fortalecer a identidade religiosa da população.

Isso incluiu a criação de periódicos católicos, como jornais e revistas, que promoviam uma visão de mundo alinhada com os ensinamentos da Igreja, bem como centros de formação, instituições educacionais e manuais escolares que transmitiam uma educação católica aos jovens.

Quando Ruy Bello começa sua produção de livros didáticos no período de 1940-1980, já tinha uma ampla experiência na docência e nas questões da educação. O que ele escreve está associado diretamente à sua formação intelectual e à sua filiação religiosa, que se inspira à numa pedagogia humanista cristã. Como vemos publicado na Revista a Ordem sobre o livro “Introdução à Pedagogia” do prof. Ruy Bello:

No meio da nossa literatura pedagógica quase toda inspirada nos sofismas dos Deweys²⁰⁶, dos Durkheims e dos Kerschensteiners, o livro do Dr. Ruy

²⁰⁶ O pensamento pedagógico brasileiro dá exemplos de equívocos desta natureza quando reduz o pragmatismo à sua tradução escolanovista, analisando a prática pedagógica escolar como expressão suficiente daquela concepção filosófica ou quando localiza em Dewey e em seu discípulo brasileiro Anísio Teixeira, todo o arcabouço teórico do pragmatismo. Ao tomamos como referência seus principais articuladores, Charles Peirce, William James, John Dewey e George Mead, por exemplo, podemos logo evidenciar divergências conceituais. O entendimento dessas divergências, contudo, requer uma disposição para o debate filosófico, pois ainda que seus propositores tenham formulado uma crítica radical às pretensões metafísicas da filosofia, os mesmos não abandonaram o campo filosófico quando “edificaram” suas concepções. As concepções pragmatistas foram formuladas no âmbito da teoria do conhecimento e, enquanto tal, centradas na questão lógico-metodológica da

Ayres de Bello é uma nota confortadora de equilíbrio, de clareza e de bom senso. Essas reflexões nos são sugeridas pelo magnífico livro de Ruy Ayres e Bello "Introdução à Pedagogia", companhia Editora Nacional, São Paulo, 1941. Neste livro simples, lícido, claro, o autor que é professor de Pedagogia da Escola Normal de Pernambuco, analisa e critica, com segurança, penetração e serenidade, os erros e as unilateralidades da pedagogia moderna. E procura traçar, à luz do realismo católico e da filosofia tomista, as linhas gerais de uma pedagogia humanista e cristã adaptada às novas gerações brasileira (Revista A Ordem 1941, p. 72-73).

O livro "Introdução à Pedagogia" de Ruy Ayres de Bello oferece uma abordagem que se distancia dos sofismas e das unilateralidades presentes na pedagogia moderna. Em contraponto, os pensadores citados, Dewey²⁰⁷, Durkheim e Kerschensteiner, são representantes do movimento liberal em prol da 'pedagogia moderna'. Em John Dewey²⁰⁸ introduz a questão da educação para a democracia:

Ao longo de sua carreira, Dewey desenvolveu uma filosofia que advogava a unidade entre teoria e prática, unidade de que dava exemplo em sua própria ação como intelectual e militante político. O pensamento dele baseava-se na convicção moral de que "democracia é liberdade" –, ao que dedicou toda sua vida, elaborando uma argumentação filosófica para fundamentar esta convicção e militando para levá-la à prática (Dewey, 1892, p. 8). O compromisso de Dewey com a democracia e com a integração entre teoria e prática foi, sobretudo, evidente em sua carreira de reformador da educação. (Westbrook, 2010, p. 11).

relação sujeito-objeto no processo de apreensão do real. Não por acaso os temas nucleados pelos pragmatistas foram o conceito de verdade e o método para construção desse conceito a partir da experiência (TIBALLI, 2003, p.4).

²⁰⁷ O principal elemento da teoria do conhecimento de Dewey é a operação experimental que corresponde à lógica, à experiência reflexiva. A lógica, neste caso, é a capacidade da inteligência humana transformada em método, que se forma no e pelo processo de indagação, não havendo lógica prévia ao processo de investigação, "todas as formas originam-se da operação de investigação e dizem respeito ao controle desse processo de investigação, de modo a levá-lo a produzir asserções garantidas". (Dewey. Apud Teixeira. 1977:20 In: TIBALLI, 2003, p. 5-6).

²⁰⁸ Dewey ganhou notoriedade no campo filosófico e pedagógico, tendo em vista a repercussão de suas ideias acerca de temas como o pensamento reflexivo, a relação entre a democracia e a educação, a epistemologia, o papel da experiência e da teoria na formação humana etc., pois "pensamento, desejo e propósito resultam de uma interação entre a pessoa e as condições ambientais, num permanente dar e receber" (DEWEY, 1970, p. 65). Sua obra teórica e sua atuação como educador exerceram influência em diversas partes do mundo, inclusive no Brasil. (Lima e Gatti Jr, 2019, p.10).

A linha de pensamento de John Dewey era fundamentada na convicção moral de que "democracia é liberdade"²⁰⁹, um princípio ao qual dedicou toda sua vida, desenvolvendo uma argumentação filosófica para sustentar essa convicção e trabalhando ativamente para colocá-la em prática.

[...] sendo a educação o resultado de uma interação, através da experiência, do organismo com o meio ambiente, a direção da atividade educativa é intrínseca, ou seja, um reorganizar consciente da experiência, sem direção, sem governo, sem controle. Do contrário, a atividade não será educativa, mas caprichosa e automática (Dewey, 1975, p. 22).

Os livros de Ruy Bello vem numa leitura oposta, embasados no realismo católico e na filosofia tomista, destacando uma visão de mundo humanista e cristã. Estes livros tornaram-se fontes de reflexão para educadores e estudiosos interessados em uma educação que conservasse tanto os aspectos humanos quanto os espirituais do ato educativo.

A imprensa teve seu papel como uma estratégia para a circulação de ideias, utilizando-se do impresso, tais como, a Revista A Ordem, no caso de Recife tivemos o jornal A Tribuna, todos de marca cristã, onde circulavam a defesa da pedagogia com base nos princípios tomistas, visando a formação integral do educando²¹⁰.

A figura de Alceu Amoroso Lima²¹¹ que assume o Centro Dom Vital em 1928 após a morte prematura de Jackson de Figueiredo, é um dos nomes de grande destaque nas décadas

²⁰⁹ “O ‘instrumentalismo’ de Dewey era um naturalismo que implicava dessencializar Aristóteles e ignorar a epistemologia tradicional em favor de uma franca admissão do método científico. Mas, embora Dewey (1859-1952) mostrasse-se confortavelmente abstrato a respeito do que isso significava, ele não era “científico”. Ao contrário, buscou “humanizar” a ciência e trazer seus métodos para as questões cotidianas, incluindo uma política democrática. Uma vez que a democracia era “a própria idéia de comunidade” e comunidade exige que “relacionamentos face a face tenham conseqüências que geram uma comunidade de interesses, uma participação nos mesmos valores” (1927), o problema da democracia era precisamente estabelecer as condições em que é possível identificar conseqüências e estabelecer valores conjuntamente. Superar uma série de dualismos — corpo e mente, experiência e natureza e, muito importante, fato e valor — era crucial para o projeto de Dewey. No seu ponto de vista, esses dualismos, e com eles as “principais divisões” da filosofia moderna, “cresceram em torno do problema epistemológico da relação geral de sujeito e objeto” (1917). A indagação era a idéia central da sua teoria do conhecimento, e sua abordagem, em muitos sentidos comparável à de Marx, era começar com a prática concreta, levantar questões quanto à “autenticidade, sob as atuais condições da ciência e da vida social, dos problemas [da filosofia]” e então articular os “problemas dos homens” em termos passíveis de indagação”. (Dicionário Social, 1996, p. 314).

²¹⁰ Esse “Humanismo Integral defendido pelo pensador francês Jacques Maritain deve ser compreendido dentro do contexto mais abrangente do desenvolvimento do Neotomismo. Por Tomismo entende-se, de um modo geral, a doutrina filosófica e teológica desenvolvida por Tomás de Aquino ou por seus discípulos. Em síntese, costumou-se denominar de Tomismo a própria doutrina tomasiana, sua síntese filosófico-teológica” (Faitanin, 2011, p. 18). O termo Neotomismo significa o ressurgimento da filosofia de Tomás de Aquino” (Queiroz, 2018, p. 3).

²¹¹ No campo religioso, animou o desenvolvimento da Ação Católica articulando sob sua direção intelectual a organização de uma militância mais ampla por meio de movimentos especializados destinados a aglutinar a juventude na Ação Católica abarcando as cinco vogais: Juventude Agrária Católica (JAC); Juventude Estudantil Católica (JEC); voltada aos estudantes secundários; Juventude Independente Católica (JIC); Juventude Operária Católica (JOC) e Juventude Universitária Católica (JUC), além das organizações de adultos como os Homens de

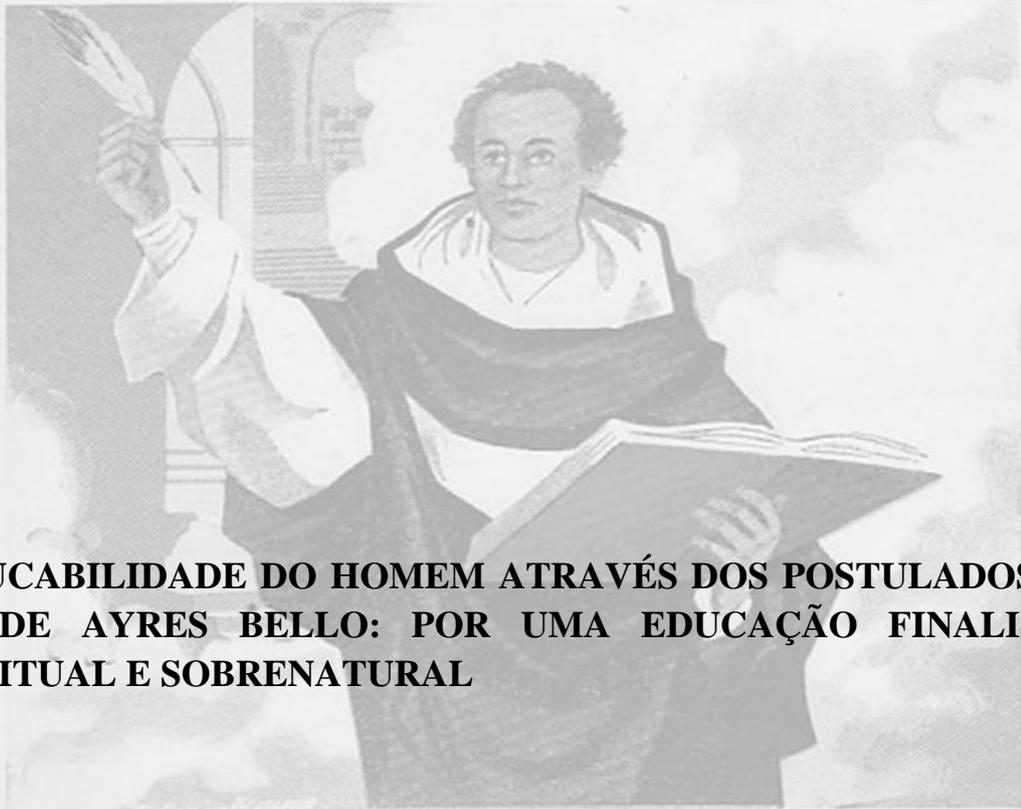
de 1930 e 1940 do movimento leigo da Igreja. Sobre este intelectual católico, Saviani (2011) afirma que: “No campo pedagógico e cultural, além das lutas que travou e das iniciativas que tomou em defesa da primazia da Igreja no exercício da função educativa, deu especial atenção ao problema da formação de líderes intelectuais, impregnados do espírito católico”. (Saviani, 2011, p. 257).

No próximo capítulo, a pesquisa vai abordar as análises dos livros de Ruy Bello: “Introdução à Pedagogia” (1941-1ªedição) e “Filosofia Pedagógica” (1953- 2ªedição), com o objetivo de compreender alguns pressupostos filosóficos do pensamento educacional deste intelectual católico para a defesa de uma identidade/afirmação da pedagogia cristã católica nestes livros.

Ação Católica (HAC), “para os maiores de trinta anos e os casados de qualquer idade”, e a Liga Feminina de Ação Católica (LFAC), “para as maiores de trinta anos e as casadas de qualquer idade” (Miceli, 1979, p. 53, In: Saviani, 2011, p. 256 e 257).

CAPÍTULO IV

SANTO TOMAS DE AQUINO



A EDUCABILIDADE DO HOMEM ATRAVÉS DOS POSTULADOS DE RUY DE AYRES BELLO: POR UMA EDUCAÇÃO FINALISTA, ESPIRITUAL E SOBRENATURAL

S U M A
T E O L O G I C A

Tratado de la ley (1-2 q.90-108)

Tratado de la gracia (1-2 q.109-114)

BIBLIOTECA DE AUTORES CRISTIANOS

CAPÍTULO IV - A EDUCABILIDADE DO HOMEM ATRAVÉS DOS POSTULADOS DE RUY DE AYRES BELLO

Neste capítulo, a pesquisa teve o objetivo de compreender alguns pressupostos filosóficos do pensamento educacional de Ruy Bello para a defesa de uma identidade/afirmação da pedagogia cristã católica.

As análises foram realizadas nos livros: “Introdução à Pedagogia” (1941-1ª edição) e “Filosofia Pedagógica” (1953- 2ª edição), de Ruy Bello, fontes principais neste capítulo²¹².

Aqui discorre sobre a Pedagogia enquanto uma disciplina²¹³. Ruy Bello teve intenso interesse para lecionar sobre a pedagogia e a sua primeira obra foi sobre esta disciplina.

Em cada época se pensa num ideal de homem e com este fim direciona o ideal de educação para a formação deste homem. As teorias pedagógicas vão sendo modificadas, para esta tarefa da obra educativa do homem, sendo organizadas a partir da visão de mundo predominante em cada época.

Constata-se, assim, que a Pedagogia é considerada canal para o esclarecimento racional do indivíduo e instrumento metódico para se educar. “A educação é encarada como sendo a promotora da adaptação à sociedade” (Carvalho, 2006, p. 19).

No estudo “As Concepções Pedagógicas na História da Educação Brasileira”, o autor nos lega uma explicação classificatória sobre as Concepções Pedagógicas:

(...) as diferentes concepções de educação podem ser agrupadas em duas grandes tendências: a primeira seria composta pelas concepções pedagógicas que dariam prioridade à teoria sobre a prática, subordinando esta àquela sendo que, no limite, dissolveriam a prática na teoria. A segunda tendência, inversamente, compõe-se das concepções que subordinam a teoria à prática e, no limite, dissolvem a teoria na prática (Saviani, 2005, p. 1).

Arrimado em Saviani (2006), compreende-se que a primeira tendência – Pedagogia Tradicional - se centrava nas “teorias do ensino”, enquanto que, no segundo caso, a ênfase recaía nas “teorias da aprendizagem”. Ainda, segundo o autor:

Na primeira tendência o problema fundamental se traduzia pela pergunta “como ensinar”, cuja resposta consistia na tentativa de se formular métodos de ensino. Já na segunda tendência o problema fundamental se traduz pela pergunta “como aprender”, o que levou à generalização do lema “aprender a aprender” (Saviani, 2005, p. 1).

²¹² Vale ressaltar os capítulos nestes livros sobre: educação rural e educação profissional, não elegemos discutir neste momento.

²¹³ Sobre a historia da disciplina ver entre outros, Bittencourt. Circe Maria F. Disciplinas escolares: história e pesquisa. In. Oliveira, Marcus A. T. De e Ranzi, Serlei M. Fischer. (Orgs). História das Disciplinas Escolares no Brasil: contribuições para o debate. São Paulo: CDAPH, 2000.

No embate, entre renovadores e católicos, Ruy Bello afirma quanto aos rumos da Ciência da Educação:

É verdade que Tristão de Ataíde (Debates Pedagógicos), [de 1931] previa dias melhores para nossa ciência da educação, vislumbrando ‘uma reação generalizada no sentido de restaurar um ideal em nossa pedagogia, tornando-a de simplesmente instrutiva em educação também. Mas quer-nos parecer que essa reação, prevista por Tristão de Ataíde, se existe, estará apenas esboçada, continuando a nossa consequência da falta de um ideal que a oriente e lhe dê sentido. Estamos ainda no regime do Experimentalismo e da metodomania (Bello, 1941, p. 33).

Ruy Bello expressa uma visão crítica ao afirmar que essa reação, parece estar apenas começando. Essa análise sugere uma lacuna entre a aspiração por uma pedagogia mais centrada na formação integral do indivíduo e a realidade ainda dominada por abordagens experimentais e metodológicas excessivamente técnicas.

Há, intrinsicamente, nesta citação, uma crítica frente ao movimento do escolanovismo²¹⁴. Um embate entre a pedagogia tradicional e a pedagogia moderna, representada pelo escolanovismo. O que vem como referência é a mudança para uma pedagogia de inspiração experimental baseada, principalmente, nas contribuições da biologia e da psicologia. Em síntese: vemos “concepções pedagógicas” como as diferentes maneiras pelas quais a educação é compreendida, teorizada e praticada. Apesar de extensa, é necessária a citação abaixo, para elucidar o que se opunha entre a Concepção Pedagógica, de viés religioso, e a Nova Pedagogia.

Essa referência à pedagogia católica se faz necessária porque, apesar da influência da Escola Nova, boa parte das escolas normais e dos cursos de pedagogia permaneceu sob o controle da Igreja; e, mesmo nas instituições

²¹⁴ Das intenções do Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova, publicado em 1932, temos em Vidal (2013) uma síntese: 1) Inicialmente, efetuava a defesa de princípios gerais que, sob a rubrica de novos ideais de educação, pretendiam modernizar o sistema educativo e a sociedade brasileira. Além da laicidade, da gratuidade, da obrigatoriedade e da coeducação, o Manifesto propugnava pela escola única, constituída sobre a base do trabalho produtivo, tido como fundamento das relações sociais, e pela defesa do Estado como responsável pela disseminação da escola brasileira. Nesse sentido, distinguia-se do que denominava educação tradicional, particularmente no que considerava como a maior contribuição da Escola Nova: a organização científica da escola. 2) Mas, ao reunir a assinatura de 26 intelectuais e ao fazer uso do termo pioneiros no subtítulo, a publicação do Manifesto criava um personagem coletivo: os pioneiros da educação nova. A partir desse momento, a literatura sobre educação no Brasil voltaria com frequência a esse personagem coletivo e aos princípios enunciados nessa carta-monumento – como denominou Libânia Xavier (2002) –, no bojo de análises que pretendiam conferir uma interpretação sobre o estado da educação brasileira. 3) Por fim, ao descaracterizar as investidas anteriores na arena educacional (concebidas como escola tradicional ou mesmo como vazio de ações), o texto se produzia como marco fundador no debate educativo brasileiro. Daí também a insistência com que autores e educadores retornariam ao Manifesto em suas análises. Para o processo de monumentalização do documento, concorreram ainda os escritos dos próprios signatários, que conferiam ao Manifesto o lugar de ato inaugural da educação brasileira. Podemos citar, por exemplo, o manual escolar História da educação, escrito por Afrânio Peixoto, e o clássico A cultura brasileira, da lavra de Fernando de Azevedo. (p. 579).

públicas, o pensamento católico, por meio de seus representantes e dos manuais por eles elaborados, se manteve presente. É importante, pois, não perder de vista que a sucessão de diferentes fases com o predomínio, também sucessivo, de diferentes concepções, não significa que a fase anterior esteja, de fato, superada. De outro modo não se compreenderia como, por exemplo, **o manual de Ruy de Ayres Bello, Filosofia da Educação, de orientação tomista, tenha conseguido, em 1967, atingir um número maior de edições** do que a Pequena Introdução à Filosofia da Educação: a escola progressiva ou a transformação da escola, de Anísio Teixeira. Este livro, cuja primeira edição, denominada Educação progressiva: uma introdução à filosofia da educação, data de 1934, atingiu, em 1968, a 5ª edição. Em contrapartida, *o manual de Ruy de Ayres Bello*, cuja 1ª edição saiu em 1946 com o título Filosofia Pedagógica, foi reeditado, de forma modificada e aumentada, em 1955, atingiu em 1965 a 5ª edição, quando teve seu título modificado para Filosofia da Educação, chegando à 6ª edição em 1967. Também a Pequena história da educação, do mesmo autor, cuja 1ª edição, de 1945, tinha por título Esboço de história da educação, atingiu, em 1967, a 6ª edição. Além desse autor, que era professor catedrático da Universidade do Recife, da Universidade Católica de Pernambuco e do Instituto de Educação de Pernambuco, outros manuais de orientação católica marcaram presença nas escolas normais, institutos de educação e cursos de pedagogia, como Noções de história da educação, de Theobaldo Miranda Santos, e História da educação: evolução do pensamento educacional, de José Antônio Tobias (Saviani, 2005, p. 4, grifos nosso).

Há mencionado por Saviani²¹⁵ (2005) um reconhecimento quanto a influência persistente da pedagogia católica, mesmo diante do avanço da Escola Nova²¹⁶, naquele momento. Apesar da ascensão das ideias progressistas, muitas escolas normais e cursos de pedagogia ainda estavam sob o controle da Igreja Católica, e mesmo nas instituições públicas, o pensamento católico permanecia presente, seja por meio de representantes da igreja ou de manuais por eles elaborados.

Essa constatação demonstra que a sucessão de diferentes abordagens pedagógicas não implica necessariamente na superação das fases anteriores. O exemplo dado, comparando as edições de manuais de Ruy de Ayres Bello e Anísio Teixeira, ilustra como obras de orientação mais tradicional, como as de Ruy Bello, ainda mantinham uma presença significativa e influente nas instituições educacionais, mesmo em um contexto em que a pedagogia progressista ganhava destaque.

²¹⁵ Esta menção sobre Ruy Bello, no estudo do Dr. Dermeval Saviani colabora junto com outros pesquisadores, reconhecidos na área da historiografia educacional, para situar a inserção de Ruy Bello no campo científico acadêmico superior.

²¹⁶ Vale destacar alguns dados sobre a reação da Igreja Católica e o escolanovismo: temos em 30 de abril de 1931 o Decreto n. 19.941, que restabeleceu o ensino religioso nas escolas públicas. Isso feito por um adepto do escolanovismo, Francisco Campos, ao assumir o cargo de Ministro da Educação em 1930. Disponível em: www.cch.ufv.br/revista/pdfs/vol5/artigo8vol5-1.pdf. Acesso em: 30.07.2022.

A trajetória dos livros de Ruy Bello, com múltiplas edições ao longo dos anos, evidencia a continuidade da influência da pedagogia católica. Além de Bello, outros autores e obras com orientação católica também deixaram sua marca nas escolas normais e cursos de pedagogia, destacando-se a importância dessa tradição no cenário educacional brasileiro do período. Em síntese, o que se tem evidenciado, então, é uma predominância da pedagogia católica em consonância com a hegemonia da visão de mundo cristã na sociedade brasileira.

Ruy Bello, esteve intimamente ligado ao grupo de intelectuais católicos, sendo ouvido em diversos espaços, tais como, escolas, igrejas, tribunas, comícios, e, através dos seus inúmeros artigos, publicados em jornais, revistas presentes em seus livros.

Sobre a posição contrária ao modernismo agnóstico que se firmava como verdade, a partir dos anos 30, afirma Saviani (2005):

Mas os renovadores tiveram que disputar o controle do espaço pedagógico, palmo a palmo, com os educadores católicos. No campo específico da pedagogia os católicos travaram um combate sem tréguas às novas idéias abraçadas pelo movimento dos renovadores da educação. Nessa tarefa se destacaram os líderes que compunham a elite intelectual leiga, vinculados, de modo geral, ao Centro Dom Vital, sendo figura destacada Alceu de Amoroso Lima (Saviani, 2005, p. 11).

O embate entre os renovadores da educação e os educadores católicos representaram uma intensa disputa pelo controle do espaço pedagógico no Brasil. Os católicos, em particular, lideraram uma batalha incansável contra as novas ideias propostas pelo movimento renovador.

Do lado dos liberais, ou seja dos renovadores da educação, havia esperanças para a educação brasileira nos anos de 1930, em decorrência das mudanças que se operavam nos campos político, econômico e cultural. Logo, vindo em 1932 o Manifesto dos pioneiros²¹⁷, segundo Saviani (2011): Chegou o momento então, de explicitar, para o povo e para o governo, as bases e diretrizes da reconstrução educacional (Saviani, 2011, p. 243).

²¹⁷ É inegável a importância dos Manifestos (O Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova em 1932 e O Manifesto dos Educadores: Mais uma vez convocados, publicado em 1959), especialmente do Manifesto de 32, para a estruturação da educação brasileira que ainda, nos dias atuais, se depara com problemas datados à época de suas produções. Perduram até os dias atuais diversos questionamentos que influenciaram suas origens, embora os contextos histórico, social e político do país fossem outros. O Manifesto de 32 causou um grande impacto à época, mas na prática não gerou ações concretas como o esperado. Mesmo assim é possível identificar diversos aspectos que foram inseridos em nossa estrutura educacional como um legado deixado pelos Pioneiros, como uma maior democratização do ensino, escolas públicas, gratuitas em todos os níveis, laica e obrigatória, mesmo que ainda longe do ideal (Lima, 2017, p.263).

No campo da pedagogia, os educadores católicos se opuseram firmemente às reformas e inovações educacionais propostas pelos renovadores. Essa oposição foi liderada por líderes proeminentes da elite intelectual leiga.

Essa batalha pelo controle da educação refletia não apenas diferenças de opinião sobre as práticas pedagógicas, mas também divergências ideológicas e filosóficas mais amplas sobre o papel da religião, da moral e da tradição na educação. Esses confrontos contribuíram para configurar o panorama educacional brasileiro e influenciaram o desenvolvimento da pedagogia e da política educacional no país.

O que impera nos livros de Ruy Bello foi sua leitura em defesa da pedagogia humanista cristã em detrimento da pedagogia moderna:

Nesse sentido, no âmbito do projeto de construção do homem, idealizado e perseguido no decorrer da Modernidade, a criança e a infância constituem o caminho por onde passa necessariamente tal construção. É por isso que está se afirmando que a Modernidade se apresentou em sua gênese e em seu processo de disseminação como um projeto que ainda hoje seduz, encanta e se renova, apesar das críticas de teor pósmoderno a afirmarem desconfiança ou mesmo a morte da referida Modernidade, ou seja: de um lado, esta teria fracassado e, num outro extremo, estaria sob suspeita (Araujo, 2015, p. 3).

Nesse contexto, dentro do projeto de construção do homem concebido e buscado ao longo da Modernidade, a criança e a infância assumem um papel crucial nesse processo. Ruy Bello de suas convicções filosóficas e religiosas via como objetivo máximo da obra educativa guiar a criança. “E indicamos ainda que não é o homem adulto, mas a criança, o verdadeiro objeto da educação”. (Bello, 1967, p. 29). Este entendimento deriva de outro em que a educação é uma direção impressa no desenvolvimento, com isto a criança se enquadra nesta atividade a priori.

Oliveira (2015) ressalta quanto o legado de Tomás de Aquino contribuiu para fortalecer o catolicismo:

Com a produção intelectual de Tomás de Aquino, a Igreja católica obteve significativos acréscimos que fortaleceram vários dos fundamentos indispensáveis à sua doutrina. Tais fundamentos influenciaram a sociedade civil seguidora do catolicismo. Esses fundamentos ocorreram sob diversos assuntos tratados nos campos da filosofia e da teologia. É comum comentarmos a respeito da tentativa tomista de provar a existência de Deus, do entendimento do homem na condição de um ser social, das especulações entre ente e essência, bem como nos referirmos aos conceitos de ato e potência herdados do pensamento de Aristóteles, dentre outros assuntos (Oliveira, 2015, p. 120).

Através da produção intelectual de Tomás de Aquino, a Igreja católica recebeu significativos acréscimos que fortaleceram vários dos fundamentos indispensáveis à sua doutrina. Esses fundamentos exerceram influência sobre a sociedade civil que seguia o catolicismo, abrangendo diversos temas nos campos da filosofia e da teologia.

Listamos abaixo os livros de Santo Tomás de Aquino²¹⁸ e Jacques Maritain²¹⁹ que estão presentes nas referências bibliográficas dos livros de Ruy Bello: “Introdução à Pedagogia” e “Filosofia Pedagógica”:

AQUINO, Tomás de, Santo.

- Summa Theologica, Domus Editorialis Marietti, Roma.
- Contra Gentiles, Marietti, Roma.
- Compêndio de Teologia, Trad. Espanhola, Editora Cultural Buenos Aires.
- De Magistro (De Veritate, Q.XI). Trad. De Leonardo Van Acker, Livraria Odeon, São Paulo.

MARITAIN, Jacques.

- Elementos de Philosophie, Tequi et Fils, Paris, 1939.
- Distinguer pour unir ou les degrés du savoir, Desclée, Paris.
- Quatre essais sur l'esprit dans la condition charnelle, Desclée, Paris.
- Humanisme interal. Fernand Aubier, Paris.
- Rumos da educação. Trad. de Inês Fortes de Oliveira, Agir, 1947.
- L'idée thomiste de la liberté, in Revue Thomista, Juillet- Septembre, 1939 (Bello, 1941, Sumário).

Ruy Bello se debruçou nessas fontes e procurou basear-se na filosofia de S. Tomás e seus discípulos. Com isso, a filosofia tomista²²⁰ contribuiu, diretamente, para a escrita de livros de Ruy Bello.

Frente o que estava no cenário político e social brasileiro, na época em que foram escritas as duas obras, **Introdução à Pedagogia** (1941 - 1ª edição) e **Filosofia Pedagógica**

²¹⁸ Tomás nasceu em 1225, no Castelo de Roccasecca, Condado de Aquino, no Reino da Sicília, filho de Landolfo e Teodora, de família nobre da Lombardia. Em 1230, com 5 anos de idade, os pais enviaram-no ao ilustre Mosteiro beneditino de Montecassino, onde recebeu as primeiras instruções para ler, escrever e ser iniciado na vida monástica (Faitanin, 2011, p. 11).

²¹⁹ Filósofo francês, nascido em Paris, a 18 de novembro de 1882, Jacques Maritain tem por avô um conhecido advogado, acadêmico, ministro e homem político, Jules Favres (1809-1880): família culta mas sem religião. Estudante na Sorbonne (licença de filosofia, 1900-1901), deixa-se atrair por Spinoza, antes de bifurcar para uma licença em ciências naturais. O noivado com Raissa Oumançoff, sua companheira de estudos na Sorbonne, data de 1902. Os dois casam-se em 26 de novembro de 1904, ano da recepção de Jacques no concurso da agregação de filosofia. Convertido em 1906. Primeiro seguiu Bergson, e acabou propugnando um tomismo adaptado a nossa época que restaure a metafísica cristã, diante do racionalismo antropocêntrico e do irracionalismo panteísta em que se debate o idealismo moderno. (In: <http://maritain.org.br/biografia/>).

²²⁰ São Tomás de Aquino, tornou-se um grande filósofo porque foi um grande teólogo, embora tenha se tornado mais conhecido no último século por sua filosofia, muito estudada, dada a vivacidade do seu pensamento. Ele foi verdadeiramente filósofo e teólogo, um verdadeiro scholar, no mais pleno sentido da palavra, que exprime bem o espírito de sua filosofia cristã. Seu labor sistemático expressa uma filosofia com um método próprio, que revoluciona a investigação da verdade, cuja essência não é saber o que os homens pensaram, mas qual é a verdade das coisas (Faitanin, 2011, p.22). Sobre o tema, ver dentre outros: Oliveira, Elói Maia de O Tomismo e a Educação: Da Ética das Virtudes à Prática Pedagógica. Marília, 2023.

(1953 – 2ª edição), se deu o momento de resgate do tomismo e incentivo a difundir a leitura de São Tomás de Aquino na sociedade:

[...] Dessa maneira, é salutar enfatizar que Tomás de Aquino se posiciona na história do pensamento ocidental com méritos intelectuais que a rigor apresentam-se dotados de plausibilidade. Marca considerável dessa herança plausível encontra-se na adoção de princípios da filosofia tomista por intelectuais do mundo todo, dentre eles o brasileiro Alceu de Amoroso Lima – o Tristão de Athayde (Oliveira, 2015, p. 118).

A força dos líderes católicos, neste objetivo, foi reforçada nos textos, como por exemplo, na Encíclica *Aeterni Patris*²²¹ e na *Rerum Novarum*²²². Esse movimento foi uma reação frente à renovação enfrentada pelos católicos no início do Século XX contra o liberalismo.

Reivindicava a Igreja espaços que sofreram o processo de laicização. Os intelectuais católicos ativamente agiriam para intervir na sociedade fortalecendo as demandas políticas e ideológicas da Igreja diante do Estado.

4.1 A Pedagogia Humanista Cristã²²³

Antes de adentrar, em linhas gerais, por um conceito da pedagogia humanista cristã, vejamos sobre o humanismo²²⁴:

Devemos nos perguntar qual é a condição indispensável de um humanismo cristão. E ainda antes: quando podemos falar de um humanismo? Parece que se poderia resumir em dois os pressupostos de um humanismo, que percebe a prioridade do homem a partir da prioridade de Deus, ou filosoficamente falando, da prioridade do Absoluto. O primeiro está na questão da verdade, uma exigência fundamental de todo homem de todos os tempos. O segundo é

²²¹Pelo Papa Leão XIII em 04.08.1879. Título: Epístola Encíclica *Aeterni Patris* do Sumo Pontífice Leão XIII – Sobre a Restauração da Filosofia Cristã conforme a Doutrina De Santo Tomás De Aquino.

²²² Carta Encíclica «*Rerum Novarum*» de 1891 Do Sumo Pontífice Papa Leão XIII - A Todos Os Nossos Veneráveis Irmãos, Os Patriarcas, Primazes, Arcebispos e Bispos do Orbe Católico, em Graça e Comunhão com a Sé Apostólica.

²²³ “Humanismo cristão” e “Educação” são dois conceitos antigo à procura de nova feição na crise de civilização pela qual passa nosso mundo. Nosso propósito é relacionar cada um com as condições vigentes da humanidade e sobretudo enxergar o Humanismo cristão. no Brasil, como processo educativo, ou determinada inspiração de tal processo, e a Educação como um processo que leve a humanidade a uma vivência mais conforme aos valores pregados pelo Cristianismo (Lepargneu, 2024, p. 5).

²²⁴ Do latim *humanistas*. Atitude filosófica que faz do homem o valor supremo e que vê nele a medida de todas as coisas. Movimento intelectual que surgiu no renascimento. Lutando contra a esclerose da filosofia escolástica e aproveitando-se de um melhor conhecimento da civilização grego-romana, os *humanistas* (Erasmus, Tomás Morus etc.) se esforçaram por mostrar a dignidade do espírito humano e inauguraram um movimento de confiança na razão e no espírito crítico. Por uma espécie de deslocamento, o termo "humanismo" tomou dois sentidos particulares: a) na filosofia, designa toda a doutrina que situa o homem no centro de sua reflexão e se propõe por objetivo procurar os meios de sua realização; b) na linguagem universitária, designa a ideia segundo a qual toda formação sólida repousa na cultura clássica (chamada de humanidades). Gregório, Sergio Biagi. Dicionário de Filosofia. Disponível em: <https://sites.google.com/site/sbgdicionariodefilosofia/humanismo>. Acesso em: 06.07.2023.

a consequência da consciência da verdade e se põe propriamente na exigência de uma viva relação entre natureza e graça, entre religião e fé, entre filosofia e teologia (Grocholewsk, 2009, p. 44).

O conceito de homem, no discurso humanista cristão, vai sendo reafirmado²²⁵. E, nas palavras do Papa João Paulo II, que corrobora: “Para fundamentar corretamente o humanismo cristão é necessário partir do homem, mas não de um homem qualquer, como se apresenta na contingência e limitação, mas antes do homem perfeito que o cristão encontra revelado em Jesus Cristo, Filho do Pai Eterno” (JOÃO PAULO II, 1979, s.p.).

Em uma sistematização elaborada por Saviani (1983)²²⁶, vê-se predomínio da tendência humanista tradicional até 1930; equilíbrio entre tendências humanistas tradicional e humanista moderna; predomínio da tendência humanista moderna de 1945 a 1960.

Quadro 9 - Humanismo.

HUMANISMO	
TRADICIONAL	MODERNO
A concepção humanista tradicional está marcada pela visão essencialista de homem. O homem é entendido como constituído por uma essência imutável, cabendo à educação conformar-se à essência humana. A concepção humanista tradicional se distingue em duas vertentes. Temos a vertente religiosa, que tem suas raízes na Idade Média e cuja manifestação mais característica tem como base as correntes do tomismo e do neotomismo. A outra é a vertente leiga, que é centrada na ideia de “natureza humana”. Essa vertente que inspirou a construção dos “sistemas públicos de ensino” com as características de laicidade, obrigatoriedade e gratuidade ²²⁷ .	A concepção humanista moderna abrange correntes como o Pragmatismo, Vitalismo, Historicismo, Existencialismo e Fenomenologia. Se difere da concepção tradicional, com uma visão de homem centrada na existência, na vida e na atividade. Na visão tradicional dá-se um privilégio do adulto, considerado o homem acabado, completo, em oposição à criança, ser imaturo, incompleto. Na visão moderna, sendo o homem considerado completo desde o nascimento e inacabado até morrer. Admite-se a existência de formas descontínuas da educação, em dois sentidos. No primeiro sentido considera-se que a educação segue o ritmo vital que é variado, determinado pelas diferenças existenciais ao nível dos indivíduos. No segundo sentido, na medida em

²²⁵ Conjecturamos que o início da interpretação de Tomás de Aquino por Maritain tem por base elementos do integrismo francês, isto é, do pensamento conservador, contrarrevolucionário e antimoderno. Evocando suas “memórias pessoais”, argumentou: “três ou quatro anos após a minha entrada na Igreja, jamais havia encontrado na Action Française, nenhum livro aberto de Maurras” e criticava o desconhecimento do autor por parte dos seus integrantes, concluiu que ele mesmo “deveria examinar a obra política de Maurras, à luz dos princípios de Santo Tomás” (Maritain, 1984, p. 759 *apud* Souza, 2022, p. 4).

²²⁶ Saviani, Dermeval. Tendências e correntes da educação brasileira. In: Mendes, Durmeval Trigueiro (Coord.). Filosofia da educação brasileira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

²²⁷ Pela laicidade se evitará que o ambiente escolar seja perturbado por crenças e disputas religiosas. Pela gratuidade, se garantirá o acesso de todos às escolas oficiais. Pela obrigatoriedade se estenderá progressivamente o ensino até os 18 anos, evitando que as crianças e os jovens sejam prejudicados pela ignorância dos pais ou responsáveis e pelas contingências econômicas. Finalmente, pela coeducação não se permitirá a separação entre alunos de um e outro sexo, a não ser quando justificada por aptidões psicológicas ou profissionais: pondo-os no mesmo pé de igualdade e envolvendo todo o processo educacional, torna mais econômica a organização da obra escolar e mais fácil a sua graduação. (Manifesto, 1984, p. 414. In: Saviani, 2011, p. 245-246).

	que os momentos verdadeiramente educativos são considerados raros, passageiros, instantâneos. São momentos de plenitude, porem fugazes e gratuitos.
--	---

Fonte: Elaborado pela autora a partir de Saviani (1983, p. 24 e 25).

No caso da pedagogia, diz Ruy Bello: “A questão da finalidade, dos meios, do objeto, dos agentes da educação, etc. são problemas que ficam necessariamente dentro da orbita da pedagogia” (Bello, 1941, p. 16).

Em relação à educação, o humanismo vem sendo estudo para identificar o processo educativo pelo qual o homem se desenvolve²²⁸. “Sendo a educação uma obra essencialmente humana, é necessariamente finalista, desde que, como ser racional, não pode o homem agir humanamente, isto é, consciente e voluntariamente sem a consideração e um fim a atingir” (Bello, 1953, p. 34).

Em qualquer comparação, precisa-se pensar quanto à finalidade e à intencionalidade de cada percurso a ser seguido como escolha do método para tomada de decisão.

4.2 Conceitos principais quanto à pedagogia em Ruy Bello

Uma das primeiras problematizações feitas por Ruy Bello no seu livro ‘Introdução à Pedagogia’ (1941), foi sobre o surto do progresso das várias ciências auxiliares da pedagogia.

Segundo Bello, a intencionalidade era de reduzir a Pedagogia aos fundamentos destas outras ciências, que ele menciona: o psicologismo, o biologismo, o didaticismo, o sociologismo pedagógicos, todas classificadas como ciências subsidiárias a Pedagogia²²⁹.

A Pedagogia que tem seu objeto próprio que é a Educação, assume assim o domínio de pensar sobre os problemas advindos da pedagogia. Ou seja, a Pedagogia vai se ocupar de pensar sobre a finalidade educativa, os meios, o objeto, os agentes da educação.

²²⁸ O impacto da temática e inspiração do Humanismo Cristão na Educação Brasileira levanta problemas tão delicados quanto importantes. Este impacto merece ser objetivamente examinado tanto em nível de ensino propriamente dito (currículos, orientação educacional por parte das diretorias de estabelecimentos de ensino e dos professores, motivações e atuações dos alunos e estudantes) quanto em nível de vivência nacional. uma vez que o destino do HC não é simplesmente de alimentar teorias e exposições. mas de inspirar atuações profissionais, reformas sócio-econômicas e políticas, motivar, numa palavra, um real progresso da convivência nacional, salvaguardando o pluralismo democrático (Lepargneu, 2024, p.21).

²²⁹ Como ciência, a Pedagogia assume o princípio fundador de estudar a prática educativa em seus contextos e múltiplas determinações para equipar os sujeitos, profissionais da educação, incluindo professores/as e pedagogos/as, na perspectiva de promoção de uma educação humanizadora. Isso significa que o objeto da ciência pedagógica é a educação que se manifesta em diferentes modalidades e contextos. Para compreendê-lo e nele intervir, a Pedagogia constrói seu objeto no diálogo com outras ciências que também se debruçam sobre a complexidade do humano, orientando-se à investigação das finalidades, dos saberes, dos métodos, dos sujeitos e dos contextos educativos, assim como seus próprios procedimentos investigativos (Pimenta, Pinto e Severo, 2022, p.4).

Contra todas essas deturpações do conceito da pedagogia nós reafirmamos o ensinamento tradicional, segundo o qual a pedagogia é uma ciência autônoma, complexa, com um objeto formal determinado, estudando problemas que lhe são próprios e que não cabem na compreensão de qualquer outra ciência (Bello, 1941, p. 22).

Ruy Bello compreende a independência da pedagogia quanto às demais ciências auxiliares, mas assegura que estas ciências tem subsídios para a solução de problemas pedagógicos. Essa visão sugere uma interconexão complexa entre diversas áreas do conhecimento que contribuem para a compreensão e a prática pedagógica. “Todos os ramos dos conhecimentos humanos guardam entre si uma relação mais ou menos estreita e se prestam mutuamente subsídios mais ou menos relevantes” (Bello, 1941, p. 27).

Sobre os subsídios que as ciências auxiliares legam à Pedagogia, elaboramos um quadro síntese a partir de Bello:

Quadro 10: Ciências auxiliares à Pedagogia por Ruy Bello

Psicologismo Pedagógico	Biologismo Pedagógico	Sociologismo Pedagógico
Ninguém deve desconhecer o valôr dos subsídios que a psicologia traz aos problêmas da educação e que a qualificam como uma das mais importantes ciências auxiliares da pedagogia. Uma educação que começa desconhecendo a psicologia do educando, não tem qualquer probabilidade de êxito. Mas é preciso ter em conta uma circunstância essencial que foi incompreensivelmente esquecida por certos pedagôgos experimentalistas. É que, se a pedagogia se utiliza da psicologia. Ela o faz de um ponto de vista próprio, alheio a esta ciência e que recebe inspirações da filosofia, da ética, da cultura, da vida social, ou, numa só palavra, daquilo que foi chamado por FOERSTER "ciência do ideal", e que, segundo êle, é a principal das ciências auxiliares da pedagogia. A pedagogia não pode desconhecer a psicologia, mas não basta conhece-la para atingir sua finalidade (Bello, 1941, p.16).	Se baseia no pressuposto de uma harmonia natural de todas as forças vitais, quando entregues a si mesmas, as quais se desenvolveriam no sentido das mais elevadas finalidades culturais. De acordo com esse ponto de vista, a educação seria apenas um auto-desenvolvimento, ou para usar uma expressão já consagrada, uma ‘evolução creadora’. A pedagogia reflexiologista e a psico-analítica são modalidades do biologismo pedagógico, pois identificam a finalidade e os métodos da biologia e da pedagogia, abstraindo os valores morais que dão sentido à obra educativa e reduzindo a educação a simples processo de incentivação das função vitais, com o fim exclusivo ou predominantes de manter a vida física na sua plenitude, valorizando-a, do ponto de vista puramente material (Bello, 1941, p. 21).	O homem é um sêr social, e a educação não pode perder de vista essa realidade. Mas o homem não sendo uma astração, um simples elemento da sociedade como pretende o "sociologismo", tem uma personalidade, uma realidade própria, que independe da realidade social, O "sociologismo" pedagógico esquece isso e vê apenas na criança o futuro membro de uma sociedade na qual procura integrá-la, ou melhor absorvê-la, postulando que a educação é obra da sociedade para a sociedade e que, por conseguinte, todos os problêmas de educação, em última análise, são problêmas sociais. Dessa forma a pedagogia fica reduzida a um aspecto particular da sociologia (Bello, 1941, p. 22).

Fonte: elaborado pela autora .

Os problemas da educação, são problemas da Pedagogia. O “psicologismo pedagógico”, “biologismo pedagógico” e “sociologismo pedagógico”, oriundos de ciências auxiliares, psicologia, biologia e sociologia, corroboram nas soluções para estes problemas.

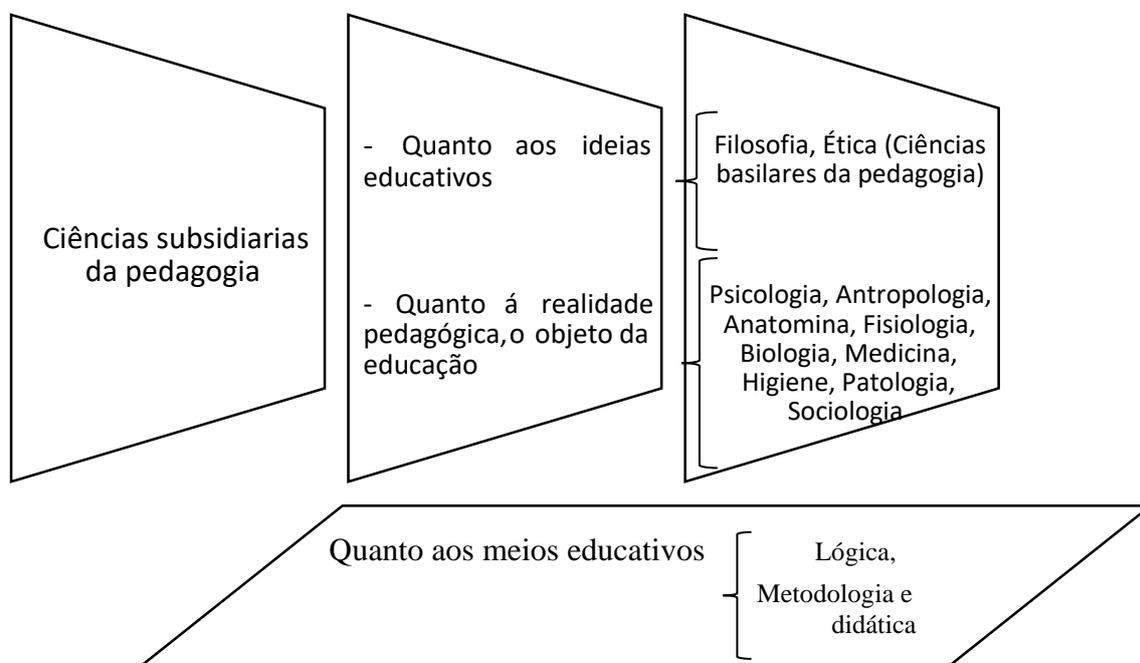
Com isto, Bello sistematiza alguns aspectos em que estas ciências auxiliares junto à Pedagogia irão desempenhar um papel fundamental no estudo e na prática educacional, fornecendo insights, métodos e abordagens que enriquecem a compreensão do processo educativo. São eles:

a) *O ideal pedagógico*: o estudo dos ideais da educação o problema fundamental da pedagogia;

b) *A realidade pedagógica*: se refere ao objeto da educação, a criança, cujo conhecimento condiciona o êxito da ação educativa. Para chegar a esse conhecimento do objeto da educação precisa a pedagogia socorrer-se de todas aquelas ciências que têm o homem como seu objeto material, a saber: a psicologia, a antropologia, a anatomia, a fisiologia, a biologia, a medicina, a higiene, a patologia e, ainda, a sociologia, que estuda o homem nas suas relações com o meio em que ele vive.

c) *O método pedagógico*: deve ser considerado o problema dos meios educativos, para cuja solução a pedagogia receberá subsídios da lógica, da metodologia e da didática.

Figura 68 – Colaboração das ciências auxiliares da Pedagogia



Fonte: Elaborado pela autora

Ruy Bello afirma que não se deve pensar, apenas, nos problemas de cunho teórico que advém da educação. Mas, são através dos problemas pedagógicos que a Pedagogia cuida de dar solução de questões práticas para compreensão e explicação de muitos problemas educacionais.

Nas palavras de Saviani (2006, p. 31): “[...] Poder-se-ia dizer que o objetivo final da teoria da educação é a prática pedagógica, isto é, o modo como é organizado e realizado o ato educativo” e o da “Pedagogia é a educação”. Esse ato educativo é descrito por Ruy Bello como “um ato intencional, concebido com inteligência e responsabilidade, que não se pode confundir com uma simples função biológica” (Bello, 1941, p. 21).

O biologismo pedagógico, considera a natureza, submetendo-se a ela. Diferentemente dessa abordagem Ruy Bello, defende que em relação à finalidade educativa, surge a concepção de que a educação é uma construção humana, deliberada e voluntária, com metas externas estabelecidas pelo ser humano conforme a corrente filosófico-pedagógica que se adota. “Dissemos que o caráter finalista do ato pedagógico decorre da definição que adotamos e isso é evidente pois nela se diz que a forma característica do ato educativo é a sua voluntariedade. O que é voluntário é consciente, intencional, visando um determinado fim”. (Bello, 1941, p.41).

A presença de um ideal, tenderia a acrescentar ao sentido instrutivo da educação, também o educativo. Assim, segundo Bello (1953) a educação é por fim:

[...] no estrito sentido, uma influência sistemática, isto é, influência que se processa mediante normas sistematicamente preestabelecidas, obedecendo a um planejamento mais ou menos complexo, traduzido na instituição da escola, com o seu horário, currículo, programas, regulamentos, normas, disciplinas, etc., enquanto a educação, no sentido lato²³⁰, não obedece necessariamente a qualquer sistematização, processando-se de maneira ocasional, difusa e aleatória (Bello, 1953, p.36).

Há uma crítica fundante nas obras de Ruy Bello quanto a questão naturalista da educação. O que o autor chama de “pedagogia naturalista²³¹”. Cita o educador Hebert

²³⁰ Alguns agentes que Ruy Bello elenca como meio indireto da educação são: a literatura, a arte, os órgãos de informação: jornal, rádio, etc.

²³¹ Nos anos de 1940, a pedagogia naturalista estava enraizada em ideias que valorizavam a experiência direta e a observação da natureza como fundamentais para o processo educativo. Inspirada em pensadores como Rousseau, Pestalozzi e Froebel, essa abordagem enfatizava o desenvolvimento natural das crianças, buscando promover um ambiente educacional mais próximo da vida cotidiana e das experiências práticas. A ênfase estava na aprendizagem através da atividade, da experimentação e do contato direto com o ambiente natural e social. Esse

Spencer, responsável por teorizar que a educação deveria ser orientada pelo princípio da adaptação ao meio ambiente, permitindo que os indivíduos se desenvolvessem de acordo com suas capacidades naturais. Eis a crítica de Ruy Bello:

[...] Essa pedagogia vê no homem apenas os seus aspectos inferiores, a animalidade, e toda a sua preocupação se limita em aperfeiçoar, desenvolver essa animalidade, formando no homem aquele bom animal que para Spencer²³² condiciona o êxito nesta vida. [...] A pessoa humana não pode seccionar-se afim de ser educada por etapas sucessivas²³³. Afirmamos isso contra o naturalismo pedagógico só preocupado, ou ao menos, principalmente preocupado com a educação física, e contra o laicismo que proscreve toda influência religiosa na educação. Nem a educação física independe da educação moral, nem a educação moral independe da educação religiosa. Porque não é apenas um animal que é o objeto da educação física, nem uma vontade que constitui o fim da educação moral. Mas o homem, o homem total é que é o objeto da educação geral, isto é, o homem da natureza, o homem da moral e o homem da graça (Bello, 1941, p. 79).

Do que foi exposto acima, aponta a crítica de Ruy Bello a concepção natural evidenciada. Nas suas definições ele afirma ser pregado por este sistema naturalista uma redução do espírito à natureza, a alma ao corpo, a psicologia à biologia, o homem ao animal, o pensamento ao cérebro, o psíquico à fisiologia e à finalidade ao mecanicismo, além da religião à mitologia.

A questão da coeducação²³⁴ também foi discutida por Ruy Bello. Uma das mudanças na mentalidade brasileira para a instrução pública nos fins do Século XIX foi a coeducação

período viu um interesse crescente na educação ao ar livre, na valorização do jogo e da expressão artística como formas de aprendizagem, refletindo uma visão mais holística do processo educacional.

²³² Herbert Spencer (1820-1903), filósofo inglês, nasceu em Derby, Inglaterra. Embora filho de professor, não frequentou escola. Sua concepção educacional é avançada para o século XIX, dado que destaca a importância da observação dos fatos e não a abstração e o ensino de princípios como ponto de partida para a construção do conhecimento. Spencer coloca em relevo os problemas da educação intelectual, moral e física. Sobre o tema ver entre outros: Mendonça, Samuel. Herbert Spencer e os princípios dirigentes da educação intelectual. Anais da 36ª Reunião Nacional da ANPEd – 29 de setembro a 02 de outubro de 2013, Goiânia-GO.

²³³ “Assim, para a pergunta que formulamos – quais são os conhecimentos de maior valor? - há uma resposta uniforme – a Ciência. É o veredito para todas as interrogações. Para a conservação própria, para a conservação da vida e da saúde, o conhecimento mais importante é a ciência. Para a indireta conservação própria, o que se chama ganhar a vida, o conhecimento de maior valor é a ciência. Para o justo desempenho das funções da família o guia mais próprio só se encontra na – Ciência. Para a interpretação da vida nacional, no passado e no presente, sem a qual o cidadão não pode justamente regularizar o seu procedimento, a chave indispensável é a ciência. Para a produção mais perfeita e para os gozos da arte em todas as suas formas, a preparação imprescindível é ainda a ciência, e para os fins da disciplina intelectual, moral e religiosa – o estudo mais eficaz é, ainda uma vez, a ciência”. (Spencer, 1888, p.86. In: Gatti Jr e Santos, 2022, p.312).

²³⁴ “Na terminologia pedagógica, coeducar se refere ao ato educativo no qual ambos os sexos aprendem na mesma escola, na mesma classe, nas mesmas horas e utilizando-se os mesmos métodos, as mesmas disciplinas e com os mesmos professores, todos sob uma direção comum” (Almeida, 2005, p.67).

que surge com base no ideal de igualdade e alteridade²³⁵. A coeducação também revela sua importância na feminização da instrução primária no Brasil. Ação inspirada nos modelos educacionais importados da Europa, “[...] juntos, preparando-os mais eficazmente para a futura vida em comum, e insistiam na sua aplicação nas escolas públicas primárias, secundárias e normais, apontando-lhe os méritos e as conveniências” (Almeida, 2005, p. 67).

Essa questão de coeducar emerge nas discussões do autor Ruy Bello, de forma a receber explicações de cunho não favorável à sua existência. “A coeducação é, pois, um sistema que não encontra justificativa nem na realidade psicológica da criança, nem nos ideais da educação” (Bello, 1941, p. 186).

A receptividade negativa de Ruy Bello para a coeducação²³⁶, se assemelha a uma mentalidade de influência da Igreja Católica que defendia, além da domesticação das mulheres, a separação dos sexos até o matrimônio, pensamento conservador que muito ajudou na resistência a implantação da coeducação no Brasil:

[...] a psicologia diferencial dos sexos, segue-se que cada um destes precisa de receber um tratamento pedagógico revestido de modalidades especiais, não se justificando, pois, a coeducação, em face da realidade psicológica da criança, essa mesma realidade psicológica que tanto preocupa os pedagogos modernos. Se a escola deve levar em conta a psicologia, e se as observações e experiências evidenciam a existência de uma psicologia diferencial do homem e da mulher, não pode deixar de haver, também, uma pedagogia diferencial dos sexos (Bello, 1941, p. 191).

Verifica-se arrimado em Ruy Bello (1941) que os sistemas pedagógicos se a concepção de vida e a ciência da educação, variando pelos distintos sentidos de vida que vigoram em cada época ou em cada meio social. Na sociedade:

Assim sendo, não é possível ao homem viver sem ética. O ser humano é um ser de relações, e a busca por ser ético é que pauta tais relações. Não é possível não ser ético, ou seja, não é possível experienciar relações humanas sem ética. Esta define a qualidade do relacionamento humano. E toda profissão é um fenômeno respondente à sociabilidade, na medida mesmo em que estão implícitas, na relação entre o profissional e o usuário, expectativas a serem satisfeitas. Particularmente, a profissão docente se direciona para a produção de outros sujeitos humanos, sendo que o promotor é também um sujeito humano (Araujo, 2002, p. 42).

²³⁵ A inserção da mulher em espaços civis enfrentou a polêmica e a autoridade da sociedade patriarcal que destinava ao homem a vida pública, através dos estudos, da política e do trabalho. Araujo (2000) afirma que a mulher era vista sob diferentes óticas: (1) caráter biologista, religioso e moral, que considerava as mulheres como sendo limitadas por suas condições naturais a atuar apenas nas tarefas domésticas e na criação dos filhos; (2) caráter liberal, que pressupõe as mulheres tendo direito a uma instrução mais completa, que lhes permita compreender melhor as mudanças pelas quais a vida econômica e política estava passando, contribuindo na formação dos filhos e mesmo podendo exercer uma profissão (Silva, 2005, p.119).

²³⁶ Lembramos que essa questão da co-educação foi apresentada no segundo capítulo, com uma mudança de mentalidade, já nos últimos anos de vida Ruy Bello faz uma enaltação as mulheres que conviveu na Escola Normal Pinto Júnior.

Como também na educação:

Se na vida da sociedade as questões éticas se impõem e atraem a participação das pessoas, não poderia deixar de ser diferente, pela dimensão de sua inserção no universo social, no âmbito educação e da escola. As postulações éticas também aí estão presentes: tanto no encaminhamento da reflexão sobre os grandes temas que são debatidos na sociedade como por questões específicas da área educacional. Afinal, a escola prepara os futuros cidadãos para a vida, para a participação política, para o trabalho, para suas responsabilidades como pessoas humanas e, nesse, caso as questões éticas não poderiam ficar de fora do ambiente escolar (Gonçalves Neto, 2011, p.118)²³⁷.

A ética adentra as discussões de Ruy Bello pelo entendimento de que a educação, sob qualquer um dos seus aspectos, é uma obra sobretudo moral, é preciso colocar-se como ciência fundamental da pedagogia à **ética**.

Ruy Bello vincula o conceito de ética à explicação da moral. O autor se apoia nas explicações de De Hovre²³⁸ (1927, p. 29): “toda pedagogia se baseia numa filosofia da vida”²³⁹.

Criticar o caráter fragmentário e unilateral da pedagogia moderna tem sido feita por cuja obra orgânica e harmoniosa é uma afirmação expressiva da força, da grandeza e da vitalidade da pedagogia "perennis" do Cristianismo. Segundo Bello (1953): “Acresce, ainda que, como lembra Maritain, a educação é uma arte, de natureza ética. E toda arte é, em si mesma, uma tendência dinâmica em direção a um determinado objetivo” (Bello, 1953, p. 36).

Ruy Bello também reforça a compreensão de que a moral está intimamente ligada a uma filosofia. E a Filosofia de forma indireta serve de fundamento à ciência da educação, cuja base mais próxima é a moral.

Atualmente, quando se quer retirar à ciência da educação a sua base filosófica e moral, o que se vê é a própria existência da pedagogia como ciência autônoma começando a ser discutida. E a crise que atualmente se registra em todo o campo da educação, resulta, conforme depõem os mais autorizados cultores da ciência pedagógica, desse divórcio entre a pedagogia e a filosofia (Bello, 1941, p. 30)

²³⁷ Sobre o tema da ética ver entre outros: Veiga, Ilma Passos Alencastro; Araujo, José Carlos Souza; Kapuziniak, Célia. *Docência: uma construção éticoprofissional*. Campinas: Papirus, 2008.

²³⁸ Doutor em Filosofia e professor de Pedagogia em Gande, Bruxelas e Antuérpia, Franz de Hovre (1884-1958) é um dos intelectuais católicos mais citados entre os sistematizadores de uma pedagogia filosófica de teor católico e sob as diretrizes da encíclica *Divini illius magistri* do Papa Pio XI acerca da educação cristã da juventude (Silva, 2014, p. 51)

²³⁹ De Hovre, L. *Essai De Philosophie Pedagogique*, Bruxellas. In: Bello, 1941, p.29.

As desconexões entre esses campos, Filosofia e Pedagogia, nos anos 40 do Século XX, era considerada como uma das causas da crise da pedagogia neste período²⁴⁰.

Essa opinião é defendida por grande número de filósofos e pedagogos colocados nas mais diversas posições especulativas e entre os quais podemos destacar Bode, Wheeler, Paulsen, Eucken, Foerster, Chesterton, Max Scheler, Spearman, Russel, Hutchins, Peter Wust e Maritain. Mas a crítica mais ampla, profunda e sistemática do caráter fragmentário e unilateral da pedagogia moderna tem sido feita por De Hovre cuja obra orgânica e harmoniosa é uma afirmação expressiva da força, da grandeza e da vitalidade da pedagogia "perennis" do Cristianismo (Revista A Ordem, Dez, 1947, p. 74).

Ruy Bello elabora algumas conclusões sobre o civismo e a pessoa, enfatizando que: “Enquanto a educação social considera o homem como membro de uma coletividade indelimitada, a educação cívica o considera de uma maneira mais particular, como cidadão de uma determinada pátria” (Bello, 1941, p. 209).

Nas primeiras décadas da República no Brasil, teve o fortalecimento de manifestações nacionalistas, sendo fruto da influência do desejo de uma República laica e positivista que se instala no país. A educação moral e cívica é institucionalizada com o objetivo de formar cidadãos, a desenvolver sentimentos patrióticos, transmitir sistemas de valores cívicos²⁴¹.

Se na educação nacional, o fim a que se destina, é formar o bom cidadão, a educação geral visa o aperfeiçoamento da pessoa humana²⁴², tendo, assim, um fim absoluto ao qual se subordinam todos os fins relativos e contingentes.

A pátria é alguma coisa de mais substancial, mais concreta e real do que a sociedade. O conceito de pátria inclui o conceito de sociedade, sob a forma jurídica de estado, mas inclui, igualmente, outros fatores - como o meio físico, a comunhão da língua, da cultura e dos valores históricos etc. Por isso, a educação nacional ou cívica é ainda mais particular, mais limitada do que a educação social, e também mais complexa (Bello, 1941, p. 210).

A educação na pedagogia humanista cristã passa a ter características essenciais pelas quais pode ser definida e que essa definição é um dos primeiros e fundamentais problemas que devem ser abordados pela pedagogia, afim de que se torne preciso e perfeitamente caracterizado o seu objeto.

²⁴⁰ Sobre a relação entre a Pedagogia e a Filosofia, ver entre outros, Dermeval Saviani. Contribuições da filosofia para a educação. Em aberto, Brasília, ano 9, n.45, p.3-18, jan./mar. 1990.

²⁴¹ Sobre o tema do civismo educacional ver entre outros: Gomes, Angela de Castro. República, educação cívica e história pátria: Brasil e Portugal. ANPUH – XXV Simpósio Nacional de História – Fortaleza, 2009.

²⁴² Sobre a noção de pessoa: [...] nem romanos nem gregos conheciam a identidade insubstituível, de valor e dignidade, que é cada indivíduo, escravo ou livre. Este conceito foi elaborado pelos primeiros quatro concílios do Cristianismo para falar adequadamente do Deus uno e trino, de Cristo que, em sua pessoa, une as naturezas humana e divina. A partir da Cristologia, depois, se passou a aplicá-lo aos homens. (ZILLES, 2011, p. 25, In: Messias e Severino, 2023, p.8)

É necessário ainda esclarecer que, conceitualmente, educação difere de pedagogia, mas esta visa aquela, ou seja, educar implica pedagogia; por isso, não pode conceber a pedagogia apenas como uma prática. Metaforizando o ditado popular, a prática não se faz isenta da gramática. Ou seja, a teoria e a prática incidem uma sobre a outra na constituição da pedagogia, a qual tem como mira a educação, operacionalizando-a, mas sem se reduzir à operacionalização (Araujo, 2009, p. 194).

A definição de educação é posta para entender que dela “deve referir o fim, o objeto, o agente e a forma característica do ato educativo. Nesse sentido, a definição de Henri Marion corrobora: "Educação é um conjunto de ações voluntárias pelas quais o homem procura elevar seu semelhante à perfeição" (Bello, 1941, p.38).

Ruy Bello considera a definição de educação de Marion, como sendo exata e adequada convindo perfeitamente ao objeto definido e só a êle, como exige a lógica: *omni et soli definito*, contendo todos os seus elementos essenciais: a forma característica do ato pedagógico: ações voluntárias, a causa final da educação - a perfeição do homem. O objeto e o agente da educação - o homem.

Essa definição de educação exclue o antifinalismo pedagógico e a confusão da educação humana com o adestramento animal e restringe o sentido demasiado amplo que às vezes se dá à educação, considerada como uma sôma de influências de várias espécies que possam atuar sobre o desenvolvimento humano (Bello, 1941, p. 41).

Na síntese que Ruy Bello esboça sobre a educação, ele atribui ao termo o significado, tanto como sendo o ato de educar como o resultado desse ato. Não é o homem adulto, mas a criança o verdadeiro objeto da educação. Em suma, a educação é a influência intencional, direta e sistemática do homem adulto sobre a criança com o fim de promover a plena realização de sua humanidade.

É claro que nem toda influência do adulto sobre a criança se caracteriza como educação. Há influências benéficas e influências nocivas, influências que visam a desenvolver no homem todos os atributos que são peculiares e influências que causam o aviltamento da natureza humana. Isso é tão claro que dispensa qualquer demonstração. Por isso, se inclui na definição de educação o seu fim essencial: promover na criança a plena realização de sua humanidade, isto é, de todas as qualidades especificamente humanas (Bello, 1953, p. 34).

Portanto, a definição de educação inclui seu propósito fundamental: promover na criança a realização completa de sua humanidade, ou seja, o desenvolvimento de todas as características específicas humanas. E isto depende de uma boa interação e a influência entre adultos e crianças.

A educação tem na criança seu objeto. A aquisição de hábitos é própria do homem, por isso só ele pode ser educado, no sentido tomista.

Ao contrário do que pretendem os biopedagogistas, a educação é uma influência e não um autodesenvolvimento natural e espontâneo. Mas não é uma influência de qualquer natureza ou de qualquer origem e sim influencia humana. Assim o objeto da educação no estrito sentido, é o homem em desenvolvimento, a criança, o que quer dizer que os animais não são educáveis e, ainda que, sendo a educação uma orientação que se imprime ao desenvolvimento humano, supõe esse desenvolvimento” (Bello, 1953, p. 37).

Ruy Bello enfatiza que uma educação por via da evolução natural e espontânea, coloca o educador com a missão de exercer apenas sua supervisão, sem que possa causar nenhuma perturbação para o desenvolvimento natural do educando. O papel do educador para Ruy Bello:

Baseados num conceito de educação como influência positiva, exercida não apenas sobre o ambiente, mas, também diretamente sobre o educando, através da quántupla função de estimular, orientar, instruir, exercitar e corrigir, atribuímos à missão educativa uma dignidade uma responsabilidade muito maior do que a de simples vigilância, que lhe atribuem os pedagogos modernos (Bello, 1953, p. 143).

É absolutamente necessário que o educador possua uma vontade firme e autônoma, como base para a formação do caráter moral:

E como o caráter só se pode construir sobre uma base religiosa e, também, porque só o amor dos nossos semelhantes pode tornar fecunda a missão do educador e esse amor é inseparável da religião, conclui Kerschensteiner²⁴³ que a religiosidade seja uma virtude fundamental do educador (Bello, 1953, p. 143).

A atuação do educador será no espaço escolar, sendo que:

A escola pode, efetivamente, ser conceituada como um ambiente organizado, em ordem à educação. Os fatores educativos desse meio organizado provem das suas condições propriamente pedagógicas – as suas instalações, o seu aparelhamento didático, e, sobretudo, das suas condições morais – o nível de moralidade dos alunos, a maneira como se pratica a disciplina como se exerce a autoridade do professor, etc. (Bello, 1953, p. 198).

²⁴³ Georg Kerschensteiner nasceu na Alemanha, na cidade de Munique, em 24 de julho de 1854, e estudou nas escolas de sua cidade natal até os doze anos, quando mudou-se para Freising, obtendo, assim, uma experiência própria da vida escolar daquela época. Ainda em Freising, cursou a carreira de magistério no seminário ou escola normal. Em 1876, foi nomeado professor de uma escola rural na Baviera, cargo que exerceu durante três anos, retomando, assim, suas experiências pedagógicas, que lhe seriam futuramente de muito valor (LUZURIAGA, 1961, In: Bueno, Farias e Ferreira, 2012, p. 439).

A escola pode ser considerada, de fato, como um ambiente estruturado com o propósito da educação. Os elementos educativos desse ambiente organizado derivam das suas características pedagógicas específicas – suas instalações, seu equipamento didático e, especialmente, de suas qualidades morais – o padrão de moralidade dos alunos, a forma como a disciplina é aplicada e como a autoridade do professor é exercida, entre outros aspectos.

A educação para ser eficiente para o educando exige um agente externo, sem o que não pode normalmente efetuar-se. Assim:

Não se pode desconhecer que, ao menos no que se refere à instrução, pode o homem prescindir, em alguns casos; do auxílio do mestre, pois, como está no ensinamento tomista, a ciência pode ser adquirida de duas formas: pelo ensino do professor e pela invenção do próprio educando. Mas Santo Tomás esclarece que a aquisição da ciência pelo ensino do educador é mais eficiente do que a que se processa pela descoberta do aluno. É que o mestre possui a ciência em ato completo e não apenas em estado potencial, estando já a sua mente informada, não só pela própria experiência, como pela experiência dos outros. É essa ciência que o mestre propõe por meio das palavras, e as palavras, simbolizando ideias, ficam mais próximas da verdadeira realidade das cousas do que os seus aspectos sensíveis, que são apenas os primeiros elementos com que o intelecto elabora o conhecimento (Bello, 1953, p. 144).

Para o educador, dois fatores são referências:

(...) a importância da vocação como elemento da personalidade integral do verdadeiro educador. A vocação foi definida por Claparède²⁴⁴ como “a reunião no mesmo indivíduo dos interesses e das capacidades para uma mesma atividade profissional. (...) O segundo fator para o educador é sua formação profissional. Não há educadores natos, como parecem admitir aqueles que fazem depender toda a eficiência educativa do mestre de uma clarividência especial, de uma misteriosa sabedoria inata, de um dom natural, quase divinatório, absolutamente independente de qualquer estudo, de qualquer formação profissional adequada (Bello, 1953, p. 195).

A vocação é estabelecida como um componente da personalidade integral do verdadeiro educador foi enfatizada. O segundo aspecto crucial para o educador é sua formação profissional. Não existem educadores natos. A eficácia educacional do mestre não está desvinculada de qualquer estudo, para se ter uma formação profissional adequada.

²⁴⁴ Edouard Claparède, pesquisador genebrino que viveu de 1873 a 1940, é um nome bastante familiar no Brasil, particularmente para os que realizaram estudos universitários em psicologia e em pedagogia, em um período anterior a 1980. Vários de seus livros, escritos na primeira metade do século XX, eram frequentemente lidos pelos estudantes desejosos de melhor compreender o pensamento infantil e as ideias do movimento de renovação educacional, denominado “Escola Nova”. Entre eles, destacam-se: Psicologia da criança e pedagogia experimental (*Psychologie de l’enfant et pédagogie expérimentale*, 1905), A escola sob medida (*L’école sur mesure*, 1920) e A educação funcional (*L’éducation fonctionnelle*, 1931). Ele próprio esteve no Brasil em 1930, a convite de sua ex-aluna e colaboradora russa, Helena Antipoff, formada em Paris e em Genebra, cujo nome está estreitamente relacionado a importantes trabalhos no campo educacional em nosso país, particularmente em Minas Gerais e no Rio de Janeiro (Colinvaux e Leite-Banks, 2012, p.217).

Ruy Bello também discute os demais agentes para exercer a obra educativa:

(...) **a família**, que tem o encargo principal de formar o homem segundo a natureza; **a comunidade religiosa**, a quem particularmente compete preparar o homem para os seus destinos extratemporais; **a sociedade civil** que, além de outras atribuições indiretas, tem a missão de desenvolver no educando as qualidades de um seu elemento útil e benfazejo (Bello, 1953, p. 222).

Com estas atribuições, mencionadas acima, para estes três entes: a família, a comunidade religiosa e a sociedade civil, tem-se a conclusão nas palavras de Pio XI na Encíclica '*Divini Illius Migistri*':

A educação, que se dirige ao homem total, como indivíduo e como ser social, na ordem da natureza e na ordem de graça, compete a essas três sociedades necessárias, numa medida proporcionada e correspondente, segundo o plano da providência, estabelecida por Deus para a coordenação dos fins respectivos (Bello, 1953, p. 222).

Tanto na esfera natural quanto na esfera espiritual, é responsabilidade dessas três sociedades indispensáveis para a educação. Será para o educando (a criança) a preparação de uma ação educativa exercida pelo educador qualificado para exercê-la que deve considerar no educando os aspectos:

- a) O homem segundo a natureza, cujo aperfeiçoamento se deve promover, desenvolvendo suas qualidades naturais, sua eficiência humana, preparando-o para realizar os seus destinos temporais, como indivíduo e como elemento da sociedade;
- b) O ser religioso, membro de uma comunidade espiritual, com objetivos extratemporais,
- c) O ser cívico, o cidadão, de uma pátria determinada para cujo serviço se deve preparar, com uma consciência clara de seus respectivos deveres e em condições de bem cumpri-los (Bello, 1953, p. 222).

Para educar, precisa-se de um método. Uma definição do que seja um método pedagógico, Ruy Bello propõe entender que é “o conjunto de processos racionalmente empregados pelo educador para estimular a atividade educativa do aluno, exercitar suas faculdades, dirigir a sua formação, instruí-lo e corrigi-lo (Bello, 1953, p. 200).

O método deve estar em consonância com a realidade do educando e o ideal educativo. “Se a pedagogia que professamos é, essencialmente, idealista, enquanto exige um ideal motivando a obra educativa, ela é, também fundamentalmente, realista, enquanto se baseia na realidade do educando” (Bello, 1953, p. 201).

Ruy Bello apresenta o seguinte esquema sobre as características de um método:

1. Antes de tudo, deve o método pedagógico ter em conta as leis gerais do pensamento, em si mesmo. É o aspecto lógico do método, que não pode deixar de ser considerado, desde que toda ciência metodológica recebe sua inspiração da lógica formal e da lógica material.

2. Deve o método estar rigorosamente de acordo com a natureza individual do educando as suas condições psicossomáticas, em todos os momentos de sua evolução. É o aspecto personalógico.
3. É preciso que o método seja perfeitamente adaptado aos objetivos e ideais da obra educativa, quando considerado sob o seu aspecto teleológico.
4. Convém que o método possa conduzir a esses objetivos e ideais com um dispêndio mínimo de energia e no mais reduzido espaço de tempo possível (Aspecto econômico).
5. Não poderá o método, em circunstância alguma, contrariar as exigências da moral, desde que o fim não justifica os meios (Aspecto ético).
6. Deve o método, sempre que possível, atender aos preceitos estéticos (Aspecto estético) (Bello, 1953, p. 202).

Ainda, segundo Ruy Bello (1953), o método deve ser ativista, exigindo a participação do educando na sua própria ação de aprendizagem²⁴⁵.

Ruy Bello, faz uma crítica de que os métodos ativos não são descobertas dos educadores modernos, mas eles são oriundos da verdadeira pedagogia, que “vem dos gregos e passa por Santo Agostinho, Santo Tomás, Dupanloup, Newman, etc” (Bello, 1953, p. 208).

Outra discussão de Ruy Bello sobre o educando é quanto ao seu prazer e à felicidade. Verifica-se a impossibilidade de se legitimar a obra educativa pelo relativismo que a felicidade provoca, dentro dos postulados da moral hedonista²⁴⁶:

Ora, a felicidade terrena é uma coisa inteiramente relativa. Não consiste essa felicidade na posse de determinados bens que a educação pudesse assegurar, numa determinada condição de fortuna, de cultura, etc. É antes um estado de espírito, dependendo mais de fatores subjetivos de que objetivos. Como poderá, nesse caso, a educação prevêr aquelas circunstâncias que terão de constituir no futuro a felicidade do educando? Do ponto de vista objetivo, o conceito da felicidade dependerá da concepção que se tenha da vida, de que resultará um critério de valores cuja posse tornaria o homem feliz. Para o espírito cristão, a felicidade, mesmo terrena, decorre sobretudo da íntima conformação com a vontade de Deus e do espírito de renúncia aos bens mundanos por amor aos bens eternos. Para os utilitaristas, que se colocam em ponto de vista inteiramente oposto, a felicidade consistirá na posse da maior soma de utilidades, no conforto e no bem estar. A glória mundana e a humildade, que são também coisas opostas, podem, não obstante, constituir a felicidade de determinados indivíduos. (Bello, 1941, p. 70)

Há nesta afirmação a impossibilidade na visão de Ruy Bello de se legitimar a obra educativa dentro dos postulados da moral hedonista. Assim, a felicidade não vai se constituir para o autor como o fim último da educação.

Contraopondo-se a essa ideal hedonista²⁴⁷, Ruy Bello defende que não é o prazer, nem a felicidade que constituem o fim último da educação, mas a perfeição da pessoa humana,

²⁴⁵ Ação de aprender, de adquirir novos conhecimentos ou a possibilidade de novas formas de conduta (Bello, 1953, p. 236 - elucidário).

²⁴⁶ Sistema filosófico que considera que o prazer é o ponto central da existência humana.

perfeição que é uma lei natural e que fez parte da criação. “O cresci-te do Gênesis é a lei da vida humana e é a educação que compete realizar esse destino traçado por Deus á criatura espiritual” (Bello, 1941, p. 74).

Uma das preocupações da educação é dar ao indivíduo uma consciência social, isto é, uma consciência de sua participação e relativa dependência da sociedade em que ele vive, e também, prepará-lo para intervir na vida social, levando uma contribuição eficiente para o seu desenvolvimento e progresso.

Tratando da função social da educação, devemos antes acentuar que o fim primordial da obra educativa é pessoal e não social. Por isso, a pedagogia personalista, que é a nossa pedagogia, opõe-se à pedagogia socialista, mesmo porque o conceito de pessoa inclui realidades que o socialismo desconhece. Não vale isto dizer que o conceito de pessoa se oponha ao conceito de sociedade mas, ao contrário, os dois conceitos se harmonizam perfeitamente pois, de certa forma, a sociedade é apenas uma perfeição essencial da pessoa. É, pois, o elemento espiritual que unifica a vida social e lhe dá forma. Mas esse poder de unificação do espírito só pode ser compreendido em face do absoluto (Bello, 1941, p. 199).

Ruy Bello, arrimado em Foerster: “É na medida em que nos socializamos com Deus que a socialização aqui em baixo dará frutos”, reafirma a ligação entre Deus e o homem na função social da educação.

Toda vez que a educação abranja a pessoa humana em toda a sua complexa realidade, ela atingirá por isso mesmo a sua finalidade social. Não é, como se supõe, e se pratica erradamente, fazendo a sociedade exercer a maior influência sobre o indivíduo que se processará a educação social. O senso social é o senso da fraternidade. Esta palavra anda descaracterizada e vazia de sentido depois que se pretendeu que ela substituisse a virtude cristã da caridade. Mas a fraternidade não pode ser concebida sem a caridade e nem fora do espírito cristão, pois ela supõe uma paternidade comum. Para que o homem reconheça no sue semelhante um irmão e como tal o estime e sirva. É preciso que haja a consciência dessa paternidade comum. Só nesse caso haverá entre os homens a caridade, que é o amor dos nossos semelhantes pelo amor de Deus, e sem a qual jamais poderá reinar na sociedade a paz e o bem estar Bello, 1941, p. 201-202).

É a espiritualidade que será a comum filiação divina que faz de todos os homens irmãos. Ao aperfeiçoar o homem, se realiza a educação social, na promoção do progresso social.

²⁴⁷ Sobre o tema cf.: URIBE, Iván Darío; GALLO, Luz Elena e VAZ, Alexandre Fernández. Traços de uma Educação Hedonista. Revista Movimento. v. 23, n. 1, p. 339–350, 2017.

O ato educativo objetiva o homem nas suas faculdades racionais e também no domínio da razão. A educação aqui é pensada por Ruy Bello como uma condição de educação, de que um verdadeiro setor da obra educativa.

Propriamente, a educação física não é senão uma disposição especial – ou conjunto de disposições – que adornam as faculdades físicas, não em relação aos seus movimentos naturais, mas relativamente à prontidão com que tais movimentos tenham preparado o organismo para executar as determinações da vontade (Bello, 1953, p. 59).

A educação física que visa trabalhar não apenas o corpo, mas junto com todos os cuidados da prevenção da saúde, através da higiene, da prática de esportes, vai além na defesa de que o corpo deve estar sendo contemplado para o serviço da fé. Assim,

Quanto à educação física, o principio fundamental que se há de firmar é que o seu fim não é produzir atletas ou acróbatas, mas fazer do corpo um instrumento pronto, ágil e eficaz da alma, dando-lhe, ao mesmo tempo, tal dignidade e graça que torne agradável e impressionante a presença de seu dono. Para essa finalidade é preciso regular quatro coisas: o alimento, o sono, o calor e o exercício (Davidson *apud* Bello, 1953, p. 62).

O desenvolvimento do corpo torna-se assim indispensável para conduzir o educando a sua aprendizagem. O que é defendido por São Tomas de Aquino ao afirmar que quanto mais o corpo estiver em forma, maior também será a alma que é designada para uma melhor compreensão da obra educativa. Não há valor do preparo do corpo se estão não tiver inclinado para o espírito.

4.3 A educabilidade do homem em Ruy Bello

Traz, logo de início, a definição do termo educabilidade.

Educabilidade no sentido de reforma do caráter refere-se apenas a um aspecto da educação, o mais importante sem dúvida, mas não o único que é a educação moral. Ora, a educação compreende também o aspecto **intelectual**, o **estético** e o **físico**. Não chamamos de educados aos indivíduos que apenas possuem um caráter íntegro, mas aos que apresentam um conjunto de qualidades muito complexas indicando uma personalidade harmoniosamente desenvolvida em todos os seus aspectos (Bello, 1941, p. 52).

Reside essa discussão a partir da crítica ao Behaviorismo²⁴⁸, sinalizada por Ruy Bello, como pretensão de alguns pedagogos modernos de identificar o processo de educação do

²⁴⁸ Com Watson inaugura a primeira geração: Behaviorismo metodológico em 1913. Com Skinner, inicia-se o Behaviorismo radical em 1945 e uma terceira geração o Behaviorismo Social de Staats, em 1980. Baum, W. *Compreender o Behaviorismo*. Artes Médicas, 1999.

homem com o adestramento dos animais. Na compreensão do behaviorismo a educação consiste apenas na criação de reflexos condicionados que melhor sirvam aos interesses dos indivíduos, predispondo-o a reagir sempre da forma mais conveniente aos estímulos dos meios em que ele vive, de maneira a adaptar-se às condições do ambiente físico e social.

Ruy Bello rebate a defesa da reflexiologia, sem qualquer identificação da educação humana com o adestramento animal. O reflexo é uma atividade primitiva e automática, ela não exige o exercício da vontade, resultando de antecedentes sobretudo fisiológicos e é, por conseguinte comum ao homem e ao animal.

Quadro 11 - Reflexiologia²⁴⁹

ADESTRAMENTO ANIMAL	EDUCAÇÃO HUMANA
<p>(...) resulta, com efeito, exclusivamente da criação de reflexos condicionados, forma de conduta inteiramente automática e passiva, pois o animal não é ativo, não cria êle mesmo problêmas, não age, apenas reage aos estímulos exteriores⁴²¹.</p> <p>(...) O animal, cuja atividade é inteiramente reflexa ou instintiva, reage sempre da mesma forma aos estímulos que sobre êle atual, sendo o reflexo e o instinto êsse vínculo natural e uniforme entre o estímulo e a conduta⁴²².</p> <p>(...) O animal não é capaz de criar hábitos, pois o hábito é uma forma de atividade voluntária. Mesmo, porém, que se conceda chamar de hábito àquela forma de conduta meramente passiva dos animais, resultante do adestramento, esses hábitos, por isso mesmo que são inteiramente passivos, não poderão constituir um carater, que supõe hábitos ativos, capazes de serem estruturados, permanentes, e sob o controle da vontade que poderá inibi-los ou libertá-los⁴²³.</p>	<p>(...) não pode haver educação sem atividade própria, atividade concebida como a "possibilidade de eduzir numa forma de seu estado potencial. (2) Só o homem é ativo, só êle é, portanto, educavel⁴²⁴.</p> <p>(...) é uma característica exclusiva do sêr espiritual, que possui a capacidade de atualizar por sua própria virtude tudo o que nêle existe em estado de potência, ao contrário dos irracionais, cuja forma de conduta é, de certo modo, inteiramente passiva, limitando-se às reações aos estímulos do ambiente. O animal não crêa problêmas por si mesmo, não age, apenas reage às impressões exteriores, não possui a capacidade de, por sua própria ação, levar as coisas existentes em potência em si mesmos a se atualizarem⁴²⁵.</p>

Fonte: Elaborado pela autora arrimado em Bello, 1941.

Nessa comparação entre o animal e o homem o fim chega-se a finalidade da educação que é a formação da personalidade organizado debaixo de um ideal. Assim, o animal não é capaz de atender ao ideal pensado para o ato educativo, que tem por objetivo a formação da personalidade.

Quanto a educabilidade do homem:

²⁴⁹ Elaborado pela autora arrimado em Bello, 1941.

Quadro 12: Educabilidade do homem na obra Introdução à Pedagogia. Elaborado pela autora.

ELEMENTOS INATOS	
X	
ELEMENTOS ADQUIRIDOS	
(...) o caráter sofre a influência da educação, do meio físico e social, dos nossos próprios atos voluntários que deixam sempre uma tendência a se reproduzirem e a se tornarem habituais, sendo o hábito um dos maiores modificadores do caráter, corrigindo e anulando as inclinações primitivas (Bello, 1941, p.50).	
(...) constituem a nossa natureza psicológica, a nossa índole, traduzida nesse conjunto de tendências e inclinações naturais que são próprias de cada indivíduo, e que se modificam através das várias influências que interferem na evolução humana. Esses últimos são os elementos adquiridos do caráter. Erram, portanto, aqueles que afirmam serem os homens iguais ao nascer, diferenciando-se os caracteres ao influxo dessas influências (Bello, 1941, p. 51).	
Em psicologia designa-se com a palavra caráter o conjunto de tendências e inclinações que constituem a índole dos indivíduos e os diferenciam, psicologicamente, uns dos outros, caracterizando-os (Bello, 1941, p. 51).	No sentido moral poderemos chamar de caráter à qualidade do homem que possui firmeza de convicções e fortaleza de vontade, o que estabelece perfeita adequação entre o que ele pensa e o que ele faz (Bello, 1941, p. 51).
O fim principal da educação é a formação da personalidade, que resulta das nossas características espirituais, as quais não dependem necessariamente da individualidade, isto é, da nossa maneira de ser somática e psicologicamente. Está claro que a educação, para ser eficiente, precisa de construir a personalidade partindo da individualidade. Mas a reforma da individualidade - o caráter psicológico, não condiciona necessariamente a educação. Na filosofia tomista, o problema da educabilidade é posto de forma muito mais compreensiva e a solução que aí recebe não só evidencia a possibilidade da educação humana, como a distinção essencial entre esta e os processos de adiestramento do animal (Bello, 1941, p. 51).	

Quanto a educabilidade do homem:

Quadro 13: Educabilidade do homem na obra Filosofia Pedagógica

A EDUCABILIDADE E A HERANÇA	
X	
A EDUCABILIDADE E O DETERMINISMO	
X	
A LIMITAÇÃO DA EDUCAÇÃO	
[...] Objeta-se contra a possibilidade da educação com o fato da hereditariedade. O caráter psicológico do homem, afirma-se, é fixado desde o seu nascimento, e de tal forma que nenhuma influência ulterior poderá modifica-lo. A educação, que implicaria, necessariamente, a reforma do caráter, seria, pois inadmissível (Bello, 1953, p.42).	
[...] o que hoje se admite, de modo quase unânime, é que, pela herança, o que se transmite aos indivíduos não são formas de caráter já completamente definidas, mas tão-somente certas predisposições, cujo desenvolvimento é inteiramente condicionado pelos fatores externos, bem como pela livre iniciativa individual, que estimula ou reprime essas predisposições. O que quer dizer que os elementos inatos do caráter são apenas virtualidades, que tanto se poderão desenvolver como anular, no decurso da evolução psicológica do indivíduo (Bello, 1953, p. 43).	
[...] São chamadas deterministas todas aquelas teorias filosóficas que negam a liberdade humana, pretendendo que a nossa conduta dependa, de forma inelutável, ou do meio ambiente (determinismo geográfico e social) ou do temperamento individual, (determinismo	...)Contra o determinismo, em geral, argumenta-se, antes de tudo, com o consenso universal, que sempre professou o livre arbítrio e sobre essa crença edificou os fundamentos da vida social, elaborando as leis reguladoras da conduta humana, com as necessárias penalidades

fisiológico) ou da preponderância dos motivos que solicitem a nossa vontade, (determinismo psicológico) (Bello, 1953, p. 44).	ou sanções para todas as delinquências (Bello, 1953, p. 44).
[...] Onde a limitação do poder educativo aparece menos rigorosa é, incontestavelmente, no domínio da educação moral, dada a grande plasticidade do caráter humano, sujeito às mais profundas modificações, pela ação inibidora das energias espirituais e a aquisição de hábitos, que são uma segunda natureza (Bello, 1953, P.49).	
[...] Tudo isso que dissemos sobre a educação moral prevalece para a educação religiosa, dadas as afinidades existentes entre esses dois setores da obra educativa. Assim é que se poderá concluir que, qualquer individuo, seja qual for sua índole congênita, poderá tornar-se um homem piedoso e até mesmo um santo (Bello, 1953, p.49).	

Fonte: Bello (1953).

Quadro 14– A educabilidade em São Tomáz de Aquino por Ruy Bello

A educabilidade em São Tomáz de Aquino por Ruy Bello
a atividade própria – possibilitando a criação do hábito;
a plasticidade - é a capacidade de reagir de modos diferentes ao <i>SER</i> mesmo estímulo, o que supõe a atividade, no sentido de que falamos acima. Ela é compreendida como a posse de elementos potenciais <i>ESPIRITUAL</i> capazes de serem atualizados;
a possibilidade da formação de um caráter, como consequência dos hábitos adquiridos;
a capacidade de integração do caráter numa estrutura organizada.

Fonte: Elaborado pela autora.

O termo que é utilizado várias vezes por Ruy Bello “ato” ou “ato educativo”, tem influência na teoria do ato interpretada por São Tomás de Aquino, com a seguinte conceituação:

Ensinara Aristóteles que o ato e a potência são duas formas diversas de existência. Existir em ato, é ter uma existência completa, enquanto existir em potência é ter existência incompleta. Noutras palavras, podemos dizer que o ato é aquilo pelo que um ser se determina e se aperfeiçoa, ao passo que a potência é a capacidade real de receber o ato. Apelando para o exemplo clássico: um bloco de mármore é uma estátua em potência; depois de trabalhada pelo escultor, é uma estátua em ato (Bello, 1953, p. 40).

Finalmente compreende-se que a **educabilidade do homem** é, assim, incontestável e constitui uma das suas características de ser espiritual, autoativo, plástico, capaz de criar hábitos e estruturá-lo num caráter, formando, sob a inspiração de um ideal, a personalidade. E finaliza com a seguinte conclusão sobre este tema:

É nos velhos e perenes ensinamentos da pedagogia tomista que nos devemos inspirar para encontrar a solução do problema da educabilidade humana. No “De Magistro”, que é a XI questão do tratado “De Veritate”, discute Santo Tomás e definitivamente soluciona este problema, demonstrando, ao mesmo tempo, a possibilidade da educação do homem e a distinção essencial, que existe entre esta e os processos de adestramento do irracional (Bello, 1953, p. 39).

Acima reafirma-se o entendimento sobre a educabilidade na visão tomista, ou seja, o educando é um sujeito ativo para ser educado e todo o processo pedagógico ele participa diretamente dessa experiência.

É o professor que tem a responsabilidade da condução da aprendizagem do aluno, que é através dela que se consolida a aquisição de hábitos. Esses seres, aluno e professores ativos no processo educativo visando novas condutas.

4.4 A finalidade da educação em Ruy Bello: fim temporal e extratemporal²⁵⁰

Dentro do conceito de educação que se apresenta nas ideias de Ruy Bello, há uma distinção entre a educação geral ou essencial e a educação particular. É com base na educação essencial que se vai justificar a ação educativa, com que determinado indivíduo interfere na formação de seu semelhante, orientando-a neste ou naquele sentido. Para isso, êsse fim deve convir de maneira absoluta a todo e qualquer indivíduo.

Partido-se porém, do pressuposto de um fim necessário aos destinos do homem e da conexão desse fim com o fim último d educação, a obra educativa, em vez de atritar com a liberdade da pessoa, assegura-lhe pelo contrário o pleno exercício dessa liberdade, concebida racionalmente como o direito essencial atribuído á pessoa humana de utilizar todos os meios que a Providencia põe ao seu alcance para realizar os seus fins temporais e extratemporais. (Bello, 1941, p. 69).

O que se desenha nas palavras de Ruy Bello confere a Deus, a única maneira absoluta e verdadeira de se realiza a pedagogia. A verdadeira pedagogia tem de situar em Deus o supremo ideal da obra educativa.

A educação deve orientar-se para Deus duplo sentido. Primeiro vendo no Sêr Supremo o ideal de perfeição ao qual aspira conduzir o homem, e depois, vendo em Deus o fim último do home, "com o qual está conexas, íntima e necessariamente toda a obra da educação. O Santo Padre Pio XI, em sua famosa encíclica *Divini Illius Magistri*²⁵¹, ensina com a sua grande proficiência e visão sobrenatural das coisas: "É, portanto, de máxima importância não errar na educação, como não errar na direção para o fim último do homem, com o qual está conexas íntima e necessariamente toda a obra da educação. Na verdade, consistindo a educação essencialmente na formação do homem, como êle deve ser e portar-se nesta vida terrena, em

²⁵⁰ O que é mundano, pertence à ordem do tempo, em contraposição ao que é espiritual e pertence à ordem da eternidade. A contraposição entre T. e espiritual é um dos temas dominantes do cristianismo paulino (Abbagnano, 2007, p.948).

²⁵¹ A carta encíclica de 31 de dezembro de 1929, intitulada *Divini illius magistri* (DIM) que é mencionada na citação acima, foi traduzida para o português com o título de —Acerca da educação cristã da juventude. Documento que surge no contexto da recristanização do país motivado pela Igreja Católica para retornar aos espaços sociais perdidos com a separação da Igreja e do Estado na proclamação da república e a educação é uma das metas para difusão do ideário católico. “ ‘Leigas são as nossas escolas; leigo, o ensino’. Na força armada da República, não se cuida da Religião. Enfim, ‘na engrenagem do Brasil oficial não vemos uma só manifestação de vida católica’. O mesmo se pode dizer de todos os ramos da vida pública” (Leme, 1916).

ordem a alcançar o fim sublime para que foi criado, é claro que, assim como não se pode dar perfeita educação sem que esta seja ordenada para o fim último, assim na ordem atual da Providência, isto é, depois que Deus se nos revelou no seu Filho Unigênito que é o único caminho, verdade e vida, não pode dar-se educação adequada e perfeita senão a cristã". Com efeito, só essa educação é perfeita porque só ela considera o homem em toda a sua complexa realidade, como criatura natural, criatura moral e criatura da graça, para promover o seu aperfeiçoamento, facilitando á pessoa humana o cumprimento dos destinos terrenos e extratemporais que lhe fôram traçados pela inteligência e a bondade infinitas do Creador e Ordenador de todas as coisas (Bello, 1941, p. 67-68).

Na defesa da visão cristã, Ruy Bello, conceitual a questão sobrenatural das coisas, sendo para ele de extrema importância não cometer erros na educação, assim como não errar na orientação em direção ao fim último do homem, o qual está intimamente ligado a toda a obra da educação.

De fato, uma vez que a educação consiste essencialmente na formação do homem, como ele deve ser e agir nesta vida terrena, visando alcançar o sublime fim para o qual foi criado²⁵².

Remete aqui Ruy Bello o ponto de vista cristão sobre o mundo, então, é uma concepção abrangente do mundo a partir de uma perspectiva cristã.

Ruy Bello, procura o vínculo pelas tradições religiosas e metafísicas como forma de oferecer interpretações que transcendem as fronteiras da investigação científica para a os fins da educação²⁵³, assim ele confere também a questão sobrenatural para o ato educativo:

Desse fato do pecado original²⁵⁴, decorre também outra consequência pedagógica que não deve ser esquecida. A seguinte: a educação não pode atingir o seu fim apenas com o recurso dos fatores naturais, sendo absolutamente imprescindível apelar-se também para os meios sobrenaturais da educação. Com o pecado original perdeu o homem além dos dons sobrenaturais, os dons preternaturais com que o dotara o Creador. Em consequência disso, a liberdade humana ficou reduzida e se tornou possível a rebeldia dos instintos e das paixões contra a razão humana. Disse é que se lamentava o poeta latino quando dizia: veja o bem e o aprovo, mas faço o

²⁵² Segundo Cabrera (2003) quanto a origem e sentido da vida na visão cristã: Filósofos e pessoas em geral, quando se perguntam pelo "sentido" da vida humana, fazem a indagação acerca da vida humana em geral, de qualquer vida humana. Pergunta-se não pelos propósitos particulares de certas vidas, mas pelo propósito geral da vida humana sobre a Terra, ou no Universo. Como muitos autores, acredito que essa questão só tenha plena procedência para as abordagens chamadas teístas,⁸ que acreditam em certo ser transcendente que criou o mundo com algum propósito. À luz dessa crença, é perfeitamente legítimo colocar-se a questão de qual foi o propósito último que esse ser transcendente deu ao mundo por ele criado (Cabrera, 2011, p. 11).

²⁵³ A ideologia defendida pela Igreja Católica visava na educação formar o "homem ideal". Cf.: CURY, Carlos Roberto Jamil. Ideologia e Educação Brasileira: Católicos e liberais. 2ed. São Paulo:Cortez/Autores Associados, 1984.

²⁵⁴ Ruy Bello fundamenta esta afirmação no texto bíblico em Genesis , capítulo 3 sobre a Queda do Homem. A igreja Católica. Sobre interpretação da Bíblia pelos católicos cf.: VV.AA. Documentos sobre a Bíblia e sua interpretação. Editora Paulus, 2019.

mal. Com a redenção e a Igreja, se não foram restituídos ao homem os primitivos dons preternaturais que lhe asseguravam o pleno domínio de si mesmo, como aconteceu com os dons naturais, contudo foi dado ao mesmo, com os sacramentos, os mais eficientes meios para suprir a de outro modo irremediável fraqueza de sua vontade. Não é possível, pois a verdadeira formação da vontade sem o apelo aos fatores sobrenaturais. (Bello, 1941, p. 165-166).

Há uma afirmação de que assim como não se pode proporcionar uma educação perfeita sem que ela esteja direcionada para o fim último, na ordem atual da Providência, isto é, após Deus ter se revelado em seu Filho Unigênito²⁵⁵, que é o único caminho, verdade e vida, só pode haver uma educação adequada e perfeita, e essa é a educação cristã.

Essa é a doutrina exposta no capítulo XIII da Epístola aos romanos de S. Paulo: "Toda alma esteja sujeita às potestades superiores, porque não há potestade que não venha de Deus; e as potestades que há foram ordenadas por Deus. Por isso, quem resiste à potestade resiste à ordenação de Deus; e os que resistem trarão sobre si mesmos a condenação. Porque os magistrados não são terror para as boas obras, mas para as más. Queres tu, pois, não temer a potestade? Faze o bem, e terás o seu louvor. Porque ela é ministra de Deus para teu bem. Mas, se fizeres o mal, teme, porque ela não traz em vão a espada. Pois é ministra de Deus, vingadora para o castigo daquele que pratica o mal. Por isso, é necessário que lhe estejais sujeitos, não somente por causa do castigo, mas também por obrigação de consciência" (Ad rom., XIII, 1-5). Esse documento foi fundamental para a concepção cristã de A., que foi defendida por S. Agostinho (Deciv. Dei, V, 19; cf. V, 21), Isidoro de Sevilha (Sent., III, 48) e Gregório Magno, que insiste no caráter sagrado do poder temporal, a ponto de considerar o soberano como representante de Deus na Terra. Substancialmente, a mesma tese foi adotada por S. Tomás: "De Deus, como do primeiro dominante, deriva todo domínio" (Abbagnano, 2007, p. 98 e 99).

Segundo Ruy Bello (1941), somente essa educação é considerada perfeita porque apenas ela contempla o homem em toda a sua complexidade, como uma criatura natural, uma criatura moral e uma criatura da graça, visando promover seu aprimoramento e facilitar o cumprimento dos destinos terrenos e extratemporais que foram delineados pela infinita inteligência e bondade do Criador de todas as coisas.

Esse entendimento dos fins da educação, são traçados à luz do realismo católico e da filosofia tomista, as linhas gerais de uma pedagogia humanista e cristã adaptada às novas gerações brasileira. "É na filosofia tomista que vamos encontrar a verdadeira fórmula do princípio de finalidade. Essa fórmula, que não deixa margem a qualquer equívoco, é assim

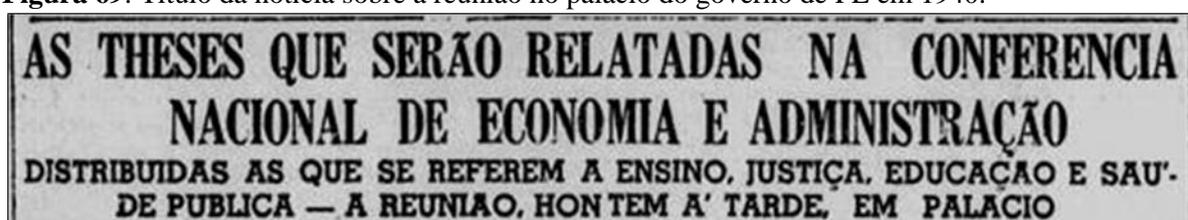
²⁵⁵ Com base no entendimento de que o próprio Deus já redimiu o mundo através do sacrifício de Seu Filho, Jesus Cristo, baseado nos textos bíblicos de Gênesis 3:15 e Lucas 19:10. Cf.: LOURENCO, Adauto. José. Como Tudo Começou - Uma Introdução ao Criacionismo. 1. ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2007.

enunciada: ‘*omne agens, agit propter finem*’- tudo aquilo que age, age em busca de um fim” (Bello, 1953, p. 152).

Essas afirmações levam ao entendimento que é defendido por Ruy Bello, ao conceber que o homem tem em si consciência não só do fim para o qual se dirige, como também é entendedor da finalidade de sua ação, isso por ser um ser racional, esse é o axioma tomista que ele cita acima, e repetimos: **tudo aquilo que age, age em busca de um fim.**

O governador de Pernambuco faz uma convocação para diversos representantes estarem reunidos no palácio do Governo para pensar em participar do estado na Conferencia Nacional de Economia e Administração. A figura 69 com a noticia da conferencia publicada no jornal.

Figura 69: Título da notícia sobre a reunião no palácio do governo de PE em 1940.



Fonte: Diário de Pernambuco (05.01.1940, p. 8).

Há um detalhamento das teses que foram distribuídas e cada responsável por elaborar suas defesas. Eis abaixo a lista das autoridades presentes nesta reunião. Um grupo de intelectuais e profissionais de diversas áreas que foram convocados:

Realizou-se horem, no palácio do Governo, sob a presidência do interventor Agamenon Magalhães, uma reunião dos magistrados, médicos, professores e bacharéis do Estado para distribuição das theses sobre justiça, ensino, educação e saúde pública, as quaes serão apresentadas na Conferência Nacional de Economia e Administração. Estiveram presentes à reunião as seguintes pessoas: desembagadores Nestor Diogenes, Genaro Freire, Felisberto Pereira, Cunha Baretto, professores Joaquim Amazonas, Murilo Guimarães, Andrade Bezerra, desembargador João Paes, srs. Nilo Camera, Antonio Vieira de Mello, João Vieira Coelho, Torquato Castro, Anibal Fernandes, Arnobio Tenorio, Vicente Rego Monteiro, Brito Bastos, Mariano Aguiar, Sylvio Rabello, Paulo Pimentel, *Ruy de Ayres Bello*, Waldomiro Feterman, Eulalia Fonseca, padre Zacharias Tavares, Waldemar de Oliveira.[...] Afirmou ainda, que desejava a colaboração daqueles que tenham entusiasmo, que queiram trabalhar com vontade e desprendimento. E que todas as theses devem ser desenvolvidas dentro de um sentido nacional, visando a unidade do Brasil (Diario de Pernambuco, 05 de janeiro de 1940, p. 08, grifos nosso).

A Ruy Bello coube ser responsável pelo assunto sobre a “Educação Finalista e Espiritualista”. No Diário Oficial do Governo de Pernambuco foi registrado a síntese conclusiva da tese que ele apresentou:

Tese distribuída ao professor Rui Aires Belo

Relator: Professor Rui de Aures Belo

Assunto: Educação Finalista e Espiritualista

Conclusões:

1ª A concepção naturalista da vida introduz a pedagogia como todas as outras ciências, a pura especialização adestrando seu caráter normativo, geral e antifinalismo pedagógico.

2ª A crise atual da pedagogia, denunciada por grandes pensadores da actualidade, decorreu do naturalismo que pôs á margem o problema dos fins da educação para preocupar-se apenas com o problema dos métodos.

3ª Mas a educação não pode realizar-se sem que se tenha segurado dos olhos um ideal bem determinado e “os fins da educação são decisivos para a solução de todo problema parcial da pedagogia”

4ª Não obstante, a educação entre nós careceu sempre de um sentido finalista e de um preciso ideal inspirador.

5ª Respeitados os direitos pessoais, os da família e os da Igreja, pode e deve o Estado utilizar a escola como fator de primeira ordem do bem comum que é o fim da sociedade civil.

6ª Mas o Estado não pode atingir o fim que lhe é próprio sem receber inspiração de um ideal superior que se situe fora e acima de si mesmo.

7ª Esse ideal superior tem de ser de ordem espiritual, pois é o Espírito que dá forma e sentido á vida social.

(Diario do Estado, 02.03.1940, p. 48).

Esta lista com sete conclusões para descrever o cerne da Educação Finalista e Espiritualista, fundamentada na visão de mundo defendida por Ruy Bello, que expressa sua formação cultural e o vínculo arraigado a sua formação religiosa. Ele era católico e a cultura também dava sinais desta predominância e hegemonia católica na sociedade.

O caráter prático advém da reflexão sobre o fim da educação, isto é, que tipo de homem se quer formar, reflexão da qual a pedagogia não pode se furtar. Quanto aos fins na obra educativa há uma distinção entre o fim ideal e o fim real:

- Os fins ideais se situam na vida mental, concebida não como uma vida irreal, mas como uma vida nutrida essencialmente pelo pensamento. Pelo pensamento, dizemos, e não pela imaginação, porque o ideal não é a mesma coisa que a fantasia ou o devaneio, mas a concepção de um objetivo de ordem superior e transcendente para o qual orientamos a nossa vida.

- Pela sua situação em referência ao educando, pela sua extensão e pela sua natureza. Os fins reais são situados na vida real, entendendo-se por isso a vida exterior, empírica.

A finalidade do ato educativo, vai assim buscar alcançar no homem o seu desenvolvimento integral. Esta finalidade legitima o ato educativo para orientar a formação

do aperfeiçoamento humano, conforme pretendia a pedagogia humanista cristã, defendida por Ruy Bello.

4.4.1 O ato educativo

No processo de aprendizagem, como já mencionado acima, o aluno é ativo e realiza o seu movimento se organizando para um determinado objetivo com responsabilidade. Assim sobre o termo ‘ato educativo’ pode-se sistematizar:

- um ato humano, intencional e não acidental, é por isso mesmo uma ação não só finalista, como uma ação consciente de sua finalidade e do fim que visa;
- frisa a causalidade principal do educando na obra educativa; contra os comportamentistas, sustenta que o homem tem em si mesmo a causalidade de sua conduta;
- o caráter finalista do ato pedagógico decorre da definição que adotou-se e isso é evidente, pois nela se diz que a forma característica do ato educativo é a sua voluntariedade. O que é voluntário é consciente, intencional, visando um determinado fim;
- o ato pedagógico sendo um ato consciente, intencional e voluntário, é essencialmente um ato humano. Ou seja, na essência da atividade humana é um ato finalista.

Esse a pedagógica se atrela a biologia, ela deve buscar um método para contemplar os valores morais que darão sentido à obra educativa:

A perfeição do homem, ideal supremo da ação educativa, consiste, assim no desenvolvimento harmonioso de todo o seu ser, na sua alma e no seu corpo, na sua sensibilidade, respeitada a hierarquia essencial das substâncias que formam o composto humano e das faculdades por meio das quais este opera (Bello, 1953, p. 165).

A educação então no pensamento de Ruy Bello, é conceituada como um ato essencialmente humano e com uma finalidade. Nesse movimento o homem realiza uma atividade consciente e voluntária. “Assim sendo a perfeição humana consistirá, antes de tudo, no pleno desenvolvimento de suas faculdades espirituais, da vontade que prima sobre a inteligência, e desta que prima sobre a sensibilidade” (Bello, 1941, p. 75)

A perfeição humana está intrinsecamente ligada à realização da natureza humana de acordo com sua finalidade última, que é a felicidade alcançada por meio da contemplação de Deus. Envolve o desenvolvimento das faculdades naturais e sobrenaturais do ser humano. Isso inclui o desenvolvimento da razão, da vontade, das virtudes morais e teológicas, bem como a busca pela graça divina e a conformidade com a vontade de Deus.

Esta definição da perfeição humana, segundo os tomistas, é alcançada através da prática das virtudes, que orientam as ações humanas em direção ao bem e à excelência moral. Essas virtudes incluem a prudência, a justiça, a coragem e a temperança, bem como as virtudes teológicas da fé, esperança e caridade.

Além disso, para os tomistas, a perfeição humana também envolve a busca pela santidade e pela união com Deus. Isso é alcançado por meio da graça divina e da vida sacramental na Igreja, que fortalecem e elevam a natureza humana, capacitando-a a cumprir sua finalidade última.

A ideia é da perfeição como sendo uma lei universal de todos os seres. Dai a atividade e a ordem como critério de perfeição. “Só em Deus existem atividade e ordem absolutas e por isso é que só em Deus a perfeição se realiza” (Bello, 1941,p.75).

Assim, a educação não tem por fim um problema experimental, mas o seu problema é ligado à moral e à filosofia. Bases do discurso tomista vinculando a fé e a razão humana.

O homem integral, que é o objeto da educação geral: o homem da natureza, o homem da moral e o homem da graça.

No próximo e último capítulo que encerra esta pesquisa, vamos apresentar os embates e combates em defesa da fé católica com a participação de Ruy Bello.

CAPÍTULO V

RUY DE AYRES BELLO “NA SEARA DO SENHOR”

Figura 70: Logo do Círculo Católico de Pernambuco ²⁵⁶



²⁵⁶ Fundado em 1907 na cidade do Recife, onde Ruy Bello conviveu ativamente das atividades dessa instituição.

CAPÍTULO V - RUY DE AYRES BELLO “NA SEARA DO SENHOR”

Este capítulo vem finalizar as pesquisas trazendo os embates (oposição) e os combates (lutar contra) de Ruy de Ayres Bello, gerando a circulação e as apropriações do ideário católico. Vê-se que ele vai se inserir e se destacar entre o grupo de intelectuais leigos²⁵⁷ católicos que vai ser responsável por criar instituições que serviram de disseminadoras da fé católica.

Os intelectuais, independente de sua origem de classe, da sua formação bacharelesca ou especializada, mantiveram-se ocupados em pensar o Brasil e em propor caminhos para a salvação nacional. [...] Nesta tarefa missionária foram os intelectuais que procuraram criar um ideário nacional baseado em um culto na tradição passada ou trabalharam na construção de uma nova tradição (Oliveira, 1990, p. 187).

Nesse cenário, tem-se em 1920 os dados publicados pela Confederação das Associações Católicas da Arquidiocese de Olinda e Recife informando a existência de: “42 associações masculinas com 1.543 associados no Recife, e interior 366, e 90 associações femininas com 18.190 associadas, ao todo umas 20 mil almas” (Tribuna Religiosa, 1920 apud Ribeiro, 2009, p.142). Ruy de Ayres Bello vai participar de muitos desses espaços como intelectual engajado na defesa da fé católica.

Ao trazer, neste capítulo, os embates e os combates, evidencia-se como Ruy Bello vai ocupar os espaços culturais, sociais e políticos, sendo visto como um apoio para a Igreja com a sociedade civil.

5.1 Embates em defesa da fé católica

5.1.1 Reação da Igreja Católica após a Proclamação da República do Brasil

Em 1891, treze (13) anos antes do nascimento de Ruy Bello aconteceram marcas significativas na História da Igreja Católica e da Política no Brasil. A Igreja que se firmava num status de sociedade perfeita, enquanto o Estado seria o contrário, imperfeito. Isso porque: O Brasil adotou o catolicismo como religião oficial até 07/01/1890. Portanto, durante todo o período colonial (1500-1822) e imperial (1822-1889) havia uma dependência orgânica da Igreja em relação ao Estado, representado pelo instituto do Padroado Régio Português

²⁵⁷ Alguns intelectuais eram do próprio Clero.

(Oro, 2017, p. 205). Pelo Decreto 119-A houve a extinção do padroado em 07 de janeiro de 1890²⁵⁸.

Em 24 de fevereiro de 1891, inspirada nos princípios liberais foi promulgada a Constituição Republicana dos Estados Unidos do Brasil. Em suma, dentre os dispositivos da Constituição de 1891²⁵⁹, destaca-se aqueles que estabeleceram:

a) § 3º Todos os indivíduos e confissões religiosas podem exercer pública e livremente o seu culto, associando-se para esse fim e adquirindo bens, observadas as disposições do direito comum; b) § 4º A República só reconhece o casamento civil, cuja celebração será gratuita; c) § 5º Os cemitérios terão carácter secular e serão administrados pela autoridade municipal, ficando livre a todos os cultos religiosos a prática dos respectivos ritos em relação aos seus crentes, desde que não offendam a moral pública e as leis; d) § 6º Será leigo o ensino ministrado nos estabelecimentos públicos (Brasil, 1891).

É nas primeiras décadas da República que a Igreja se volta para uma reação interna e externa para assegurar sua imagem na sociedade:

A relação entre a religião e a sociedade remete para um outro aspecto vinculado a este: a Igreja como permeadora de todos os processos sociais. Tudo deve se organizar com base em princípios cristãos. Essa é a bandeira do episcopado em 1890: a sociedade brasileira, inclusive o grupo politicamente dirigente, deve respeitar, amar e não se separar da Religião (Araujo, 1986, p. 63).

O perfil ideológico da Igreja foi refletido na Carta Pastoral Coletiva do Episcopado Brasileiro de 06 de janeiro de 1900. Sobre as Cartas Pastorais, Araújo (1986) conceitua como um documento de reivindicações e como uma diretriz para manter a relação entre a Igreja e o Estado. O documento episcopal, as Cartas Pastorais.

A passagem do século, parafraseando a Pastoral de 1900, ‘deve ser assinalada por fé e patriotismo: o serviço e a glorificação de Jesus Cristo são colocados no mesmo plano de melhoria das condições da Pátria. Para isso, as obras de piedade devem corrigir erros, santificar os costumes e avivar o respeito às autoridades religiosa e civil, cimentando a paz e a concórdia entre os irmãos, filhos da mesma Pátria (Araujo, 1986, p. 107).

Uma forte arma de propagação da missão da Igreja na restauração cristã foi feita através da publicação das Cartas Pastorais que foram lidas, debatidas e publicadas pela imprensa católica. Era preciso divulgar o projeto de restauração da Igreja Católica. Utilizando

²⁵⁸ Uma semana depois, por meio do Decreto 155-B, de 14 de janeiro, referendou-se o primeiro calendário republicano no qual inexistiram feriados de caráter religioso, inclusive o do Natal (Aquino, 2012, p. 156). O domingo não foi mencionado nos decretos permanecendo como dia semanal de guarda religiosa, enquanto o Dia de Finados foi mantido feriado. Urge lembrar que nos anos 1910 os símbolos religiosos foram paulatinamente recolocados nos espaços públicos e nos anos 1920 e 1930 as festas religiosas foram novamente contempladas no calendário civil (Leal, 2006, p. 64).

²⁵⁹ Todos referendados pela redação dada pela Emenda Constitucional de 3 de setembro de 1926.

além de seus intelectuais e líderes católicos a palavra escrita. A Imprensa também foi uma forte aliada da Igreja. Ocorreram a partir de 1900 os chamados ‘Congressos Católicos’:

Essas assembleias eram grandes encontros formais de católicos leigos, visando ao estabelecimento de um centro estável e perene de ação religiosa, como ficou definido no 1º Congresso Católico Brasileiro, realizado em Salvador da Bahia, de 3 a 10 de junho de 1900, por iniciativa do Padre Bartolomeu Yaddei, sj, diretor nacional do Apostolado de Oração (Matos, 2003, p. 43).

Segundo Cury (1993), uma boa parte do clero religioso entendia que uma das ameaças ao Brasil República era o *ateísmo social*. O catolicismo nos primeiros anos da República era alvo de críticas da imprensa secular. A Igreja sofreu um forte abalo com a extinção do Padroado, pois os bispos não estavam preparados para assumir o governo da igreja. O padre Júlio Maria, que escreveu *Memória* sobre a Religião em 1900, percebe um outro aspecto da questão:

Nunca maior missão se deparou à Igreja em nosso país”. Não se trata mais de pleitear privilégios que já não tenham razão de ser, trata-se de “mostrar aos pequenos, aos pobres, aos proletários que eles foram os primeiros chamados pelo Divino Mestre, cuja igreja foi logo, desde o seu início, a igreja do povo, na qual os grandes, os poderosos, os ricos, também podem entrar, mas têm entranhas de misericórdia para a pobreza (Maria, 1981, p. 3).

Além de sofrer com a separação oficial, a Igreja enfrentou outros movimentos de heresia e contestação religiosa. Soma-se a isso a presença incômoda para a Igreja Católica, das denominações protestantes²⁶⁰, fato decorrente, em parte, das correntes migratórias da Inglaterra e dos Estados Unidos já consolidadas.

As primícias urgentes eram recatolizar os católicos e a salvação do país. Os líderes católicos vislumbravam nos seus fiéis um aliado para a ordenação social do país. Promovendo debates e espaços de sociabilidade para seus religiosos e os leigos.

Em 1916, há o chamamento da Igreja Católica que objetivava atingir os religiosos, os intelectuais conservadores e os leigos para desbravar a sociedade com a mensagem de recristanização. O Vaticano passa a ter grande influência nesta fase²⁶¹. Mas a entrada de Dom Sebastião Leme²⁶² é que favorece a Igreja Católica para implantar suas ações.

²⁶⁰ Sobre o tema da educação protestante em Pernambuco, ver, entre outros, Sellaro (1987), Mendonça (1984), Vieira, D. (1980).

²⁶¹ Cf. processo de ‘romanização’ ou ‘ultramontanismo’

²⁶² Dom Leme (nasceu em 1882, em Espírito Santo do Pinhal – SP e morre em 1942). “Ficou conhecido na história, tornou-se o grande líder do Episcopado Nacional, papel anteriormente exercido por Dom Macedo Costa.

D. Sebastião Leme através de sua emblemática Carta Pastoral de 1916 faz uma intensa crítica aos católicos com base na certeza de que eram os católicos uma maioria no país, porém inoperante.

O catolicismo entra na vida de Ruy de Ayres Bello com os seus 13 anos. No ano de 1917, da sua professora D. Amália Leitão diz ter ouvido “palavras novas, sementes da conversão que desde aquele momento começou a se operar em mim” (Bello, 1982, p. 130). Fez a 1ª comunhão no fim deste ano na Igreja Matriz de Barreiros. Diz ele que, “Sendo eu já quase um rapaz, indo pelos treze (13) anos, embora me considerasse católico, apostólico romano, era o meu catolicismo como o da maioria dos brasileiros, um catolicismo de festa de Igreja, de procissões e novenas.

Esse perfil de católico que se enquadra Ruy Bello era fator de preocupação pela Cúpula da Igreja Católica. A Igreja inicia uma árdua missão de diálogo para retomar os espaços perdidos com o povo e com o governo. Fato de intensa preocupação que se firmou num processo de recristianização da sociedade civil brasileira. O panorama de inercia dos irmãos católicos brasileiros foi antes de D. Sebastião Leme alardeado pelo Padre Julio Maria:

Nas paróquias a maioria dos fiéis não tem a idéia clara do que crê e pratica, não conhece o valor do sacrifício da missa; não sabe o que é um sacramento; não discerne as partes da penitência; não conhece senão literalmente o Decálogo... Ora, degenerado o culto falseadas as devoções, rebaixadas a sagrada tribuna, abandonado ou nunca começado o estudo da palavra divina, omitido apenas dado, a espaços, em tantas freguesias, em mínima quantidade, sem seqüência nem método, confusamente, o ensino católico; absorvida a maioria do clero nacional, ou por agitadas preocupações mundanas de posição, riqueza, prazer, ou pelas simples exterioridades das festas religiosas – as paróquias brasileiras não podem continuar neste estado A hipocrisia de suas festas não encobre a anemia de sua fé, que é mister retemperar (Padre Julio Maria, 1981, p. 86-87).

A necessidade de reação era necessária. Uma mudança de postura e de ação dos religiosos e, também, dos católicos leigos. Reações para unir e mobilizar os católicos leigos não faltaram.

5.1.2 Durante a Restauração Católica no Brasil

Azevedo (2004) classifica três fases da Igreja pós período de hegemonia:

Coube a ele articular as forças católicas nas décadas de 1920 e 1930. Preocupavam-no sobretudo a falta da influência da Igreja Católica e a inércia sociopolítica de seus fiéis”. (Cf. Matos, 2003, p.45). Dom Macedo, foi Bispo de Belém do Pará o catolicismo começou a mapear um novo rumo para a Igreja quando entendeu que os católicos podiam atuar sem ser atrelados ao poder civil. Cf.: Lustosa, Oscar de Figueiredo. Igreja e Política no Brasil; do Partido Católico a L. E. C. (1874-1945). São Paulo, Loyola/CEPEHIB, 1983.

(1) **a reforma católica** - os bispos reformadores preocupam-se em imprimir ao Catolicismo brasileiro a disciplina do Catolicismo romano, investindo principalmente na formação do clero; (2) é marcada, na Igreja, pela **nova experiência institucional**, resultante da sua separação do Estado com a proclamação da República; (3) também conhecida como **NeoCristandade**, inicia-se em 1922, no centenário da Independência e nela, a Igreja opta por atuar, com toda visibilidade possível, na arena política. Essa opção implica a colaboração com o Estado, em termos de parceria e de garantia do *status quo* (Azevedo, 2004, p. 112).

A Revista 'A Ordem' fundada em 1921, por Jackson de Figueiredo, é um exemplo de divulgação católica e responsável por reunir a intelectualidade católica em torno da si. O principal papel da 'Revista A Ordem' era difundir a doutrina cristã e combater as posições indiferentes ou hostis a Igreja, e assim, buscar apoio da intelectualidade brasileira para a difusão do projeto de 'salvação nacional' através da ordem e da moral.²⁶³

Outro grande apoio para a Igreja Católica foi através dos intelectuais como um dos grandes meios de revitalização do catolicismo no Brasil. Ruy Bello que já se iniciará ao apostolado católico com as reuniões que mantinha no Circulo Católico de Barreiros, teve a oportunidade de manter correspondência com Dom Miguel Valverde quando o mesmo se ausentava para Bahia. Em 28 de maio de 1922, Dom Miguel foi nomeado Arcebispo de Olinda e Recife, em cuja Arquidiocese, tomou posse a 23 de julho do mesmo ano.

Das grandes iniciativas para propagação do catolicismo, é notória a ideia de Jackson de Figueiredo de fundar no ano de 1922²⁶⁴, o Centro Dom Vital²⁶⁵, posteriormente tendo como Presidente Alceu Amoroso Lima (Tristão de Athayde): "O Centro D. Vital é a maior afirmação da inteligência cristã em terras do Brasil". Uma breve descrição de alguns apontamentos da segunda década do Século XX aparece na escrita de Villaça (1975):

1922 é o ano da tríplice revolução, como gosta de dizer Amoroso Lima, a política (o Forte de Copacabana), a estética, através da Semana, em São Paulo, e a espiritual, com a fundação do Centro Dom Vital e a publicação de livros como Pascal e a Inquietação Moderna, de Jackson, e A Igreja, a Reforma e a Civilização, do Padre jesuíta Leonel Franca) (Villaça, 1975, p. 103).

²⁶³ Disponível em: <http://www.obrascaticas.com/>

²⁶⁴ Ano que se inicia o papado de Pio XI

²⁶⁵ [...] foi um importante centro de produção intelectual dos católicos situados na capital federal dos anos 1930, período no qual teve sua linha diretiva estabelecida por Alceu Amoroso Lima. Dessa forma, ele ajudou a pautar os parâmetros do debate que definiu os rumos do Ministério da Educação, principal financiador da produção intelectual do período (Arduini, 2011).

Pio XI é considerado o Papa da Ação Católica, no ano de 1922²⁶⁶. Em Magalhães (2005) verificou-se o método de atuação:

No Brasil adotou-se o modelo italiano para a implantação da mesma: as dioceses eram valorizadas como núcleos básicos e relativamente autônomos, os associados eram agrupados segundo critérios de sexo e idade, de forma que homens com idade superior a 30 anos integravam os Homens da Ação Católica, da mesma forma as mulheres integravam a Liga Feminina Católica. Jovens de 14 a 30 anos integravam a Juventude Feminina Católica e Juventude Católica Brasileira. Esta última se dividia nos ramos da JEC (Juventude Estudantil Católica – secundaristas), JUC (Juventude Universitária Católica – universitários) e JOC (Juventude Operária Católica – operários) (Magalhães, 2005, p. 05).

O principal colaborador da Ação Católica Brasileira (ACB) foi o intelectual Alceu Amoroso Lima, primeiro presidente. As missões da ACB se voltava para o doutrinação social. Ou seja, levar a palavra da Igreja as escolas às universidades, às fábricas, aos meios de comunicação, aos sindicatos e estimulando a criação de inúmeros outros movimentos sociais de inspiração cristã. A ACB se desenvolveu em dois momentos distintos:

O primeiro, com a chamada Ação Católica Geral (de 1932 a 1950), e o segundo momento, a Ação Católica Especializada (de 1950 a 1960). A Ação Católica Especializada e os seus grupos JAC (Juventude Agrária Católica), JUC (Juventude Universitária Católica), JEC (Juventude Estudantil Católica) e JOC (Juventude Operária Católica) percebemos o início de um novo modelo de pastoral com os jovens. A Pastoral de Juventude herdou muita coisa deste período, como o método Ver-Julgar-Agir; uma prática transformadora a partir da realidade; a descoberta da dimensão política da fé; o protagonismo dos jovens e a presença do Deus Libertador nas lutas do povo (Souza, 2006, p. 50).

Para muitos Padres pelas cidades do país, havia o ardente desejo de iniciar as atividades da Ação Católica. A Ação Católica Brasileira (ACB), que veio, em curto espaço de tempo, influenciar a maioria dos movimentos leigos. Essa organização foi introduzida e fortalecida no Recife pelo Pe. João Batista Portocarrero Costa.

O padre Júlio de Barreiros onde Ruy Bello foi criado, inaugurou o Circulo Católico dos Jovens, que congregou praticamente, toda a juventude masculina de Barreiros. Era não só para o caráter religioso, mas se expandia para a cultura, mantendo escolas, cultivando o teatro, a música, etc., resultaram os mais salutareos benefícios para a comunidade local. Ruy Bello afirma que “Foi nessa escola que fiz a minha iniciação para a forma de atividade que, bem ou

²⁶⁶Pela sua Encíclica, Pio XI conclamou, então, os leigos do mundo inteiro para integrarem as fileiras da organização da Ação Católica, isto é, para exercerem, de modo oficial e organizado, o apostolado no mundo contemporâneo. O ideal proclamado pelo Papa era o de levar tudo à influência de Cristo-Rei, ‘restaurar tudo em Cristo’, a fim de que reinasse a ‘paz de Cristo no Reino de Cristo’ (Cf. Arduini, 2011, p. 16).

mal exercitada, tem sido uma constante em toda a minha vida: o apostolado da fé católica” (Bello, 1982, p. 133).

De igual modo que atuou em Barreiros, com estadia na Capital de Pernambuco, Ruy Bello sugere a criação de uma associação masculina, especialmente de jovens na Paróquia de São José (Recife). Foi concretizada a ideia em 8 dezembro de 1928 sendo criada a União de Moços Católicos de São José, da qual Ruy Bello foi eleito presidente:

A União não se dedicava apenas aos assuntos religiosos, expandindo-se para cursos de Filosofia, Apologética, de línguas estrangeiras, etc. Cultivavam-se, também ali, a música, o teatro e os esportes. “Secção Religiosa – União de Moços Catholicos de S. José – Realiza-se-á, amanhã, ás 7 Horas da noite sessão de assembléa geral dessa associação, afim de ser dada posse ao presidente eleito sr. Ruy de Ayres Bello” (Jornal O Pequeno, 14.09.1928, p. 3).

Na eleição do ano de 1930, Ruy Bello é eleito presidente da União dos Moços Catholicos de São José. Cujas notas foram publicadas no jornal A Provincia:

Recebemos comunicação de que a 7 do corrente foi empossada a nova directoria da União dos Moços catholicos de S. José, para o exercício de 1930 e 1931. A nova directoria é a seguinte: presidente, Ruy de Ayres Bello; vice-presidente, Francisco Xavier de Albuquerque Maranhão; 1º secretario, Marcílio Dias Beltrão; 2º secretario, Luiz Vidal de Negreiros; tesoureiro, Jorge Centura Ribeiro; oradores, dr. Oscar Carneiro e dr. Genesio Souto Vilela; bibliothecario, Paulo Affonso Lins dos Santos (A Provincia, 17 de setembro de 1930, p. 3).

Na Semana Pedagógica foi organizada uma solenidade presidida por Dom Miguel Valverde, arcebispo de Olinda e Recife, como preparação ao Congresso Catholico de Educação. A comunicação do evento foi divulgada no Diário de Pernambuco: “Vida lithurgica nas escolas públicas e particulares, pela professora Iracema Moraes ; Pedagogia Catholica pelo prof. **Ruy de Ayres Bello**” (Diário de Pernambuco. 09.10.1937, p. 5- grifos nossos).

Deste evento houve uma repercussão de louvor para os oradores: “Theses desenvolvendo brilhantemente os assumptos versados, deixaram a melhor impressão ao auditorio, sendo os oradores muito applaudidos ao terminar” (Diário da Manhã, 10.10.1937).

Uma das instituições que Ruy Bello participou foi o Circulo Catholico de Pernambuco²⁶⁷, (CIRCAPE)²⁶⁸. Esta instituição foi criada no dia 10 de dezembro de 1907.

²⁶⁷ Na capa deste capítulo há a foto do símbolo desta instituição.

²⁶⁸ O Círculo Católico além de pregar a fé católica, tinha um lado fortemente voltado para as obras sociais. Só para citar um exemplo, em 1915 o Círculo ajudou os flagelados que tinham sido atingidos pela seca nos sertões do norte. O Círculo acolheu os desabrigados, mantendo-os e no final da seca ajudou àquelas pessoas a voltarem para sua terra. E por isso essa instituição possuía um destaque tão importante na sociedade, pois além de

Seu estatuto foi publicado no Jornal Diário de Pernambuco. De acordo com a Figura 69 tem-se o artigo 1º que foi divulgado: “Artigo 1º – Fica estabelecida na cidade do Recife sob o patrocínio de N.S. do Bom Conselho e proteção do bispo diocesano, uma associação denominada Circulo Catholico de Pernambuco com o fim de constituir um centro de instrução, estudo e distrações uteis para os catholicos de qualquer condição” (Diário de Pernambuco, 02.10.1909, p.3). A seguir a figura 71 destaca-se a foto da legenda da nota do jornal.

Figura 71: Nota sobre o Estatuto do Circulo Catholico de Pernambuco



Fonte: Diario de Pernambuco.02.10.1909, p.3

Segundo Lima (2010), o Circulo Católico de Pernambuco, de sua fundação em 1907 até o ano de 1930, foi presidido por Luiz Corrêa de Brito²⁶⁹, ano em que ele veio a falecer. Ruy Bello no ano de 1932, ocupou o cargo de diretor do mês. A Figura 72 trás a manchete sobre a posse da diretoria desta instituição.

Figura 72: Notícia sobre a posse da nova diretoria do Circulo Cathólico de Pernambuco



Fonte: A Provincia. 15.06.1932. CAPA.

refletirem a teoria da fé cristã, colocavam em prática tudo aquilo que estava ao seu alcance, no que diz respeito a ajudar o próximo (Lima, 2010, p.120).

²⁶⁹ Foi também presidente da Sociedade de São Vicente de Paulo (SSVP) entre 1927 – 1930, sediada em Recife, sócio efetivo do Instituto Arqueológico Histórico e Geográfico de Pernambuco (IAHGP) e líder da Ação Social Católica de Pernambuco, cujo intuito era levar a doutrina cristã para a sociedade pernambucana. Chegou a ser deputado federal por Pernambuco, durante três mandatos sucessivos (1918 – 1926) e depois chegou a ser senador (Lima e Marques, 2010, p. 125).

A notícia descrevia os nomes dos membros que foram empossados:

Circulo Catholico de Pernambuco
Tomou, posse, hontem, a sua nova directoria
Realizou-se, hontem, ás 30 horas, a posse da nova directoria do Circulo Catholico de Pernambuco. A sessão compareceram grande número de sócios, representantes da imprensa e convidados. Presidiu-a o sr. Arcebispo de Olinda e Recife, d. Miguel Valverde. É a seguinte a directoria empossada: Presidente – commedador Alfredo Alvares de Carvalho; 1º vice-presidente – dr. Luis Cedro C. Leão; 2º vice-presidente – Albino Neves de Andrade; 1º secretário – Benjamin de Albuquerque; 2º secretario – João I. Ribeiro Roma; tesoureiro – Albino Moreira de Sousa; orador – dr. Francisco Barretto Campello; bibliothecario – dr. Luis Delgado. Directores de mês – Conêgo Jonas Taurino, padre Felix Barreto, padre João B. da Costa, Eduardo Duboux, dr. Renato Silveira, dr. Aguinaldo Lins, dr. Epiphanio Bezerra, José Sebastião do Rego Barros, Arthur Pinto de Lemos, José Tavares Neto, Odiberto Mendes e Ruy Aires Bello. É diretor ecclesiastico, o revmo. Conego dr. José do Carmo Barata, que vem exercendo este cargo há cerca de 10 anos (A Provincia, 15.06.1932, CAPA).

A exemplo de Ruy Bello, foram intensas a participação dos intelectuais leigos em instituições católicas. Eles atuavam em associações católicas ou não e muitas dessas instituições eram espaços de prestígio para estarem filiados. Algumas dessas instituições são destaques em uma CHRONICA RELIGIOSA enviada para publicação no jornal:

O sr. Arcebispo metropolitano d. Miguel Valverde tem, graças ao seu espírito de apóstolo e pastor, dado nestes últimos anos, desde a sua posse, um grande incremento ao progresso do catholicismo nesta archidiocese. É nessa gestão espiritual do ilustre antistita, formaram-se novos batalhões de catholicos que se vêm juntando às fileiras cooperadoras do resuscitamento da acção catholica pela mocidade. A Congregação Mariana do Collegio Nobrega, dirigido pelo padre dr. A. Fernandes, eis uma prova exuberante desse apostolado. Seguem-se as uniões de moços da Torre e São José: os centros catholicos de Afogados e Graça e sem falar no valor social do Circulo Catholico e das sociedades vicentinas. Tudo isso vem contribuindo para o engrandecimento da sociedade, do lar e para gloria de Deus e bem da pátria (Diario de Pernambuco, 06.04.1930, p. 5).

Na inauguração da União de Moços Catholicos do Barro, com fins principal de propaganda dos princípios sociaes catholicos, Ruy Bello presidiu a sessão na ausência do Dr. Barreto Campello, como representante do Conselho Estadual. Além de presidir, fez um discurso: “Sr Ruy Bello que explanou com brilho o alcance da doutrina christã, como doutrina sociológica” (Jornal do Recife, 26.04.31, p. 6).

Havia no estado um Conselho Estadual de Escoteiros Catholicos, instalado no edifício do Circulo Catholico, com a participação também de Ruy Bello:

Sob a Direção Ecclesiastica geral do Padre Dr. João Costa. Chefe Estadual, Cel. Manoel Pedro dos Guimarães. Commisaro Thecnico Geral, cel Eunino Correira de Oliveira. Commissario Administrativo Ge Dr. Luiz Delgado. Secretario Administrativo, Aldemar de Castro Magalhães. Commissario Geral das Finanças Professor Ruy Ayres Bello (Jornal do Recife, 02.10.1931, p. 5).

Ruy Bello participava da “*Liga Catholica Jesus, Maria, José*” da Parochia de São José. Nos dias de 7 a 10 de abril de 1932 foi ele eleito para compor a Comissão de imprensa desta Liga, juntamente com Socrátes Solon C. Moura, Sebastião Fernandes Caldas e Benedicto Almeida (A Provincia, 13. 03.1932, p. 9).

Na solenidade da Cruzada de Educadoras Catholicas de Pernambuco é registrado a participação no auditório de Ruy Bello. De acordo com a Figura 73, tem-se a seguir, a foto na noticia publicada pelo Jornal de Recife:

Figura 73: Notícia da Cruzada de Educadoras Catholicas de Pernambuco em 1932



Fonte: Jornal do Recife, 13.07.1932, p. 3

Os movimentos a favor da renovação da educação por intelectuais liberais, fizeram com que os católicos também se organizassem em eventos como cruzadas e fundando associações. A solenidade da Cruzada das Educadoras Catholicas de Pernambuco foi bem prestigiada:

No salão de actos do Collegio Salesiano realizou-se domingo uma sessão solenne da “Cruzada de Educadoras Catholicas de Pernambuco que há um

anno funciona nesta capital, com sede no ‘Instituto Nossa Senhora do Carmo’ A sessão foi presidida pelo exmo. revmo. sr. D. Miguel Valverde, arcebispo metropolitano que conferiu as senhoras catechistas o diploma que as habilita para o ensino religioso nas escolas publicas e deu posse a nova directoria desta associação. A sessão foi muito concorrida, podendo a nossa reportagem anotar os seguintes nomes [...] *Ruy de Ayres Bello*, Aristides Bezerra Leite, dr. Bezerra Lalte, dr. Aguinaldo Lins, José Cladas Junior, Nelson Borba, Iriceu Cavalcanti, Francisco Silva, muitas professoras e alunos. (Jornal do Recife, 13.07.1932, p. 3).

A imprensa, em especial a constituição da imprensa católica, como já citamos, teve papel importante no movimento da reação da Igreja Católica a partir de 1920. A imprensa conseguiu a mobilização do laicato católico. Em 1933, Ruy Bello foi convidado a direção do Jornal “A Tribuna” em novo formato e com novos dias de circulação. Essa renovação da Tribuna foi noticiada na capa do Jornal do Recife no dia 19 de janeiro de 1933:

A TRIBUNA. O Acadêmico José Carlos Dias veio participar-nos que A TRIBUNA circulará amanhã, em sua nova phase, agora como bi-semanario e sob a direção do dr. Ruy Aires Bello. A TRIBUNA circulará ás quartas e sabbados. O dr. Ruy Bello por se encontrar actualmente em Barreiros a serviço da Liga Eleitoral Catholica não pode vir pessoalmente fazer essa participação. A TRIBUNA terá no seu corpo de colaboradores nomes como os de drs. Tristão de Atayde, Luiz Delgado, José Vieira Coelho, Manuel Lubambo, Arnobio Tenorio, Willy Levis e outros. Será um orgam de defesa dos postulados catholicos e tratará além disto de assumptos de interesses GERAES. (Jornal do Recife, 19.01.1933, CAPA).

A missão principal que se destinava a circulação de notícias para defesa da fé católica, correspondia ao trabalho de defesa que Ruy Bello desde jovem era fervorosamente envolvido. Sua fidelidade e devoção aos princípios católicos certamente o conduziu para este cargo como diretor do jornal.

Mesmo após alguns anos em que vigorava a República haviam ações para o retorno da Monarquia. Em Pernambuco a Ação Monarchista Brasileira²⁷⁰. No grupo de representantes estava presente Ruy Belo:

²⁷⁰ Não encontramos nos livros de Bello ou sua autobiografia detalhes sobre esta filiação. Nas pesquisas que fizemos temos que a Ação Monarchista Brasileira foi um movimento político ligado ao integralismo, fundado em São Paulo no início de 1936 por Sebastião Pagano, com o objetivo de restaurar a monarquia no Brasil. Em janeiro de 1936, foi apresentado ao Tribunal Superior Eleitoral (TSE) um pedido de registro para que o movimento pudesse ser transformado em partido político. O TSE, entretanto, negou o registro, por considerar a Ação Monarquista contrária ao regime vigente no país. *Diário de Notícias*, Rio (21 e 28/1/36). Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/busca/Busca/BuscaConsultar.aspx>. Cf. SILVA, Giselda Brito. O Integralismo em Pernambuco na Década de 30. *Revista de Pesquisa Histórica CLIO*. v. 18 n. 1 (1998): Jan-Dez. Sobre o integralismo: O integralismo, por exemplo, representou a amálgama de traços tipicamente autoritários da mentalidade brasileira com as modernas tendências dos fascismos italiano e português. O surgimento do fascismo tropical da Ação Integralista Brasileira (AIB) foi uma tentativa de resgate de valores cristãos e das tradições conservadoras nacionais, ao mesmo tempo em que procurava estabelecer um movimento político

Diretório Monarchico de Pernambuco que tinha a seguinte composição: Secretario Geral do Norte, Dr. Guilherme Auler; Secretario Provincial, pintor Vicente do Rego Monteiro; membros: Barão Suassuna, Deputado Ruy de Ayres Bello; Dr. Casado Lima; Benedicto Nunes; Prof. Ferreyra dos Santos; Prof. Gouveia de Barros; Prof. Avelino Cardoso. Da Faculdade de Medicina: Prof. Murillo de Barros Guimarães, Prof. Odilon Nestor e Prof. Torquato Castro da Faculdade de Direito. O Prof. João Dias da Escola de Agronomia; Pintor Murillo La Greca da Escola de Bellas Artes e os deputados Meira Henrique e Dr. Ladislau Porto (Diario de Noticias, 20.07.1933, p. 2).

A presença de Ruy de Ayres Bello neste movimento, participando como membro do Diretório Monárquico de Pernambuco, certamente era movido pelo interesse de retorno as tradições. A possibilidade de se retornar a monarquia no país, era uma forma de resgatar valores e poderes perdidos na atual república desde a virada do século XX até aqueles dias dos anos 30 do mesmo Século. Principalmente para a Igreja Católica que havia perdido poderes e espaços. Nesses fundamentos de defesa da Monarquia e as Igreja Católica Ruy Bello era um forte aliado da Ação Monarquista Brasileira.

No cenário do país não foi um movimento vitorioso sendo censurado, pois batia em frente ao regime em vigor. Em 10 de Julho de 1939 o interventor Agamenon Magalhães recebe de Mario Melo uma correspondência informando que sua entrevista com monarquistas foi censurada pela imprensa pernambucana²⁷¹.

O Instituto de Cultura Catholica com sede no Círculo Católico de Pernambuco, à rua do Riachuelo 150, acaba de instalar-se com cursos especializados com coordenados, de forma autônoma, onde são abordadas questões concernentes à Teologia, Filosofia, Ação católica, Liturgia, etc. Ruy Bello, desempenhava neste Instituto a função de Secretário:

A cadeira de filosofia está a cargo do dr. José Vieira Coelho, a de teologia tem como mestre o padre dr. Costa Carvalho e a de Ação Catholica é regida pelo padre João Costa. As matriculas são inteiramente gratuitas. Mais informes com o secretário sr. *Ruy Ayres Bello*, na redação de “A Tribuna” à rua da Aurora, todos os dias úteis das 7 às 10 e meia horas e das 5 às 7 horas (Jornal O Pequeno, 27.09.1933, p. 2, grifos nosso).

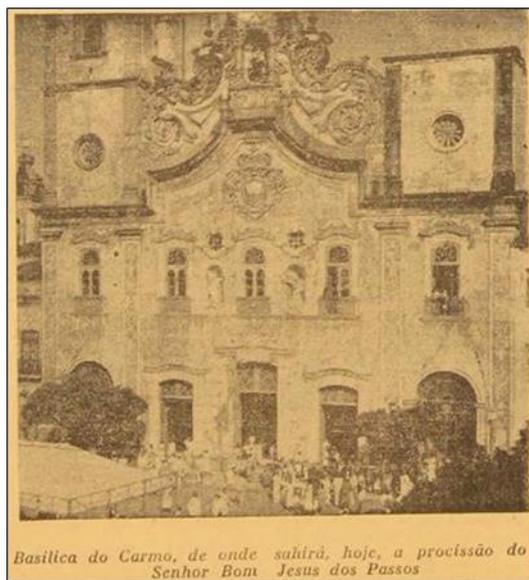
pujante de mobilização de massas, no qual havia a vontade de imposição de uma pauta autoritária. Como consequência, a união de fatores conservadores e tradicionalistas com o espírito revolucionário da época fizeram do integralismo um elemento da maior importância para a compreensão da teoria constitucional daqueles anos. Ainda que a AIB tenha sido esmagada por Getúlio Vargas após a fracassada tentativa de golpe de 1938, os ideólogos do integralismo participaram ativamente dos debates constitucionais do País durante a década de 1930 e foram responsáveis por considerável divulgação e defesa de princípios autoritários e corporativistas no País, como se vê em Miguel Reale, Gustavo Barroso, Olbiano de Mello e Anor Butler Maciel (Rosenfield, 2020, p. 5)

²⁷¹ Cf. Agamenon Magalhães, Arquivo AGM c 1939.07.10, CPDOC.

A Assembleia Legislativa do Estado de Pernambuco, recebeu convite para a Procissão do Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos. O Sr. Presidente da Assembleia Legislativa, atendendo ao convite feito designou os deputados padre Gonzaga de Lyra, Ruy Bello e João Cardoso Ayres, para, em comissão representarem a mesma assembleia.

A celebração foi noticiada com grande entusiasmo por diversos jornais locais do estado de Pernambuco. Alguns destacados a seguir como mostra a Figura 74 e 75:

Figura 74: Frente da Basílica do Carmo



Fonte: Diário da manhã, 27.03.1936, p. 12.

Figura 75: Procissão dos Passos em 1936



Fonte: Diário da manhã, 27.03.1936, p. 12

O jornal faz o destaque da presença da população católica em maioria. Ressaltando que a cidade assistiu a sua maior solenidade quaresmal, que já se habituou a acompanhar todos os anos. Fato este noticiado como sendo a mais perfeita demonstração dos sentimentos cristãos dos pernambucos. Segue ainda na notícia o destaque para a presença de algumas autoridades Ruy Bello é citado, pois como já mencionado, ele compunha a comissão representando a Assembleia Legislativa de Pernambuco:

O pallio²⁷² e as internas eram conduzidos pelos irmãos das ordens Terceiras do Carmo e São Francisco. Após o palio vinham o sr. D. Miguel Valverde, arcebispo de Olinda e Recife, padre Felix Barretto, , governador interino do Estado, deputados padre Gonzaga de Lyra, Ruy Bello e João Cardoso Ayres, representando a Assembleia Legislativa do Estado, outras autoridades civis, militares e eclesiásticas, provedores e juízes das diversas associações religiosas, bandas de musica militares e civis. (Diário da manhã, 27.03.1936, p. 12)

Em 1939, Recife sediava o III Congresso Eucarístico Nacional²⁷³, que seria inaugurado no local o Parque 13 de maio. Neste local foram levantadas apressadamente arquibancadas e todo local foi preparado para o evento. Peregrinos de todo o país e do mundo chegavam para um dos maiores eventos religiosos da Igreja Católica do mundo. Abaixo o símbolo do evento, conforme Figura 76:

Figura 76: Símbolo do III Congresso Eucarístico Nacional em 1939, no Recife



Fonte: Revista Maria, março 1939, p. 36

²⁷² O pálio (do latim *pallium*, manto) é um manto sustentado por quatro ou mais hastes sob o qual se conduz o Santíssimo Sacramento exposto no ostensório em procissões fora da igreja.

²⁷³ Cf. Lembrança do III Congresso Eucarístico Nacional aos seus Irmãos do Norte e do Sul; 1939. Recife: Congregação Mariana da Mocidade Acadêmica, s/d.

Em uma lista de programações de orações em prol do III Congresso Eucarístico Nacional, Ruy Bello compõe um dos grupos de homens com esta missão:

III Congresso Eucarístico Nacional. CONGREGAÇÃO MARIANA DA MOCIDADE ACADÊMICA – Adoração nocturna na Basilica do Carmo em preparação ao III Congresso Eucarístico Nacional. De acordo com o programa: (..) De 10 ás 11 horas – sr. Antonio Baltar – Francisco Montenegro – Gregório de Alencar – Guilherme Auler – José Maciel – José Korin – Luiz Gonzaga Lyra – Mario Baptista – Nilo Pereira – *Ruy Bello* e José Guimarães (Diario da Manhã, 25 de março de 1939, p. 5, grifos nosso).

No III Congresso Eucarístico Nacional em Pernambuco, coube a Ruy Bello apresentar uma tese sobre o tema “Meios práticos de assistir à Missa” numa sessão coordenada pelo arcebispo de Curitiba Dom Áttico Eusébio da Rocha. Por falta de tempo só foi lido as conclusões do trabalho, sendo ao final da leitura declarado pelo arcebispo que a tese de Ruy Bello não podia ser posta em discussão porque ia de encontro a ensinamentos da Igreja, inclusive recomendara pela voz de Leão XIII que se rezasse o terço de Nossa Senhora durante a Missa. O evento teve repercussão na imprensa local, sendo noticiado durante todos os dias de solenidades, como pode-se visualizar na Figura 77.

Figura 77: Registro do III Congresso Eucarístico Nacional em 1939



Fonte: Diario de Manhã, 06.09.1939, capa

Não só era notória a presença de Ruy Bello em eventos religiosos, como também, eram expressivas as menções de um destaque em suas participações. O foco no seu domínio do evangelho e sobre o tema da doutrina cristã católica, eram elogios recorrentes nas notícias que os jornais publicavam. Com bastante desenvoltura ele proferia seus discursos entre amigos e correligionários. Como foi noticiado na coluna do Jornalista João Alberto no Diario

de Pernambuco. Saiu uma nota sobre uma conferência com elogios ao Prof. Ruy Bello: “Uma bonita conferencia foi proferida pelo professor Ruy de Ayres Bello, no domingo passado, no Templo da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição dos Militares, subordinada ao tema: ‘Religião e Segurança Nacional’” (Suplemento Social do Diario de Pernambuco, Recife, 03/02/1953, p.3).

Em Barreiros, no ano de 1957, foi organizado o Jubileu de Prata do Apostolado da Oração, tendo a visita pastoral do Bispo da Diocese de Garanhuns. Nesta cerimônia é destaque a presença de Ruy Bello. “Na ocasião pronunciou erudita conferencia sobre a liturgia eucarística” (Diário de Pernambuco, 14.04.1957, p. 22).

A presença em retiros também era uma opção de Ruy Bello. Um dos registros de sua participação em fevereiro de 1961:

Além do retiro do Colegio Salesiano, com a participação de 60 pessoas, houve também, este ano, pelo carnaval, um recolhimento, na praia de S. José da Coroa Grande (Barreiros), sob a direção de d. Felipe, OSB, integrado em sua quase totalidade por jovens universitários católicos. Foram os seguintes os participantes daquele recolhimento: Samuel Mac. Dowell, Carlos F. Maciel, Telmo Maciel, Lauro de Oliveira, Paulo A. S. Dias da Silva, J. Antonio de Souza Leão. Raimundo G. de Araujo Lima, Paulo Alves Pereira, J. Mario de Araujo Junior, Rael Julio do Nascimento, José Mario de Andrade, Severino W. Alves da Silva. Prof. Ruy, de Ayres Bello, Arnaldo Cavalcanti P. Barreto e J. Ajuricaba da C. e Silva. Foram hospedes da Família Gomes Ferreira. (Diario de Pernambuco, 10 de fevereiro de 1961, p. 6).

Por iniciativa do laicato católico foi fundado no ano de 1965 o Clube Serra para lazer e integração de religiosos. Registro do primeiro almoço realizado no clube:

Almoço do Clube Serra. Sob a presidência do prof. Lucilo Avila Pessoa, realizou-se ontem, na Casa da Itália, o primeiro almoço-assembleia do Clube Serra. Recém fundado nesta capital por membros do laicato católico para o serviço das vocações religiosas e sacerdotais. Na ocasião, foram explicadas as finalidades do Clube, através do folheto de propaganda recebido, tendo o presidente feito um histórico da entidade, concluindo por afirmar que se trata de associação voluntária do laicato, com o objetivo de estimular as vocações e incrementar o cristianismo. Através de amizades duradouras. Foi marcada nova reunião para o sábado 10 de abril quando o prof. Ruy de Ayres Bello falará sobre a importância das vocações (Diário de Pernambuco, 28/03/1965, p. 5).

Uma reunião foi organizada pelo Grupo de Liderança Cristã de Pernambuco. Esta entidade tinha à frente o sr. Toquato Marques dos Santos e outras Figuras da comunidade cristã do Estado. A reunião a ser realizada no Hotel São Domingos com direito a um almoço para o qual foram convidadas as mais altas autoridades da União, do Estado e do Município,

com atuação em Pernambuco, nessa lista de convidados inclui o nome de Ruy Bello, responsável pela palestra.

O Grupo de liderança Cristã, que obedece, no plano nacional, à direção do senador Guido Mancini, ouvirá a palavra do professor *Ruy Ayres Bello* e do sr. Djair Brindeiro, cabendo ao governador Nilo Coelho o encerramento da reunião. O Grupo, que começa a desenvolver-se em todos os Estados, a partir do Grupo Inicial, que funciona na área parlamentar, em Brasília, visa à defesa dos postulados cristãos, sobre um critério ecumênico (Diário de Pernambuco, 22.11.1970, 1º caderno, p. 5, grifos nosso).

O nome de Ruy Bello foi citado em agradecimento compondo a comissão organizadora do evento de Louvação ao Padroeiro de São José da Coroa Grande, em março de 1972, com expressiva presença de fieis:

Recife, domingo, 19 de Março de 1972
10 mil pessoas fazem louvação ao Padroeiro
São José da Coroa Grande (de Lúcio Vieira) - Este município comemorou, com absoluto sucesso, as atividades consagradas ao Padroeiro São José. Cerca de 10 mil pessoas participaram do movimento programa elaborado pela comissão organizadora dos festejos, à frente as srs. Rosa Maria Bello Lopes e Anália Clemente da Silva, além do professor *Ruy de Ayres Bello* (Diário de Pernambuco – Primeiro Caderno. 22 de março de 1972, p. 10, grifos nosso).

Em 1975, Ruy de Ayres Bello, recebe mais uma homenagem como reconhecimento da sua religiosidade católica:

Conferência, “Tabocas, prova de fé num rasgo de audácia” É o tema da conferência que será proferida pelo acadêmico Everaldo Holanda, do Instituto Histórico de Olinda, no consistório Cel. João Lobo de Lacerda, da Matriz da Conceição dos militares, às 11 horas do dia 10 do corrente domingo, a convite do presidente major Luiz Vital Duarte. Será homenageado na sessão solene o acadêmico *Ruy de Ayres Bello*, que receberá o título de irmão emérito, outorgado pela unanimidade pela Mesa Regedora do Sodalício Religioso e Cultural²⁷⁴. Na reunião Administrativa do mesmo dia, antes da missa de 10 horas terá prosseguimento o Curso Integrado de Evangelização, dirigido pelo monsenhor João Barbalho Uchoa Cavalcanti, Capitão da irmandade. O divórcio será o tema da próxima aula (Diário de Pernambuco - Recife, sexta-feira, 8 de agosto de 1975, p. 10, grifos nosso).

Ruy Bello teve influência do mosteiro de São Bento de Olinda onde se beneficiou da vida ascética e litúrgica. Atentou-se a leitura do livro “o espírito da liturgia”. “Quando vim a

²⁷⁴ Somos uma sociedade de vida apostólica leiga, aprovada pelo Papa São João Paulo II em 1997. Os sodalistas são católicos, leigos e clérigos, que reconhecem um chamado a responder ao Senhor, consagrando plenamente as nossas vidas ao apostolado da Igreja, com uma ênfase especial no serviço aos jovens, aos pobres e nas áreas onde a cultura se desenvolve. Vivendo em comunidade com os nossos irmãos e assumindo livremente na Igreja os compromissos de obediência e de celibato apostólico, aspiramos à conformação com Cristo através do caminho de uma relação de amor filial com a Virgem Maria. Cf. <https://sodalicio.org/>

participar, de certo modo, da vida beneditina do Mosteiro de Olinda, inclusive na condição de oblato²⁷⁵, eu já possuía, assim, alguma iniciação litúrgica, o que me permitiu desde logo tornar aquela participação um pouco mais íntima e consciente” (Bello, 1982, p. 163).

Como se vê, Ruy Bello que rememorou não ter uma família com uma “índole religiosa” se firma com grande entusiasmo e entusiasta ao catolismo.

5.1.3 Por intermédio da política

No fim de tudo, alguma coisa se salvou embora muito pouca: a legenda “Pelo Cristianismo Social” conseguiu eleger um deputado à Constituinte do Estado. Pena que o eleito fosse eu [...] A minha vida parlamentar, que não chegou a durar uma legislatura completa, pois foi cassado pelo ‘Estado Novo’ de 1937, decorreu sempre tranquila e até mesmo, socialmente confortadora, pois a assembleia política de que participei, era como já disse, de modo geral, formada por homens dotados do necessário senso de sociabilidade e espírito público (Bello, 1982, p. 213).

Ruy Bello foi eleito Deputado da 1ª Legislatura (1935-1939), na legenda Pelo Cristianismo Social²⁷⁶. Alguns debates que tiveram sua participação como autor de projeto ou em debates nas sessões da Câmara dos deputados de Pernambuco serão mencionados.

Um dos projetos apresentados de sua autoria foi sobre o ensino religioso. De forma sucinta, vale destacar que as questões sobre o Ensino Religioso e Ensino Laico, neste período da Primeira República aponta que “o cenário das discussões entre Igreja e Estado foi influenciado por diversos fatores sócio-políticos-econômico-histórico e culturais. E é neste contexto que o ensino religioso terá uma representação definida que implicará na formação ideológica do povo brasileiro” (Oliveira; Araújo, 2002, p. 109).

O ensino religioso ministrado nas escolas e a Igreja recuperando este controle era uma estratégia de influenciar a sociedade. A Constituição de 1934 legalizou esta situação após a supressão na Constituição anterior de 1891.

Pauly (2004) considera a necessidade do ensino religioso para propiciar a formação moral aos educandos, como sendo falsa. Pois nesse caso, ele seria uma “religião civil”,

²⁷⁵ O Oblato Beneditino é o cristão (leigo ou sacerdote) que, chamado por Deus, procura viver coerentemente o Batismo, a Confirmação e a Eucaristia dentro do espírito da Regra de São Bento; nos ditames desta encontra alimento e estímulo para tender à perfeição evangélica e à glorificação do Criador.

²⁷⁶ Detalhamos no primeiro capítulo como ocorreu este fato.

segundo a qual ‘os princípios transcendentais teriam a função precípua de consolidar a solidariedade social’ (Azevedo, 1981 *apud* Pauly, 2004, p. 174).

Quadro 15 – Artigos da Constituição Federal do Brasil sobre o Ensino Religioso

ANO	ARTIGO	TEXTO LEGAL
1824	Art. 5	“A Religião Catholica Apostolica Romana continuará a ser a Religião do Imperio. Todas as outras Religiões serão permitidas com seu culto domestico, ou particular em casas para isso destinadas, sem fórma alguma exterior do Templo..
1891	Art.72 § 6º	“Será leigo o ensino ministrado nos estabelecimentos públicos.”.
1934	Art. 153	“O ensino religioso será de freqüência facultativa e ministrado de acordo com os princípios da confissão religiosa do aluno manifestada pelos pais ou responsáveis e constituirá matéria dos horários nas escolas públicas primárias, secundárias, profissionais e normais. ”.
1937	Art. 133	“O ensino religioso poderá ser contemplado como matéria do curso ordinário das escolas primárias, normais e secundárias. Não poderá, porém, constituir objeto de obrigação dos mestres ou professores, nem de freqüência compulsória por parte dos alunos.”

Fonte: Elaborado pela autora.

Evidencia-se um embate entre a laicidade no ensino oficial e a Igreja Católica que se dedicou a defender o Ensino Religioso para retornar ao cenário civil, político e educacional. Não seria possível facilmente eliminar o Ensino Religioso e o que ele representava para uma sociedade tradicionalmente católica. Por isso foram frequentes as manifestações em defesa da permanência do Ensino Religioso nos primeiros anos da República. Pelas Constituições Brasileiras verificou-se as concepções que os textos legais atribuíram ao Ensino Religioso: Da primeira Constituição Imperial (1824) para a Constituição Republicana (1891) o ensino se tornou leigo.

Ruy Bello exerceu seu mandato onde participava com assiduidade das sessões na Câmara, envolvendo-se nos debates ou meramente como ele afirma pelo “diletantismo exibicionista” que o cargo lhe permitia. Um dos seus debates mais árduos foi a respeito do preâmbulo da Constituição. O fato de constar o nome de “Deus” suscitou vários debates com justificativas da modernidade, anti-religiosos, etc. No final venceu uma redação da comissão constitucional permanecendo o nome de Deus, mas em outro sentido²⁷⁷. Para aprovação desse documento Ruy participou ativamente. Foi promulgada a Constituição de Pernambuco e Ruy Bello fez parte do grupo de constituintes de 1935.

²⁷⁷ Na primeira versão configurava: “Em nome de Deus onipotente, o povo de Pernambuco por seus Representantes, reunidos em Assembleia Constituinte, decreta e promulga a seguinte Constituição pela qual o Estado Federado de Pernambuco se organiza como parte integrante da República dos Estados Unidos do Brasil”. A versão aprovada “Nós, os representantes do povo pernambucano, reunidos em Assembleia Constituinte, confiantes em Deus, decretamos e promulgamos a seguinte Constituição”.

Ruy Bello foi autor de um projeto de lei sobre o ensino religioso²⁷⁸. no currículo das escolas públicas do estado de Pernambuco. Este projeto foi arduamente discutido na sessão de 21 de outubro de 1935. Quando foi lido o parecer n.º. 144 em plenária da Comissão de 'Instrução e Saude Publica': "tendo em vista o Projecto n.40, que regulamenta os dispositivos constitucionais relativos ao ensino religioso facultativo nas escolas officiaes considera que o referido projecto não satisfaz as exigências do ensino religioso e da legislação vigente, é de parecer que se substitua o mesmo Projecto pelo seguinte: [...] (Annaes da Câmara de Pernambuco, 1935, p. 23).

O debate em torno da modificação do Projeto envolveu alguns Deputados: Costa Pinto, Carlos Rios, Arthur de Moura, Gonzaga Lira, Felix de Sá outros e o seu autor Ruy Bello. O substitutivo do projeto foi assinado por quatro dos sete integrantes da comissão de Instrução Publica e Saúde. Fato acentuado tanto pelo presidente da casa como pelo Ruy Bello alegando não haver consenso para as modificações apontadas. Segue abaixo a explicação de Ruy Bello sobre um dos pontos polêmicos:

O SR RUY BELLO – Compreendo a intenção de V. Excia. A Palavra 'integrante' foi que serviu de pedra de escandalo. Na citação que acabo de fazer essa palavra está escripta com todas as letras. Mas sr. Presidente, a questão neste caso gira apenas em torno de uma simples substituição de palavras, sem grande interesse para o assumpto. Onde eu acho que o meu projecto ficou mais seriamente prejudicado foi na redacção do art. que a Comissão substituiu o pelo seguinte: - 'o ensino religioso fará parte do horario escolar'. No meu projeto estava: - 'o ensino religioso será ministrado dentro do horario escolar, em duas aulas por semana, que não poderão durar menos do que as aulas de outras diciplinas'. No art. 3º do substitutivo não se diz quantas vezes vigorará, semanalmente o ensino religioso, como não se fala a duração que deverá ter esse ensino (Annaes da Câmara de Pernambuco, 1935, p. 49).

A discussão se prolongou por dezenas de páginas da ata desta sessão. Outro ponto de desacordo foi a sugestão de Ruy Bello de colocar um fiscal nos estabelecimentos, como vemos nesse trecho da Ata:

- O Sr. Costa Pinto: [...] simplesmente entendeu a Comissão que era desnecessaria a actuação de um fiscal nos estabelecimentos de ensino, para verificação da maccha do ensino religioso porque de certo s.excia. o sr. Arcebispo não nomearia um incapaz, um dissidioso para tão elevada missão. Talvez s. excia., fosse mais contra o projecto querendo manter a fiscalização do que a comissão que elimiou no substitutivo.
- O Sr. Ruy Bello – começo dizendo a v.Excia que eu não podia absolutamente ser contrario ao projecto. Primeiro porque é principio constitucional, segundo, v.excia, conhece como toda a Casa quaes os meus sentimentos e convicções a respeito.
- O Sr. Costa Pinto – Que é também meu...
- O Sr. Carlos Rios – Aliás o projecto é para todas as religiões.

²⁷⁸ Cf. Pauly (2004) O dilema epistemológico do ensino religioso. Cury (2004) Ensino Religioso na escola pública: o retorno de uma polêmica recorrente.

- O sr. Pio Guerra (Dirigindo-se ao Sr. Carlos Rios) – v. excia. Descobriu o Brasil.

- O Sr. Carlos Rios – Mas muitas vezes é preciso ter inteligencia para descobrir detalhes.

- O sr. Arthur de Moura – Há também quem não tenha religião nenhuma e portanto não tenha interesse ao projeto.

- O Sr. Carlos Rios Mantenho o meu ponto de vista em these, contrario ao ensino religioso. Agora, como legislador não posso mudar de ponto de vista doutrinário.

- O Sr. Ruy Bello – A discussão agora é descabida. Não podemos alterar a Constituição Federal, temos de acatá-la.

- O Sr. Costa Pinto – Prosseguindo, Sr. Presidente lembro a s. excia, o Sr. Deputado Ruy Bello que os regimentos internos dos Estabelecimentos secundarios do Estado dão plenos poderes aos directores para que elles fiscalizem, sob diversos aspectos os educarios entregues a sua guarda. Porque então um fiscal especial para as aulas de ensino religioso? Seria Sr. Presidente, uma diminuição para a direcção da Casa e mais uma independencia absoluta do curso de religião, o que não é absolutamente possível.

O Sr. Ruy Bello – Respondo a v. excia, se o director é catholico não saberá si está se processando direito uma aula sobre o protestantismo ou sobre o budhismo. A resposta para mim é tranchant. Não tem autoridade porque não tem competencia sobre o assumpto. É como se um allemão que desconhecesse o portuguez e fosse fiscalizar uma aula desta disciplina.

- O Sr. Costa Pinto – Ainda v. Excia. Não tem razão na sua affirmativa. Não se trata de saber o que o professor sabe religião (sic). A minha these é a seguinte: o professor de religião indicado pela autoridade competente não precisa ser fiscalizado porque naturalmente e no caso não pode haver duas opiniões será um incompetente porque em assumpto tão delicado quanto este, as autoridades religiosas não poderão escolher senão pessoas profundamente versadas na materia e capazes de convencer.

- O Sr. Ruy Bello – Os professores nomeados pelo Secretário da Justiça têm ou não indoneidade?

Mensaes, se deixam os registros nos diarios de classe, se entregam os boletins mensaes, etc, e nunca se o professor está ensinando a sua disciplina certo ou errado.

O sr. Ruy Bello – v. excia, figura a hypothese do ensino secundario. E o ensino primario?

O Sr. Costa Pinto – o mesmo aos grupos: os directores são só fiscaes.

O Sr. Ruy Bello – É para que v. excia. Não propõe a supressão dos inspetores de ensino? (Annaes da Câmara de Pernambuco, 1935, p. 50)

Na própria ata se esclarece como se seguiu os animos nessa sessão “fora trocados vários aportes na sessão e o presidente fez soar os timpanos” encerrando a sessão²⁷⁹.

Para Ruy Bello como católico militante e sua visão de educação para a formação integral do homem, defendeu o Ensino Religioso para se manter presente nas escolas públicas, como disciplina escolar, por representar uma condição indispensável para promoção da moral e da fé em Deus,.

Nesta década de 1930, os católicos defenderam vigorosamente a inclusão do ensino religioso nas escolas. Para eles, o ensino religioso era visto como uma necessidade fundamental para a formação moral e espiritual dos alunos. Acreditavam que a religião desempenhava um papel crucial na educação, não apenas fornecendo conhecimento sobre valores éticos e morais, mas também promovendo uma compreensão mais profunda da vida e do propósito humano.

Essa defesa do ensino religioso pelos católicos, a Constituição de 1934 refletia a influência e a importância da Igreja Católica na sociedade da época, especialmente em questões relacionadas à educação e moralidade. Eles argumentavam que a inclusão do ensino religioso nas escolas não apenas fortaleceria a fé dos estudantes católicos, mas também contribuiria para a formação de cidadãos mais íntegros e compassivos, capazes de contribuir positivamente para a sociedade.

O ensino religioso refletia os valores e as crenças ainda predominantes na sociedade, onde a religião desempenhava um papel central na vida pública e na educação, apesar de todos os embates e aspirações laicizantes para o país.

Ruy Bello como político discursou em plenário sobre sendo contra as agremiações carnavalescas, pois era, em tese, por princípios e por convicções, contrário ao Carnaval, fez voto contrário em Assembleia. Como o deputado Persivo Cunha apresentara emenda à proposta de ajuda à Federação Carnavalesca de Pernambuco, alguns deputados viram ameaçados o projeto que fortaleceria a entidade como elemento coordenador, de atividade aproveitável, com o objeto de divertir o povo com disciplina.

Ruy Bello, uma voz dissonante e que parecerá triste a este ambiente, votou contra e explicou sua posição: “Votei contra o projeto e devo declarar as razões do meu voto. Feria meus princípios religiosos. Este é o motivo principal do meu voto, que não poderia ser no

²⁷⁹ A Liga pró-Estado leigo, a Liga pela liberdade de pensamento se ocupava de reagir contra o movimento dos católicos.

sentido de o Estado amparar uma instituição e uma praxe que eu condeno como perniciososa” (Ferreira, 2001, p. 3). A negação ao voto causou polêmica entre seus amigos.

Cartas Sem Sello. Ao Deputado Persivo Cunha. Camara dos Deputados. Eu me penitencio, Persivo Cunha amigo, do erro que commetti, por causa do seu colega, Pe. Gonzaga de Lyra, afirmando que o Ruy Bello, meu e seu camaradão, era o Benjamin desse formoso edifício da Rua da Aurora, onde v., ele e os outros fazem leis e silenciam quando o pe. Barretto mette os pés pelas mãos e revoga a lei orçamentária!!! Tem v. de compreender, Persivo amigo que o Ruy Bello tem uma carinha de anjo de procissão, de modo que aceitei, sem mais discussão, a afirmativa do Pe. Gonzaga de Lyra que eu supuz tivesse baptisado o Ruy. [...] Mario D’Aguilar (Jornal do Recife, 12.8.37. p. 04).

Ruy Bello considerava o apoio as agremiações carnavalescas sendo um forte fator de corrupção dos costumes. Questionou também em uma das sessões o fim da folga dominical para a realização de feiras em vários municípios pernambucanos.

Ruy Bello, enviou mensagem à assembleia propondo a revogação da lei que estabelecia o descanso dominical. Para reforçar seus argumentos contrários ao fim do descanso dominical, citou artigo que escrevera no jornal “A Tribuna” relacionando a tentativa de retomar o comércio aos domingos a mais uma ação comunista, como forma de descristianizar o povo: a abolição da prática cristã do descanso dominical em nossos costumes, que se deve principalmente à realização das feiras e do comércio aos domingos, vem descristianizando a alma do nosso povo (Ferreira, 2001, p. 31).

Ruy de Ayres Bello mostrou-se contrário, a partir do princípio de que Deus reservou o domingo para o descanso do homem, argumento reforçado pelo fato de não dispor de dados suficientes e de questionar as pesquisas que indicavam perdas com o fechamento do comércio no dia dedicado ao descanso.

As discussões dos parlamentares sobre o assunto do descanso dominical causaram discussão até fora da Casa Parlamentar. A Liga Católica Eleitoral (LEC) publica uma nota no jornal ‘A Ordem’, transmitindo sua insatisfação para alguns parlamentares cristãos que votaram a favor de tal projeto, não sendo conivente com os princípios da Igreja. Abaixo segue a publicação:

UM REVEZ DOS CATOLICOS NO RECIFE. A Assembléa Legislativa de Pernambuco, no mez passado, aprovou um projeto de lei revogando o dispositivo constitucional que institui o descanso dominical. Não nos interessa o aspecto jurídico do caso, porem acentuar que a aprovação do referido projeto se fez com os votos dos deputados admitidos pela ação da Liga Eleitoral Católica do Recife, na última eleição, em virtude de compromisso forma assumido pelos mesmo, de apoiar as reivindicações mínimas católicas, entre as quais figurava a obrigatoriedade daquele descanso. A Liga, ao ter conhecimento do facioso projeto, em circular, advertiu áqueles deputados de que o seu apoio ao mesmo, implicaria em

desrespeito á palavra que haviam empenhado, perante ela. Não obstante apenas três, o Padre Gonzaga de Lira e os Drs. Pio Guerra e Ruy Bello, honraram o seu compromisso. Registremos este fato e tivemos do mesmo a única conclusão possível: é indispensável que nos congreguemos em torno da L. E.C., e lhe asseguremos o necessário prestígio para que, nas próximas eleições, ela faça sentir que estes e outros atentados contra a consciência católica dos pais não se cometem impunemente (Fonte: Jornal A Ordem, 1937, p. 71).

Deste episódio, nota-se que a LEC, ao tomar conhecimento do projeto, tenha advertido esses deputados sobre o desrespeito ao compromisso assumido perante ela. No entanto, apenas três deles - Padre Gonzaga de Lira e os Drs. Pio Guerra e Ruy Bello - honraram esse compromisso.

A divulgação no jornal deste fato, promovia o alerta contra a consciência católica dos cidadãos. O apoio a LEC era importante ação para garantir o respeito aos valores e demandas da comunidade católica nas próximas eleições.

5.2 Combate na luta contra o comunismo

No estudo de Azevedo e Machado (2006) são destacados um grupo de personagens de expressiva relevância no pensamento católico cívico-social e o seu processo de difusão no Nordeste, entre 1930-1952. Os autores informam ter usado os critérios maior poder de articulação, de mobilização, de difusão e, acima de tudo, de persuasão. Os temas de antiliberalismo, do anticomunismo e do conservadorismo são refletidos pelo grupo. Um grupo de pernambucanos e missionários radicados em Pernambuco: Luiz Maria de Sousa Delgado, Manoel da Costa Lubambo, Pe. João Batista Portocarrero Costa, Francisco Barreto Rodrigues Campelo, Nilo de Oliveira Pereira, Antônio Vicente de Andrade Bezerra, Ruy de Ayres Bello, Pe. Felix Pimentel Barreto e Padre Antônio Paulo Ciríaco Fernandes.

Todos eles atuaram como militantes, e apesar de estarem em prol e regidos pelos interesses de uma nova estratégia política da Igreja pós-república, eram formados, na sua grande maioria, por uma corrente de intelectuais da classe média. Uma classe que, desde os meados da década de 20, emerge como contendora e influenciadora de posturas políticas, manifestas por ações de propósitos diferentes (Azevedo; Machado, 2006, p. 87).

Ruy Bello participou ativamente do combate ao comunismo nos trabalhos da Semana Anti-Comunista dos Estudantes. Em continuação à campanha cultural anti-bolchevita que a Escola Normal de Pernambuco vinha promovendo, realizou-se, no dia 06 de novembro de 1937, à tarde, no Teatro Santa Isabel, uma grande sessão cívica durante a qual o desembargador João Paes de Carvalho Barros fez patriótica conferência acerca do tema: -

“Contradições do comunismo. A Defesa do Brasil”. Este evento estampou a capa do Jornal Diário da Manhã²⁸⁰, como destaca a Figura 78.

Figura 78: Trecho da Capa do Diário da Manhã, 1937



Fonte: Diário da Manhã (7 de novembro de 1937).

Em cima: o sr. Des. João Paes ao ler a sua conferencia. Em baixo: o prof. Gilberto Fraga Rocha, rodeado pelas altas autoridades ao dar início aos trabalhos. A sessão foi presidida pelo sr. Capitão Idefonso de Castilhos. Abrindo os trabalhos fala o prof. Gilberto Fraga Rocha, diretor da Escola Normal, pronunciou estas palavras:

A campanha cívica e cultural de combate ao credo vermelho e de defesa do patrimônio da civilização christã do Brasil agita e empolga a terra moça e formosa de santa cruz. Presenciamos neste instante um espectáculo magnifico de civismo em que sentimos palpitantes e fortes as energias e as volições dos pernambucanos pela manutenção de nossas tradições liberaes, pela integridade da família, pela santidade do lar, pelo respeito a religião mysteriosa e encatadora, que nos transmitiram os nomes maiores, pela honra e pela dignidade da Patria! (Diario da Manhã, 07/11/1937, capa).

Os estudantes fizeram uso da palavra representados pelo acadêmico Goes de Andrade, que falou em nome da “A Hora do Estudante Nacionalista” e da “Acção Estudantina Nacionalista pró-Armanda”. Encerrando os trabalhos, o capitão Idefonso Castilho agradeceu a presença do dr. Luiz Delgado, representante do governador.

Foi nas palavras do Dr. Arnaldo Duarte, promotor da comarca, que se levantando frisou entusiasticamente a necessidade de se combater o comunismo por todos os meios e

²⁸⁰ Diário da Manhã, 07 de novembro de 1937.

apresentou aos presentes o deputado Ruy de Ayres Bello que foi convidado especialmente para iniciar uma serie de conferencias doutrinarias contra o regime vermelho. Suas impressões sobre Ruy Bello foram destacadas:

Foi uma nota de singular brilhantismo a conferencia do ilustre deputado pernambucano. S. excia. Começou por uma analyse philosophica da doutrina bolchevista, indicando-lhe os erros e as inconseqüências. Essa analyse constituiu a primeira parte da palestra. Toda segunda parte foi de referencias, baseadas em documentos de incontestável valor, sobre a applicação do bolchevismo na Russia, applicação que redundou numa verdadeira escravização do povo russo. A escolhida assistência do Aurora recebeu magnificamente todas as ponderadas apreciações do orador. [...] deputado Ruy de Ayres Bello foi convidado especialmente para iniciar uma serie de conferencias doutrinarias contra o regimen vermelho (Diário da manhã 07.11.1937, capa).

Ruy Bello não apenas participou dessa série de conferências contra o comunismo, mas este presente em outras atividades sobre este tema, a exemplo sua participação na Quinzena Estudantil Anticomunista da Faculdade de Filosofia do Recife, em 1938:

QUINZENA ANTI-BOLCHEVISTA

Hoje a instalação. Com a presença de altas autoridades civis, militares e eclesiásticas, será instalada, hoje, ás 20 horas, no salão nobre da Faculdade de Filosofia do Recife (Colegio São José), a <Quinzena Estudantil Anti-/comunista. Discursarão o jornalista Anibal Fernandes e os universitarios Almeida Filho e Adige Maranhão. A sessão de encerramento será no dia 9 de junho, com uma conferencia do arcebispo metropolitano, dom Antonio de Almeida Morais Junior, sob o tema <O Estudante e a Concepção Comunista da Vida>. A União dos Estudantes Secundarios de Pernambuco está distribuído com a imprensa a seguinte nota: <Os estudantes secundarios de Pernambuco em face da exploração vermelha de que a juventude tende inelutavelmente para a aceitação do regime bolchevista, resolvem, por seu órgão de classe, a União dos Estudantes Secundários de Pernambuco, realizar uma quinzena estudantil anti-comunista, Na parte dos estudos e conferencias contamos com a cooperação de elementos do maior prestígio intelectual, tais como sua excia. revma. dom Antonio de Almeida Morais Junior Jornalista Anibal Fernandes, escritor Cesario de Melo, professor **Ruy de Ayres Belo** e o advogado Melquiades Montenegro. (Diário de Pernambuco, 26.05.1938, capa, grifos nosso).

Ruy Bello ministrou uma série de conferências em combate ao comunismo. Um nota sobre as atividades foi publicada no jornal do Recife:

COMBATE AO COMUNISMO. Iniciará serie de conferencias o sr. Deputado Ruy Bello, figura de alto relevo nos meios intellectuaes do nosso Estado e uma das affirmações da corrente Christã que no momento tem ocupado um lugar de grande destaque na movimentação de todas as forças moraes contra o bolchevismo. A instalação da União Anticomunista de Limoeiro se realizará no Cinema Aurora daquela cidade, às 16horas (Jornal do Recife, 28.10.1937, p. 4).

No plenário Ruy Bello teve alguns embates anticomunistas. Ferreira (2001) registra um dos momentos em que no dia 12 de agosto de 1937, quando o governador de Pernambuco, Carlos de Lima Cavalcanti²⁸¹, foi acusado de comunista:

“porque seria uma coisa oprobriosa que o governador de Pernambuco fosse condenado como comunista. Seria opobrioso, não para todos os seus jurisdicionados, para todos os pernambucanos, que tivéssemos de ver o nosso maior magistrado condenado como inimigo das instituições, como inimigo da família, como inimigo de Deus, como inimigo de tudo aquilo que nos é mais caro”. (Ferreira, 2001, p. 107)

Uma fala de Ruy Bello, como um representante anticomunista que via na figura do governador conforme suas convicções políticas em defesa da militância católica, toda oposição ao comunismo. A Igreja Católica tem ao longo da sua história tido ações em oposição ao comunismo. Isso se deve a uma série de razões, incluindo diferenças ideológicas, filosóficas e práticas, em defesa de seus ensinamentos e da liberdade religiosa.²⁸².

Outra participação de Ruy Bello foi a tarefa de proferir um discurso sobre “O Comunismo e a Igreja” durante a Exposição Nacional realizada no Recife (Gazeta de Notícias, 14.01.1940, p. 11). O jornal noticiou que cerca de cento e cinquenta mil pessoas já haviam visitado a exposição de Recife. Havia dois tipos de conferências, uma para os intelectuais e outra para os operários.

O operariado foi um dos alvos de doutrinação para o governo nos anos 30. Especialmente após a chama ‘Revolta Comunista de 1935’²⁸³. Tinha por base conseguir trabalhadores submissos e politizados eram desejados pelo governo. E a educação foi mais uma vez um meio de se atingir este objetivo de doutrinação.

²⁸¹ Carlos de Lima Cavalcanti nasceu no ano de 1892, em Amaraji, município sede da Usina Pedrosa, que pertencia à sua família. Bacharel em Direito, elegeu-se deputado estadual em 1922, em 1925, e em 1927 lançou-se no jornalismo. Ao lado do seu irmão Caio fundou o Diário da Manhã e o Diário da Tarde, no Recife, saindo em defesa de causas progressistas e combatendo o grupo então dominante no Estado, liderado por Estácio Coimbra. Cf. CPDOC: Carlos de Lima Cavalcanti.

²⁸² Cf.: MEDEIROS, Fernando Antonio Mesquita de. O Homo Inimicus: Igreja Católica, Ação Social e Imaginário Anticomunista em Alagoas. EDUFAL 2007.

²⁸³ Em março de 1935 foi criada no Brasil a Aliança Nacional Libertadora (ANL), organização política cujo presidente de honra era o líder comunista Luís Carlos Prestes. Inspirada no modelo das frentes populares que surgiram na Europa para impedir o avanço do nazi-facismo, a ANL defendia propostas nacionalistas e tinha como uma de suas bandeiras a luta pela reforma agrária. Embora liderada pelos comunistas, conseguiu congregiar os mais diversos setores da sociedade e rapidamente tornou-se um movimento de massas. Muito militares, católicos, socialistas e liberais, desiludidos com o rumo do processo político iniciado em 1930, quando Getúlio Vargas, pela força das massas, assumiu a presidência da República, aderiram ao movimento. O primeiro levante militar foi deflagrado no dia 23 de novembro de 1935, na cidade de Natal. No dia seguinte, outra sublevação militar ocorreu em Recife. No dia 27, a revolta eclodiu no Rio de Janeiro, então Distrito Federal. Sem contar com a adesão do operariado, e restrita às três cidades, a rebelião foi rápida e violentamente debelada. A partir daí uma forma repressão se abateu não só contra os comunistas, mas contra todos os opositores do governo. Milhares de pessoas foram presas em todo o país, inclusive deputados, senadores e até mesmo o prefeito do Distrito Federal, Pedro Ernesto Batista (Pandolfi, sd, sp).

O estudo de Mello Filho analisa a presença dos Centros Operários do Recife, que surgiram neste contexto para atender os interesses do governo ao trabalhador rural:

[...] a reeducação anunciada visava principalmente interferir no processo de politização do operariado urbano, com base nas ideias marxistas. Os estudos já realizados mostravam que a expansão do comunismo em meio ao operariado urbano era um ponto para o qual convergiam as preocupações da Igreja e do Estado; sendo os Centros importantes meios de enfrentamento desse inimigo comum. [...] os centros foram considerados como importantes meios de controle do operariado. Além do potencial das ações assistencialistas para enfraquecimento da mobilização operária, divulgariam os valores cristãos católicos, contrapondo-os ao ideário comunista, infiltrado entre os trabalhadores. Os Centros tinham ainda a seu favor a proposta de qualificação de mão-de-obra, iniciativa muito oportuna em meio ao processo de industrialização e urbanização que se acelerava. Assim, ao promover o convívio social e o fortalecimento da família operária, por meio de uma ação assistencial e educativa, firmada em valores religiosos, os Centros estariam contribuindo para o controle da classe trabalhadora (Mello Filho, 2006, p. 49).

A proposta de qualificação da mão-de-obra, o que era particularmente oportuno em meio ao processo de industrialização e urbanização em aceleração era oportunizada nos Centros Operários. Dessa forma, ao promover o convívio social e fortalecer a família operária por meio de ações assistenciais e educativas fundamentadas em valores religiosos, os Centros contribuíam para o controle da classe trabalhadora.

A reforma educacional implementada por Nilo Pereira associou o princípio nacionalista, pretendido pelo Estado Novo, a tradição cristã da educação brasileira. Estas reformulações foram explicitadas por Nilo Pereira em declaração feita pelo mesmo à Folha da Manhã: ‘com a reforma dos programmas de ensino primário, iniciou o Departamento a revisão pedagógica a que se produz, com o intuito tão somente de imprimir a instrução pública um caráter de cunho eminentemente cristão e nacionalista. O momento de profunda transição histórica que, no começo do ano letivo, se fez assinalar, estava a exigir um novo comportamento perante as gerações que se formava em nossos grupos escolares’ (Araujo e Pacheco, 2011, p.9).

A educação formal, novamente marcada pelo catolicismo, seria apenas uma das frentes de combate ao comunismo, com caráter preventivo²⁸⁴. “Para o governo do Estado Novo era preciso usar a educação e a religião para atingir outros segmentos da sociedade – os trabalhadores urbanos – em meio aos quais era preciso impedir que essa ideologia continuasse grassando e insuflando a luta entre capital e trabalho”. (Mello Filho, 2006, p. 46).

²⁸⁴ “com a reforma dos programmas de ensino primário, iniciou o Departamento a revisão pedagógica a que se produz, com o intuito tão somente de imprimir a instrução pública um caráter de cunho eminentemente cristão e nacionalista. O momento de profunda transição histórica que, no começo do ano letivo, se fez assinalar, estava a exigir um novo comportamento perante as gerações que se formava em nossos grupos escolares”

Este tema do comunismo permaneceu em pauta para Ruy Bello que foi em 1972, responsável por proferir uma conferência em homenagem às vítimas da Intentona Comunista²⁸⁵ de 1935:

O exmo, Sr. Gen. Cmt. do IV Exército, atendendo a solicitação que lhe foi dirigida pela mesa regedora da Irmandade de N.S. da Conceição dos Militares, determinou a inclusão, do programa oficial das homenagens que serão prestadas às vítimas da intentona comunista de 1935²⁸⁶, a solenidade cívico-religiosa que será realizada na Matriz dos Militares, no dia 26 do corrente. É a seguinte, a programação para aquele dia que está dentro das comemorações do Sesquicentenário da Independência do Brasil: 10 horas, missa em sufrágio dos que tombaram em cumprimento do dever, em seguida, sessão solene com uma conferência proferida pelo prof. *Ruy Ayres Bello*, no consistório coronel João Lobo de Lacerda, sob o tema: “Religião e Segurança Nacional” (Diário de Pernambuco, 19.11.1972, p. 20, grifos nosso).

As vítimas da Intentona Comunista de 1935 foram numerosas e suas histórias refletem as consequências trágicas desse evento na história do Brasil. Entre as vítimas estavam não apenas os líderes e participantes diretos da revolta, mas também muitos inocentes que foram afetados pela repressão do Estado.

Muitos dos líderes comunistas foram presos, julgados e executados pelo governo, enquanto outros foram condenados a longas penas de prisão. No entanto, além dos próprios revolucionários, muitos civis foram vítimas da repressão estatal, incluindo pessoas que foram arbitrariamente presas, torturadas e mortas sob acusações de serem simpatizantes comunistas, mesmo sem evidências concretas.

Além disso, a Intentona Comunista também teve consequências sociais e políticas de longo prazo para o Brasil. O governo Vargas aproveitou o evento para consolidar seu poder e justificar medidas autoritárias, como a suspensão de garantias constitucionais e a perseguição a grupos de oposição política.

5.2.1 Ruy Bello na Congregação Mariana da Mocidade Acadêmica (CMMA) de Pernambuco

²⁸⁵ “A rebelião de 27 de novembro no Rio de Janeiro, chamada Intentona Comunista, ocorreu após duas tentativas de motim em estados do Nordeste brasileiro. Característica comum às três revoltas: todas ocorreram sob a liderança de militares revoltosos e com a presença de alguns poucos elementos comunistas afiliados ao PCB e foram facilmente reprimidos” (Bacas, 2013, p.17).

²⁸⁶ Sobre o tema ver dentre outros, Vieira, Marcello Amorim Vieira; Pereira, Rafael Jorge Schaeffer. Posturas Antagônicas e Anseios de Mudança: um olhar sobre a intentona comunista de 1935 (2017). Anais da XI Semana de História UFES. Outubro de 2017 – UFES.

Para os ‘novos’ membros da Igreja, nos anos 30 do Século XX, foram destinados uma missão de compartilhar as ações dos seus líderes, promovendo os debates em seus espaços de sociabilidade, a exemplo das atividades da Ação Católica e Congregações Marianas²⁸⁷”.

Em 1930 foi convidado pelo Pe. Fernandes a participar da reunião dos Congregados Marianos da Mocidade Acadêmica de Pernambuco e foi eleito 1º vice-presidente, eleição que feria as regras da Congregação que não admitia aspirante, em estágio probatório, para nenhum cargo de diretoria. Em 19 de abril, do mesmo ano, passava de aspirante a congregado com a fita azul cheia de estrelas simbólicas do cargo que ocupava.

O arcebispo D. Miguel não aplaudiu o ingresso de Ruy Bello na Congregação advertindo-o que “ninguém pode servir a dois senhores”. Ruy retorquiu: “O Senhor é um só e o mesmo. O serviço é que passa a ser dois” (Bello, 1982, p. 140).

Certamente o entrave eram os inúmeros cargos em instituições religiosas e seculares que Ruy Bello ocupava ao mesmo tempo.

Mas foi esta Instituição a que teve intensa influência doutrinária na vida de Ruy Bello. A Congregação Mariana foi uma das escolas doutrinárias que teve um marco significativo para sua afirmação ao catolicismo. Não apenas pelas oportunidades, mas pelo intenso estudo doutrinário que acontecia nas reuniões da Congregação Mariana:

Dizendo-se “da mocidade acadêmica”, não se compunha a Congregação nem só de moços nem só de acadêmicos. Acadêmicos e moços eram a maioria dos congregados, mas havia, também, muitos deles que não frequentavam academia e outros que já haviam passado a quadra da juventude (Bello, 1982, p. 155).

A vida na academia era pautada sob o espírito de disciplina e de ordem jesuítica e eram comandados pelo Pe. Fernandes que abrangia os seus cuidados a vida formal dos congregados: participação das missas dominicais na capela, o comparecimento aos retiros espirituais da Vila Nobrega, em Boa Vigem, a participação dos círculos de estudos de cada domingo, os discursos nos comícios, o ensino do catecismo na Casa de Detenção ou na Escola de Aprendizes de Marinheiros, etc.

²⁸⁷ Foram criadas aproximadamente no ano de 1560, pelos padres da Companhia de Jesus, do Colégio Romano, com o objetivo de instruir seus alunos sob a proteção da Santíssima Virgem. “Mas, que são Congregações Marianas? Por esse nome se podem entender geralmente todas as Aggregações, Associações, Uniões ou obras Pias de fundação ecclesiastica que, tendo por principal Patrona a SS. Virgem, invocada sob seus diversos títulos, foram instituídas para promover e facilitar entre os fieis as obras de piedade, de misericórdia, de caridade ou religião. Particularmente, porem, pelo nome de Congregações Marianas se entende as que são destinadas a proteger e completar a educação da mocidade de um e outro sexo (Pequeno, 1902, p. 260 *apud* Amaral 2011, p. 167).

As práticas de leituras dos congregados Marianos eram uma preocupação [e tarefa] do jesuíta Antônio Fernandes que costumava resenhar os livros a serem lidos pelos congregados. Em 1938 a biblioteca foi considerada como um dos melhores acervos da cidade com respeito às questões científico-religiosas modernas da cultura superior católica moderna.

A Congregação Mariana da Mocidade Acadêmica (CMMA) fez uma homenagem ao Pe. Mariaux S.J. Diretor do Secretariado Geral das Congregações Marianas em Rom. Deste modo, tem-se a Figura 79 que apresenta a Sede da Congregação Mariana (1940).

Figura 79: Sede da Congregação Mariana em reunião no ano de 1940



Fonte: FUNDAJ/PE

Como já mencionado, a inserção de Ruy Bello às atividades religiosas era intensa. Como por exemplo, a convocação para os congregados Marianos comparecerem a procissão do Carmo, que se realizara no domingo 16 de Julho de 1932, tendo como o orador Prof. Ruy Bello (Jornal A Província, 15.07.1932, p. 108).

Como congregado mariano envolveu-se na campanha promovida pela Congregação em favor da permissão do ensino religioso nas escolas públicas²⁸⁸, uma vez que não tinha mais vigência a Constituição Federal²⁸⁹ que a isso se opunha. Foi daí que se criou a União Nacional Católica por Deus e pela Pátria (U.N.C.D.P): “Sem perda de tempo, todos caímos

²⁸⁸ Sobre o tema cf. Silva, 2005. “O espírito de (in)tolerância na república laica: um olhar na formação da(o)s aluna(o)s-mestres da Escola Normal de Pernambuco (1890-1915)”.

²⁸⁹ Em 1891 com a promulgação de uma Constituição no novo regime político, o artigo... a laicização do ensino.

em campo e esse campo era a imprensa e, sobretudo, as ruas do Recife, de onde irradiaríamos os nossos apelos em comícios que se sucediam uma vez por semana”²⁹⁰ (Bello, 1982, p. 194).

Apesar das perseguições, a Revolução de 30 possibilitou o surgimento de movimentos sociais reivindicatórios e revisionistas. E nesse aspecto, o então cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro, dom Sebastião Leme, ao assumir a Arquidiocese de Olinda-Recife, questionou, na carta pastoral, a postura passiva dos católicos brasileiros, exortando-os a um papel preponderante na vida nacional. A esse apelo, Pernambuco foi o primeiro Estado a responder, ao criar um movimento pela volta do ensino religioso às escolas públicas. E uma das primeiras ações partiu da Congregação Mariana, da qual Ruy de Ayres Bello fazia parte. Como era uma instituição religiosa, "mais voltada, por sua própria natureza, para a vida de oração do que para a vida ativa", os católicos pernambucanos criaram um departamento dependente da Congregação, chamando "a essa espécie de brigada de choque de *União Nacional Católica por Deus e pela Pátria*", abreviadamente de *U.N.C.D.P* (Ferreira, 2001, p. 15).

Houve reações contra a campanha dos Marianos – sendo criada dentre outros a Liga Pró Estado Leigo. Nesse mesmo sentido a Maçonaria. Em uma assembleia pública na sede da Maçonaria no centro de Recife, foram para lá um grupo de congregados Marianos, no meio da reunião da reunião julgaram os Marianos injuriosas as ideias e foi a conta para se estabelecer uma algazarra que se estendeu pelas ruas chegando ao extremo de lutas corporais:

A Congregação Mariana era um espaço da intelectual e política de Pernambuco, cujos ‘retiros espirituais’ funcionavam como uma forma de doutrinação junto aos jovens, propagando os dogmas do catolicismo. A imprensa católica afirmava que às Congregações Marianas masculinas estava reservado um papel primacial na regeneração dos nossos costumes. Esperava-se destes ‘novos cruzados’ a restauração dos nossos católicos, a reconstrução do que havia sido ‘destruído pelos 40 anos do laicismo’, enfim, a vivificação da sociedade. Esta ação cruzadista dos congregados marianos começou a ser evidenciada em Recife, já em 1931, quando um grupo – representando as famílias ilustres do Estado – provocou uma arruaça na loja maçônica ‘Conciliação’. O ato de violência e vandalismo foi justificado pelo fato de os maçons estarem fazendo comícios com o objetivo de impedir o ensino religioso nas escolas. Nilo Pereira, então secretário da Congregação Mariana, no seu relatório referente ao ano de 1931, transformou o acontecimento numa epopeia de cristãos versus hereges, justificando o fato de os “heroicos Congregados Marianos” terem irrompido contra os maçons aos gritos de “abaixo o degenerado!”, e terem enviado para o hospital cerca de duzentos maçons (Almeida, 2007, p. 251).

Sobre o fato, abaixo uma figura com a legenda: “Os bravos rapazes do incidente da Loja Maçônica Conciliação” publicado por Almeida (2001, p. 305), conforme a Figura 80.

²⁹⁰ Bello, 1982, p.194. “Os oradores eram escalados, em reunião na Congregação, antes de cada comício da *U.N.C.D.P* pelo jesuíta padre Fernandes, uma espécie de eminência parda da política pernambucana” (Ferreira, 2001, p. 14).

Figura 80: Rapazes da CMMA



Fonte: Almeida (2001, p. 305)

A autora Sílvia Cortez Silva, em seu projeto de estudo, “A Morada do Pensamento Conservador: Biblioteca da Congregação Mariana da Mocidade Acadêmica, adentra no conservadorismo através do olhar pelos livros que compunha a citada Biblioteca:

O conservadorismo, que permeia de forma marcante a sociedade brasileira na atualidade, contou nos anos trinta em Pernambuco, com um difusor do seu ideário que foi a citada Biblioteca. E a partir de 1937 influenciou, também, com a atuação da Congregação Mariana, as esferas do poder local, através de seus congregados que compuseram o staff de Agamenom Magalhães²⁹¹. Tratava-se de uma biblioteca de cultura católica, cuja fonte de inspiração para formação do seu acervo norteava-se, em grande parte, por pensadores franceses e intelectuais jesuítas. Seu acervo foi disperso nos anos quarenta. A Congregação Mariana prestou inestimável serviço à história das mentalidades ao editar, como livro, o catálogo de toda a coleção de sua biblioteca. Através do inventário de suas obras é possível recuperar valores imprescindíveis para reconstituir o universo intelectual que gerou formadores de opinião, para atuar em escolas, universidades, jornais e revistas pernambucanos (Silva, 1999, p. 1).

Certamente, a Congregação Mariana da Mocidade Acadêmica de Pernambuco, foi uma instituição que muito atuou nas ações da Igreja Católica no processo de romanização. Campos e Cabral (2011, p. 42) apontam, em seu estudo, a contribuição da Congregação para a

²⁹¹ Agamenon Sérgio de Godói Magalhães nasceu no município de Vila Bela, atual Serra Talhada (PE), em 1893. Bacharel pela Faculdade de Direito de Recife em 1916, no ano seguinte foi promotor público em São Lourenço da Mata (PE). Em 1918 iniciou sua carreira política como deputado estadual, eleito na legenda do Partido Republicano Democrata (PRD), liderado pelo então governador Manuel Borba (1915-1919). Tornou-se também redator dos jornais *A Ordem* e *A Província*, de Recife. Em 1922 reelegeu-se para a Assembléia pernambucana e apoiou a candidatura oposicionista do fluminense Nilo Peçanha à presidência da República, lançada pela Reação Republicana. Em 1923 elegeu-se deputado federal e quatro anos depois renovou seu mandato. Em 1929-30, junto com o PRD e em oposição ao governador pernambucano Estácio Coimbra, apoiou a candidatura presidencial de Getúlio Vargas, lançada pela Aliança Liberal. Com a derrota da Aliança, participou ativamente em Recife do movimento revolucionário que depôs o presidente Washington Luís e levou Vargas ao poder. Em 1937 deixou o Ministério do Trabalho para tornar-se interventor federal no estado de Pernambuco. Deixou o governo de Pernambuco em março de 1945, quando foi reconduzido por Vargas ao Ministério da Justiça. Em outubro de 1950, elegeu-se governador de Pernambuco. Morreu em Recife em 1952, no exercício do governo estadual (Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001).

união entre a Igreja e o povo: “Havia realização de procissões, festas, entre outras atividades. Também serviu para o trabalho de evangelismo e conversão de infiéis”.

Outro destaque é a notória influência política no governo de Agamenon e na sociedade estadonovista pernambucana. Os autores analisaram como o interventor retirou seus secretários em grande parte membros da CMMA, atraídos pelo que se prevalecia dentro da Congregação o pensamento católico, antiliberal e anticomunista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os documentos, os relatos, os objetos, não falam por si só, é necessário o pesquisador, que no ímpeto de não apenas interpretar e sim transformar o mundo, parafrasando Marx e Engels, escolha o mirante, ou melhor, lugar onde fará a leitura da realidade, haja vista que o pensamento de um pesquisador é situado. Assim “mirantes teóricos mais elevados viabilizam um olhar sobre horizontes mais distantes

Sanfelice (2005, 85).

Chegamos! Nos situamos!

A pesquisa iniciou-se pelo questionamento: Porque Ruy de Ayres Bello faz a defesa de uma educação finalista, espiritual e sobrenatural em suas obras voltadas para formação de professores primários?

Assim fizemos o percurso de investigação da formação do escritor católico Ruy de Ayres Bello, A compreensão de sua trajetória de vida, formação moral, atuações profissionais educativas, militantes e políticas, contribuíram na construção e elaboração de suas ideias pedagógicas e na defesa do ideário católico.

Tívemos um tríplice perfil de Ruy de Ayres Bello, prestigiado como: o homem, cristão e mestre.

Ele nasceu a 05 de julho de 1904, no sítio, Riacho dos Bois, nas terras do Engenho Queimadas, no município de Barreiros (PE), Zona da Mata Sul do Estado, e faleceu em 13 de setembro de 1997.

Há de memórias póstumas uma rua com o nome do pai de Ruy Bello. Chama-se “Rua Ayres Bello”, fica no Centro da cidade de Barreiros. A prefeitura de São José da Coroa Grande (PE) criou a Escola Municipal Rui de Ayres Bello, sendo extinta há alguns anos conforme recebe-se informações da Secretaria de Educação da cidade de São José da Coroa Grande.

A pesquisa sobre o intelectual Ruy de Ayres Bello, marcou a identidade militante católica presente em seus livros e na sua atuação em várias instâncias de cunho educacional, político e social. A existência de uma lacuna de um estudo sobre a vida e obra do educador pernambucano Ruy de Ayres Bello, pode ter começado a ser preenchida.

Ruy de Ayres Bello, foi um pernambucano, educador e escritor de livros, que foram publicados isoladamente e/ou em coleções editoriais, destinadas às Escolas Normais e Institutos de Educação do país. Ele esteve, também, diretamente ligado à defesa dos padrões

religiosos, às normas legais e, especialmente, à observância aos princípios divinos, como um católico fervoroso que era.

Reconhecemos também o expressivo alcance de reedições dos livros de Ruy Bello no período de meados do Século XX, isto porque refletiam a predominância da visão cristã católica, servindo para a afirmação da educação finalista, espiritual e sobrenatural na formação dos educandos.

Também conhecido como um autodidata, com apenas a formação escolar primária, chega a ser reconhecido como um intelectual, em especial, este mérito vem das obras que escreveu para uso nas Escolas Normais e Institutos de Educação. Ele vem sendo estudado pela historiografia da educação, como evidencia-se nesta pesquisa. Tornou-se um escritor tido como polígrafo.

Embora Ruy Bello não possuísse formação escolar formal, sua habilidade interpessoal permitiu parcerias de publicação, inclusive com autores estrangeiros. Suas obras, que refletem uma visão cristã tradicional, foram valorizadas por preservarem os valores da sociedade cristã em meio a mudanças sociais e educacionais, particularmente após o movimento escolanovista.

Tornou-se conhecido como educador de escola pública, de várias gerações. Sua atuação como professor iniciou nos anos de 1920, na Escola Paroquial de Barreiros. Chegou sequencialmente Ruy Bello a lecionar em várias instituições de ensino. Desde os Patronatos Agrícolas João Coimbra (Tamandaré-PE) e o Patronato Agrícola Barão de Lucena (Jaboatão-PE). Foi professor do Ginásio Pernambuco.

Professor de instituições de ensino normal de Pernambuco, como o Instituto Nossa Senhora do Carmo e Diretor e professor da Escola Normal Oficial de Pernambuco (primeira escola normal de Pernambuco, que fora criada em 1864) e a Escola Normal Pinto Junior (fundada em 1875 pela Sociedade Propagadora da Instrução Pública), nas quais foi também diretor.

No Ensino Superior deu aula: Faculdade de Philologia e Estudos Commerciaes, Universidade Popular do Recife, Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Manuel da Nobrega, Faculdade de Filosofia Ciências e Letras do Recife, Universidade do Recife, atualmente Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Ocupou nesta Universidade o cargo de Membro do Conselho Universitário.

Foi membro do Conselho Estadual de Educação de Pernambuco por dois mandatos. Também, Membro da Academia Pernambucana de Letras e da Academia Pernambucana de

Letras e Artes Cristãs. Foi sócio correspondente do Centre de Pedagogie Comparée da Universidade de Ottawa, no Canadá.

Teve esta pesquisa uma importante contribuição para dar visibilidade à participação de um intelectual católico e nordestino, nos cenários educacional e religioso brasileiro. Ruy de Ayres Bello, um nome que se insere nas pesquisas da historiografia educacional brasileira, por toda contribuição e atuação à educação.

A inserção de Ruy Bello no ‘campo’ científico fica confirmada através desta pesquisa que reuniu elementos para essa confirmação. A legitimidade entre importantes pesquisadores da linha de história e historiografia da educação, vinculados há diversos programas de pós-graduação pelo país reforça esta questão.

Ruy Bello, fez sua trajetória se inserindo como uma referência na História da Educação brasileira. Um intelectual atuante na defesa dos valores conservadores para a família e a sociedade, ligados à sua identidade de militante católico.

Toda sua rede de sociabilidade que apresentamos no *Apêndice C*, congregam importantes nomes da educação, do clero, da cultura e da imprensa. Esta rede de contatos de grande prestígio e notoriedade nacional e internacional demarcam sua inserção na cultura letrada na história brasileira.

O espaço temporal desta pesquisa é considerado de ‘longa duração’. Compreendemos como necessário tempo de pesquisa para uma totalidade das análises da vida do intelectual. Dois momentos são classificados neste longo tempo. Primeiro: do seu nascimento, em 1904 até o seu falecimento em 1997, fazendo uma linha de acontecimentos sobre a vida e obra de Ruy de Ayres Bello. Segundo: o tempo de publicação de seus livros entre 1940-1980. Seu último livro escrito foi sua autobiografia, publicada pela Academia Pernambucana de Letras de Pernambuco, em 1982.

A pesquisa que se fez aos acervos das universidades federais do país, confirmou a presença dos livros didáticos de Ruy de Ayres Bello em 100% das regiões brasileiras, o que leva a ponderar que houve uma circulação nacional de suas obras.

Como escritor também se teve o pioneirismo de introduzir a abordagem histórica da Educação em Pernambuco com o seu livro “Subsídios para História da Educação em Pernambuco”, publicado em 1978.

Neste livro permitiu não apenas uma compreensão mais profunda da história da educação local, mas também abriu caminho para estudos subsequentes que se basearam em suas pesquisas e metodologias. Ao destacar a importância do contexto local na formação do

sistema educacional, Ayres Bello trouxe à tona aspectos muitas vezes negligenciados ou subestimados em estudos mais amplos de História da Educação.

Assim, a obra de Ruy de Ayres Bello representa não apenas um marco na historiografia educacional, mas também uma valorização da diversidade e complexidade das experiências educacionais em diferentes comunidades e regiões.

Concluimos também que os livros escritos por Ruy Bello para serem usados nos cursos de formação de professores são de caráter prático e utilitário, com tópicos que favorecem o estudo dos alunos. Tais como: elucidário, resumo por capítulos, sinopse e temas para exercício, em cada capítulo.

Ruy Bello explorou também a análise de figuras históricas e culturais importantes, como em "Rousseau, o Homem e o Pedagogo" e "Estácio Coimbra, o Senhor de Engenho, o Político e o Homem". Essas obras revelam uma habilidade em contextualizar personagens históricos e explorar suas contribuições para a sociedade. Ruy Bello também teve interesse em temas locais e regionais, para preservar a história e a identidade de sua região.

Quando Ruy Bello começa sua produção de livros didáticos, já tinha uma ampla experiência na docência e nas questões da educação. O que ele escreve está associado diretamente à sua formação intelectual e à sua filiação religiosa, que se inspira a uma pedagogia humanista cristã.

A imprensa foi um meio de veicular os confrontos, as oposições e às resistências entre os intelectuais católicos ou leigos.

Como diretor do Jornal A Tribuna, teve a oportunidade de testemunhar de perto o trabalho apostólico realizado pelos vigários visitando mais de quarenta paróquias nas comunidades do interior. Essa experiência provavelmente trouxe uma maior compreensão e apreciação pelo papel da fé e da comunidade religiosa na vida das pessoas, além de fortalecer sua própria ligação com a sua fé católica.

A contribuição de Ruy de Ayres Bello através das suas obras literárias enriquece nosso olhar pela versatilidade de temas que ele abordou em seus estudos, utilizando ampla lista de fontes com uma predominância fundamentadas na pedagogia cristã.

A defesa dos ideais católicos de educação contra os pressupostos considerados ateus e modernizantes da Escola Nova constituiu-se, ao longo dos anos 40 e 50, na principal polêmica travada pelos intelectuais.

Nesse embate, entre renovadores e católicos, observa-se que ele esteve intimamente ligado ao grupo católico, sendo ouvido em diversos espaços, tais como, escolas, igrejas, tribunas, comícios, e através dos seus inúmeros artigos, em jornais e nas suas obras didáticas, sempre com uma fala ou uma escrita contra o modernismo agnóstico que se firmava como verdade, a partir dos anos 30 do Século XX.

A finalidade da educação se ajusta com a filosofia de cada época, conduzindo à afirmação do momento, no qual estruturas tradicionais conviviam e conflitavam com novas forças emergentes.

A conduta cristã e educativa total apresentada por Ruy Bello, convergiram para construção do indivíduo no aspecto de uma educação integral. Ela corrobora para no indevido potencializar: os aspectos naturais do homem, segundo sua natureza e aperfeiçoando-se; do cristão que deve participar da vida religiosa e do cidadão com consciência de seus deveres.

A educação feita pelo estado é sempre feita para o estado. Diz-se que o estado não tem possibilidades de prover a educação essencial e isso é fácil de ver-se. A escola pública é uma forma da colaboração do estado na missão educativa da família. É preciso, porém que fique ressalvado aos pais o direito de escolher, livremente, a escola e a forma de educação que deve ser ministrado aos seus filhos, direito que é incompatível com a escola única e a obrigatoriedade.

Os livros de Ruy Bello refletiram uma visão de mundo enraizada em concepções cristãs. Isso significa que os manuais enfatizam valores, princípios e objetivos educacionais que estão alinhados com a moral e a doutrina católicas, buscando moldar não apenas a prática educacional, mas também a visão de mundo dos professores e alunos.

Portanto, esses manuais pedagógicos foram peças importantes tanto no contexto da formação de professores quanto na transmissão de uma visão de mundo cristã dentro do sistema educacional brasileiro. Eles refletem as complexas interações entre educação, religião e sociedade na época em que foram produzidos.

Nos livros *Introdução à Pedagogia* (1941- 1ªedição) e *Filosofia Pedagógica* (1953- 2ªedição), Ruy Bello refletem a convergência de pontos de vista, no tocante à extensão da educação liberal a todos os cidadãos, existente entre ele e Jacques Maritain.

Amparado na leitura do "De Magistro", Ruy Bello discorre sobre a possibilidade da educação humana, como consequência da autoatividade, da plasticidade e da liberdade, características do ser espiritual. Ou seja, para Ruy Bello, a educação é um ato humano, tendo como agente externo para a aprendizagem a presença do homem adulto.

Ao se ater à educação com um fim em si, critica Ruy Bello o antifinalismo educacional de John Dewey, como consequência desse postulado, há a negação de qualquer finalidade extrínseca a educação.

O que se desenha nas palavras de Ruy Bello confere a Deus, a única maneira absoluta e verdadeira de se realizar a pedagogia. A verdadeira pedagogia tem de situar em Deus o supremo ideal da obra educativa.

Esse é, pois o entendimento dos fins da educação, traçados à luz do realismo católico e da filosofia tomista, as linhas gerais de uma pedagogia humanista e cristã, adaptada às novas gerações brasileira; da finalidade da educação, que a característica essencial da pessoa humana é a espiritualidade.

Na análise da Pedagogia Humanista Cristã, na obra “Introdução à Pedagogia”, de Ruy Bello, compreende-se que uma definição adequada da educação deve referir o fim, o objeto, o agente e a forma característica do ato educativo. Por isso, apresenta-se um esquema síntese do que para nós foi a intenção do autor na tentativa de esclarecer o ato educativo total.

Ruy de Ayres Bello, presente na imprensa, seja como diretor ou colaborador, os ideários católicos que foram amplamente difundidos por intelectuais, em especial, a imprensa de cunho religioso.

Ele aproveitou os recursos que tinha para se firmar, mesmo que em muitos momentos, em especial, na sua autobiografia, percebe-se uma falta de confiança, um excesso de modéstia e um sentimento de inferioridade, em relação a si mesmo. Isto porque, há uma tentativa conflituosa em Ruy Bello que se enaltece pela nobreza.

Se insere Ruy Bello, ao grupo de intelectuais católicos com uma escrita em defesa da filosofia de S. Tomás de Aquino e/ou algum de seus discípulos, como foi a meta escolhida pela Igreja Católica para barrar o avanço das ideias pós-república brasileira. Os livros de cunho pedagógico, vieram somar-se aos de outros autores, com uma redação sob o espírito cristão e de orientação tomista.

Enquanto uma instituição social, a Igreja Católica desempenhou seu papel de influência na sociedade e, sobretudo, com a presença de Ruy Bello em seus debates para reafirmar suas concepções de fé da Igreja, que ativamente comungava de toda a doutrina, rituais e hábitos.

Ruy Bello entra na discussão contra o entendimento de que o homem tem em si mesmo a causalidade de sua conduta, como acentua os defensores da educação comportamentalista.

Há nos escritos de Ruy Bello, seu ponto de vista quanto à educação reconhecida como ‘escola nova’ não ser uma abordagem nova quanto à ser classificada como uma ‘escola ativa’ que se prega como modernidade.

O senso de civismo foi outro tema que perpassou nas ideias de Ruy Bello para desenvolver o educando com fim de se tornar um bom cidadão. Seu amor à pátria e zelo ao nacionalismo, convergiam para integrar os sentimentos nacionais com a consciência moral.

Ruy Bello manteve estreita ligação com a Igreja e com vários representantes do clérigo pernambucano. Centrado na sua fé, ele vai construindo suas redes de sociabilidades, e isso muito por seu domínio com as palavras faladas e escritas.

No caso da política, Ruy Bello não trilhou este caminho por lações familiares, tendo nomes expressivos em sua família que estiveram no cenário político, mas sua presença na política veio pela sua religiosidade e laços com políticos religiosos que o apoiaram e o incentivaram para adentrar na política.

Cada uma das fotografias dos membros da família, materna e paterna, de Ruy Ayres Bello apresentaram elementos que extrapolamos a leitura da imagem, como resultado de um status social.

A relação entre a Igreja Católica e a política que se desenhou na vida de Ruy Bello aconteceu de forma não intencional, mas oriunda de sua ligação e representatividade, posição que foi observada pelos líderes religiosos católicos que lhe indicaram para o pleito eleitoral, através da liga católica, sendo ele vitorioso através dos votos e assumindo seu mandato.

Os católicos defenderam vigorosamente a inclusão do ensino religioso nas escolas. Para eles, o ensino religioso era visto como uma necessidade fundamental para a formação moral e espiritual dos alunos. Acreditavam que a religião desempenhava um papel crucial na educação, não apenas fornecendo conhecimento sobre valores éticos e morais, mas também promovendo uma compreensão mais profunda da vida e do propósito humano.

O ensino religioso refletia os valores e as crenças ainda predominantes na sociedade, onde a religião desempenhava um papel central na vida pública e na educação, apesar de todos os embates e aspirações laicizantes para o país.

A pesquisa destacou a versatilidade temática de Ruy Bello em seus livros. Como também o autor é situado como um intelectual católico, escritor de manuais, cujas obras circularam nacionalmente e foram amplamente utilizadas em cursos de formação de professores primários.

Ruy Bello mostrou ser um homem não só de fé, mas conservador em princípios e normas civilizatórias. Porém, também revelou ser um homem apegado ao próximo, em especial, seu pai, quando trocou o seu nome para incluir o nome do pai quando este faleceu. Outra constatação é seu segundo casamento, mesmo com seus 80 anos.

Ruy Bello se utilizou da **oralidade**, como exemplo: em suas aulas e na tribuna na Assembleia Legislativa de Pernambuco. Dos **escritos**, como exemplo: desde os jornaizinhos de Barreiros, a imprensa na capital. Seus livros destinados à formação dos professores primários. Das **instituições**, como exemplo: a Academia Pernambucana de Letras e as inúmeras instituições religiosas que se filiou.

O processo histórico que Ruy Bello construiu sua identidade militante católico, ele corroborou para manter as ideias católicas na sociedade. Sua defesa anticomunista, assegurava em várias instancias que militou, a identidade católica e a manutenção dos padrões de uma sociedade cristã, ainda em hegemonia.

A pesquisa reúne a parte de conteúdos científicos e o trabalho empírico. responde às hipóteses de afirmação do sujeito no campo científico e a defesa da fé católica, com a exposição da educação finalista, espiritual e sobrenatural.

Estas convicções são fundamentadas nas ideias do humanismo cristão, em especial nas leituras de São Tomás de Aquino e Jacques Maritain, que privilegiam um determinismo de uma visão de mundo cristã e concepção de homem.

Este homem sujeito da educação, na fase de criança, é uma alma espiritual, constituída de uma tríplice ordem de atividades: sensibilidade, inteligência e vontade. Dentro de um corpo que com essa alma forma o todo orgânico que é pessoa humana. A educação vai considerar este homem para promover o seu desenvolvimento integral.

Ruy Bello vai ser o representante na historiografia brasileira da abordagem pedagógica que é finalista, espiritual e sobrenatural. Nessa perspectiva, o ser humano é considerado um ser natural(corpo), a moral (valoração ética e cívica) e um ser providencial (a alma).

No âmbito natural, onde o homem deve inevitavelmente existir, é necessário que ele desenvolva suas habilidades e talentos, desempenhando suas funções com eficácia, enfrentando as influências do meio físico e social, mas também influenciando-as, de modo que sua vida se torne mais fácil. Já no âmbito sobrenatural, ao qual ele está permanentemente ligado, ele pode adentrar através da graça, do batismo para um fim extraterreno a atingir.

A ética adentra as discussões de Ruy Bello em seus livros, pelo entendimento de que a educação, sob qualquer um dos seus aspectos, é uma obra sobretudo moral, é preciso colocar-se como ciência fundamental da pedagogia à **ética**.

Outro tema é a educação nacional com fins de formar o bom cidadão. A educação geral visa o aperfeiçoamento da pessoa humana, tendo, assim, um fim absoluto ao qual se subordinam todos os fins relativos e contingentes

Para educar, precisa-se de um método. Uma definição do que seja um método pedagógico, Ruy Bello propõe entender que é o conjunto de processos racionalmente empregados pelo educador para estimular a atividade educativa do aluno, exercitar suas faculdades, dirigir a sua formação, instruí-lo e corrigi-lo

Outra questão é sua oposição ao ideal hedonista, Ruy Bello defende que não é o prazer, nem a felicidade que constituem o fim último da educação, mas a perfeição da pessoa humana, perfeição que é uma lei natural e que fez parte da criação.

A perfeição do homem é considerada perfeita porque apenas ela contempla o homem em toda a sua complexidade, como uma criatura natural, uma criatura moral e uma criatura da graça, visando promover seu aprimoramento e facilitar o cumprimento dos destinos terrenos e extraterrenos que foram delineados pela infinita inteligência e bondade do Criador de todas as coisas.

Esse entendimento dos fins da educação, são traçados à luz do realismo católico e da filosofia tomista, as linhas gerais de uma pedagogia humanista e cristã.

Através desta pesquisa será possível para uns leitores, conhecer e outros refletir e debater, sobre a abordagem da pedagogia cristã através da vida e obra de Ruy Bello.

Por fim, a análise da vida e obra de Ruy de Ayres Bello, um autor de livros didáticos com viés católico, que pretendeu divulgar em seus livros, destinados à formação de professores primários, pressupostos da pedagogia finalista, espiritual e sobrenatural. Sua escrita visava a defesa das “verdades católicas”.

Este é um trabalho científico e acadêmico que buscou compreender e contextualizar as contribuições e ações deste intelectual ao longo da sua trajetória de vida, reconhecendo suas complexidades e contradições, que de alguma forma, as partes e o todo, se reúnem e se convergem.

Chegar a finalizar a escrita é algo não concretizado, no sentido de ter esgotado o corpus de análise e questionamentos ao objeto. Pelo contrário, percebe-se que há um leque de

possibilidades para outras investigações e indagações. Outros pesquisadores poderão se debruçar sobre os mesmos fatos, com perspectivas e finalidade totalmente distintas produzindo novas pesquisas.

Sigamos!

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de filosofia. Tradução da 1ª edição brasileira coordenada e revista por Alfredo Bossi. Revisão da tradução dos novos textos Ivone Castilho Benedetti. 5ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ABREU, J. A. Concerning Sait Augustine's De Magistro. *Transformação*. v. 19, p. 211, São Paulo, 1996. <https://doi.org/10.1590/S0101-31731996000100016>
- ABREU, M. (Org.). *Leitura, história e história da leitura*. São Paulo: FAPESP; Campinas: ALB; Mercado das Letras, 2000.
- ALCIOMAR KOSLOWSKI, A. O porquê da ausência do sobrenatural na ciência contemporânea: nem apriorismo, nem ateísmo, nem cientismo. *Philosophos - Revista de Filosofia, Goiânia*, v. 23, n. 1, p. 15–41, 2018. DOI: 10.5216/phi.v23i1.47529. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/philosophos/article/view/47529>. Acesso em: 22 abr. 2024. <https://doi.org/10.5216/phi.v23i1.47529>
- AGUIAR, Thiago Borges de. *Jan Hus: as cartas de um educador e seu legado imortal*. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. FEUSP. São Paulo: 2010.
- ALMEIDA, Jane Soares de. Co-educação ou classes mistas? Indícios para a historiografia escolar (São Paulo – 1870-1930) *R. bras. Est. pedag., Brasília*, v. 86, n. 213/214, maio/dez. 2005, p. 67. <https://doi.org/10.24109/2176-6681.rbep.86i213/214.836>
- ALMEIDA, Jane Soares de. Meninos e meninas estudando juntos: os debates sobre as classes mistas nas escolas brasileiras (1890/1930). *Revista HISTEDBR. On-line, Campinas, SP*, v. 14, n. 58, p. 115–123, 2015. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8640382>. Acesso em: 23 janeiro 2023. <https://doi.org/10.20396/rho.v14i58.8640382>
- ALMEIDA, Maria das Graças Athayde. *A construção da verdade autoritária*. São Paulo: Humanitas, FFLCH/USP, 2001.
- ALVES, Claudia. Intelectuais e história da educação: desafios à pesquisa e à atualidade educacional. *Revista História da Educação (Online)*, 2023, v. 27. <https://doi.org/10.1590/2236-3459/128993>
- ALVES, José Eustáquio; BARROS, Luiz Felipe Walter; CAVENAGH, Suzana. A dinâmica das filiações religiosas no Brasil entre 2000 e 2010: diversificação e processo de mudança de hegemonia. *REVER*, v. 12 n. 2, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/rever/article/view/14570/10595>. Acesso em: 11 de julho de 2023. <https://doi.org/10.21724/rever.v12i2.14570>
- ALVES, Rosana Llopis. *Carlos de Laet: entre o magistério, a política e a fé*. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2013. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense – UFF, 2013, p. 330 e 332.

AMARAL, Walter Valdevino do. Congregando Almas: a expansão das Congregações Marianas e a Constituição da Pia União das Filhas de Maria na Cidade do Recife. *Paralellus*, Recife, Ano 2, n. 4, jul./dez. 2011, p. 167-179.

AMARAL, Giana Lange do. LOUZADA, Maria Cristina dos Santos. Memórias de Normalistas: uma reflexão sobre a formação de professoras primárias, nas décadas de 1950 E 1960, em Pelotas/Rs. *Momento*, ISSN 0102-2717, v. 25, n. 2, p. 145-158, jul./dez. 2016.

AMADO, J. História e região: reconhecendo e construindo espaços. In: *República em migalhas: história regional e local*. São Paulo: ANPUH; Marco Zero; Brasília: CNPq, p.41-42, 1990

AQUINO, Maurício. Modernidade republicana e diocesanização do catolicismo no Brasil: as relações entre Estado e Igreja na Primeira República (1889-1930). *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 32, nº 63, p. 143-70, 2012. <https://doi.org/10.1590/S0102-01882012000100007>

ARANHA, Maria Lúcia Arruda. *História da Educação e da Pedagogia. Geral e Brasil*. São Paulo: Moderna, 2006 (3ª ed. rev. ampl.).

ARAUJO, José Carlos Souza. As concepções pedagógicas na história da educação brasileira: demarcações conceituais e algumas ilustrações. In: LOMBARDI, José Claudinei Lombardi; SAVIANI, Dermeval (orgs.). *Navegando pela História da Educação Brasileira. 20 anos de Histedbr*. Campinas, SP Autores Associados: Histedbr, 2009, v. único, p. 191-221.

ARAÚJO, José Carlos de Souza. Direitos humanos, educação e o escolanovismo de Fernando Azevedo (1894-1974). 2006. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/artigosframes/artigo050.html>. Acesso em: 07 de julho de 2023.

ARAUJO, José Carlos Souza. Direitos Humanos, Educação e o Escolanovismo de Fernando de Azevedo (1894-1974). In: LOMBARDI, José Claudinei; NASCIMENTO, Maria Isabel; SAVIANI, Dermeval. (org.). *Navegando pela História da Educação Brasileira*. Campinas, SP: Grupo de Estudos e Pesquisas "História, Sociedade e Educação no Brasil" (HISTEDBR), 2006, v. 1, p. 1-17.

ARAÚJO, José Carlos Souza. Do quadro-negro à lousa virtual: técnica, tecnologia e tecnicismo. In: Veiga, Ilma Passos Alencastro (org.). *Técnicas de Ensino: novos tempos, novas configurações*. Campinas, SP: Papirus, 2006. Coleção Magistério: Formação e Trabalho pedagógico.

ARAUJO, José Carlos Souza. Republicanismo e escola primária nas mensagens dos presidentes de estado de Minas Gerais (1891–1930). In: ARAUJO, José C. S. et al. *Escola primária na Primeira República (1889–1930): subsídios para uma história comparada*. Araraquara: Junqueira & Marin, 2012

ARAÚJO, José Carlos Souza. *Ética e profissão docente no século XVI. História da Educação*. ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas. Set. 2002.

ARAUJO, José Carlos Souza. *Igreja Católica no Brasil: um estudo de mentalidade ideológica*. São Paulo: Paulinas, 1986, p.63.

ARAUJO, José Carlos Souza. Manuais pedagógicos em comparação: cours pratique de pédagogie, de daligault (1851), e compêndio de pedagogia, de B. J. M. Cordeiro (1874). *Cadernos de História da Educação*, 17(1), 101–115, 2018. <https://doi.org/10.14393/che-v17n1-2018-7>

ARAÚJO, José Carlos Souza. Ser professor: da divisão do trabalho à organização do trabalho pedagógico e do trabalho didático. *Cadernos de História da Educação*, 8(1). Recuperado de <https://seer.ufu.br/index.php/che/article/view/2280>. Acesso em: 07 de julho de 2023.

ARAUJO, José Carlos Souza; RIBEIRO, Betânia de O. L.; SOUZA, Sauloeber T. Haveria uma historiografia educacional brasileira expressa pelos manuais didáticos publicados entre 1914 e 1972? In: Maria Maria Chagas de Carvalho; Décio Gatti Júnior. (org.). *O Ensino de História da Educação*. Vitória, ES: EDUFES, 2011, v. 6, p. 95-143.

ARAUJO, Jussara Rezende. *Comunicação Exclusão: a leitura dos xamãs*. São Paulo. Arte e Ciências, 2002.

ARAUJO, Verônica Danieli de Lima. *Mulheres, educação e profissionalização no século XIX: o ensino normal em Pernambuco*. Dissertação. (Mestrado em Educação). Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2000.

ARAUJO, BRUNO MELO DE e PACHECO, RICARDO DE AGUIAR. *O Estado Novo e Educação: a construção da sociedade moderna e o seu ordenamento social em Pernambuco* Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, São Paulo, julho 2011

ARDUINI, Guilherme Ramalho. *Centro Dom Vital e o campo intelectual brasileiro (anos 1930)*. XII Simpósio da ABHR, 2011, Juiz de Fora (MG). Disponível em: <http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/anais/article/view/85/50> Acesso em: 10 de maio de 2014.

AZEVEDO, Dermi. *A Igreja Católica e seu papel político no Brasil*. *Estud. av.* [online]. 2004, vol.18, n.52, pp. 109-120. <https://doi.org/10.1590/S0103-40142004000300009>

AZEVEDO, Ferdinand; MACHADO, Rita. *As correntes do pensamento católico cívico-social nos anos 1930-1952 no Nordeste*. *Revista de Teologia e Ciências da Religião*, Ano V, nº 5, dezembro 2006, pp. 85- 106.

AZEVEDO, Thalles de. *A religião civil brasileiro: um instrumento politico*. Petrópolis: Vozes, 1981.

BACAS, Lucas Maia Felipe. *Os liberais e as oposições na Era Vargas (1930-1945)*. Monografia. Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília-UNB, 2013.

BARROSO FILHO, Geraldo. *Formando individualidades condutoras: o Ginásio Pernambucano dos anos 50*. São Paulo, 1998, 259 p. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de São Paulo.

BARROSO, Gustavo. Comunismo, cristianismo e corporativismo. Rio de Janeiro: Empresa Editora ABC Limitada, 1938. 164p

BATISTA, Karina Ribeiro. A Trajetória da Editora Globo e sua Inserção no Campo Literário Brasileiro nas Décadas de 1930 E 1940. Tese pelo programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2008.

BAUM, W. Compreender o Behaviorismo. Artes Médicas, 1999.

BELLO, Ruy de Ayres. Breve Historia do Municipio de Barreiros. Editora de Pernambuco, 1984.

BELLO, Ruy de Ayres. Esboço de história da educação. São Paulo: Nacional, 1945.

BELLO, Ruy de Ayres. Filosofia pedagógica. Rio de Janeiro: Globo, 1953

BELLO, Ruy de Ayres. Introdução à pedagogia. São Paulo: Nacional, 1941.

BELLO, Ruy de Ayres. Introdução à psicologia educacional. São Paulo: Ed. do Brasil, 1963.

BELLO, Ruy de Ayres. Memórias de um professor. Recife: Academia Pernambucana de Letras, 1982.

BELLO, Ruy de Ayres. O brinquedo, o mundo encantado da criança. Editora Comunicarte, 1981

BELLO, Ruy de Ayres. Pequena história da educação. São Paulo: Ed. do Brasil, 1957.

BELLO, Ruy de Ayres. Princípios e normas de administração escolar. Rio de Janeiro: Globo, 1956.

BELLO, Ruy de Ayres. Subsídios para a História da Educação em Pernambuco. Recife: CEPE, 1978.

BEZERRA, Andrade. A recatolização dos católicos. A Tribuna, Recife, p. 01, 11 jan. 1933.

BEZERRA, Cícera Patrícia Alcântara. Tradições & Traduções: O “Olhar” de Waldemar Valente sobre a cultura Imaterial Pernambucana. Anais ANPUH, 2008. Disponível em: http://www.ce.anpuh.org/download/anais_2008. Acesso em: 02/06/2014.

BITTAR, Marisa e BITTAR, Mariluce. História da Educação no Brasil: a escola pública no processo de democratização da sociedade. Maringá, v. 34, n. 2, p. 157-168, July-Dec., 2012. <https://doi.org/10.4025/actascieduc.v34i2.17497>

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Disciplinas escolares: história e pesquisa. In: OLIVEIRA, Marcus A. T. de; RANZI, Serlei M. Fischer. (orgs). História das Disciplinas Escolares no Brasil: contribuições para o debate. São Paulo: CDAPH, 2000.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Em foco: história, produção e memória do livro didático. Educação e Pesquisa. v. 30, n. 3. São Paulo: Set/2003.

BONTEMPI Jr, Bruno. Histórias de intelectuais, suas ideias e ações na imprensa e na educação paulista (século XX). Tese de livre docência. Departamento de Filosofia da Educação e Ciências da Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. 2019.

BOBBIO, Norberto, 1909- Dicionário de política I Norberto Bobbio, Nicola Matteucci e Gianfranco Pasquino; trad. Carmen C, Varriale et ai.; coord. trad. João Ferreira; rev. geral João Ferreira e Luis Guerreiro Pinto Cacais. - Brasília : Editora Universidade de Brasília, 1 la ed., 1998.

BONTEMPI, Bruno. Intelectuais da educação brasileira: formação, ideias e ações. Projeto de pesquisa apresentado ao Programa de Pós-Graduação Educação: História, Política, Sociedade – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2007.

BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. 7ª ed. São Paulo, 2011.

BOURDIEU, Pierre. O Poder Simbólico. Tradução Fernando Tomaz (português de Portugal). 2ª. ed., Rio de Janeiro, ed. Bertrand Brasil, 1998.

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. 13ªedição. Editora Bertrand Brasil, 2006.

BOURDIEU, Pierre. Os usos sociais da ciência: por sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Ed. Unesp, 2004.

BOURDIEU, Pierre. Razões práticas: sobre a teoria da ação. São Paulo: Papyrus, 1996.

BRAGHINI, Katya Mitsuko Zuquim. A “Vanguarda brasileira”: A juventude no discurso da Revista da Editora do Brasil S/A (1961-1980). Tese (Doutorado em Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC. São Paulo, 2010.

BUENO, Giuliana Maria Gabancho, Barrenechea, FARIAS, Sidilene Aquino de e FERREIRA, Luiz Henrique. Concepções De Ensino De Ciências No Início Do Século Xx: O Olhar Do Educador Alemão Georg Kerschensteiner. Ciência & Educação, v. 18, n. 2, p. 435-450, 2012. <https://doi.org/10.1590/S1516-73132012000200013>

CALIXTO, Jaqueline de Andrade. Análise dos pressupostos teóricos presentes no manual de filosofia da educação: os grandes problemas da pedagogia moderna (1942) de Theobaldo Miranda Santos / Jaqueline de Andrade Calixto. – 2016

CARDOSO, Ciro Flamarion; MAUAD, Ana Maria. História e Imagem: os exemplos da fotografia e do cinema. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org.). Do-mínios da História: ensaios de teoria e metodologia. 5. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997. cap. 18. p. 300-320

CARVALHO, Carlos Henrique de. GATTI JR, Décio. INÁCIO FILHO, Geraldo. ARAUJO, José Carlos Souza Araújo e NETO, Wenceslau Gonçalves Neto. História da Educação no Brasil: pesquisa, organização institucional e estratégias de divulgação científica. Cadernos de História da Educação – v. 10, n. 2 – jul./dez. 2011

CARVALHO, Carlos Henrique de. Os discursos educacionais presentes na Imprensa Uberlandense (1920-1950) Cadernos de História da Educação - v. 1. – nº . 1 - jan./dez. 2002

CARVALHO, José Murilo. Entre a liberdade dos antigos e a dos modernos: a República no Brasil. In: Pontos e bordados, escritos de história e política. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

CARVALHO, M. M. C. Usos do impresso nas estratégias católicas de conformação do campo doutrinário da pedagogia (1931-1935). Cadernos Anped, n.7, 1994, p. 41-60.

CASTANHO, Sérgio. Teoria da história e história da educação: por uma história cultural não culturalista. Campinas: Editora Autores Associados, 2010, 110 p.

CATANI, Denice Barbara. GATTI Jr, Décio. Manuais Disciplinares, Discursos Pedagógicos e Formação de Professores (Séculos XIX E XX). Dossiê. Revista História da Educação (Online), 2019, v. 23: e93207 DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/2236-3459/93207>

CATANI, Denise Bárbara; BASTOS, Maria Helena Câmara (orgs.). Educação em revista: a imprensa e a história da educação. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

CATANI, Denise Barbara; SILVA, Vivian Batista. Verbete Manuais pedagógicos. 2010. Disponível em: <http://www.gestrado.org/?pg=dicionario-verbetes&id=109>. Acesso em: 07 de julho de 2023.

CAVALCANTI, Carlos de Lima. <https://cpdoc.fgv.br/sites>

CERTEAU, Michel de. A Escrita da história. Tradução de Maria de Lourdes Menezes; revisão técnica [de] Arno Vogel. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982

CHARTIER, Roger. A aventura do livro do leitor ao navegador. São Paulo: UNESP, 1998.

CHARTIER, Roger. Entrevista com Roger Chartier. Acervo, [S. l.], v. 8, n. 1-2, p. 3–12, 2012. Disponível em: <https://revista.an.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/232>. Acesso em: 23 dez. 2023.

CHARTIER, Roger. Formas e sentido. Cultura escrita: entre distinção e apropriação. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2003.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. Estudos Avançados, 5(11), 173-191. 1991. Recuperado de <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8601>. <https://doi.org/10.1590/S0103-40141991000100010>

CHOPIN, Alain. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.30, n.3, p. 549-566, set./dez. 2004. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022004000300012>

CIGALES, Marcelo. OLIVEIRA, Amurabi. Aspectos metodológicos na análise de Manuais Escolares: uma perspectiva relacional. Rev. Bras. Hist. Educ., 20, e099 2020. <https://doi.org/10.4025/rbhe.v19.2019.e099>

COLINVAUX, Dominique e LEITE-BANKS, Luci. E. Claparède: os primeiros estudos sobre a psicologia das crianças pequenas no Institut Jean-Jacques Rousseau

.Pro-Posições, Campinas, v. 23, n. 2 (68), p. 217-220, maio/ago. 2012.
<https://doi.org/10.1590/S0103-73072012000200014>

CORREA, Leandro Piazzon. A bibliotoca e o arquivo feitos obra: a publicação das antologias do Bom Professor de Malba Tahan. Campinas, SP, 2020.

COUTINHO, José Pereira. Cristianismo no Brasil em perspectiva global . Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, 42(2): 249-253, 2022 (resenha). <https://doi.org/10.1590/0100-85872022v42n2res01>

CRACCO, Rodrigo Bianchini. A longa duração e as estruturas temporais em Fernand Braudel: de sua tese O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrânico na Época de Felipe II até o artigo História e Ciências Sociais: a longa duração (1949-1958). Universidade Estadual Paulista – UNESP. Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP, 2009.

CURY, Carlos Roberto Jamil. O ensino religioso e escola pública: o curso histórico de uma polêmica entre Igreja e Estado no Brasil. Educação em Revista. Belo Horizonte. Faculdade de Educação da UFMG, nº 17, 1993, p. 24. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782004000300013>

CURY, Carlos Roberto Jamil. O Ensino Religioso na escola pública: o retorno de uma polêmica recorrente. Revista Brasileira de Educação, núm. 27, set-out-nov-dez, 2004

CURY, Carlos Roberto Jamil. Ideologia e Educação Brasileira: Católicos e liberais. 2ed. São Paulo:Cortez/Autores Associados, 1984. (Coleção Educação Contemporânea). 201

DALLABRIDA, Norberto. A reforma Francisco Campos e a modernização nacionalizada do ensino secundário. Educação, Porto Alegre, v. 32, n. 2, p. 185-191, maio/ago. 2009.

DAVIDSON, Tomas. La educacion del pueblo griego y sy influjo em la civilizacion. (A educação do povo grego e sua influência na civilização. Trad. Espanhola de Juan Cuna. Madrid: Ediciones de La Lectura. 268p. Ciência e educação.

DE HOVRE, L. Ensaio de filosofia pedagógica. Tradução Luiz Damasco Penna e J. B. Damasco Penna. Bruxellas. In: BELLO, Ruy de Ayres. Introdução à Pedagogia. São Paulo: Nacional, 1941.

DEWEY, John. Democracia e educação: introdução à filosofia da educação. Trad. de Godofredo Rangel e Anísio Teixeira. 4. ed. São Paulo: Nacional, 1979.

DEWEY, John. Vida e educação. 9. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1975.

DICIONÁRIO DO PENSAMENTO SOCIAL DO SÉCULO XX / editado por William Outhwaite, Tom Bottomore; com a consultoria de Ernest Gellner, Robert Nisbet, Alain Touraine; editoria da versão brasileira, Renato Lessa, Wanderley Guilherme dos Santos; tradução de Eduardo Francisco Alves, Álvaro Cabral. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996

DUTRA, E. F. Companhia Editora Nacional: tradição editorial e cultura nacional no Brasil. In: I Seminário sobre o Livro e a História Editorial, 2004. Disponível em: <http://www.livrohistoriaeditorial.pro.br/pdf/elianadutra.pdf>. Acesso em: 20 de março de 2022.

ELIAS, Nobert. Escritos & Ensaio 1 – estado, processo, opinião pública. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, pp. 21-33.

ELIAS, Norbert; SCOTSON J. L. Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

FAIRCLOUGH, Norman. Discurso e mudança social. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2001.

FAITANIN, Paulo. Introdução ao Tomismo Tomás, o Tomismo & os Tomistas: uma breve apresentação. Niterói, RJ: Cadernos Aquinate, 2011.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. A legislação escolar como fonte para a História da Educação: uma tentativa de interpretação. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes de (org.). Educação, modernidade e civilização: fontes e perspectivas de análises para a história da educação oitocentista. Belo Horizonte: Autêntica, 1998, p. 89125.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Dos pardieiros aos palácios: forma e cultura escolares em Belo Horizonte (1906/1918). 362 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1996.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VIDAL, Diana Gonçalves. História da Educação no Brasil: a constituição histórica do campo (1880-1970). Revista Brasileira de História. v. 23, nº. 46, 2003, p. 37-70. <https://doi.org/10.1590/S0102-01882003000100003>

FAUSTO NETO, A. (2008). Fragmentos de uma «analítica» da mediatização. *Matrizes*, 1(2), 89-105. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v1i2p89-105>. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v1i2p89-105>

FAVERO, Osmar. A Educação nas Constituintes Brasileiras 1823-1988. Campinas, SP. Editora Autores Associados, 2001

FERNANDES, Sílvia. Christianity in Brazil: An Introduction from a Global Perspective. Londres: Bloomsbury, 243pp, 2022. <https://doi.org/10.5040/9781350204980>

FERNANDES, Luiz Fernando Rocha. Desemaranhando Redes de Sociabilidade: uma reflexão histórica a Partir da Revista Escola Nova. Anais do 30º Simpósio Nacional da ANPUH, 2019.

FERREIRA, Aline. A Categoria da Totalidade em G. Lukács e L. Goldmann: aproximações e distanciamentos. XVIII Semana de Pós-graduação em Ciências Sociais, UNESP, 2019.

FERREIRA, Eduardo. Ruy de Ayres Bello: do engenho à academia. Recife: Assembléia Legislativa, 2001. 186 p. : il. (Perfil Parlamentar. Século XX; 21).

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina Batista de Figueredo (Org.). Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

FERREIRA, Elenice Silva. La Nouvelle Histoire e o ressurgimento da História Local: contribuições para a pesquisa em História da Educação. Cadernos de História da Educação, v.21, p.1-20, e126, 2022. <https://doi.org/10.14393/che-v21-2022-126>

FERREIRA, Ana Emília Cordeiro Santos e CARVALHO, Carlos Henrique. Escolarização e analfabetismo No Brasil: estudo das Mensagens dos Presidentes dos Estados de São Paulo, Paraná e Rio Grande Do Norte (1890-1930). In: XII Encontro de Pesquisa em Educação do Centro-Oeste, 2014, Goiânia. Pós-Graduação e Pesquisa em Educação: contradições e desafios para a transformação social. Goiânia: Editora da PUC-GO, 2014. v. 1. p. 30-45.

FERREIRA, Liliana Soares. Pedagogia como ciência da educação: retomando uma discussão necessária. R. bras. Est. pedag., Brasília, v. 91, n. 227, jan./abr. 2010, p. 235. <https://doi.org/10.24109/2176-6681.rbep.91i227.610>

FERREIRA, Andréa Tereza Brito. A Mulher E O Magistério: Razões Da Supremacia Feminina (A Profissão Docente Em Uma Perspectiva Histórica). Tóp. Educ .. Recife. v./6. n" 1-3. p..JJ-61. 1998.

FIGUEIRÔA, Ana Paula Rodrigues. O Instituto de Educação de Pernambuco em sua primeira década (1946-1955): em cena, as práticas das atividades físicas nas memórias das Normalistas. Dissertação (Mestrado em Educação). UFPE. Recife: 2012.

FIGUEROA, Ana Paula Rodrigues. Que saudade da professorinha: historia e memória da escolarização das normalistas Niteroienses e Recifenses. UFPE, 2017.

FONSECA, T. de L. O livro didático de História: Lugar de memória e formador de identidades. In: Simpósio Nacional da Associação Nacional de História, 20, Florianópolis, 1999. História: fronteiras / Associação nacional de História. São Paulo: Humanitas, FLCH, ANPUH, 1999, p. 204.

FREDERICO, Celso. A sociologia da literatura de Lucien Goldmann. Estudos Avançados .19 (54), 2005. <https://doi.org/10.1590/S0103-40142005000200022>

FREDERICO, Celso Quem fala na criação cultural? Notas sobre Lucien Goldmann Matrizes, vol. 5, núm. 2, enero-junio, 2012, pp. 181-194 Universidade de São Paulo São Paulo, Brasil

FREITAS, Octavio. Os nossos médicos e a nossa medicina. Recife, 1904, p.13. In: A Epidemia da Varíola no Recife -1904.

FREITAS, Marcos Cezar de e KUHLMANN JR., Moisés (Orgs.). Os intelectuais na história da infância. São Paulo: Cortez, 2002.

FREYRE, Gilberto. Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal / Gilberto Freyre; apresentação de Fernando Henrique Cardoso. — 481 ed. rev. — São Paulo : Global, 2003.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; BATISTA, Antonio Augusto Gomes. Manuais escolares e pesquisa em História. In: VEIGA, Cynthia Greive; FONSECA, Thaís Nívia de Lima e. (org.). História e Historiografia da Educação no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p. 161-188.

GATTI JR, Décio.; LIMA, Geraldo Gonçalves de . As ideias católicas na produção editorial e na formação de professores no Brasil no Século XX. Educativa (Goiânia. Online), v. 19, n.2, p. 604-626, 2016. <https://doi.org/10.18224/educ.v19i2.5409>

GATTI JR, Décio. As ideias de Rousseau nos manuais de História da Educação com autores estrangeiros publicados no Brasil (1939-2010). Cadernos de História da Educação (Online), v. 13, n.2, p. 475-498, 2014. <https://doi.org/10.14393/che-v13n2-2014-4>

GATTI JUNIOR, Décio e SANTOS, Leonardo Batista dos. Ciência, Evolução e Educação em Herbert Spencer . Estudos Avançados 36 (105), 2022. <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2022.36105.018>

GOMES, Ângela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos. Intelectuais Mediadores: Práticas culturais e ação política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.489 p

GINZBURG, Carlo. A micro-história e outros ensaios. Trad. Antonio Narino. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991

GINZBURG, Carlo. O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

GOLDMANN, Lucien. Dialética e Cultura. Paz e Terra, 1967

GOLDMANN, Lucien. Ciências humanas e filosofia. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1986, décima edição.

GOLDMANN, Lucien. Ciências humanas e filosofia: o que é a sociologia? São Paulo: Difel, 1980.

GODOY, Alexandre Pianelli. Edição, Prescrição e Leituras na História da Formação de Professores. História (São Paulo), v.41, 2022. <https://doi.org/10.1590/1980-4369e2022031>

GOMES, Angela de Castro. República, educação cívica e história pátria: Brasil e Portugal. ANPUH – XXV Simpósio Nacional de História – Fortaleza, 2009.

GOMES, Ângela e Castro (Org.). Em família: a correspondência de Oliveira Lima e Gilberto Freyre. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2005.

GONÇALVES NETO, Wenceslau. Ética pedagógica: passado e presente. RPD – Revista Profissão Docente, Uberaba, v.11, n. 24, jul/dez. 2011, p. 118. <https://doi.org/10.31496/rpd.v11i24.520>

GONÇALVES NETO, Wenceslau; CARVALHO, Carlos Henrique de; ARAÚJO, José Carlos de Souza. Discutindo a história da educação; a imprensa enquanto objeto de análise histórica (Uberlândia-MG, 1930-1950). In: ARAUJO, José Carlos Souza; GATTI JUNIOR, Décio

(org.). Novos temas em história da educação brasileira: instituições escolares e educação na imprensa. Campinas, SP. Uberlândia-MG: Autores Associados, EDUFU, 2002.

GREGÓRIO, Sergio Biagi. Dicionário de Filosofia. Disponível em: <https://sites.google.com/site/sbgdicionariodefilosofia/humanismo>. Acesso em: 06 de julho de 2023.

GROCHOLEWSKI, Z. Para o autêntico humanismo a partir do autêntico cristianismo. A perspectiva de Santo Tomás de Aquino. Doctor Humanitatis e Doctor Communis Ecclesiae. Cardeal Zenon Grocholewski. Congregação da Educação Católica, 2009.

HAHNER, June E. Escolas mistas, escolas normais: a coeducação e a feminização do magistério no século XIX. Revista Estudos Feministas, vol. 19, núm. 2, mayo-agosto, 2011, pp. 467-474. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2011000200010>

HALLEWELL, Laurence. O livro no Brasil: sua história. São Paulo: EDUSP, 2005.

HOBSBAWM, Eric. Sobre História. São Paulo. Cia das Letras, 1998.

INACIO FILHO, G.; SILVA, Michelle Pereira da . Mulher e educação católica no Brasil (1889-1930): do lar para a escola ou a escola do lar?. Revista HISTEDBR On-line, Campinas: unicamp, v. 15, p. 01-15, 2004.

JUCÁ, Christina Bezerra de Mello; ARTIGAS, João Batista Vilanova. Arquiteto: a gênese de uma obra (1934-1941). Dissertação. (Mestrado em Educação). Universidade de Brasília. Pós-graduação em História. Julho, 2006.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. Revista Brasileira de História da Educação. Campinas, SP, n. 1, jan./jun., 2001.

KOSSOY, Boris, 1941. Fotografia & História I Boris Kossoy. - 4. ed. - São Paulo: Ateliê Editorial, 2012. <https://doi.org/10.23925/2176-2767.2021v70p9-35>

KOSSOY, Boris. Fotografia E História: As Tramas Da Representação Fotográfica. Projeto História, São Paulo, v. 70, pp. 9-35, Jan.-Abr., 2021

KULESZA, Wojciech Andrzej. História da pedagogia no Brasil: a contribuição das pesquisas centradas em manuais de ensino. Rev. bras. Estud. pedagog. (online), Brasília, v. 95, n. 240, p. 328-345, maio./ago. 2014. <https://doi.org/10.1590/S2176-66812014000200005>

LEAL, Elisabete da Costa. O calendário republicano e a festa cívica do descobrimento do Brasil em 1890: versões da história e militância positivista. Revista História, São Paulo, v. 5, n. 2, 2006. <https://doi.org/10.1590/S0101-90742006000200004>

LEITE, Juçara Luzia; ALVES, Claudia (orgs.). Intelectuais e História da Educação no Brasil: poder, cultura e políticas. Vitória: EDUFES, 2011.

Lembrança do III Congresso Eucarístico Nacional aos seus Irmãos do Norte e do Sul; 2 – 7 de setembro, 1939. Recife: Congregação Mariana da Mocidade Acadêmica, s/d.

LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: P. Burker (org). A escrita da história: novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992.

LEPARGNEUR, Hubert. Humanismo Cristão e Educação Brasileira. Revista Reflexão, nº 8, v.25, 2024.

LIMA, Geraldo Gonçalves de ; GATTI JR, Décio. . Manuais de História da Educação e os ideários da doutrina católica para a formação de professores no Brasil (1936-1945). In: X Seminário Nacional do Histedbr, 2016, Campinas/SP. Anais. Campinas/SP: Unicamp, 2016. p. 1-21.

LIMA, Geraldo Gonçalves de. e GATTI JR, Décio. Educação, Sociedade e Democracia: John Dewey nos Manuais de História da Educação e/ou Pedagogia (Brasil, Século XX). Revista História da Educação (Online), 2019, v. 23.
<https://doi.org/10.1590/2236-3459/93210>

LIMA, Virna Lumara Souza. Os Manifestos de 1932 e 1959 e suas contribuições para as Diretrizes e Bases da Educação. Revista Communitas V1, N1, (Jan-Jun) 2017

LIMA, Rafaela Ribeiro de Lima e MARQUES, Luiz Carlos Luz. As elites intelectuais do Círculo Católico de Pernambuco na formação da Identidade Nacional. Anais do IFPB, 2010,

LOBATO, Vivian Silva. COSTA, Renato Pinheiro e ROSÁRIO, Maria José Aviz. A linha de História da Educação nos Programas de Pós-Graduação stricto sensu. Educar em Revista, Curitiba, v. 39, e87494, 2023. <https://doi.org/10.1590/1984-0411.87494>

LOBO NETO, F. J. (2014). A Educação Na Constituição de 1934: 80 anos de um capítulo específico na Carta Magna. Revista Trabalho Necessário, 12(19). v. 12 n. 19 (2014). <https://doi.org/10.22409/tn.12i19.p8610>

LOPES, Eliana Marta Teixeira. GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. História da Educação. Rio de Janeiro: DP&A.2001.

LOPES, Marcos Antônio (org.) Grandes nomes da história intelectual. São Paulo: Contexto, 2003.

LOURENCO, Adauto. José. Como Tudo Começou - Uma Introdução ao Criacionismo. 1. ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2007.

LUSTOSA, Oscar de Figueiredo. Igreja e Política no Brasil: do Partido Católico a L. E. C. (1874-1945). São Paulo, Loyola/CEPEHIB, 1983.

MACHADO, M. C. G.; DORIGÃO, A. M.; COELHO, G. F. As pesquisas com intelectuais em história da educação: um campo profícuo. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, SP, v. 16, n. 67, p. 175–188, 2016. <https://doi.org/10.20396/rho.v16i67.8645233>

MAGALHÃES, Gilcéia Freitas. Ação Católica, ação política: as influências do grupo católico durante o Estado Novo. Anais do XXIII Simpósio Nacional de História – ANPUH Londrina, 2005.

MAGALHÃES, Justino Pereira de, BARRETO, Raylane Andreza Dias Navarro Os intelectuais e a educação – abordagem histórica e biográfica. Revista Educação em Questão, Natal, v. 54, n. 41, p. 61-85, maio/ago. 2016. <https://doi.org/10.21680/1981-1802.2016v54n41ID10158>

MALATIAN, Teresa. Cartas: narrador, registro e arquivo. In: PI; LUCA, T. (orgs.). O historiador e suas fontes. São Paulo: Contexto, 2009.

MARIA, Júlio. A Igreja e a República. Biblioteca do Pensamento Político Republicano. Brasília: Câmara dos Deputados/ Ed. UnB, 1981.

MARITAIN, Jaques. Primauté du spirituel. In: MARITAIN, J.; MARITAIN, R., Œuvres Complètes, vol. III, p. 783-988. Éditions Universitaires; Éditions Saint-Paul, 1984.

MATOS, Henrique Cristiano José. Nossa história: 500 anos de presença da Igreja Católica no Brasil. t. 3. São Paulo: Paulinas, 2003. p.43.

MEDEIROS, Fernando Antônio Mesquita de. O Homo Inimicus: Igreja Católica, Ação Social e Imaginário Anticomunista Em Alagoas. EDUFAL, 2007

MELUCCI, Alberto. A Invenção do Presente: movimentos sociais nas sociedades complexas. Tradução de Maria do Carmo Alves Bonfim. Petrópolis: Vozes, 2001.

MELLO FILHO, Lílian Renata. O Centro Educativo Operário em Recife durante o Estado Novo (1937/1945): educação e religião no controle dos trabalhadores. Dissertação (Mestrado em Educação). Centro de Educação/UFPE, Recife, 2006, p. 46.

MENDES, Anderson Fernando Rodrigues. O Poder Político Na Mira Das Instituições Religiosas: eleições e as fronteiras da laicidade no Brasil e em Pernambuco. Anais do XIII Encontro Estadual de História da ANPUH-PE, 2020.

MENDES, Durmeval Trigueiro (Coord.). Filosofia da educação brasileira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

MENDONÇA, Aluísio Furtado de. Os 80 Anos do Professor Ruy de Ayres Bello. Recife, Edição da Academia de Letras e Artes do Nordeste Brasileiro, 1984.

MENDONÇA, Samuel. Herbert Spencer e os princípios dirigentes da educação intelectual. Anais da 36ª Reunião Nacional da ANPEd – 29 de setembro a 02 de outubro de 2013, Goiânia-GO.

MESSIAS, Elvis Rezende e SEVERINO, Antônio Joaquim Severino. Paulo Freire e formação da pessoa humana: contribuições da antropologia cristã personalista. Revista Devir Educação, Lavras, vol.7, n.1, e-701, 2023. <https://doi.org/10.30905/rde.v7i1.701>

MEUCCI, Simone. Os Primeiros Manuais didáticos de Sociologia no Brasil. Estudos de Sociologia v. 6, n. 10, UNESP, 2001.

MICELI, Sérgio. A elite eclesiástica brasileira: 1890-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MIGUEL, Maria Elisabeth Blanck; VIDAL, Diana Gonçalves; ARAÚJO, José Carlos de (orgs.) Reformas educacionais: as manifestações da Escola Nova no Brasil (1920 a 1946). Campinas: SP, Autores e Associados; Uberlândia: EDUFU, 2011.

MORAIS, Maria Helena de Jesus Silva. Da pedagogia que “pegou de galho” à uma pedagogia cristã nova e brasileira: Theobaldo Miranda Santos (1904-1971) e seus manuais didáticos. 2004. 86f. Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

MONARCHA, Carlos. Escola normal da praça: o lado noturno das luzes. Campinas: Ed. da Unicamp, 1999.

MUNAKATA, Kazumi. O livro didático: alguns temas de pesquisa. Rev. Bras. Hist. Educ [online]. 2012, vol.12, n.03, pp.179-197. <https://doi.org/10.4322/rbhe.2013.008>

NAGLE, Jorge. Educação e sociedade na Primeira República. São Paulo: E.P.U/MEC, 1976

NASCIMENTO (b), Luiz do. História da imprensa de Pernambuco (1821 – 1954). Volume VII. Periódicos do Recife – 1901/1915. Recife: Imprensa Universitária, 1975. p. 83 – 85.

NASCIMENTO, Luiz do. Pseudônimos de jornalistas pernambucanos. Recife: UFPE, Ed. Universitária, 1983.

NASCIMENTO, Maria Isabel Moura (orgs.). Navegando pela História da Educação Brasileira. Campinas, SP: Graf. FE: HISTEDBR(CD-ROM). p.1-25, 2006.

OLIVEIRA, José Luiz de Oliveira. Tristão de Athayde: o conceito tomasiano de sindérese na fundamentação dos direitos humanos. Revista Estudos Filosóficos, nº 14/, 2015.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. A questão nacional na Primeira República, 1990.

OLIVEIRA, Marcus A. T. de; RANZI, Serlei M. Fischer. (orgs). História das Disciplinas Escolares no Brasil: contribuições para o debate. São Paulo: CDAPH, 2000.

OLIVEIRA, Sandra Cristina de. ARAUJO, José Carlos Souza. A imprensa periódica face ao debate sobre o ensino religioso e o ensino laico em Uberaba, MG. In: LOPES, Ana Amélia B. de M.; GONÇALVES, Irlen Antonio; FARIA FILHO, Luciano Mendes de; XAVIER, Maria do Carmo. (Org.). História da Educação em Minas Gerais. 1ª. ed., Belo Horizonte: FCH/FUMEC, v. 1, p. 386-393, 2002.

OLIVEIRA, Sandra Regina F.; GATTI JR, Décio. A reação católica e a formação de professores no Brasil: os manuais disciplinares Noções de Sociologia e Educação (história da pedagogia). 'Problemas actuaes' das Madres Peeters e Cooman (1935-1971). Revista Brasileira de História da Educação, v. 18, p. 1-35, 2018. <https://doi.org/10.4025/rbhe.v18.2018.e041>

OLIVEIRA, Marli dos Santos de Oliveira e SANTELLI, Igor Henrique da Silva. O direito à educação na ordem constitucional brasileira: texto e contexto. *Jornal de Políticas Educacionais*. V. 14, Dezembro de 2020. <https://doi.org/10.5380/jpe.v14i0.77550>

ORO, Ari Pedro. Religião e política no Brasil, *Cahiers des Amériques latines* [Online], 48-49, 2005, Online since 15 August, 2017. <https://doi.org/10.4000/cal.7951>

PAULY, Evaldo Luis. O dilema epistemológico do ensino religioso. *Revista Brasileira de Educação* [en línea], (set-out-nov-dez), 2004. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782004000300012>

PIMENTA, Selma Garrido Pimenta. PINTO, Umberto de Andrade. e SEVERO, José Leonardo Rolim de Lima. Panorama da Pedagogia no Brasil: Ciência, Curso e Profissão. *Educação em Revista*. Belo Horizonte, v.38,2022. <https://doi.org/10.1590/0102-469838956t>

PORTO, Cristiane de Magalhães. Um olhar sobre a definição de cultura e de cultura científica. In: PORTO, CM., BROTAS, AMP., and BORTOLIERO, ST., orgs. *Diálogos entre ciência e divulgação científica: leituras contemporâneas* [online]. Salvador: EDUFBA, 2011. <https://doi.org/10.7476/9788523211813>

POZZEBON, Paulo Moacir Godoy. *A filosofia personalista de Jacques Maritain como fundamento para a crítica das políticas públicas educacionais*. Campinas: PUC-Campinas, 2021.

PRIMOLAN, Emílio Donizete. *Catolicismo e Política: a participação da Liga Eleitoral Católica nas eleições de 1933*. I Encontro do GT Nacional de História das Religiões e Religiosidades, p. 01-15, 2007.

PROST, Antoine. *Doze lições sobre a História*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

SILVA, Rafael Fernando da. *Filosofia da Educação: grandes problemas da pedagogia moderna*, de Theobaldo Miranda Santos: um estudo sobre manuais de ensino. Dissertação de mestrado Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, 2014.

REVEL, Jacques. (org.). *Jogos de Escala: a experiência da microanálise*. Tradução Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998, 262 páginas.

RIBEIRO, Emanuela Sousa. *Modernidade no Brasil, Igreja católica, identidade nacional: práticas e estratégias intelectuais: 1889-1930*. Tese (Doutorado em História). Recife, 2009.

RIBEIRO, Maria Luísa Santos. *História da Educação Brasileira: a organização escolar*. Maria Luísa Santos Ribeiro. 15. ed. Versão ampl. Campinas, SP: Autores Associados, 1998. SÁ, Elizabeth Figueiredo de; SILVEIRA, Marijâne. *Intelectuais paulistas na imprensa periódica mato-grossense (1910-1920)*. *Revista Educação e Fronteiras on-line*, v. 5, p. 17-31, 2015.

ROSENFELD, Luis. *Sobre idealistas e realistas: o Estado Novo e o constitucionalismo autoritário brasileiro*. *VERITAS (PORTO ALEGRE) Revista de Filosofia da PUCRS*

Veritas, Porto Alegre, v. 65, n. 1, p. 1-19, jan.-mar. 2020. <https://doi.org/10.15448/1984-6746.2020.1.36252>

ROTHEN, José Carlos e ARAUJO, José Carlos Souza. Formação cultural e profissional no pensamento de Jayme Abreu veiculado pela Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos nos anos de 1960. Anais do VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação. Uberlândia : UFU, 2006. p. 1-9.

ROTHEN, José carlos A universidade brasileira na Reforma Francisco Campos de 1931 Revista Brasileira de História de Educação, vol. 8, núm. 2, mayo-agosto, 2008, pp. 141- 160

SANFELICE, J.L. Dialética e pesquisa em educação. Marxismo e educação: debates contemporâneos / José Claudinei Lombardi, Dermeval Saviani (orgs).- Campinas, SP: Autores Associados: HISTEDBR, 2005.

SANTOS, Evson Malaquias de Moraes et al. A instituição imaginária educacional e catedrática e a primeira greve docente (1951) da UFPE. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2013. 276p .

SANTTOS, Daise Silva Dos. MIGNOT, Ana Chrystina e PERDOMO. Selma Barboza. À Beira Do Cais: Um Divulgador Das Ideias de Édouard Claparède Em Minas Gerais. Educação em Revista Belo Horizonte,v.37, 2021. <https://doi.org/10.1590/0102-469824999>

SANTOS, Paulo Rosas dos. Contribuição do personalismo à educação: uma reflexão às práticas pedagógicas. Anais IV CONEDU... Campina Grande: Realize Editora, 2017.

SAVIANI, Dermeval. As concepções pedagógicas na História da Educação Brasileira. Texto elaborado no âmbito do projeto de pesquisa “O espaço acadêmico da pedagogia no Brasil”, financiado pelo CNPq, para o “projeto 20 anos do Histedbr”. Campinas, 25 de agosto de 2005.

SAVIANI, Dermeval. As concepções pedagógicas na história da educação brasileira. In: LOMBRADI, J.; SAVIANI, D.; NASCIMENTO, M. I. M. (org). Navegando na história da educação brasileira. Campinas: Graf.FE: HISTEDBR, 2006.

SAVIANI, Dermeval. A pedagogia no Brasil: história e teoria. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

SAVIANI, Demerval. Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações. 11 ed. Campinas-SP: Autores Associados, 2011.

SAVIANI, Dermeval. Tendências e correntes da educação brasileira. In: MENDES, Durmeval Trigueiro (Coord.). Filosofia da educação brasileira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983. SANTO AGOSTINHO. De Magistro. In: Conflsões. De magistro. Trad. A. Ricci. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

SCHNEIDER, Eliezer. Progresso e Historia da Educaçao: uma releitura de Anrsio Teixeira e Paul Monroe. Forum educ., Rio de Janeiro, 10 (3) 3-15, jul./set. 1986.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Humanismo, Personalismo e os desafios sociais da educação contemporânea. Revista de Educação Pública, v. 18, n. 36, p. 155-163, 2009.

SELLARO, Leda Rejane Accioly. Educação e religião. Colégios protestantes em Pernambuco na década de 20. Dissertação (Mestrado em Educação). Recife, Universidade Federal de Pernambuco, 1987, p. 148.

SILVA, Andréa Carla Agnes e Silva. O Espírito de (In)Tolerância na República Laica: um olhar na formação da(o)s aluna(o)s-mestres da Escola Normal de Pernambuco (1890-1915). Dissertação. Mestrado em Educação. UFPE, 2005.

SILVA, Antônio Ozaí da. Sobre o autodidata. Revista Espaço Acadêmico, jan, 2012.

SILVA, Carolina Mostaro Neves da. Combatendo a Ignorância, Garantindo a Ordem Pública e o Progresso da Nação: ideias e ações educacionais de Francisco Mendes Pimentel (Minas Gerais, 1893-1910) Belo Horizonte. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação da UFMG, 2010.

SILVA, Sílvia Cortez. A morada do pensamento conservador: biblioteca da Congregação Mariana da Mocidade Acadêmica. Revista Informação & Sociedade: Estudos, 9, 1999.

SILVA, Giselda Brito. O Integralismo em Pernambuco na Década de 30. Revista de Pesquisa Histórica CLIO. v. 18 n. 1 (1998): Jan-Dez.

SILVA, Wellington Teodoro da. Catolicismo Militante na Primeira Metade do Século XX Brasileiro. História Revista, Goiânia, v. 13, n. 2, p. 541-563, jul./dez. 2008. <https://doi.org/10.5216/hr.v13i2.6651>

SIMÕES, José Luís; FIGUEIRÔA, Ana Paula Rodrigues. História e Memória do Instituto de Educação de Pernambuco. Revista Contrapontos - Eletrônica, Vol. 18 - n. 3 - Itajaí, jul.-ago., 2018. <https://doi.org/10.14210/contrapontos.v18n3.p212-226>

SKINNER, Quentin. Significado y comprensión en la historia de las ideas. Tradução de Horacio Pons. In: Prisma: revista de história intelectual, n. 4, 2000.

SKINNER, Quentin. Visões da política: sobre os métodos históricos. Alges: Difel, 2005.

SOARES, Magna. Magna Soares e o livro didático. Entrevista. 2011.

SOUZA, Aline Christine de. DERISSO, José Luis. O pensamento católico no contexto dos embates políticos da década de 1930 no Brasil. Revista on line de Política e Gestão Educacional, RPGE— V.21, N.3, P. 1550-1564, Set./Dez. 2017. <https://doi.org/10.22633/rpge.v21.n3.2017.10972>

SOUZA, Pe. Ney de. Ação Católica, Militância Leiga No Brasil: Méritos E Limites. Revista de Cultura Teológica, v. 14, n. 55, abr./jun., 2006.

SOUZA, Rodrigo Augusto de. A obra Antimoderne de Jacques Maritain e suas representações sobre o pensamento moderno (1922). Pro-Posições. Campinas, SP. Vol. 33, 2022. <https://doi.org/10.1590/1980-6248-2019-0102>

SOUZA, Rosa Fátima de. *Templos de Civilização: A Implantação da Escola Primária Graduada no Estado de São Paulo (1890-1910). A invenção dos Grupos Escolares*. São Paulo. Editora Uniesp, 1998

SOUZA, Rosa Fátima de. *O legado educacional do século XIX*. Araraquara: UNESP, 1998. Cap. Espaço de educação e da civilização: origens dos grupos escolares no Brasil. p. 20-62.

SOUZA, Rosa Fátima de. *Templos de Civilização: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890/1910)*. São Paulo: EDUNESP, 1998.

TEIXEIRA, Anísio. *Educação e o mundo moderno*. São Paulo: Ed. Nacional, 1977.

TIBALLI, Elianda Figueiredo Arantes. *Pragmatismo, Experiência e Educação em John Dewey*. 26ª reunião da ANPED. GT04 – Didática. 2003. <http://26reuniao.anped.org.br/>

TOLEDO, Maria Rita de Almeida. *Coleção Atualidades Pedagógicas: do projeto político ao projeto editorial (1931-1981)*. Tese de doutorado em Educação. Pontícia Universidade Católica de São Paulo, 2020.

TREVISAN, Amarildo Luiz. *Filosofia da Educação e formação de professores no velho dilema entre teoria e prática*. *Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, n. 42, p. 195-212, out./dez. 2011. Editora UFPR. <https://doi.org/10.1590/S0104-40602011000500013>

URIBE, Iván Darío; GALLO, Luz Elena e VAZ, Alexandre Fernández. *Traços de uma Educação Hedonista*. *Revista Movimento*. v. 23, n. 1, p. 339–350, 2017. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.68311>

VIDAL, Diana Gonçalves. *80 anos do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova: questões para debate*. *Educ. Pesqui.*, São Paulo, v. 39, n. 3, p. 577-588, jul./set. 2013. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022013005000007>

VIEIRA, David Gueiros. *O Protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa*. Brasília, UNB, 1980.

VIEIRA, Marcello Amorim Vieira; PEREIRA, Rafael Jorge Schaeffer. *Posturas Antagônicas e Anseios de Mudança: um olhar sobre a Intentona Comunista de 1935 (2017)*. *Anais da XI Semana de História UFES*. Outubro de 2017 – UFES.

VIEIRA, Carlos Eduardo; OSINSKI, Dulce Regina Baggio; BENCOSTTA, Marcus Levy (Orgs.). *Intelectuais, modernidade e formação de professores no Paraná: 1910-1980*. Curitiba: Editora UFPR, 2015.

VIEIRA, Carlos Eduardo; STRANG, Bernadete de Lourdes Streisky; OSINSKI, Dulce Regina Baggio (Orgs.). *História intelectual e educação: trajetórias, impressos e eventos*. Jundiaí (SP): Paco editorial, 2015.

VIEIRA, Carlos Eduardo; OSINSKI, Dulce Regina Baggio; OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de (Orgs.). *História intelectual e educação: artes, artistas e projetos estéticos*. Jundiaí (SP): Paco, 2019.

VIEIRA, Carlos Eduardo; BONTEMPI JÚNIOR, Bruno; OSINSKI, Dulce Regina Baggio (Orgs.). História intelectual e educação: imprensa e esfera pública. Jundiaí (SP): Paco, 2019.
VIEIRA, Carlos Eduardo; OSINSKI, Dulce Regina Baggio; GONDRA, José (Orgs.). História intelectual e educação: reformas educacionais, estado e sociedade civil. Jundiaí (SP): Paco, 2019.

VIEIRA, Eduardo e CURY, Claudia Engler. A Escrita da História da Educação no Brasil: Experiências e Perspectivas. Rev. Bras. Hist. Educ., 19, e072 2019.
<https://doi.org/10.4025/rbhe.v19.2019.e072>

VILLAÇA. Antônio Carlos. O Pensamento Católico no Brasil. Rio de Janeiro: Zahar editores. 1975.

VOGT, Débora Regina. A linguagem como intervenção política: uma análise sobre a contribuição de Quentin Skinner. EDOS, num. 7, vol. 3, fevereiro 2011.

VV.AA. Documentos sobre a Bíblia e sua interpretação. Editora Paulus, 2019.

WESTBROOK, Robert B. John Dewey / Robert B. Westbrook; Anísio Teixeira, José Eustáquio Romão, Verone Lane Rodrigues (org.). – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. 136 p

FONTES

ATAS / REGIMENTOS/ REQUERIMENTOS:

Annaes da Câmara de Pernambuco, 1935. p. 23; 43. Impresso

Boletim Eclesiástico, out., 1956, p. 87-88. Impresso

PERNAMBUCO. Portaria nº 46, 1956. Impresso

PERNAMBUCO. Requerimento nº 776, de 22 de novembro de 1983, p. 2-3. Disponível em: <https://www.cepe.com.br/>. Acesso em: 13.05.2022

PERNAMBUCO. Requerimento Nº 3018, do Poder Legislativo, publicado em 25 de setembro de 1997. Disponível em: <https://www.cepe.com.br/>. Acesso em: 13.05.2022

Relatório do Ministério da Agricultura (RJ), 1927. Digital. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 17.07.2022

Pasta da Cadeira 34. Acervo da Academia Pernambucana de Letras. Impresso.

CARTAS/CORRESPONDÊNCIAS/ ENCICLICAS:

Almanak Laemmert: Administrativo, Mercantil e Industrial, RJ, 1911. Digital. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 17.07.2022

Carta Encíclica Divini Illius Magistri. A encíclica foi endereçada aos patriarcas, primazes, arcebispos, bispos e outros ordinários em paz e CASALI, Alípio Márcio Dias. Elite intelectual e a restauração da igreja. Petrópolis, Ed Vozes – 1995

Carta Pastoral de Dom Sebastião Leme, Arcebispo Metropolitano de Olinda. Saudando os seus Diocesanos, 1916. Disponível em: <http://www.deuslouvult.org/2009/11/18/carta-aos-fieis-de-olinda-e-recife-dom-leme>. Acesso em: 15.09.2023.

JOÃO PAULO II. Homilia em Varsóvia, em 02 de junho de 1979, n. 3a. In: AAS 71 (1979), p. 738. Versão italiana in JOÃO PAULO II. Insegnamenti II, 1 (1979), p. 1388. Digital. Disponível em: <https://opusdei.org/pt-br/page/homilias/>. Acesso em: 30.04.2023.

TOMÁS DE AQUINO, Santo. Suma de teologia. Primeira parte – questões 84-89. Tradução e introdução Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento. Uberlandia: EDUFU, 2016.

LEGISLAÇÕES:

BRASIL. Constituição Federal de 1937, art. 153. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao37.htm. Acesso em: 07 de abril de 2023.

BRASIL. Constituição Federal de 1891. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao91.htm. Acesso em: 10 de março de 2023.

PERNAMBUCO. Annaes da Câmara de Pernambuco, 1935. Impresso

LIVROS E DICIONÁRIOS:

BELLO, Ruy de Ayres. Breve Historia do Municipio de Barreiros. Editora de Pernambuco, 1984. Impresso.

BELLO, Ruy de Ayres. Esboço de história da educação. São Paulo: Nacional, 1945. Impresso.

BELLO, Ruy de Ayres. Filosofia pedagógica. Rio de Janeiro: Globo, 1953. Impresso.

BELLO, Ruy de Ayres. Introdução à pedagogia. São Paulo: Nacional, 1941. Impresso.

BELLO, Ruy de Ayres. Introdução à psicologia educacional. São Paulo: Ed. do Brasil, 1963. Impresso.

BELLO, Ruy de Ayres. Memórias de um professor. Recife: Academia Pernambucana de Letras, 1982. Impresso.

BELLO, Ruy de Ayres. O brinquedo, o mundo encantado da criança. Editora Comunicarte, 1981, Impresso.

BELLO, Ruy de Ayres. Pequena história da educação. São Paulo: Ed. do Brasil, 1957. Impresso.

BELLO, Ruy de Ayres. Princípios e normas de administração escolar. Rio de Janeiro: Globo, 1956. Impresso.

BELLO, Ruy de Ayres. Subsídios para a História da Educação em Pernambuco. Recife: CEPE, 1978. Impresso.

Compêndio histórico do estado da Universidade de Coimbra (1771). Coimbra: Por Ordem da Universidade, 1972. Digital. Disponível em: <https://archive.org/details/compndiohist00univ>. Acesso em: 09.12.2022.

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. Digital. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/> Acesso em: 15.03.2022

Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001 Digital

PERIODICOS (consultados on line na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional)

Ciência para Todos, 29 de janeiro de 1950, p. 5.

Correio da Manhã. (1950). sp

Correio de Uberlândia. (1950). 02 de março de 1950, p. 3.

Correio Paulistano (1935). 29 de dezembro de 1935, p. 18.

Diário da Manhã. (1932). 10 de julho de 1932, p. 4.

Diário da Manhã. (1932). 25 de outubro de 1932, p. 2.

Diário da manhã. (1934). 15 de dezembro de 1934, p.2

Diário da Manhã. (1936). 27 de março de 1936, p. 12.

Diário da Manhã. (1936). 05 de agosto de 1936. Capa.

Diário da Manhã. (1937). 06 de janeiro de 1937, p. 10.

Diário da Manhã. (1937). 07 de novembro de 1937.

Diário da Manhã. (1937). 07 de novembro de 1937, Capa.

Diário da Manhã. (1937). 10 de outubro de 1937.

Diário da Manhã. (1939). 25 de março de 1939, p. 5.

Diário da Manhã. (1939). 06 de setembro de 1939, Capa.

Diário da Manhã. (1940). 05 de janeiro de 1940, p. 6.

Diário da Manhã. (1970). 26 de outubro de 1970, p. 9.

Diário da Manhã. (1971). 07 de junho de 1971, p. 6.

Diário da Manhã. (1972). 18 de outubro de 1972, p. 2.

Diário da Manhã. (1976). 13 de janeiro de 1976, Seção: colcha de retalhos.

Diário de Notícias. (1933). Quinta-feira, 20 de Julho de 1933, p. 2.

Diário de Notícias. (1936). Rio (21 e 28/1/36).

Diário de Pernambuco. (1909). 02 de outubro de 1909, p. 3.

Diário de Pernambuco. (1924). 08 de novembro de 1924, p. 2, 12.

Diário de Pernambuco. (1925). 05 de janeiro de 1925.

Diário de Pernambuco. (1925). 05 de julho de 1925. Parte Diário Social.

Diário de Pernambuco. (1926). 05 de janeiro de 1926.

Diário de Pernambuco. (1926). 12 de outubro de 1926.

Diário de Pernambuco. (1927). 05 de fevereiro de 1927, p. 2.

Diário de Pernambuco. (1927). 10 de agosto de 1927, p. 4.

Diário de Pernambuco. (1930). 06 de abril de 1930, p. 5.

Diário de Pernambuco. (1935). 12 de maio de 1935.

Diário de Pernambuco. (1937). 09 de outubro de 1937, p. 5.

Diário de Pernambuco. (1938). 26 de maio de 1938, Capa.

Diário de Pernambuco. (1940). 05 de janeiro de 1940, p. 8.

Diário de Pernambuco. (1940). 20 de maio de 1940.

Diário de Pernambuco. (1940). 21 de agosto de 1940, P. 6.

Diário de Pernambuco. (1940). 12 de dezembro de 1940, p. 2.

Diário de Pernambuco. (1941). 01 de abril de 1941, p. 3.

Diário de Pernambuco. (1941). 04 de junho de 1941, p. 4.

Diário de Pernambuco. (1946). 05 de abril de 1946, p. 11.

Diário de Pernambuco. (1948). 29 de janeiro de 1948, p. 6, Seção Vida Escolar.

Diário de Pernambuco. (1952). 12 de outubro de 1952, p. 6.

Diário de Pernambuco. (1953). 03 de fevereiro de 1953, p. 3. Suplemento Social, Recife.

Diário de Pernambuco. (1953). 25 de setembro de 1953, p. 4512.

Diário de Pernambuco. (1956). 13 de maio de 1956, p. 12.

Diário de Pernambuco. (1956). 08 de junho de 1956, p. 4.

Diário de Pernambuco. (1957). 14 de abril de 1957, p. 22.

Diário de Pernambuco. (1957). 17 de dezembro de 1957, p. 6.

Diário de Pernambuco. (1958). 05 de janeiro de 1958, p. 14.

Diário de Pernambuco. (1958). 19 de agosto de 1958.

Diário de Pernambuco. (1958). 25 de outubro de 1958.

Diário de Pernambuco. (1958). 25 de dezembro de 1958.

Diário de Pernambuco. (1959). 28 de outubro de 1959, p. 6.

Diário de Pernambuco. (1960). 07 de dezembro de 1960, p. 3.

Diário de Pernambuco. (1961). 10 de fevereiro de 1961, p. 6.

Diário de Pernambuco. (1962). 05 de outubro de 1962, p. 1.

Diário de Pernambuco. (1964). 04 de setembro de 1964, p. 6.

Diário de Pernambuco. (1965). 10 de março de 1965, p. 3.

Diário de Pernambuco. (1965). 28 de março de 1965, p. 5.

Diário de Pernambuco. (1965). 05 de outubro de 1965, p. 5, Primeiro Caderno.

Diário de Pernambuco. (1966). 03 de junho de 1966, p. 4930.

Diário de Pernambuco. (1967). 08 de junho de 1967, p. 4.

Diário de Pernambuco. (1967). 13 de outubro de 1967.

Diário de Pernambuco. (1967). 05 de dezembro de 1967, p. 4.

Diário de Pernambuco. (1968). 24 de janeiro de 1968, p. 3.

Diário de Pernambuco. (1968). 13 de outubro de 1967.

Diário de Pernambuco. (1969). 29 de abril de 1969, p. 3.

Diário de Pernambuco. (1969). 21 de setembro de 1969, p. 18.

Diário de Pernambuco. (1969). 11 de dezembro de 1969, p. 1024.

Diário de Pernambuco. (1970). 30 de agosto de 1970, p. 6, 2º Caderno.

Diário de Pernambuco. (1970). 22 de novembro de 1970, p. 5, 1º Caderno.

Diário de Pernambuco (1971). (Sexta-Feira, 9 de Abril de 1971, p. 9.

Diário de Pernambuco (1971). 23 de setembro de 1971, p. 2.

Diário de Pernambuco (1972) – 22 de março de 1972, p. 10. Primeiro Caderno.

Diário de Pernambuco (1972) – Segundo Caderno, p. 5.

Diário de Pernambuco (1972) – 19 de novembro de 1972, p. 20.

Diário de Pernambuco. (1974). 08 de janeiro de 1974. Segundo Caderno, p. 5.

Diário de Pernambuco. (1974). 11 de janeiro de 1974, Cartas à Redação, p. 4.

Diário de Pernambuco. (1974). Novembro de 1974, p. 857.

Diário de Pernambuco. (1975). 02 de fevereiro de 1975, p. 10, 1º Caderno.

Diário de Pernambuco. (1975). 08 de agosto de 1975, p. 10.

Diário de Pernambuco. (1976). 25 de setembro de 1976, p. 5.

Diário de Pernambuco. (1978). 12 de abril de 1978, p. E-8.

Diário de Pernambuco. (1979). 18 de setembro de 1979, sessão Avisos e Editais.

Diário de Pernambuco. (1981). 12 de setembro de 1981.

Diário de Pernambuco. (1982). 01 de agosto de 1982, p. A-10.

Diário de Pernambuco. (1984). 10 de maio de 1984, p. A1.

Diário de Pernambuco. (1984). 05 de julho de 1984, p. A-8.

Diário do Estado (1940). 02 de março de 1940, p. 48.

Diário do Estado de Pernambuco. (2001). 08 de novembro de 2001. Capa.

Diário do Poder Constituinte. (1989). 17 de março de 1989. p. 6.

Diário Oficial. (1956). 18 de julho de 1956, p. 3530-3531.

Diário Oficial. (1969). 11 de dezembro de 1969, p. 102.

Diário Oficial. (1972). 20 de outubro de 1972, p. 4669.

Diário Oficial. (1976). 26 de outubro de 1976, p. 4903.

Diário Oficial. (1979). 26 de janeiro de 1979. Ano LVI, nº. 18, Recife, Sexta-feira.

Diário Oficial. (1981). 15 de agosto de 1981, p. 20.

Diário Oficial. (2001). 08 de novembro de 2001.

Diário Oficial de Pernambuco. (1970). 29 de julho de 1970, p. 4762.

Diário Oficial de Pernambuco. (1981). 15 de agosto de 1981, p. 20.

Diário Oficial do Estado de Pernambuco. (1963). Janeiro de 1963, p. 229.

Diário Oficial do Estado de Pernambuco. (1970). 20 de novembro de 1970, p. 6780.

Diário Oficial do Estado de Pernambuco. (1984). 20 de dezembro de 1984. Capa.

Diário Oficial do Estado de Pernambuco. (2001).

Gazeta de notícias. (1940). 14 de janeiro de 1940, p. 11.

Jaboatão Jornal. (1957). 28 de julho de 1957.

Jornal A Ordem. (1937). p. 71.

Jornal A Província (1922). I nº 139, Recife, Domingo 18 de junho de 1922, PE/Brasil Capa.

Jornal A Província. (1923). 21 de julho de 1923, p. 3.

Jornal A Província. (1930). 08 de abril de 1930, p. 6.

Jornal A Província. (1930). 17 de setembro de 1930, p. 3.

Jornal A Província. (1932). 13 de março de 1932, p. 9.

Jornal A Província. (1932). 14 de maio de 1932, p. 3. Nº 59.

Jornal A Província. (1932). 15 de junho de 1932, Capa.

Jornal A Província. (1932). 07 de julho de 1932. Ano LCI, nº 101, Capa.

Jornal A Província. (1932). 14 de julho de 1932, p. 2.

Jornal A Província. (1932). 15 de Julho de 1932, Sexta-feira p.108.

Jornal “A Tribuna”. (1941). 25 de outubro de 1941, p. 4.

Jornal Correio da Manhã. (1938). 18 de agosto de 1938, p. 7.

Jornal Correio da Manhã. (1941). 02 de novembro de 1941, p. 23.

Jornal Correio do Paraná. (1963). 29 de setembro de 1963, p. 7.

Jornal do Recife. (1925). 16 de maio de 1925.

Jornal do Recife. (1931). 26 de abril de 1931, p. 6.

Jornal do Recife. (1931). 02 de outubro de 1931, p. 5.

Jornal do Recife. (1932). 13 de julho de 1932, p. 3.

Jornal do Recife. (1933). 19 de janeiro de 1933. Capa.

Jornal do Recife. (1933). 12 de março de 1933.

Jornal do Recife. (1937). 12 de agosto de 1937, p. 4.

Jornal do Recife. (1937). 28 de outubro de 1937, p. 4.

Jornal do Recife. (1939). 21 de março de 1939, p. 2.

Jornal Gazeta de Notícias. (1940). 14 de janeiro de 1940, p.11.

Jornal Gazeta de Notícias. (1889). Rio de Janeiro. 16 de novembro de 1889

Jornal Gazeta Nossa. (2014). Caderno Especial pelos 154 anos de Barreiros, 19/07/2014.

Jornal “O Norte da Paraíba”. (1955). 16 de abril de 1955, p. 2.

Jornal “O Pequeno”. (1902). 1902, p. 258 *apud* AMARAL, 2011, p. 168-169

Jornal “O Pequeno”. (1928). 14 de setembro de 1928, p.3.

Jornal “O Pequeno”. (1930). 26 de agosto de 1930, p. 4

Jornal “O Pequeno”. (1932). 27 de setembro de 1933, p. 2.

Jornal “O Pequeno”. (1933). 27 de setembro de 1933, p. 2.

Jornal “O Pequeno”. (1934). 13 de outubro de 1934, p. 6.

Jornal “O Pequeno”. (1953). 19 de agosto de 1953, p. 3.

Jornal “Última Hora”. (1962). 05 de outubro de 1962, p. 3.

Jornal “Voz do Povo”. (1920). Capa. 7 de Fevereiro de 1920.

Revista “A Ordem”, 1941, p. 72-73.

Revista “A Ordem”. Dezembro de 1947, p. 74.

Revista de Pernambuco. (1925). s.n.

Revista Letras, Livros, Arte e Rádio, 1946, p. 10.

Revista Maria. (1933)., jan./fev., 1933.

Revista Maria. (1937). jan./fev., 1937.

Revista Maria. (1939). p. 36.

Revista Maria. (1959).

Revista Maria. (1960).

Tribuna Religiosa (1920)

SITES

<https://www.alepe.pe.gov.br>

<http://www.cepe.com.br>

<http://www.cpdoc.fgv.br>.

<https://dicionario.priberam.org>

<http://hemerotecadigital.bn.br>

<https://www.gov.br/fundaj>

<https://www.ibge.gov.br/geociencias>

<https://www.limoeiro.pe.gov.br>

<http://www.obrascaticas.com>

<https://opusdei.org/pt-br/page/homilias>

<https://sodalicio.org>

ANEXOS

Anexo 1 - Evidências da inserção de Ruy de Ayres Bello no campo científico

Na revisão da literatura encontramos evidências da inserção de Ruy de Ayres Bello (RAB) em diversos campos científicos. Em alguns textos o autor é utilizado como fonte principal através de seus escritos ou aparece algumas de suas obras citadas como consultadas na pesquisa ou indicada para aprofundamento de diversos temas. Segue abaixo a tabela das aparições quando fizemos a busca por meio da nome do autor Ruy de Ayres Bello.¹

TIPO	TÍTULO ANO	AUTOR(ES)	LOCAL DA PUBLICAÇÃO	UTILIZOU OBRAS RAB COMO FONTE PRINCIPAL	UTILIZOU OBRAS RAB COMO CITAÇÃO
1. Tese	O Ensino De História Da Educação Nas Faculdades Integradas Santo Tomás De Aquino - Fista (Uberaba, Minas Gerais, 1951-1980)	SOARES, Edilene Alexandra Leal	FACED/PPGED-UFU , 2022	x	x
2. Artigo	A estrutura de sociabilidade na trajetória profissional do médico, professor e escritor, Valdemar de Oliveira	FARIAS, Gilmar Beserra.	Revista Ci & Tróp. Recife, v. 46, n. 2, p. 135-160, 2022	x	x
3. Artigo	Princípios Educacionais a partir de Deuteronômio 6	DINIZ, Antonio Rael do Lago e CASTRO, Weverton de Paula	REVISTA LUZEIROS, vl. III, nº 3, 2022	x	x

¹ Em alguns trabalhos a nomeação do primeiro nome do autor é grafada como "Rui"; buscamos também dessa forma em nossa busca.

4. Trabalho de Conclusão de Curso	A Temática História e Cultura Afro-Brasileira no Ensino De Sociologia: Intervenção Pedagógica Em Duas Escolas Do Interior De Pernambuco	LIMA, Lucio Mauro Lira De	Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional, da Fundação Joaquim Nabuco, 2022		x
5. Artigo	Demarcações Da Defesa Do Catolicismo No Discurso De Ruy De Ayres Bello Na Sua Autobiografia	PINTO, Andrea C.A. e S. ; ARAÚJO, José Carlos Souza	Anais do I Seminário de Pós-Graduandos sobre Estudos e Pesquisas em História e Historiografia da Educação: desafios metodológicos e diálogos teóricos, 2021	x	
6. Livro	5 Gerações de Historiadores da Educação Brasileira	PINHEIRO, Antonio Carlos Ferreira	Editora do CCTA-UFPB, 2020.	x	
7. Dissertação	A biblioteca e o arquivo feitos obra: a publicação das antologias do Bom Professor de Malba Tahan.	CORRÊA, Leandro Piazzon	Programa de Pós- Graduação em Educação da UNICAMP, 2020	x	
8. Tese de Livre-docência	A vontade de Psicologia na Formação de Professores	LIMA, Ana Laura Godinho	Departamento de Filosofia da Educação e Ciências da Educação da Faculdade de Educação da USP, 2019	x	

9. Artigo	Os Temas Da Evolução E Do Progresso Nos Discursos Da Psicologia Educacional E Da História Da Educação	LIMA, Ana Laura Godinho	Revista História da Educação (Online), 2019	x	
10. Dissertação	A Administração Do Grupo Escolar Dom Benevides Em Tempos De Ditadura (1964–1969)	SOUZA, Janaina Maria.	UFOP- Pós-graduação em Educação, 2018	x	
11. Dissertação	A Gestão Democrática e os Desafios para a Formação Docente nos Centros de Educação Infantil Municipais de São Mateus-ES	MACHADO, Sandra Aparecida	Mestrado em Ciência, Tecnologia e Educação da Faculdade Vale do Cricaré, 2018		x
12. Tese	MEMÓRIAS DE DIRETORAS: práticas administrativas no cotidiano dos grupos escolares do Maranhão (1960/1970)	FRAZÃO, Maria das Dores Cardoso	Programa de Pós-graduação da UNISINOS, 2018.	x	
13. Dissertação	História da Formação Docente no Curso Normal do Instituto De Educação Régis Pacheco (1959-1971): o ensino da Matemática em foco	SANTOS, Cleide Selma Pereira Dos	Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Formação de Professores da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2018	x	

14.	Dissertação	Luzes E Poder Real: As Aulas Régias Na Capitania De Goyaz (1760 – 1822)	LEITE, João Victor Nunes	Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás, 2017		x
15.	Artigo	Manuais De História Da Educação E Os Ideários Da Doutrina Católica Para A Formação De Professores No Brasil (1936-1945)	LIMA, Geraldo Gonçalves de Lima E GATTI JR, Décio.	Anais do X Seminário Nacional Do Histedbr, UNICAMP, 2016	x	
16.	Tese	Ensino de História da Educação nas universidades estaduais do Paraná: institucionalização, saberes e agentes (1962-1998)	FAVERO, Marta Regina Gimenez	Programa de Pós-graduação em Educação da UERJ, 2015	x	
17.	Dissertação	Livros das Ciências da Educação, bibliotecas e a engenhosidade da bibliotecária Zila da Costa Mamede da Universidade Federal Rio Grande do Norte, 1959-1980.	MARQUES, Tercia Maria Souza de Moura.	Programa de Pós-graduação em Educação da UFRN, 2015	x	
18.	Dissertação	Escola Nova em Manuais Didáticos de Alfredo Miguel Aguayo (Santa Catarina 1942-1949)	WERNECK, Maria Fernanda Batista Faraco De Paula	Programa De Pós-Graduação Em Educação Da Universidade Do Estado De Santa Catarina, 2015	x	
19.	Artigo	A vocação de ensinar: trajetória docente de Ruy de Ayres Bello (Pernambuco, 1920-1960).	PINTO, Andrea C.A. e S. ; ARAUJO, José Carlos Souza	Anais do IV Congresso Internacional de História: Cultura, Sociedade e Poder, Editora da UFG 2014	x	

20.	Artigo	A educação da mulher em Pernambuco no século XIX: recortes sobre a Escola Normal da Sociedade Propagadora	MONTEIRO, Ivanilde Alves Monteiro e GATI, Hajnalka Halász	Rev. bras. hist. educ., Maringá-PR, v. 14, n. 1 (34), p. 99-126, jan./abr. 2014.	x	
21.	Dissertação	Filosofia da Educação: grandes problemas da pedagogia moderna, de Theobaldo Miranda Santos: um estudo sobre manuais de ensino	SILVA, Rafael Fernando Da	Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista – campus de Araraquara, 2014	x	
22.	Artigo	Educação de Mulheres nas páginas de Manuais de História da Educação (1930–1970)	RIBEIRO, Betânia de Oliveira Laterza e SOUZA, Sauloéber Tarsio de	Cadernos de História da Educação – v. 13, n. 2 – jul./dez. 2014	x	
23.	Artigo	A concepção educacional de Tobias Barreto a partir do Projeto de Lei nº129/1879	NUNES, José Ricardo Freitas	Anais do IV Congresso Sergipano de História e IV Encontro Estadual de História da ANPUH/SE, 2014		x
24.	Tese	A Disciplina História da Educação na Formação de Normalistas do Colégio Nossa Senhora Do Patrocínio Em Minas Gerais (1947-1971)	LIMA, Geraldo Gonçalves de	Programa de Pós-graduação em Educação da UFU, 2013	x	

25.	Artigo	Pensamento católico humanista de Ruy de Ayres Bello: defesa do Projeto sobre Ensino Religiosos nas Escolas de Pernambuco (1935)	ARAÚJO, José Carlos Souza e PINTO, Andrea C.A. e S.	Anais do VII Encontro de Pesquisa em Educação; II Congresso Internacional Trabalho Docente e Processos Educativos; II Simpósio de Ética em Pesquisa, 2013	x	
26.	Artigo	As Concepções Filosóficas e Educacionais Presentes nos Manuais de Filosofia da Educação Publicados durante a Primeira Metade do Século XX.	Quillici Neto, A.; Oliveira, Marco Aurélio Gomes ; VIEIRA, M. M.	Poiesis Pedagógica, v. 10, p. 81-100, 2012.	x	
27.	Artigo	O legado de Ruy de Ayres Bello como fonte de pesquisa da historiografia educacional brasileira.	SOUZA, José Carlos de Araújo; PINTO, Andrea Carla Agnes e Silva.	Anais do IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL, 2012,	x	
28.	Artigo	O Manifesto Dos Pioneiros Da Educação Nova De 1932: Memória e Imagens do Manifesto nos Livros Didáticos de História da Educação	ALMEIDA FILHO, Orlando José de	Anais do COLUBHE, 2012	x	
29.	Tese	Manuais de História da Educação da Coleção Atualidades Pedagógicas (1933-1977): Verba Volant, Scripta Manent	ROBALLO, Roberlayne De Oliveira Borges	Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPR, 2012	x	

30.	Artigo	O legado de Ruy de Ayres Bello como fonte de pesquisa para a historiografia	ARAÚJO, José Carlos Souza e PINTO, Andrea C.A. e S.	Anais do IX Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas História, Sociedade e Educação no Brasil, 2012	x	
31.	Dissertação	Tobias Barreto e o Projeto de Lei Nº129/1879: uma Proposta acerca da Educação Feminina	NUNES, José Ricardo Freitas	Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Tiradentes, 2012		x
32.	Capítulo de livro	Haveria uma historiografia educacional brasileira expressa pelos manuais didáticos publicados entre 1914 e 1972?	ARAÚJO, José Carlos; RIBEIRO, Betânia Oliveira Laterza; SOUZA, Saulóber Tarsio.	In: CARVALHO, Marta Maria Chagas de; GATTI JUNIOR, Décio (org.). O ensino de história da educação. Vitória: Edufes/SBHE, 2011, p. 95-143.	x	
33.	Tese	História Da Disciplina Pedagogia Nas Escolas Normais Do Estado De São Paulo (1874-1959)	TREVISAN, Thabatha Aline.	Programa de Pós-Graduação em Educação da UNESP, 2011	x	
34.	Projeto Pedagógico do Curso	Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Geografia	Documento redigido pela Comissão de Implantação do Curso de Licenciatura Plena em Geografia do IFPE-Recife	IFPE-Recife, 2011		x

35.	Tese	A educação da mulher no Recife no final do século XIX: ensino normal e antúncios de progresso.	GATI, Hajnalka Halász.	Programa de Pós-graduação em Educação: UFPE, 2010.	x	
36.	Dissertação	FÉ, SABER E PODER: os intelectuais entre a Restauração Católica e a política no Recife (1930 – 1937)	MOURA, Carlos André Silva de	Programa de Pós-graduação em História Social da Cultura Regional da UFRPE, 2010	x	
37.	Tese	Modernidade no Brasil, Igreja Católica, Identidade Nacional – Práticas e estratégias intelectuais: 1889- 1930	RIBEIRO, Emanuela Sousa	Programa de Pós-graduação em História da UFPE, 2009.	x	
38.	Capítulo	Práticas de Escrita da História da Educação: o tema da Escola Nova nos manuais de autores brasileiros	MONARCHA, Carlos	In: O ensino de História da Educação em perspectiva internacional / Décio Gatti Júnior, Carlos Monarcha e Maria Helena Camara Bastos (Organizadores) ; Adrian Ascolani ... [et al.] . – Uberlândia : EDUFU, 2009.	x	
39.	Capítulo	O Ensinar e o Aprender História da Educação (Rio Grande do Norte, 1965-1969)	ARAUJO, Marta Maria de Araújo	In: O ensino de História da Educação em perspectiva internacional / Décio Gatti Júnior, Carlos Monarcha e Maria Helena Camara Bastos (Organizadores) ; Adrian Ascolani ... [et al.] . – Uberlândia : EDUFU, 2009.		

35.	Tese	A educação da mulher no Recife no final do século XIX: ensino normal e avanços de progresso.	GATI, Hajnalka Halász.	Programa de Pós-graduação em Educação: UFPE, 2010.	x	
36.	Dissertação	FÉ, SABER E PODER: os intelectuais entre a Restauração Católica e a política no Recife (1930 – 1937)	MOURA, Carlos André Silva de	Programa de Pós-graduação em História Social da Cultura Regional da UFRPE, 2010	x	
37.	Tese	Modernidade no Brasil, Igreja Católica, Identidade Nacional – Práticas e estratégias intelectuais: 1889- 1930	RIBEIRO, Emanuela Sousa	Programa de Pós-graduação em História da UFPE, 2009.	x	
38.	Capítulo	Práticas de Escrita da História da Educação: o tema da Escola Nova nos manuais de autores brasileiros	MONARCHA, Carlos	In: O ensino de História da Educação em perspectiva internacional / Décio Gatti Júnior, Carlos Monarcha e Maria Helena Camara Bastos (Organizadores) ; Adrián Ascolani ... [et al.] . – Uberlândia : EDUFU, 2009.	x	
39.	Capítulo	O Ensinar e o Aprender História da Educação (Rio Grande do Norte, 1965-1969)	ARAÚJO, Marta Maria de Araújo	In: O ensino de História da Educação em perspectiva internacional / Décio Gatti Júnior, Carlos Monarcha e Maria Helena Camara Bastos (Organizadores) ; Adrián Ascolani ... [et al.] . – Uberlândia : EDUFU, 2009.		

40. Artigo	A Filosofia da Educação na formação dos professores primários paranaenses	ROCHA, Dorothy	Revista Roteiro, Joaçaba, v. 34, n. 1, p. 35-62, jan./jun. 2009		x
41. Dissertação	Barreiros Cidade Afetiva. Um Estudo Sobre As Relações Afetivas	CARVALHO, Marcio Rodrigo Coelho de.	UFPE, Pós-graduação Desenvolvimento Urbano, 2009.		x
42. Artigo	A produção em história da educação na pós-graduação	SAVIANI, Dermeval	InterMeio: revista do Programa de Pós-Graduação em Educação, Campo Grande, 2009		x
43. Artigo	Práticas de Escrita da História da Educação: O Tema da Escola Nova nos Manuais de Ensino Produzidos Por Brasileiros (1914-1969)	MONARCHA, Carlos	Anais Do V Congresso Brasileiro De História Da Educação, 2008		x
44. Artigo	A Psicologia Educacional E O Ensino Da Paixão, Do Prazer E Da Dor (Minas Gerais, 1920-1960)	ASSUNÇÃO, Maria Madalena Silva de.	Cadernos de História da Educação – n. 7 – jan./dez. 2008		x

45. Artigo	Os livros didáticos de Psicologia Educacional: pistas para análise da formação de professores(as) – (1920 – 1960)	ASSUNÇÃO, Maria Madalena Silva de.	Revista Temas em Psicologia, 2007	x	
46. Tese	Coordenação Pedagógica Na Educação Infantil: Trabalho e Identidade Profissional na Rede Municipal de Ensino de Goiânia	ALVES, Nancy Nonato De Lima	Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás, 2007		x
47. Artigo	Aspectos Da Trajetória Da Disciplina História Da Educação No Curso De Pedagogia Do Centro Universitário Franciscano De Santa Maria: Temas Clássicos E Ordem Cronológica	QUADRO, Claudemir de.	História da Educação, ASPHE/FaE/UFPeL, Pelotas, n. 19, p. 213-228, abr. 2006	x	
48. Tese	Perfil da Gestão Escolar no Brasil	SOUZA, Ângelo Ricardo de.	Programa de Pós-graduação em Educação da PUC-SP, 2006		x
49. Artigo	Uma Leitura Católica do Movimento Escolanovista	ORLANDO, Evelyn De Almeida	Revista Linguagens, Educação e Sociedade - Teresina, Ano 11, n. 15, p. 45-56, jul./dez. 2006	x	

50.	Dissertação	São Miguel de Barreiros. uma Aldeia Indígena no Império	FERREIRA, Lorena de Mello	Pós-graduação em História pela UFPE, 2006	x	
51.	Artigo	O Homem Integral: Uma Análise Da Pedagogia Católica A Partir De Recortes Jornalísticos	COSTA, Bruno Santos Marones.	Anais do V Encontro Nordeste de História, 2004	x	
52.	Artigo	História da Educação no Brasil: a constituição histórica do campo (1880-1970)	VIDAL, Diana Gonçalves e FARIA FILHO, Luciano Mendes de	Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 23, n° 45, pp. 37-70 - 2003	x	
53.	Tese	Modelo de Avaliação de Cooperativa-Escola: instrumental testado nas unidades escolares da Bahia	SANTOS, Raimundo Bonfim dos	Programa de Pós-graduação em Educação da UFBA, 2002		x
54.	Tese	A construção da verdade autoritária: palavras e imagens da interventoria Agamenon Magalhães em Pernambuco (1937-1945).	ALMEIDA, Maria da Graça Andrade Araide de	1995. Tese (Doutorado História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.		x

55.	Dissertação	Dimensões Críticas No Estudo da Especificidade da Administração Educacional	GONÇALVES, Maria Dativa de Salles Gonçalves	Programa de Pós-graduação em Educação UFPR, 1980	x	/
56.	Capítulo	Páginas do bom professor	TAHAN, Malba	Casa Editôra Vecchi, 1969	/	x
57.	Capítulo	Roteiro do bom professor	TAHAN, Malba	Casa Editôra Vecchi, 1969	/	x
58.	Capítulo	O mundo precisa de ti, professor: primeiras noções sobre a ética profissional do professor	TAHAN, Malba	Casa Editôra Vecchi, 1967	/	x

Anexo 2- Ficha de catalogação das obras ²⁹²

Universidade Federal de Uberlândia
Programa de Pós-graduação em Educação – PPGED

MODELO DE FICHA DE ESBOÇO

TÍTULO DA PUBLICAÇÃO:			
AUTOR(ES):			
INDICAÇÃO DE RESPONSABILIDADE: (Org.); (Ed.)			
LOCAL ONDE SE ENCONTRA:	DATA DE PUBLICAÇÃO:	EDIÇÃO: () 1ª () outra	LOCAL DE EDIÇÃO:
ANO DE EDIÇÃO			
EXEMPLARES VENDIDOS			
NÚMEROS DE VOLUMES			
EDITORA			
OBRA ILUSTRADA			
OBRA COLORIDA			
TÍTULO DO CAPÍTULO OU ARTIGO:			
Nº DE PÁGINAS:	ASSUNTO:		
PALAVRAS-CHAVE:			
DATAS DE LEITURA:			
ÁREA CIENTÍFICA:		SUB-ÁREA CIENTÍFICA:	
ISBN DA OBRA			
NOME DE DISPONIBILIDADE ELETRÔNICA			
A FICHA CORRESPONDE: () À totalidade da publicação () uma parte da publicação			
OBSERVAÇÕES:			
NOTAS SOBRE O AUTOR:			

²⁹² Rodrigues, Ana Vera Finardi; Miranda, Celina Leite. Fichas de leitura: introdução à prática do fichamento. Uberlândia: EDUFU, 2011.

Anexo 3 - Entrevista extraída do livro “Ruy de Ayres Bello: do Engenho a Academia”²⁹³

José Rafael de Menezes, paraibano de Monteiro e residente no Recife desde meados de 1930, era amigo do escritor e professor Ruy de Ayres Bello. Uma amizade que começou, no Recife, durante as reuniões na entidade Círculo Católico, com os jovens trabalhando pela ampliação dos espaços do catolicismo em Pernambuco. Com o passar dos anos, as atribuições de cada um dos amigos foram tomando rumos distintos. Mas a amizade manteve-se firme.

O amigo não via Ruy de Ayres Bello como um político, pois sua vocação era o magistério. Sua eleição para a Assembléia Constituinte estadual não passou de um acidente, motivado pelo fato de ele ser um homem totalmente devotado ao Catolicismo. Como era intransigente naquilo em que acreditava, Ruy era a pessoa certa para um momento certo e um lugar certo. Pernambuco estava definindo sua Constituição, ou seja, estabelecendo as normas que deveriam ser seguidas pela sociedade. Era hora, portanto, de fazer prevalecer a importância do Catolicismo. Ruy foi o escolhido para a tarefa.

Procuramos traçar, nessas entrevistas, o perfil de Ruy de Ayres Bello, ouvindo um dos seus melhores amigos e sua única filha, Maria Helena Bello Cabral de Melo. Eles, contando detalhes da vida do ex-parlamentar, permitem que se chegue à conclusão de que ele era, antes de tudo, um conservador, no sentido de manter as tradições, desde a preferência pelas missas cantadas e rezadas em Latim à procura pelos lugares que marcaram sua infância e adolescência.

Para falar sobre Ruy de Ayres Bello, o professor José Rafael de Menezes recebeu-me na varanda do seu apartamento, no bairro recifense das Graças. A conversa era, antes de tudo, uma forma de desabafo do entrevistado, pois ele não entendia o porquê de o pernambucano dedicar pouca atenção às pessoas que elevam e elevaram o nome do Estado. Nesse clima, ao se remover o passado, as lembranças, aparentemente esquecidas, emergiram, mostrando que nem sempre o cidadão exemplar é o que tem o busto em praça pública.

Como pessoa, como o senhor definiria o professor Ruy de Ayres Bello?

Um homem muito fino, muito atencioso, mas surpreendentemente legalista. Na Academia Pernambucana de Letras, onde me recebeu na posse acadêmica e nos reuníamos, eu ao lado dele. Notava que ele era intransigente e chegava até a indelicadeza, já na fase que começava a ter um pouco de senilidade, quando queriam alterar o estatuto, quando queriam contrariar o estatuto. Ele era veementemente contra.

Lembro-me de um momento, na presidência de Mauro Mota, que se pretendeu anexar a biblioteca da Academia ao Instituto Joaquim Nabuco. Ruy Bello reagiu com uma veemência que chegou a assustar, porque ele era realmente o homem do livro na mão, do estatuto na mão. Queria que se cumprisse o estatuto, não queria que se desse título de presidente permanente. Foram reações dele já nos últimos dias de sua presença na Academia. E a frequentou até os 90 anos.

Na Academia, ele ficou na cadeira de quem?

Antônio Corrêa lembrou-me que andei dizendo, num livro meu, que Ruy Bello substituiu Andrade Bezerra na Academia. Não foi assim. Luiz Delgado conseguiu depois a guarda da cadeira de Andrade Bezerra. Não entendi essa guarda. Ruy Bello foi quem substituiu Andrade Bezerra na Academia.

²⁹³ Ferreira, 2001.

No livro *Lembranças da Infância e Juventude*, há uma história sobre alma que parece ser ele o personagem. Ele tinha medo de alma?

Não, não. Seria uma fantasia, uma ficção, ele tinha uns livros sobre romances, folclore da terra dele e então a mente dele podia contar, como Gilberto Freyre contou *Assombrações do Recife Velho*. Era um homem muito ortodoxo, muito ciente da sua fé.

A filha disse que ele se casou com uma das suas tias, depois que ficou viúvo. Como foi isso?

Sim, isso foi verdade. A primeira mulher dele sofreu um acidente raro e horrível no Bompreço. Um empregado irritado empurrou um carrinho que bateu nas suas costas. Ela caiu, ficou parálitica e três meses depois morreu. Aí ele pediu em casamento a cunhada que dava assistência à irmã. Ele até me perguntou se podia fazer isso. Em resposta lhe disse: olhe, o senhor está à vontade, é uma pessoa de sua afeição, está em casa.

Então, ele nunca discordou dos seus conselhos?

Eu tive uns incidentes de velhice muito simpáticos com ele. Um deles ao me perguntar, aos 86 anos, se podia casar de novo. Ele casou com duas irmãs. Uma terceira ele queria casar. Eu disse professor é a sua consciência. Ele queria saber se era pecado, pois tinha uma noção muito séria do pecado. Mas era prova da virilidade dele. Era um homem de uma força imensa, de uma coragem, de uma bravura, de um físico, corado e pronto para bravuras como essa do estatuto. No entanto, o padre Ailton Guedes, que era assistente dele e muito amigo, mandou ele acabar com isso. Já era sinal de caduquice.

O senhor costumava visitar o professor Ruy?

Eu era um dos poucos ex-alunos e acadêmicos que ia lá. Sempre tive tendência de visitar os idosos. Agora espero que eles me visitem. Então eu cheguei lá uma vez. E do térreo, pois ele morava no primeiro andar, perguntei se podia subir. Ele disse que não: *eu estou ouvindo música*. Reclamava porque ninguém se lembrava dele e quando o sujeito ia lá como eu, dizia que estava ouvindo música e não recebia.

A filha dele revelou que depois da aposentadoria, quando ele ficava só em casa, dava tudo que tinha às pessoas que iam visitá-lo.

A mim deu uns cinco ou seis livros. Só não dava fita. Música, para ele, era sagrado.

Ele gostava de que tipo de música ?

Ele era um clássico. Ele tinha muita coisa. Era afinadíssimo, só ouvia clássico, nunca foi popular. Era um erudito, tinha consciência disso. Tentei ainda pegar umas fitas dele, eu não sei com quem estão, porque meu gosto musical seria parecido com o dele.

Há um episódio na Escola Normal com ele, quando Agamenon designou-o professor. Como houve uma reação do Conselho, ele foi contar o caso ao governador. Ao ouvir a história, Agamenon resolveu fazê-lo diretor.

Há um fato curiosíssimo no destino profissional de Ruy Bello. Ele não era formado, nunca fez curso superior, mas assumiu a direção da Escola Normal. Isso foi um choque

porque a congregação não queria admitir um professor que não era formado. Uma congregação muito orgulhosa, cheia de grandes valores. Agamenon disse que não voltava atrás. E ele deu conta das funções com brilho. Passou lá 14 anos. Quando cheguei de João Pessoa, ele logo me levou para ser seu assistente. Comecei praticamente na Escola Normal.

No livro *Memórias de um Professor*, ele revela que, anos depois como diretor, decidiu submeter-se a concurso para ser professor da Escola Normal.

Submeteu-se de fato. Prestigiou-se muito porque foi um grande diretor, foi o maior diretor da Escola Normal.

Quando a Escola Normal passou a se chamar de IEP?

Foi quando fizeram a transferência do prédio onde agora funciona a Câmara de Vereadores, para o atual, também no Parque 13 de Maio. Eu me orgulho de ter estado presente ao lado dele, conduzindo uma bandeira. Cada professor conduzia um quadro, uma referência da escola pelo Parque 13 de Maio. Levando a Escola Normal que se acabava aí para o Instituto de Educação. Ele nunca se refez da mudança.

Parece que ele não gostava daquele prédio. Ele faz algumas críticas, num dos seus livros, ao projeto arquitetônico.

Eu sei que o prédio atual também é muito estreito. Foi feito de forma apressada, porque Nilo Coelho queria que fosse feito imediatamente.

Quando o senhor veio para o Recife?

Vim de João Pessoa, com 30 anos, para ser professor da Escola Normal. Depois voltei para a Paraíba, onde passei outro período como professor universitário. No final do Governo de Cid Sampaio, vim para cá definitivamente.

O senhor conheceu Ruy Bello quando chegou ou conhecia antes?

Eu já o conhecia. Tínhamos contato no Círculo Católico. Às vezes, vinha aqui assistir reuniões. Ele me pediu um curso para a Escola Normal, já conhecia meu saber. Eu não entrei na Escola Normal como professor imediatamente, eu fiz um curso vindo de João Pessoa para cá, passei aqui uma semana, dando aulas sobre Educação Social. Ele prestigiou muito. Um curso muito freqüentado. Aí depois ele pediu que eu ficasse como substituto dele. Eu já era professor universitário e os títulos combinavam. Isso facilitou minha mudança para o Recife.

O senhor chegou aqui quando?

Cheguei aqui em 1938 para estudar no Salesiano. Depois voltei à Paraíba. Fui auxiliar de José Américo, em 1950. Em 60, Cid Sampaio me convidou para ser da Fundação de Promoção Social.

Qual o comportamento do professor Ruy de Ayres Bello que mais lhe marcou?

O amor ao ensino. Ele tinha tanto entusiasmo pela educação que os livros dele foram muito prestigiados, não aqui, mas no Sul, onde eram adotados e reeditados. Tem um livro com seis edições, o de *Administração Escolar*. Prestígio então de quem fez um grande livro. E

esse homem não era formado. Politicamente, eu não posso lhe dizer muito, porque eu nunca vi nada de Ruy em política.

Por que algumas pessoas em Pernambuco fazem muito, mas não aparecem?

Isso é muito de Pernambuco, muito da Imprensa, de omitir quem não é gilbertiano, porque Gilberto Freyre dominava tudo. Eu, desde estudante, combati Gilberto Freyre. Isso é uma ofensa imensa.

Ruy Bello também não se dava com Gilberto Freyre?

Eram tendências religiosas diferentes.

E como o senhor explica a força do padre Fernandes, citado por Ruy de Ayres Bello e que chegou a questionar Gilberto Freyre?

Padre Fernandes era o líder, o orientador dos jesuítas em 1940. Era a cabeça de lá. Ele era o antiGandhi. Era indiano e até se parecia com Gandhi. O padre Fernandes era uma figura que assustava. Ele me recebeu, por exemplo, dizendo: *jovem você vai para o inferno porque está lendo Jacques Maritain*, que foi o mais liberal dos escritores católicos do Humanismo integral. Foi a primeira coisa que ele me disse. Aquilo não me abalou, porque eu sabia que ele era muito reacionário, muito estranho. Mas meu pai queria que eu fosse do grupo de padre Fernandes porque era lá o ponto onde Agamenon recrutava seu secretariado. Dalí veio Novaes Filho para prefeito. Veio também Apolônio Sales, grande ministro. Uns quatro ou cinco, como Nilo Pereira. Eu não aceitei. Preferi ficar sem nada, a ser discípulo de padre Fernandes. Ele constituiu um grupo chamado Grupo da ADA, muito reacionário que lia Manoel Lubambo, famoso escritor. Era um homem inteligentíssimo, mas um homem tão reacionário que chegava a ser doente. Foi ele, com um grupo, quem mandou queimar *Casa Grande & Senzala*. Tudo era em torno do padre Fernandes. Não me creio que ele fosse um homem inteligente. Fazia uma certa figuração de penitência, rejeitava beber água certos dias. Era estranho.

Como o padre Fernandes perdeu o poder?

Foi com a chegada do padre Abranches, nascido na Ilha da Madeira e um tipo bem revolucionário que convivia com estudante, saía com estudante, tomava seu bom uísque.

E o padre Fernandes já foi perdendo prestígio.

Conservador moderno

Conservador nos valores, mas moderno no uso dos avanços tecnológicos. Era assim Ruy de Ayres Bello. Só assistia missa rezada e cantada em Latim e preferia que o padre estivesse de costas para os fiéis. Retirou-se de uma celebração litúrgica, numa festa do Colégio Pica Pau Amarelo, onde os filhos de uma das sobrinhas estudavam, porque o celebrante estava de frente para as pessoas e todas as orações e cânticos eram em Português. Até artigo em jornal chegou a escrever contra o colégio, gerando um mal-estar na família. Seu apego à Igreja tradicional pode ser exemplificado por não aceitar a nova liturgia, em que os fiéis podem pegar a hóstia com as mãos.

Como comungava todos os dias até os 70 anos, sempre residiu próximo a uma igreja. Foi assim quando resolveu adquirir um terreno no Espinheiro para construir uma casa na Rua Barão de Itamaracá, onde ainda hoje mora sua filha única, Maria Helena Bello Cabral de

Melo. Ao visitar o terreno, em companhia de sua primeira mulher, Erlinda Helena da Rocha Bello, ele, num primeiro momento, desistiu do negócio, ao não ver igreja por perto. No entanto, ao sair em direção ao campo do Náutico, passou por uma gameleira, onde um grupo de pessoas lançava a pedra fundamental de uma matriz, a futura Igreja do Espinheiro. Foi o motivo que faltava para comprar o terreno.

O conservadorismo desaparecia quando se tratava de adquirir os lançamentos da moderna tecnologia, como uma televisão em cores, ao contrário da sua família que só comprou a inovação eletrônica mais de um ano após a chegada ao mercado. Como o CD ainda não existia, ele dava preferências às fitas-cassete para ouvir música clássica, abandonando os velhos discos de vinil.

Mas ele gostava de dividir a utilidade do conforto. Sentia-se bem quando as pessoas que conviviam com ele também estivessem desfrutando dos avanços da tecnologia, a exemplo do que aconteceu com Maria José da Rocha Bello, sua segunda mulher, irmã da primeira. Como ela apresentava algumas rugas, Ruy entendeu que chegara a hora de fazer uma cirurgia plástica, *porque queria que ela ficasse mais bonita*. E ela fez.

Fatos como esse povoaram a vida de sua filha, Maria Helena Bello Cabral de Melo, para quem seu pai foi um homem justo e, ao mesmo tempo, inflexível quando se tratava de cumprimento de normas. E ela revive momentos da vida do seu pai nesta entrevista, gravada na casa que seu pai erguera, porque ia ficar perto de uma igreja em construção.

Seu pai se casou pela segunda vez com quantos anos?

Casou com 80 anos. A primeira mulher, minha mãe, morreu em julho de 1979. Ele se casou em março de 1980, no dia de São José, também dia do aniversário da segunda esposa, Maria José, minha tia por parte de mãe. Ele em dezembro apresentara a noiva. Nós fizemos o enxoval, como se fosse de uma jovem. Meu pai tinha coisas engraçadas. Entendeu que a segunda mulher precisava fazer uma cirurgia plástica para ficar mais nova.

Onde ela morava antes de casar?

Ela morava no Cordeiro. Tinha herdado um pequeno apartamento e ensinava na escola paroquial do Cordeiro, morando perto da igreja. O irmão padre é quem a colocou como professora.

Seu pai ficou também viúvo da segunda esposa?

Ela viveu sete anos com ele. Com minha mãe, ele viveu 48 anos.

A senhora lembra-se de alguma homenagem ao seu pai?

A Escola Normal Pinto Júnior prestou homenagem várias vezes. Quando ele morreu e antes. Agora, da Academia Pernambucana de Letras e do Instituto de Educação, do qual ele foi diretor tanto tempo, não houve qualquer homenagem após sua morte. Em São José da Coroa Grande tem uma escolinha com o nome dele. É para o filho dos pescadores.

E em Barreiros?

Barreiros, até agora, não. Fizeram uma homenagem, após a morte dele, na festa de Nossa Senhora da Saúde. É que ele fizera, anos antes, um pedido para que a imagem recuperada de São Miguel, que desaparecera, fosse re-introduzida na Matriz de Barreiros. Ela foi restaurada e veio numa urna. Na verdade, a imagem foi tirada da igreja de Barreiros. E ele

sempre dizia que ela deveria retornar com todas as honras para o povo recebê-la. Ela foi trazida em carreatas para Barreiros.

O que falta para se reconhecer a importância do seu pai?

Ele não foi realmente reconhecido. Nem foi prestigiado depois da morte. Nem pela Academia houve qualquer homenagem especial. Que a gente soubesse, não. Apenas José Rafael de Menezes e o deputado Gilberto Marques Paulo escreveram artigos em jornal. Foram os únicos. Ele também já estava doente. Não ia muito à Academia. Estava afastado de tudo.

A senhora acha que ele poderia ser mais lembrado pelos pernambucanos?

Eu acho. A Educação mudou muito. Então, o trabalho que ele fez, aliás, ele só não, os professores todos, não têm o reconhecimento. Ao mesmo tempo, sou apresentada, muitas vezes, a uma pessoa e ouço: *ah, você é filha de Ruy Bello. Eu estudei com ele...* Isso acontece toda hora. É assim. As tias dos namorados e das namoradas dos meus filhos, todas, estudaram com ele.

Qual a sua avaliação da publicação *Perfis Parlamentares*, editada pela Assembléia Legislativa?

Achei muito importante. Gostei muito. Acho que tem que fazer isso. É a memória de Pernambuco. Tem que ser registrado tudo que eles fizeram, o tempo que passaram na Casa.

Ainda existe a casa de praia onde ele morou quando era criança?

Não. O mar derrubou. Tem um retrato dela no livro. Essa casa de agora, ele construiu há 40 anos.

A senhora tem alguma informação se os livros dele estão sendo reeditados?

Não. Até me perguntaram por que eu não falo para reeditá-los? Não sei nem como é que se faz. *E os livros sobre Educação?*

Lembro-me que ele dizia que no Sul, no Rio, São Paulo e Minas utilizavam o livro dele.

E ele nunca recebeu direitos autorais por isso?

Não... (*ai o marido de dona Helena, Luiz Rodolfo Cabral de Melo, primo de João Cabral de Melo Neto, esclarece : ele recebia. Inclusive, trocava de carro todo ano por conta dos ganhos com os direitos autorais*).

Ele não recebia remuneração alguma da Assembléia Legislativa?

Na época dele não tinha esse negócio de salário, não. (*Silêncio*). *Dona Helena abre uma pasta, onde ao lado de fotos antigas há um contracheque, com data de pagamento de 18 de maio de 1988, emitido pela Secretaria de Administração do Governo Estadual e creditado no Bandede para Ruy de Ayres Bello, matrícula 007212-5. Valor líquido, Cz\$ 87.025,90. A moeda era o cruzado. Em novembro de 2001, aplicando o Índice de Correção Monetária, o professor estaria ganhando, como aposentado, tão somente R\$ 1.596,58 líquidos. A moeda agora é real.*

Antes de morar no Espinheiro, ele residia onde?

Morou na Rua do Lima, da qual falava muito. Morou na Rua da Concórdia, logo que veio para o Recife. Na Rua Esmeraldino Bandeira, onde residiu por muito tempo e adorava.

Esta casa mantém-se desse jeito desde a construção?

Não. Ele tinha que estar dentro do cimento. Ele gostava de renovar as coisas. Quando não estava mexendo na daqui, estava mexendo na da praia. A casa de São José é toda emendada. Hoje está enorme.

Em torno da família

A família era um dos pilares da vida de Ruy de Ayres Bello. Suas palavras, suas ações e seus gestos comprovaram a preocupação com a união familiar. Preservar a história da família, reverenciar o pai, exaltar os feitos do tio Júlio Bello e se esforçar para manter a união familiar, num momento de dificuldades e incertezas, são atitudes reconhecidas pelas gerações seguintes, como realçou o sobrinho Luiz Henrique de Barros Bello, numa recepção de família na casa do homenageado, no dia 7 de julho de 1984.

"Aos amigos aqui presentes, minhas desculpas pela falta de modéstia, mas é gratificante fazer parte da família Bello, não por uma pretensa importância que ela possa ter, mas por ser ela como é: pela manutenção do sentimento da família tão em desuso nos dias de hoje, pelo espírito de solidariedade que se manifesta em cada um de nós, de formas diferentes, mas sempre intensas.

É gratificante ser um Bello pelas amáveis figuras humanas que com tanta frequência se fazem presentes em nossa família; como meu avô Ayres, meus tios Valdemar e Ayres, minhas tias Dina, Carminha, Antonieta e Conceição e outros de gerações mais novas, como João Bello e Ayrton, e todos os meus irmãos e, num lugar à parte, meu venerado pai, o cacique dos Bellos, Antímio.

Mas estou aqui para falar do querido tio Ruy, que se faz hoje um octogenário sem deixar de ser um jovem, pelo seu espírito e sua atitude em face da vida.

O tio Ruy é uma lição de vida para todos nós, um exemplo de força de vontade, para desenvolver por meios próprios a inteligência que o bom Deus lhe deu. Toda uma vida dedicada ao magistério, onde o ato de educar foi e é, acima de tudo, um ato de amor. Amor que nele vem se renovando, e criando novas forças, desde o tempo em que, ainda menino, ensinava em Barreiros, passando pela saudosa Escola Normal, e continuando hoje na Pinto Junior, numa constante transmissão de conhecimentos, mas principalmente de lições de vida e de sentimentos.

Por tudo isto, Ruy de Ayres Bello, é que nós, seus parentes, amigos, ex-alunas, e todos aqueles que privam de sua amizade nos sentimos felizes em poder dizer: rendemos muitas e muitas graças a Deus por conservá-lo entre nós."

Anexo 4: Apresentação do acadêmico Ruy de Ayres Bello – cadeira 34 Acadêmia Pernambucana de Letras

RUY DE AYRES BELLO

Traços biográficos

- Nasceu no Engenho Queimadas, município de Barreiros, a 5 de julho de 1904. Passou parte de sua infância em S. José da Coroa Grande, vindo muito criança para a cidade de Barreiros onde ficou até a idade adulta. Seu pai foi o Bacharel Ayres de Albuquerque Bello, advogado e político, tendo sido deputado à 1ª Constituinte do Estado, em 1891 e, em seguida, deputado Federal. Morreu muito cedo, aos 45 anos, deixando sua viúva, Aurora de Acio-ly Bello, ainda muito moça, e com 8 (oito) filhos menores.

- Ruy de Ayres Bello fez em Barreiros todo o curso primário e também o secundário em regime parcelado. Ainda adolescente, exerceu intensa atividade intelectual, fundando associações e grêmios literários e também dois jornais que tiveram vida muito efêmera. Colaborou em todos os jornais que se criaram em Barreiros e ainda muito jovem começou a colaborar em jornais do Recife. Aos 16 anos, começou sua vida de magistério, como professor da escola paroquial de S. Miguel, em Barreiros. Aos 19 anos, foi nomeado por ato do presidente da República para o cargo de professor do Patronato João Coimbra, em Tamandaré. Em 1927, foi transferido para o Patronato Barão de Lucena, em Socorro, passando a residir no Recife. Em 1933 foi designado diretor do semanário católico A TRIBUNA, órgão oficial da Arquidiocese, cargo que exerceu até 1940. Nessa mesma época, exerceu intensamente o magistério em quase todas as escolas normais do Recife. Em 1934, foi eleito deputado à Assembléia Constituinte do Estado, passando depois a integrar a Assembléia Legislativa ordinária, até a dissolução do congresso, em 1937. No governo que se seguiu, exerceu a função

de Chefe do Gabinete da Secretaria do Interior e Justiça, sendo secretário o Prof. Andrade Bezerra. Em 1941, submeteu-se a concurso para a cadeira de História e Filosofia da Educação, da então Escola Normal Oficial do Estado, hoje, Instituto de Educação, sendo vitorioso e sendo nomeado professor catedrático daquela escola. Nessa mesma ocasião, foi nomeado diretor da Escola Normal, cargo que exerceu até 1946. Criadas as primeiras faculdades de filosofia, ciências e letras, (F.F.C.L. do Recife e F.F.C.L. Manuel da Nóbrega) passou a fazer parte do corpo docente de ambas essas escolas, como catedrático-fundador. Em 1952, foi nomeado professor da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco. Em 1958, voltou a dirigir o Instituto de Educação de Pernambuco, até 1964. De 1966 a 1968 foi membro do Conselho Universitário da Universidade Federal de Pernambuco. De 1968 a 1972, participou do Conselho Estadual de Educação. Em 1964, foi eleito sócio correspondente do CENTRE DE PEDAGOGIE COMPARÉE, da Universidade de Ottawa, Canadá. Seu nome consta da publicação desse centro com o título "La pedagogie aux pays latins". De profundas convicções católicas, participou de diversos movimentos de apostolado, como o Círculo Católico de Barreiros, a União de Moços Católicos do Brasil, a Liga Eleitoral Católica, a Ação Católica Oficial e muitos outros, e a Congregação Mariana da Mocidade Acadêmica.

TÍTULOS DO PROF. RUY DE AYRES BELLO

1. Ex-professor do Patronato Agrícola JOÃO COIMBRA
2. Ex-professor do Patronato Agrícola BARÃO DE LUCENA
3. Ex-professor do Colégio Na Senhora do Carmo, do Recife
4. Ex-professor do Colégio da Sagrada Família do Recife
5. Ex-professor do Colégio Eucarístico do Recife
6. Ex-professor do Ginásio do Recife
7. Ex-professor do Colégio Nóbrega, do Recife
8. Professor catedrático da Escola Normal Pinto Junior
9. Professor catedrático da Universidade Católica de Pernambuco
10. Professor catedrático da Universidade Federal de Pernambuco
11. Professor emérito do Instituto de Educação de Pernambuco
12. Ex-participante do Conselho Universitário da Univ. Federal de Pernambuco
13. Ex-participante do Conselho Estadual de Educação
14. Ex-diretor, em quatro mandatos, do Instituto de Educação de Pernambuco
15. Ex-deputado estadual em Pernambuco
16. Membro da Associação Brasileira de Ensino Normal
17. Sócio correspondente do "Centre de Pédagogie Comparée", da Universidade de Ottawa
18. Membro da Academia Pernambucana de Letras
19. Sócio fundador da Associação de Imprensa de Pernambuco
20. Doutor em Ciências Pedagógicas pela Universidade Católica de Recife
21. Ex-diretor do periódico católico A TRIBUNA
22. Eleito em lista tríplex pelo antigo Conselho Nacional de Educação para fazer parte do mesmo
23. Professor de História Geral e do Brasil registado no Ministério de Educação
24. Professor de Filosofia, também registado no MEC
25. Participante de numerosos congressos de educação realizados no Brasil

-1-

PRINCIPAIS TRABALHOS DE AUTORIA DO PROF. RUY DE AYRES
BELLO

1. Finalidade em Educação. Tese de concurso, 1939.
2. Introdução à Pedagogia. Comp. Editora Nacional, 1941 (Esgotada)
3. Esboço de História da Educação. Comp. Editora Nacional (Esgotada)
4. Grupo e profissão. Nos anais da 2ª Semana de Ação Social do Brasil. 1940.
5. Rousseau, o homem e o pedagogo. Editora do Globo, 1948. (Esgotada)
6. Pequena História da Educação. Editora do Brasil, atualmente em 10ª edição.
7. A condição sócio-econômica do trabalhador nordestino do litoral. Nos anais da "A Semana de Ação Social do Brasil.
8. Filosofia da Educação. Editora do Brasil, em 10ª edição
9. Princípios e Normas de Administração Escolar. Editora do Brasil, em 8ª edição
10. Introdução à Psicologia Educacional. Editora do Brasil, em 6ª edição
11. O Acadêmico Andrade Bezerra - Separata da Revista da Academia Pernambucana de Letras, 1967.
12. Uma vida de professor, Separata da Revista da Academia Pernambucana de Letras, 1970.
13. Estácio Coimbra, o senhor de engenho, o político, o homem - Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais
14. Os poetas e o rio. Edição do autor, 1973,
15. Notícia histórica da educação no Brasil. Imprensa Oficial, Recife, 1943.
16. História social da Educação em Pernambuco (a sair pela Imprensa Universitária)
17. Senhores de Engenho. Perfís, (Em preparo).

Apêndice A – CRONOLOGIA – Ruy de Ayres Bello (Principais Eventos)

- 1904 – Nascimento (05 de Julho) engenheiro Queimadas, do município de Barreiros/PE;
- 1906 – Muda-se para São José da Coroa Grande / PE;
- 1908 – Muda-se para Barreiros/PE;
- 1912 – Morte do pai Ayres Bello – Ruy troca seu nome em homenagem ao pai;
- 1918 - Professor na Escola Paroquial de Barreiros;
- 1922 – Escrivão da Polícia;
- 1924 – Nomeado censor de alunos no Patronato Agrícola João Coimbra/ Tamandaré-PE;
- 1927 – Professor no Patronato Agrícola Barão de Lucena/ Socorro/PE;
- 1930 – Professor no Ginásio do Recife;
- 1930 – Frequenta reuniões do Círculo Católico de Pernambuco;
- 1933 – Professor no Colégio Sagrada Família- Casa Forte/PE;
- 1934/37 – Eleito deputado na legenda Pelo Cristianismo Social/PE;
- 1938 – Nomeado para exercer interinamente o cargo de Professor Catedrático de Pedagogia da Escola Normal de Pernambuco;
- 1938 – Nomeado Diretor da Escola Normal de Pernambuco;
- 1939 – Aprovado no Concurso para Professor Catedrático de Pedagogia – Tese do concurso: Finalidade em Educação;
- 1940 – Publica “Grupo e Profissão” Anais da 2ª Semana de Ação Social do Brasil
- 1941 – Publica “Introdução à Pedagogia” pela Editora Nacional
- 1943 – Publica “Esboço de História da Educação pela Companhia Editora Nacional
- 1946 – Publica “Filosofia Pedagógica”
- 1949 – Publica “Rousseau, o homem e o pedagogo” capítulo no livro “Grandes educadores” pela Editora Globo
- 1956 – Publica “Princípios e Normas de Administração Escolar”
- 1957 – Publica “Pequena História da Educação”
- 1963 – Publica “Introdução a Psicologia Educacional”
- 1964 – Tomou posse em 14 de setembro de 1964 na Academia Pernambucana de Letras
- 1965/66 – Membro do Conselho Estadual de Educação/PE;
- 1966/72 – Membro do Conselho Estadual de Educação/PE;
- 1967 – Barreiros. História de uma cidade pela Edição da Universidade Federal de Pernambuco
- 1973 – Publica “Os poetas e o rio” edição do autor;

- 1978 – Publica “Subsídios para a História da Educação em Pernambuco”
- 1980 - Casou-se pela segunda vez com a cunhada Maria José;
- 1981 – Brinquedo: o mundo encantado da criança
- 1982 - Publica autobiografia “Memórias de um Professor”
- 1984 – Cerimônia Solene em homenagem aos seus 80 anos
- 1997 – Faleceu (13 de setembro de 1997)

Aluizio Furtado de Mendonça, no artigo “O Oportuno Mérito de uma Homenagem”, publicado no Jornal do Commercio, de 21 de julho de 1984, ao saudar os 80 anos de Ruy de Ayres Bello, traça o perfil desse pernambucano, a partir de suas atuações como mestre-escola, administrador, político, escritor e cidadão comum. Iríamos mais longe, ao acrescentar a essas atuações a de menino que, ao perder o pai aos oito anos de idade, aprendeu a enfrentar a vida para se manter e a sua família. Ruy de Ayres Bello foi político para preservar a tradição familiar. Foi educador para perpetuar a imagem do pai. Foi um intelectual para dar continuidade ao trabalho do tio. Foi um homem ligado às suas origens para manter viva as lembranças da infância. Foi um católico tão fervoroso que para permanecer fiel à Igreja, elegeu-se, em 1934, deputado na legenda pelo Cristianismo Social (Ferreira, 20001, p. 8).

Apêndice B - Títulos de artigos publicados em jornais sob autoria de Ruy de Ayres Bello

TÍTULO DO ARTIGO	ANO DE PUBLICAÇÃO
1. Ensaio do grupo musical.	1949
2. O professor e a Escola.	1949
3. O local do novo Instituto de Educação.	1951
4. Ainda a Pedagogia de Rousseau.	1954
5. A educação em crise.	1954
6. Torneio de bilhar.	1955
7. Reparos.	1956
8. A condição econômica da Professora Primária.	1956
9. O problema educacional na reunião episcopal de Campina Grande.	1956
10. Em torno de um artigo	1957
11. A respeito do festival de teatro.	1958
12. Capítulo das vinganças.	1958
13. Sobre o ensino de Português.	1970
14. A psicologia de Mac Dougall	1970
15. A igreja, o concílio e nós.	1972
16. Música religiosa.	1974
17. Ainda sobre a degradação da liturgia.	1974
18. A Absolvição Sacramental Coletiva.	1974
19. Anarquia litúrgica.	1974
20. Sexo e Confessionário.	1974
21. Quem se lembra do pintor Junior?	1975

Apêndice C - Quadro da rede de sociabilidade de Ruy de Ayres Bello²⁹⁴

EDUCAÇÃO

Adelgicio Cavalcanti	Educação
Aderbal de Araújo Jurema	Educação/ Imprensa
Agenor Alves Machado	Educação
Alberto Miranda	Educação
Alberto Moreira	Educação
Aloísio de Melo Xavier	Educação
Aluizio de Andrade Pereira	Educação
Amália Leitão	Educação
Amerina Diniz Barreto	Educação
Ana de Sá Pereira	Educação
Ana Elizabeth Paurá	Educação
Aníbal Bruno	Educação
Antonio Balthar	Educação
Antônio Carolino Braule Gonçalves da Silva	Educação
Antônio d'Avilla	Educação/Imprensa
Antônio Gerson Eustáquio Guaraná	Educação
Antonio Macedo	Educação
Antonio Mario Mafra	Educação
Arcyna Caldas	Educação
Arlindo Lima	Educação
Armando Gama	Educação
Armando Souto Maior	Educação
Armando Temporal	Educação
Arnaldo Amorim de Lemos	Educação
Arnaldo Carneiro Leão	Educação
Arnaldo Porto Poggi de Figueiredo	Educação
Augusto Mello de Mendonça	Educação
Aurino Maciel	Educação
Baltasar da Camera	Educação
Berenice Caldas	Educação
Cândida Maciel	Educação
Charles H. Koury	Educação
Christiano Cordeiro	Educação
Creuza Maria Gomes de Aragão	Educação
D. Amalia Leitão	Educação
Dácio de Lyra Rabelo	Educação
Dacio Rabelo	Educação
Doris Marien e Sá de Souza	Educação
Dr. Anselmo Fuch	Educação
Dr. Arsenio Costa	Educação
Dr. Candido Duarte	Educação
Dr. Francisco Wanderley de Moraes	Educação
Dr. Helvio de Queiroz	Educação
Dr. Lauro Montenegro	Educação
Dr. Otavio Doria	Educação
Dr. Sizenando Silveira	Educação
Durval Lucena	Educação
Eduardo Monteiro de Mattos	Educação
Edwiges Sá Pereira	Educação
Efraim Pinto Benjamim	Educação
Eládio Ramos	Educação
Elenice cardeal da Rocha	Educação

²⁹⁴ A classificação do grupo social foi direcionada pelo tema da fonte em que o indivíduo, instituição ou entidade, estavam citados.

Elenir Jancvitz	Educação
Elísio Silveira Bastos	Educação
Estevão Pinto	Educação
Euclides Fonseca	Educação
Eulalia Fonseca	Educação
Eulália Fonseca	Educação
Eustórgio Wanderlei	Educação
Fernando Antônio Vieira Gonçalves da Silva	Educação
Fernando Mota	Educação
Fernando Simões Barbosa	Educação
França Pereira	Educação
Geraldo de Andrade	Educação
Geraldo Lapens	Educação
Gerusa de Mendonça Barros	Educação
Gilberto de Mello Freyre	Educação
Gilberto Guaraná	Educação
Gilberto Ozorio de Andrade	Educação
Guilherme Azevedo	Educação
Guilherme de Azevedo	Educação
Haroldo Seve	Educação
Heitor de Andrade de Lima	Educação
Helena Pugó	Educação
Helenice Cardeal da Rocha	Educação
Henrique Saraiva	Educação
Henriqueta Amazonas	Educação
Hermenegilda da Cruz Carvalho	Educação
Horacio Alves	Educação
Humberto Costa Vasconcelos	Educação
Itamar Abreu Vasconcelos	Educação
Ivan Alecrim	Educação
Ivan Fonseca	Educação
Ivan Loureiro	Educação
J. B. Damasceno Penna	Educação/Imprensa
Jaime de Oliveira	Educação
Jardelina da Costa	Educação
Jerônimo Gueiros	Educação
João Hypolito	Educação
Joaquim Amazonas	Educação
José Alves Massa	Educação
José Cavalcanti Sá Barreto	Educação
José Cavalcanti Sá Barreto	Educação
José Cruz Costa	Educação/Imprensa
José Florêncio Rodrigues	Educação
Jose Gonçalves da Silva Britto	Educação
José Lourenço de Lima	Educação
José Lourenço de Lima	Educação
Jose Vicente Barbosa	Educação
Júlio Pires Ferreira	Educação
Laura Lopes Braga	Educação
Lígia Render	Educação
Lourdes Vasconcelos	Educação
Lourival Vilanova	Educação
Lucilda Jordão Batista de Oliveira	Educação
Lucillo da Costa Pinto	Educação/Politica
Lucilo Ávila Pessoa	Educação
Lucilo Varejão	Educação
Luiz Freyre	Educação
Luiz Mendonça	Educação

M. Auxiliadora Miranda	Educação
Maestro Ernani Braga	Educação
Manoel de Hollanda	Educação
Manoel Pimentel	Educação
Marcilio Dias Beltrão	Educação
Margarida Costa Franca	Aluna do IEP
Maria Antonieta Amazonas Mac Dowell	Educação
Maria do Carmo Barbosa	Educação
Maria do Carmo Mousinho	Educação
Maria Grécia Ferreira da Silva	Aluna do IEP
Maria Luisa Maranhão	Educação
Maria Teresa Lins e Melo	Educação
Marieta de Lima Tavares	Educação
Marilene de Carvalho Ferraz	Educação
Mario Amorim	Educação
Mario Nunes	Educação
Mário Persivo Rios Cunha	Educação
Milton Cabral de Melo	Educação
Monsenhor João Olimpio	Educação
Naide Rabelo	Educação
Nair Andrade	Educação
Nelson Nogueira Saldanha	Educação
Newton Sucupira	Educação
Nino Ferraz	Educação
Oscar Coutinho	Educação
Oton Paraiso	Educação
Padre Dr. Carlos Leoncio	Educação
Padre Fernando Moll	Educação
Padre José Borba	Educação
Padre Públio Pinto Calado	Educação
Padre Silvino Guedes	Educação/Religioso
Padre Zacarias Tavares	Educação
Paulino de Andrade	Educação
Paulo de Barros Vieira	Educação
Paulo Pimentel	Educação
Pinto de Abreu	Educação
Rawilsean Dutra de Almeida Lira	Educação
Ruy Wanderley	Educação
Salvina Leitão	Educação
Severina Alda Lucas da Silva	Educação
Silvia Lúcia de Lage	Educação
Sílvia Lúcia de Laje	Educação
Silvio Rabelo	Educação
Sizenando Carneiro Leão	Educação
Tenente Cicero Laurindo de Sá	Educação
Teodulo Miranda	Educação
Tereza Leal	Educação
Terezinha de Jesus Botelho	Educação
Ulisses Pernambucano	Educação
Vicente Fittipaldi	Educação
Waldemar de Figueiredo Valente	Educação
Waldomiro Fetterman	Educação
Wandick Freitas	Educação
Zulmira de Paula Almeida	Educação
Zumira Almeida	Educação

FAMÍLIA

Indivíduos	Grupo Social (filiação)
Alice de Albuquerque Coimbra	Família
Ambrosina Nunes Accioly	Família
Antonia Felisberta	Família
Aurora Nunes Acioly	Família
Ayres de Albuquerque Bello	Família, político
Carlos Bello Filho	Família /Educação
Dr. Carlos Bello	Família /Educação
Edesio Guaraná	Família
Elias de Aguiar Bello	Família/ Educação
Erlinda da Rocha Bello	Família
Estacio de Albuquerque Coimbra	Família/ Política
Francisca de Albuquerque Bello	Família
João Batista Accioly	Família, Coronel da Guarda Nacional
João Batista Accioly	Família
José Aureliano Correia	Família
José Francisco Bello	Família, Senhor de Engenho
José Maria de Albuquerque Belo	Família/ Política
Júlio Celso de Albuquerque Bello	Família, político
Luiz Alves de Lima e Silva, Duque de Caxias	Família
Luiz Henrique de Barros Bello	Família
Maria Antonieta Belo Correia	Família, Artista
Maria Belo Lopes	Família
Maria da Conceição Belo	Família
Maria do Carmo Guaraná	Família
Maria Helena Bello Cabral de Mello	Família
Pacifino Lopes	Família
Paulo (neto)	Família
Paulo Antônio da Rocha	Família
Waldemar Belo	Família
Wladimir Belo	Família

IMPrensa:

Abdégano de Araújo	Imprensa
Alfredo Vieira	Imprensa
Altamiro Cunha	Imprensa
Antonio Bezerra Baltar	Imprensa
Antonio Marrocos	Imprensa
Bartolomeu Camara de Macedo	Imprensa
Berguedof Elliot	Imprensa
Carlos Leite Maia	Imprensa
Esmaragido Marroquim	Imprensa
Euclides Ramos	Imprensa
Fernanda d'Oliveira	Imprensa
Gilvandro Coelho	Imprensa
João Rufino de Melo e Silva	Imprensa
José Luiz Marques Delgado	Imprensa/ Jurídico/ Educação
Leduar de Asis Rocha	Imprensa
Manoel Moraes de Oliveira	Imprensa
Nilo de Oliveira Pereira	Imprensa/ Educação
Potyguar Mattos	Imprensa/ Educação/
Ricardo Valença	Imprensa

Sanelva Vasconcelos	Imprensa
Willy Lewin	Imprensa

INSTITUIÇÃO/ ENTIDADE

Academia de Ciências da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas de Moscou	Pesquisa e Estudo
Academia Pernambucana de Artes e Letras Cristãs	Arte e Cultura
Academia Pernambucana de Letras	Arte e Cultura
Assembleia Legislativa de Pernambuco	Política
Associação de Jornalistas Católicos de Pernambuco	Jornalismo
Campanha Nacional de Escolas da Comunidade	Educação
Casa de Detenção	Social
Centre de Pedagogie Comparée, da Universidade de Ottawa, no Canadá	Pesquisa e Estudo
Centro de Estudos de História Municipal	Pesquisa e Estudo
Centro Educativo Operario do Pombal	Educação
Centro Educativo Operário do Pombal	Educação
Cinema Aurora	Cultura
Círculo Católico de Barreiros	
Círculo Católico de Pernambuco	Religião
Círculo Católico dos jovens de Barreiros	Religião
Clube Náutico Capibaribe	Esporte e Cultura
Clube Serra	Social e Religião
Colégio da Sagrada Família	Educação
Colégio de São José	Educação
Colégio Eucarístico	Educação
Colégio Nóbrega	Educação
Colégio Normal São José	Educação
Colégio Salesiano	Educação
Collegio Salesiano	Educação
Companhia Editora de Pernambuco – CEPE	Imprensa
Companhia Editora Nacional	Imprensa
Congregação Mariana da Mocidade Acadêmica	Religião
Conselho Estadual de Educação	Educação
Conselho Estadual de Educação de Pernambuco	Educação
Conselho Estadual de Escoteiros Catholicos	Religião
Diretório Monárquico de Pernambuco	Política
Editora do Brasil	Imprensa
Editora Globo	Imprensa
Escola de Aprendizes de Marinheiros	Educação
Escola João Barbalho	Educação
Escola Normal de Pernambuco	Educação
Escola Normal Pinto Júnior	Educação
Escola Paroquial de Barreiros	Educação
Escola Sylvio Rabelo	Educação
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Recife “Manuel da Nóbrega”	Educação
Faculdade de Philologia e Estudos Commerciaes	Educação
Faculdade de <i>Philosogia e estudos commerciaes</i>	Educação
Ginásio de Esportes Geraldo Magalhães	Esporte e Cultura
Ginásio do Recife	Educação
Ginásio Municipal de Barreiros	Esporte e Cultura
Ginásio Pernambuco	Educação
Grupo de Liderança Cristã de Pernambuco	Religião

Grupo Escolar Amaury de Medeiros	Educação
Grupo Escolar da capital	Educação
Grupo Escolar Maurício de Nassau	Educação
Igreja Matriz de Barreiros	Religião
Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística	Pesquisa
Instituto de Cultura Católica	Religião
Instituto Histórico de Olinda	Pesquisa e Estudo
Instituto Nossa Senhora do Carmo	Educação
Instituto superior de Pedagogia, Ciências e Letras Paula Frassinetti	Educação
Jornal A Tribuna	Imprensa
Liga Católica Jesus, Maria, José” da Paróquia de São José	Religião
Livraria do Globo	Imprensa
Organização do Auxílio Fraternal	Religião
Patronato Agrícola Barão de Lucena	Educação
Patronato Agrícola Dr. João Coimbra	Educação
Prefeitura Municipal de Barreiros	Política
Rádio Planalto	Imprensa
Secretaria de Educação da Paraíba	Educação
Serviço Social do Comércio (SESC) em Garanhuns	Clube
Sociedade Propagadora da Instrução Pública	Educação
Sociedade Recreativa Cultural Caiadores	Esporte e Cultura
Sport Club do Recife	Esporte e Cultura
Teatro de Amadores do Recife	Arte e Cultura
União de Moços Católicos do Barro	Religião
União de Moços Católicos de São José	Religião
União Internacional pela Liberdade de Ensino	Política
Universidade Católica de Pernambuco	Educação
Universidade de Pernambuco	Educação
Universidade Federal de Pernambuco	Educação
Universidade Popular do Recife	Educação

JURÍDICO:

Dr. Gabriel Quintas	Promotor da Comarca
José Rafael de Menezes	Jurídico/ Educação
Dr. José Vieira Coelho	Jurídico/ Educação

LITERATURA/ ARTES:

Aluizio Furtado de Mendonça	Academia de Letras e Artes do Nordeste Brasileiro
Amaro Soares Quintas	Historiador
Epaminondas Ribeiro	Música
Fabio Correia	Academia Pernambucana de Artes e Letras Cristãs
Frei Romeu Peréa	Academia Pernambucana de Artes e Letras Cristãs
Gaston Manguinho	Academia Pernambucana de Artes e Letras Cristãs
Kleber Vasconcelos	Academia Pernambucana de Artes e Letras Cristãs
Dr. Jamerson Ferreira Lima	Academia Pernambucana de Artes e Letras Cristãs
José Lourenço de Lima	Academia de Letras e Artes do Nordeste Brasileiro
Luís vital Duarte	Academia Pernambucana de Artes e Letras Cristãs
Maestro Mario Cândia	Academia Pernambucana de Artes e Letras Cristãs
Marcos Vinícios Rodrigues Vilaça	Academia das Ciências de Lisboa
Mauro Ramos da Mota e Albuquerque	Poeta
Nicolino Limong	Academia Pernambucana de Artes e Letras Cristãs
Nivaldo Machado	Academia Pernambucana de Artes e Letras Cristãs
Orlando Cavalcanti	Academia Pernambucana de Artes e Letras Cristãs

Orlando Parahym	Academia Pernambucana de Artes e Letras Cristãs
Waldemir Miranda	Academia de Letras e Artes do Nordeste Brasileiro

MILITAR:

Capitão Idefonso de Castilhos	Autoridade Militar
Cel. Antônio Cavalcanti	Autoridade Militar
Cel. João Lobo de Lacerda	Autoridade Militar / Religião
Cel. João Marinho	Autoridade Militar/ Política
Coronel Luiz Dantas	Autoridade Militar
General Carlos Alberto Cabral Ribeiro	Autoridade Militar
General Walter de Meneses Paes	Autoridade Militar
Tenente Bernardino Maia	Autoridade Militar
Tenente Leonidas B. Oliveira	Autoridade Militar

POLÍTICA

Abelardo Ribeiro Godoy	Política
Agripino de Almeida	Política
Alfredo de Medeiros	Política
Antiógenes Ferreira de Castro Chaves	Jurídico/Política
Antonio da Fonte	Política
Antonio de Novaes Filho	Política
Antonio Luiz da Silva Filho	Política
Antonio Raposo	Política
Antonio Vicente de Andrade Bezerra	Política, Imprensa e Educação
Arnóbio Tenório Wanderley	Política/ Imprensa
Arsenio Lyra	Política
Arthur Correia de Oliveira Andrade	Política
Arthur de Moura	Política
Carlos de Lima Cavalcanti	Política
Carlos Rios	Política
Cassiano Pereira	Política
Cid Sampaio	Política
Dr. Agamenon Magalhães	Político
Dr. Aureliano João Dias	Política
Dr. Francisco Barreto Campello	Política
Dr. Francisco Barreto Campello	Política
Dr. Luis Cedro C. Leão	Política
Dr. Possidonio Bem	Política
Edson Ludgres	Política
Eduardo Jorge Pereira Junior	Política
Eurico Santos	Política
Felix de Sá	Política
Gonzaga Lira	Política
Hildebrando Menezes	Política
João Alves da Luz	Política
João Cardoso Ayres	Política
João Ignacio Ribeiro Roma	Política
José da Costa Porto	Política
José da Costa Rego Junior	Política
José Joaquim Uchoa	Política
José Pessoa Cavalcanti Petribú	Política
Lins Petit	Política
Livino Pinheiro	Política
Luis Coelho	Política

Maria Elisa Viegas	Política
Mario de Farias Castro	Política
Mario Lyra	Política
Moacir Torres Barbosa	Política
Nilo Coelho	Política
Padre Gonzaga de Lira	Política
Pedro Allain	Política
Pio Guerra	Política
Renato Carneiro da Cunha	Política
Ruy Guerra Barreto	Política
Senador Paulo Guerra	Política
Severino Francisco da Silva	Política
Telmo Amorim Pontual	Política

RELIGIÃO:

Adige Maranhão	Religião
Advogado Melquiades Montenegro	Religião
Albino Moreira de Sousa	Religião
Albino Neves de Andrade	Religião
Alceu Amoroso Lima	Religião/ Academia Brasileira de Letras
Almeida Filho	Religião
Arnaldo Cavalcanti P. Barreto	Religião
Arthur Pinto de Lemos	Religião
Benjamin de Albuquerque	Religião
Bispo D. Acácio Rodrigues Alves	Religião
Carlos F. Maciel	Religião
Cel Eunino Correira de Oliveira	Religião
Cel. Manoel Pedro dos Guimarães	Religião
Comendador Alfredo Alvares de Carvalho	Religião
Conego dr. José do Carmo Barata	Religião
Conego João Carneiro	Religião / Política
Conêgo Jonas Taurino	Religião
Conego Xavier Pedroza	Religião
Dom Antonio de Almeida Moraes Junior	Religião
Dom Carlos Coelho	Religião
Dom Conrado Boeckling	Religião/ Educação
Dom Luiz de Brito	Religião
Dom Miguel Valverde	Religião
Dom Severino Marianno de Aguiar	Religião
Dr. Aguinaldo Lins	Religião
Dr. Epiphany Bezerra	Religião
Dr. Renato Silveira	Religião
Eduardo Duboux	Religião
Escritor Cesario de Melo	Religião
Everaldo Holanda	Religião
J, Ajuricaba da C. e Silva	Religião
J. Antonio de Souza Leão	Religião
J. Mario de Araujo Junior	Religião
João I. Ribeiro Roma	Religião
José Mario de Andrade	Religião
José Sebastião do Rego Barros	Religião
Lauro de Oliveira	Religião
Manuel Lubambo	Religião/ Imprensa
Monsenhor Helder Câmara	Religião
Monsenhor João Barbalho Uchoa Cavalcanti	Religião
Nelson Ferreira	Religião

Odiberto Mendes	Religião
Padre Arnaldo	Religião
Padre Felix Barreto	Religião
Padre Gino Moratelli	Religião
Padre Gonzaga de Lyra	Religião/ Política
Padre João B. da Costa	Religião
Padre José Tavora	Religião
Padre Júlio Siqueira	Religião
Paulo A. S. Dias da Silva	Religião
Paulo Alves Pereira	Religião
Pe. Fernandes	Religião
Pe. Tenorio de Canavieiras	Religião
Rael Julio do Nascimento	Religião
Raimundo G. de Araujo Lima	Religião
Samuel Mac. Dowell	Religião
Severino W. Alves da Silva	Religião
Telmo Maciel	Religião
Toquato Marques dos Santos	Religião

SAÚDE:

Carlos Leão	Saúde
Dr. Aécio Vilar	Saúde
Dr. Britto Bastos	Saúde/Político
Dr. Luiz Correia	Saúde
Ruy João Marques	Academia Pernambucana de Medicina

OUTROS GRUPOS:

Annibal Fernandes	Comissão Censitária Municipal do Recife
Antonio Pereira	Comissão Censitária Municipal do Recife
Antonio Pereira	Comissão Censitária Municipal do Recife
Antonio Pinto Lapa	Comissão Censitária Municipal do Recife
Czias Burgos	Comissão Censitária Municipal do Recife
Daniel Rodrigues	Comissão Censitária Municipal do Recife
Des. Genaro Freire	Comissão Censitária Municipal do Recife
Diniz Peryllo de Albuquerque Melo	Comissão Censitária Municipal do Recife
Dr. Arnaldo Duarte	Promotor da comarca
Edilson Rodrigues de Lima	Arquiteto
Fernando de Queiroz Menezes	Arquiteto
Florismundo M. Lins Sobrinho	Arquiteto
Humberto Baltar de Medeiros	Engenheiro
José Rildo Marques de Almeida	Engenheiro
Joseph Turton	Industrial
Manoel Leão	Comissão Censitária Municipal do Recife
Milton de Pontes	Comissão Censitária Municipal do Recife
Mons. Ambrosino Leite	Comissão Censitária Municipal do Recife
Murílio Carneiro Leão Paraíso	Engenheiro
Oscar Carneiro	Comissão Censitária Municipal do Recife
Padre José Tavora	Comissão Censitária Municipal do Recife
Renato Medeiros	Usineiro, Comissão Censitária Municipal do Recife
Samuel Soares	Comissão Censitária Municipal do Recife
Sr. Augusto Dias	Secretario da Delegacia Sectonal do Recife